

MARIA LOBO

**ASPECTOS DA SINTAXE DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS
ADVERBIAIS DO PORTUGUÊS**

**LISBOA
2003**

Maria Lobo

Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português

Lisboa
2003

Dissertação de Doutoramento em Linguística/Sintaxe
apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa,
sob orientação da Professora Doutora Maria Manuela Ambar (Universidade de Lisboa)
e da Professora Doutora Maria Francisca Xavier (Universidade Nova de Lisboa)

Agradecimentos

Uma dissertação é sempre um trabalho relativamente solitário. Por mais que se discutam os assuntos, a responsabilidade última é de um só e, neste caso, esse um só sou eu! Dou esta dissertação por terminada com a consciência clara de que muito mais haveria a dizer e de que o trabalho está longe de estar concluído. Por um lado, é bom sinal: é sinal de que ainda há muito para fazer! Por outro lado, essa insatisfação provoca um sentimento de angústia. É com esse sentimento misto de alegria e de insatisfação que vejo hoje chegado o momento de pôr um ponto final a esta dissertação.

Nesta altura, não posso deixar de deixar aqui o meu agradecimento a todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para o meu trabalho.

À Professora Maria Manuela Ambar, minha orientadora 'de fora da casa', agradeço em primeiro lugar o ter-me transmitido o gosto pela investigação em Sintaxe ainda durante a licenciatura. É graças a ela que aqui estou hoje. Agradeço-lhe ainda o respeito pelas minhas opções teóricas, a crítica perspicaz, a desconfiança, quando necessário, e o elogio entusiasmado na altura certa.

À Professora Maria Francisca Xavier, minha orientadora 'da casa', agradeço a atitude sempre paciente e compreensiva, o respeito pelo tempo que era o meu, o apoio e incentivo nas alturas necessárias, a promoção de ocasiões onde pude ir apresentando e discutindo vários aspectos do meu trabalho. Agradeço-lhe ainda o apoio fundamental que me tem dado desde que entrei para a faculdade como assistente estagiária.

Aos docentes do Departamento de Linguística e à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, agradeço terem-me concedido três anos consecutivos de dispensa de serviço docente, com prejuízo por vezes da sua carga lectiva. Foram indispensáveis para que eu pudesse desenvolver o meu trabalho de investigação.

À equipa da linha de investigação de Linguística Comparada do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (Ana Castro, Ana Maria Madeira, Fátima Martins, Graça Vicente, João Costa, João Loureiro, Maria Alexandra Fiéis, Maria Cristina Vieira da Silva, Maria Francisca Xavier, Maria de Lourdes Crispim e Sandro Dias), agradeço as sugestões, as perguntas que me obrigaram a pensar, a ajuda com os dados do CIPM, o apoio permanente e também os momentos de descontração, fundamentais para poder manter um espírito são. Ao João Costa, em particular, agradeço a disponibilidade para discutir vários aspectos do meu trabalho, a leitura de

artigos que constituíram primeiras versões de algumas secções da tese e todas as sugestões que me foi dando.

À equipa do Cordial-sin (Ana Maria Martins, André Eliseu, Catarina Magro, Ernestina Carrilho e Sandra Pereira), agradeço a amizade e a possibilidade de participar num projecto de trabalho estimulante. À Ana Maria Martins em particular, agradeço a possibilidade de, no âmbito do projecto, estudar aspectos relevantes para o meu trabalho, assim como as referências que me foi dando sempre que se lembrava de alguma coisa que me pudesse ser útil.

Agradeço ainda:

à Henriqueta Costa Campos uma conversa elucidativa sobre Aspecto; a Telmo Mória uma conversa sobre temporais e as referências bibliográficas que me indicou;

a todos os que foram fazendo críticas, sugestões e observações durante as apresentações de aspectos desta dissertação e a todos os que me facultaram bibliografia fundamental (Ana Lúcia Santos, Ana Maria Brito, Anne Zribi-Hertz, Eduardo Raposo, Fátima Oliveira, Fernanda Pratas, Francesca Del Gobbo, Gabriela Matos, Inês Duarte, Iris Pereira, Luis Filipe Cunha, Matilde Miguel, Pilar Barbosa, Victor Longa e certamente muitos mais...);

àqueles que me ajudaram com juízos de outras línguas (Andrew Ira Nevins, Jill, Matilde Miguel, Rita e Merwyn Dunhill...);

aos meus pais, pelo incentivo que sempre me deram e pelo modelo que sempre foram para mim;

à minha mãe: sem o seu apoio o meu trabalho teria sido muito mais difícil;

ao Tó, pela paciência e pelo apoio nos momentos de angústia ou de pressão;

aos meus filhos, por me ajudarem a relativizar a importância do meu trabalho e por terem sabido esperar pelo 'trabalho grande' da mãe...

Índice

1. Introdução	1
1.1. Questões preliminares.....	1
1.2. Breve apresentação do quadro teórico.....	3
1.2.1. A estrutura da gramática e as operações disponíveis.....	3
1.2.2. A variação linguística e o sistema da verificação de traços.....	5
1.3. Resumo da dissertação.....	7
2. Definição das estruturas a considerar: o que cabe na subordinação adverbial?	11
2.1. Classificação tradicional.....	11
2.2. As subordinadas adverbiais e as estruturas de coordenação.....	15
2.3. Coordenação vs. subordinação: critérios sintácticos.....	16
2.3.1. Critérios comuns a várias línguas.....	21
2.3.1.1.(In)existência de estrutura de encaixe/Desempenho (ou não) de função sintáctico-semântica na oração principal.....	21
2.3.1.2.(Im)possibilidade de anteposição.....	24
2.3.1.3.(Im)possibilidade de haver extracção de constituintes.....	26
2.3.1.4.(Im)possibilidade de a estrutura ser coordenada (ou (im)possibilidade de a conjunção ocorrer contiguamente a uma conjunção de coordenação previamente identificada).....	28
2.3.1.5.(Im)possibilidade de o conector ligar mais do que dois constituintes.....	30
2.3.1.6. (Im)possibilidade de o conector ligar constituintes não oracionais.....	31
2.3.2. Critérios específicos de determinadas línguas.....	33
2.3.2.1. (Im)possibilidade de o sujeito ser omitido (línguas de sujeito não nulo).....	33
2.3.2.2.Posição de pronomes clíticos (português europeu).....	34
2.3.2.3.Posição do V (alemão).....	36
2.3.3. Conclusões.....	37
2.4. Subordinadas causais vs. coordenadas explicativas: argumentos a favor de estruturas de coordenação causais.....	40

2.4.1. O inglês: <i>for</i> vs. <i>because</i>	42
2.4.2. O francês: <i>car</i> vs. <i>parce que</i>	44
2.4.3. O alemão: <i>denn</i> vs. <i>weil</i>	46
2.4.4. Conectores causais em português europeu contemporâneo.....	47
2.4.5. Conectores causais em português antigo.....	55
2.5. Concessivas vs. adversativas.....	56
2.6. Subordinação semântica vs. subordinação sintáctica: uma nota sobre a arquitetura da gramática.....	59
2.7. Conclusões.....	63

3. As orações adverbiais introduzidas por conectores: orações finitas e

infinitivas	65
3.1. Introdução.....	65
3.2. Tipos e subtipos semânticos de orações adverbiais: algumas propriedades semânticas e sintácticas.....	67
3.2.1. Orações causais.....	69
3.2.2. Orações finais.....	74
3.2.3. Orações temporais.....	78
3.2.4. Orações condicionais e condicionais-concessivas.....	92
3.2.5. Orações concessivas.....	96
3.2.6. Orações de modo, de meio e de circunstância negativa.....	97
3.2.7. Orações de comentário/conformativas.....	102
3.2.8. Outras orações: substitutivas, contrastivas, acrescentativas.....	107
3.2.9. Conclusões.....	107
3.3. O estatuto gramatical dos conectores das orações adverbiais do português.....	109
3.3.1. Parâmetros de classificação dos conectores de orações adverbiais.....	109
3.3.1.1. Classe semântica dos conectores.....	112
3.3.1.2. Complexidade morfológica dos conectores.....	113
3.3.1.3. Polissemia dos conectores.....	114
3.3.1.4. Categoria morfológica dos conectores.....	115
3.3.2. Natureza morfo-sintáctica dos conectores de orações subordinadas adverbiais do português.....	116
3.3.2.1. Conectores de tipo relativo.....	119

3.3.2.2. Conectores que integram uma preposição.....	123
3.3.2.3. Conectores que integram um advérbio.....	129
3.3.2.4. Conectores que integram um quantificador ou um advérbio de grau.....	132
3.3.2.5. Conectores que integram uma forma participial.....	133
3.3.2.6. Conectores adverbiais.....	134
3.3.2.7. Conectores do tipo <P + N + <i>de...</i> > ou <P + DP + <i>de...</i> >.....	135
3.3.2.8. Conectores conjuncionais.....	138
3.3.2.9. Conectores que incluem um adverbial de 'inclusão' ou de 'exclusão'.....	140
3.3.2.10. Conectores < <i>a</i> + <i>inf.</i> > e < <i>ao</i> + <i>inf.</i> >	141
3.3.2.11. Conectores mais 'opacos'.....	142
3.3.3. Gramaticalização dos conectores.....	143
3.3.4. Conclusões.....	145
3.4. Uma tipologia sintáctico-discursiva das orações adverbiais.....	147
3.4.1. Comportamento das orações adverbiais - testes sintácticos: adverbiais periféricas e não periféricas.....	147
3.4.2. Subdivisões nas adverbiais periféricas: adverbiais pressuposicionais vs. adverbiais de enunciação.....	156
3.4.3. Interpretação dos testes: estrutura e interpretação semântico-discursiva.....	158
3.4.3.1. Posição.....	159
3.4.3.2. Clivagem.....	160
3.4.3.3. Escopo da negação.....	164
3.4.3.4. Escopo de operadores de foco.....	169
3.4.3.5. Respostas a interrogativas-Qu.....	172
3.4.3.6. Interrogativas e negativas alternativas.....	173
3.4.3.7. Estrutura e interpretação: o carácter pressuposicional de adverbiais periféricas.....	174
3.4.4. Os conectores de adverbiais: um sistema de traços.....	182
3.5. A posição estrutural das orações adverbiais.....	191
3.5.1. Adverbiais não periféricas à direita: adjuntos, complementos ou especificadores?	196
3.5.1.1. Uma posição estrutural baixa relativamente ao sujeito matriz e a	

operadores de foco: evidência de ligação e de fenómenos de escopo.....	197
3.5.1.2. Uma posição estrutural alta relativamente aos objectos: evidência de fenómenos de ligação.....	201
3.5.1.3. Uma posição ambígua relativamente ao predicado: testes de constituência.....	208
3.5.1.4. Alternativas à adjunção à direita; possíveis problemas de uma análise de adjunção à direita.....	209
3.5.1.4.1. A hipótese da intraposição de VP.....	210
3.5.1.4.2. A hipótese dos adjuntos como especificadores de núcleos verbais internos a VP.....	214
3.5.1.4.3. A hipótese das relativas reduzidas de evento.....	216
3.5.1.4.4. Adjuntos à direita desconectados da estrutura....	218
3.5.1.5. Restringindo a adjunção à direita.....	220
3.5.2. Adverbiais à esquerda: adjuntos ou especificadores?.....	221
3.5.3. Adverbiais não periféricas à esquerda: movimento ou geração na base? Contraste com constituintes argumentais antepostos e com adjuntos não oracionais antepostos.....	230
3.5.4. O estatuto dos adjuntos no Programa Minimalista.....	236
3.6. Conclusões.....	240
4. As orações adverbiais sem conectores: orações gerundivas e participiais.....	241
4.1. Definição das estruturas a considerar: exclusão de gerundivas e participiais de tipo predicativo.....	243
4.1.1. Caracterização morfológica e aspectual do participío e do gerúndio....	243
4.1.2. Gerundivas e participiais predicativas vs. gerundivas e participiais adverbiais.....	246
4.1.2.1. Gerundivas predicativas vs. gerundivas adjuntas: diferentes propriedades.....	249
4.1.2.2. Participiais predicativas vs. participiais adjuntas: diferentes propriedades.....	252
4.2. Ausência de conectores em gerundivas e participiais do português: porquê?..	255
4.3. O estatuto sintáctico-discursivo das adverbiais gerundivas e participiais: uma consequência de propriedades morfológicas e de restrições semânticas.....	263

4.3.1. Gerundivas - classes sintáticas.....	263
4.3.2. Participiais - classe sintática.....	271
4.3.3. Gerundivas e participiais vs. finitas e infinitivas.....	272
4.3.4. Posição estrutural das várias classes de gerundivas e participiais; estatuto discursivo.....	275
4.3.5. Diferenças relevantes: gerundivas e participiais vs. finitas e infinitivas - o estatuto morfológico das orações gerundivas e participiais.....	278
4.4. Gerundivas periféricas vs. gerundivas não periféricas e participiais - diferentes propriedades internas.....	283
4.4.1. Propriedades internas de gerundivas do português.....	283
4.4.2. Propriedades internas de participiais do português.....	288
4.5. Como explicar as propriedades internas de gerundivas e participiais?.....	292
4.5.1. A questão da natureza categorial de gerundivas e participiais.....	293
4.5.2. A posição do V em gerundivas e participiais.....	302
4.5.3. As restrições internas em gerundivas não periféricas: um operador temporal em C, estrutura, morfologia e restrições semânticas.....	307
4.5.4. Legitimação e identificação dos sujeitos nulos.....	313
4.5.5. Legitimação do sujeito lexical - a realização fonética do sujeito de absolutas.....	327
4.5.5.1. As construções do inglês e do francês: o estatuto da forma verbal, distribuição e propriedades morfo-sintáticas.....	327
4.5.5.1.1. As orações adjuntas com <i>-ing</i> do inglês.....	327
4.5.5.1.2. As orações com <i>gérondif</i> e <i>participe présent</i> do francês.....	332
4.5.5.2. Legitimação do sujeito lexical em absolutas.....	337
4.5.6. Uma análise comparativa das orações adjuntas periféricas com gerúndio/particípio presente e particípio passado - questões de ordem de palavras.....	351
4.6. O papel das categorias funcionais T e Agr: evidência das gerundivas flexionadas do português europeu dialectal (PED)	373
4.6.1. O gerúndio flexionado (GF): caracterização morfológica; alguns apontamentos sobre a geografia e a história do GF.....	373
4.6.2. Gerúndio flexionado vs. gerúndio não flexionado: contextos.....	377
4.6.3. Ordem de palavras em gerundivas do PED.....	386

4.6.4. O papel da flexão no gerúndio; o papel das categorias T e Agr.....	395
4.6.5. Conclusões.....	400
5. Conclusão.....	403
6. Referências bibliográficas.....	409
Anexo - Aplicação dos testes sintáticos à generalidade das adverbiais finitas e infinitivas (cf. § 3.4.).....	429

1. Introdução

1.1. Questões preliminares

Este trabalho tem como principal objectivo contribuir para o conhecimento do comportamento sintáctico das estruturas chamadas de subordinação adverbial (ou circunstancial). O trabalho incide fundamentalmente sobre o português falado na Europa (português europeu, doravante PE). Tem, contudo, subjacente a preocupação de comparar o PE com outros sistemas de um domínio empírico mais vasto. Assim, serão contemplados dados do italiano, do espanhol, do francês, do inglês, do alemão, do português antigo e de variedades dialectais do português europeu.

De um ponto de vista meramente descritivo, tanto quanto me é dado saber, ainda não existe um estudo sistemático sobre estas estruturas com incidência no português (mas ver Peres 1997 e Berta *et al.* 1999). O estudo destas estruturas justifica-se assim por diferentes motivos. Numa perspectiva global, poderá contribuir para o conhecimento das estruturas complexas em geral e para as do português em particular, detectando eventuais especificidades do português quando confrontado com outras línguas. Essa descrição sistemática poderá eventualmente servir diferentes aplicações, como por exemplo o ensino do português como língua materna e como língua estrangeira.

Uma vez que este trabalho pretende dar conta de propriedades gerais comuns à globalidade das estruturas que cabem na designação de 'subordinadas adverbiais', ficarão por tratar muitos aspectos de natureza sintáctica que se podem considerar específicos de uma determinada subclasse. Assim, interessa-me aqui, em primeiro lugar, estabelecer as propriedades associáveis às adverbiais no seu conjunto, propondo uma análise integrada para a globalidade das estruturas. Consequentemente, vários aspectos ficarão necessariamente por tratar - e.g. a concordância de tempos, aspectos específicos da interpretação de sujeitos nulos em adverbiais finitas e infinitivas, entre outros.

De um ponto de vista teórico, no âmbito da teoria de princípios e parâmetros da gramática generativa, pouca atenção tem sido dada ao comportamento sintáctico destas estruturas. Num momento em que se afirmam várias propostas teóricas que tendem para uma simplificação da gramática, reduzindo os seus conceitos operatórios ao mínimo

indispensável, as subordinadas adverbiais colocam várias questões interessantes.

i) Num quadro como o da antissimetria (cf. Kayne 1994), em que à ordem linear corresponde uma relação de c-comando assimétrica, a adjunção à direita fica excluída, assim como a adjunção múltipla. No entanto, classicamente, as subordinadas adverbiais à direita eram tratadas como ocupando posições de adjunção. É preciso, pois, avaliar as consequências das novas propostas, nomeadamente as consequências da eliminação da gramática da adjunção à direita, no que diz respeito às adverbiais.

ii) No âmbito do programa minimalista - PM - (cf. Chomsky 1993, 1995), as estruturas são compostas de baixo para cima à medida que se vão satisfazendo requisitos de selecção categorial ou temática. A posição dos adjuntos nesta proposta, assim como a razão pela qual eles se juntam a umas posições e não a outras não são muito claras. Alguns dos aspectos problemáticos no que diz respeito ao estatuto teórico dos adjuntos no PM e em particular no sistema da estrutura sintagmática despojada ('bare phrase structure') são discutidos em Chomsky 2001b.

iii) Algumas propostas recentes têm defendido que a estrutura funcional da frase é bastante mais complexa do que se pensava inicialmente. Os trabalhos de Cinque 1999 e de Rizzi 1997 são exemplo disso. Os elementos que ocorrem na periferia esquerda da frase têm sido tratados nestas propostas como especificadores de diversas categorias funcionais, quer de natureza aspectual, quer de natureza discursiva, quer de outra natureza. As adverbiais podem ocorrer na periferia esquerda da frase. Assim, é necessário avaliar se a hipótese de que os constituintes à esquerda ocupam posições de especificador de categorias funcionais é empiricamente adequada para o caso específico das orações adverbiais, ou se é preferível manter a hipótese alternativa da adjunção, pesando os prós e os contras de cada uma das hipóteses.

iv) No programa minimalista, defende-se explicitamente que o movimento é desencadeado apenas pela necessidade de verificação de traços não interpretáveis (cf. Chomsky 1993). Contudo, vários autores têm defendido que esta hipótese é demasiado restritiva, e que os movimentos podem ser desencadeados por outros factores (cf. Duarte 1997; Mathieu & Sitaridou 2002; e.o.). Se a posição variável das adverbiais for a consequência de movimento, terá de ser avaliada a motivação para esse movimento.

Finalmente, um subconjunto das orações adverbiais - as gerundivas e as participiais -, para além das questões estruturais que colocam, que são comuns às adverbiais finitas, apresentam problemas particulares relacionados com a sua estrutura interna, nomeadamente a definição da natureza categorial da estrutura subordinada, a identificação das projecções funcionais que nela ocorrem, e ainda questões de ordem de palavras e legitimação de sujeitos.

Assim, numa segunda parte do trabalho, serão tratados aspectos específicos destas construções, que poderão eventualmente contribuir para a clarificação da posição estrutural que as adverbiais ocupam, assim como da relação entre posição estrutural e aspectos internos às orações adjuntas.

Neste trabalho, procurar-se-á dar um tratamento global e motivado à generalidade das estruturas de subordinação adverbiais do português (finitas, infinitivas, gerundivas e participiais). Procurar-se-á determinar, entre outras questões, qual o estatuto sintáctico das orações subordinadas adverbiais, nomeadamente que posições estruturais podem ocupar, e que papel desempenham os seus conectores, recorrendo a argumentos empíricos.

1.2. Breve apresentação do quadro teórico

O quadro teórico em que se inscreve este trabalho é o do modelo de princípios e parâmetros na sua versão minimalista, mais conhecido como Programa Minimalista (cf. Chomsky 1993, 1995, 2001a, 2001b, e.o.). Por estarem largamente difundidos os fundamentos deste modelo, dispense-me aqui de fazer a sua apresentação detalhada. Vou, no entanto, referir brevemente alguns dos seus pressupostos gerais que me parecem mais importantes para a compreensão do trabalho.

1.2.1. A estrutura da gramática e as operações disponíveis

O PM tem como objectivo procurar saber até que ponto a faculdade da linguagem é concebida como um sistema com o mínimo de especificações e computacionalmente eficaz para um uso óptimo. No PM, a Gramática é constituída por um léxico, uma componente computacional (a sintaxe, num sentido restritivo), e duas componentes

interpretativas - a componente fonológica e a componente semântica -, que estabelecem a ponte com o sistema articulatório-perceptivo (ou sensorio-motor), por um lado, e com o sistema conceptual-intencional, por outro.

Idealmente, os princípios da faculdade da linguagem reduzir-se-ão a condições gerais de eficácia computacional e a propriedades necessárias para a interacção com as componentes interpretativas.

As componentes interpretativas têm como *input* unidades construídas pela componente computacional da sintaxe estrita, sendo enviadas para essas componentes através da Operação Transferir. A derivação só tem sucesso, só *converge*, se a estrutura satisfizer as condições de interface. Caso contrário, a derivação está condenada a *fracassar* (*crash*).

As três componentes (i.e. sintaxe estrita, componente fonológica e componente semântica) seguem uma derivação cíclica em paralelo. A operação que envia as unidades sintácticas para a componente fonológica chama-se Soletrar (*Spell-Out*).

A computação procede ciclicamente, enviando progressivamente unidades que vão sendo construídas (*fases*) para as componentes interpretativas. Assume-se que essas unidades (fases) correspondem a CP e vP, unidades proposicionais, mas não a TP. Quando uma fase é sujeita a Soletrar, torna-se inacessível para a fase seguinte. Só o núcleo e a sua *margem* (*edge*) ficam disponíveis para a fase seguinte.

Assume-se que as unidades sintácticas são formadas da seguinte forma: é seleccionado do léxico um conjunto constituído pelas unidades lexicais necessárias, uma numeração; essas unidades são agrupadas progressivamente duas a duas, de acordo com as suas propriedades de selecção, sendo o processo limitado por restrições independentes.

A ordem relativa dos dois elementos agrupados é determinada por um parâmetro especificado com um determinado valor em cada língua (parâmetro do núcleo)¹ e por um princípio - possivelmente com uma base cognitiva mais geral - que determina que os especificadores precedem os núcleos.

À partida não há restrições quanto ao número de vezes que a operação pode aplicar-se, o que tem como resultado que um núcleo pode ter múltiplos especificadores.

¹ Em Chomsky 2001b pressupõe-se que este parâmetro se aplica à língua no seu todo. Pode, no entanto, pensar-se que o parâmetro pode assumir diferentes especificações para diferentes classes de palavras.

Duas operações estão disponíveis no sistema computacional: *compor* ('merge') e *mover* ('move')². *Compor* é uma operação que junta dois elementos, sejam eles simples ou complexos, i.e. já tendo sido manipulados por *compor* num momento anterior. *Mover* é uma operação mais complexa, uma vez que *copiar* um elemento da estrutura já formada e o *compõe* numa outra posição. Esses dois elementos (as cópias) ficam por conseguinte automaticamente indexados um com o outro. Geralmente, só um desses elementos fica visível para a componente fonológica. Todo o processo de composição da estrutura é feito de baixo para cima, seguindo uma lógica estritamente derivacional.

Assume-se ainda que a operação *mover* (ou composição interna) é mais complexa do que a operação *compor* (ou composição externa), e implica mais custos do ponto de vista computacional. Por isso, esta operação só tem lugar se for desencadeada por propriedades formais associadas a núcleos funcionais. Não pode haver aplicações de *mover* 'livres'. Todo o sistema está baseado num princípio de economia, que só legitima as operações estritamente necessárias.

1.2.2. A variação linguística e o sistema da verificação de traços

A gramática de cada língua (e de cada indivíduo) é constituída por um conjunto de princípios de carácter universal, e por parâmetros que idealmente se reduzem a propriedades do léxico e das categorias funcionais disponíveis em cada língua.

As categorias funcionais podem estar especificadas no léxico de forma diferente em cada língua. Se as categorias contiverem traços formais não interpretáveis, i.e. traços formais que não são legítimos para as componentes interpretativas - fonológica e semântica -, então esses traços terão de ser verificados o mais tardar na componente lógica. Pelo contrário, os traços interpretáveis não poderão estar sujeitos ao processo de verificação de traços, e sua consequente eliminação, uma vez que desempenham um papel na componente lógica.

Admite-se assim que os movimentos são sempre desencadeados pela necessidade de verificação de traços formais, não interpretáveis numa das componentes de interface.

² Em Chomsky 2001b, as duas operações (*compor* e *mover*) são reduzidas a uma só - *compor* -, que pode aplicar-se a um elemento externo (*composição externa*) ou a um elemento que já faz parte da estrutura (*composição interna*). No segundo caso, é deixada na posição original uma cópia do elemento que é composto novamente. A 'composição interna' corresponde na prática àquilo a que chamamos 'movimento' ou 'deslocação'.

Os traços de Caso constituem um exemplo de traços não interpretáveis; traços categoriais, pelo contrário, são traços interpretáveis.

A verificação de traços tem como resultado a eliminação dos traços não interpretáveis, tornando a estrutura plenamente interpretável, legítima, para as componentes interpretativas. A verificação de traços pode ser feita sob determinadas condições estruturais que se estabelecem entre dois elementos com traços do mesmo tipo, estando um deles completamente especificado quanto a traços.

A relação de concordância (*Agree*) que se estabelece entre os dois elementos, e que está na origem de alterações da ordem básica de palavras, tem como efeito eliminar os traços não interpretáveis.

Diz-se assim que a categoria que desencadeia o movimento - a categoria sonda (*probe*) - vai atrair (*Attract*) a categoria movida - o alvo (*goal*). É o facto de uma categoria ter traços não interpretáveis que faz com que ela seja uma categoria *sonda*, procurando atrair um elemento com traços compatíveis e interpretáveis que se encontre no seu domínio e que possa eliminar os seus traços não interpretáveis. Os traços não interpretáveis caracterizam-se por terem um valor não especificado, podendo esse valor ser tornado específico através da relação de concordância.

Para que haja eliminação de traços não interpretáveis da sonda, sonda e alvo têm de manter uma relação estrutural apropriada - a sonda tem de c-comandar o alvo -, e o alvo tem de estar completamente especificado. Assim, os Ns são completos e verificam os traços-phi das categorias com que estabelecem uma relação de concordância. Os participios não são completos - não têm traços de pessoa - e não verificam Caso. T pode ser completo ou defectivo. Quando T é defectivo, não verifica Caso.

Admite-se ainda que os traços podem ter diferentes especificações morfológicas. Os traços ditos *fortes* não são interpretáveis na componente fonológica. Por conseguinte, terão de ser verificados antes de a estrutura receber instruções para ser associada a uma representação fonética-fonológica - *Spell Out*. Os traços ditos *fracos* não constituem objectos ilegítimos para a componente fonológica, e poderão ser verificados mais tarde. Assim sendo, se um núcleo tiver traços não interpretáveis *fortes*, será desencadeado movimento que é visível para a componente fonológica; se um núcleo tiver traços *fracos*, o movimento será invisível para a componente fonológica.

Os traços podem ser de diferentes tipos, dando origem a que haja movimento de uma categoria nuclear ou movimento de uma categoria XP. Assim, uma categoria

funcional pode ter um traço específico que determina que ela tem de estabelecer uma relação local com um outro elemento, i.e. um traço que atrai uma categoria XP para a sua posição de especificador (cf. traço-EPP ou OCC na categoria sonda).

Nesta perspectiva, o Caso estrutural é uma relação de concordância que se estabelece entre uma categoria funcional (T ou ν) e um N. A categoria T é responsável pelo Caso estrutural nominativo, a categoria ν pelo Caso estrutural acusativo. Caso e movimento não estão associados. Caso é um reflexo da relação de concordância entre sonda-alvo.

Admite-se ainda que determinadas categorias consideradas defectivas não eliminam completamente os traços. É o caso de formas participiais, por exemplo.

Apesar de seguir as linhas fundamentais do PM, nalguns casos adoptarei posições diferentes das que Chomsky adopta. Essas diferenças irão sendo referidas ao longo do trabalho. Outros aspectos relevantes do PM, que não foram aqui apresentados, irão sendo referidos quando oportuno.

1.3. Resumo da dissertação

Este estudo, que toma como referência o quadro teórico da teoria de princípios e parâmetros, tem como principal objectivo contribuir para o conhecimento do comportamento sintáctico das estruturas de subordinação adverbiais do português, fornecendo, por um lado, descrições sistemáticas que permitam no vasto conjunto destas construções chegar a uma primeira caracterização de diferentes tipos sintácticos, e propondo, por outro lado, algumas hipóteses de explicação de diferentes fenómenos implicados.

Num primeiro momento (§ 2.), é feita uma delimitação objectiva das estruturas que cabem nesse conjunto através da aplicação de diferentes critérios sintácticos, eliminando, por um lado, construções que tradicionalmente são integradas na subordinação adverbial, mas que têm propriedades distintas, e integrando, por outro lado, algumas construções que as gramáticas tradicionais geralmente ignoram. Serão distinguidas das subordinadas adverbiais construções que partilham algumas propriedades com as estruturas coordenadas, mostrando-se que subordinação semântica e subordinação sintáctica não são necessariamente equivalentes.

Num segundo momento (§ 3.), após uma breve descrição das propriedades sintácticas e semânticas mais relevantes no conjunto das estruturas a considerar e depois de ser analisado o estatuto morfo-sintáctico dos conectores que as introduzem, serão estabelecidos subgrupos sintácticos de orações adverbiais com base numa série de testes sintáctico-semânticos conhecidos na literatura e aplicados já a outras línguas para algumas dessas construções, mostrando-se que classes semânticas e classes sintácticas não são coincidentes. Procurar-se-á mostrar que a cada um dos principais grupos sintácticos estão associadas propriedades discursivas específicas e que essas propriedades estão, em grande parte, codificadas nos conectores das adverbiais. Em particular, defender-se-á que os conectores de adverbiais periféricas (ou de frase) estão especificados quanto a um traço [pressuposicional], contrariamente aos restantes conectores, o que explica, em parte, a diferente distribuição sintáctica das orações que introduzem. Propor-se-á ainda, na linha de alguns autores (cf. Duarte 1996), que a estrutura frásica se divide em dois domínios no que diz respeito ao mapeamento de constituintes com diferentes propriedades discursivas: os constituintes com um traço inerente pressuposicional são mapeados fora do domínio de c-comando de T; os constituintes não especificados quanto a esse traço serão mapeados dentro ou fora da projecção TP, de acordo com o seu estatuto informacional.

De seguida, será analisada a posição estrutural específica ocupada por cada um dos tipos de adverbiais em posição inicial e em posição final.

Mostrar-se-á que a análise clássica, segundo a qual as adverbiais não periféricas à direita ocupam posições estruturais de adjunção, é empiricamente mais adequada do que a análise destas adverbiais como complementos do V (e.g. Larson 1988, 1990) e do que outras hipóteses alternativas (tais como a geração destas adverbiais como especificadores de categorias funcionais altas seguindo-se movimento da matriz para a sua esquerda, e.g. Bianchi 2000; a geração das adverbiais como adjuntos à esquerda de VP, e.g. Barbiers 1995, ou como especificadores de categorias funcionais internas a VP, e.g. Cinque 1999; a análise das adverbiais como relativas reduzidas, e.g. Nilsen 2000; entre outras), o que vai ao encontro das hipóteses teóricas defendidas em Chomsky 2001b.

Quanto à posição inicial, quer de adverbiais periféricas, quer de não periféricas, mostrar-se-á que é menos problemático considerar que se trata também de uma posição de adjunção a uma categoria funcional alta.

Relativamente às adverbiais que ocorrem em posição inicial e que podem também ocorrer em posição final não precedida de quebra entoacional, mostrar-se-á que a análise de geração na base é mais adequada do que a análise de movimento, o que é compatível com perspectivas teóricas recentes de economia da gramática.

No § 4., serão consideradas as adverbiais gerundivas e participiais, que em português se caracterizam por não serem geralmente introduzidas por conectores. Após a identificação das estruturas gerundivas e participiais que cabem no grupo da subordinação adverbial (e a sua distinção de gerundivas e participiais com estatuto predicativo), propor-se-á que estas adverbiais se distinguem das estruturas adverbiais finitas e infinitivas por terem uma natureza intrinsecamente verbal, o que explica a sua diferente distribuição sintáctica, nomeadamente a impossibilidade de gerundivas e participiais ocorrerem em contextos de marcação casual. Mostrar-se-á que o estatuto sintáctico-discursivo dos vários tipos de gerundivas e participiais adjuntas é derivável se assumirmos, por um lado, que gerúndio e participípio são morfologicamente defectivos, e, por outro lado, que essa defectividade interage com restrições de natureza semântica.

As diferentes propriedades internas manifestadas por gerundivas periféricas e gerundivas não periféricas quanto à possibilidade de lexicalização do sujeito, ocorrência de verbo auxiliar e interpretação de sujeitos nulos serão derivadas a partir da hipótese de que só as gerundivas não periféricas se encontram numa posição estrutural em que T matriz forma uma cadeia núcleo-núcleo com T da gerundiva, ficando T-Agr da gerundiva obrigatoriamente ligado por T matriz. Essa relação, que tem como consequência que as gerundivas não periféricas se aproximem de estruturas de controlo obrigatório, é bloqueada quando se interpõe um núcleo lexical. Em gerundivas periféricas, T da gerundiva está fora do domínio de c-comando de T-Agr matriz, o que permite a independência temporal de T da gerundiva, a ocorrência de sujeitos disjuntos, e a identificação do sujeito nulo por elementos diferentes do sujeito matriz, de acordo com mecanismos de natureza pragmática. Discutir-se-á também o estatuto sintáctico das orações participiais e procurar-se-á compreender o seu comportamento defectivo.

Serão discutidas ainda diferenças entre sistemas linguísticos (português europeu padrão, italiano, espanhol, português europeu dialectal, português antigo, francês, inglês) quanto à ordem de palavras e quanto à lexicalização de sujeitos em construções absolutas com gerúndio, participípio presente e participípio passado. Mostrar-se-á que as diferentes ordens de palavras, intra e interlinguisticamente, podem ser derivadas do

estatuto morfológico (especificação de traços) de T e de C nas gerundivas das línguas em que existe uma ordem obrigatória, e da eventual interação com factores discursivos nas variedades linguísticas em que existe aparente opcionalidade. As diferenças na lexicalização dos sujeitos de gerundivas periféricas podem eventualmente ser atribuídas ao estatuto morfológico das expressões nominais sujeito (DPs, clíticos, pronomes fortes e fracos) nas várias línguas e ao modo como elas são legitimadas.

Finalmente, analisar-se-ão mais detalhadamente dados de variedades linguísticas do português europeu que apresentam morfologia de concordância no gerúndio, procurando perceber qual o papel da morfologia visível na legitimação de sujeitos nulos e de sujeitos plenos e em questões de ordem de palavras.

2. Definição das estruturas a considerar: o que cabe na subordinação adverbial?

2.1. Classificação tradicional

Desde a segunda metade do século XIX que se distinguem três tipos de orações subordinadas na tradição gramatical portuguesa³ (cf. Coelho 1891, Dias 1881 e 1918, Ali 1927 e 1931, Bechara 1961, Cunha 1969, Cunha & Cintra 1984, *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* (NGP), *Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário* (TLEBS)): as completivas (ou integrantes ou substantivas), as relativas (ou adjectivas ou qualificativas ou atributivas) e as adverbiais (ou circunstanciais). Esta distinção assenta sobretudo em critérios de natureza distribucional e funcional, estabelecendo-se um paralelismo entre os três tipos de orações e as funções desempenhadas por substantivos, adjectivos e advérbios:

"As proposições subordinadas estão para com a proposição principal na relação de termos ou elementos primários ou secundários, exercendo as mesmas funções que os elementos simples (palavras), excepto as do verbo no modo finito."

Coelho (1891: 119)

Assim, na designação encontrada em Ali 1927, por exemplo, privilegia-se a distribuição sintáctica das orações, comparando-a à de determinadas classes de palavras: as 'orações substantivas' teriam uma distribuição próxima dos 'substantivos'; as 'orações adjectivas' teriam uma distribuição semelhante à dos adjectivos; as 'orações adverbiais' teriam uma distribuição semelhante à dos advérbios:

"As subordinadas são orações substantivas se fazem as vezes de um substantivo, funcionando por exemplo como sujeito ou

³ No período anterior ao sec. XIX, ou nem sequer existiam de forma explícita os conceitos de 'frase complexa', 'subordinação' e 'coordenação' (cf. Lobo 2002a), ou estes conceitos tinham contornos diferentes. Assim, nas gramáticas filosóficas (cf. Andrade 1841, e especialmente Barbosa 1822), distinguem-se 'proposições totais' de 'proposições parciais', e 'conjunções de nexos' (ou 'homólogas' ou 'similares') de 'conjunções de nexos e ordem' (ou 'anhomólogas' ou 'dissimilares'). Curiosamente, nas proposições totais estavam incluídas quer as coordenadas, quer as adverbiais.

complemento; chamam-se orações adjetivas se têm o valor de determinante atributivo, e adverbiais se modificam o sentido do verbo como os advérbios."

Ali (1931: 272)

As designações alternativas, encontradas em Dias 1881, por exemplo, privilegiam ou a função das orações na frase, ou determinadas propriedades formais dessas construções: as 'orações integrantes' servem de complemento; as 'orações atributivas' ou 'relativas' servem de 'atributo' e são introduzidas por um 'pronome relativo', as 'orações circunstanciais' desempenham funções equivalentes às dos 'complementos circunstanciais'. Nestas gramáticas estabelece-se um paralelismo entre orações adverbiais e complementos circunstanciais:

"As proposições adverbiaes exprimem circumstancias diversas, equivalendo a complementos circumstanciaes (...)"

Coelho (1891: 120)

Tal como acontece para os complementos circunstanciais, também dentro do grupo das subordinadas adverbiais a gramática tradicional portuguesa estabelece distinções de natureza semântica. Na NGP e na TLEBS, são estabelecidos sete sub-grupos semânticos de adverbiais: temporais, causais, finais, concessivas, condicionais, consecutivas e comparativas. Nas gramáticas brasileiras, acrescentam-se a estas as orações conformativas e as proporcionais. Algumas gramáticas (cf. Dias 1881, por ex.) incluem nas orações adverbiais as causais-explicativas⁴, que a NGP trata na coordenação (a par das copulativas, alternativas, adversativas e conclusivas). Bechara 1961/1977 e 1999 considera ainda as locativas e as modais.

Nas gramáticas portuguesas consultadas não são aplicados critérios sintáticos explícitos de forma sistemática de modo a permitir estabelecer distinções de natureza sintática no grupo das orações adverbiais. As gramáticas, no entanto, distinguem formalmente adverbiais finitas de não finitas (infinitivas, gerundivas e participiais), e algumas delas referem pontualmente aspectos relativos à posição ocupada pela adverbial, muitas vezes em capítulos dedicados a aspectos 'estilísticos' ou 'à colocação

⁴ Dias 1881 chama a todas subordinadas causais.

das palavras na frase' (cf. Dias 1881: § 465-7).

Na tradição gramatical espanhola (cf. Alarcos Llorach 1994, e.o.), é usual estabelecer-se uma distinção que as gramáticas portuguesas ignoram: distingue-se entre 'adverbiais próprias' (as que podem ser substituídas por um advérbio) e 'adverbiais impróprias' (as que só podem ser substituídas por um grupo preposicional). Assim, enquanto as 'adverbiais próprias' incluem as temporais, as locativas e as orações de modo, as 'adverbiais impróprias' incluem as finais, as causais, as condicionais e as concessivas:

adverbiais próprias:

- (1) a. *Quando o João me telefonar*, aviso-te.
b. *Amanhã* aviso-te.
- (2) a. O João comprou este livro *onde tu lhe disseste para comprar*.
b. O João comprou este livro *aqui*.
- (3) a. O João bateu as claras *como eu ensinei*.
b. O João bateu as claras *rapidamente*.

adverbiais impróprias:

- (4) a. O João faltou *porque estava doente*.
b. O João faltou *por essa razão*.
- (5) a. O João abriu a janela *para que o quarto arejasse*.
b. O João abriu a janela *com esse propósito*.
- (6) a. O João virá à festa *se tu também vieres*.
b. O João virá à festa *nessa condição*.
- (7) a. *Apesar de estar doente*, o João foi dar aula.
b. *Apesar disso*, o João foi dar aula.

Esta distinção reflectiria até certo ponto propriedades semânticas e estruturais da oração adjunta. As 'adverbiais próprias' funcionariam normalmente como adjuntos circunstanciais, as 'adverbiais impróprias' causais e finais funcionariam como adjuntos circunstanciais ou como adjuntos oracionais e as condicionais e concessivas apenas como adjuntos oracionais (cf. Alarcos Llorach 1994: 446-8).

Na última edição da sua gramática, Bechara (1999: 471) distingue comparativas e

consecutivas das restantes adverbiais por estas duas estruturas, segundo o autor, se aproximarem das relativas, uma vez que, em ambos os casos, dependem de um quantificador e só desempenham uma função gramatical na matriz juntamente com o seu antecedente. A atribuição a consecutivas e comparativas de um estatuto diferente constitui uma posição inovadora na tradição gramatical portuguesa, que, como veremos adiante, faz todo o sentido (cf. também Peres 1997).

Não posso deixar de fazer notar que as distinções semânticas consideradas nas gramáticas portuguesas no grupo das orações adverbiais não são tão pacíficas quanto poderá parecer à primeira vista. A arbitrariedade nos grupos considerados fica clara quando confrontamos a nomenclatura da tradição gramatical portuguesa (muito próxima da francesa e da italiana) com a de outras tradições gramaticais. Veja-se, por exemplo, que só a tradição gramatical brasileira identifica estruturas adverbiais conformativas e proporcionais. As gramáticas espanholas, por sua vez, consideram as locativas e as modais, ausentes da maioria das gramáticas do português⁵. Numa gramática alemã como a de Helbig & Buscha 1984, as adverbiais estão agrupadas semanticamente de forma muito diferente. Nesta gramática, distinguem-se seis tipos de adverbiais: i) as temporais; ii) as locativas; iii) as modais (que incluem as instrumentais, as comparativas, as restritivas, as modais de especificação, as modais 'de falta de situação de acompanhamento'); iv) as causais (que incluem as causais propriamente ditas, as condicionais, as concessivas, as consecutivas e as finais); v) as substitutivas; vi) as adversativas. Também as gramáticas portuguesas anteriores ao séc. XX, anteriores ao estabelecimento de uma nomenclatura gramatical, estabelecem, por vezes, grupos semânticos diferentes dos da NGP. Finalmente, Quirk *et al.* 1985 consideram, para além dos tipos semânticos usuais, alguns outros, ausentes da maioria das gramáticas tradicionais: 'clauses of time', 'clauses of contingency', 'clauses of place', 'conditional clauses', 'clauses of concession', 'clauses of contrast', 'clauses of exception', 'reason clauses', 'clauses of purpose', 'clauses of result', 'clauses of similarity and comparison', 'clauses of proportion', 'clauses of preference' e 'comment clauses'. Assim, qualquer tentativa de tipologia semântica destas estruturas parece ter um carácter subjectivo. Com efeito, é possível interpretar a realidade e esquematizá-la sob diferentes perspectivas, o que reflecte naturalmente diferentes formas de ver o mundo.

⁵ Bechara 1961/1977 constitui uma excepção.

Esta breve panorâmica do tratamento dado às orações adverbiais nas gramáticas tradicionais serve para ilustrar a insuficiência da classificação tradicional, sobretudo no que diz respeito aos aspectos sintáticos das construções ditas de subordinação adverbial.

2.2. As subordinadas adverbiais e as estruturas de coordenação

Como muitos autores observaram (cf. Lopes 1972, Rojo 1978, Vera Luján 1981, Longacre 1985, Piot 1988, Mattos e Silva 1989, Peres 1997, López García 1999, e.o.), nem sempre é fácil a distinção entre certas estruturas tradicionalmente tratadas na coordenação (adversativas, conclusivas e explicativas) e as orações adverbiais (em particular as concessivas e as causais), tradicionalmente tratadas na subordinação. De facto, estas estruturas têm em comum, segundo observa Peres 1997, o facto de constituírem semanticamente proposições completas/fechadas. No caso de concessivas e adversativas, por um lado, e de explicativas e causais, por outro, sendo os seus valores semânticos muito próximos, a distinção pode parecer artificial. Isto levou a que Rojo (1978: § 7.) propusesse tratar quer as 'orações adverbiais impróprias', na terminologia gramatical espanhola (em que estão incluídas concessivas, causais e condicionais), quer as adversativas, como mantendo uma relação particular (diferente da coordenação e da subordinação) com a chamada 'oração principal': uma relação entre duas constantes, uma relação de 'interdependência', uma 'interordenação'. Chama assim 'bipolares' a todas as orações no interior das quais existe uma interordenação entre as orações que as constituem. As orações bipolares constituiriam um terceiro tipo de estruturação de relação entre orações, diferente da subordinação e da coordenação.

Face a este panorama, põe-se a questão de saber se, de um ponto de vista exclusivamente sintático, se justifica a identificação de um conjunto de estruturas a que se chama subordinadas adverbiais, distinto de outras estruturas, mais próximas da coordenação.

Neste trabalho, vou manter a distinção entre subordinação e coordenação estabelecida tradicionalmente, apesar de saber que esta decisão pode ser polémica para

alguns⁶, porque me parece que existem critérios sintáticos/formais suficientes que a justificam, independentemente das distinções semânticas e sintáticas que terão de ser estabelecidas ao nível dos diferentes tipos de coordenação oracional. No próximo ponto, justifico a minha decisão, recorrendo a argumentos de natureza formal.

2.3. Coordenação vs. subordinação: critérios sintáticos

Definir coordenação e subordinação não é tarefa fácil. As estruturas que se incluem tanto num grupo como no outro não têm comportamentos uniformes. Para além disso, esta distinção não tem um carácter universal:

- i) existem línguas em que a distinção não é pertinente (cf. Longacre 1985)⁷
- ii) nas línguas em que ela pode ser aplicada, os critérios são variáveis.

A dificuldade aumenta quando consideramos as estruturas de subordinação 'adverbiais'. Não é por acaso que Barbosa 1822 distingue 'proposições parciais' (que incluem as completivas, as relativas e algumas comparativas) de 'proposições totais' (que incluem as coordenadas e a generalidade das adverbiais). Este segundo grupo corresponde, no campo da lógica, àquilo a que se pode chamar 'proposições completas/fechadas' (cf. Peres 1997).

Na definição das subordinadas em geral, é usual referir-se que estas estão integradas na oração matriz e que estabelecem com ela uma relação gramatical (ou de complemento ou de sujeito ou de modificador):

"As orações sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração chamam-se SUBORDINADAS. O período constituído de orações

⁶ Em Peres (1997: 786), faz-se a seguinte afirmação: "do ponto de vista de uma tipologia bem fundada de conexões proposicionais, a oposição entre coordenação e subordinação adverbial é absolutamente insuficiente, porquanto secundariza diferenças relevantes, tanto sintáticas como semânticas".

⁷ Longacre (1985: 238-9 e 263-283) refere um tipo de línguas, faladas sobretudo na ilha de Nova Guiné, mas também em alguns países da América do Sul, a que chama 'chaining languages', em que a distinção coordenada/subordinada é irrelevante. As dependências entre orações seguem um esquema totalmente diferente do das línguas que nos são mais familiares: as frases estão "encadeadas" umas nas outras, através de morfemas que 'anunciam' parte da informação da oração seguinte; só uma das frases, numa sequência de frases encadeadas, tem o V em posição final.

SUBORDINADAS e uma oração PRINCIPAL denomina-se COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO."

Cunha & Cintra (1984: 590)

Relativamente às coordenadas em geral, assume-se que não mantêm nenhuma relação de dependência em relação à oração dita 'coordenante':

"São construções de COORDENAÇÃO aquelas que envolvem duas ou mais orações ou sintagmas de idêntica categoria sintáctica e em que nenhum deles é constituinte do outro."

Mateus *et al.* (1989: 257)

Não me parece que seja por acaso que em Mateus *et al.* 1989 não seja dada nenhuma definição do conceito de subordinação. Distinguem-se à partida vários tipos de construções de subordinação, sem definir o que se entende por 'subordinação' (cf. Mateus *et al.* (1989: 264)), seguindo uma arrumação que me parece discutível e que não distingue subordinação sintáctica de subordinação semântica⁸:

- i) "construções caracterizadas pelo encaixe de uma frase noutra"⁹
- ii) "construções que não incluem uma estrutura de encaixe"¹⁰
- iii) "construções que envolvem um encaixe de uma frase noutra mas cuja análise exige, por vezes, o conhecimento de noções lógico-semânticas"¹¹.

A dificuldade em definir os conceitos de 'coordenação' e de 'subordinação' decorre do facto de serem poucas as propriedades que, formalmente, podemos atribuir ao conjunto das subordinadas, que as distingam enquanto grupo do conjunto das estruturas coordenadas.

No conjunto das estruturas de subordinação, é claro que o estatuto sintáctico de

⁸ Na nova edição desta gramática, Mateus *et al.* 2003, os capítulos relativos à frase complexa sofrem uma profunda reformulação. Uma vez que esta nova edição surgiu já na fase de conclusão desta dissertação, não me foi possível integrar essa informação.

⁹ Incluem as construções 'de complementação' e 'de relativização'.

¹⁰ Incluem as 'condicionais' (i.e. causais, condicionais e conclusivas), as 'finais', as 'contrastivas' (i.e. concessivas) e as construções 'de ordenação temporal' (i.e. temporais).

¹¹ Trata-se das 'construções de gradação' (i.e. comparativas e consecutivas).

completivas e relativas se afasta das estruturas de coordenação.

No primeiro caso, porque são argumentos nucleares da proposição e, por conseguinte, elementos imprescindíveis para o seu sentido completo. Veja-se a impossibilidade de as completivas serem apagadas vs. possibilidade de apagar coordenadas:

- (8) a. O Pedro disse que o Paulo não vinha jantar.
b. *O Pedro disse.
- (9) a. O Pedro comeu um pastel de nata e a Ana comeu um queque.
b. O Pedro comeu um pastel de nata.

No segundo caso, porque o encaixamento se faz a um nível mais profundo da estrutura de constituintes e porque o conector desempenha claramente uma função sintáctica na oração que introduz:

- (10) [O livro [*que*_i o Pedro me ofereceu [-]_i]] era excelente.

No entanto, quando passamos para as orações adverbiais, somos confrontados com uma certa dificuldade em aplicar a definição clássica de subordinação. De facto, a maioria das estruturas designadas tradicionalmente de adverbiais são estruturas que não são argumentos nucleares e que ocupam uma posição periférica na frase matriz, contrariamente às outras estruturas de subordinação. Para além disso, as adverbiais têm em comum com as estruturas de coordenação o facto de constituírem proposições fechadas ou totais, não funcionando como argumento nuclear integrado noutra proposição nem como modificador de um argumento nuclear. Assim, a aproximação lógica de coordenadas e de adverbiais reflecte-se por vezes em comportamentos sintácticos semelhantes, levando a que nem sempre seja fácil estabelecer uma linha demarcadora entre coordenação e subordinação.

Para ilustrar a proximidade lógica entre subordinação adverbial e coordenação, veja-se, por exemplo, que a maioria das relações semânticas tipicamente expressadas através da subordinação encontram correspondência em relações semânticas que se estabelecem entre unidades linguísticas que ultrapassam a frase, através de processos de coesão semântica, de conexões discursivas que se manifestam em fragmentos de discurso que podem ser constituídos por diversas frases sintacticamente independentes. A identificação deste tipo de conexões discursivas tem sido aliás amplamente estudada no quadro da Teoria da Representação Discursiva (DRT, cf. Kamp & Reyle 1993).

Assim, é possível expressar a causa, o tempo, a condição, a concessão através da subordinação, mas estas mesmas relações semânticas podem também ser inferidas sem que haja marcação explícita da conexão. Considerem-se a título de exemplo as seguintes frases:

- (11) a. Quando o professor entrou na sala, os alunos sentaram-se.
- b. O professor entrou na sala. Os alunos sentaram-se.
- (12) a. Como estava bom tempo, o João resolveu ir dar um passeio.
- b. Estava bom tempo. O João resolveu ir dar um passeio.

Em (11)b, na ausência de qualquer conector, infere-se que o evento descrito na primeira frase é temporalmente anterior ao evento descrito na segunda frase. A relação temporal entre as duas proposições só está explicitamente marcada em (11)a. Por sua vez, em (12)b infere-se uma relação de causalidade entre as duas frases. Essa relação só está explicitamente marcada em (12)a.

Assim, dada a proximidade existente entre estruturas de coordenação e de subordinação adverbial, importa encontrar quais as propriedades sintáticas que caracterizam (tipicamente) estruturas de coordenação (ou paratáticas), por um lado, e estruturas de subordinação (ou hipotáticas), por outro, procurando fazer uma identificação objectiva de estruturas coordenadas vs. estruturas subordinadas.

Embora a distinção entre coordenação (frásica) e subordinação não seja universal, ela parece fazer sentido para um grande número de línguas (em particular, para as românicas e germânicas, e para as da família indo-europeia em geral), traduzindo-se esta oposição nas diferentes propriedades sintáticas manifestadas por cada um destes tipos de estruturação frásica. Contudo, as suas manifestações particulares podem variar de língua para língua.

Assim, importa estabelecer critérios sintáticos que ajudem a demonstrar a pertinência da distinção entre coordenação e subordinação, mostrando até que ponto ela é produtiva.

Em Quirk *et al.* (1985: § 13), são apresentadas seis propriedades sintáticas que caracterizam tipicamente as conjunções de coordenação:

- i) imobilidade na posição inicial da oração que introduzem
- ii) impossibilidade de movimento da oração que introduzem para o início da oração precedente

- iii) impossibilidade de serem precedidas de conjunção
- iv) possibilidade de ligarem não só orações, mas também predicados e outros constituintes
- v) possibilidade de ligarem orações subordinadas
- vi) possibilidade de ligarem mais de duas orações, e, nesse caso, todos os conectores excepto o último podem ser omitidos.

Após aplicação destes critérios, os autores concluem que não existe uma fronteira nítida entre coordenação e subordinação, mas que há antes uma escala no valor subordinativo/coordenativo de um dado conector e da estrutura oracional por ele introduzida. A primeira e terceira propriedades servem ainda para identificar elementos com função conectiva, mas que gramaticalmente não se comportam como conjunções, tais como *however* ou *therefore*.

Em relação ao português, em Peres 1997, consideram-se propriedades comuns a todas as estruturas de coordenação a impossibilidade de movimento e de clivagem, assim como a não sujeição ao escopo da negação, embora outras estruturas não paratáticas (e.g. relativas, comparativas e consecutivas) partilhem algumas destas características. O autor considera ainda mais dois critérios para a distinção entre classes de estruturas - a possibilidade de a estrutura complexa ocorrer como complemento de Vs ou de Advs. de frase.

De facto, nem todas as estruturas de subordinação partilham das mesmas propriedades. As relativas, por exemplo, não podem ser antepostas, o que dificulta qualquer generalização que tenha por base o critério da mobilidade.

Os critérios unificadores da classe das subordinadas são difíceis de encontrar, sobretudo quando tentamos ir para além da ideia de que estas desempenham uma função gramatical na matriz, cuja caracterização, no que diz respeito às adverbiais, é bastante imprecisa. De facto, muitos desses critérios não parecem ter um carácter universal. Sendo assim, é legítimo perguntar se é pertinente e fundamentada a bipartição clássica entre estruturas de subordinação (hipotaxe) e estruturas de coordenação (parataxe). Do meu ponto de vista, esta é uma distinção sintáctica que faz sentido, pelo menos para um determinado grupo de línguas, ainda que nem sempre seja fácil caracterizá-la. É isso que tentarei mostrar de seguida.

Retomando alguns dos critérios usados pelos autores acima referidos e

introduzindo alguns critérios novos, considerarei, de forma sistemática, critérios sintáticos de diferentes tipos para caracterizar estruturas de subordinação vs. estruturas de coordenação, procurando perceber de que forma é que esses critérios são realmente identificadores de uma classe. Referirei, em primeiro lugar, uma série de critérios aplicáveis não só ao português, mas também a línguas como o francês, o inglês, o alemão, o espanhol e o italiano; em segundo lugar, alguns critérios que só funcionam para determinadas línguas.

Embora a discussão nos pontos seguintes incida sobre a totalidade das estruturas complexas (por coordenação e por subordinação), em última instância pretende-se isolar um conjunto de estruturas passível de receber a designação de *construções de subordinação adverbiais*.

2.3.1. Critérios comuns a várias línguas

2.3.1.1. (In)existência de estrutura de encaixe/Desempenho (ou não) de função sintático-semântica na oração principal

Como vimos acima, as classificações tradicionais caracterizam as estruturas de subordinação através da observação de que estas desempenham uma função sintática (e semântica) na oração principal. Essa função pode ser imprescindível ao sentido completo da frase, ou pode corresponder a uma função secundária. As frases coordenadas, pelo contrário, não desempenham, em princípio, qualquer tipo de função sintática ou semântica na oração dita 'coordenante'.

É fácil verificar que as completivas desempenham uma função sintática na frase matriz. O seu apagamento geralmente dá origem a que a sequência se torne agramatical:

- (13) a. O João acha *que o mundo vai acabar*.
b. *O João acha.

As relativas¹², embora sejam estruturas não argumentais¹³, desempenham funções que são relativamente claras: ou contribuem para a identificação da referência da expressão nominal que modificam, ou funcionam como apostos ao grupo nominal. Para além disso, distinguem-se claramente de outro tipo de estruturas oracionais – completivas declarativas, por exemplo - porque neste caso temos o conector da oração a desempenhar uma função de argumento ou adjunto na sua própria oração¹⁴:

- (14) a. [Os bolos [*que*_i o Zé comprou [-]_i]] eram excelentes.
b. Os bolos eram excelentes.

Pelo contrário, a função desempenhada pelas subordinadas adverbiais nem sempre é clara. Embora para muitas adverbiais se possa identificar uma função 'accessória' ou de argumento 'não nuclear' (relativamente às temporais, por exemplo, não é problemático identificar uma função de localização temporal do evento da matriz), para a generalidade das estruturas, a função desempenhada não é evidente. Vimos já, aliás, que o mesmo tipo de relação que encontramos nas adverbiais tradicionais pode encontrar-se em estruturas coordenadas:

- (15) a. O João bateu-lhe e ele desatou a chorar.
b. Ele desatou a chorar porque o João lhe bateu.
c. Ele desatou a chorar.

Veja-se também a grande proximidade semântica entre adversativas e concessivas - as primeiras classificadas na coordenação, as segundas na subordinação:

- (16) a. O João queria vir à reunião, mas não chegou a tempo.
b. Embora o João quisesse vir à reunião, não chegou a tempo.

Finalmente, o papel de comparativas e consecutivas neste sistema não é claro. À primeira vista parece tratar-se de estruturas seleccionadas por um quantificador ou advérbio de grau. Veja-se que a omissão da consecutiva só é geralmente possível num

¹² Refiro-me aqui apenas às relativas com antecedente, claramente integradas em constituintes nominais.

¹³ Exceptuam-se obviamente as relativas ditas 'substantivas' ou relativas 'livres', que superficialmente pelo menos ocorrem em posições seleccionadas.

¹⁴ Nalguns casos, pode defender-se uma análise em que *que* é tratado como um complementador, havendo um operador nulo na posição de especificador de C a ligar a variável dentro de IP (cf. Vasconcelos 1991).

contexto exclamativo:

- (17) a. O João comeu tantos carapaus que ficou mal disposto.
b. *O João comeu tantos carapaus.
c. O João comeu tantos carapaus!

Relativamente às comparativas, o termo da comparação pode ser omitido, mas é sempre subentendido:

- (18) a. O João é mais alto do que o Paulo.
b. O João é mais alto.

As comparativas são estruturas que se aproximam mais de orações relativas ou completivas, pela relação que estabelecem com um antecedente, normalmente de natureza escalar/graduável/mensurável (cf. Bechara 1999: 473¹⁵ e Peres 1997¹⁶), que alguns trataram como sendo complemento de um núcleo funcional de Grau (cf. Lechner 2000 e 2001 e referências aí dadas). Também em Quirk *et al.* (1985: §15.75) é referida a hipótese de a oração comparativa ser seleccionada pelo comparativo, formando com ele um constituinte descontínuo que funciona como modificador de grau.

As comparativas, como vários autores têm mostrado, partilham, no entanto, muitas propriedades com as estruturas coordenadas (cf. Napoli 1983; Lechner 2001), nomeadamente quanto à legitimação de vários fenómenos que podem genericamente ser designados de 'elipse'¹⁷ (cf. Matos & Brito 2001). Em muitos casos, põe-se inclusivamente a questão de saber se a construção comparativa tem efectivamente uma estrutura oracional, ou se, pelo contrário, temos um constituinte não oracional como

¹⁵ "As subordinadas adverbiais do 2º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente" (cf. Bechara 1999: 473).

¹⁶ "(...) o conjunto das estruturas que a NGP trata no âmbito da subordinação adverbial não apresenta uniformidade sintáctica ou semântica que justifique esta agregação, sendo justificado que se separem, na taxinomia gramatical, as estruturas comparativas e consecutivas das estruturas de subordinação adverbial, sendo atribuído àquelas um estatuto paralelo ao das subordinadas substantivas e adjetivas (...)" (cf. Peres 1997: 786).

¹⁷ Vários fenómenos de elipse característicos de estruturas coordenadas (cf. Matos 1992a) são comuns às comparativas. Em algumas adverbiais, podem ocorrer, de forma restrita, alguns destes fenómenos de elipse. Em espanhol (cf. Fernández Lagunilla & Anula Rebollo 1995) e em certos dialectos do português (cf. dados do Cordial-sin), é possível encontrar elipses em certas orações temporais:

- i) Me fui cuando (se fue) Pedro. (Fernández Lagunilla & Anula Rebollo 1995: 332)
- ii) Juan llegó antes que Pedro/yo (llegara). (García Fernández 1999: 3189)
- iii) Juan llegó después que Pedro/yo (llegara). (*ibid.*)
- iv) Vais quando eu?

segundo termo da comparação.

A possibilidade de haver elipse não se verifica relativamente às consecutivas:

(19) *O João comeu tantos doces que doente.

A especificidade destes dois tipos de estruturas - comparativas e consecutivas - justifica que lhes seja dado um lugar autónomo na gramática. Trata-se, com efeito, de construções que se distinguem sob variadíssimos aspectos das restantes estruturas adverbiais. As suas particularidades impedem-me de proceder aqui a uma análise mais detalhada. Irei, contudo, referindo a forma como cada uma destas construções se comporta relativamente aos diferentes critérios sintácticos considerados.

Concluindo, verificamos que, para muitas estruturas, não é tarefa simples identificar se elas desempenham ou não uma função sintáctica e semântica na oração principal, e, em caso afirmativo, qual a função exacta que é desempenhada.

2.3.1.2. (Im)possibilidade de anteposição

Alguns dos critérios normalmente usados para caracterizar classes de estruturas frásicas que se inserem em frases complexas envolvem processos de **deslocação de constituintes**. A possibilidade de anteposição é um desses critérios.¹⁸

Observando a aplicação do critério sintáctico de anteposição, verificamos que as estruturas de coordenação típicas rejeitam a anteposição:

(20) a. O João comprou um disco *e* o Zé comprou um livro.

b. **E o Zé comprou um livro*, o João comprou um disco.

(21) a. O João gosta de música clássica, *mas* o Paulo *prefere* música folclórica.

b. **Mas o Paulo prefere música folclórica*, o João gosta de música clássica

¹⁸ Refiro-me neste capítulo à possibilidade de um constituinte ocupar a posição inicial através das designações comuns de 'anteposição' ou 'movimento'. Isto não significa que tenha havido efectivamente um processo transformacional em todos os casos. Se, para algumas estruturas, isso parece ser inquestionável (ex: completivas antepostas), para outras (ex: adverbiais em posição inicial), como veremos adiante (cf. § 3.5.3.), a análise transformacional pode ser questionada. Os termos aqui usados não sugerem, contrariamente àquilo que poderia parecer, uma explicação transformacional para todos os casos. Funcionam apenas como designações abreviadas do que seria 'possibilidade de ocorrer em posição inicial de frase'.

Também as relativas, as comparativas, e as consecutivas, rejeitam a anteposição:

- (22) a. O João encontrou o livro *que eu tinha perdido*. <relativa>
b. **Que eu tinha perdido*, o João encontrou o livro.
- (23) a. O Rui é tão inteligente *como o Paulo*. <comparativa>
b. **Como o Paulo*, o Rui é tão inteligente.
- (24) a. O João comeu tanto *que ficou enjoado*. <consecutiva>
b. **Que ficou enjoado*, o João comeu tanto.

As completivas e as restantes classes semânticas de adverbiais (causais, finais, temporais, condicionais, concessivas) permitem a anteposição.

- (25) a. O Rui certamente não sabe *que teve boa nota no exame*. <completiva>
b. *Que teve boa nota no exame*, o Rui certamente não sabe.
- (26) a. O Zé telefonou à mãe *quando eu cheguei a casa*. <temporal>
b. *Quando eu cheguei a casa*, o Zé telefonou à mãe.
- (27) a. O Zé faltou ao exame *por estar doente*. <causal>
b. *Por estar doente*, o Zé faltou ao exame.
- (28) a. O professor repetiu a frase *para os alunos poderem tomar nota*. <final>
b. *Para os alunos poderem tomar nota*, o professor repetiu a frase.
- (29) a. O Rui veio fazer o exame, *embora estivesse doente*. <concessiva>
b. *Embora estivesse doente*, o Rui veio fazer o exame.
- (30) a. Vamos à praia amanhã *se estiver bom tempo*. <condicional>
b. *Se estiver bom tempo*, vamos à praia amanhã.

Exceptua-se aqui um subconjunto das temporais, com uma função predominantemente narrativa, que também não admite a anteposição:

- (31) a. O Zé estava a entrar no comboio, *quando de repente reparou que se tinha enganado*. <temporal 'narrativa'>
b. **Quando de repente reparou que se tinha enganado*, o Zé estava a entrar no comboio.

Verificamos assim que, no que diz respeito à possibilidade de ocorrer em posição inicial, as estruturas tradicionalmente integradas na subordinação não têm um comportamento uniforme. As relativas comportam-se diferentemente das completivas, o

que é explicável pelo seu maior grau de encaixamento na estrutura da frase. Também as consecutivas e comparativas rejeitam este teste, aproximando-se a este respeito de relativas e de coordenadas.

Assim, a anteposição não é um critério que permita distinguir objectivamente entre coordenação e subordinação. Mas se não serve como argumento para a existência de uma classe de estruturas 'de subordinação', pode, contudo, servir, como defendido em Peres 1997, para distinguir estruturas coordenadas de estruturas de subordinação adverbial, desde que se atribua às comparativas e consecutivas (e também às temporais 'narrativas') um estatuto diferente. Como vimos, estas são as únicas estruturas tradicionalmente incluídas nas adverbiais que não admitem o movimento.

2.3.1.3. (Im)possibilidade de haver extracção de constituintes

Um outro critério que permite estabelecer distinções entre classes de estruturas é a possibilidade de haver **extracção de um constituinte**. Aplicando este teste, verificamos que só se obtêm resultados gramaticais com as completivas¹⁹:

- (32) a. O Rui acha que o Zé conhece a Ana. <completiva>
b. [Quem] é que o Rui acha que o Zé conhece [-]?

As restantes estruturas - relativas, adverbiais e coordenadas - rejeitam-no. É sabido que a extracção não é possível nem do interior de adjuntos, nem do interior de coordenadas²⁰:

- (33) a. O João apreciou o livro que eu ofereci à mãe. <relativa>
b. *[A quem] é que o João apreciou o livro que eu ofereci [-]?
- (34) a. O Rui gosta tanto de cinema como o Zé de teatro. <comparativa>
b. *[De que] é que o Rui gosta tanto de cinema como o Zé [-]?
- (35) a. O João comeu tanto que ficou enjoado. <consecutiva>
b. *[Como] é que o João comeu tanto que ficou [-]?
- (36) a. O Zé telefonou à mãe quando encontrou os óculos. <temporal>
b. *[O que] é que o Zé telefonou à mãe quando encontrou [-]?

¹⁹ Exceptuam-se naturalmente os contextos de ilhas-Qu:

i) *[Como] é que o Rui não sabe [quem arranhou este rádio [-]]?

²⁰ A não ser, evidentemente, em casos de movimento 'across-the-board'.

- (37) a. O Zé ficou doente por ter comido muitos doces. <causal>
 b. *[O que] é que o Zé ficou doente por ter comido [-]?
- (38) a. O professor repetiu novamente a frase para os alunos perceberem a pergunta. <final>
 b. *[O que] é que o professor repetiu novamente a frase para os alunos perceberem [-]?
- (39) a. O Rui veio fazer o exame, embora estivesse doente. <concessiva>
 b. *[Como] é que o Rui veio fazer o exame, embora estivesse [-]?
- (40) a. Vamos à praia amanhã se o Zé nos emprestar o carro. <condicional>
 b. *[O que] é que vamos à praia amanhã se o Zé nos emprestar [-]?
- (41) a. O João comprou um disco e o Zé comprou um livro. <coordenada>
 b. *[O que] é que o João comprou um disco e o Zé comprou [-]?

Embora as estruturas de coordenação, como acabámos de ver, não permitam extracção de um dos seus membros apenas (cf. (43)), está-lhes, contudo, geralmente associada a possibilidade de haver extracção simultânea de constituintes dos dois membros da coordenação (cf. (42)), fenómeno conhecido na literatura como **movimento 'across-the-board'** (cf. Ross 1967; Colaço 1996).

O movimento 'across-the-board' só é geralmente possível se existir paralelismo, i.e. equivalência categorial e funcional, entre os constituintes extraídos de cada um dos membros coordenados (cf. (44)):

- (42) Quem é que o Pedro adora [-] e o João detesta [-]?
- (43) *Quem é que o Pedro adora [-] e o João detesta o Zé?
- (44) *Quem é que o Pedro adora [-] e [-] detesta o Zé?

Esta propriedade poderia ser usada como teste para a identificação do estatuto coordenado ou subordinado de uma determinada estrutura oracional. No entanto, as estruturas de subordinação adjuntas manifestam uma outra propriedade que pode confundir-se com o movimento 'across-the-board': trata-se da possibilidade de legitimação de **lacunas parasitas** ('parasitic gaps', cf. Chomsky 1986). Este fenómeno consiste na possibilidade de ocorrer uma categoria vazia numa oração subordinada adjunta legitimada por um vestígio de movimento-A' na oração matriz:

- (45) Que documentos é que a Ana arquivou [-] sem que o Zé lesse [-]?
- (46) Que livros é que a Ana deu [-] depois de ler [-]?

Formalmente, é difícil distinguir movimento 'across-the-board' do fenómeno de legitimação de lacunas parasitas em subordinadas adverbiais, uma vez que o movimento 'across-the-board' parece estar restrito ao movimento-A' e existem muitos pontos comuns às duas construções (cf. Colaço 1996). Por conseguinte, não vou considerar o movimento 'across-the-board', nem a legitimação de lacunas parasitas na identificação da natureza coordenada ou subordinada das estruturas oracionais.

Os critérios acima referidos não nos permitiram estabelecer inequivocamente uma distinção entre coordenação e subordinação. Contudo, a favor da existência desta bipartição clássica estão outras propriedades, de natureza distribucional, comuns a todas as subordinadas e geralmente ausentes das coordenadas, que irei referir de seguida, algumas delas identificadas já em trabalhos como o de Quirk *et al.* 1985 ou Piot 1988.

2.3.1.4. (Im)possibilidade de a estrutura ser coordenada (ou (im)possibilidade de a conjunção ocorrer contiguamente a uma conjunção de coordenação previamente identificada)

Em primeiro lugar, temos alguns testes de **natureza distribucional**: trata-se dos testes que verificam a possibilidade de a estrutura introduzida por conjunção ser coordenada ou de o conector ocorrer contiguamente a uma conjunção de coordenação (previamente identificada) (cf. Quirk *et al.* 1985; Piot 1988). Estes testes são bastante mais elucidativos do que aqueles que referimos acima quanto à pertinência do conceito sintáctico de subordinação. De facto, ao aplicarmos este teste, verificamos que completivas, relativas e adverbiais temporais, causais, finais, condicionais e concessivas admitem ser coordenadas:

(47) O Pedro disse [que o Paulo comprou *Os Maias* nesta livraria] e [que o Zé comprou *Os Lusíadas* naquela]. <completiva>

(48) Encontrei o livro [que tu me encomendaste] e [que a Ana tanto aprecia]. <relativa>

(49) Falei com o Zé [antes de te telefonar] e [antes de saber a notícia]. <temporal>

(50) Iremos passear [se estiver bom tempo] e [se nos emprestarem o carro]. <condicional>

(51) O João abriu a janela [para apanhar um pouco de ar puro] e [para conseguir

ver quem estava a tocar à porta]. <final>

(52) O João telefonou-me [porque estava com saudades minhas] e [porque queria saber notícias da mãe]. <causal>

(53) [Embora ainda não tenha tomado uma decisão definitiva] e [embora esta decisão seja bastante polémica], estou inclinado a votar a favor da regionalização. <concessiva>

As estruturas coordenadas, pelo contrário, não podem ser coordenadas, i.e. a conjunção de coordenação não pode ocorrer contiguamente a outra conjunção de coordenação:

(54) *O Zé comprou *Os Lusíadas* [e o Paulo comprou *Os Maias*] e [e a Ana comprou *A Odisseia*]. <coordenada copulativa>

(55) *[O Zé irá ao cinema] e [mas a Ana irá ao teatro]. <coordenada adversativa>

Repare-se que, quanto à possibilidade de coordenação, comparativas e consecutivas não parecem comportar-se da mesma forma. Enquanto as comparativas admitem (nalguns casos marginalmente) a coordenação, as consecutivas parecem rejeitá-la:

(56) a. O Zé é tão inteligente [como o Paulo] e [como a Ana].

b. O Zé comeu mais bolos [do que o Paulo] e [do que a Ana].

(57) a. ?*O Zé comeu tantos doces [que ficou mal disposto] e [que teve de ir ao hospital].

b. ?*O Zé portou-se tão bem [que a mãe ficou orgulhosa] e [que o pai lhe ofereceu um presente].

Resumindo, podemos constatar que, à excepção das consecutivas - cujos resultados neste teste são menos claros -, as estruturas tradicionalmente incluídas na subordinação aceitam a coordenação, ao passo que as estruturas de coordenação típicas a rejeitam.

O teste da possibilidade de coordenação, juntamente com o critério da posição fixa do conector no início da oração, é igualmente interessante para distinguir conectores de coordenação conjuncionais de outros conectores de natureza adverbial, a

que alguns chamam 'advérbios conectivos' (cf. Quirk *et al.* 1985; Renzi & Salvi 1991).

A aplicação deste teste leva à exclusão das conclusivas do grupo das coordenadas. Na realidade, os conectores 'conclusivos' (*portanto, por conseguinte, por isso...*) têm uma natureza adverbial, como muito bem observa Bechara (1999: 322-3, 478), não se lhes podendo atribuir, com rigor, o estatuto de conjunções, como fazem erroneamente a maioria das gramáticas portuguesas. Para além de estes conectores não apresentarem uma propriedade típica das conjunções, que é a posição fixa no início da oração (cf. (58)), eles podem co-ocorrer com conjunções de coordenação (cf.(59)):

- (58) a. Estava muito frio; *portanto*, o João decidiu ficar em casa.
b. Estava muito frio; o João, *portanto*, decidiu ficar em casa.
c. Estava muito frio; o João decidiu ficar em casa, *portanto*.
- (59) Estava muito frio, *e portanto* o João decidiu ficar em casa.

Pelo mesmo princípio, muitos conectores adversativos (cf. *porém, todavia, contudo...*) terão de ser excluídos do grupo das conjunções de coordenação, sendo-lhes atribuído antes um estatuto adverbial:

- (60) a. O Francisco é muito tímido. *Porém*, a Madalena é extrovertida.
b. O Francisco é muito tímido. A Madalena, *porém*, é extrovertida.
c. O Francisco é muito tímido. A Madalena é extrovertida, *porém*.
- (61) O Francisco é muito tímido *e, porém*, gosta muito de ajudar.

2.3.1.5. (Im)possibilidade de o conector ligar mais do que dois constituintes

Existem ainda algumas propriedades normalmente atribuídas às conjunções de coordenação típicas (i.e. copulativas e disjuntivas). Uma delas consiste na possibilidade de as conjunções de coordenação típicas ligarem mais do que dois constituintes, podendo todos os conectores ser omitidos com excepção do que liga o último membro coordenado.

Esta propriedade, embora seja comum a copulativas e disjuntivas, não é partilhada pelas adversativas:

- (62) a. fui à livraria, (e) fui ao cinema e fui ao café
b. ficaste em casa, (ou) foste ao cinema, ou foste ao café?
c. *não fiquei em casa, (mas) fui ao cinema, mas fui ao café

Os resultados deste teste não são idênticos com completivas, relativas, comparativas, consecutivas, adverbiais temporais, finais, causais, condicionais e concessivas, em que existe sempre uma dependência sintáctica entre a oração subordinada e a matriz. Pode haver, nalguns casos, duas estruturas do mesmo tipo justapostas, subentendendo-se então ou uma estrutura de coordenação assindética entre as duas orações subordinadas (e não entre as subordinadas e a matriz) - e.g. completivas (cf. (63)) - ou uma dupla modificação - e.g. relativas (cf. (64)), temporais (cf. (67))...

No entanto, ao contrário do que acontece com as coordenadas copulativas e disjuntivas, o conector da primeira oração encaixada nunca pode ser omitido:

(63) O João disse *(que) não vinha jantar, que ia ficar a trabalhar até mais tarde.

(64) Traz-me os livros *(que) eu te dei, que estão em cima da mesa.

(65) O João é tão alto *(como) o Paulo, *(como o João), como o António.

(66) O João comeu tanto *(que) ficou mal disposto, que teve de ir ao hospital.

(67) O João gosta de passear na praia *(quando) sai do trabalho, quando o tempo está bom.

Concluindo, constatamos que a possibilidade de haver conexão de mais do que dois constituintes não é uma propriedade que individualize enquanto classe as estruturas tradicionalmente tratadas como coordenadas, uma vez que as adversativas obtêm resultados agramaticais neste teste.

2.3.1.6. (Im)possibilidade de o conector ligar constituintes não oracionais

Um outro critério que distingue tipicamente as estruturas de coordenação das estruturas de subordinação consiste na possibilidade de as conjunções de coordenação típicas ligarem não apenas constituintes oracionais, mas também constituintes de outras categorias sintácticas. Esta possibilidade é comum às adversativas, copulativas e disjuntivas.

(68) a. O João e o Pedro chegaram atrasados. <coordenação de DPs>

b. Falei com o João e com o Pedro. <coordenação de PPs>

c. Recitou o poema emocionadamente e pausadamente. <coordenação de

Advs>

- d. A mãe fez o bolo e os meninos comeram-no. <coordenação de frases>
- (69) a. (ou) os meninos ou os pais comeram o bolo. <coordenação de DPs>
- b. Vou para casa (ou) de táxi ou a pé. <coordenação de PPs>
- c. Podem correr depressa ou devagar. <coordenação de Advs>
- d. A mãe escondeu o bolo ou os meninos comeram-no. <coordenação de frases>
- (70) a. Comprei uma camisola bonita, mas cara.
- b. O João adormeceu o filho *(não) com uma cantiga, mas com uma história.
- c. Estragou-se *(não) o leite, mas a manteiga.
- d. O Zé foi ao cinema, mas a Ana foi ao teatro. <coordenação de frases>

Nas estruturas de subordinação em geral, por definição, estabelecem-se conexões entre constituintes oracionais e um elemento ou posição que é parte integrante de outra oração. Nalguns casos de adverbiais, é possível encontrar, no entanto, estruturas elípticas, em que superficialmente o constituinte conectado não é de natureza oracional:

- (71) O João é simpático, *ainda que bastante tímido*.
- (72) ?Comprei uma camisola muito bonita, *embora um pouco cara*.
- (73) *Quando muito pequenos*, os brinquedos podem ser perigosos para os bebés.
- (74) *Enquanto novo*, o João tinha imensas actividades.
- (75) *Depois de velho*, o João ficou mais simpático.
- (76) ?*Se perdidos*, os meninos devem procurar um polícia.
- (77) *O João está triste *porque doente*.
- (78) *A Ana está a fazer um tratamento *para mais elegante*.

A estrutura elíptica é mais facilmente admitida com adverbiais temporais (nomeadamente as que são introduzidas por *quando*, *enquanto* e *depois de*), concessivas e condicionais. Nestes casos, teremos plausivelmente estruturas em que um verbo de tipo predicativo está elidido, não se tratando de verdadeiras conexões de unidades não oracionais.

A possibilidade de ligar constituintes não oracionais, que, como vimos, é característica das estruturas de coordenação típicas, não é, no entanto, partilhada pelas

explicativas – que a maioria das gramáticas tradicionais inclui na coordenação:

- (79) a. *Comprei uma camisola bonita, pois colorida.
b. *O João foi para casa a pé, pois sem carro.
c. *Os meninos responderam simpaticamente, pois bem-educadamente.
d. Os meninos foram deitar-se, pois era muito tarde.

Voltarei a estas estruturas, discutindo especificamente o seu estatuto sintático, em 2.4.

2.3.2. Critérios específicos de determinadas línguas

Para além dos testes acima referidos, cuja aplicação é válida em várias línguas, existem alguns critérios pertinentes para a bipartição coordenação/subordinação que só têm validade em línguas com determinadas propriedades:

- i) omissão de sujeito co-referente em línguas de sujeito não nulo;
- ii) colocação dos clíticos em línguas como o português europeu;
- iii) posição do V em línguas V2 como o alemão.

Consideremos cada um destes critérios separadamente.

2.3.2.1. (Im)possibilidade de o sujeito ser omitido (línguas de sujeito não nulo)

Como é sabido, o francês e o inglês contemporâneos são línguas de sujeito não nulo, i.e. são línguas que não admitem omissão do sujeito em orações finitas (cf. (80) e (81)):

- (80) *[-] talked to Peter.
(81) *[-] ai parlé à Pierre.

Nestas línguas, são possíveis frases coordenadas sem sujeito exposto (cf. (82) e (83)):

- (82) a. John saw Peter at the cinema and (he) talked to him.
b. John saw Peter at the cinema but (he) didn't talk to him.

- (83) a. Jean a vu Pierre au cinéma et (il) lui a parlé.
b. Jean a vu Pierre au cinéma, mais (il) ne lui a pas parlé.

A omissão do sujeito, contudo, é impossível em frases subordinadas (cf. (84) e (85)):

- (84) a. *John phoned Peter because [-] wanted to invite him.
b. John phoned Peter because he wanted to invite him.
(85) a. *Jean a téléphoné à Pierre parce que [-] voulait l'inviter.
b. Jean a téléphoné à Pierre parce qu'il voulait l'inviter.

A possibilidade de o sujeito ser omitido em frases coordenadas nestas línguas decorre, a meu ver, do facto de as conjunções de coordenação 'típicas' poderem ligar constituintes não oracionais, tratando-se, nos casos de sujeito omissos, de um processo de coordenação não de frases, mas de uma projecção alargada do verbo. Não se trataria aqui de um contexto em que excepcionalmente as línguas de sujeito não nulo admitem sujeitos nulos, mas sim de um contexto em que um único constituinte serve de sujeito a duas orações. Prevê-se assim que, nestas línguas, sejam agramaticais as frases sem sujeito expresso em contextos em que a oração não possa ser interpretada como estando de alguma forma 'reduzida'.

2.3.2.2. Posição de pronomes clíticos (português europeu)

O segundo critério (não universal) para a distinção entre coordenação e subordinação vem da **colocação dos clíticos**.

Em português europeu, a posição dos clíticos poderá funcionar como uma marca formal de subordinação, na ausência de outros factores que possam interferir na colocação dos clíticos. Como é sabido, em português europeu padrão, os clíticos ocorrem em ênclise nas estruturas independentes e nas coordenadas quando não existem outros elementos (advérbios, quantificadores,...) que possam desencadear a próclise:

- (86) a. O João viu-*te* na faculdade.
b. *O João *te* viu na faculdade.
(87) a. Vi o Zé na livraria e o João viu-*te* na faculdade.
b. *Vi o Zé na livraria e o João *te* viu na faculdade.

Pelo contrário nas estruturas dependentes, o padrão, nas orações finitas, é a próclise:

- (88) a. *O Zé disse que o João viu-*te* na faculdade.
b. O Zé disse que o João *te* viu na faculdade.

Ora, a próclise encontra-se em todas as estruturas de subordinação tradicionais - completivas, relativas, comparativas, consecutivas, comparativas e adverbiais em geral.

- (89) a. *Esta é a sala onde o João viu-*te*. <relativa de lugar>
b. Esta é a sala onde o João *te* viu.
- (90) a. *O João deu-me mais reбуçados do que o Paulo deu-*me*. <comparativa>
b. O João deu-me mais reбуçados do que o Paulo *me* deu.
- (91) a. *Percebi tudo logo que/quando o João viu-*te* na faculdade. <temporal>
b. Percebi tudo logo que/quando o João *te* viu na faculdade.
- (92) a. *Se o João telefonar-*te*, pergunta-lhe pela mãe. <condicional>
b. Se o João *te* telefonar, pergunta-lhe pela mãe.
- (93) a. *Embora ele não tenha-*me* visto, eu vi-o.<concessiva>
b. Embora ele não *me* tenha visto, eu vi-o.

Nas consecutivas, no entanto, a ênclise é marginalmente admitida a par da próclise:

- (94) a. ??O João portou-se tão bem que o pai deu-*lhe* um reбуçado.
<consecutiva>
b. O João portou-se tão bem que o pai *lhe* deu um reбуçado.

As coordenadas (copulativas, disjuntivas e adversativas), pelo contrário, rejeitam sistematicamente a próclise:

- (95) a. O João estava a chorar e a Ana consolou-*o*.
b. *O João estava a chorar e a Ana *o* consolou.
- (96) a. O João portou-se bem ou puseste-*o* de castigo?²¹

²¹ Exceptuam-se os casos de orações disjuntas do tipo '*ou...ou...*', em que é geralmente desencadeada a próclise no primeiro membro:

- i. Ou *te* sentas ou ponho-*te* de castigo.
ii. ?Ou sentas-*te* ou ponho-*te* de castigo.

- b. *O João portou-se bem ou *o* puseste de castigo?
- (97) a. O João viu-me, mas evitou-*me*.
 b. *O João viu-me, mas *me* evitou.

Pode considerar-se assim que em PE a próclise é característica das estruturas de subordinação em geral.

2.3.2.3. Posição do V (alemão)

O terceiro critério (não universal) que permite distinguir objectivamente estruturas de coordenação de estruturas de subordinação vem da **posição do verbo** em línguas como o alemão, facto que é determinante para a identificação do tipo de estrutura. Como é sabido, o alemão é uma língua V2. Em orações principais, o verbo ocupa a segunda posição na frase²²:

- (98) Das Kind *ist* glücklich. (S-V-C)
 A criança está contente.
- (99) Heute *ist* das Kind glücklich. (Adv-V-S-C)
 Hoje está a criança contente.

No entanto, isto não se verifica em frases subordinadas, nas quais, sendo o alemão uma língua com a ordem básica SOV²³, o verbo ocupa a sua posição básica, a posição final:

- (100) Hans sagt dass das Kind glücklich *ist*. (...Comp-S-C-V)
 Hans diz que a criança contente está.
- (101) *Hans sagt dass das Kind *ist* glücklich. (...*Comp-S-V-C)
 Hans diz que a criança está contente.
- (102) *Hans sagt dass *ist* das Kind glücklich. (... *Comp-V-S-C)
 Hans diz que está a criança contente.

²² Uso aqui as seguintes abreviaturas: S-sujeito; V-verbo; C-complemento; Comp-complementador; coor-conjunção de coordenação.

²³ Veja-se Ambar (1988/1992: 34-43) para uma discussão do estatuto SOV do alemão.

Nas frases coordenadas, pelo contrário, voltamos a encontrar o fenómeno V2, ocupando a conjunção de coordenação (coor) uma posição externa à frase coordenada:

(103) Der Junge ist glücklich und das Mädchen *ist* traurig. (S-V-C-coor-S-V-C)

O rapaz está contente e a rapariga está triste.

(104) *Der Junge ist glücklich und das Mädchen traurig *ist*.(*S-V-C-coor-S-C-V)

O rapaz está contente e a rapariga triste está.

(105) *Der Junge ist glücklich und *ist* das Mädchen traurig.(*S-V-C-coor-V-S-C)

O rapaz está contente e está a rapariga triste.

Assim, no alemão, a posição do V é critério suficiente para distinguir uma estrutura coordenada de uma estrutura subordinada. Pena é que não existam propriedades tão claras em todas as línguas.

2.3.3. Conclusões

Ainda que não sejam muitas as propriedades unificadoras da classe das subordinadas, distinguindo-a da classe das coordenadas, existem, como vimos, algumas propriedades que justificam essa taxinomia, umas mais universais do que outras.

Para o português, a classe das subordinadas distingue-se da das coordenadas pela possibilidade de só as estruturas do primeiro grupo poderem ser coordenadas, e manifestarem próclise. Em relação aos outros testes, como vimos, não se obtêm resultados uniformes para cada uma das classes.

Considerámos as seguintes propriedades para distinguir classes de estruturas em português:

- i) (in)existência de estrutura de encaixe
- ii) (im)possibilidade de anteposição (ocorrência em posição inicial de frase)
- iii) (im)possibilidade de extracção do seu interior
- iv) (im)possibilidade de coordenação
- v) (im)possibilidade de o conector ligar constituintes não frásicos
- vi) (im)possibilidade de o conector ligar mais do que dois constituintes
- vii) colocação dos clíticos (no caso das orações finitas)

Estas propriedades, quando consideradas no seu conjunto, podem servir para identificar as estruturas de subordinação adverbiais, distinguindo-as, enquanto grupo,

das coordenadas, das subordinadas completivas e das subordinadas relativas.

Se atribuirmos às comparativas e consecutivas um estatuto sintáctico distinto do das restantes adverbiais, verificamos que as adverbiais temporais, finais, causais, condicionais e concessivas se caracterizam:

- por serem orações que funcionam como adjuntos ao nível oracional;
- por admitirem a anteposição;
- por não admitirem a extracção do seu interior;
- por admitirem a coordenação;
- por serem introduzidas por conectores que ligam tipicamente constituintes oracionais;
- por manifestarem tipicamente a próclise.

As comparativas e consecutivas, que não podem ser antepostas, não devem ser postas a par das restantes estruturas de subordinação adverbial, uma vez que estão claramente mais encaixadas na estrutura da frase e envolvem estruturas quantificacionais (cf. Peres 1997; Bechara 1999; e.o.).

Assim, as propriedades acima identificadas, quando tomadas na globalidade, permitem distinguir um subconjunto de estruturas - as subordinadas adverbiais -, que, relativamente a alguns aspectos, se aproximarão das restantes estruturas de subordinação (e.g. manifestação da próclise e possibilidade de serem coordenadas), e relativamente a outros aspectos estarão mais próximas da coordenação (e.g. tipo de relações semânticas estabelecidas entre orações).

Este grupo, por sua vez, inclui estruturas com diferentes comportamentos relativamente a outros fenómenos sintácticos. Assim, omiti deliberadamente nesta secção os testes de clivagem e testes que envolvem fenómenos de escopo (escopo da negação, escopo de operadores). Estes, embora não possibilitem, a meu ver, a distinção entre estruturas de coordenação e estruturas de subordinação, permitem, no entanto, estabelecer subclasses no interior das adverbiais e verificar que algumas delas estão a este respeito mais próximas das estruturas de coordenação (e.g. impossibilidade de ocorrerem em estruturas clivadas, impossibilidade de estarem sob o escopo de operadores de foco...). Estes testes serão retomados em 3.

Quadro1: comportamento de vários tipos de orações e conectores que as introduzem relativamente aos testes sintácticos considerados

	Estrutura de encaixe	anteposiç.	extraçç.	coordenaç.	próclise	ligação de constit. não oracionais	ligação de + do que 2 elementos
copulativas (<i>e</i>)	*	*	*	*	*	√	√
disjuntivas (<i>ou</i>)	*	*	*	*	* ²⁴	√	√
adversativas (<i>mas</i>)	*	*	*	*	*	√	*
temporais	?	√	*	√	√	*	*
causais	?	√	*	√	√	*	*
finais	?	√	*	√	√	*	*
condicionais	?	√	*	√	√	*	*
concessivas	?	√	*	√	√	*	*
comparativas	√	*	*	?√	√	*	*
consecutivas	√	*	*	?*	√	*	*
relativas (c/ ant. n.)	√	*	*	√	√	*	*
completivas	√	√	√	√	√	*	*

Como talvez tenha transparecido, na discussão das propriedades atribuídas à coordenação e à subordinação, quase não fiz referência às adversativas e às explicativas. Estas duas estruturas são frequentemente aproximadas por gramáticos e por semanticistas das estruturas de subordinação, sendo contudo classificadas na coordenação na NGP. Dado o carácter atípico destas estruturas quando confrontadas com as estruturas de coordenação copulativas e disjuntivas, parece-me que elas merecem uma discussão particularizada.

Assim, face à imprecisão com que são classificadas as estruturas causais/explicativas nas gramáticas portuguesas e face às observações que aproximam concessivas de adversativas (sobretudo nos trabalhos de natureza semântica), vou retomar nas próximas secções testes sintácticos/critérios formais fundamentalmente de natureza distribucional que são conhecidos na literatura (cf. Quirk *et al.* 1985, Piot 1988, López García 1999), assim como o teste da colocação dos clíticos (específico do português europeu), de forma a testar o estatuto coordenativo/subordinativo dos

²⁴ Exceptuam-se as estruturas correlativas do tipo *ou...ou...* O primeiro membro destas construções manifesta algumas propriedades semelhantes às estruturas de subordinação - é desencadeada a próclise e a estrutura é semanticamente aproximável de uma construção condicional:

- i) Ou te portas bem ou ponho-te de castigo.
- ii) Se não te portas bem, ponho-te de castigo.

conectores causais-explicativos e concessivos-adversativos do português. Referirei também dados de outras línguas que possam ajudar a compreender estas estruturas.

2.4. Subordinadas causais vs. coordenadas explicativas: argumentos a favor de estruturas de coordenação causais

Em gramáticas tradicionais de várias línguas, considera-se que, a par das estruturas oracionais de subordinação que exprimem a Causa, existem estruturas de coordenação que também a podem exprimir. Assim, são classificadas como conjunções de coordenação com valor causal a conjunção *car*, na tradição gramatical francesa, a conjunção *denn*, na tradição gramatical alemã, e a conjunção *for*, na tradição gramatical inglesa. Pelo contrário, nessas gramáticas, *parce que*, no francês, *weil*, no alemão, e *because*, no inglês, por exemplo, são classificadas como conjunções de subordinação causais, entre várias outras.²⁵

Também nas gramáticas tradicionais portuguesas podemos encontrar a mesma divisão entre estruturas causais/explicativas de coordenação, por um lado, e estruturas causais/explicativas de subordinação, por outro (cf. Cunha & Cintra 1984; *Nomenclatura Gramatical Portuguesa - NGP*).

Contudo, contrariamente àquilo que acontece nas gramáticas francesas, inglesas e alemãs, a pertença de um dado conector a um ou a outro grupo nem sempre é clara²⁶. Assim, em Cunha & Cintra 1984, por exemplo, o conjunto das conjunções de coordenação explicativas - *que, porque, pois, porquanto*²⁷ - está contido no conjunto das conjunções de subordinação causais - *porque, pois, porquanto, como, pois que, por isso que, já que, uma vez que, visto que, visto como, que, etc.*²⁸. Põe-se assim a questão de saber se há ou não motivação para considerar a existência de um conjunto de estruturas de coordenação explicativas. A indefinição na classificação dos conectores causais e a

²⁵ Cf. Helbig & Buscha 1984; Chevalier *et al.* 1964; Zandvoort 1957.

²⁶ Já em Ali (1931: 220-1) era feita referência a essa indefinição:

«Chamam-se geralmente coordenativas as conjunções que estabelecem paralelismo sintático entre duas orações, e subordinativas aquelas que apresentam uma oração como elemento integrante ou modificativo de outra, isto é, dão-lhe o carácter ou de substantivo ou de advérbio. Mas a linha de demarcação entre as coordenativas e as subordinativas adverbiais não é bastante clara. Nenhuma dúvida há sobre as espécies copulativa, adversativa e disjuntiva, que pertencem ao primeiro grupo; porém entre as partículas causais figura *porque* ora como coordenativa, ora como subordinativa, enquanto *visto que, já que, como* são sempre da segunda classe.»

²⁷ Cf. Cunha & Cintra (1984: 577).

dificuldade em caracterizar objectivamente estruturas de coordenação vs. estruturas de subordinação levaram alguns gramáticos a eliminar as explicativas das estruturas de coordenação e a considerar apenas a existência de subordinadas causais, em que se incluem todas as estruturas que exprimem a Causa (quer lógica, quer real). Esta é a posição tomada por Bechara 1999, que encontrávamos já em Dias 1881 e em Coelho 1891²⁹, e que corresponde à opção seguida pela tradição gramatical espanhola.

Também nas gramáticas inglesas nem sempre é considerado um grupo de coordenadas causais: em algumas gramáticas, as estruturas introduzidas pela conjunção *for*, considerada desusada, são tratadas a par das restantes estruturas de subordinação causais (cf. Sinclair 1990: 355).

Por sua vez, em gramáticas descritivas como a de Renzi & Salvi 1991, para o italiano, Bosque & Demonte 1999, para o espanhol, e Quirk *et al.* 1985, para o inglês, a posição adoptada consiste em tratar todas as estruturas causais no grupo das subordinadas, ainda que se reconheça a alguns dos conectores subordinativos um estatuto próximo dos coordenativos.

Dado este panorama, é legítimo levantar várias questões:

- O que motiva em línguas como o francês, o alemão e o inglês a distinção entre estruturas causais de coordenação e estruturas causais de subordinação? Há motivação empírica para esta distinção?

- Haverá no português evidência empírica, argumentos claros que apontem para a existência de estruturas causais que não são estruturas de subordinação?

- Devem as orações chamadas explicativas ser tratadas a par das estruturas de subordinação adverbial?

- Pode um conector ser sintacticamente bivalente, i.e., pode haver conectores que introduzam quer estruturas de coordenação quer estruturas de subordinação³⁰? Se assim for, o que nos permite distinguir objectivamente uma estrutura da outra?

²⁸ Cf. id.: 581.

²⁹ Para as diferentes classificações em gramáticas tradicionais, ver Lobo 2002a.

³⁰ Isto é o que é pressuposto numa gramática como a de Cunha & Cintra 1984.

2.4.1. O inglês: *for* vs. *because*

Na tradição gramatical inglesa, *for* (raro no discurso oral) é tradicionalmente classificado como uma conjunção de coordenação causal:

(106) I never found out, *for* I was too shy to ask. (Zandvoort 1957: 227)

Os conectores *because* e *since* são sempre classificados como subordinativos. Conforme observam Quirk *et al.* (1985: § 13.), não existe uma fronteira clara entre estruturas de coordenação e de subordinação. As orações introduzidas por *for*³¹, como mostram os autores com base em critérios sintácticos, situam-se nessa zona pouco nítida: tal como as coordenadas típicas, não podem co-ocorrer com conjunções de coordenação, nem podem ser antepostas, mas tal como os conectores subordinativos, *for* não pode ligar constituintes não oracionais, nem mais do que dois constituintes, e não permite elipse do sujeito.

Assim, a conjunção *for* distingue-se da conjunção *because* pelas seguintes propriedades:

a) imobilidade da oração que introduz (não é possível a anteposição com *for*)

(107) a. John was crying, *for* he was alone.

a'. **For* he was alone, John was crying.

b. John was crying, *because* he was alone.

b'. *Because* he was alone, John was crying.

b) impossibilidade de coordenação

(108) a. * John was crying, *for* he was alone and *for* he was sad.

b. John was crying because he was alone and because he was sad.

No entanto, *for* distingue-se das conjunções de coordenação 'típicas' (copulativas e disjuntivas) e aproxima-se das conjunções subordinativas por:

³¹ No inglês, estas orações são já pouco usadas. Sobrevivem apenas em registos formais.

a) estabelecer uma dependência semântica clara com a oração que constitui o primeiro membro da coordenação

b) não poder ligar constituintes não frásicos:

(109) a. *John was sad, *for* lonely.

b. *John was sad, *because* lonely.

c. John was sad *and* lonely.

c) não poder ligar mais do que dois constituintes:

(110) a. *I never found out, (for) I was too shy to ask, for nobody told me.

b. *I never found out, (because) I was too shy to ask, because nobody told me.

c. I was too shy to ask, (and) nobody told me, and I never found out.

d) não permitir elipse do sujeito:

(111) a. John was crying, *for* *(he) was very sad.

b. John was crying, *because* *(he) was very sad.

c. John was crying *and* (he) was very sad.

Assim, embora as estruturas introduzidas por *for* tenham algumas propriedades que as aproximam das estruturas de coordenação (impossibilidade de movimento, impossibilidade de serem encabeçadas por uma conjunção de coordenação e de serem coordenadas), elas partilham outras propriedades com as estruturas de subordinação típicas (impossibilidade de ligarem constituintes não frásicos e consequente impossibilidade de omissão do sujeito, impossibilidade de ligar mais do que duas orações). Em vista disso, numa gramática como a de Quirk *et al.* 1985, os autores optam por tratá-las a par das conjunções de subordinação (cf. Quirk *et al.* 1985: § 13.18).

No quadro (112), reproduzido de Quirk *et al.* (1985: § 13.18), estão ilustrados os resultados que se obtêm para alguns conectores do inglês, quanto às propriedades que os autores consideram características da coordenação e que volto a repetir aqui:

- i) imobilidade na posição inicial da oração que introduzem
- ii) impossibilidade de movimento da oração que introduzem para o início da oração precedente

- iii) impossibilidade de serem precedidas de conjunção
- iv) possibilidade de ligarem não só orações, mas também predicados e outros constituintes
- v) possibilidade de ligarem orações subordinadas
- vi) possibilidade de ligarem mais de duas orações, e, nesse caso, todos os conectores excepto o último podem ser omitidos.

(112)

	i)	ii)	iii)	iv)	v)	vi)
coordinators <i>and, or</i>	+	+	+	+	+	+
<i>but</i>	+	+	+	+	±	-
conjuncts <i>yet,</i> <i>so, nor</i>	+	+	×	+	-	-
<i>however,</i> <i>therefore</i>	-	+	-	-	-	-
subordinators <i>for, so that</i>	+	+	+	-	-	-
<i>if, because</i>	+	±	-	-	-	-

Como se vê, os autores aproximam *for* dos conectores subordinativos, por este conector não partilhar as três últimas propriedades com os coordenadores típicos.

Quanto a mim, as últimas propriedades referidas não justificam que se retire a *for* o estatuto coordenativo, desde que se admita que determinados tipos de coordenação possam envolver dependência semântica. Se assim for, a impossibilidade de ligar mais do que dois constituintes e de ligar constituintes não frásicos, com a consequente impossibilidade de omissão do sujeito, é facilmente derivável da semântica de *for*.

Que não existe paralelismo absoluto entre subordinação semântica e subordinação sintáctica, mostram-no trabalhos como o de Culicover & Jackendoff 1997 e 1999.

2.4.2. O francês: *car* vs. *parce que*

Na tradição gramatical francesa, o grupo das orações coordenadas explicativas/causais também está consagrado desde sempre. As gramáticas do francês contrastam com as do português por atribuírem o estatuto de coordenativo a uma única conjunção causal: *car*. Os conectores *parce que*, *puisque*, *comme* são classificados como

subordinativos. Embora nas gramáticas tradicionais francesas não sejam apresentadas razões objectivas para esta classificação, num estudo como o de Piot 1988 podemos verificar que a motivação para a distinção entre causais coordenadas e subordinadas se prende (entre outros factores), tal como vimos antes para o inglês, com:

- a) anteposição
- b) coordenação.

As orações introduzidas por *car* não permitem a anteposição nem podem ser coordenadas, no que se distinguem das orações introduzidas por *parce que*:

- (113) a. Jean n'est pas venu, *car il est malade*.
b. **Car il est malade*, Jean n'est pas venu.
- (114) a. Jean n'est pas venu *parce qu'il est malade*.
b. *Parce qu'il est malade*, Jean n'est pas venu.
- (115) a. *Jean n'est pas venu, [car il est malade] **et** [car il ne se sent pas bien].
b. Jean n'est pas venu [parce qu'il est malade] **et** [parce qu'il ne se sent pas bien].

No entanto, ao contrário do que acontece com as conjunções de coordenação *et* e *ou*, e tal como acontece com as conjunções de subordinação em geral, a conjunção *car*:

- a) não pode ligar constituintes não frásicos:
 - (116) a. Jean est *triste et malade*.
b. Jean est *triste ou malade*?
c. *Jean est *triste, car malade*.
d. *Jean est *triste parce que malade*.
- b) não pode ligar mais do que dois constituintes:
 - (117) a. Jean boit du jus, mange des biscuits, et lit le journal.
b. Jean boit du jus, ou mange des biscuits, ou lit le journal.
c. *Jean est triste, car il est malade, car il n'ira pas à la fête.
d. *Jean est triste, parce qu'il est malade, parce qu'il n'ira pas à la fête.

- c) não permite a omissão do sujeito:
- (118) a. Jean boit du jus ou (il) mange des biscuits?
b. Jean boit du jus et (il) mange des biscuits.
c. Jean pleure, car *(il) est triste.
d. Jean pleure, parce qu' *(il) est triste.

Os comentários que fizemos relativamente ao inglês são válidos para o francês, i.e., se admitirmos que existem processos de coordenação que envolvem dependência semântica, os comportamentos 'desviantes' de *car* relativamente às conjunções de coordenação típicas recebem uma explicação natural. Não me parece estranho que uma oração que exprime a Causa só possa estar ligada a uma oração (com conteúdo proposicional), e não a um qualquer sintagma. Se assim for, a impossibilidade de omissão do sujeito nas orações introduzidas por *car* decorrerá do facto de *car* estar limitado à coordenação de orações, não podendo coordenar projecções verbais mais reduzidas.

2.4.3. O alemão: *denn* vs. *weil*

Embora em línguas como o português, o inglês e o francês não seja perfeitamente claro que se deva tratar as estruturas 'explicativas' como sendo estruturas de coordenação e não como estruturas de subordinação, numa língua como o alemão há evidência sintáctica inequívoca para que se considerem as 'explicativas' a par das estruturas de coordenação. De facto, em alemão existem outras possibilidades de avaliar o estatuto sintáctico da estrutura causal. Nesta língua, como vimos acima (cf. § 2.3.2.3), o comportamento sintáctico das orações coordenadas contrasta com o das orações subordinadas. Só neste último caso ocupa o V a posição final.

Curiosamente, este contraste encontra-se também nas orações causais: o comportamento sintáctico dos conectores causais ditos de coordenação contrasta claramente com o dos conectores causais de subordinação. As causais introduzidas por *denn* comportam-se como as coordenadas, i.e., o verbo ocupa a segunda posição na frase. A conjunção *denn* está fora da oração coordenada:

- (119) Wir gehen spazieren, denn [das Wetter ist schön].
Nós vamos passear, pois o tempo está bonito.

(120) *Wir gehen spazieren, denn das Wetter schön ist.

Nós vamos passear, pois o tempo bonito está.

Denn funciona claramente como as conjunções de coordenação e não como um advérbio ou conector adverbial, já que não se qualifica como elemento que inicia a oração e não desencadeia inversão do sujeito:

(121) Wir gehen spazieren, denn [das Wetter ist schön].

Nós vamos passear, pois o tempo está bonito.

(122) *Wir gehen spazieren, [denn ist das Wetter schön].

Nós vamos passear, pois está o tempo bonito.

Pelo contrário, nas causais introduzidas por *weil*, o verbo está em posição final, como na generalidade das estruturas de subordinação. A conjunção *weil* parece ocupar uma posição interna à oração subordinada:

(123) Wir gehen spazieren, [weil das Wetter schön ist].

Nós vamos passear, porque o tempo bonito está.

(124) *Wir gehen spazieren, weil das Wetter ist schön.

Nós vamos passear, porque o tempo está bonito.

A clareza deste contraste justifica que, em alemão, as orações introduzidas por *denn* sejam aproximadas das estruturas de coordenação e não das estruturas de subordinação. Em alemão, *denn* funciona como conjunção de coordenação explicativa/causal, ao passo que *weil* tem o comportamento típico de uma conjunção de subordinação causal: só neste último caso é que o verbo ocupa uma posição final.

2.4.4. Conectores causais em português europeu contemporâneo

Nas gramáticas francesas, inglesas e alemãs, o número de conjunções a que se atribui o estatuto coordenativo explicativo - uma única conjunção em cada uma das línguas - contrasta com o que é considerado nas gramáticas portuguesas. Para o português, teremos portanto de aplicar os testes a todos os conectores causais-explicativos, de modo a poder classificá-los num ou noutro grupo (ou eventualmente em ambos).

Para além dos testes que aplicámos no francês e no inglês:

- i) anteposição da oração
 - ii) possibilidade de coordenação da oração / co-ocorrência do conector com conjunção de coordenação
 - iii) ligação de constituintes não frásicos
- irei também testar a posição dos clíticos:
- iv) colocação dos clíticos (ênclise vs. próclise)

Como vimos acima, a próclise pode ser considerada uma propriedade distintiva das estruturas subordinadas do português, na ausência de outros factores que a possam desencadear. Contudo, este teste não tem a mesma validade nas orações infinitivas. Como é sabido, o padrão de colocação dos clíticos, quer em português, quer em muitas outras línguas, não é idêntico em orações finitas e não finitas. Assim, nas infinitivas do português, pode existir ênclise em orações subordinadas:

(125) O João pensa telefonar-te amanhã.

Em relação às adverbiais infinitivas, existe oscilação na colocação dos clíticos. Em algumas estruturas é possível quer a ênclise quer a próclise:

(126) a. O João subiu ao muro para me conseguir ver melhor.

b. O João subiu ao muro para conseguir ver-me melhor.

Assim, a colocação dos clíticos em adverbiais infinitivas e o facto de se encontrar ênclise nestas estruturas não pode funcionar como argumento para a identificação do seu estatuto e do tipo de dependência que mantêm com a matriz.

Em relação às orações finitas, verificamos que com o conector *porque* os juízos de gramaticalidade nem sempre são claros. Isto talvez se deva ao facto de um mesmo conector parecer poder assumir duas funções diferentes – coordenativo e subordinativo –, não estando o seu estatuto gramatical completamente fixado.

1. anteposição:

(127) *Que é preciso acordar cedo, vamos deitar-nos.

(128) *Pois estamos todos de acordo, não haverá votação.

(129) *Porque vi a luz acesa, o director está cá.

(130) Porque estamos todos de acordo, não haverá votação.

(131) Já que/visto que/dado que/uma vez que estamos todos de acordo, não haverá

votação.

(132) Como estamos todos de acordo, não haverá votação.

(133) Por ser dia mundial da criança, vamos todos ao circo.

(134) Visto/Dado estarmos todos de acordo, não haverá votação.

2. coordenação/co-ocorrência com conjunção de coordenação:

(135) a. ??/*Vamos ao trabalho, que ainda há muito a fazer e que o sol já vai alto!

b. *Não te rales, que ninguém vai reparar e que isso não é grave!

(136) *Já não haverá dia sem carros, pois haverá greve dos sindicatos e pois não se conseguiu chegar a um acordo.

(137) ?*/*A Teresa está cá, porque eu vi o carro dela e porque a Laura disse.

(138) Não gosto desse actor porque é um convencido e porque não representa bem.

(139) Já que/visto que/dado que/uma vez que estamos todos de acordo e (já/visto/dado/ uma vez) que a reunião já vai longa, não faremos votação.

(140) Como hoje é feriado e como eu estou bem-disposto, vamos todos ao circo.

(141) A cidade ficou deserta por ser feriado e por estar a chover.

(142) Visto/Dado estarmos todos de acordo e visto/dado serem já onze horas, dou por encerrada a reunião.

3. ligação de constituintes não frásicos:

(143) *O João está com má cara, que cansado.

(144) * O João está com má cara, pois cansado.

(145) * O João está em casa, porque com a luz acesa.

(146) *O João está com má cara, porque cansado.

(147) *O João está com má cara, já que/visto que/dado que/uma vez que cansado.

(148) *Como cansado, o João está com má cara.

(149) *O João está com má cara, por cansado.

(150) *O João está com má cara, visto/ dado cansado.

4. colocação de clíticos:

(151) a. ?/*Não me chames porco, que eu me lavo todos os dias!

a'. ?/*Está quieto, que eu te ajudo!

a''. ?/*Tem cuidado, que ele te rói a roupa toda!

- b. Não me chames porco, que eu lavo-me todos os dias!
- b'. Está quieto, que eu ajudo-te!
- b''. Tem cuidado, que ele rói-te a roupa toda!
- (152) a. *Não fomos para o mar, pois se levantou um temporal.
 a'. *Telefonei novamente, pois me lembrei de outra coisa.
 b. Não fomos para o mar, pois levantou-se um temporal.
 b'. Telefonei novamente, pois lembrei-me de outra coisa.
- (153) a. O director já chegou, porque se vê a luz acesa.
 a'. ?/*O director já chegou, porque eu o vi no bar.
 b. O director já chegou, porque vê-se a luz acesa.
 b'. O director já chegou, porque eu vi-o no bar.
- (154) a. Não fomos para o mar porque se levantou um temporal.
 a'. Telefonei novamente porque me lembrei de outra coisa.
 b. ?/*Não fomos para o mar porque levantou-se um temporal.
 b'. ?/*Telefonei novamente porque lembrei-me de outra coisa.
- (155) a. Já que/Uma vez que/ Dado que/Visto que se conhecem, não preciso de vos apresentar.
 b. *Já que/Uma vez que/ Dado que/Visto que conhecem-se, não preciso de vos apresentar.
- (156) a. Como ele me ignora, eu não lhe falo.
 b. *Como ele ignora-me, eu não lhe falo.
- (157) a. Não estou zangado por ele me ignorar.
 b. ?/??Não estou zangado por ele ignorar-me.
- (158) a. ?Visto/?*Dado ele te ter roubado a carteira, devias ir à polícia.
 a'. *Visto/Dado se ter chegado a um acordo, não haverá votação.
 b. Dado/Visto ele ter-te roubado a carteira, devias ir à polícia.
 b'. Dado/Visto ter-se chegado a um acordo, não haverá votação.

No quadro 2. estão resumidos os resultados obtidos nos testes acima referidos para os diferentes conectores causais, assim como para as conjunções de coordenação prototípicas, de forma a que se possa contrastar resultados.

Dado que existe alguma flutuação na colocação dos clíticos nestas estruturas, encontramos várias casas com ponto de interrogação no quadro 2. abaixo.

Quadro 2: Estatuto mais coordenativo ou mais subordinativo dos conectores causais/explicativos

conjunções de coordenação e tipos de orações causais/conectores causais	testes sintácticos			
	possibilid. de ocupar posição inicial	possibilid. de ser coorden.	possibilid. de ligar constit. não frásicos	posição dos clíticos: próclise (vs. ênclise)
<i>e</i>	*	*	√	*
<i>ou</i>	* ^a	*	√	* ³²
<i>mas</i>	*	*	√	*
<i>que</i>	*	*?	*	*?
<i>pois</i>	*	*	*	*
<i>porque</i> (explicativo)	*	*?	*	*?
<i>porque</i>	√	√	*	√?
<i>visto que</i>	√	√ ³³	*	√
<i>dado que</i>	√	√	*	√
<i>já que</i>	√	√	*	√
<i>uma vez que</i>	√	√	*	√
<i>como</i>	√	√	*	√
<i>por</i> + infinitivo	√	√	*	-
<i>por causa de</i> + inf ³⁴	√	√	*	-
<i>visto</i> + inf.	√	√	*	-
<i>dado</i> + inf.	√	√	*	-

Deste quadro, depreende-se que os conectores *pois*, *que* e *porque* (explicativo) têm um comportamento diferente dos restantes conectores causais, aproximando-se mais dos conectores coordenativos. As orações que introduzem:

- a) não podem ocorrer em posição inicial
- b) resistem à coordenação
- c) manifestam ênclise.

³² Não considero aqui as orações coordenadas disjuntivas em estruturas como '*ou...ou...*', em que o pronome aparece em posição proclítica.

³³ *Visto que*, *dado que*, *já que* e *uma vez que* também podem ser coordenados conservando apenas a conjunção no segundo membro: '*visto que...e que...*'. Isto não é possível com **'porque...e que'*.

³⁴ Usado por alguns falantes num registo informal. Dialectalmente ou em registos não standard, pode ter também um sentido final:

(i) "Não deixavam por causa de não cansar as terras" (Cordial-sin, AAL 14)

Os únicos aspectos em que os conectores *pois*, *que* e *porque* (explicativo) se distinguem dos conectores de coordenação típicos são o facto de não permitirem a ligação de mais do que dois constituintes (propriedade partilhada pela conjunção *mas*) e o facto de não poderem ligar constituintes não oracionais (o que, em línguas como o inglês e o francês, tem consequências para a omissão do sujeito nestas estruturas). Qualquer um destes comportamentos pode, a meu ver, ser atribuído à semântica específica destas construções. Assim, alguns conectores coordenativos parecem ser 'selectivos' quanto às estruturas que podem coordenar. Enquanto *e*, *ou* e *mas* podem ter como alvo praticamente qualquer categoria gramatical, os conectores coordenativos causais/explicativos só podem ter como alvo frases.

Será necessário, por conseguinte, estabelecer diferenças semânticas (com reflexos sintácticos óbvios) no grupo dos conectores coordenativos, que, ao contrário do que é geralmente assumido, parecem poder estabelecer dependências semânticas (ainda que não sintácticas) com a oração dita 'coordenante'.³⁵ Assim, as orações introduzidas por conectores como *pois*, *que* e *porque* (explicativo) parecem comportar-se como coordenadas causais.³⁶

Contudo, Peres 1997 refere dois testes adicionais, que consistem na possibilidade de a estrutura complexa poder ocorrer como complemento de V ou de Adv de frase, que o levam a excluir as explicativas e conclusivas quer da coordenação, quer da subordinação. Segundo o autor, o facto de a estrutura complexa que integra explicativas e conclusivas não poder ocorrer como complemento de V ou de Adv de frase é evidência a favor do carácter não oracional da estrutura complexa. Por outras palavras, tratar-se-ia de um processo de estruturação de orações que se situaria num nível supra-oracional ou discursivo.

Se estes testes forem relevantes, terá de considerar-se que o tipo de coordenação envolvido nas coordenadas explicativas é diferente do tipo de coordenação envolvido nas coordenadas copulativas, disjuntivas e adversativas, uma vez que a ocorrência da

³⁵ Na realidade, autores como Culicover & Jackendoff 1997 e 1999 têm defendido que não existe correspondência directa entre subordinação semântica e subordinação sintáctica. Estruturas sintacticamente coordenadas podem estar subordinadas semanticamente.

³⁶ Esta é a designação que encontramos em Ali 1927, que considera a existência quer de subordinadas causais, quer de coordenadas causais.

estrutura complexa como complemento de V ou de Adv de frase parece ser mais difícil quando a estrutura complexa inclui uma explicativa do que quando ela inclui uma copulativa ou uma adversativa:

- (159) a. O Zé disse [que o jogo não se realizaria porque estava a chover]
b. ??O Zé disse [que o jogo não se realizaria, pois estava a chover]
c. ??O Zé disse [que o jogo não se realizaria, uma vez que estava a chover]
c'. O Zé disse [que uma vez que estava a chover, o jogo não se realizaria]
d. ?O Zé disse [que o Pedro não vinha jantar e a Ana chegava mais tarde]
e. ?O Zé disse [que o Pedro vinha jantar ou a Ana vinha tomar café].
f. ?O Zé disse [que o Pedro não vinha jantar, mas a Ana vinha tomar café].

- (160) a. Provavelmente [o Pedro não vem jantar porque a reunião está demorada]
b. ??Provavelmente [o Pedro não vem jantar, pois a reunião está demorada]
c. ??Provavelmente [o Pedro não vem jantar, uma vez que a reunião está demorada]
d. Provavelmente [o Pedro não vem jantar e a Ana chega mais tarde]
e. ?Provavelmente [o Pedro não vem jantar ou a Ana chega mais tarde]
f. Provavelmente [o Pedro não vem jantar, mas a Ana vem tomar café]

Veja-se que as explicativas parecem contrastar também com as restantes estruturas de coordenação (e com um subconjunto de subordinadas adverbiais) quanto à possibilidade de existir quer movimento 'across-the-board' quer legitimação de lacunas parasitas.

- (161) a. O que é que o Pedro compra porque a Ana vende?
b. ?O que é que o Pedro compra, pois a Ana vende?
c. ?O que é que o Pedro compra, uma vez que a Ana vende?
d. O que é que o Pedro compra e a Ana vende?
e. ?O que é que o Pedro compra ou a Ana vende?
f. O que é que o Pedro compra, mas a Ana não vende?

As explicativas distinguem-se ainda das coordenadas copulativas e adversativas por não legitimarem da mesma forma fenómenos de elipse. Este tipo de fenómenos, como é sabido, são característicos de estruturas de coordenação típicas (cf. Matos

1992a, 1992b). Se as explicativas forem tratadas como coordenadas, teremos de admitir que a legitimação de elipses é exclusiva de determinados tipos de coordenação. As explicativas, ao contrário de copulativas e adversativas, não permitem 'despojamento' (*stripping*):

- (162) o Zé foi ao cinema e o Paulo também [~~foi ao cinema~~].
o Zé foi ao cinema, mas o Paulo não [~~foi ao cinema~~].
*o Zé foi ao cinema, pois o Paulo também [~~foi ao cinema~~].

Veja-se que também as disjuntivas não legitimam este tipo de elipse, o que estará provavelmente relacionado com questões de polaridade e com a natureza dos advérbios que legitimam a elipse:

- (163) ??*o Zé foi ao cinema ou o Paulo também [~~foi ao cinema~~]

Uma vez mais, só as disjuntivas e copulativas admitem 'elipse lacunar' (*gapping*, cf. Matos 1992a), aspecto em que se distinguem das explicativas e das adversativas:

- (164) a. o Zé foi ao cinema, e o Paulo [~~foi~~] ao teatro.
b. (ou) o Zé foi ao cinema ou o Paulo [~~foi~~] ao teatro.
c. ??/*o Zé foi ao cinema, mas o Paulo [~~foi~~] ao teatro.
d. *o Zé foi ao cinema, pois o Paulo [~~foi~~] ao teatro.

Assim, embora as explicativas se comportem sob diversos aspectos como as coordenadas (nomeadamente no que diz respeito aos testes de natureza distribucional, à colocação de clíticos no português, e à posição do V no alemão), elas divergem das estruturas de coordenação típicas por não admitirem junção de constituintes não oracionais e por não legitimarem da mesma forma processos de elipse. Trata-se, por conseguinte, de estruturas com um estatuto sintáctico pouco claro, a meio caminho entre a coordenação e a subordinação. Qualquer que seja o seu estatuto sintáctico, parece-me claro que elas se distinguem das subordinadas e que não deverão ser tratadas a par das restantes adverbais.

2.4.5. Conectores causais em português antigo

É curioso que em português antigo (PA) (cf. textos do *Corpus Informatizado do Português Medieval* do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa) existia um conector com características coordenativas - *ca* - que veio a desaparecer. Este só podia introduzir orações em posição final e podia aparecer precedido de pontuação forte (cf. também Mattos e Silva 1989: 689-695):

(165) [...] e mandou a mj~ q(ue) eu me partisse e q(ui)tasse ((L017)) desta demanda q(ue) lhis fazia ca no~ auya hy dereyto ((L018)) segu~do as cartas q(ue) de mj~ te'e'n;

(CIPM, *Chancelaria de D. Afonso III*, CA021, 128rA, sublinh. meu)

(166) Se algu~a molh(er) for uiuuoa que aya senhor auodo ia ou amigo e casar depos morte de seu padre ou d(e) sa madre sen uontade de se(us) irmaos, no~ seya pore~ desh(er)dada. Ca poys que souber[o~] aquel erro e llo soffrero~, no~ e' dereyto que por o casame~to a deuam a deserdar.

(CIPM, *Foro Real*, 103v, sublinhado meu)

(167) [E] empero se gou(er)ne do do padre e da madre, se cu~ au(er) do padre ou da madre o non gaou, non seya teudo de o dar a partir, ca o padre ou a madre semp(re) son teudos de gou(er)nar se(us) fillos.

(CIPM, *Foro Real*, 107r, sublinhado meu)

Ainda em PA os conectores causais *pois* e *pois que* (que podiam ter também um valor temporal equivalente a *depois*) tinham um comportamento diferente daquele que tem *pois* contemporaneamente. As orações por eles introduzidas podiam ocorrer em posição inicial, o que sugere que, nessa altura, estes conectores seriam subordinativos³⁷ (cf. também Mattos e Silva 1989: 699):

(168) Mays se o marido a no~ quis(er) accusar nen er q(ui)s(er) q(ue) seya doutri~ accusada, nenguu no~ seya recebido por accusador en tal feyto, ca poys el quer p(er)duar a ssa molh(er) este peccado, no~ e' dereyto q(ue) outri~ a demande ne~ sub(re) el acuse nenhu~a cousa.

(CIPM, *Foro Real*, 136v, sublinhado meu)

³⁷ Também o conector *puisque* do francês contemporâneo é subordinativo.

(169) Se o que morrer sen manda e sen h(er)deyros naturaes ouuver sobrinhos filhos de se(us) yrmaos ou d(e) sa yrmaa por mayns prouincos todos parta~ a bo~a do tio ou da tya p(er) cabeças p(er)o que os sobrinhos duu yrmaao seya~ mayns ca do outro. Ca poys q(ue) ygaes su~ en grao, ygaes son na partiço~.

(CIPM, *Foro Real*, 111v, sublinhado meu)

(170) E pedia q(ue) poys o d(i)to fra(ncisco) m(art)j(n)z no~ parecia q(ue) o Julgasen po(r) Revel (e) A sa ((L020)) Reuelia q(ue) vise o d(i)to f(ei)to (e) q(ue) fezese o q(ue) fose d(e)r(ei)to´

(CIPM, *Clíticos na História do Português*, CHP14, d. 1370, CHP099, Mosteiro de Vilarinho, Maço 4, 23, sublinhado meu)

Verifica-se, pois, que diacronicamente existe uma flutuação no estatuto dos conectores. Um estudo mais atento colmatando a lacuna temporal que medeia entre os séculos 13 e 14 e o português europeu contemporâneo poderá ajudar a perceber que relação existe entre certos tipos de estruturas de coordenação e de subordinação adverbial. Poderá ainda contribuir para o conhecimento dos mecanismos que levaram ao desaparecimento de *ca* explicativo, assim como da razão pela qual *pois* viu alterado o seu comportamento sintático.

2.5. Concessivas vs. adversativas

A existência de um grupo de estruturas de coordenação que se caracteriza por estabelecer semanticamente um contraste com o estado de coisas descrito na oração dita 'coordenante' não é normalmente posta em causa, ao contrário do que se passa com o grupo das coordenadas explicativas. No entanto, muitos autores observaram a proximidade semântica que existe entre estas estruturas e as subordinadas concessivas (cf. Lopes 1972; Vera Luján 1981; Mazzoleni 1992; Flamenco García 1999).

Todavia, tal como vimos relativamente às explicativas, de um ponto de vista sintático, as adversativas – introduzidas em português por *mas* - têm comportamentos distintos das subordinadas, e das concessivas (ou condicionais-concessivas) em particular – introduzidas por *embora*, *ainda que*, *mesmo que...* - relativamente a:

1. mobilidade (ou anteposição)

- (171) a. Vou comer, embora/ainda que não tenha muita fome. <concessiva>
b. Vou comer, mas não tenho muita fome. <adversativa>
a'. Embora/Ainda que não tenha muita fome, vou comer.
b'. *Mas não tenho muita fome, vou comer.

2. possibilidade de coordenação

- (172) a. Vou visitar-te, apesar de estar a chover e embora/ainda que eu esteja um pouco engripado.
b. *Vou visitar-te, mas está a chover e mas estou um pouco engripado.

3. possibilidade de ligar constituintes não frásicos

- (173) a. ?/*O João comprou uma camisola cara, embora muito bonita.
b. O João comprou uma camisola cara, mas muito bonita.
a'. *O João não gosta da Ana, embora (sim) da Paula.
b'. O João não gosta da Ana, mas (sim) da Paula.

4. colocação dos pronomes clíticos

- (174) a. Vou pedir-lhe desculpa, embora/ainda que me custe.
b. *Vou pedir-lhe desculpa, mas me custa.
a'. *Vou pedir-lhe desculpa, embora/ainda que custe-me.
b'. Vou pedir-lhe desculpa, mas custa-me.

As adversativas distinguem-se das estruturas de coordenação prototípicas (*e* e *ou*):

i) por não permitirem coordenação de mais do que dois membros

- (175) O João compôs a música, (?e) escreveu a letra, e interpretou a canção.
(176) O João (ou) compôs a música, ou escreveu a letra, ou interpretou a canção.
(177) *O João não compôs a música, mas escreveu a letra, mas interpretou a canção.

ii) por apresentarem maiores restrições do que as copulativas à omissão do sujeito, nas línguas de sujeito não nulo:

- (178) a. He has been successful in Hollywood and (he) has worked with several directors.

- b. He has been successful in Hollywood but ??(he) has worked with only one director.

Contudo, uma vez mais, estas restrições são compreensíveis, tendo em conta o valor semântico da conjunção *mas*.

Uma outra propriedade formal que distingue concessivas de adversativas, em línguas como o português, é o **modo verbal**: nas adversativas, o verbo está normalmente no indicativo; nas concessivas, está no conjuntivo:

- (179) a. Vou comer, embora/ainda que não tenha muita fome.
 a'. *Vou comer, embora/ainda que não tenho muita fome.
 b. *Vou comer, mas não tenha muita fome.
 b'. Vou comer, mas não tenho muita fome.

No seguinte quadro, estão resumidos os comportamentos dos conectores concessivos-adversativos e também da conjunção coordenativa típica *e* de forma a contrastar resultados:

Quadro 3: Estatuto coordenativo/subordinativo dos conectores adversativos e concessivos

conjunções adversativas/ concessivas	testes sintácticos			
	possibilid. de ocupar posição inicial	possibilid. de ser coorden. ³⁸	possibilid. de ligar constit. não frásicos ³⁹	posição dos clíticos: próclise
<i>e</i>	*	*	√	*
<i>mas</i>	*	*	√	*
<i>embora</i>	√	√	*	√
<i>ainda que</i>	√	√	*	√
<i>mesmo que</i>	√	√	*	√
<i>apesar de</i>	√	√	*	√
<i>se bem que</i>	√	?	*	√

³⁸ A situação menos marcada é aquela em que o conector não é retomado na oração coordenada ou em que apenas as partículas *que* ou *de* são retomadas, o que pode ser explicado por uma estratégia de evitar redundâncias. A coordenação com constituintes diversos é, no entanto, perfeitamente possível:

- i) Embora tivesse chovido muito e (??embora) os campos estivessem gelados, fomos dar um passeio.
- ii) Ainda que esteja a chover e (??ainda) que) faça um frio de rachar, o jogo terá lugar.
- iii) Apesar de estar a chover e (apesar) de estar muito frio, fomos dar um passeio.
- iv) Embora esteja a chover e apesar de eu estar com febre, vou ter de sair.

³⁹ As orações concessivas admitem por vezes a omissão do verbo predicativo:

- i) A Ana é boa aluna, embora um pouco preguiçosa.
- ii) Embora cansada, a Ana resolveu ir à festa.

Vejam agora o que se passa em alemão nas construções adversativas e concessivas:

(180) a. *Wir möchten spazieren gehen, aber das Wetter ist nicht sehr schön.*

Nós queremos passear ir, mas o tempo está não muito bom.

a'. **Wir möchten spazieren gehen, aber das Wetter nicht sehr schön ist.*

Nós queremos passear ir, mas o tempo não muito bom está.

b. **Wir möchten spazieren gehen, obwohl das Wetter ist nicht sehr schön.*

Nós queremos passear ir, ainda que o tempo esteja não muito bom.

b'. *Wir möchten spazieren gehen, obwohl das Wetter nicht sehr schön ist.*

Nós queremos passear ir, ainda que o tempo não muito bom esteja.

Verificamos que, tal como tinha acontecido para as causais-explicativas, também nas construções adversativas-concessivas existem em alemão estruturas que têm um comportamento típico de coordenadas e estruturas que têm um comportamento típico de subordinadas: nas adversativas, introduzidas por *aber*, o V ocorre em segunda posição; ao passo que nas concessivas, introduzidas por *obwohl* ou *obgleich*, o V ocorre em posição final.

Podemos assim concluir que, apesar da proximidade semântica entre adversativas e concessivas, de um ponto de vista exclusivamente sintático, é justificável a identificação de estruturas de coordenação adversativas, distintas das estruturas de subordinação concessivas.

2.6. Subordinação semântica vs. subordinação sintática: uma nota sobre a arquitectura da gramática

Os 'desajustes' entre as componentes sintática e semântica, que as orações causais e explicativas ilustram (e de que veremos mais alguns exemplos adiante), são particularmente interessantes, na medida em que podem dar-nos indicações sobre a arquitectura da gramática e sobre o modo como as várias componentes se relacionam. Assim, parece claro que dependência semântica não implica necessariamente dependência sintática (embora possa ter reflexos na sintaxe). Pelo contrário,

dependência sintáctica parece implicar sempre dependência semântica. Ora, num modelo em que as derivações sintácticas servem de 'input' à componente interpretativa (cf. Chomsky 1995), a existência de estruturas com o mesmo tipo de interpretação semântica, mas com diferentes estruturas sintácticas é de alguma forma inesperada.

De facto, na arquitectura da gramática do Modelo de Princípios e Parâmetros, em particular na sua versão minimalista, as unidades necessárias à formação de uma frase são retiradas do léxico numa só operação, e são agrupadas progressivamente duas a duas na sintaxe de acordo com propriedades de selecção das unidades lexicais. A estrutura derivacional daí resultante é enviada para as componentes fonológica e semântica simultaneamente. Se a interpretação de uma estrutura na componente conceptual-intencional for exclusivamente o resultado da estrutura sintáctica, diferentes estruturas sintácticas deveriam dar origem a diferentes 'leituras' semânticas.

No entanto, parte da interpretação semântica é naturalmente condicionada por propriedades ou traços semânticos específicos dos itens lexicais. Os desajustes verificados seriam assim o resultado de diferenças existentes ao nível lexical e não ao nível estrutural. Assim, um conector causal como *pois* estará especificado no léxico como coordenador sintáctico, embora tenha um traço semântico causal. Um conector como *porque* será ambíguo entre coordenador e subordinador. Deste modo, a dependência ao nível sintáctico/estrutural será uma consequência de propriedades de natureza categorial associadas às diferentes unidades lexicais. O contributo da estrutura para a interpretação da frase complexa será, nesta perspectiva, relativamente diminuto.

Existem, contudo, construções em que os desajustes entre estrutura e interpretação não são facilmente explicáveis através de diferenças a nível lexical. Trata-se das comparativas correlativas estudadas para o inglês por Culicover & Jackendoff 1999⁴⁰ (cf.(181)), e ainda de outras estruturas que não são introduzidas por conectores e que parecem estar na fronteira entre a coordenação e a subordinação (cf. (182) e (183))⁴¹:

⁴⁰ Culicover & Jackendoff 1997 estudam uma estrutura com características próximas destas:

- i) One more can of beer and I'm leaving.
- ii) You drink another can of beer and I'm leaving.

⁴¹ Veja-se que também as coordenadas disjuntivas correlativas do tipo *ou...ou...*, que desencadeiam a próclise no primeiro membro, envolvem claramente dependência semântica, podendo ser parafraseadas por uma frase complexa contendo uma subordinada condicional:

- i) Ou te sentas ou ponho-te de castigo.
- ii) Se não te sentas, ponho-te de castigo.

- (181) Quanto mais como, mais fome tenho.
- (182) Tivesse eu menos vinte anos, poderia dormir descansado.
- (183) Era eu criança, já a minha a mãe passava os dias a chorar.
- (184) 'Fora eu rico, Senhor, e muito Vos daria, mas sei que nada valho.'

Nas estruturas finitas sem conector, que semanticamente podem ter interpretações condicionais ou temporais, existe inversão sujeito-verbo obrigatória, contrastando com as orações conjuncionais correspondentes, em que a inversão é excluída. No entanto, no caso das orações sem conjunção e com inversão sujeito-verbo, a matriz pode ser precedida de uma conjunção de coordenação, o que é completamente impossível com as estruturas com orações conjuncionais. Isto pode levar-nos a questionar o estatuto de subordinação das orações sem conector:

- (185) a. Tivesse eu menos vinte anos, (e) poderia dormir descansado.
 a'. *Eu tivesse menos vinte anos, poderia dormir descansado.
 b. Se eu tivesse menos vinte anos, (*e) poderia dormir descansado.
 b'. *Se tivesse eu menos vinte anos, poderia dormir descansado.
- (186) a. Era eu criança, (e) já a minha a mãe passava os dias a chorar.
 a'. ?*Eu era criança, já a minha mãe passava os dias a chorar.
 b. Quando eu era criança, (*e) já a minha mãe passava os dias a chorar.
 b'. *Quando era eu criança, já a minha mãe passava os dias a chorar.

Note-se que, neste aspecto, as orações sem conector e com inversão sujeito-verbo se distinguem das orações gerundivas e participiais, também elas sem conector. Embora em português europeu padrão as gerundivas exijam também a inversão do sujeito, a matriz não pode ser antecedida de uma conjunção de coordenação:

- (187) Chegando o Zé a casa, (*e) ligará a televisão.
- (188) Estando eu a viver em Paris, (*e) ouvi essa notícia.

Estes contrastes sugerem que as orações gerundivas são estruturas de subordinação, ao passo que o estatuto das orações finitas não conjuncionais é menos claro.

No entanto, ao contrário do que Culicover & Jackendoff 1997 referem para

estruturas próximas destas no inglês, em português é melhor a extração de uma subordinada canónica do que das estruturas oracionais não conjuncionais:

(189) a. ??Este é o carro que quando o João comprou, a Luisa ficou contentíssima.

a'. ??Este é o carro que se o João comprar, a Luisa ficará contentíssima.

b. *Este é o carro que tinha eu acabado de comprar, (e) já me estavam a multar.

b'. *Este é o livro que tivesse eu lido, (e) o exame teria corrido melhor.

(190) a. ??O que é que quando o João comprou, a Luisa ficou contentíssima?

a'. ??O que é que se o João comprar, a Luisa ficará contentíssima?

b. *O que é que tinha eu acabado de comprar, (e) já me estavam a multar?

b'. *O que é que tivesse eu lido, (e) o exame teria corrido melhor?

Haveria assim que estudar as propriedades desta construção para determinar até que ponto se trata de uma estrutura subordinada ou coordenada de um ponto de vista sintáctico.

Culicover & Jackendoff (1997, 1999) propõem que existe uma componente sintáctica autónoma e uma componente conceptual autónoma, cada uma delas sujeita a princípios próprios. Segundo os autores, é possível distinguir dois tipos de condições: i) condições sintácticas genuínas que regulam a forma das expressões; ii) condições semânticas (com reflexos na sintaxe).

A dependência a nível semântico pode ter reflexos na sintaxe. Por exemplo, os autores defendem, na sequência de Goldsmith 1985, que a Restrição da Estrutura Coordenada ('Coordinate Structure Constraint')⁴² se aplica a estruturas coordenadas semânticamente.

Pode haver subordinação ao nível da estrutura conceptual expressa através de coordenação ao nível sintáctico. Este seria um caso claro de desajuste entre sintaxe e semântica.

⁴² A Restrição da Estrutura Coordenada, identificada desde Ross 1967, corresponde a um Princípio que impede o movimento de constituintes para o exterior dos membros de uma coordenação.

2.7. Conclusões

Nesta secção, procurei mostrar que:

- i) as comparativas e consecutivas, que a NGP inclui na subordinação adverbial, têm propriedades diferentes das restantes adverbiais (o que já tinha sido observado em Peres 1997, e.o.);
- ii) as estruturas de subordinação adverbial se caracterizam por não serem semanticamente seleccionadas, admitirem a anteposição, admitirem a coordenação, desencadearem a próclise e não admitirem a extracção;
- iii) as coordenadas adversativas e explicativas, de um ponto de vista estritamente sintáctico/formal, não são estruturas de subordinação, uma vez que não podem ser antepostas, não admitem a próclise nem a coordenação, e em línguas como o alemão desencadeiam V2;
- iv) existem 'desajustes' entre subordinação semântica e subordinação sintáctica.

Assim, neste trabalho, incluirei as orações temporais, causais, finais, condicionais e concessivas, e ainda algumas outras orações que a tradição gramatical portuguesa geralmente não considera, cuja natureza adverbial será justificada em 3.

Excluirei as estruturas de tipo correlativo (e.g. *quanto mais...mais*), que envolvem fenómenos de quantificação e que alguns autores aproximaram formalmente da coordenação (cf. Culicover & Jackendoff 1999 - que as designam de 'comparativas correlativas'), assim como as estruturas que não têm algumas das propriedades associáveis às subordinadas adverbiais, i.e. comparativas, consecutivas, coordenadas causais/explicativas e outras estruturas sem mobilidade (e.g. temporais pospostas com função narrativa).

3. As orações adverbiais introduzidas por conectores: orações finitas e infinitivas

3.1. Introdução

As orações subordinadas adverbiais são classificadas tradicionalmente de acordo com critérios semânticos (i.e. distingue-se adverbiais temporais, causais, finais, etc...) e de acordo com as propriedades flexionais da forma verbal que nelas ocorre. Distingue-se assim tradicionalmente orações finitas (ou 'desenvolvidas', cf. Cunha & Cintra 1984) de orações não finitas, a que nalgumas gramáticas se chama 'reduzidas' (cf. Cunha & Cintra 1984: 605), i.e. todas as orações em que o verbo se encontra numa forma dita 'nominal' - infinitivo, gerúndio e participípio.

Esta classificação tradicional apresenta vários problemas. Por um lado, ao utilizar a designação 'reduzidas', a gramática tradicional deixa implícito o facto de as orações não finitas serem de alguma forma estruturas truncadas, o que é discutível. Por outro lado, afasta as infinitivas das finitas, quando existem vários factores que as aproximam e as distinguem das gerundivas e participiais.

Em português, as orações finitas aproximam-se das orações infinitivas e distinguem-se de gerundivas e participiais quanto a alguns aspectos, nomeadamente:

- a sua distribuição: subordinadas finitas e infinitivas, exceptuando os casos de modificação nominal, ocorrem essencialmente no mesmo tipo de contextos sintácticos, i.e. como sujeito oracional, como complemento; ao passo que gerundivas e participiais não surgem nesses contextos;
- o facto de as orações finitas e infinitivas em contextos em que desempenham funções de adjunto serem sempre introduzidas por um conector (seja ele um 'nexo subordinativo' ou um elemento de natureza preposicional), ao passo que gerundivas e participiais não são geralmente introduzidas por conectores.¹

¹ A posição dos clíticos nestas estruturas pode estar relacionada também com o facto de a oração ser introduzida por um conector ou não. Veja-se que nas gerundivas, classificadas como subordinadas, o padrão de colocação dos clíticos em PE é a ênclise, ao passo que nas infinitivas preposicionadas pode encontrar-se ênclise ou próclise:

- i) Tendo-me mentido, pu-lo de castigo./*Me tendo mentido, pu-lo de castigo.
- ii) Por me ter mentido, pu-lo de castigo./?Por ter-me mentido, pu-lo de castigo.
- iii) O João pensava ter-me contado tudo./*O João pensava me ter contado tudo.

Pareceu-me assim que seria mais produtivo para a descrição e para a compreensão das estruturas ditas de subordinação adverbial aproximar orações finitas de infinitivas.

Assim, neste capítulo, vou considerar apenas as orações finitas e infinitivas, procurando dar resposta às seguintes questões:

- que propriedades caracterizam os conectores de orações adverbiais? (§ 3.3.)
- que tipos sintácticos de orações adverbiais existem? (§ 3.4.)
- que relação existe entre a classe sintáctica das orações adverbiais e os conectores que as introduzem? (§ 3.4.4.)
- que posição estrutural ocupam os diversos tipos de orações adverbiais? (§ 3.5.)

No entanto, uma vez que para o PE os trabalhos sobre as estruturas de subordinação adverbial são escassos, farei de seguida (§ 3.2.) uma pequena descrição de alguns aspectos sintácticos e semânticos das várias estruturas que têm sido consideradas neste grupo, sem pretensões de exaustividade, inspirando-me em descrições já feitas para outras línguas (cf. Quirk *et al.* 1985, Renzi & Salvi 1991, Bosque & Demonte 1999).

3.2. Tipos e subtipos semânticos de orações adverbiais: algumas propriedades semânticas e sintáticas

Como foi referido, tradicionalmente, as distinções estabelecidas no interior das orações adverbiais dizem respeito, por um lado, a propriedades morfológicas da forma verbal que nelas ocorre (orações finitas vs. não finitas), por outro lado, a caracterizações de natureza semântica (temporais, causais, finais, condicionais, concessivas, conformativas e proporcionais) (cf. § 2.1.).

A classificação semântica tradicional, no entanto, não é suficiente para dar conta de diferenças de natureza aspectual e interpretativa no interior de cada um dos grupos tradicionais e ignora um conjunto de estruturas com propriedades semânticas diversas que caberia também no conjunto das estruturas de subordinação adverbial. Este 'esquecimento' deve-se em grande parte ao facto de esses outros grupos semânticos incluírem quase sempre orações infinitivas apenas, a que a gramática tradicional frequentemente não atribuía o estatuto de oração.

Assim, inspirando-me em trabalhos como Hengeveld 1998² e Kortmann 1996³, vou seguir nesta secção uma tipologia semântica de orações adverbiais e uma tipologia semântica dos seus conectores diferente daquela que a tradição gramatical portuguesa considera, centrando-me apenas nas orações finitas e infinitivas.

Nas orações subordinadas adverbiais, podem ser identificados pelo menos os seguintes grupos e subgrupos semânticos:

² Hengeveld 1998 considera os seguintes tipos: meio; simultaneidade; causa; motivo; explicação; anterioridade; adição; concessão; finalidade; circunstância potencial; condição potencial; circunstância negativa; circunstância irreal; condição irreal. Cada tipo é classificado de acordo com os seguintes parâmetros: tipo de entidade (ordem zero; 1ª ordem; 2ª ordem; 3ª ordem; 4ª ordem); dependência temporal (referência temporal dependente ou independente); factualidade (factual ou não factual); pressuposição (pressuposto ou não pressuposto).

³ Kortmann (1996: 80-81) refere 32 tipos semânticos diferentes: a. Tempo: tempo simultâneo; duração simultânea; co-extensão simultânea; anterioridade; anterioridade imediata; terminus a quo; posterioridade; terminus ad quem; contingência; b. Relações causais, condicionais, concessivas e afins: causa/motivo; condição 'se'; condição negativa; condição concessiva; concessão; contraste; consequência; finalidade; finalidade negativa; grau/medida; excepção/restricção; c. Modal: modo; semelhança; comentário/concordância; comparação; instrumento/meio; proporção; d. Outros: lugar; substituição; preferência; concomitância; concomitância negativa; adição. Alguns dos tipos que Hengeveld considera, no entanto, têm propriedades particulares que me levaram a afastá-los do grupo das adverbiais adjuntas (cf. § 2.).

- i) orações causais
 - de causa directa (causa/razão/motivação)
 - de causa da enunciação
- ii) orações finais
 - de evento
 - de enunciação
- iii) orações temporais
 - com *quando*
 - com *antes de/que*
 - com *depois de/que*
 - com *ao + infinitivo*
 - com *desde que e até (que)*
 - com *enquanto*
 - com *à medida que*
 - com *sempre que, cada vez que, todas as vezes que*
 - com *assim que, logo que, mal*
- iv) orações condicionais
 - em estruturas monocondicionais (e.g. *se, caso*)
 - em estruturas bicondicionais afirmativas (e.g. *desde que*)
 - em estruturas bicondicionais negativas (e.g. *a não ser que*)
- v) orações concessivas (e.g. *embora, apesar de*)
- vi) orações condicionais-concessivas (e.g. *ainda que, mesmo se*)
- vii) orações de modo (e.g. *como*)
- viii) orações de circunstância negativa (e.g. *sem (que)*)
- ix) orações substitutivas (e.g. *em vez de*)
- x) orações acrescentativas (e.g. *para além de*)
- xi) orações contrastivas (e.g. *enquanto (que)*)
- xii) orações de comentário (e.g. *como*)

Cada um destes grupos caracteriza-se por manifestar diferentes propriedades, que passam, por exemplo, por restrições de natureza aspectual ou temporal, por incompatibilidades com determinadas classes de predicados quer na oração subordinada, quer na oração matriz, por manifestarem diferentes possibilidades de concordância de tempos com a matriz. Como é óbvio, cada um destes tipos, por si só,

poderia merecer um estudo independente. Por conseguinte, a descrição que aqui é feita está necessariamente incompleta e foca apenas alguns dos aspectos destas estruturas. Pareceu-me, no entanto, que passar por cima desta descrição, mesmo muito rudimentar, dificultaria a compreensão da complexidade destas estruturas quando tomadas no seu conjunto.

3.2.1. Orações causais

De um ponto de vista semântico, sob a designação de orações causais poderiam ser tratadas quer as orações causais propriamente ditas quer outro tipo de orações adverbiais como as orações finais, concessivas, e condicionais. Com efeito, em todos estes casos, existe uma relação explícita ou implícita de causalidade ou causa-efeito (ou ausência dela) entre a oração subordinada e a oração matriz. No entanto, aqui considero apenas o subconjunto de orações em que a relação de causalidade é expressa de uma forma mais evidente, e que corresponde às orações designadas nas gramáticas tradicionais de causais e de explicativas. Como vimos já, algumas destas estruturas aproximam-se formalmente das estruturas de coordenação (cf. § 2.).

Neste subconjunto, em que existe geralmente uma ordenação temporal entre os eventos da subordinada e da matriz, ou seja, em que o intervalo de tempo em que decorre o estado de coisas expresso na causal precede o intervalo de tempo em que decorre o estado de coisas expresso na matriz, são normalmente identificados dois grandes tipos de orações que exprimem relações de causalidade: as orações causais propriamente ditas, em que se exprime a causa/razão/motivação do estado de coisas expresso na oração principal, e as orações por vezes chamadas explicativas, em que não há uma relação directa de causalidade relativamente ao estado de coisas expresso na oração principal, sendo antes interpretadas como causa da enunciação.⁴

Nas orações do primeiro tipo, a relação entre matriz e subordinada pode corresponder a uma relação objectiva entre estados de coisas, sendo a subordinada interpretada como causa e a matriz como efeito (cf. (1) e (2)):

⁴ Ver Galán Rodríguez 1999 e Quirk *et al.* 1985 para uma descrição de vários subtipos de causais.

- (1) a. A sala arrefeceu *porque tu deixaste a janela aberta*.
 b. Tu deixaste a janela aberta e isso fez com que a sala arrefecesse
 c. A causa de a sala ter arrefecido foi tu teres deixado a janela aberta.
- (2) a. As flores murcharam *porque ninguém as regou*.
 b. A causa de as flores terem murchado foi ninguém as ter regado.

ou pode expressar a inferência por parte do falante de uma relação entre estados de coisas:

- (3) a. Ela regou as flores *porque estavam secas*.
 b. O facto de as flores estarem secas motivou/ levou a que ela as regasse.
- (4) a. *Como ele gosta muito de ler*, oferecem-lhe livros frequentemente.
 b. O facto de ele gostar muito de ler motiva/ leva a que lhe ofereçam livros frequentemente.
- (5) a. Ele faltou ao jantar *porque não conhecia ninguém*.
 b. O facto de ele não conhecer ninguém levou-o a faltar ao jantar.
 c. A razão/o motivo por que ele faltou ao jantar foi que ele não conhecia ninguém.

Nas orações do segundo tipo, a oração causal exprime a causa da declaração que é feita na oração matriz, funcionando como explicação/motivação para o que é implicitamente dito, mas não como causa directa do estado de coisas expresso na oração matriz:

- (6) a. O João está cá, *porque já vi o carro dele*.
 b. # A causa de o João estar cá foi eu ter visto o carro dele.
 c. # O facto de eu ter visto o carro dele fez com que ele estivesse cá.
 d. O João está cá e eu sei isso porque já vi o carro dele.
 e. A razão por que eu digo que o João está cá é porque já vi o carro dele.
- (7) a. *Já que vais à biblioteca*, podias entregar estes livros por mim?
 b. O facto de tu ires à biblioteca levou-me a perguntar-te se podias entregar estes livros por mim.
- (8) a. *Como a luz está acesa*, o João deve estar em casa.
 b. O facto de a luz estar acesa faz-me achar que o João está em casa.

Este tipo de explicativas, que exprimem uma causa indirecta, são as únicas

possíveis quando a oração matriz é imperativa:

- (9) Fecha a janela, *porque está frio*.
- (10) Atende o telefone, *já que estás aí ao pé*.
- (11) a. Acordei porque o despertador tocou.
b. *Acorda porque o despertador tocou.
c. Acorda, || (por)que o despertador já tocou.

Assim, nestas orações, estabelece-se uma relação com o sujeito da enunciação que não se verifica nas causais do primeiro tipo. Podemos designá-las de causais de enunciação. Note-se que a maioria dos conectores são ambíguos, podendo introduzir causais de vários tipos.

Repare-se que nem sempre os diferentes conectores são intersubstituíveis; cada um deles tem particularidades semânticas. Assim, o conector *já que*, por exemplo, pressupõe uma atitude por parte do falante diferente da de outros conectores causais/explicativos, o que leva a que os diferentes conectores não tenham sempre a mesma distribuição:

- (12) a. *Como* o João está doente, tenho de ficar em casa.
b. ??*Já que* o João está doente, tenho de ficar em casa.
- (13) a. *Como* era muito tarde, o João foi deitar-se.
b. **Já que* era muito tarde, o João foi deitar-se.
- (14) a. *Como* não me contas o que se passou, vou-me embora.
b. *Já que* não me contas o que se passou, vou-me embora.
- (15) a. ?**Como* estás de pé, passa-me o jornal.
b. *Já que* estás de pé, passa-me o jornal.

As orações causais finitas caracterizam-se por terem geralmente o verbo no indicativo:

- (16) a. O João faltou *porque está doente*.
b. *O João faltou *porque esteja doente*.
- (17) a. *Como está doente*, o João não pôde vir.
b. **Como esteja doente*, o João não pôde vir.

A presença do conjuntivo pode ser desencadeada por determinados operadores,

como a negação:

- (18) a. *O João faltou porque estivesse doente.
b. O João faltou não porque estivesse doente, mas porque tinha muito que fazer.

Em português, as orações causais infinitivas apresentam normalmente flexão de pessoa (cf. (19)), podendo ocorrer um sujeito lexical em posição pré-verbal (cf. (20)):

- (19) a. ?*É verdade que ralhaste com os alunos *por não ter feito o exercício*?
b. É verdade que ralhaste com os alunos *por não terem feito o exercício*?
(20) Fiquei desiludido por ele me ter mentido.

Parece existir variação entre os falantes do português quanto à possibilidade de ocorrer o infinitivo não flexionado nestas estruturas (cf. Martins & Nunes 2001):

- (21) a. %Os meninos ficaram de castigo por se ter portado mal.
b. Os meninos ficaram de castigo por se terem portado mal.

Esta é uma questão complexa, que merece uma análise mais detalhada, e que aqui não poderei desenvolver.

Como acontece noutras línguas (e.g. italiano, espanhol, catalão), também em português as causais infinitivas se caracterizam por terem normalmente o verbo no infinitivo simples com verbos estativos e no infinitivo composto com verbos não estativos:

- (22) a. O João faltou às aulas *por estar doente*.
b. *O João faltou às aulas *por adormecer*.
b'. O João faltou às aulas *por ter adormecido*.
(23) a. O João faltou às aulas *porque estava doente*.
b. O João faltou às aulas *porque adormeceu*.

Ocorre o infinitivo composto com verbos estativos quando a causa corresponde a um estado já terminado como em (24)b:

- (24) a. O João sente-se fraco *por estar doente*.
b. O João sente-se fraco *por ter estado doente*.

Caso contrário, o infinitivo composto com verbos estativos dá origem a frases anómalas:

- (25) a. O João adormeceu *por estar muito cansado*.
b. ?*O João adormeceu *por ter estado muito cansado*.
- (26) a. *O João adormeceu *por tomar um calmante*.
b. O João adormeceu *por ter tomado um calmante*.

O infinitivo composto com verbos não estativos explica-se pela relação temporal naturalmente associada também à relação de causa-efeito. A causa é interpretada como sendo temporalmente anterior ao efeito.

As causais infinitivas distinguem-se ainda das causais finitas por ocorrerem de forma não marcada com sujeitos nulos co-referentes com o sujeito da matriz:

- (27) a. O João sorriu *por ter achado graça à anedota*.
b. ?O João sorriu *por a mãe ter achado graça à anedota*.

Quando a referência é disjunta, é preferida a frase com sujeito lexical, no caso de a flexão não identificar o sujeito nulo:

- (28) a. ??O João ralhou com [o filho]_i por [-]_i se ter portado mal.
b. O João ralhou com [o filho]_i por ele_i se ter portado mal.
- (29) a. *O João ralhou com [os filhos]_i por [-]_i se ter portado mal.
b. O João ralhou com os filhos por (eles) se terem portado mal.

O sujeito da matriz é assim o controlador preferencial do sujeito nulo da adverbial infinitiva. Não se trata, no entanto, de uma relação de controlo obrigatória. O sujeito da adverbial infinitiva não precisa de ser controlado, contrariamente àquilo que acontece em contextos de infinitivo não flexionado em que o controlo é obrigatório. São assim gramaticais infinitivas causais com sujeitos expletivos, por exemplo:

- (30) O Zé ficou em casa por estar muito frio.
(31) A sessão começou mais tarde por haver pouca gente na sala.
(32) ?Os alunos ficaram contentes por ter sido anunciado que ia haver greve.

A identificação do sujeito nulo da adverbial infinitiva é feita através de

propriedades morfológicas da flexão e de factores de ordem semântica e pragmática.

Note-se que, apesar de ter considerado aqui todas as estruturas causais/explicativas, não vou considerar como subordinadas as estruturas com comportamentos mais próximos da coordenação, pelas razões que foram referidas em 2.

3.2.2. Orações finais

As orações finais podem ser subdivididas em finais de evento, que expressam a finalidade do estado de coisas descrito na matriz (cf. (33)), e finais de enunciação, estando a oração final, neste caso, a modificar explícita ou implicitamente a própria situação de enunciação (cf. (34)):

- (33) a. O Zé telefonou à mãe *para lhe dizer que já tinha chegado*.
b. O João abriu a janela *para que a sala arrefecesse um pouco*.
- (34) a. *Para ser sincero*, acho que não devias telefonar-lhe.
b. *Para que saibas*, vou ser promovido.

As finais de enunciação manifestam algumas restrições que mostram claramente a sua ligação à situação de enunciação. Com alguns predicados, só é possível o verbo na primeira pessoa:

- (35) a. **Para serem sinceros*, aqueles alunos não vão passar no exame.
b. *Para ser sincero*, aqueles alunos não vão passar no exame.

Ainda, as finais de enunciação nem sempre podem ocorrer em encaixadas:

- (36) a. Para que todos fiquem informados, o Zé disse que aquele aluno vai reprovar.
b. **O Zé disse que, para que todos fiquem informados, aquele aluno ia reprovar*.

Normalmente, as orações finais implicam que na matriz esteja envolvido um argumento animado, dotado de intencionalidade. Veja-se a agramaticalidade das frases a., b. e c. de (37):

- (37) a. *A janela abriu-se para arejar o quarto.⁵
 a'. Abriu a janela para arejar o quarto.
 b. *A chuva caiu para alagar os campos.
 c. *A sopa ferveu para ficar bem quentinha.
 c'. Fervi a sopa para ela ficar bem quentinha.

O argumento dotado de intencionalidade pode ser o sujeito, mas pode também ser o agente da passiva:

- (38) O livro foi comprado (por x) *para todos o poderem consultar*.

No entanto, são também possíveis orações finais com uma oração matriz em que não existe nenhum argumento com traços intencionais. Segundo Landau (2000: 179), isso pode acontecer quando o evento da matriz é interpretado como tendo um carácter intencional (cf. (39)):

- (39) a. Jesus morreu *para nos salvar*.
 b. Esta casa tem uma varanda *para se poder ver o mar*.

Tal como foi dito relativamente às causais, também nas finais o sujeito matriz é o controlador preferencial (mas não obrigatório) do sujeito nulo da adverbial infinitiva. Nos contextos de referência disjunta, é preferida a realização do pronome lexical ou a final finita:

- (40) a. O João_i chamou o Zé_j para [-]_{i/?*} lhe dar uma informação.
 b. O João_i chamou o Zé_j para ele_{j/*i} lhe dar uma informação
 c. O João_i chamou o Zé_j para que (ele)_{j/*i} lhe desse uma informação.
 (41) a. O médico tratou o doente_i para ?*(ele_i) deixar de ter insónias.
 b. O médico tratou os doentes para ??(eles) deixarem de ter insónias.

As finais finitas apresentam obrigatoriamente o verbo no conjuntivo:

⁵ Esta frase pode tornar-se gramatical na interpretação em que *se* não é uma partícula ergativa, mas sim um indefinido, equivalente a um sujeito nulo arbitrário de 3^ap.pl.:

i) Abriu-se a janela para arejar o quarto. (alguém abriu a janela...)
 ii) Abriram a janela para arejar o quarto.

- (42) a. *Tens de te esconder para que ele não te encontra.
 b. Tens de te esconder para que ele não te encontre.

As infinitivas finais em português são estruturas em que ocorre normalmente o infinitivo flexionado, à semelhança do que acontece com a maioria das estruturas de subordinação adverbiais infinitivas, e em que pode ocorrer um sujeito lexicalizado em posição pré-verbal:

- (43) Tens de te esconder para os outros meninos não te encontrarem.
 (44) a. O João telefonou aos pais para eles ficarem mais descansados.
 b. *O João telefonou aos pais para (eles) ficar mais descansados.

Noutras línguas românicas (cf. italiano, catalão), as orações finais podem ser introduzidas pelo mesmo conector que introduz orações causais, o que se explica pela grande proximidade semântica que existe entre estas estruturas (cf. Galán Rodríguez 1999 e Viana 1990).

Em português, dialectalmente, é possível encontrar expressões que tipicamente expressariam a causa - *por causa de* - a introduzir orações finais infinitivas:

- (45) Quando é muito, o pão, a gente começa a deitar assim encostadinho, que é por causa de levar tudo. (Cordial-sin, PST47)
 (46) Aquele buraco enfia no tolete e é que segura o remo direito para poder remar. (...) Sim, que é por causa de o remo não andar a dançar. (Cordial-sin, VPA02)
 (47) Aquilo é por causa de as feiticeiras não entrar lá dentro. (Cordial-sin, VPA38)⁶

Encontram-se ainda em registos não standard expressões como *por via de*, *por mor de...* com sentido final.

- (48) O boi bufou ò menino por mor di o quentar (Germil, Peixoto 1968: 192)
 (49) Abia-te por mor d'irmos à missê (Quadrazais, Braga 1971: 177)
 (50) ...que é por via de a sela não caminhar para a frente. (Cordial-sin, FLF50)

⁶ Dialectalmente, pode encontrar-se o infinitivo não flexionado nalgumas adverbiais, mesmo com sujeito expresso.

Na realidade, existe uma forte proximidade entre orações finais e causais (cf. Galán Rodríguez 1999 e Viana 1990). Isto explica que, em muitas línguas, um mesmo conector possa introduzir quer umas quer outras, sendo muitas vezes o tempo, o aspecto ou o modo verbais os responsáveis pela interpretação causal ou final. Isto acontece em italiano (cf. (51)), em catalão (cf. (52)), em algumas variedades dialectais do português (cf. (53) e (54)), e em muitas outras línguas da Europa (cf. Kortmann 1998).

- (51) a. Il direttore è stato trasferito *per far lavorare di più i collaboratori*. (final)
b. Il direttore è stato trasferito *per aver fatto lavorare di più i collaboratori*.
(causal)

(Giusti 1991: 744)

- (52) a. Han protestat davant la direcció *per aconseguir un canvi en el torn de vacances*. (final)
b. Han protestat davant la direcció *per permetre aquells abusos*. (causal)

(Viana 1990: 375)

- (53) s'eu bou à bossa festa é *por cantar e balhar*

(Quadrazais, Braga 1971: 177)

- (54) ... e iim *por buscar a gente stevess'a gent'onde stevesse*

(Escusa, Baptista 1967: 156)

Nas orações finais, a relação de ordenação temporal entre matriz e subordinada é invertida, i.e., é oposta àquela que se verifica para as causais: o tempo da subordinada é sempre posterior ao tempo da matriz. A orientação da relação causa/efeito é alterada.

Isto explica a razão pela qual o infinitivo composto não aparece geralmente em finais (cf. (55)), a não ser que a matriz tenha um V modal no futuro do pretérito, sendo o evento da final interpretado como não tendo sido realizado (cf. (56)):

- (55) a. *A Ana está em casa para ter feito companhia à mãe durante a tarde.
b. A Ana está em casa para fazer companhia à mãe durante a tarde.

- (56) ?A ana teria de ter trabalhado mais para ter conseguido uma nota melhor.

Devem ser distinguidas das adverbiais finais as orações introduzidas por *para* seleccionadas por predicados como *pedir* ou *dizer*, que não têm um estatuto de adjunto:

- (57) a. O João pediu à Ana *para sair*.
b. O João disse ao Zé *para se portar bem*.

Estas orações distinguem-se das finais adjuntas por admitirem a extracção de um seu constituinte (cf. (58)b vs. (59)b.):

- (58) a. O João pediu à Ana *para comer um palmier*.
b. *Que bolo é que o João pediu à Ana para comer?*
- (59) a. O João comeu a sopa toda *para poder comer um palmier*.
b. **Que bolo é que o João comeu a sopa toda para poder comer?*

Podem ainda alternar com completivas finitas e não admitem a omissão da oração introduzida por *para* (cf. (60)), o que não acontece com as finais adjuntas (cf. (61)):

- (60) a. O João pediu à Ana *para sair*.
b. O João pediu à Ana *que saísse*.
c. *O João pediu à Ana.
- (61) a. O João abriu a janela *para o quarto arrefecer*.
b. *O João abriu a janela *que o quarto arrefecesse*.
c. O João abriu a janela.

Estes contrastes mostram claramente que nem todas as orações introduzidas por *para* devem ser consideradas adjuntas.

3.2.3. Orações temporais⁷

Semanticamente, as orações temporais formam um grupo heterogéneo, incluindo uma diversidade de estruturas com valores temporais e aspectuais distintos. Manifestam assim diferentes restrições de natureza temporo-aspectual, nomeadamente quanto à classe aspectual (*Aktionsart*) quer do predicado da subordinada, quer do predicado da

⁷ Agradeço a Telmo Mória pelos comentários que fez a uma versão anterior desta secção, que me levaram a reformular uma série de observações, assim como pelas indicações bibliográficas que me forneceu.

matriz. Apesar de todas as subordinadas adverbiais temporais poderem caracterizar-se como adverbiais de localização (cf. Kamp & Reyle 1993), servindo, por conseguinte, para localizar o evento da matriz relativamente ao evento da subordinada, é possível estabelecer subdivisões que estão pelo menos parcialmente relacionadas com a natureza do conector que as introduz. Como é óbvio, não é objectivo deste trabalho fazer uma análise exaustiva da semântica das temporais. Vou, no entanto, referir alguns aspectos da semântica específica das orações introduzidas por cada conector, baseando-me, tanto quanto possível, naquilo que é dito na literatura.

i) temporais com *antes de/que* e *depois de*

Um subconjunto de orações temporais permite localizar o intervalo de tempo em que decorre o estado de coisas da matriz, marcando-o como sendo anterior (*antes de* + inf.) ou posterior (*depois de* + inf...) ao intervalo de tempo em que decorre o evento da subordinada⁸:

(62) O Zé arrumou os brinquedos *antes de o pai chegar a casa*.

(63) O Zé arrumou os brinquedos *depois de o pai chegar a casa*.

As temporais introduzidas por *antes*, para além do valor temporal, podem adquirir um traço semântico adicional, que implica uma leitura não factual, i.e. em que o evento da subordinada não é realizado.

Essa leitura parece ser senão exclusiva, pelo menos preferencial, para as orações com <*antes que* + conj.>. Estas parecem ter uma modalidade particular que implica não só a irrealidade do evento da subordinada, como também, até certo ponto, uma intencionalidade associada a um argumento agente, o que resulta, quando essa leitura não é possível, num desvio de gramaticalidade (cf. (69)b):

(64) Vamos apanhar os brinquedos, *antes que o pai chegue a casa e tenha um ataque*.

(65) O João atravessou a rua *antes que eu tivesse tempo de o agarrar*.

(66) O director resolveu convocar uma reunião *antes que as coisas piorassem*.

⁸ Parece-me que o uso das orações introduzidas pelo conector *depois que*, referido em várias gramáticas, deixou de ser produtivo em português europeu padrão. O seu comportamento, no entanto, não parece diferir substancialmente das infinitivas com *depois de*.

Em determinados contextos, essa mesma leitura parece poder ocorrer com <antes de + inf.>:

(67) O João atravessou a rua *antes de eu ter tempo de o agarrar*.

No entanto, é claro que existe um contraste entre finitas e infinitivas, uma vez que elas nem sempre têm a mesma distribuição. Veja-se os contrastes entre as seguintes frases:

(68) a. Arruma os brinquedos, *antes que o pai se zangue!*

b. *Arruma os brinquedos, *antes de o pai se zangar!*

(69) a. O sinal tocou *antes de o combóio passar*.

b. ??/*O sinal tocou *antes que o combóio passasse*.

ii) temporais com *desde que* e *até (que)*

Um outro tipo de temporais delimita a fronteira temporal inicial ou terminal do estado de coisas descrito na subordinada, localizando o evento da matriz relativamente a esse intervalo de tempo⁹. As temporais com *desde que* marcam o limite temporal inicial do estado de coisas da matriz ou o limite inicial do intervalo de tempo durante o qual o evento da matriz tem lugar. As temporais com *até + inf.* (e *até que*) marcam o limite temporal terminal do estado de coisas da matriz ou o limite terminal do intervalo de tempo durante o qual o evento da matriz tem lugar (cf. Móia 1995):

(70) O Zé está a chorar *desde que chegou a casa*.

(71) O Zé usou chucha *até entrar para o infantário*.

Normalmente, o evento da matriz caracteriza-se por ter duração, correspondendo a um estado ou a um processo (na tipologia de Moens & Steedman 1988).

(72) a. O bebé gritou *até que alguém lhe desse a chupeta*.

b. O bebé gritou *até chegar a casa*.

(73) O João está deitado *desde que chegou a casa*.

⁹ Em Móia 1995 são descritas várias propriedades das expressões em que ocorrem *desde* e *até*, analisando-se casos em que se verificam situações aparentemente excepcionais, como por exemplo a ocorrência de eventos pontuais na matriz ou de eventos não pontuais na subordinada.

No entanto, podem ocorrer eventos instantâneos (*achievements*) quando o evento pode ser interpretado como iterado, por exemplo (cf. Mória 1995):

- (74) a. *Desde que estou aqui a viver, o meu vizinho morreu.
b. Desde que estou aqui a viver, já morreram três pessoas.

Por sua vez, as orações seleccionadas por *desde* ou *até* também estão sujeitas a restrições aspectuais. No caso não marcado, correspondem a eventos pontuais, que assinalam a fronteira inicial ou final do estado de coisas prolongado da matriz:

(75) O Zé está a dormir *desde que chegou a casa*.

(76) O Zé chorou *até chegar a casa*.

Podem também corresponder a estados ou a *accomplishments* (cf. Vendler 1967), mas, neste caso, como refere Mória 1995, estamos perante uma mudança de classe aspectual: os estados de coisas passam a ter uma interpretação de *achievements*, na medida em que é o limiar inicial do estado ou o ponto final - culminação - do *accomplishment* que são relevantes e não toda a extensão temporal:

(77) O Paulo vive em Paris *desde que está reformado*.

(78) O Paulo viveu em Paris *até ser adulto*.

(79) O Paulo vive em Paris *desde que escreveu o seu último romance*.

(80) ?O Paulo viveu em Paris *até escrever o seu último romance*.

(exs. de Mória 1995: 355)

As temporais com *desde* têm ainda a particularidade sintáctica de permitirem a ocorrência de um complementador antes da frase matriz quando estão em posição inicial. O valor da temporal com e sem o complementador é diferente, o que se traduz no facto de a omissão ou presença do complementador provocar diferentes juízos de gramaticalidade:

(81) Desde ontem *(que) não como nada.

(82) Desde que começou o verão (que) o rio está assim.

(83) Desde que os pais se separaram (que) o Zé nunca mais foi o mesmo.

(84) Desde que Israel ocupou aqueles territórios (*que) já houve inúmeros

atentados.

Estes contrastes sugerem diferentes estruturas para as frases com e sem complementador.

iii) temporais com *sempre que, todas as vezes que e cada vez que*

As orações temporais introduzidas por *sempre que, todas as vezes que, cada vez que* quantificam temporalmente o evento da matriz, estabelecendo uma correlação com o evento da subordinada (cf. Swart 1993). Estas temporais indicam geralmente que o evento da matriz ocorre com a mesma frequência com que ocorre o evento da subordinada, e que há sobreposição dos dois intervalos de tempo (estando o evento da matriz incluído no intervalo de tempo definido pela subordinada) ou contiguidade temporal entre os dois eventos (sendo o evento da matriz imediatamente posterior ao da subordinada):

(85) O João liga a televisão *sempre que chega a casa*.

(86) O Zé cora (*de*) *cada vez que lhe dirigem a palavra*.

(87) O Zé falta às aulas *sempre que está a chover*.

Observem-se, a título de exemplo, os seguintes contrastes:

(88) a. *O João morre *sempre que tem um exame*.

b. O João adoece *sempre que tem um exame*.

Os contrastes entre as frases a. e b. de (88) mostram que as temporais com *sempre* parecem ser incompatíveis com orações matriz cujos predicados denotam eventos que, por definição, são únicos. Veja-se, no entanto, que a oração se torna possível se o evento adquirir um valor genérico:

(89) As flores morrem *sempre que ficam com falta de água*.

As orações introduzidas por *sempre* parecem aproximar-se semanticamente do valor que tem o advérbio *sempre* na frase seguinte. Veja-se a proximidade entre as frases a. e b.:

(90) a. *Quando está a chover*, o Zé falta *sempre* às aulas.

b. O Zé falta às aulas *sempre que está a chover*.

Sempre, neste contexto (veja-se Ambar, Gonzaga & Negrão 2002), funciona assim como um operador temporal de correlação de eventos. A oração que introduz parece comportar-se como uma relativa que restringe o valor quantificacional do Adv.

Este comportamento não é exclusivo do Adv *sempre*. Como veremos, pode admitir-se o mesmo tipo de relação sintáctica para conectores como *logo que*.

Voltarei à estrutura sintáctica dos conectores de adverbiais mais à frente.

iv) temporais com *enquanto*

As orações temporais introduzidas por *enquanto* localizam o intervalo de tempo em que decorre o evento da matriz como estando incluído no intervalo de tempo da subordinada ou como sendo totalmente sobreposto ao intervalo de tempo da subordinada, o que implica geralmente que o evento da subordinada tenha alguma duração.

(91) *Enquanto o João corrigiu os testes*, o Pedro viu os desenhos animados.
(sobreposição total)

(92) *Enquanto o João estava a dormir*, a Lúcia chegou. (inclusão)

Há alguns contextos em que a oração perde o valor temporal e passa a funcionar como contrastiva (cf. Peres 1997 e.o. para a identificação das contrastivas), nomeadamente quando ocorrem na subordinada predicados que denotam eventos instantâneos como em (93):

(93) *Enquanto o João chegou*, o Paulo saiu.

Nas temporais com *enquanto*, o intervalo de tempo do evento da matriz pode estar incluído no intervalo de tempo do evento da subordinada ou pode haver sobreposição total entre os dois intervalos de tempo. O evento da subordinada é geralmente perspectivado como sendo prolongado, i.e. como tendo duração:

(94) O João adormeceu *enquanto a mãe lhe cantava uma cantiga*.

(95) Os avós tomaram conta do Zé *enquanto os pais estiveram fora*.

De um ponto de vista sintáctico, as orações com *enquanto*, pelo menos em alguns contextos, parecem ter um comportamento de relativas livres (cf. Alves 1999: 58), à

semelhança do que acontece com as orações introduzidas por *quando*. O carácter relativo das orações introduzidas por *quando*, bem como das orações de modo com *como*, foi defendido especificamente para o português em Mória 2001.

Reservo a discussão do estatuto gramatical deste conector para mais tarde.

Como me foi dito por T. Mória (c.p.), existem, no entanto, contextos em que a subordinada com *enquanto* não tem um comportamento de adverbial de duração:

(96) O Zé acabou de escrever a carta *enquanto eu estive a falar*.

Nesta frase, a subordinada adverbial não é parafraseável com um adverbial de duração '*durante x tempo*', uma vez que o evento da matriz é pontual:

(97) *O Zé acabou de escrever a carta *durante duas horas*.

Note-se, contudo, que é possível parafrasear a adverbial através de uma expressão em que o argumento temporal seleccionado pela P *durante* está modificado por uma relativa:

(98) O Zé acabou de escrever a carta *durante o tempo em que eu estive a falar*.

Assim, embora as subordinadas com *enquanto* não sejam equivalentes a adverbiais de duração, elas parecem ter um comportamento equivalente ao das expressões em que *durante* selecciona uma expressão nominal modificada por uma relativa '*durante x tempo em que...*', como observa Alves 1999. A autora refere que nestas expressões o núcleo do complemento de *durante* designa uma quantidade de tempo e não um intervalo de tempo. De acordo com a autora, os localizadores temporais com *durante* impõem uma restrição de duratividade na situação descrita na relativa. Parece-me que é exactamente isso que acontece na maioria das orações introduzidas por *enquanto*.

Ainda em contextos como o de (99), a adverbial não se comporta como um adverbial de duração (ou de medição temporal). De acordo com Mória (1995, 1999), trata-se de contextos em que existe 'verificação total do intervalo de localização':

(99) O Paulo teve dois acidentes *enquanto a Ana esteve internada*.

Estas adverbiais comportam-se como as adverbiais introduzidas por *durante*

seguido de uma expressão temporal modificada por uma relativa:

(100) O Paulo teve dois acidentes *durante o tempo que a Ana esteve internada*.

Existem, contudo, alguns contextos em que *enquanto* parece ter um comportamento diferente. Trata-se de contextos como os seguintes:

(101) Não vos conto a história *enquanto não estiverem sentados*.

(102) Não saio da sala *enquanto a sessão não acabar*.

(103) Não posso sair *enquanto o Zé não chegar*.

Aqui a subordinada não é parafraseável por *durante o tempo em que*:

(104) *Não vos conto a história *durante o tempo em que não estiverem sentados*.

A subordinada parece definir um limite temporal para o evento da matriz (recategorizado como estado pela presença da negação), aproximando-se de uma subordinada com *até*:

(105) Não vos conto a história *até que estejam sentados*.

Por outras palavras, a negação da matriz parece comportar-se como uma partícula focalizadora, incidindo sobre a subordinada, sendo a frase parafraseável por:

(106) Conto-vos a história, *mas não enquanto não estiverem sentados*.

v) temporais com *à medida que*

As orações introduzidas por *à medida que* exprimem que um determinado evento (o da matriz) sofre uma mudança (ou intensificação de um estado) que é gradual e progressiva no tempo, sobrepondo-se temporalmente a outro evento - o da subordinada - que também ele implica uma progressão:

(107) *À medida que nos aproximamos da fronteira*, a paisagem fica mais agreste.

(108) *À medida que o João lhe contava a história*, a Ana ia ficando cada vez mais sonolenta.

(109) *À medida que o tempo passa*, a angústia da Ana aumenta.

Note-se que algumas destas frases podem ser parafraseadas com comparativas

correlativas:

(110) Quanto mais nos aproximamos da fronteira, mais a paisagem fica agreste.

(111) Quanto mais o tempo passa, mais a angústia da Ana aumenta.

Tanto na subordinada, como na matriz, não ocorrem geralmente eventos pontuais, nem predicados estativos. Podem, no entanto, ocorrer eventos pontuais quando estes são encarados no seu processo preparatório.

(112) **À medida que o João estava magro*, a mãe ficava cada vez mais preocupada.

(113) *À medida que o João vai emagrecendo*, a mãe fica cada vez mais preocupada.

(114) **À medida que o João chega a casa*, o Pedro sai.

A agramaticalidade do seguinte exemplo comprova que se trata aqui de uma 'proporção' temporal e não de uma 'proporção' de quantidade:

(115) **À medida que o João é grande*, o Pedro é pequeno.

Este tipo de orações é classificado nas gramáticas brasileiras como 'orações proporcionais' a par de outras estruturas de tipo correlativo com comportamentos (sintáticos e semânticos) diferentes, como por exemplo *quanto mais...mais...*, *quanto menos...menos...*. Estas estruturas, que envolvem sempre uma quantificação e em que existe uma correlação entre a oração matriz e a oração dita subordinada, são mais facilmente aproximáveis das estruturas comparativas. Culicover & Jackendoff 1999 designam-nas de 'comparativas correlativas' e põem em causa inclusivamente o seu estatuto subordinativo (cf. § 2.6.). As comparativas correlativas, ao contrário das orações introduzidas por *à medida que*, não têm um valor exclusivamente temporal:

(116) a. Quanto mais baixo se é, mais dificuldade se tem em ver.

b. **À medida que se é baixo*, tem-se mais dificuldade em ver.

(117) a. Quanto mais apostas fizeres, maior é a probabilidade de ganhares.

b. **À medida que fazes apostas*, maior é a probabilidade de ganhares.

Assim, quanto a mim, apenas um subconjunto das estruturas classificadas como

'proporcionais' nas gramáticas brasileiras deve ser aproximado das orações temporais.

vi) temporais com *logo que, assim que e mal*

As orações temporais introduzidas pelos conectores *assim que, logo que e mal* têm a particularidade de localizarem o estado de coisas da matriz relativamente a um evento, geralmente pontual, que ocorre num intervalo de tempo imediatamente anterior àquele em que ocorre o evento da matriz. Também o estado de coisas da matriz, geralmente, não é estativo:

(118) *Logo que chega da escola*, o Zé liga a televisão.

(119) *Assim que chega da escola*, o Zé liga a televisão.

(120) *Mal chega da escola*, o Zé liga a televisão.

São assim geralmente excluídos destas subordinadas predicados que denotam eventos de carácter durativo, tais como estados ou processos (actividades, na tipologia de Vendler 1967). Quando ocorrem estados ou processos, estes são interpretados como denotando o limiar inicial desse estado ou processo e não o estado ou processo em si:

(121) *Assim que estiveres em Paris*, telefona-me.

(122) *Logo que o João esteja em casa*, poderemos começar a jantar.

Veja-se ainda os seguintes contrastes entre frases com predicados de estado ou de processo (exemplos a.) e predicados que denotam eventos instantâneos (exemplos b.):

(123) a. ?*Mal está cansado*, o Pedro senta-se.

b. *Mal fica cansado*, o Pedro senta-se.

(124) a. ?*Logo que corre*, o Pedro fica com falta de ar.

b. *Logo que começa a correr*, o Pedro fica com falta de ar.

(125) a. ??*Mal gosta de alguém*, o Zé descontrola-se.

b. *Mal se apaixona por alguém*, o Zé descontrola-se.

(126) a. **Assim que dorme*, o Pedro tem pesadelos.

b. *Assim que adormece*, o Pedro tem pesadelos.

vii) temporais com *ao* + infinitivo

As temporais com <*ao* + infinitivo> localizam o estado de coisas da matriz como sendo temporalmente sobreposto ao da subordinada, ou imediatamente posterior ao da subordinada.

(127) *Ao chegar a casa*, o Zé viu que a porta tinha sido forçada.

(128) *Ao correr*, o Zé sentiu-se mal.

São normalmente excluídos desta construção os verbos estativos:

(129) **Ao estar de cama*, o Zé pôde pensar melhor na sua vida.

O infinitivo composto não ocorre nestas construções com sentido temporal. Quando ocorre, a construção adquire um valor causal:

(130) a. *Ao fazer o exame*, o Zé sentiu-se mal.

b. **Ao ter feito o exame*, o Zé sentiu-se mal.

(131) a. *Ao abrir a caixa*, Pandora libertou os males do mundo.

‘Quando abriu a caixa, ...’

b. *Ao ter aberto a caixa*, Pandora libertou os males do mundo.

‘Por ter aberto a caixa, ...’/# ‘Quando abriu a caixa ...’

A leitura causal pode ser desencadeada por outros factores ainda, tais como a presença da negação ou a classe aspectual do verbo (estativo):

(132) *Ao não responder à questão que lhe colocaram*, aquele político deixou implícita a sua posição.

(133) ?*Ao ser antipático*, o Zé afasta todos os seus amigos.

Nestas orações, o sujeito é geralmente omissa e co-referente com o sujeito da matriz:

(134) **Ao o Zé abrir a porta*, (o Paulo) apanhou um susto.

(135) **Ao ele abrir a porta*, (o Paulo) apanhou um susto.

(136) *Ao abrir o Zé a porta, (o Paulo) apanhou um susto.

(137) *Ao abrir a porta*, o Zé apanhou um susto.

(138) *Ao tossir*, o Zé sentiu uma dor forte no peito.

Pode, no entanto, ser realizado - em posição pós-verbal - quando se trata de um verbo inacusativo:

(139) *Ao chegar a encomenda*, o Paulo deu um grito de alegria.

(140) **Ao tossir o João*, o Paulo assustou-se.

viii) temporais com *quando*

De todos os conectores temporais, *quando* é aquele cujo valor é menos específico. Assim, as orações com *quando* podem exprimir anterioridade (cf. (143)), simultaneidade (cf. (142)) ou posterioridade (cf. (141)) relativamente à matriz (cf. Cunha 2000):

(141) *Quando construíram a nova ponte*, contrataram arquitectos famosos.

(142) *Quando construíram a nova ponte*, usaram materiais de má qualidade.

(143) *Quando construíram a nova ponte*, despediram todos os trabalhadores.

(exemplos de Cunha 2000)

No entanto, com a temporal anteposta, segundo Cunha 2000, a anterioridade é de longe a situação menos marcada. A relação de ordenação temporal corresponderá, pois, de forma não marcada à ordenação das orações no discurso.

Seria inviável referir aqui todos os valores que as orações com *quando* podem assumir. Remeto assim para os trabalhos de Cunha 2000 e Carecho 1996. Esta autora observa que os valores das orações com *quando* são determinados por uma série de factores, entre os quais estão a classe aspectual dos predicados da matriz e da subordinada, a combinação dos tempos gramaticais dos verbos da matriz e da subordinada, e ainda a determinação nominal. A autora analisa especificamente construções de localização temporal com *quando* (cf. (144)), em que "a situação referida pela oração principal é localizada no tempo relativamente à situação referida pela oração subordinada", construções de quantificação temporal com *quando* (cf.

(145)), em que há "aplicação da mesma relação de localização temporal a ocorrências repetidas das situações em causa", e construções de quantificação que estabelecem correlações entre propriedades (cf. (146)), em que há "uma associação regular de duas situações, tratando-se neste caso não de situações localizadas num dado intervalo de tempo, como nos anteriores, mas de propriedades de objectos que realizam determinadas espécies" (cf. Carecho 1996: 130):

(144) Quando ela andava na escola adorava Matemática.

(145) Quando o meu pai defendia a tropa, ele respondia-lhe que também ele ficara a marcar passo em capitão.

(146) Quando uma mulher ia ao café não era considerada respeitável.

As orações com *quando* podem indicar quer sobreposição temporal de dois estados de coisas (cf. (147)), quer a inclusão temporal de um evento no outro (cf. (148) e (149)):

(147) *Quando estou doente, não tenho apetite.*

(148) *Quando o João chegou, o Pedro estava a dormir.*

(149) *Quando o João esteve doente, o Pedro visitou-o.*

Como é referido para outras línguas em Rooth 1985 e Swart 1993 (cf. exemplos (150)-(152)), é possível a ocorrência de várias temporais na mesma frase:

(150) *When John is at the beach, he always squints when the sun is shining.*

(151) *Quand il est en vacances, Jean va souvent à la plage quand il y a eu un orage.*

(152) *Quand il est à la plage, Jean cligne toujours des yeux quand il fait du soleil.*

(153) *Quando o João está doente, quer sempre um presente quando a mãe chega a casa.*

(154) *Quando o João está na praia, nunca tira a camisola quando o sol está muito forte.*

De um ponto de vista sintáctico, a possibilidade de termos várias temporais na mesma frase, assim como o facto de alguns advérbios de tempo funcionarem como quantificadores temporais com escopo sobre a subordinada dão informação relevante sobre a estrutura da frase.

x) temporais com *quando* e *até que* em posição final

Nas orações introduzidas por conectores temporais, existe um subconjunto de orações que se caracterizam por ocorrerem obrigatoriamente em posição final, por não poderem ser antepostas. Trata-se de orações introduzidas por *quando* (ou *eis senão quando*) ou por *até que* com o verbo no pretérito perfeito ou no presente, estando o verbo matriz normalmente no imperfeito. Este tipo de orações temporais descreve uma situação pontual que interrompe uma situação de carácter durativo (cf. Renzi & Salvi 1991; Berta *et al.* 1999; García Fernández 1999). Pode dizer-se que têm uma função narrativa.

(155) a. O João estava quase a chegar ao 7º andar, *quando de repente o elevador parou.*

b. ?**Quando de repente o elevador parou*, o João estava quase a chegar ao 7º andar.

(156) a. O João estava já a entrar no comboio, *quando subitamente se lembrou que não tinha comprado o passe.*

b. ?**Quando subitamente se lembrou que não tinha comprado o passe*, o João estava já a entrar no comboio.

(157) a. O João estava a atravessar a rua, *eis senão quando passa um carro a alta velocidade que quase o atropela.*

b. **Eis senão quando passa um carro a alta velocidade que quase o atropela*, o João estava a atravessar a rua.

(158) a. O João brincou com o castelo de areia durante toda a manhã, *até que subiu a maré e destruiu tudo...*

b. **Até que subiu a maré e destruiu tudo*, o João brincou com o castelo de areia durante toda a manhã.

Se a oração puder ser anteposta, perde a leitura sequencial e passa a ter outra interpretação. Dadas as características muito particulares destas orações, nomeadamente a impossibilidade de serem antepostas, não as vou considerar na classe das subordinadas adverbiais.

3.2.4. Orações condicionais e condicionais-concessivas

Segundo Peres, Mória & Marques (1999: 629), em termos informais:

« [...] temos uma construção condicional sempre que duas proposições ϕ e ψ são conectadas de modo tal que o resultado da conexão (digamos, a frase composta) asseve que sempre que ϕ é verdadeira ψ também o é (ou, em terminologia lógica, que ϕ é condição suficiente de ψ e que ψ é condição necessária de ϕ , designando-se a primeira proposição por "antecedente" ou "prótase" e a segunda por "consequente" ou "apódose".»

Em Peres, Mória & Marques 1999, é proposta uma tipologia das construções condicionais que distingue duas grandes classes, com posteriores subdivisões, o que resulta em cinco classes diferentes de condicionais. A primeira distinção subdivide as condicionais em:

- a) construções monocondicionais
- b) construções bicondicionais.

As primeiras caracterizam-se por envolverem uma implicação simples [$p \rightarrow q$]. As segundas, as bicondicionais ou condicionais de condição necessária e suficiente, envolvem estruturas bicondicionais do cálculo proposicional [$p \leftrightarrow q$].

Dentro das construções monocondicionais, distinguem os autores entre construções monocondicionais de condição suficiente e construções monocondicionais de condição necessária. As primeiras são ainda subdivididas em monocondicionais de condição suficiente fechada e monocondicionais de condição suficiente aberta (ou incondicionais). Dentro das bicondicionais, distinguem entre bicondicionais directas e indirectas.

Ficamos assim com o seguinte quadro, em que se podem identificar cinco classes de construções condicionais (cf. Peres, Mória & Marques 1999):

construções condicionais				
monocondicionais			bicondicionais	
com marcação da condição suficiente (ou de condição suficiente)		com marcação da condição necessária (ou de condição necessária)	directas	indirectas
de condição suficiente fechada 1)	de condição suficiente aberta (ou incondicionais) 2)			
			4)	5)

Embora os trabalhos semânticos sobre as condicionais incidam quase sempre apenas sobre condicionais com *se*, existem muitos outros conectores, de natureza mais complexa, que podem introduzir orações condicionais.

Peres, Mória & Marques 1999 associam diferentes conectores a cada subtipo semântico.

Introduzindo orações subordinadas em construções condicionais de condição suficiente fechada podemos ter conectores como *se, caso, no caso de, na condição de e a + infinitivo*. Em condicionais de condição suficiente aberta (a que se chama por vezes incondicionais ou condicionais-concessivas) podemos ter *mesmo que, mesmo se, por muito que, por mais que, nem que, quer...quer..., e qualquer que seja...* Nas condicionais de condição necessária, podemos ter os conectores *se, caso e no caso de* do primeiro grupo precedidos de um 'operador de exclusão' ou 'partícula focalizadora' como *só, somente* ou *apenas*. Em construções bicondicionais directas encontramos os conectores *desde que e contanto que* (cf. inglês *provided that*), a expressão *se e só se*, e ainda os conectores das condicionais de condição necessária precedidos da conjunção adversativa *mas* e de um 'operador de exclusão' como *só*. Finalmente, nas bicondicionais indirectas podemos encontrar os conectores *excepto se, salvo se, a menos que, e a não ser que* (cf. inglês *unless*).

O subconjunto das estruturas condicionais a que se tem chamado condicionais-concessivas (CC) ou incondicionais, por sua vez, pode ser dividido em várias classes (cf. Haspelmath & König 1998; Flamenco García 1999; Peres, Mória & Marques 1999): a) CC escalares ou selectivas (cf. (159)); b) CC universais (cf. (159)); c) CC alternativas (cf. (159)).

- (159) a. Mesmo que não haja financiamento, o projecto vai para a frente.
 b. Qualquer que seja o financiamento obtido, o projecto vai para a frente.
 c. Quer haja financiamento quer não, o projecto vai para a frente.

Em português, as CC do primeiro tipo podem ser introduzidas por um dos seguintes conectores: *mesmo que*, *mesmo se*, *ainda que*, *por mais que*, *por muito que*, *nem que*; as do segundo tipo por expressões que envolvem quantificação universal como *qualquer que seja*, e as do terceiro tipo por um conjunto de proposições coordenadas como *quer...quer...*, *seja... seja...* (cf. Peres, Mória & Marques 1999).

Dada a particularidade sintáctica dos tipos b) e c), nomeadamente o facto de envolverem ou processos de quantificação ou processos de coordenação não os tratarei aqui.

Dado que este trabalho não tem como objectivo tratar a semântica das construções condicionais, não são contempladas todas as variantes semânticas de condicionais. Em particular, são excluídas as construções condicionais em que não é claro que estejam envolvidos processos de subordinação.

Assim, considero que as expressões *mas só se*, *mas apenas se*, *mas só no caso de*, *mas só na condição de*, que Peres, Mória & Marques 1999 referem como conectores em construções bicondicionais directas, não devem ser tratadas aqui, porque creio que estamos neste caso perante estruturas que são claramente coordenadas, de um ponto de vista sintáctico, através da conjunção de coordenação adversativa *mas*. Veja-se que, contrariamente a *desde que* e *contanto que*, que, segundo os autores, pertencem ao mesmo subgrupo semântico, os conectores acima referidos não podem antepor-se nem podem ser coordenados:

- (160) a. Eu dou-te um chocolate, *mas só se te portares bem*.
 b. **Mas só se te portares bem*, eu dou-te um chocolate.
 (161) a. Eu dou-te um chocolate, *desde que te portes bem*.
 b. *Desde que te portes bem*, eu dou-te um chocolate.
 (162) a. A reunião pode começar, *contanto que estejam todos de acordo*.
 b. ?*Contanto que estejam todos de acordo*, a reunião pode começar.

(163) Eu dou-te um chocolate, mas só se te portares bem e *(mas só) se comeres a
 sopa toda.

(164) Desde que te portes bem e (desde) que comas a sopa toda, eu dou-te um

chocolate.

(165) Contanto que estejam todos de acordo e contanto que haja quorum, a reunião pode começar.

Considero aqui as condicionais e condicionais-concessivas introduzidas pelos conectores *se, caso, na condição de, desde que, contanto que, a não ser que, a menos que, a + inf., ainda que, mesmo que, mesmo se, por mais que e por muito que*. Não considero *conquanto* por pertencer a um registo muito formal. Deixo ainda de parte as expressões *excepto se* e *salvo se* das bicondicionais indirectas, que correspondem ao conector *se* precedido de um elemento que marca a exclusão.

Não considerarei aqui as construções condicionais sem conector, em que não é claro que se verifique subordinação sintáctica, como se vê pela possibilidade de a oração dita matriz ser antecedida da conjunção *e*, que foram já referidas em 2.:

(166) Tivesse a ambulância chegado mais cedo, (e) talvez o Zé ainda fosse vivo.

As construções condicionais são ainda objecto de uma outra tipologia de carácter semântico, que estabelece subdivisões de acordo com o modo como o falante encara a realização dos factos expressos. Distingue-se assim entre condicionais factuais (ou reais), hipotéticas, e contrafactuais (ou irrealis) (cf. p.ex. Mateus *et al.* 1989: 298 e ss.).

As primeiras teriam o verbo mais frequentemente no indicativo:

(167) Se estava bom tempo, íamos à praia.

'Quando estava bom tempo, íamos à praia'

As segundas teriam o verbo normalmente no futuro do conjuntivo:

(168) Se te portares bem, levo-te ao cinema.

As terceiras têm o verbo ou no imperfeito do conjuntivo ou no mais-que-perfeito do conjuntivo, sendo muitas vezes a interpretação irreal condicionada por outros factores que não o tempo e modo verbal:

(169) Se eu soubesse quem era, não teria atendido o telefone.

(170) Se eu tivesse chegado mais cedo, teria arranjado lugar sentado.

Tal como acontece com as finais, as condicionais com *se* podem modificar o evento ou a situação de enunciação (cf. Quirk *et al.* 1985 afirmam que no primeiro caso se trata de uma condição directa e no segundo caso de uma condição indirecta):

(171) O Zé não arranjará lugar sentado *se chegar atrasado*.

(172) A situação tornou-se insuportável, *se é que me compreendes*.

3.2.5. Orações concessivas

À semelhança das condicionais, também as concessivas têm recebido nas gramáticas descritivas um tratamento quase exclusivamente semântico.

Como foi já referido no § 2., muitos trabalhos aproximam as concessivas das adversativas¹⁰ (cf. Mazzoleni 1992; Vera Luján 1981; Flamenco García 1999; e.o.). Umhas e outras têm em comum o facto de referirem uma circunstância que se opõe ou contrasta com a da matriz. Diferem, no entanto, quer sintacticamente - as adversativas comportam-se como coordenadas e as concessivas como subordinadas relativamente aos testes de mobilidade, coordenação, colocação de clíticos...-, quer semântica e pragmaticamente - adversativas e concessivas têm diferentes valores discursivos, só as segundas envolvem uma pressuposição, i.e. só estas referem uma circunstância que é contrária às expectativas (cf. Vera Luján 1981; Flamenco García 1999¹¹). Veja-se a diferença entre as frases a e b de (173):

(173) a. *Embora não se estivesse a sentir muito bem*, a Ana foi dar aula.

b. A Ana foi dar aula, *mas não se estava a sentir muito bem*.

O carácter pressuposicional (de um ponto de vista logico-semântico) associado às concessivas tem sido apontado por vários autores (cf. Vera Luján 1981; Hengeveld 1998). Estas marcam um certo tipo de oposição entre o evento da matriz e o da

¹⁰ Haverá que distinguir, no entanto, entre vários tipos de orações introduzidas por *mas*, uma vez que nem todas têm um valor 'adversativo'.

¹¹ "Así, en una construcción concesiva *aunque* impone el procesamiento del primer miembro como causa inoperante, introduciendo un contenido que podemos llamar presupuesto; en cambio, en una construcción adversativa no se genera la inferencia de un modo inmediato, sino a partir del segundo miembro encabezado por *pero*, introduciéndose en este caso un contenido aseverado." (Flamenco García 1999: 3813).

subordinada, funcionando o evento da subordinada como um obstáculo potencial à realização do evento da matriz, ainda que sem impedir a sua realização. Assim, está-lhes associado um valor pressuposicional inerente, i.e., é sempre pressuposto que o evento da subordinada não impede a realização do evento matriz. A relação lógica entre subordinada e matriz é de alguma forma esperada e antecipada (ver também Mateus *et al.* 1989).

Nas concessivas, podem ser identificadas subclasses semânticas. Vimos já que um subtipo das estruturas que as gramáticas portuguesas integram na subordinação concessiva corresponde a um tipo específico de estruturas condicionais: as chamadas condicionas-concessivas (CC) ou incondicionais.

No grupo das concessivas 'canónicas', considerarei assim os conectores *embora*, *apesar de*, *se bem que*.

3.2.6. Orações de modo, de meio e de circunstância negativa

As orações de modo, instrumento ou meio constituem uma classe heterogénea, raramente referida nas gramáticas tradicionais portuguesas. Neste grupo, podemos incluir estruturas com comportamentos diferenciados: as orações introduzidas por *sem*, algumas orações introduzidas por *como*, e ainda algumas orações gerundivas. Estas últimas são consideradas no § 4.

Ainda que a gramática tradicional normalmente as ignore, as orações introduzidas por *sem que* ou <*sem* + infinitivo> enquadram-se no paradigma das orações adjuntas: não são subcategorizadas, correspondem, pois, a argumentos não nucleares, não sendo admitida extracção do seu interior, manifestam uma relativa mobilidade posicional na frase matriz e podem ser coordenadas:

- (174) a. O Zé saiu de casa.
b. O Zé saiu de casa *sem se despedir da mãe*.
b'. **De quem é que o Zé saiu de casa sem se despedir?*
c. O Zé saiu de casa *sem que eu desse por isso*.
c'. *Sem que eu desse por isso*, o Zé saiu de casa.
d. O Zé saiu de casa *sem que eu desse por isso e sem avisar ninguém*.

O seu valor semântico, em termos muito imprecisos, aproxima-se do modo (alguns chamam-lhes 'adverbiais de circunstância negativa' cf. Hengeveld 1998), e

contém implícita uma negação, lexicalizada na P *sem*:

(175) O Zé saiu de casa *sem que eu desse por isso*.

(176) O Zé saiu de casa *discretamente*.

(177) O Zé saiu de casa e eu não dei por isso.

O facto de a P *sem* poder legitimar itens de polaridade negativa mostra que ela é inerentemente negativa (cf. Pereira 2000):

(178) a. O Zé *(não) viu ninguém.

b. O Zé saiu sem (*não) ver ninguém.

(179) a. O Zé *(não) fez patavina.

b. O Zé assistiu ao debate sem (*não) perceber patavina.

As gramáticas portuguesas incluem no grupo das comparativas, para além das comparativas que envolvem uma quantificação explícita e que podem ser classificadas como de igualdade ou desigualdade, algumas estruturas que deveriam ser classificadas como orações de modo, tal como acontece na tradição gramatical espanhola (cf. Alarcos 1994, e.o.) e como foi já referido para o português em Peres (1997: 781-2) e Mória 2001. Trata-se de orações introduzidas por *como*, que podem ser analisadas como relativas livres que desempenham a função de um adjunto de modo ou de complemento de determinadas classes de verbos, em que estão incluídos por exemplo *portar-se* e *agir*:

(180) O João fez o bolo *como a mãe ensinou*.

(181) O João fez o jantar *como a mãe lhe pediu*.

(182) O presidente agiu *como era esperado*. (cf. Mória 2001)

Estas orações distinguem-se das 'verdadeiras' comparativas por permitirem a clivagem e por poderem ocorrer como resposta a interrogativas-Qu:

(183) a. Foi *como a mãe ensinou* que o João fez o bolo.

b. Foi *como era esperado* que o presidente agiu.

c. Foi *como a mãe lhe pediu* que o João fez o jantar.

(184) a. - Como é que o João fez o bolo?! - *Como a mãe ensinou*.

b. - Como é que o presidente agiu?! - *Como era esperado*.

c. - Como é que o João fez o jantar?! - *Como a mãe lhe pediu*.

Nalguns casos, a estrutura pode ser reduzida ou elíptica, não contendo qualquer verbo:

(185) O João portou-se *como o pai* [~~se portou~~].

(186) O João fala (*exatamente*) *como o pai* [~~fala~~].

Estas estruturas 'elípticas'¹² podem também elas ser sujeitas a clivagem e ocorrer como resposta a interrogativas-Qu:

(187) a. Foi *como o pai* que o João se portou.

b. É (*exatamente*) *como o pai* que o João fala.

(188) a. - Como é que o João se portou?! - *Como o pai*.

b. - Como é que o João fala?! - (*Exatamente*) *como o pai*.

As comparativas, que envolvem um elemento de grau ou uma quantificação, pelo contrário, não admitem estes processos:

(189) a. O João gosta mais de praia *do que a Ana*.

b. *É *do que a Ana* que o João gosta mais de praia.

c. *- Do que quem/Como é que o João gosta mais de praia?! - *Do que a Ana*.

(190) a. O João é maior *do que o Paulo*.

b. *É *do que o Paulo* que o João é maior.

c. - *Como/?*De quem é que o João é maior?! - *Do que o Paulo*.

(191) a. O João canta tão bem *como a Ana*.

b. *É *como a Ana* que o João canta tão bem.

c. * - Como é que o João canta tão bem?! - *Como a Ana*.

(192) a. O João comeu tantos caramelos *como a Ana*.

b. *Foi *como a Ana* que o João comeu tantos caramelos.

c. *- Como é que o João comeu tantos caramelos?! - *Como a Ana*.

Assim, um subconjunto das orações introduzidas por *como* são facilmente equiparáveis a um advérbio de modo ou a um PP circunstancial de modo:

¹² O termo 'elíptico' é aqui usado com um sentido meramente descritivo. Não tomo aqui qualquer posição quanto ao tipo de processo, quer estrutural, quer interpretativo, que está na base destas estruturas.

- (193) a. O Zé limpou a casa *meticulosamente*.
b. O Zé limpou a casa *com muito cuidado*.
c. O Zé limpou a casa *como eu costumo fazer*.

- (194) a. O Zé lavrou o campo *muito lentamente*.
b. O Zé lavrou o campo *à moda do Alentejo*.
c. O Zé lavrou o campo *como é costume no Alentejo*.

No entanto, apesar deste paralelismo, estas estruturas resistem mais à anteposição do que as restantes adverbiais:

- (195) a. O João fez o bolo (*exactamente*) *como a mãe costumava fazer*.
b. ??(*Exactamente*) *como a mãe costumava fazer*, o João fez o bolo.

A anteposição torna-se melhor, no entanto, se na oração matriz estiver presente um advérbio de modo que retoma a subordinada anteposta:

- (196) (*Exactamente*) *como a mãe costumava fazer*, *assim* fez o João o bolo.
(197) *Assim como o pastor cuida das suas ovelhas*, *assim* eu cuido de vós.

Repare-se que também os advérbios e PPs de modo são mais dificilmente anteposíveis do que circunstanciais pertencentes a outras classes semânticas, nomeadamente quando a frase contém um elemento de negação frásica¹³:

- (198) a. O Zé limpou a casa *meticulosamente*.
b. ?*Meticulosamente*, o Zé limpou a casa.
c. O Zé não limpou a casa *meticulosamente*.
d. ?**Meticulosamente*, o Zé não limpou a casa.

¹³ Em Costa & Costa 2001: 51 e ss., é referida a possibilidade de advérbios de modo ocorrerem em posição inicial de frase. Parece-me, no entanto, que essas frases são muito pouco naturais se o Adv mantiver a interpretação de modo. Quando o Adv ocorre em posição inicial, o seu sentido é claramente alterado, passando a ter um valor de marcador discursivo, a não ser que receba uma entoação claramente contrastiva (cf. i vs. ii). Isto não acontece com outras classes de advérbios:

- i) O Pedro deu o livro à Ana *assim*.
ii) *Assim*, o Pedro deu o livro à Ana.
iii) O Pedro deu o livro à Ana *ontem*.
iv) *Ontem*, o Pedro deu o livro à Ana.

- (199) a. O Zé limpou a casa *muito bem*.
 b. ?**Muito bem*, o Zé limpou a casa.
 c. O Zé não limpou a casa *muito bem*.
 d. **Muito bem*, o Zé não limpou a casa.

A anteposição é claramente melhor com inversão sujeito-verbo, sendo desencadeada a próclise, o que as aproxima das construções 'avaliativas' ou 'afectivas' referidas, por exemplo, em Ambar 1999; e.o.:

- (200) a. O Zé limpou a casa muito bem.
 b. ?*Muito bem, o Zé limpou a casa.
 c. Muito bem limpou o Zé a casa.
- (201) a. O Paulo porta-se assim.
 b. *Assim, o Paulo porta-se.
 c. Assim se porta o Paulo.

As orações com *como*, que parecem corresponder a relativas livres (cf. Mória 2001), mantêm assim uma relação muito estreita com o predicado matriz, tal como acontece com outras categorias gramaticais que desempenham funções semânticas equivalentes, i.e. com os adjuntos de modo em geral.

Este comportamento dos adjuntos de modo não é exclusivo do português. O mesmo tipo de restrições à anteposição de constituintes com valor de modo parece verificar-se noutras línguas (cf. Cinque 1990: 86-7):

- (202) a. *Allo stesso modo, suo figlio si comportò.
 b. Allo stesso modo, si comportò suo figlio.

No português padrão, as construções com *como* deste tipo têm a particularidade de serem as únicas adverbiais que podem ser elípticas:

- (203) O Zé fala [como o pai [-]].

No entanto, dialectalmente, este tipo de elipse é possível também com outras adverbiais de tipo relativo. O mesmo parece acontecer em espanhol (cf. Fernández Lagunilla & Anula Rebollo 1995: 332):

- (204) O Zé descobriu isso *quando eu*.
 (205) O Zé mora *onde eu*.

3.2.7. Orações de comentário/conformativas

As orações de comentário correspondem às orações que as gramáticas brasileiras designam de orações conformativas, exemplificadas abaixo:

(206) *Conforme está descrito no anterior capítulo*, as explicativas têm propriedades específicas.

(207) *Segundo me disseram*, a reunião foi adiada para a próxima quarta-feira.

(208) a. *Consoante foi deliberado*, só poderão votar os maiores de 18 anos.

b. Os deputados aprovaram a lei, *consoante se esperava*.

(209) a. *Como era previsível*, o avião chegou atrasado.

b. *Como te disse*, o avião chegou atrasado.

c. *Como sabes*, o Miguel está à procura de emprego.

d. É preciso ter paciência, *como costumás dizer*.

e. As distâncias hoje em dia, *como sabe*, contam pouco.

(Miguel Torga, *Vindima*, in Cunha & Cintra 1984: 604)

Peres 1997 põe em questão a existência de um tal tipo de estruturas oracionais:

"(...) a NGB [nomenclatura gramatical brasileira] não é necessariamente mais adequada que a NGP, uma vez que, para além de padecer de todos os seus defeitos, das duas subclasses que lhes acrescenta – as "conformativas" e as "proporcionais" – apenas a segunda é talvez justificável, eventualmente associada a outras construções que estabelecem correlações entre situações (...), sendo mesmo a primeira, quanto a mim – cf. Peres e Mória (1995) – resultado de uma muito discutível análise sintáctica"

Peres (1997: 786, sublinhado meu)

De facto, Peres & Mória (1995: 353-361) consideram que as estruturas incluídas neste grupo, geralmente considerado pelos gramáticos brasileiros, são de natureza

nominal e não oracional¹⁴.

O que acontece, na realidade, é que as gramáticas incluem nas conformativas estruturas que são claramente nominais e em que o introdutor tem um estatuto mais próximo de uma preposição do que de uma conjunção. Veja-se, por exemplo, os seguintes exemplos de "orações conformativas" dados em Cunha & Cintra (1984: 585):

(210) "O som de uma sineta, **conforme** o capricho do vento, aproximava-se ou perdia-se ao longe. (Augusto Meyer, *SI*, 50.)"

(211) "Cada um tinha razão levando a vida **consoante** a criação da sua alma. (Manuel Lopes, *FVL*, 167.)"

No entanto, a par destas estruturas claramente mal classificadas como oracionais, em Cunha & Cintra (1984: 585) vêm outros exemplos que poderiam corresponder a orações, tais como:

(212) "**Como** ia dizendo, o seu raciocínio não está certo. (Carlos de Oliveira, *CD*, 111.)"

(213) "Houve, **segundo** me pareceu, cochichos e movimentos equívocos. (Graciliano Ramos, *SB*, 166.)"

Segundo Peres & Mória 1995, estruturas como (212) e (213) também são de natureza nominal e incluem um operador relativo nulo, que no caso das estruturas introduzidas por *conforme*, *segundo* e *consoante*, mas não por *como*, pode estar expresso:

(214) *Conforme o que está descrito no anterior capítulo*, as explicativas têm propriedades específicas.

(215) *Segundo aquilo que me disseram*, a reunião foi adiada para a próxima quarta-feira.

(216) a. *Consoante aquilo que foi deliberado*, só poderão votar os maiores de 18 anos.

b. Os deputados aprovaram a lei, *consoante o que se esperava*.

¹⁴ "Em função da análise que sugerimos, não nos parece haver razões para se falar em «orações» conformativas, visto que, como vimos, as estruturas introduzidas por expressões do tipo de *como* e *consoante* que temos estado a analisar não têm estrutura frásica, mas sim nominal." (Peres & Mória 1995: 356).

- (217) a. *Como (*o que) era previsível*, o avião chegou atrasado.
b. *Como (*o que) te disse*, o avião chegou atrasado.

A motivação para que Peres & Mória 1995 considerem que as estruturas em itálico em (206) a (209) são de natureza nominal e contêm um operador relativo nulo vem, por um lado, da observação de que pode estar expresso um operador relativo (*o que/aquilo que*) e, por outro lado, da constatação de que falta sempre um argumento na estrutura argumental dos verbos em causa que não pode ser retomado sob a forma de um pronome (cf. Peres & Mória 1995: 355):

- (218) **Conforme isso está descrito no anterior capítulo*, as explicativas têm propriedades específicas.
(219) **Segundo mo disseram*, a reunião foi adiada para a próxima quarta-feira.
(220) **Consoante isso foi deliberado*, só poderão votar os maiores de 18 anos.
(221) a. **Como isso era previsível*, o avião chegou atrasado.
b. **Como to disse*, o avião chegou atrasado.
c. **É preciso ter paciência como costumam dizê-lo*.

As estruturas introduzidas por *como* têm, no entanto, propriedades distintas das restantes conformativas. Como vimos já, não permitem a ocorrência de um morfema relativo como em (217). Para além disso, ao contrário de *conforme*, *segundo* e *consoante*, *como* conformativo nunca selecciona um constituinte de natureza nominal:

- (222) *Conforme decisão anterior*, a proposta foi aprovada na generalidade.
(223) *Segundo as previsões do boletim meteorológico*, choverá até à próxima quarta-feira.
(224) *Consoante deliberação da assembleia*, só poderão votar os maiores de 18 anos.
(225) **Como previsão do piloto*, o avião chegou atrasado.

Parece-me assim que é possível considerar que pelo menos as orações conformativas introduzidas por *como* são estruturas oracionais que têm um carácter relativo, à semelhança do que pode ser dito para as orações de modo introduzidas por *como* (cf. Mória 2001). O morfema *como*, ao contrário dos restantes conectores conformativos, de natureza mais preposicional, será ele próprio um morfema de tipo

Qu-.

A confrontação com os dados correspondentes do inglês parece-me esclarecedora. Veja-se que também nas orações introduzidas por *as* conformativo está ausente um argumento, que não pode ser retomado por um pronome. Esse argumento é normalmente um complemento do verbo, mas pode corresponder também ao sujeito gramatical de construções passivas, que, noutras condições, não pode ser omitido em inglês:

- (226) a. *As you probably know*, John is living in Paris.
b. *As you probably know (*it/this/so)*, John is living in Paris.
- (227) a. *As I told you*, the exam was easy.
b. *As I told you (*that/so)*, the exam was easy.
- (228) a. *As is well known*, Portuguese is a null subject language.
b. *As (*it) is well known*, Portuguese is a null subject language.

Tal como o conector *como*, *as* não pode seleccionar um constituinte nominal, nem pode co-ocorrer com um relativo:

- (229) **As common knowledge*, Portuguese is a Romance language.
- (230) **As what I told you*, the exam was easy.

A este respeito, distingue-se de expressões como *according to*, que seleccionam um constituinte nominal e podem ocorrer com operadores relativos:

- (231) *According to him*, we shouldn't go.
- (232) *According to what the newspapers said*, there's going to be a war.

Sendo assim, não me parece que se possa dizer que todas as estruturas conformativas têm um carácter nominal, ao contrário do que sugerem Peres & Mória 1995. Pelo menos no que diz respeito às conformativas introduzidas por *como*, creio que se justifica que sejam consideradas orações de carácter relativo com uma função adverbial, à semelhança do que se pode dizer das orações introduzidas por *onde* e *quando*.

Quanto às estruturas que poderiam ser consideradas oracionais introduzidas pelos restantes conectores - *conforme*, *segundo*, *consoante* -, a decisão de as considerar nominais ou oracionais é mais polémica, e não pretendo discutir isso aqui.

As orações conformativas com *como* distinguem-se, no entanto, de orações relativas com antecedente oracional em vários aspectos, o que pode levar a pôr em causa o seu estatuto relativo e a aproximá-las de estruturas designadas na literatura de 'null complement anaphora' (cf. Napoli 1983):

- (233) a. Eu não comprei o carro que tu pensas [~~que eu comprei~~].
b. Eu fiz o relatório exactamente como tu querias [~~que eu o fizesse~~].

As conformativas, ao contrário das relativas com antecedente oracional, não permitem a negação (cf. Rizzi 1990: 15, n.14):

- (234) a. O João está muito doente, *o/coisa que certamente (já) sabes*.
a'. O João está muito doente, *o/coisa que certamente não sabes*.
b. O João está muito doente, *como sabes*.
b'. *O João está muito doente, *como não sabes*.

- (235) a. Bill is here, which they (don't) know.
b. Bill is here, as they (*don't) know. (cf. Rizzi 1990)

Para além disso, Rizzi 1990 refere que em francês é possível a ocorrência de um pronome lexicalizado nas orações correspondentes com *comme*:

- (236) a. Pierre est ici, ce qu'ils savent/ ne savent pas.
b. Pierre est ici, comme ils le savent/*ne le savent pas.

Isto leva-o a admitir a hipótese de que *comme* seja uma espécie de adverbial de modo e que a construção correspondente do inglês seja equivalente à do francês com uma anáfora de complemento nulo ('null complement anaphora'):

"Here the clausal direct object is overtly pronominalized by *le*, and *comme* is a kind of manner adverbial ("Pierre is here, and things are the way in which they know them"). This suggests a similar analysis for the English construction, perhaps with null complement anaphora of the clausal object."

Assim, fica claro que o estatuto sintáctico das conformativas ou orações de comentário é controverso. Deixo para outra ocasião um estudo mais aprofundado destas

estruturas, que colocam problemas particulares.

3.2.8. Outras orações: substitutivas, contrastivas, acrescentativas

Existem algumas estruturas oracionais que têm características semelhantes às subordinadas adverbiais e que as gramáticas tradicionais geralmente ignoram. Trata-se das orações a que podemos chamar substitutivas, acrescentativas e contrastivas¹⁵, que são exemplificadas de seguida:

(237) *Em vez de ficar calado*, o Zé desatou aos berros.

(238) *Para além de ser simpático*, o Zé é muito bonito.

(239) *Enquanto (que) a Ana é loira*, o Zé é moreno.

Em todos os casos, estamos perante estruturas que podem ser consideradas subordinadas a par de outros tipos semânticos de subordinadas, uma vez que não são seleccionadas (podem ser elididas), e são anteponíveis:

(240) a. O Zé desatou aos berros ??(||) em vez de ficar calado.

b. O Zé desatou aos berros.

c. Em vez de ficar calado, o Zé desatou aos berros.

(241) a. O Zé consertou a cadeira, || para além de pintar o quarto.

b. O Zé consertou a cadeira.

c. Para além de pintar o quarto, o Zé consertou a cadeira.

(242) a. O Zé é moreno, || enquanto (que) a Ana é loira.

b. O Zé é moreno.

c. Enquanto (que) a Ana é loira, o Zé é moreno.

3.2.9. Conclusões

Neste ponto, não se pretendeu fazer uma análise semântica das orações adverbiais, mas apenas referir alguns aspectos sintácticos e semânticos que caracterizam cada um dos subtipos. Esta descrição teve sobretudo como objectivo permitir comparar o

¹⁵ As orações contrastivas são referidas já para o português em Peres 1997, num quadro de conexões proposicionais que reúne uma série de conectores de diferente estatuto sintáctico: conectores adverbiais, conjunções coordenativas e conjunções subordinativas.

comportamento sintáctico de cada uma das estruturas com o seu comportamento semântico, e perceber até que ponto classes sintácticas e classes semânticas são coincidentes.

A consideração da totalidade das estruturas de subordinação adverbial pode parecer à primeira vista um projecto demasiado ambicioso e irrealizável no âmbito de uma dissertação como esta. No entanto, uma vez que um dos objectivos deste trabalho consiste em testar as posições estruturais que as orações subordinadas adverbiais podem ocupar e perceber que propriedades são associáveis às adverbiais enquanto classe, parece-me que não faria sentido contemplar apenas um tipo semântico.

3.3. O estatuto gramatical dos conectores das orações adverbiais do português

3.3.1. Parâmetros de classificação dos conectores de orações adverbiais

As orações adverbiais finitas e infinitivas do português são sempre introduzidas por conectores, que determinam em grande parte o valor semântico associado a cada estrutura. A presença de conectores nestas estruturas vs. ausência de conectores em gerundivas e participiais é um aspecto que não pode ser ignorado, e de que voltarei a falar mais adiante.

Nesta secção, procurarei reflectir sobre algumas propriedades dos conectores de orações adverbiais do português, que podem ajudar a compreender o estatuto das orações que introduzem.

Os conectores de orações adverbiais formam uma classe heterogénea sob diversos aspectos, podendo ser classificados de acordo com vários parâmetros. Em Kortmann (1996: 71)¹⁶ são propostos alguns parâmetros de classificação de conectores de orações subordinadas adverbiais. Esses parâmetros, de natureza semântica ou formal, incluem os seguintes:

- i) classe semântica;
- ii) complexidade morfológica do conector;
- iii) conector semanticamente monovalente ou polivalente;
- iv) categoria morfológica das unidades que constituem o conector.

Nesta secção, tentar-se-á descrever algumas propriedades morfo-sintácticas dos conectores que introduzem orações adverbiais em português, de forma a identificar propriedades que sejam associáveis ao estatuto sintáctico específico dos vários tipos de orações adverbiais, por um lado, e a excluir estruturas que do ponto de vista sintáctico têm comportamentos distintos das restantes, por outro. Partindo num primeiro momento dos critérios propostos por Kortmann 1996 para os conectores de adverbiais, procurarei num segundo momento analisar as propriedades morfo-sintácticas de cada um dos conectores, sejam eles simples ou complexos.

¹⁶ Outros parâmetros são propostos em Hengeveld 1998.

Assim, excluirei desta análise, tal como é feito em Kortmann 1996, os conectores que não têm comportamentos característicos de 'subordinadores adverbiais ideais'.

De acordo com Kortmann 1996, um 'subordinador adverbial ideal' (SAI) que corresponda a uma só palavra deve preencher as condições a)-f):

- a) um SAI deve ser uma forma livre não flexionada;
- b) um SAI pode introduzir uma oração subordinada finita ou uma construção em que existe uma estrutura sujeito-predicado;
- c) um SAI não desempenha uma função sintáctica na oração que introduz;¹⁷
- d) um SAI ocupa uma posição rígida na periferia da oração que introduz;
- e) um SAI não pertence a um registo marcado (dialectal, arcaico);
- f) a oração introduzida por um SAI pode preceder a oração que modifica;

Um SAI constituído por mais do que uma palavra (locução conjuncional) deve preencher pelo menos uma das seguintes condições:

- a) os elementos da locução devem manifestar um grau mínimo de fusão;
- b) os elementos da locução devem ter perdido pelo menos algumas das propriedades do sintagma original (e.g. possibilidade de o núcleo nominal ser modificado);
- c) devem ter pelo menos um significado que não é totalmente reconstituível a partir do sentido das partes.

Ficam assim excluídos:

1. Os conectores cujo estatuto gramatical pode ser aproximado dos coordenadores. Em português, neste grupo estão incluídos o conector *pois*, por exemplo, cujo estatuto gramatical foi discutido no § 2., assim como os conectores condicionais *mas só se*, *mas apenas se*, que estão integrados em estruturas coordenadas, uma vez que as orações que introduzem não são antepóníveis nem coordenáveis.¹⁸

¹⁷ Como veremos adiante, é possível pensar que alguns conectores têm uma natureza relativa, e.g. *quando*, *como* (modo)... Nesse caso, o relativo desempenhará necessariamente uma função na subordinada. Apesar disso, continuarei a considerar estes conectores como 'subordinadores típicos'.

¹⁸ Noutras línguas, caberiam aqui conectores como *for* (inglês), *car* (francês), *denn* (alemão).

2. Os advérbios conectivos, e.g. *contudo, todavia* (cf. § 2.), cuja posição na oração não é rígida.

3. Conectores arcaicos, dialectais, e conectores pertencentes a registos muito formais: *pois que, porquanto, por via de...*

4. Conectores que introduzem apenas domínios não finitos. Contudo, o facto de o PE ter flexão de pessoa no infinitivo e possibilidade de realização do sujeito nestas orações, leva-nos a incluir aqui alguns conectores que seriam excluídos noutras línguas.¹⁹

5. Expressões complexas que incluam um subordinador adverbial livre modificado por um operador de exclusão ou por um Adv, tais como os conectores condicionais *só se, excepto se*.

6. Expressões complexas do tipo <P + DP + *que/de*> tais como *na condição de, com o intuito de*. São no entanto incluídas expressões como *a fim de (que)*, uma vez que o N *fim* não está determinado, nem é passível de ser modificado, o que mostra o seu maior grau de gramaticalização.

Ficamos assim com a seguinte lista de conectores para o português, ordenados alfabeticamente:

¹⁹ De acordo com Kortmann 1996, os conectores que seleccionam em alternativa constituintes nominais ou orações infinitivas deveriam ser excluídos, uma vez que não têm características de subordinadores típicos. Neste grupo estão *em vez de, para além de e apesar de*:

- (i) a. *Em vez de um banho*, tomei um duche.
b. *Em vez de tomar um banho*, tomei um duche.
c. *Em vez de vires a minha casa*, vou eu à tua.
d. **Em vez (de) que venhas a minha casa*, vou eu à tua.
- (ii) a. *Para além de uma redacção*, o Zé também fez um desenho.
b. *Para além de ter escrito uma redacção*, o Zé também fez um desenho.
c. *Para além disso*, o Zé é meu amigo.
d. *Para além de ser meu chefe*, o Zé é meu amigo.
e. **Para além de que é meu chefe*, o Zé é meu amigo.
- (iii) a. *Apesar dos percalços*, a festa foi simpática.
b. *Apesar de as coisas não terem corrido tão bem como esperávamos*, a festa foi simpática.
c. **Apesar de que as coisas não tenham corrido tão bem como esperávamos*, a festa foi simpática.

No entanto, uma vez que as orações infinitivas seleccionadas por estes conectores podem manifestar marcas visíveis de concordância e podem ter sujeitos realizados, estes conectores também poderão em português ser considerados 'subordinadores'.

<i>a (+ inf.)</i>	<i>como (causal)</i>	<i>para (que)</i>
<i>a fim de (que)</i>	<i>como (modo)</i>	<i>para além de</i>
<i>à medida que</i>	<i>contanto que</i>	<i>por (+ inf.)</i>
<i>a menos que</i>	<i>dado (que)</i>	<i>por mais que</i>
<i>a não ser que</i>	<i>depois de/que</i>	<i>por muito que</i>
<i>ainda que</i>	<i>desde que (temp.)</i>	<i>porque</i>
<i>antes de</i>	<i>desde que (cond.)</i>	<i>quando</i>
<i>antes que</i>	<i>em vez de</i>	<i>se</i>
<i>ao (+ inf.)</i>	<i>embora</i>	<i>se bem que</i>
<i>apesar de</i>	<i>enquanto (temp.)</i>	<i>sem (que)</i>
<i>assim que</i>	<i>enquanto (contr.)</i>	<i>sempre que</i>
<i>até (que)</i>	<i>já que</i>	<i>todas as vezes que</i>
<i>cada vez que</i>	<i>logo que</i>	<i>uma vez que</i>
<i>caso</i>	<i>mal</i>	<i>visto (que)</i>
<i>como (conf.)</i>	<i>mesmo que</i>	

Tentar-se-á de seguida aplicar os critérios propostos por Kortmann 1996 aos conectores ‘típicos’ que introduzem orações adverbiais em português.

3.3.1.1. Classe semântica dos conectores

Como foi referido no § 2.1, tradicionalmente, a única distinção estabelecida no interior das ‘conjunções’ e ‘locuções conjuncionais’ que introduzem orações adverbiais do português diz respeito ao seu valor semântico. A classificação tradicional luso-brasileira distingue as causais, finais, temporais, condicionais, concessivas, conformativas e proporcionais (para além das comparativas e consecutivas que, como vimos no § 2.3, não têm comportamentos idênticos às restantes orações).

No entanto, como vários trabalhos têm mostrado, é possível distinguir mais subtipos semânticos do que aqueles que são tradicionalmente considerados, acrescentando algumas classes e subdividindo outras. Assim, quanto à **classe semântica**, seguindo em larga medida tipologias já existentes na literatura, os conectores do português podem exprimir diferentes relações (cf. § 3.1.)²⁰. Considerarei aqui os subgrupos listados abaixo. Em cada um deles tratarei os conectores abaixo referidos, que considero terem comportamentos mais característicos de ‘subordinadores ideais’ (na linha de Kortmann: 1996):

²⁰ Não se pretende aqui fazer uma caracterização semântica exaustiva das adverbiais, mas apenas referir os principais subtipos semânticos, seguindo em larga medida tipologias já existentes na literatura (cf. Kortmann 1996).

- i) a causa: *porque, como, uma vez que, já que, visto que, dado que, por (+ inf.), visto (+ inf.), dado (+ inf.)*
- ii) o fim: *para que, a fim de que, para (+ inf.), a fim de (+ inf.)*
- iii) o tempo:
 - tempo anterior: *depois que, depois de (+ inf.)*
 - tempo posterior: *antes que, antes de (+ inf.)*
 - tempo simultâneo/imediatamente posterior: *ao (+ inf.)*
 - fronteira final: *até que, até (+ inf.)*
 - fronteira inicial: *desde que*
 - tempo quando: *quando*
 - tempo enquanto: *enquanto*
 - tempo proporcional: *à medida que*
 - anterioridade imediata: *mal, logo que, assim que*
 - frequência temporal (ou quantificação sobre eventos): *todas as vezes que, cada vez que, sempre que*
- iv) a condição:
 - condicionais: *se, caso, a (+ inf.)*
 - (bi)condicionais negativas: *a não ser que, a menos que*
 - (bi)condicionais afirmativas: *desde que, contanto que*
- v) a condição-concessão: *mesmo que, ainda que, por mais que, por muito que*
- vi) a concessão: *embora, apesar de (+ inf.), se bem que*
- vii) a circunstância negativa: *sem que, sem (+ inf.)*
- viii) o modo: *como*
- ix) a conformidade: *como*
- x) a adição: *para além de*
- xi) a substituição: *em vez de (+ inf.)*
- xii) o contraste: *enquanto (que)*

3.3.1.2. Complexidade morfológica dos conectores

Os conectores do português não têm todos a mesma **complexidade morfológica**. Partindo das classes propostas em Kortmann 1996, em português, os conectores podem

ser classificados em vários tipos²¹:

- i) conectores morfologicamente simples ou monomorfêmicos;
- ii) conectores polimorfêmicos constituídos por uma só palavra;
- iii) conectores constituídos por mais do que uma palavra.

No primeiro grupo, temos os conectores *se, como, quando, mal, caso* introduzindo orações finitas e os conectores *por, para, até e a* introduzindo infinitivas.

No segundo grupo, podem incluir-se conectores como *porque, embora, enquanto* introduzindo orações finitas e o conector *ao* seguido de infinitivo.²²

No terceiro grupo, está incluída a maioria dos conectores: *já que; uma vez que, visto que; dado que; para que; a fim de (que); antes de/que; depois de/que; desde que; até que; à medida que; sempre que; logo que; ainda que; mesmo que; se bem que; a não ser que; a menos que; contanto que...*

3.3.1.3. Polissemia dos conectores

Kortmann 1996 refere ainda a **possibilidade de um conector desempenhar mais do que uma função semântica**. Em português, constatamos que a maioria dos conectores é monovalente (e.g. *porque, logo que...*) e que apenas alguns conectores podem ser polivalentes.

Neste grupo, estão frequentemente conectores temporais que, em determinados contextos, adquiriram valores diferentes:

desde que - temporal (+ indicativo) e condicional (+ conjuntivo)

(243) a. Desde que chegaste, ainda não paraste de tossir. <temporal>

b. Desde que chegues a horas, podes sentar-te onde quiseres. <condicional>

²¹ Kortmann 1996 identifica ainda mais dois subtipos: os conectores descontínuos, tais como *quanto mais...mais*; e os conectores que se organizam em séries, tais como os conectores com *wh-ever* do inglês. No entanto, não considero aqui os conectores descontínuos, uma vez que, como vimos no § 2., não é claro que estejamos perante uma estrutura de subordinação. Também não considero aqui as estruturas condicionais-concessivas universais do tipo '*quer...quer...,...*'. No último tipo, poderiam ser incluídos conectores de estruturas condicionais-concessivas, como '*qualquer que seja...,...*'. Também não vou considerar aqui estas estruturas.

²² A pertença de *embora e enquanto* a este grupo é discutível: diacronicamente, trata-se de palavras constituídas por mais do que um morfema; no entanto, sincronicamente, esta estrutura já não é transparente.

uma vez que - temporal e causal

- (244) a. Uma vez que o João foi a Madrid, trouxe um torrão delicioso. <temporal>
b. Uma vez que não estás com atenção, podes sair da sala. <causal>

enquanto - temporal e contrastivo

- (245) a. Enquanto estive aqui, ninguém telefonou. <temporal>
b. Enquanto o João é alto, a Ana é baixa. <contrastivo>

quando – temporal e contrastivo/adversativo

- (246) a. Quando o Rui está de férias, costuma levantar-se tarde. <temporal>
b. O João disse que a situação da empresa era catastrófica, quando, na realidade, não está assim tão má. <contrastivo>

Também o conector *como* é polivalente, podendo introduzir orações de modo, de causa e de conformidade:

- (247) a. O João fala como o pai falava. <modo>
b. Como chegou atrasado, o João já não arranjou lugar sentado. <causa>
c. Como eu previa, a sessão começou mais tarde. <conformidade>

A este respeito, o português não parece diferir muito de outras línguas, o que não deixa de ser interessante do ponto de vista dos mecanismos cognitivos mais gerais que intervêm nestes processos.

3.3.1.4. Categoria morfológica dos conectores

Na tradição gramatical portuguesa, os conectores de orações adverbiais são classificados como conjunções ou como locuções conjuncionais (no caso de se tratar de conectores complexos). Não é geralmente analisada a estrutura interna dos conectores complexos (quando ela é possível), nem o maior ou menor grau de coesão das unidades que os constituem. A maioria das gramáticas limita-se a listar os diferentes conectores, referindo nalguns casos a categoria a que podem pertencer as unidades que integram conectores complexos.

Parece-me, no entanto, que a análise da estrutura dos conectores e das unidades que os constituem, enquanto elementos que integram o sistema linguístico do português, é proveitosa para a compreensão do estatuto das orações adverbiais no seu conjunto, assim como de tipos específicos de orações adverbiais. Assim, ainda que não me seja possível analisar em profundidade todos os conectores de orações adverbiais e sua estrutura interna, tentarei mostrar que os conectores de adverbiais constituem uma classe heterogénea, podendo algumas orações adverbiais, do ponto de vista sintáctico, ser aproximadas de orações relativas livres, e outras de adjuntos não oracionais (constituintes preposicionados ou adverbiais).

Assim, quanto à **categoria morfológica** das unidades que os constituem, os conectores do português não têm um comportamento uniforme e contrastam muitas vezes com unidades semanticamente correspondentes noutras línguas.

No próximo ponto, tratarei com maior detalhe a natureza morfo-sintáctica dos conectores de orações adverbiais do português, assim como as diferentes estruturas que podem ter os conectores complexos do português.

3.3.2. Natureza morfo-sintáctica dos conectores de orações subordinadas adverbiais do português

A natureza categorial dos elementos que iniciam orações subordinadas adverbiais não é pacífica. Para outras línguas, para o inglês em particular, vários elementos de natureza adverbial ou preposicional que introduzem orações têm sido aproximados dos complementadores (cf. Emonds 1985; Dubinsky & Williams 1995). A proximidade entre as categorias P e C e a recategorização entre elementos destas classes tem sido notada por vários autores (cf. Emonds 1985²³, Kayne 1999, Bianchi 2000, Rafel 2000, por exemplo).

Estes elementos colocam várias questões:

- O que são do ponto de vista morfo-sintáctico os conectores de orações adverbiais?

- Que estatuto têm?

²³ Emonds 1985 considera que as conjunções de subordinação que introduzem adverbiais em inglês correspondem à categoria P. Na realidade, Emonds tenta reduzir uma série de elementos (e.g. partículas verbais...) à categoria P. Agradeço a Maria Francisca Xavier esta referência.

- Que posição ocupam na frase?

- Quando se trata de conectores complexos (i.e. 'locuções conjuncionais' segundo a tradição gramatical portuguesa), estamos perante uma unidade gramaticalizada ou perante várias unidades que ocupam posições distintas na estrutura da frase?

- Serão as conjunções e 'locuções conjuncionais adverbiais' elementos que lexicalizam a categoria C?

No quadro da teoria de princípios e parâmetros estes elementos não têm recebido muita atenção. Na realidade, a classificação das diferentes categorias de acordo com os traços [+/- N] e [+/- V], proposta em Chomsky 1970, não contempla distinções entre Advérbios, Preposições e Conjunções. Como referido em Bianchi 2000, não é claro o estatuto destes elementos relativamente à distinção predicado/argumento.

Assim, não está bem estabelecido aquilo que individualiza as categorias P, C e Adv, tendo havido algumas propostas no sentido de fazer confluir algumas destas categorias numa só (cf. Emonds 1985, por exemplo).

Para além disso, elementos com valores semânticos semelhantes podem ter comportamentos diferentes em diferentes línguas, o que complica um pouco mais a situação.²⁴

Assim, o inglês tem comportamentos diferentes das línguas românicas no que diz respeito aos conectores de adverbiais. Em inglês, os conectores temporais introduzem orações finitas, não podendo ser seguidos do complementador *that*. Em português, os conectores correspondentes têm comportamentos diferentes - não podem introduzir directamente orações finitas, precisando sempre de ser seguidos de outro elemento - *que*:

(248) a. before he left

b. *antes ele partisse

(249) a. *before that he left

b. antes que ele partisse

²⁴ Encontra-se na literatura várias referências a elementos de natureza adverbial como sendo preposições, sobretudo no que diz respeito a elementos de natureza temporal e locativa (cf. Móia 1999, Bianchi 2000, Tortora 2002, e também Raposo 1992 a propósito de *atrás de*, *dentro de* e *depois de*, que o autor analisa como preposições (cf. nota 3, p. 161)). Esta confusão entre preposições e advérbios é possivelmente causada pela interferência da descrição feita para o inglês, em que o funcionamento sintáctico destes elementos é diferente.

- (250) a. since her husband died
b. *desde o marido morreu
- (251) a. *since that her husband died
b. desde que o marido morreu

Em inglês, estes elementos podem seleccionar directamente um constituinte nominal ou adverbial, funcionando como preposições, i.e. como elementos capazes de atribuir Caso:

- (252) a. before me/before today
b. after him/after tomorrow
c. since yesterday
d. until today

Em português, nem todos os conectores têm esta propriedade. Em particular *antes* e *depois* não podem ocorrer com um constituinte nominal à sua direita, contrariamente a *desde* e *até*:

- (253) a. *antes mim/*antes ontem/*antes o fim das aulas
a'. antes de mim/antes de ontem/antes do fim das aulas
b. *depois mim/*depois hoje/*depois a aula
b'. depois de mim/depois de hoje/depois da aula
- (254) a. desde ontem/desde o primeiro dia
b. até amanhã/até qualquer dia

Dubinsky & Williams 1995, com base no comportamento dos conectores temporais do inglês acima descritos e em dados diacrónicos e dialectais propõem que os conectores temporais do inglês, inicialmente de natureza prepositiva, foram recategorizados como complementadores nos contextos em que introduzem orações, distinguindo-se de outros introdutores não temporais que manteriam as suas propriedades de preposição, tal como *without*.

Bianchi 2000, por sua vez, analisando o estatuto dos conectores temporais do italiano, considera que *prima*, *dopo*, *fino* e *da* nas seguintes expressões têm comportamento de preposições:

- (255) a. prima che io partissi
 b. dopo che sono partito
 c. fino a che (non) tornerai
 d. dacché sono partito

Uma vez que, na sua perspectiva, nestes elementos existe oscilação/ambiguidade sintáctica entre as categorias P e C, a autora propõe que estes são projectados numa categoria funcional na periferia esquerda da oração, a que chama Cp°, por ser simultaneamente de natureza conjuncional e prepositiva. Esta categoria, de natureza predicativa, tomaria dois argumentos e seleccionaria uma projecção TopP ou FocP.²⁵

Como se pôde ver, o estatuto morfo-sintáctico dos conectores de adverbiais está longe de ser transparente.

Nas próximas secções, tentarei rever as propriedades dos conectores de adverbiais do português, partindo da caracterização clássica das diferentes categorias gramaticais.

3.3.2.1. Conectores de tipo relativo

A natureza de relativos dos morfemas *quando* e *como* (modo) - a par do relativo adverbial *onde* - foi já defendida para o português em Mória 2001. Aqui vou propor que também o conector *enquanto* se comporta como um morfema relativo. Assim, enquadrar-se-ão no tipo <relativo> os conectores *quando*, *enquanto* e *como*.

Alguns dos argumentos empíricos que apoiam o estatuto de *quando* e *como* (modo) como relativos, referidos em Mória 2001, correspondem aos seguintes:

- i) possibilidade de ocorrerem orações introduzidas por estes conectores em posições seleccionadas:
- (256) Eu moro *(onde tu sabes).
 (257) Eu portei-me *(como é costume).
 (258) a. O acidente aconteceu *(quando eu estava a chegar a casa).²⁶

²⁵ Voltarei a alguns aspectos da proposta de Bianchi mais adiante.

²⁶ É discutível que a oração ocupe uma posição seleccionada, uma vez que podemos ter orações em que o argumento temporal não está presente como:

i) Aconteceu uma desgraça.

b. Estou a amealhar para *(quando for preciso).

ii) possibilidade de terem um antecedente lexical:

(259) A *cidade* onde eu nasci está completamente mudada.

(260) A Ana fez o trabalho exactamente da *maneira* como eu tinha pedido.

(261) Ainda não sei a *data* para quando a escritura será marcada.

iii) possibilidade de serem sujeitos a movimento longo:

(262) O lugar [onde o Zé acha [que vai viver [-]]] é um pouco sombrio.

(263) A Ana preparou a refeição [como eu achava [que ela iria fazer [-]]].

(264) O Zé não entrou [quando eu pensava que ele ia entrar [-]].

Bosque 1990, no entanto, não considera que os conectores correspondentes do espanhol tenham comportamento de relativos, aproximando-os antes da categoria dos substantivos. Bosque (1990: 202-4) considera que os 'advérbios relativos' não são constituintes extraídos ou movidos para a posição inicial da subordinada (como acontece com os constituintes-Qu), através da comparação de pares como este:

(265) Cuándo dijiste que te ibas?

(266) Cuando dijiste que te ibas.

De acordo com Bosque 1990, a primeira oração é ambígua, mas a segunda não: *cuando* não pode modificar a oração completiva. Esta assimetria leva Bosque a concluir que as 'relativas adverbiais' são expansões das 'categorias identificativas', i.e. têm como núcleo o advérbio temporal *cuando* ou o locativo *donde*. A hipótese de que não há movimento nestas estruturas, segundo o autor, explicaria mais facilmente casos como os de *cuando la guerra* e *donde tu madre*. Note-se que em português europeu dialectal, também se encontram sintagmas deste tipo:

(267) '(...) você vai para baixo para a povoação quando a mim'. (Cordial-sin, COV21)

(268) Eu desço quando tu. (Sandra Pereira, c.p.)

Como vimos, no entanto, existem vários argumentos a favor da existência de movimento nas estruturas adverbiais encabeçadas por *onde*, *como* (modo) e *quando*. As orações com *quando* são o caso menos claro. Apesar de o movimento longo do relativo

não ser possível em todos os contextos, ele é possível em alguns contextos, nomeadamente quando existe anáfora de complemento nulo.

Nos casos dos sintagmas referidos acima, i.e. *quando tu*, *quando a mim*, é possível que estejamos perante estruturas doutro tipo.

O conector *enquanto* partilha algumas propriedades com *quando*, nomeadamente a possibilidade de ocorrer em posições aparentemente seleccionadas, o que leva a pensar que também ele tenha um estatuto de relativo. A natureza relativa do temporal *enquanto* foi sugerida já em Alves (1999: n.3). Pela sua semântica própria, o temporal *enquanto* só poderá ocorrer em posições subcategorizadas com verbos que seleccionem um argumento que corresponde a uma quantidade de tempo:

(269) A sessão durará ??(enquanto houver assistência).

(270) A sessão durou ??(enquanto houve assistência).

Finalmente, existem alguns contextos em que *enquanto* parece poder sofrer movimento longo. No entanto, a possibilidade de *enquanto* sofrer movimento longo parece estar restringida a contextos em que existe uma estrutura elíptica (possivelmente uma anáfora de complemento nulo) na encaixada, o que é ilustrado na seguinte frase:

(271) O João esteve calado [enquanto eu pensava [que ele iria estar [-]]].

(272) ?Ele esteve doente [enquanto o João disse [que ele estaria [-]]]

Note-se que o mesmo tipo de restrições parece verificar-se com *quando*:

(273) O Zé não entrou [quando eu pensava que ele ia entrar [-]].

A frase (274) só pode ter a interpretação em que *quando* localiza temporalmente o evento de 'dizer' e não o evento de 'adormecer'.

(274) O Zé entrou [quando eu disse que a Ana adormeceu [-]].

No que diz respeito às orações com *enquanto*, verificamos que também podemos ter na subordinada predicados que seleccionam um argumento de tempo com duração, tal como *durar*, correspondendo esse argumento aparentemente a *enquanto*.

(275) [Enquanto a sessão durar [-]], não posso sair da sala.

Este é um argumento adicional a favor do estatuto relativo deste conector.

Poder-se-ia argumentar que a possibilidade de termos frases em que o argumento se encontra realizado através de uma expressão nominal invalida esta hipótese:

(276) Enquanto as sessões durarem mais de duas horas, não poderei ficar até ao fim.

Neste caso, no entanto, o conector *enquanto* funciona como um adjunto temporal e não como argumento do verbo *durar*, à semelhança do que acontece na frase abaixo, em que temos um argumento temporal seleccionado pelo V e um adjunto temporal lexicalizado por *quando*:

(277) [[Quando]_i os acidentes ocorrerem [depois das cinco horas] [-]_i], a responsabilidade já não é da empresa.

(278) [[Enquanto]_i a sessão durar [mais de duas horas] [-]_i], não poderei ficar até ao fim.

Ainda, marginalmente, *enquanto* parece poder ter um antecedente lexical:

(279) ??Nos dias enquanto eu estive doente, a Ana ficou em casa.

Confronte-se ainda as seguintes frases:

(280) *Quando a sessão durar mais de duas horas*, terei de sair mais cedo.

(281) *Enquanto a sessão durar mais de duas horas*, terei de sair mais cedo.

As frases (280) e (281) não têm o mesmo sentido. (280) pode ser parafraseada como 'de todas as vezes que a sessão durar mais de duas horas...'; (281) pode ser parafraseada como 'durante o tempo em que a sessão durar mais de duas horas...'

Assim, no segundo exemplo, teremos um argumento temporal do verbo *durar* realizado através da expressão *mais de duas horas* e um outro constituinte não argumental com duração lexicalizado por *enquanto*, à semelhança do que teríamos numa frase como:

(282) As sessões duraram [duas horas] [durante dois meses].

Como foi sugerido atrás, também o conector '**conformativo**' *como* (e eventualmente também os conectores *conforme* e *consoante*) tem propriedades que o aproximam dos relativos (cf. § 3.1.7.).

3.3.2.2. Conectores que integram uma preposição

Num primeiro grupo daquilo a que as gramáticas tradicionais portuguesas chamam 'locuções conjuncionais' estão os conectores cujo elemento inicial pode corresponder categorialmente a uma preposição. Nas locuções *para que*, *sem que*, *desde que* e *até que*, o primeiro elemento funciona como uma preposição. Veja-se que essas mesmas unidades podem ter como complementos constituintes nominais:

- (283) a. *Para nosso descanso*, o João telefonou-nos a dizer que tinha chegado bem.
b. *Para que ficássemos descansados*, o João telefonou-nos a dizer que tinha chegado bem.
- (284) a. O João está a chorar *desde as três horas*.
b. O João está a chorar *desde que chegou a casa*.
- (285) a. O João ficará a trabalhar *até horas tardias*.
b. O João ficará a trabalhar *até que anoiteça*.
- (286) a. O João saiu de casa *sem barulho nenhum*.
b. O João saiu de casa *sem que ninguém o ouvisse*.
c. O João saiu de casa *sem fazer barulho nenhum*.

Desde e *até* impõem uma restrição semântica ao seu complemento oracional, que tem de ter uma natureza temporal²⁷. As orações introduzidas por estes conectores podem assim ocorrer como resposta a interrogativas com *desde quando* e *até quando*:

- (287) - Desde quando está ele doente?
- Desde que chegou de Paris.
- (288) - Até quando vai durar a greve?
- Até que o governo mude de posição.

Veja-se que noutras línguas os conectores correspondentes podem integrar um elemento semelhante a *quando*. É o que acontece em italiano (cf. exs. (289)-(293), Renzi & Salvi 1991: 724-5; Moretti 1992: 502) e em espanhol (cf. exs. (294)-(297), García Fernández

²⁷ É discutível que o argumento oracional seleccionado por *até* tenha uma natureza temporal. Veja-se que esta P, ao contrário de *desde*, pode seleccionar uma infinitiva:

i) A greve manter-se-á [até o governo mudar de posição].

1999: § 48.7):

(289) Soleva rimanere sveglia *finché non rientrava suo figlio*.

(290) Starò sveglio *fin quando abbiamo telefonato*.

(291) Gridò *finché ebbe voce*

(292) *Da quando Luigi fa il ferroviere* non ha più un orario fisso.

(293) *Dacché Maria ha cominciato a fumare*, non ha più smesso.

(294) Vivo solo *desde que murieron mis padres*.

(295) Trabajo en París *desde cuando gané la oposición*.

(296) No me habló *hasta que llegó Pepe*.

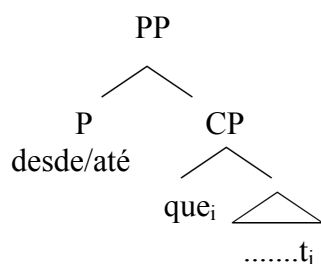
(297) No me habló *hasta cuando empezó la película*.

É plausível supor que em português o elemento *que* que integra estes conectores tenha também uma natureza temporal, correspondendo a um relativo introduzido por uma preposição nula, tal como acontece em contextos como o seguinte:

(298) Fico preocupado nos dias (em) que o João chega tarde a casa.

Teríamos assim, no caso das orações temporais introduzidas por *desde que* e *até que*, uma P seguida de uma relativa livre de natureza temporal que funciona como complemento da preposição:

(299)



Os conectores destas orações enquadrar-se-iam portanto no tipo <P + relativo>, sendo a relativa analisável como uma relativa sem antecedente complemento da P. Não questiono aqui o facto de a partícula *que* corresponder a um constituinte-Qu deslocado ou a um complementador coindexado com um operador que por sua vez liga uma variável no interior da subordinada. O que importa é que, em qualquer dos casos,

teremos uma posição vazia A'-ligada no interior da encaixada.

Voltarei ao estatuto de relativa da oração introduzida por *que*.

García Fernández 1999 refere que Bosque 1987 considera que em *hasta que* e *desde que* a sequência <preposição + *que*> foi reinterpretada como uma conjunção. A favor disso, o autor refere a impossibilidade de coordenar o segmento encabeçado por *que*:

(300) Hasta que llegó Pepe y (*que) empezó el jaleo.

(301) Desde que murió su hermano y (*que) abandonaron la ciudad.

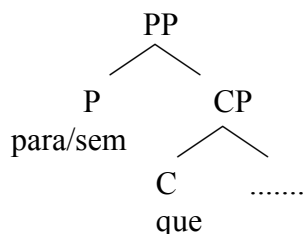
Em português, no entanto, não me parece que a coordenação do segmento iniciado por *que* dê necessariamente origem a frases agramaticais. Embora a não repetição de *que* corresponda ao caso não marcado, a coordenação das orações introduzidas por *que* também é possível:

(302) Desde que a mãe morreu e (que) o pai arranhou outra mulher, o Rui anda triste.

(303) Até que a situação acalme e (que) a polícia dê indicações precisas, todos devem permanecer nas suas casas.

Nas orações finais com *para que* e nas orações de circunstância negativa com *sem que* a partícula *que* corresponderá antes a um complementador, não havendo uma posição vazia na subordinada. Este conector enquadrar-se-á no esquema <P + complementador>.

(304)



Veja-se que *para* e *sem* podem seleccionar, para além de constituintes nominais, constituintes oracionais finitos ou infinitivos. *Para* pode ter como complemento um

pronome demonstrativo que retoma a oração subordinada:

(305) a. *Para poder vir à reunião*, tive de cancelar vários compromissos.

b. *Para isso*, ...

Quanto ao conector *porque*, trata-se também aqui de uma unidade inicialmente constituída por uma P - *por* - seguida de uma oração completiva iniciada por *que*. Veja-se que *por* pode seleccionar também orações infinitivas e outros constituintes nominais, mantendo um sentido relativamente constante:

(306) a. O João foi-se deitar *porque era tarde*.

b. O João foi-se deitar *por ser muito tarde*.

c. O João foi-se deitar *por esse motivo*.

No entanto, o conector *porque* parece ter sofrido um grau maior de gramaticalização, não sendo já possível coordenar a oração completiva que a P selecciona, ao contrário do que acontece quando a P selecciona uma infinitiva:

(307) O João foi-se deitar *porque era tarde* e *(*por*)*que estava já com sono*.

(308) O João foi-se deitar *por ser muito tarde* e ?(*por*) *estar já com sono*.

Nem sempre é fácil determinar se a partícula *que* corresponde nestes conectores a um complementador ou a um relativo, ou, melhor dizendo, se a oração finita que segue os primeiros elementos da unidade complexa corresponde originariamente a uma oração subcategorizada, a um adjunto, ou a uma relativa livre.

Como determinar a natureza categorial de *que* nestas unidades?

Alguns factores podem ajudar a definir o estatuto sintáctico de *que* em cada uma das expressões:

- i) o elemento inicial pode seleccionar outras categorias?
- ii) a oração iniciada por *que* pode alternar com uma infinitiva?
- iii) a oração iniciada por *que* pode ser substituída por um relativo na formação de uma interrogativa? (e.g. *desde quando? até quando?*)
- iv) a oração iniciada por *que* tem um valor adverbial (por ex. temporal)?
- v) é identificável uma posição argumental vazia no interior da encaixada?

Assim, como vimos, as preposições *por*, *para* e *sem*, por exemplo, podem seleccionar a par de DPs, orações finitas ou infinitivas, ainda que o sentido das

expressões não seja absolutamente equivalente para todas as categorias:

- (309) a. O Zé despediu-o *por minha causa*.
b. O Zé despediu-o *porque eu lhe pedi*.
c. O Zé despediu-o *por eu lhe ter pedido*.
- (310) a. O Zé comprou este vinho *para o nosso jantar*.
b. O Zé comprou este vinho *para que nós o bebêssemos ao jantar*.
c. O Zé comprou este vinho *para nós bebermos ao jantar*.
- (311) a. O Zé saiu de casa *sem uma palavra*.
b. O Zé saiu de casa *sem que eu o ouvisse dizer uma palavra*.
c. O Zé saiu de casa *sem me dizer uma palavra*.

Assim, as orações que seguem estas preposições comportam-se como complementos seleccionados por elas. A oração corresponde a uma proposição que constitui o evento que denota a causa, o fim, ou a circunstância que não se verificou, relativamente ao evento da matriz.

Qual o estatuto do morfema *que* nos conectores temporais *desde que* e *até que*?

No conector temporal *desde que*, o morfema *que* parece introduzir uma relativa livre com um operador nulo de valor temporal que é seleccionada pela P. Noutras línguas, como foi já referido, uma temporal com *quando* pode ocupar esta posição (cf. italiano *da quando* a par de *da che* e de *dacché*). Ainda, em português, a preposição *desde* pode ocorrer em expressões interrogativas com *quando*: *desde quando*.

(312) - Desde quando é que estás doente?/ - Desde que cheguei de férias.

Para além disso, o estatuto relativo de *que* em *desde que* é corroborado pelos seguintes factos:

- i) tal como acontece com *quando*, *desde que* pode introduzir uma oração cujo predicado pode seleccionar um argumento temporal:

(313) O João está com uma depressão [desde [que isso aconteceu [-]]].

- ii) o elemento *que* em *desde que* pode ter um antecedente lexical, que, no entanto, tem de estar localizado depois da P:

(314) O João está com uma depressão desde o dia (em) que isso aconteceu.

(315) ??Lembro-me do dia desde que o João adoeceu.

- iii) tal como acontece com *quando*, *que* parece poder sofrer movimento longo, quando na subordinada existe anáfora de complemento nulo:

(316) O João está desempregado [desde [que eu disse que ele iria estar [-]].

O estatuto de *que* em *até que* não é tão claro.

Ao contrário do que acontece com *desde*, *até* pode seleccionar também orações infinitivas:

(317) a. *O Rui está a chorar desde chegar a casa.

b. O Rui está a chorar desde que chegou a casa.

(318) a. O Rui chorou até chegar a casa.

b. ??O Rui chorou até que chegasse a casa.

Desde que temporal selecciona o indicativo, ao passo que *até que* selecciona o conjuntivo. As orações com *até que* têm preferencialmente sujeitos disjuntos do sujeito da matriz.

Vários argumentos poderão apoiar o eventual estatuto relativo de *que* em *até que*:

- i) a possibilidade de a oração introduzida por *até que* poder funcionar como resposta a interrogativas-Qu com *até quando*:

(319) - Até quando vais ficar à espera?/- Até que me dêem uma resposta.

- ii) a aparente ligação de *que* a uma posição seleccionada no interior da encaixada:

(320) Vou esperar [até [que isso aconteça [-]]].

- iii) a possibilidade de *que* ter um antecedente lexical:

(321) Vou esperar até (a) o dia (em) que isso aconteça.

- iv) a aparente possibilidade de *que* sofrer movimento longo em contextos de anáfora de complemento nulo:

(322) O João estará de cama [até [que o médico ache que ele deva estar [-]]]

Assim, aparentemente, *até* pode seleccionar um DP ou Adv de natureza temporal,

uma oração infinitiva, ou uma oração finita:

(323) Esperarei até amanhã/logo/depois.

(324) Esperarei até esta tarde.

(325) Esperarei até ser preciso.

(326) Esperarei até que estejas preparado.

3.3.2.3. Conectores que integram um advérbio

Outros conectores de orações adverbiais são encabeçados por elementos de natureza adverbial. É o caso dos conectores *antes de/que* e *depois de*. Em português, *antes* e *depois* funcionam não como preposições, mas como advérbios. Distinguem-se assim de *before* e *after* em inglês que podem ter uma distribuição típica de preposições. Assim, em português, o complemento nominal de *antes* e *depois* é sempre introduzido pela P neutra *de*, uma vez que os Advs., não sendo atribuidores de Caso, não seleccionam directamente constituintes nominais:

(327) a. O João saiu antes dela/das três horas.

b. *O João saiu antes ela/as três horas.

(328) John left before her/three o'clock.

(329) a. O João chegou depois de mim/das três horas.

b. *O João chegou depois mim/as três horas.

(330) John arrived after me/three o'clock.

O estatuto adverbial destes elementos é confirmado pela possibilidade de *antes* e *depois* poderem ocorrer sem qualquer complemento, ao contrário do que acontece com *desde* e *até*:

(331) *O João está a dormir desde.

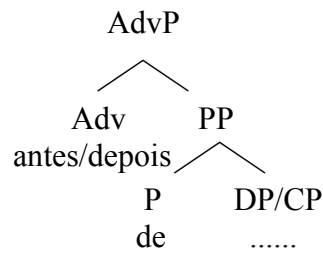
(332) *O João dormiu até

(333) O João chegou antes.

(334) O João chegou depois.

As orações introduzidas pelas chamadas 'locuções' *antes de* e *depois de* corresponderiam então na realidade a sintagmas adverbiais cujo núcleo tem um complemento:

(335)



O estatuto adverbial de *antes* e *depois*, no entanto, não é tão pacífico assim. Estes advérbios têm de facto propriedades particulares, tal como os advérbios deícticos *aqui*, *ali*, *hoje*, *agora*, entre outros, como observa Bosque (1990: 199). Pertencem a um subconjunto de advérbios que pode ocorrer em posição de complemento de uma preposição:

(336) Guarda isso *para depois*.

e pode ocorrer em estruturas de tipo clivado que integram relativas (cf. Larson 1985; Bosque 1990):

(337) a. Lo vi ayer/recientemente

b. Lo resolvió así/ fácilmente

(338) a. Ayer/??Recientemente fue cuando lo vi

b. Así/??Fácilmente es como lo resolvió (Bosque 1990: 200)

Bosque 1990 considera, na sequência de outros autores, que estes advérbios - a que chama identificativos - têm comportamentos típicos de formas nominais (ou de substantivos). Também, segundo o autor, como vimos, *cuando* e *donde* em espanhol são advérbios identificativos e não constituintes relativos movidos.

Outros conectores que integram um Adv são *sempre que*, *logo que* e *assim que*.

Sempre e *logo* como conectores oracionais mantêm as características temporais que têm quando não iniciam orações, podendo estabelecer uma relação com outro constituinte de natureza temporal:

(339) a. O João bebe *sempre* café *depois de almoço*.

b. O João bebe café *sempre que acaba de almoçar*.

(340) a. *Quando chega a casa*, o João toma *sempre* uma bebida.

b. O João toma uma bebida *sempre que chega a casa*.

- (341) a. *Depois de jantar*, o João vai *logo* para a cama.
 b. O João vai para a cama *logo que acaba de jantar*.
- (342) a. *Quando chega a casa*, o João liga *logo* a televisão.
 b. O João liga a televisão *logo que chega a casa*.

Já relativamente a *assim*, não existe um paralelismo tão claro entre o Adv e o conector oracional. O Adv *assim* tem habitualmente uma interpretação de modo, ao passo que o conector *assim que* tem claramente uma interpretação temporal:

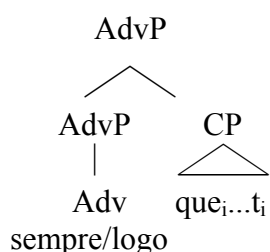
- (343) a. *Quando chegou a casa*, o João gritou *assim* (=dessa maneira).
 b. O João gritou *assim que chegou a casa* (=logo que chegou a casa).

No entanto, o Adv *assim* pode assumir outros valores para além do modo, como é exemplificado nas seguintes frases:

- (344) *Assim* fosse verdade! (advérbio 'desiderativo', cf. 'oxalá')
- (345) *Assim* de repente, não consigo lembrar-me do nome. (advérbio 'modalizador')
- (346) A situação da firma tem piorado bastante. *Assim*, teremos de reduzir as despesas no próximo ano. (advérbio conectivo conclusivo, cf. 'por conseguinte')
- (347) Assim está a senhora, assim estava eu. (advérbio que estabelece uma correlação comparativa)

A oração introduzida por *que* que segue os advérbios *sempre* e *logo* pode ser analisada como uma relativa que restringe o valor do advérbio.

(348)



Repare-se nos exemplos de (340) e (342). Veja-se ainda que o relativo parece desempenhar uma função na oração subordinada. Como argumentado em Mória 2001 para as orações com *quando*, também as orações com *sempre que* e *assim que* podem ter

um predicado que exige um argumento temporal:

(349) A Ana fica aborrecida [sempre [que; isso acontece [-]i]].

(350) A Ana chamou a ambulância [logo [que; o acidente ocorreu [-]i]].

Quanto a *assim que*, a estrutura gramatical não é tão óbvia, uma vez que o Adv *assim* tem um sentido diferente daquele que tem quando ocorre isoladamente.

3.3.2.4. Conectores que integram um quantificador ou um advérbio de grau

Alguns conectores do português correspondem a DPs quantificados seguidos de uma oração relativa. Assim, enquadram-se no esquema <quantificador (+ D) + N + relativo> os seguintes conectores: *cada vez que*, *todas as vezes que*.

Estes conectores incluem o N *vez* que é quantificado pelo quantificador universal *todas* ou pelo quantificador distributivo *cada*. As orações introduzidas por estes conectores ganham assim um valor de frequência ou de quantificação sobre situações paralelo ao que acontece com *sempre que*, uma vez que *sempre* é um advérbio que quantifica sobre eventos.

Repare-se que estes conectores correspondem já a expressões cristalizadas. O N *vez* não é passível de outro tipo de modificação:

(351) ??Todas as tristes vezes que ele me telefona, é para me contar alguma desgraça.

(352) *Cada uma das vezes que ele me telefona, fico enervada.

A oração iniciada por *que* funciona aqui mais uma vez como uma relativa que restringe o valor do DP quantificado:

(353) A Ana fica aborrecida cada vez que isto acontece.

(354) A Ana fica aborrecida todas as vezes que isso acontece.

Outro tipo de conectores que integram quantificadores ou advérbios de grau correspondem a *por muito (x) que* e *por mais (x) que*. Neste caso, é mais difícil determinar a natureza gramatical do conector. Ao contrário dos outros, estes conectores não constituem expressões fixas. Podem ter a forma *por muito que* e *por mais que*, como em:

(355) *Por muito que te custe*, terás de me ouvir.

(356) *Por mais que eu o avisasse*, ele não me obedeceu.

Podem também integrar elementos nominais, adjectivais ou até adverbiais:

(357) *Por muito rico que ele seja*, não quero casar com ele.

(358) *Por mais dinheiro que me ofereças*, não vou aceitar o emprego.

(359) *Por muito depressa que ele corra*, nunca conseguirá ganhar a corrida.

Assim, estas estruturas condicionais-concessivas parecem ter alguma coisa em comum com as construções de grau.

3.3.2.5. Conectores que integram uma forma participial

Alguns conectores de orações adverbiais do português parecem corresponder a uma forma participial (particípio passado) seguida de um complemento oracional. Trata-se dos conectores *visto que* e *dado que*.

Para testarmos o estatuto gramatical deste conector, i.e. para sabermos se corresponde ainda a um particípio passado seguido de um complemento ou se, pelo contrário, sofreu um processo de gramaticalização que nos impede de atribuir um estatuto verbal ao primeiro elemento, podemos considerar os critérios propostos por Bosque (1990: 197):

- i) a (im)possibilidade de coordenar as orações introduzidas por *que*;
- ii) a presença (ou não) de acento no particípio;
- iii) a possibilidade de inserir expressões parentéticas entre a forma verbal e *que*.

Em português, é possível, ainda que seja um pouco marcada, a coordenação apenas do elemento introduzido por *que*:

(360) Visto que tudo está mais calmo e (visto) que a situação já não merece cuidados, vou para casa.

(361) Dado que não há quorum e (dado) que já passou uma hora, teremos de adiar a assembleia.

Esta possibilidade seria um argumento a favor da existência de uma certa

independência entre a forma verbal e *que*, i.e. a favor do estatuto não completamente gramaticalizado dos conectores *visto que* e *dado que*.

Também estas formas verbais parecem poder receber acento próprio.

A inserção de uma expressão parentética é possível, embora nem sempre seja natural:

(362) ?Visto, como é óbvio, que está a chover...

(363) ?Dado, é claro, que haverá mais oportunidades...

Assim, pode considerar-se que os conectores *visto que* e *dado que* mantêm até certo ponto o seu estatuto de orações absolutas. O facto de *visto* e *dado* poderem ser seguidos de uma oração infinitiva apoia a ideia de que *visto que* e *dado que* correspondem a unidades analisáveis, que preservam em grande medida as propriedades dos itens lexicais que as constituem:

(364) Dado estarmos todos de acordo, podemos proceder à votação.

(365) Visto ter acabado a guerra,...

3.3.2.6. Conectores adverbiais

Os conectores *embora* e *mal* correspondem a constituintes inicialmente de natureza adverbial, tendo passado a funcionar como conjunções, i.e. como introdutores de orações subordinadas.

Embora (cf. Machado 1952, Lima 1997) tem origem na expressão adverbial *em boa hora*, tendo sofrido um processo de gramaticalização acentuado. De acordo com Machado 1952, em textos do s. 15 ainda se encontra a expressão *em boa hora* (por oposição a *em má hora*). Actualmente, tem apenas valor concessivo.

Note-se que, da sua natureza adverbial, *embora* conserva uma certa mobilidade. Assim, em orações gerundivas, *embora* pode ocorrer quer antes da forma verbal no gerúndio, quer depois dela. Esta variabilidade de posição não é característica das conjunções típicas.

(366) a. *Embora* sendo pobres, todos eram muito felizes.

b. Sendo *embora* pobres, todos eram muito felizes.

O conector *mal* também tem uma origem adverbial. O Adv. *mal* pode ter diferentes valores, geralmente associados a diferentes posições que o Adv. ocupa. Em

posição pós-verbal tem geralmente interpretação de modo. Em posição pré-verbal (imediatamente antes do verbo ou antes do sujeito), no entanto, tem geralmente um valor que corresponde à quase negação da proposição, parafraseável por *quase não*, ou, se se quiser, a um valor que enfraquece a asserção da proposição. Esses valores são exemplificados nas seguintes frases:

- (367) a. O João nada mal. <mal=modo>
b. *O João mal nada.
c. *Mal o João nada.
- (368) a. O João mal sabe nadar. <mal='quase não'>
b. *O João sabe nadar mal.
c. *Mal o João sabe nadar.
- (369) a. Mal o João sabia que as coisas iam acabar assim. <mal=avaliativo?>
b. *O João sabia mal que as coisas iam acabar assim.
c. ??O João mal sabia que as coisas iam acabar assim.

O Adv. *mal* em posição pré-verbal, no entanto, não legitima itens de polaridade negativa:

- (370) O João não falou a ninguém.
(371) *O João mal falou a ninguém.

Em posição pré-verbal, *mal* pode adquirir também um valor temporal-aspectual:

- (372) a. O João *mal* começou a falar.
b. O João *acabou de* começar a falar.
c. O João começou a falar *mesmo agora*.

Assim, nas seguintes frases, percebe-se que dos usos em que o Adv ocorre em posições periféricas na frase tenha passado a funcionar como conector oracional:

- (373) a. (*mal*) o João (*mal*) entrou, e o Pedro já está a sair!
b. *mal* o João entrou, o Pedro saiu

3.3.2.7. Conectores do tipo <P + N + *de* ...> ou <P + DP + *de*...>

Um conector como *a fim de (que)* pode ser analisado como a sequência da P *a* seguida do N *fim* seguido da P *de* que selecciona uma completiva finita ou infinitiva:

- (374) a. A reunião começou um pouco mais tarde *a fim de que todos pudessem estar presentes*.
- b. A reunião começou um pouco mais tarde *a fim de todos poderem estar presentes*.

Este conector complexo, que pode ser comparado com as expressões *com o fim de* e *com o intuito de*, tem no entanto uma coesão interna maior. Veja-se que, ao contrário do que acontece nas expressões *com o fim de* e de *com o intuito de*, o N *fim* não admite nem determinação nem modificação:

- (375) a. *A reunião começou um pouco mais tarde *ao fim de que todos pudessem estar presentes*.
- b. *A reunião começou um pouco mais tarde a(o) claro fim de que todos pudessem estar presentes.

(376) O Rui chegou mais tarde *com o claro intuito de dar nas vistas*.

(377) O Rui aproximou-se *com o maléfico fim de me pôr nervoso*.

Ainda, enquanto *a fim de* selecciona quer completivas finitas quer infinitivas (cf. (374)), *com o fim de* e *com o intuito de* seleccionam apenas infinitivas:

(378) ??/*O Rui chegou mais tarde com o intuito de que todos reparassem nele.

(379) ??/*O Rui aproximou-se com o fim de que eu ficasse nervoso.

Quanto aos conectores que introduzem condicionais *na condição de* e *no caso de*, verificamos que se trata também de unidades analisáveis, ou seja trata-se de grupos preposicionais que incluem uma completiva infinitiva. Em ambos os casos, o N - *caso* e *condição* - continua a poder ser modificado e está determinado, contrastando assim com o que acontece com o conector *caso*:

(380) Eu comprometo-me a escrever o relatório na simples condição de me darem um prazo de uma semana.

(381) No caso pouco provável de o comboio chegar atrasado, teremos de esperar cerca de três horas pela outra camioneta.

(382) (*O) caso (*improvável) o comboio chegue atrasado, teremos de esperar cerca de três horas pela outra camioneta.

Quanto ao conector *apesar de*, que introduz apenas infinitivas, é plausível pensar-

se que se trata de uma locução prepositiva, formada inicialmente por P + N + P (*a pesar de*) que sofreu uma gramaticalização. A forma *apesar* não aparece noutros contextos para além deste, não tendo comportamento de advérbio:

(383) *Apesar, o Rui foi trabalhar.

Quer quando selecciona uma oração, quer quando selecciona um DP, *apesar de* conserva o mesmo sentido concessivo:

(384) Apesar de tudo/apesar disso/apesar do mau tempo, o Rui foi trabalhar.

(385) Apesar de ser Domingo/apesar de o patrão estar de férias, o Rui foi trabalhar.

Pode pensar-se, por conseguinte, que é a unidade lexicalizada *apesar de* que é responsável pelo sentido concessivo da oração que introduz.

Finalmente, o conector *à medida que* introduz apenas orações finitas:

(386) À medida que o tempo passa, a saudade aumenta.

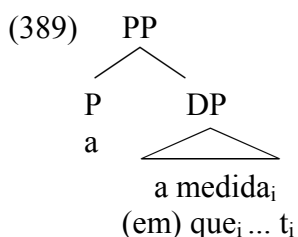
(387) *À medida de o tempo passar, a saudade aumenta.

Neste caso, embora não tenhamos nenhum quantificador lexicalizado no conector, parece-me plausível admitir que temos uma estrutura aproximável da dos conectores *cada vez que* e *todas as vezes que*, no sentido em que temos um DP que contém uma oração relativa. Isto explicará a relação de proporção que se estabelece entre subordinada e principal:

(388) À medida que o tempo passa, a saudade aumenta.

o tempo passa na medida x ; a saudade aumenta na medida x

Teremos assim um PP que contém um DP modificado por uma relativa restritiva (encabeçada por uma P nula) que funciona como adjunto do predicado da oração matriz:



3.3.2.8. Conectores conjuncionais

Existem conectores de adverbiais que não se enquadram em nenhum dos tipos referidos anteriormente. Entre eles encontram-se por exemplo elementos que são classificáveis como conjunções, e.g. condicional *se*, e conectores de base nominal que foram reanalisados como conjunções, e.g. *caso*.

Neste último caso, o conector deixou de ter as propriedades associadas aos Ns.

Pode ser seguido de uma oração finita sem qualquer outra conjunção, mas não de uma oração finita introduzida por *que* ou infinitiva:

(390) Caso estejam de acordo, terminamos a aula mais cedo.

(391) *Caso que estejam de acordo,...

(392) *Caso de estarem de acordo,...

Não pode ser determinado nem modificado:

(393) *No caso estejam de acordo,...

(394) *Os casos estejam de acordo,...

(395) *Caso improvável estejam de acordo,...

Assim, *se* e *caso* condicionais funcionam como conjunções, ocupando possivelmente a posição C.

Também o conector causal *como* pode ser tomado como um item lexical que ocupa a posição C. Ao contrário do que acontece com os conectores *como* com valor de modo e *como* com valor conformativo, nas causais com *como* não é possível identificar uma posição vazia no interior da subordinada. *Como* causal não tem, por conseguinte, um comportamento típico de um elemento-Qu:

(396) a. O Rui anda exactamente como o pai anda (*assim)

b. O Rui anda exactamente como_i o pai anda [-]_i

c. O Rui anda de certa maneira e o pai anda dessa maneira.

(397) a. Como (*o) sabes, o Rui é muito meu amigo.

b. Como_i sabes [-]_i, ...

c. O Rui é meu amigo e tu sabes isso

(398) a. Como está a chover, o piquenique foi cancelado.

- b. *Está a chover dessa maneira e o piquenique foi cancelado.
- c. Está a chover. O piquenique foi cancelado.

Para além disso, em português antigo existia um conector causal *visto como* com um valor semelhante a *visto que*:

(399) E o d(i)to {{A}}. Jui'z [vi'sto como o d(i)cto Joha~ de Merida no~ enbargaua o meyo do Alq(ui)er] Julgou p(or) ((L11)) sente~ça q(ue) o d(i)cto P(ri)ol (e) Conve~to aia~ a meyadade do Alq(ui)er q(ue) as d(i)ctas Casas Rendere~ daq(ui) adeant(e). (CIPM, 1289, CHP022)

Este coexistia com *como*:

(400) Conu~çuda cousa seia a q(ua)ntos esta Carta uire~ que [como conte~da fosse antr' o muy nobre don Affonso pela gr(aç)a de deus Rey de Portugal. e do Algarue da hu~a p(ar)te. E nos Mo'ó'r m(a)rti'j'z Abbadessa e o Conuento do Moest(e)iro de Arouca da outra. sobrelo Moest(e)iro de San Saluador de Bouças. e o herdam(en)to de Bouças. e de Villar de Sando cu~ todas sas p(er)te'e'nças]. de nossa bo~a uo'ó'ntade. e por p(ro)feytam(en)to /de no/sso Moest(e)iro ue'e'mos a'a' tal aue'e'nça. q(ue) elRey nosso senhor aia o Moest(e)iro. e o herdam(en)to de Bouças. e de villar d(e) Sando co~ todas sas p(er)te'e'nças. e co~ todos seus dereyt(os). (CIPM, 1257, CA22, F127rA ll. 48-55 e F128vB ll. 1-4)

O item lexical *como* tinha aliás frequentemente um funcionamento típico de um complementador, introduzindo completivas finitas:

(401) Sabha~ todos [como p(re)stumeyro. dya de. Março. E(ra). #Ma #CCCa (e) ((L02)) #xxxa (e) seis Anos. En alpa~pilhel. eno cunchouso. nouo. q(ue) era e~ conte~ ((L03)) da Ant(re) P(e)d(ro) rodrigi'z. Alcayde da Aza~bui'a. (e) A p(ri)ouressa (e) As donas ((L04)) dachelas. En p(re)zença. de mj~ Dyago ean(e)s Tabelyo~. dessa uila. (e) ((L05)) das testemu~yhas q(ue) adea~te son esc(ri)tas. Jhoa~ de moli~. porteyro ((L06)) del Rey. entregou o erdame~to sobred(i)to. A Rodrigo p(ro)c(ur)ador das ((L07)) ditas donas assi como lhi el Rey ma~daua. e~ hua carta. de ((L08)) sente~ça q(ue) dera a~t(re) o d(i)to Alcayde (e) essas donas]. (CIPM, 1298, CHP061)

(402) E se lho conhoc(er) ou lho p(ro)uar [como el lho deu ou lho ma~dou],
aq(ue)l q(ue) lha deu ou lha mandou aya a pe~a q(ue) ma~da a ley dos
q(ue) faze~ as esc(ri)turas falsas se no~ ouu(er) razo~ dereyta p(er) q(ue)
se deffenda. (CIPM, s. 13, TP)

(403) Conuzuda cousa segia a quantos virem & oyrem como eu Diego Gom(e)z
d(e) bom cor & d(e) boa uoomtade ffazo pleyto & plazo & carta firm(e)
d(e) quitazo~ q(ue) sempre ualla (CIPM, s. 13, HGP)

Também em português europeu contemporâneo é possível identificar um
complementador *como* com um valor próximo de *que*:

(404) a. Vêem como é possível concluir o projecto num ano?

b. Vêem que é possível concluir o projecto num ano?

(405) Sabes bem como o teu pai detesta que fales assim.

(406) Vês como te sabes portar bem quando queres?

3.3.2.9. Conectores que incluem um adverbial de 'inclusão' ou de 'exclusão'

Alguns conectores de orações condicionais e condicionais-concessivas parecem
corresponder a uma sequência formada por um advérbio ou expressão adverbial de
'inclusão' ou de 'exclusão' seguidos de *que*: *ainda que*, *mesmo que* e *a menos que*, *a não
ser que*.

Os advérbios *ainda* e *mesmo* parecem ser os responsáveis pelo valor concessivo
da oração, funcionando como modificadores dessas orações, tal como acontece com
outros constituintes não oracionais:

(407) a. Mesmo sem fome, podes jantar.

b. Mesmo que não tenhas fome, podes jantar.

(408) a. Mesmo às escuras, o João não tem medo.

b. Mesmo que não veja nada, o João não tem medo.

(409) a. Ainda assim, o Rui foi às aulas.

b. Ainda que não se estivesse a sentir bem, o Rui foi às aulas.

Assim, *ainda que* e *mesmo que* parecem corresponder a CPs introduzidos pelo
complementador *que* (ou *se* na expressão *mesmo se*) modificados por advérbios 'de

inclusão', na terminologia tradicional (cf. Cunha & Cintra 1984; Costa & Costa 2001).

Quanto aos conectores condicionais *a não ser que* e *a menos que*, parece tratar-se de CPs introduzidos pelo complementador *que* modificados por operadores de 'exclusão' (veja-se o conector menos usado *salvo se*).

Serão assim os advérbios ou expressões adverbiais que introduzem estes conectores que definirão o seu estatuto semântico e sintáctico, i.e. são eles que fazem com que a oração tenha um comportamento típico de uma adverbial periférica, como veremos adiante.

3.3.2.10. Conectores <a + inf.> e <ao + inf.>

Temos ainda infinitivas temporais introduzidas por *ao* e condicionais introduzidas por *a*.

No segundo caso, a partícula *a* tem um valor claramente diferente daquele que tem a preposição *a* noutros contextos, que nunca está associada a um valor condicional:

- (410) a. A ser verdade o que se diz, só seremos aumentados no próximo ano.
b. *A essa situação,...

No primeiro caso, *a* parece introduzir uma infinitiva semelhante às orações factivas, sendo o infinitivo precedido do artigo *o*:

- (411) Lamento o teres perdido o ano.
(412) Ao chegar a casa, o Rui desmaiou.

A resistência à possibilidade de lexicalizar o sujeito nestas estruturas assim como à possibilidade de termos referência disjunta aponta para uma estrutura oracional mais defectiva, cuja análise está fora do âmbito deste trabalho:

- (413) a. Ao chegar a casa, o Rui constatou que não tinha trazido as chaves.
b. *Ao o Pedro chegar a casa, o Rui sorriu.
(414) a. *Ao a Ana sorrir, o Rui sorriu também.
a'. *Ao sorrir a Ana, o Rui sorriu também.
b. *Ao o Pedro chegar, o Rui sorriu.
b'. ?Ao chegar o Pedro, o Rui sorriu.

3.3.2.11. Conectores mais 'opacos'

Existem 'locuções conjuncionais' que integram elementos que não aparecem senão nesse contexto, e.g. *contanto que*. A palavra *contanto* não existe fora desta locução. Não é possível atribuir a *contanto* uma etiqueta gramatical.

Existem ainda conectores complexos constituídos por unidades que ocorrem noutros contextos em português, mas cuja estrutura interna é dificilmente analisável.

Alguns desses conectores integram Adv's ou expressões adverbiais, mas são mais opacos semanticamente do que os conectores que já analisámos acima. Assim, os conectores causais complexos *já que* e *uma vez que*, contêm respectivamente um Adv e um DP, mas o seu sentido não pode ser predito a partir dos elementos que os constituem. Assim, nem o Adv *já* nem o DP *uma vez* têm já um sentido temporal. Estes conectores gramaticalizaram-se, não podendo o sentido último ser reconstituído através da junção do sentido dos elementos individuais.

Também o conector condicional *desde que*, que selecciona conjuntivo, homófono com o conector temporal *desde que*, que selecciona indicativo, perdeu o seu sentido temporal. Além disso, ao contrário do que acontece com *desde* temporal (cf. (284)), *desde* não existe na língua portuguesa com um sentido condicional fora deste contexto, o que mostra que houve uma gramaticalização da unidade:

(415) Desde que estejas com atenção nas aulas, consegues ter uma boa nota.

(416) *Desde essa condição, consegues ter uma boa nota.

Noutros casos, são conectores que sofreram um processo acentuado de gramaticalização, tendo-se perdido a ligação aos elementos que inicialmente os constituíram. A expressão *se bem que*, por exemplo, não tem uma estrutura interna transparente.

Curiosamente o Adv *bem* ocorre em várias línguas de famílias diferentes em conectores complexos com sentido concessivo: francês *bien que*, italiano *benché*, *sebbene*, espanhol *bien que*, romeno *de bine ce*, alemão *obwohl*, *wiewohl*, neerlandês *(al)hoewel*, húngaro *jóllehet* (cf. Kortmann 1996: 97).

Finalmente, o conector contrastivo *enquanto (que)* perdeu o seu sentido temporal, tendo apenas um valor contrastivo:

(417) A minha mãe chega a casa cedo, enquanto que o meu pai chega a casa tarde.

Neste caso, houve uma gramaticalização do conector, não sendo possível atribuir a *enquanto* um estatuto de relativo:

(418) A Ana não pode ter sido a culpada: chegou a casa de tarde, enquanto (que) o crime ocorreu ao meio-dia.

(419) Enquanto o João é alto, o Pedro é baixo.

Curiosamente, os conectores mais 'opacos' semanticamente e gramaticalmente são também os conectores que introduzem um subconjunto de orações adverbiais - aquelas que designarei de periféricas em 3.4., o que provavelmente não é acidental. Voltarei a esta questão mais à frente.

3.3.3. Gramaticalização dos conectores

Nem todos os conectores complexos (constituídos por várias palavras separadas graficamente ou não) apresentam o mesmo grau de coesão interna. Assim, as 'locuções conjuncionais', apesar de formarem uma unidade complexa, não têm um comportamento idêntico a um conector como *porque*. Neste caso, trata-se de uma unidade constituída pela P *por* seguida de uma completiva finita (veja-se a possibilidade de *por* seleccionar também uma infinitiva). No entanto este conector está claramente mais gramaticalizado do que outros conectores formados por P + complementador.

A coesão dos conectores complexos pode ser testada através da coordenação de parte do conector (cf. Bosque 1990²⁸).

Veja-se que, no caso dos conectores constituídos por mais do que uma palavra, a coordenação de parte da unidade é marginalmente admitida, o que não acontece com

²⁸ De acordo com Bosque 1990, em espanhol não é possível coordenar as orações com *que* integradas em conectores como *porque*, *para que* e *aunque*. Em português, a coordenação destas orações não parece produzir resultados tão marginais quanto os que o autor refere para o espanhol. Para além disso, o desvio de gramaticalidade pode ser devido a uma estratégia mais geral da língua que prefere a repetição da P em contextos de coordenação. Veja-se que é geralmente preferida a repetição da P na seguinte frase:

i) O João comprou umas flores para a mãe e ??(para) o pai.

porque:²⁹

- (420) a. O Zé ficou em casa *porque estava cansado e (*que) tinha dores de cabeça*.
- b. O Zé abriu a janela *para que o quarto arejasse e (?que) entrasse um pouco de luz*.
- c. Podes vir assistir ao exame, *desde que chegues a horas e (que) fiques calado*.
- d. *Mesmo que chegues um pouco atrasado e (que) só consigas assistir ao fim*, acho que vale a pena ir.

Ainda, no caso dos conectores que integram um N, verifica-se que a cristalização da unidade se reflecte na impossibilidade de este N ser modificado ou até determinado:

- (421) a. Uma vez que o João esteve doente, não pôde vir à aula.
- b. Uma (certa) vez que o João esteve doente, não pôde vir à aula.

Nestas frases, a modificação do N *vez* só é possível quando a adverbial tem um sentido temporal, correspondendo a um DP temporal modificado por uma oração relativa. Na interpretação causal, a modificação é agramatical.

Também se pode observar a diferença entre as frases a. e b. abaixo: em a. o conector *a fim de* não admite nem determinação nem modificação de N; em b., pelo contrário, *com o fim de* não tem o mesmo grau de gramaticalização, podendo o N *fim*, que está determinado, ser modificado:

- (422) a. O Zé trabalhou muito a(*o) fim de alcançar este objectivo.
- b. O Zé trabalhou muito com o fim claro de alcançar este objectivo.

²⁹ Dialectalmente, é possível a coordenação de orações adverbiais em que a primeira é introduzida por um subordinador adverbial típico (*quando, se*) e a segunda por *que*, como acontece no francês:

- i) "A gente tinha aquilo afinadinho, tudo amoladinho e quando era preciso, que a gente via que ela que já não moía bem, a gente levantava-se e picava-se." (Cordial-sin, PST24)
- ii) "Quando eles morreram, que fomos a dividir, foi um bocadito para cada um." (Cordial-sin, PFT41)
- iii) "Se chovesse, que (o) meu pai tivesse trigo e cevada para o ano inteiro, a gente tinha a nossa fartura de pão." (Cordial-sin, PST10)

A coordenação de uma adverbial infinitiva com uma oração introduzida por *que* também é possível:

- iv) "Depois de estar o unto pegadinho e teso, (...) que arrefeça, tira-se, enrosca-se num papel." (Cordial-sin, OUT36)

3.3.4. Conclusões

As orações adverbiais finitas e infinitivas do português podem ser introduzidas por uma série de elementos de natureza categorial diversa. Pode admitir-se que algumas delas correspondem na realidade a constituintes preposicionais ou a constituintes adverbiais que integram uma oração. Por conseguinte, de um ponto de vista categorial, funcional e distribucional, as orações adverbiais aproximam-se mais dos adjuntos circunstanciais (normalmente constituintes preposicionados) do que de Adv.

Em rigor, nalguns casos não é a oração propriamente dita (i.e. o constituinte CP ou IP) que funciona como adjunto adverbial, mas sim o constituinte de natureza adverbial ou preposicional cujo núcleo selecciona essa oração. Assim, do ponto de vista categorial, as orações adverbiais formam uma classe heterogénea.

Como vimos também, os conectores complexos estão sujeitos a diferentes graus de gramaticalização, o que justifica que as orações adverbiais recebam essa designação e que lhes seja dado um tratamento independente daquele que têm outros adjuntos.

3.4. Uma tipologia sintático-discursiva das orações adverbiais

3.4.1. Comportamento das orações adverbiais - testes sintáticos: adverbiais periféricas e não periféricas

Em gramáticas descritivas de várias línguas tais como Quirk *et al.* 1985 (para o inglês), Renzi, Salvi & Cardinaletti 1991 (para o italiano) e Bosque & Demonte 1999 (para o espanhol), está perfeitamente estabelecida uma distinção sintáctica no grupo das estruturas de subordinação adverbial, que corresponde em grande parte à distinção que é feita para os advérbios entre advérbios de predicado e advérbios de frase (orientados para o sujeito ou para o falante) (cf. Jackendoff 1972; Gonzaga 1997; Costa 1998; e.o.). Cada um dos tipos de subordinadas adverbiais recebeu diferentes designações nas diversas gramáticas: adjuntos vs. disjuntos (cf. Quirk *et al.* 1985); adverbiais de predicado vs. adverbiais de frase (cf. Bosque & Demonte 1999; Renzi, Salvi & Cardinaletti 1991); adverbiais integradas vs. adverbiais periféricas (cf. Galán Rodríguez 1999); adjuntos internos vs. adjuntos externos (cf. Fernández Lagunilla 1999).

Estas duas classes de orações adverbiais distinguem-se fundamentalmente pela posição não marcada que ocupam na frase matriz e por manifestarem um diferente comportamento relativamente a diversas construções sintáticas - clivagem; resposta a interrogativas Qu-; escopo da negação; escopo de operadores de foco; interrogativas e negativas alternativas.

As adverbiais ditas de predicado, a que aqui chamarei **não periféricas**, podem ocorrer em posição final de frase sem serem antecedidas de pausa ou quebra entoacional (||). As adverbiais ditas de frase, a que aqui chamarei **periféricas**, só ocorrem em posição final quando precedidas de pausa ou quebra entoacional. Qualquer uma delas pode ocorrer em posição inicial de frase, embora, como veremos, o valor discursivo das adverbiais não periféricas em posição inicial seja diferente daquele que têm quando estão em posição final.

As adverbiais não periféricas distinguem-se das adverbiais periféricas por poderem ser clivadas, estar sob o escopo de negação (de foco), estar sob o escopo de operadores de foco como *só* ou *até*, ocorrer em respostas a interrogativas-Qu e ocorrer em negativas e interrogativas alternativas.

Nesta secção, procurar-se-á determinar o comportamento das diversas estruturas

adverbiais do português relativamente aos seguintes fenómenos:

- i) anteposição
- ii) ocorrência em posição final sem haver quebra entoacional
- iii) clivagem
- iv) escopo da negação (de foco)
- v) escopo de operadores de foco (*só, até...*)
- vi) resposta a interrogativas-Qu
- vii) interrogativas alternativas
- viii) negativas alternativas

Peres 1997 constitui uma primeira tentativa de classificação objectiva das subordinadas adverbiais e das coordenadas do português com base em testes sintáctico-semânticos. Os testes considerados pelo autor são: i) possibilidade de oração complexa ocorrer como complemento de V; ii) aceitação de advérbios de frase; iii) sujeição ao escopo da negação; iv) movimento; v) clivagem). Peres 1997 não distingue subtipos sintácticos dentro de cada grupo semântico. Estabelece, no entanto, distinções entre as adverbiais, sugerindo que estas se possam reagrupar em subgrupos: o das concessivas e condicionais; o das causais, finais e temporais. Quanto às comparativas e consecutivas, Peres propõe que sejam separadas das estruturas de subordinação adverbial. O autor apresenta os resultados dos testes sob a forma de um quadro, do qual se depreende que dentro de cada grupo semântico as subordinadas têm um comportamento uniforme. Para além das subordinadas adverbiais, Peres considera ainda os cinco tipos semânticos de coordenadas da tradição gramatical portuguesa (adversativas, copulativas, disjuntivas, conclusivas e explicativas).

Os dois primeiros testes que Peres utiliza servem, segundo o autor, para verificar se a estrutura complexa é ou não de natureza frásica. O facto de as orações explicativas e conclusivas obterem resultados negativos nestes testes leva-o a concluir que se trata de um processo de composição de períodos, mas não de frases. A unidade resultante da conexão não seria de natureza frásica. No entanto, penso que estes testes não testam necessariamente a natureza frásica da estrutura. Pode pensar-se que algumas orações são obrigatoriamente adjuntas a posições mais altas na frase, o que explicaria os resultados agramaticais. Por essa razão, optei por não incluir os dois primeiros testes de Peres 1997.

De acordo com o autor, embora isso não seja dito explicitamente, os comportamentos sintáticos dentro de cada classe semântica são uniformes. Assim, o autor não propõe qualquer subdivisão dentro das classes semânticas (tradicionais) que considera. As causais são classificadas com valores positivos nos testes de clivagem, escopo da negação e anteposição³⁰, tal como as temporais e finais. As condicionais são classificadas com valores positivos nos testes de clivagem e anteposição e com valores negativos no teste de escopo da negação.

Reproduzo aqui o Quadro II de Peres (1997: 779):

Propriedades semântico-sintáticas e subclasses de processos de composição de períodos

	ocorrência como complemento de verbo	aceitação de advérbios de frase	sujeição ao escopo da negação	movimento	clivagem
conclusivas	-	-	-	-	-
explicativas	-	-	-	-	-
adversativas	+	+	-	-	-
copulativas	+	+	-	-	-
disjuntivas	+	+	-	-	-
concessivas	+	+	-	+	-
condicionais	+	+	-	+	+
causais	+	+	+	+	+
finais	+	+	+	+	+
temporais	+	+	+	+	+
comparativas	+	+	+	-	-
consecutivas	+	+	+	-	-

A descrição de Peres 1997, no entanto, é problemática por várias razões. Por um lado, existem orações subordinadas causais/explicativas que obtêm resultados diferentes daqueles que o autor propõe - há estruturas que admitem o movimento mas não clivagem, por exemplo. Por outro lado, não é claro o estatuto da negação considerada no teste de escopo da negação, o que permite explicar que as condicionais obtenham resultados negativos nesse teste e positivos no teste de clivagem.

³⁰ Distinguem-se assim das explicativas que, de acordo com o autor, obtêm resultados negativos em todos estes testes.

Peres 1997 observa que as condicionais obtêm resultados positivos nos testes de movimento e clivagem, mas resultados negativos no teste de escopo da negação. Se assim for, as condicionais constituem um problema para uma análise conjunta destes testes sintácticos como envolvendo todos um mesmo tipo de processo. No entanto, parece-me que este aparente 'desvio' das condicionais pode dever-se ao facto de a negação testada em Peres 1997 não corresponder claramente à chamada 'negação de foco', mas sim à negação frásica (ou proposicional), que incide sobre a totalidade do evento. Na realidade, o autor não é muito claro quanto ao estatuto da negação nos testes que considera³¹. Aqui, o teste de escopo da negação diz respeito exclusivamente à chamada 'negação de foco' (ou 'predicate term negation'), i.e. à negação que incide sobre um constituinte particular, contrastando-o com outro elemento expresso ou subentendido.

Ainda, contrariamente àquilo que o quadro de Peres 1997 deixa pressupor, é possível verificar que nem todas as condicionais se comportam da mesma forma. Na realidade, algumas condicionais rejeitam completamente a clivagem, mas outras não.

De facto, também em Quirk *et al.* 1985 se diz que existem diferentes tipos sintácticos de condicionais: as condicionais com *if* comportam-se na sua grande maioria como adverbiais não periféricas (ou de predicado); as condicionais com *unless* comportam-se como adverbiais periféricas (ou de frase) - 'adjuncts' e 'disjuncts' respectivamente, na tipologia de Quirk *et al.* 1985.

A aplicação dos testes para as condicionais revela-se bastante difícil. Na literatura (inclusivamente nas gramáticas descritivas do espanhol e do italiano (cf. Montolío 1999; Mazzoleni 1991)), são praticamente inexistentes as referências ao comportamento sintáctico das condicionais, sendo focados principalmente os seus aspectos semânticos e pragmático-discursivos. A dificuldade do estudo da sintaxe das condicionais decorre do

³¹ Diz o autor: "Com o terceiro teste visa-se avaliar a possibilidade de a estrutura final ser colocada sob o escopo de um operador de negação proposicional (dando de barato que não está fora de alcance um consenso sobre este conceito, tomando-o, por exemplo, como correspondendo à "predicate denial" - ou, consoante for mais conveniente relativamente a factores que não poderei ter aqui em conta, à "predicate term negation" de Horn 1989)." e mais adiante: "Para se tentar definir o tipo de conclusão que se pode legitimamente extrair do teste de sujeição ao escopo da negação, importa ter bem presente o tipo de observação a que se está a proceder - trata-se, recordemos, de verificar a sujeição de uma estrutura a um tipo de negação identificável como "negação proposicional". Ora, perante tal caracterização, o que é normal que se espere é que o teste só dê resultado positivo quando o objecto testado tiver as propriedades que permitam categorizá-lo como sendo um objecto proposicional (isto é, rigorosamente, que exprime uma proposição, ou, simplificando e usando a terminologia da tradição gramatical, que é uma proposição)."

facto de estas estruturas, em particular as introduzidas por *se*, poderem assumir uma multiplicidade de valores que não se encontra da mesma forma nos outros tipos semânticos, e ainda do facto de as chamadas construções condicionais recobrirem estruturas com formas e comportamentos bastante diferentes.

No entanto, apesar destas dificuldades e sabendo que me é impossível desenvolver um estudo exaustivo das construções condicionais do português, penso que é possível chegar à conclusão de que existem tipos sintáctico-discursivos diferentes também no interior das construções condicionais do português que são classificáveis como subordinadas de um ponto de vista sintáctico. Enquanto algumas rejeitam em absoluto os testes de clivagem, resposta a interrogativas-*Qu*, escopo da negação e focalização, com outras estruturas condicionais isso não acontece.

Assim, é possível verificar que, dentro de cada classe semântica tradicional, podem existir estruturas com comportamentos sintácticos distintos. Isso é claro no caso das causais e das condicionais, cujo comportamento é exemplificado de seguida:

<posição>

- (423) a. O Zé faltou à aula *porque estava doente*.
b. *Porque estava doente*, o Zé faltou à aula.
- (424) a. *O Zé faltou à aula *uma vez que estava doente*. (ok temporal)
a'. O Zé faltou à aula, || *uma vez que estava doente*.
b. *Uma vez que estava doente*, o Zé faltou à aula.
- (425) a. O Zé compraria um carro novo *se fosse aumentado*.
b. *Se fosse aumentado*, o Zé compraria um carro novo.
- (426) a. ??/*O Zé compraria um carro novo *desde que fosse aumentado*.
a'. O Zé compraria um carro novo, || *desde que fosse aumentado*.
b. *Desde que fosse aumentado*, o Zé compraria um carro novo.

<clivagem>

- (427) a. Foi *porque estava doente* que o Zé faltou à aula.
b. *Foi *uma vez que estava doente* que o Zé faltou à aula. (ok temporal)
- (428) a. Era *se fosse aumentado* que o Zé compraria um carro novo.
b. *Era *desde que fosse aumentado* que o Zé compraria um carro novo.

<escopo da negação de foco>

- (429) a. O Zé *não* faltou à aula *porque estava doente*. (Faltou por outra razão)
b. *O Zé *não* faltou à aula *uma vez que estava doente* (Faltou por outra razão) (ok temporal)
- (430) a. O Zé *não* compraria um carro novo *se fosse aumentado* (Compraria noutras circunstâncias)
b. *O Zé *não* compraria um carro novo *desde que fosse aumentado* (Compraria noutras circunstâncias)

<escopo de operadores de foco>

- (431) a. O Zé *só* faltou à aula *porque estava doente*.
b. *O Zé *só* faltou à aula *uma vez que estava doente*. (ok temporal)
- (432) a. O Zé *só* compraria um carro novo *se fosse aumentado*.
b. *O Zé *só* compraria um carro novo *desde que fosse aumentado*.

<resposta a interrogativas-Qu>

- (433) - Por que é que o Zé faltou às aulas?
a. - Porque estava doente.
b. - *Uma vez que estava doente.
- (434) - Em que circunstâncias/condições é que o Zé compraria um carro novo?
a. - Se fosse aumentado.
b. - ??/*Desde que fosse aumentado.³²

<interrogativas alternativas>

- (435) a. O Zé faltou às aulas *porque estava doente* ou *porque não acordou a horas?*
b. *O Zé faltou às aulas *uma vez que estava doente* ou *uma vez que não*

³² Alguns falantes por mim consultados aceitaram as respostas a interrogativas-Qu com *desde que*, ainda que não aceitassem as outras construções. Parece-me, no entanto, que este juízo corresponde não ao de uma verdadeira resposta a uma interrogativa-Qu, mas a uma resposta semelhante à que pode existir a uma interrogativa total:

i) - Posso ir ao cinema com os meus amigos?/ - Desde que não venhas muito tarde.

Este conector é aquele que parece obter juízos mais variáveis por parte dos falantes. Talvez isso se deva ao facto de o seu estatuto gramatical não estar completamente fixado.

acordou a horas?

- (436) a. O Zé compraria um carro novo *se fosse aumentado* ou *se lhe concedessem um empréstimo?*
b. *O Zé compraria um carro *desde que fosse aumentado* ou *desde que lhe concedessem um empréstimo?*

<negativas alternativas>

- (437) a. O Zé não faltou às aulas porque estava doente, mas porque não acordou a horas.
b. *O Zé não faltou às aulas *uma vez que estava doente*, mas *uma vez que não acordou a horas*. (ok temporal)
- (438) a. O Zé não compraria um carro novo *se fosse aumentado*, mas sim *se lhe concedessem um empréstimo*.
b. *O Zé não compraria um carro novo *desde que fosse aumentado*, mas sim *desde que lhe concedessem um empréstimo*.

Quando aplicamos o conjunto destes testes às diversas classes semânticas de orações adverbiais introduzidas por diferentes conectores³³, verificamos que elas têm a seguinte distribuição sintáctica:

- a) nas orações não periféricas, incluem-se: um subconjunto das causais (com *por*, *porque*), as finais de evento (com *para*, *a fim de*), as temporais, um subconjunto das condicionais (com *se*, *caso*, *na condição de*), as modais, as adverbiais de circunstância negativa;
- b) nas orações periféricas, incluem-se: um subconjunto das causais (com *como*, *visto que*, *dado que*, *uma vez que*, *já que*), as finais de enunciação, um subconjunto das condicionais (com *desde que*, *contanto que*, *a não ser que*, *a* + *inf.*, e as condicionais ‘epistémicas’ com *se*), as concessivas e condicionais-concessivas.

³³ Não apresento aqui a aplicação dos testes à totalidade das estruturas, uma vez que isso tornaria o texto demasiado pesado. Creio, contudo, que a especificação dos vários conectores no quadro abaixo permite ter uma percepção relativamente clara do comportamento específico das várias adverbiais. Os testes aplicados às estruturas introduzidas por cada um dos conectores são apresentados em anexo (cf. Anexo).

Essa distribuição é visível no seguinte quadro, que mostra o comportamento dos diferentes conectores relativamente aos testes referidos. Como se depreende do quadro abaixo, nem sempre há coincidência absoluta entre classe sintáctica e classe semântica. Isto é particularmente visível no caso das orações causais.

Quadro 4. Comportamento das orações adverbiais introduzidas por diferentes conectores

	posição inicial	posição final sem ³⁴	clivag.	escopo de Neg	escopo de op. ³⁵	resp. a int. Qu	interr. altern.	negat. altern.
Tipo A: Adverbiais não periféricas								
causais1								
<i>por(que)</i>	√	√	√	√	√	√	√	√
finais1								
<i>para (que)</i>	√	√	√	√	√	√	√	√
<i>a fim de (que)</i>	√	√	√	√	√	√	√	√
temporais1								
<i>quando</i>	√	√	√	√	√	√	√	√
<i>antes de</i>	√	√	√	√	√	√	√	√
<i>depois de/que</i>	√	√	√	√	√	√	√	√
<i>desde que</i>	√	√	√	√	√	√	√	√
<i>até (que)</i>	√	√	√	√	√	√	?√	?√
<i>enquanto</i>	√	√	√	√	√	√	√	√
<i>à medida que</i>	√	√	√	√	√	√	√	?
<i>sempre que, cada vez que, todas as vezes que</i>	√	√	√	√	√	√	?√	√
<i>logo que, assim que, mal</i>	√	√	?√	√	√	√	?√	√
<i>ao + inf.</i>	√	√	√	√	√	√	√	√
<i>antes que</i>	√	?√	??	??	*?	??	??	??

³⁴ Todas as adverbiais periféricas podem ocorrer em posição final após uma pausa ou quebra entoacional, à excepção das causais introduzidas por *como*:

- i) Como esteve doente, o Zé faltou ao exame.
- ii) *O Zé faltou ao exame como esteve doente.
- ii) *O Zé faltou ao exame, || como esteve doente.

Ver Lobo 2001a para algumas ideias quanto a esta restrição.

³⁵ Algumas temporais não admitem estar sob o escopo de operadores como *só* plausivelmente por uma questão de incompatibilidade semântica com o valor de exclusão associado a *só*. Trata-se das temporais de frequência e das temporais de coincidência pontual entre eventos. Com outros operadores, como *até*, os resultados são francamente melhores.

condicionais1								
<i>se, caso</i>	√	√	?√	?√	√	√	√	?√
<i>na condição de</i>	?√	√	?√	?√	√	√	√	√
modais								
<i>como</i>	?√	√	√	√	√	√	√	√
circunstância negativa								
<i>sem (que)</i>	√	√	?√	?√	√	√	√	√
Tipo B: Adverbiais periféricas								
causais2								
<i>visto (que), dado (que), uma vez que, já que</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
<i>como</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
 finais de enunciação								
<i>para (que)</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
condicionais2								
<i>se (enunciação)</i>	√	?*	*	*	*	*	*	*
<i>desde que</i>	√	?*	?*	?*	?*	?*	?*	*
<i>contanto que</i>	?√	*	*	*	*	*	*	*
<i>a não ser que, a menos que</i>	??√	*	*	*	*	*	*	*
<i>a + inf.</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
concessivas								
<i>embora, se bem que</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
<i>apesar de</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
condicionais-concessivas								
<i>mesmo se, mesmo que</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
<i>ainda que</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
<i>por mais que, por muito que</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
conformativas								
<i>como</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
Tipo C								
temporais2								
<i>quando, eis senão quando</i>	*	*	*	*	*	*	*	*
<i>até que</i>	*	*	*	*	*	*	*	*

3.4.2. Subdivisões nas adverbiais periféricas: adverbiais pressuposicionais vs. adverbiais de enunciação

No conjunto de estruturas de subordinação adverbiais a que chamei periféricas, e que se caracterizam por rejeitarem todos os testes que envolvem processos de focalização e por ocorrerem apenas em posições estruturais altas, é possível identificar dois subgrupos. A identificação de subtipos dentro das adverbiais periféricas encontra-se já em Quirk *et al.* 1985 (§15.21), que refere, no conjunto dos disjuntos, os **disjuntos de conteúdo** ('content disjuncts') e os **disjuntos de estilo** ('style disjuncts' - cf. também 'speech-act modifiers'), e em vários outros trabalhos (cf. Kortmann 1996). Os 'disjuntos de estilo' parecem ser ainda mais periféricos do que os 'disjuntos de conteúdo'. As periféricas de enunciação subentendem um verbo declarativo e um sujeito de primeira pessoa e modificam as circunstâncias da situação de enunciação.

A identificação de um grupo de estruturas ainda mais periféricas dentro das adverbiais 'de frase', de acordo com Kortmann (1996: 31), é actualmente um dado adquirido. Estas estruturas receberam por vezes a designação de '**speech-act modifiers**'.

Objectivamente, como se distinguem as adverbiais de enunciação das outras adverbiais periféricas?

Quirk *et al.* 1985 referem que o estatuto mais periférico dos 'disjuntos de estilo' é comprovado pela sua maior independência relativamente a pro-formas: um 'disjunto de estilo' admite mais facilmente a repetição de um DP, enquanto um 'disjunto de conteúdo' normalmente exige a substituição por uma forma pronominal:

(439) A Ana gostou do concerto de ontem, embora o programa não fosse muito do agrado ?da Ana/ do seu agrado.

(440) A Ana gostou do concerto de ontem, embora eu não tenha nada a ver com a opinião da Ana/a sua opinião.

O conector *para* é dos poucos que pode introduzir quer adverbiais não periféricas (quando se trata de uma final de evento), quer adverbiais periféricas (quando se trata de uma final de enunciação).

(441) a. Para ser eleito presidente, o Zé não olhou a meios. <final de evento>

b. Para ser sincero, não concordo com esta reestruturação. <final de enunciação>

Estas últimas são claramente orientadas para o falante e estão sujeitas a uma série de restrições: nem sempre podem co-ocorrer com verdadeiras interrogativas; com alguns predicados só são admitidos sujeitos de primeira pessoa; com outros, só sujeitos de segunda pessoa:

(442) a. *Para ser sincero*, por que é que não desistes do curso?

(443) a. *Para ser sincero*, não aprecio bebidas alcoólicas.

b. **Para o João ser sincero*, não aprecia bebidas alcoólicas.

(444) a. *Para que saibas*, o Zé foi promovido ontem.

b. **Para que alguns colegas saibam*, o Zé foi promovido ontem.

Além disso, as finais de enunciação não podem ocorrer em encaixadas, contrariamente às adverbiais pressuposicionais, a não ser que se trate de um discurso indirecto. Nesse caso, só na posição encaixada é que a adverbial tem comportamento de periférica. Assim, estas adverbiais estão sempre dependentes de um sujeito de enunciação.

(445) a. *Para que saibam*, o Zé disse que vou ser aumentado.

b. **O Zé disse que, para que saibam*, vou ser aumentado.

(446) b. (*)*Para ser sincero*, o Zé disse que não apreciava bebidas alcoólicas.

b. *O Zé disse que, para ser sincero*, não apreciava muito bebidas alcoólicas.

Serão o conteúdo proposicional da oração e o tipo de relação (lógica e pragmática) que é possível estabelecer com a matriz que condicionarão em grande parte a interpretação da adverbial como final de evento ou de enunciação.

As finais de enunciação distinguem-se ainda das finais de evento por não estarem sujeitas ao processo de 'concordância de tempos':

(447) *Para que fiques/*ficasses informado*, o João ficou em primeiro lugar.

(448) *O director escreveu este despacho para que os docentes ficassem/?fiquem esclarecidos*.

Repare-se que existem também PPs adjuntos com *para* que se podem caracterizar como sendo de enunciação:

(449) *Para tua informação*, acabei de ser convidado para dirigir a equipa.

Também algumas condicionais com *se*, em alguns contextos, em que estão claramente orientadas para o falante (ver também 'condicionais epistémicas'), funcionam como adverbiais de enunciação.

(450) a. Se és tão esperto, faz tu o trabalho.<condicional de enunciação>

a'. Se tanto insistes, vou tentar chegar a casa mais cedo.

b. Se fosses mais esperto, não farias o trabalho sozinho.<condicional de evento>

(451) Se o Zé é pobre, (então) eu sou um miserável.

Não tratarei no resto do trabalho das adverbiais de enunciação, que colocam problemas particulares.

3.4.3. Interpretação dos testes: estrutura e interpretação semântico-discursiva³⁶

Estabelecida uma tipologia das orações adverbiais com base no seu comportamento sintáctico, colocam-se de imediato as seguintes questões:

➤ Por que razão se comportam as orações adverbiais desta forma, i.e. por que razão é que algumas adverbiais podem ser clivadas, estar sob o escopo da negação e de advérbios de foco, servir de resposta a interrogativas-Qu, ocorrer em negativas e interrogativas alternativas, e outras não?

➤ Por que razão é que as orações adverbiais manifestam um comportamento relativamente uniforme nos diversos testes? Terão estes testes alguma propriedade comum?

➤ Será o comportamento das adverbiais determinado por propriedades estruturais, por propriedades semânticas e discursivas, pela natureza morfo-sintáctica do constituinte em causa, ou por uma combinação de factores?

➤ Que tipo de processo está envolvido em cada um dos testes? Como

³⁶ Partes desta e das próximas secções foram objecto de uma comunicação, que será publicada em Actas (cf. Lobo, no prelo b). Agradeço aos participantes os comentários e sugestões que me fizeram.

interpretá-los?

Começarei por tratar cada uma das construções separadamente, procurando, no final, verificar se existe algum factor passível de unificar todas estas construções.

Estruturalmente, os testes acima referidos parecem envolver construções bastante distintas. Em muitos casos, não existe consenso na literatura sobre cada uma das construções.

Sabendo que me é impossível estudar em profundidade cada uma das construções envolvidas, procurarei no entanto identificar os seus aspectos mais relevantes para aquilo que me interessa aqui, i.e. identificar por que razão as adverbiais periféricas não podem ocorrer numa série de construções sintácticas. Na realidade, não é claro que a agramaticalidade nas construções acima referidas tenha sempre um fundamento estrutural. Se, no caso da negação e dos operadores de foco, a relação com a estrutura é bastante evidente, o mesmo não acontece com todas as outras construções envolvidas.

3.4.3.1. Posição

O facto de só um subconjunto de orações adverbiais poder ocorrer em posição pós-verbal sem que haja quebra entoacional (cf. temporais, causais com *por* e *porque*, finais de evento...) parece indicar que estas orações ocupam uma posição mais baixa relativamente à matriz. Na literatura sobre prosódia, assume-se que os constituintes prosódicos - que aqui são determinados apenas através de uma intuição auditiva/perceptiva e não experimentalmente -, pelo menos em determinados casos, podem delimitar um domínio sintáctico específico (cf. Frota 1998; Frota & Vigário 2002). Se a fronteira prosódica assinalada acima corresponde a uma fronteira de IP, as adverbiais não periféricas à direita ocupam muito possivelmente posições internas a IP, ao passo que as adverbiais periféricas ocupam posições externas a IP. Neste caso, a uma diferente estrutura sintáctica corresponderá uma diferente estrutura prosódica.

Para além disso, estes dados apontam para que a posição final seja a posição menos marcada (i.e. a posição 'por defeito') para as adverbiais não periféricas,

contrariamente àquilo que acontece com as adverbiais periféricas.³⁷

Quanto à posição inicial, não parece haver à primeira vista diferenças substanciais entre os dois tipos de orações. Tanto as periféricas como as não periféricas podem ocorrer em posição inicial, embora para algumas orações essa seja claramente uma opção mais marcada (cf. finais, causais, modais).

3.4.3.2. Clivagem

O que nos mostra o teste das clivadas sobre a natureza das orações adverbiais? Terão as restrições à clivagem um fundamento estrutural ou semântico?

As estruturas clivadas são normalmente definidas como estruturas de focalização a que está associada uma leitura de exaustividade. Veja-se, por exemplo o que diz Kiss 1999:

"A crucial property of the cleft constituent is that it expresses exhaustive identification, i.e., it represents the value of an operator which exclusively identifies the proper subset of a set of relevant entities for which the predicate holds."

Kiss (1999: 226).

Não é claro, à primeira vista, que os resultados agramaticais no que diz respeito às clivadas tenham um fundamento puramente estrutural.

Que nas restrições à clivagem de determinados constituintes podem estar em causa aspectos de natureza semântica, e não só aspectos de natureza exclusivamente estrutural, mostram-no as restrições à ocorrência de indefinidos (não específicos) e de certos advérbios temporais cuja interpretação pode ser considerada indefinida, uma vez que são 'temporalmente vagos', i.e. implicam universalidade, ou que parecem precisar de ter um antecedente temporal, i.e. são 'temporalmente anafóricos', não suficientemente definidos:

(452) *Foi alguém que veio à festa.

³⁷ As condicionais com *se*, no entanto, parecem distinguir-se das restantes orações do mesmo grupo sintáctico por ocorrerem preferencialmente em posição inicial. Também as orações temporais ocorrem com muita facilidade em posição inicial, ao contrário do que acontece com finais, causais, e modais, cuja ocorrência em posição inicial é relativamente marcada.

- (453) *Foi alguém que o Zé encontrou na faculdade.
- (454) *Foi ninguém que o Paulo (não) viu.
- (455) a. *Foi alguém que tocou à porta?
 b. Foi alguém conhecido que tocou à porta?
- (456) a. *Não foi ninguém que tocou à porta.
 b. Não foi ninguém que tu conhecesses que tocou à porta.
- (457) a. Eu ouvi gente a falar atrás de minha casa.
 b. ≠ (?*)Foi gente que eu ouvi a falar atrás de minha casa³⁸.
- (458) a. Eu ouvi uma pessoa a falar atrás de minha casa.
 b. ≠ Foi uma pessoa que eu ouvi a falar atrás de minha casa³⁹.
- (459) a. ?*Era sempre que ele adormecia no sofá.
 b. Era sempre que dava um debate na televisão que ele adormecia no sofá.
- (460) a. ??/?*Foi logo que o João respondeu.
 b. Foi logo que a professora acabou a pergunta que o João respondeu.

Também Moreno Cabrera (1999: 65.2.2.2) refere o facto de o constituinte clivado não poder ser indefinido⁴⁰.

Assim, é plausível supor que determinadas orações adverbiais resistam à clivagem por razões que se prendem com incompatibilidades semânticas, e não só por razões estruturais.

As clivadas foram analisadas por alguns autores como sendo construções identificacionais na base (cf. Frison 1988; Ouhalla 1999; Duarte & Costa 2001; e.o.):

- (461) [_{VP} ser [_{SC} [_{XP} o Zé_i] [_{CP} Op_i que [_{IP} a Ana viu [-]_i]]]]

Outros autores analisaram-nas como sendo estruturas em que o verbo *ser* lexicaliza uma categoria funcional (TP ou FocP) que selecciona um CP (cf. Ambar

³⁸ Esta frase só é possível se 'gente' for específico, i.e. se a leitura for contrastiva com 'não gente'/animais'...; não é possível na interpretação indefinida.

³⁹ Tal como no caso anterior, na estrutura clivada só a leitura específica está disponível.

⁴⁰ Segundo o autor, como o constituinte clivado tem por função identificar a entidade ou o indivíduo referido na relativa livre, este tem de ser definido e identificativo.

1997; Kiss 1999) e em que o constituinte clivado se move do interior de CP para uma posição funcional mais alta:

(462) [TP [T ser] [CP [Cque] [IP a Ana viu o Zé]]]

Na proposta que trata as clivadas como estruturas identificacionais básicas, o constituinte clivado e a oração com *que* formam uma oração pequena complemento do verbo predicativo *ser*, sendo a oração com *que* analisada como uma relativa livre.

Essa oração pequena tem como sujeito uma relativa livre e como predicado o constituinte clivado (ou vice-versa, consoante as análises).

Segundo Duarte & Costa 2001, seguindo uma proposta de Ambar 1999, o verbo *ser* das clivadas lexicaliza o núcleo funcional I. De acordo com estes autores, I seleccionaria uma oração pequena, cujo sujeito "é uma oração relativa na qual se estabelece uma relação operador-variável ou outro constituinte oracional que contenha uma posição vazia licenciada por um operador".

De acordo com estas propostas, o constituinte clivado tem como função identificar uma variável aberta presente na relativa livre (cf. Frison 1988; Duarte 2000):

"Analizzando la funzione della struttura copulare principale in rapporto all'intera costruzione scissa, si può osservare che la frase subordinata ha in realtà quella caratteristica di definizione contenente una variabile aperta che normalmente possiede il soggetto di una frase specificativa, e il costituente focalizzato serve ad assegnare un valore a tale variabile, a stabilire cioè l'entità referenziale a cui la definizione si deve attribuire."

Frison (1988: 196)

O constituinte clivado funciona assim como antecedente do operador relativo, identificando uma variável aberta contida na oração relativa. De acordo com esta hipótese, as restrições à clivagem decorrem naturalmente do facto de estarmos perante uma estrutura de tipo relativo. Numa estrutura de tipo relativo, é natural que se verifique a impossibilidade de um constituinte externo ao domínio proposicional básico servir de antecedente para o operador relativo e identificar a variável aberta contida na relativa.⁴¹

⁴¹ Cf. também Chierchia (1995: 153), para o estatuto relativo das clivadas.

Assim, para que um elemento possa funcionar como identificador da variável tem de poder ser interpretado como estando ligado do ponto de vista interpretativo a uma posição interna ao domínio proposicional básico. Constituintes que são periféricos estarão impedidos de estabelecer uma relação dessa natureza.

Um segundo tipo de análise das clivadas, alternativo ao das clivadas como estruturas identificacionais, é o que encontramos em trabalhos como o de Ambar 1997 e Kiss 1999. Nestas análises, o verbo *ser*, que é tomado como uma lexicalização ou de Tempo ou de Foco respectivamente, selecciona um CP.

Em Ambar 1997, *ser* das clivadas corresponde a um elemento expletivo que lexicaliza T e que selecciona um complemento oracional: *que* é analisado como um complementador. O constituinte clivado é movido de uma posição interna a essa oração através de Spec de CP para a posição de especificador de IP. A autora admite ainda que I se desloca posteriormente para uma projecção funcional mais alta, caracterizada como sendo Topic_Focus cujo especificador está ocupado por um Operador de Evento:

(463) [_{TopicP} [_{Topic'} [_{Topic_FocusP} OP_{EV} [_{Topic_Focus'} foram_v [_{IP} os meninos_i t_v [_{CP} t_i [_{C'} que [_{IP} t_i ouviram as sonatas]]]]]]]]]]

A análise de Ambar 1997 distingue-se de outras análises por procurar explicar o facto de haver concordância temporal obrigatória entre *ser* das clivadas e o V da oração encaixada quando *ser* precede o constituinte clivado, através de um processo de concordância de traços que envolve a relação núcleo-núcleo.

Nas clivadas em que está presente um elemento de tipo Qu-, Ambar admite que esse elemento é o resultado de uma relação especificador-núcleo entre o vestígio do constituinte movido e o complementador.

Nesta análise, uma vez que o elemento *que* das clivadas não estabelece uma relação com uma variável no interior da oração encaixada, a impossibilidade de alguns elementos periféricos serem clivados não pode ser atribuída à falta de relação operador-variável. Uma hipótese será considerar que *ser* das clivadas não pode subcategorizar um CP com um adjunto. No entanto, como as adverbiais periféricas podem ocorrer também abaixo do complementador em orações subordinadas, qualquer coisa mais teria de ser dita para excluir a clivagem destas estruturas.

(464) O Zé acha que, como é muito tarde, é melhor voltarmos para casa.

Pode pensar-se eventualmente que o movimento de determinados constituintes nestas estruturas está sujeito a restrições - a explicação teria assim um fundamento estrutural. Em alternativa, a agramaticalidade pode ter origem em factores semânticos/interpretativos, i.e. constituintes com uma interpretação pressuposicional não poderiam ser movidos para uma posição em que é feita a legitimação de um traço [foco], incompatível com a natureza pressuposicional das adverbiais periféricas. Como vimos já, há de facto motivo para pensar que existem restrições exclusivamente semânticas à clivagem.

É evidente que está fora do âmbito deste trabalho um tratamento das estruturas clivadas. No entanto, qualquer que seja a estrutura das clivadas, é sempre possível explicar as restrições à clivagem de orações adverbiais de frase, quer com base em restrições de natureza mais estrutural, quer com base em restrições de natureza semântica/interpretativa, consoante as análises.

3.4.3.3. Escopo da negação

É geralmente assumido na literatura generativista que a negação frásica corresponde a um núcleo funcional que ocupa uma posição mais alta do que o predicado (VP) e mais baixa do que o núcleo funcional Complementador (C). A sua posição relativamente às categorias funcionais de Tempo (T) e Concordância (Agr) é mais controversa. Para Pollock 1989, Neg encontra-se abaixo de T e acima de Agr. Para Belletti 1990 é Agr que está acima de T, ocupando a Neg uma posição intermédia entre estes dois núcleos funcionais.⁴² Laka 1990 e 1993 defende que a posição de Neg relativamente aos restantes núcleos funcionais é parametrizável, estando em Basco, tal como em espanhol, acima das categorias funcionais de T e Agr (ver também Rivero 1994).

Qualquer que seja a posição do núcleo funcional Neg nas diversas línguas,

⁴² Na proposta de Pollock 1989, que marcou o desenvolvimento dos trabalhos em que se considera que o nó funcional Flexão corresponde de facto a vários nós funcionais ('Split IP Hypothesis'), considerava-se que a categoria T era projectada acima da categoria Agr. Posteriormente, Belletti 1990, apoiando-se na ideia do Princípio do Espelho ('Mirror Principle') de Baker 1988 em que morfologia e sintaxe se encontram claramente relacionadas, defendeu que Agr estava posicionado acima de T, já que, pelo menos nas línguas românicas, o sufixo de T precede o sufixo de Agr.

admite-se geralmente que a negação só pode ter escopo sobre constituintes que possa c-comandar (no sentido de Reinhart 1976). Decorre assim que constituintes que se encontrem adjuntos a posições funcionais altas na estrutura da frase não podem estar sob o escopo da negação. Os contrastes de gramaticalidade observados em 3.2.1. para o teste de escopo da negação terão uma explicação natural se admitirmos que as orações adverbiais de predicado se encontram adjuntas a posições baixas na estrutura da frase (VP ou TP), enquanto as adverbiais de frase estão adjuntas a posições altas (AgrP ou CP).

A negação só pode afectar constituintes que estejam sob o seu escopo, entendendo-se aqui que 'escopo' se traduz estruturalmente na relação de c-comando. A negação pode servir assim como diagnóstico para a posição estrutural de certos constituintes. Contudo, parece verificar-se que essa posição estrutural tem contrapartidas semânticas/interpretativas: os constituintes que podem estar sob o escopo da negação são também aqueles que podem ser focalizados, que podem estabelecer um contraste com outros elementos, e que não são interpretados como 'background'. Por sua vez, os elementos interpretados como 'background' estão estruturalmente fora do escopo da negação.

Ao tipo de negação que usámos nos testes de 3.2.1. estão associadas propriedades discursivas específicas. A interacção entre negação e foco é um facto referido na literatura (cf. Jackendoff 1972: 254), sendo usual chamar 'negação de foco' ('focusing negation') ou 'negação frásica de constituinte' (cf. Horn 1989; Manzotti & Rigamonti 1991; Sánchez López 1999: § 40.2.2; Declerck 1995) a construções em que a negação frásica pode ter escopo sobre um constituinte específico do predicado, aproximando-se das construções em que a negação precede imediatamente o constituinte negado – construções de negação de constituinte:

(465) O João não chegou às três. (Chegou às cinco)

(466) O João chegou não às três mas às cinco.

(467) O João não falou com a Ana. (Falou com a Teresa)

(468) O João falou não com a Ana mas com a Teresa.

A negação frásica da matriz pode incidir sobre um constituinte apenas, podendo esse constituinte corresponder a uma oração subordinada. O constituinte negado, que recebe um acento prosódico particular, é implicitamente contrastado com outro

elemento. Este tipo de negação não nega o predicado na sua totalidade, mas uma parte dele apenas. Manzotti & Rigamonti 1991 referem o papel focalizador que pode estar associado à negação:

"Anche la negazione predicativa frasale può valere, grazie ad una opportuna focalizzazione (...), di negazione correttiva."

E ainda:

"L'elemento che è responsabile del non sussistere dello stato di cose descritto dalla frase è detto 'fuoco' della negazione. Il fuoco può essere sia dentro la portata della negazione, sia fuori, nel caso dell'enfasi."

Manzotti & Rigamonti (1991: 259)

Por sua vez, Declerck 1995 aproxima as construções chamadas de 'negação de foco' de outras construções restritivas de focalização tais como as clivadas:

""Specificational sentence" is the term used by, for example, Akmajian (1979), Higgins (1976), Declerck (1988), and Keizer (1990) to denote the type of sentence in which a value is either specified or rejected for a presupposed variable. For example, both *It was John who ran away* and *JOHN ran away* specify the value 'John' for the variable 'the *x* who ran away' (i.e. the variable in the open proposition '*x* ran away'). In both cases the value that is specified is focused, either intonationally or structurally (through the use of a cleft, which is a construction that is typically focusing and specificational). In negative sentences like *It was not John who ran away* and *JOHN didn't ran away* (on the same interpretation), the value 'John' is rejected as the value satisfying the presupposed variable. Since *John* is again focused, the negation in such a negative specificational sentence is often called "focusing negation.""

Declerck (1995: n. 6)

Existem mesmo línguas, como o árabe, em que a negação de foco (quer na posição pré-verbal quer na posição junto do constituinte focalizado) é morfologicamente distinta da negação frásica (cf. Ouhalla 1993).

Assim, parece ser consensual que existe um determinado tipo de negação que interage com processos de focalização e que pode ocupar a posição canónica da negação frásica (pelo menos superficialmente) ou preceder imediatamente o constituinte negado contrastivamente.

Em português, contrariamente àquilo que se passa em inglês, o constituinte que fica sob o escopo da negação tem de estar obrigatoriamente em posição final⁴³:

(469) O João não deu o livro ao Paulo. (deu-o ao Zé)

(470) *O João não deu o livro ao Paulo. (deu-lhe o caderno)

(471) O João não foi ao cinema no domingo. (foi ao cinema no sábado)

(472) *O João não foi ao cinema no domingo. (foi ao teatro)

(473) *O João não foi ao cinema.

Assim, é possível que haja frases ambíguas entre uma interpretação em que a negação incide sobre a totalidade do predicado e uma interpretação em que se nega apenas um constituinte do predicado. Na ausência de factores pragmáticos, será a prosódia a distinguir as duas interpretações:

(474) O Zé não faltou à aula por estar preocupado.

- i. O Zé não faltou à aula e isso aconteceu por estar preocupado (com o exame próximo).
- ii. O Zé faltou à aula, mas isso não aconteceu por estar preocupado (com um familiar doente).

Repare-se que, no segundo caso, a frase se aproxima muito de uma clivada em que a negação antecede o verbo focalizador *ser*:

(475) Não foi por estar preocupado que o Zé faltou à aula.

Quando existe um item de polaridade negativa (IPN), a negação deixa de poder incidir sobre outro constituinte que não o IPN (cf. Sánchez López 1999):

(476) O João não leu nada porque esteve doente (*mas porque é preguiçoso).

(477) O João não encontrou ninguém na biblioteca (*mas sim no café).

⁴³ As frases (470) e (472) só são possíveis se o constituinte em posição final estiver desacentuado, depois de uma quebra entoacional, como se estivesse deslocado à direita:

i) O João não deu o livro || ao Paulo...

Designa-se usualmente por 'foco da negação' o elemento que recebe um acento prosódico marcado, sobre o qual recai a exclusão ou refutação, e que é responsável pela não realização, inadequação ou falsidade do estado de coisas descrito. 'Foco' aqui não deve ser interpretado como 'informação nova', como me foi assinalado por Manuela Ambar (c.p.). De facto, o elemento negado corresponde normalmente a um dado conhecido (cf. M. Ambar, c.p.). Este tipo de negação é habitualmente usado como estratégia correctiva ou contrastiva, sendo o constituinte negado normalmente conhecido: "En cualquier caso, el foco de la negación tiene un carácter presuposicional, pues es un elemento presupuesto o realmente proferido el que resulta rifutado." (Sánchez López 1999: 2577). O que não é conhecido é a associação da negação a esse constituinte e o contraste que é implícita ou explicitamente estabelecido com outro(s) elemento(s). Isto explica que haja uma relação óbvia entre as frases com negação de foco e as negativas alternativas, em que se fornece a correcção ao constituinte negado.

Veja-se as observações de Jackendoff 1972: 254 e ss. Jackendoff observa que o que acontece quando a negação se associa a foco é que o constituinte associado com foco é 'desassociado' da pressuposição:

"We would like to attribute the difference [...] to the process of association with focus (which in fact might be better named disassociation from presupposition). *Even* and *only*, because of the nature of their interpretations, must undergo association with focus; they make no sense as part of the presupposition. Negation, however, undergoes association with focus optionally.

Apparently if an element undergoes association with focus, it makes no contribution to the presupposition, but instead alters the form of the assertion. In the case of negation the assertion is negated."

Jackendoff (1972: 257)

A negação associada a foco altera o conteúdo da asserção.

No entanto, põe-se a questão de saber se a negação de foco ocupa a mesma posição estrutural que a negação frásica, o que não é óbvio. Para o árabe, Ouhalla 1993 defende que a negação de foco *maa* é projectada numa categoria funcional Foco, ao passo que a negação frásica *laa* é projectada num núcleo funcional Neg situado entre T

e Agr⁴⁴.

Qualquer que seja a posição estrutural da negação de foco, e ainda que seja possível uma análise em que esta ocupa estruturalmente uma posição diferente da negação frásica, a negação de foco terá sempre de se encontrar acima de VP numa posição em que possa ter escopo sobre o constituinte focalizado.

Assim, o teste da negação põe em evidencia, por um lado, aspectos da estrutura da frase, por outro lado, aspectos discursivos associados a essas posições.

Assumindo que nas línguas românicas a negação frásica também pode funcionar como negação de foco (o que não é evidente, uma vez que, como vimos, existem línguas em que há dois elementos morfologicamente distintos para cada um dos tipos de negação), então, seguindo propostas relativamente consensuais (cf. Pollock 1989; Belletti 1990), a negação corresponderá a um nó funcional situado acima de VP.

O facto de um constituinte resistir à possibilidade de estar sob o escopo da negação poderá indicar que a posição estrutural que o constituinte em causa ocupa está fora do domínio de c-comando da negação.

3.4.3.4. Escopo de operadores de foco

Advérbios do tipo de *só, até, mesmo...* são normalmente designados na literatura recente de partículas focalizadoras, advérbios de focalização, ou operadores de foco (cf. 'focusing adverbs' em Rooth 1992; 'focusing adjunct' ou 'focusing particle' em Declerck 1995; Bayer 1999). A partícula *só*, em particular, tem um valor focalizador restritivo, enquanto uma partícula como *até* tem um valor focalizador inclusivo. Admite-se geralmente que estas partículas incidem sobre um constituinte particular, a que se chama o seu *foco* ou *associado de foco* ('focus associate'), e têm *escopo* sobre um constituinte mais alargado, VP por exemplo (cf. Declerck 1995). Escopo, mais uma vez, pode traduzir-se numa relação estrutural de c-comando.

Estas partículas têm a particularidade de se poderem associar a elementos a que não são adjacentes, tal como acontece com a negação. Nestes casos, a frase pode ser ambígua entre uma leitura em que todo o predicado corresponde ao foco ou uma leitura em que apenas um constituinte do predicado corresponde ao foco:

⁴⁴ Omito aqui outros pormenores sobre a estrutura da frase proposta por Ouhalla para o árabe.

(478) O Zé comeu [só um bolo]

(479) O Zé só comeu um bolo.

a. > O Zé comeu um bolo. Não fez mais nada.

b. > O Zé comeu um bolo apenas. Não comeu mais do que um bolo.

Segundo Bayer 1999, para todas as estruturas em que está presente uma partícula focalizadora existe uma representação sintáctica abstracta comum em que a partícula ocupa uma categoria funcional acima de VP, de onde tem escopo sobre o seu associado.

"PRT [particle] is a functional head which occupies a pre-VP operator position. Its complement – the VP – is a COMPLETE FUNCTIONAL COMPLEX (CFC) in the sense of Chomsky (1986). (...) If we follow the standard assumption that focus presupposes a set of entities against whose other members the focused element is contrasted, we achieve a split between foreground and background which determines the set that will be affected by the operator. (...) Thus the focused element corresponds to a variable. Simplifying matters somewhat, *only* according to Rooth (1985) translates into $\lambda P\lambda x [\forall Q [[Q\{x\}] \rightarrow Q = P]]$. (...)"

Bayer (1999: 56-7)

"Principle of Lexical Association (revised)

At LF PRT must be associated with a lexical constituent L_m or a trace of L_m in its c-command domain such that L_m is a member of the set $\{L_1, L_2, \dots, L_n\}$ where every L_{m-1} is a discourse alternative to L_m ."

Bayer (1999: 60)

Se assim for, as restrições à focalização de orações adverbiais periféricas terão, para além de uma explicação semântica, uma explicação estrutural: sendo geradas acima do núcleo funcional focalizador, as adverbiais periféricas (de frase) nunca poderão estar sob o seu escopo, ao contrário do que acontece com as adverbiais não periféricas (de predicado).

A partícula *só* seria um núcleo funcional defectivo - uma vez que não tem grelha temática e não projecta traços categoriais - que toma como complemento um XP.

Bayer pretende dar conta da interpretação comum a todas as estruturas com *only* ('só'), quer com o focalizador isolado em posição pré-verbal quer com o focalizador junto ao constituinte focalizado em posição pré- ou pós-verbal, postulando que existe uma estrutura sintáctica abstracta comum a todas as construções em que a partícula focalizadora ocupa uma projecção funcional em que tem escopo sobre o constituinte focalizado na sua posição de base.

Se a partícula já ocupar uma configuração em que tem escopo sobre um Complexo Funcional Completo (VP), nenhum movimento é necessário, em satisfação de princípios de economia. Se a partícula não estiver numa configuração adequada, terá de haver movimento invisível de forma a que a relação de escopo seja satisfeita. Esta diferença poderá explicar eventualmente por que razão por vezes as frases com o operador em posição pós-verbal são melhores do que as frases com o operador junto do seu associado, em que alegadamente terá de verificar-se movimento invisível. Na realidade, Bayer admite que o movimento invisível corresponde a movimento de XP e não apenas a movimento de traços, como era admitido em Chomsky 1995.

De facto, os juízos de gramaticalidade nem sempre são os mesmos com a partícula junto do associado ou com a partícula em posição pré-verbal, distante do seu associado:

(480) a. O João só começou a tremer antes de entrar em cena.

b. ??O João começou a tremer só antes de entrar em cena.

(481) a. O João só melhorou desde que começou a fazer natação.

b. ??O João melhorou só desde que começou a fazer natação.

Nos exemplos b. (mas não nos exemplos a.), segundo Bayer, haverá movimento invisível de XP, que, por alguma razão, é difícil de obter com alguns constituintes.

Tal como acontece com as clivadas, a focalização com *só* tem particularidades interpretativas que explicam que, por razões meramente semânticas, alguns constituintes resistam a estar sob o seu escopo. *Só* tem como função delimitar, restringir de entre um conjunto possível. É, por isso, como vimos acima, incompatível com constituintes que tenham uma interpretação genérica ou não específica:

(482) *O João só liga a televisão sempre.

(483) ??O João só liga a televisão sempre que chega a casa.

(484) ?*O João só o interrompeu logo/imediatamente.

(485) ??O João só o interrompeu logo que ele começou a falar.

Assim, algumas temporais não admitem facilmente estar sob o escopo do operador *só*, mas podem estar sob o escopo de um operador como *até*:

(486) O João até liga a televisão sempre que chega a casa.

(487) O João até o interrompeu logo que ele começou a falar.

(488) O João até me telefona sempre que tem uma dúvida.

(489) O João até me telefonou logo que chegou a casa.

Como vimos, relativamente aos operadores de foco, é geralmente assumido que estes elementos têm escopo (i.e. c-comandam) o 'associado de foco' (Declerck 1995; Bayer 1999). Se assim for, o facto de um constituinte não poder ser interpretado como estando sob o escopo destes operadores pode indicar que ele não se encontra sob o seu domínio de c-comando, estando estruturalmente numa posição periférica.

3.4.3.5. Respostas a interrogativas-Qu

Como tem sido referido por vários autores (Ambar 1999, Zubizarreta 1999: § 64.3, e.o.), o contexto de resposta a interrogativas-Qu permite identificar constituintes que do ponto de vista da estrutura informacional correspondem a focos, já que constituem o elemento novo. Veja-se o que diz Ambar (1999: 25) quanto ao diagnóstico para foco de Culicover & Rochemont 1990: 19: "In a well formed simple question-answer sequence, all and only the information provided in the response that is not contained in the question is focused."

Para além disso, o foco das respostas a interrogativas-Qu, tal como observa Rooth 1992, parece estabelecer implicitamente um contraste com um conjunto alternativo de respostas possíveis:

"Work on the semantics and pragmatics of questions emphasizes the that [sic] a question determines a set of potential answers. (...) We might say that the function of focus in an answer is to signal other propositions which are potential answers in the context of the question.

Or if we wanted to speak in terms of contrast, we would say that focus in an answer expresses contrast between the asserted answer and other potential answers."

Rooth (1992: 84)

Assim, apesar de o foco das respostas a interrogativas-Qu, frequentemente designado como 'foco informacional' ou 'foco apresentativo', ser normalmente distinguido das construções de foco contrastivo, também nas respostas a interrogativas-Qu parece ser estabelecido implicitamente um contraste.

O facto de as adverbiais periféricas (ou de frase) não poderem funcionar como respostas a interrogativas-Qu pode ter duas interpretações. Por um lado, admitindo que as adverbiais periféricas são inerentemente pressuposicionais, de um ponto de vista semântico-discursivo, pode-lhes estar vedada a possibilidade de ocorrerem em estruturas de focalização, tal como são as respostas a interrogativas-Qu. Por outro lado, pode acontecer que a própria estrutura das respostas a interrogativas-Qu (ver Ambar 1988, 1997, 1999 para algumas propostas) não permita que nelas ocorram determinados constituintes, mais periféricos estruturalmente. É possível pensar que, para que um constituinte esteja sob o domínio de um operador-Qu, ele tenha de ser c-comandado por esse operador. Para além disso, tal como acontece nas clivadas, parece ser verdade que os operadores-Qu estão sempre ligados a uma variável que se encontra numa posição interna ao domínio proposicional, i.e. a IP. É razoável pensar-se que, no caso de o constituinte ser projectado numa posição externa a esse domínio, a relação operador-variável não se possa estabelecer.

Mais uma vez, o que parece acontecer é que estes dois factores – estrutural e semântico-discursivo – são interdependentes.

3.4.3.6. Interrogativas e negativas alternativas

As negativas alternativas e as interrogativas alternativas estão directamente relacionadas respectivamente com a negação de foco e com as interrogativas-Qu. Tanto num caso como noutro, como foi dito acima, estamos perante processos que envolvem focalização.

As negativas alternativas, tal como a negação de foco, são estratégias para rectificar ou contrastar constituintes. Nas negativas alternativas, para além de se afirmar que um determinado constituinte não pode fixar o valor de uma variável, dá-se também um constituinte alternativo que fixa o valor dessa variável:

- (490) a. O Zé não deu flores à Maria, mas sim à Ana.
b. O Zé deu flores a x , $x \neq$ Maria, & $x =$ Ana

As interrogativas alternativas, por seu lado, fornecem na própria interrogativa valores alternativos que podem fixar uma variável. Numa interrogativa-Qu canónica, esses valores não são normalmente fornecidos; o conjunto possível de respostas é deixado mais indeterminado. Confrontem-se as seguintes frases:

- (491) Quando vens cá a casa?
(492) Vens cá a casa no sábado ou no domingo?
(493) Quando vens cá a casa: no sábado ou no domingo?

Ainda, numa interrogativa-Qu o valor assertivo da frase (excluindo o operador) é menos marcado do que nas interrogativas alternativas, em que mais claramente se faz uma asserção quanto ao conteúdo da proposição, que se pressupõe ser verdadeiro.

Qualquer um destes processos – quer as negativas, quer as interrogativas alternativas - faz contrastar dois elementos como possíveis identificadores de uma variável aberta.

3.4.3.7. Estrutura e interpretação: o carácter pressuposicional de adverbiais periféricas

Por que razão se comportam a maioria das orações adverbiais de forma homogénea relativamente a estes testes? Isto é, por que razão é que a maioria das orações adverbiais ou aceitam todos estes testes ou os rejeitam todos? O que têm eles em comum?

É possível que os resultados obtidos nestes testes tenham uma interpretação meramente estrutural. Na realidade, como é referido em Quirk *et al.* 1985, os testes habitualmente utilizados para distinguir adverbiais periféricas de adverbiais não

periféricas⁴⁵ reflectem uma diferença estrutural na integração da subordinada na matriz:

"The peripheral status of disjuncts is indicated mainly negatively: they do not allow a number of syntactic processes to apply to them that are allowed by adjuncts, processes that reflect a measure of integration within the superordinate clause."

Quirk *et al.* (1985: 1070)

No entanto, não deixa de ser curioso, como os mesmos autores referem também, que, apesar de estarem em causa construções sintácticas diversificadas, esteja presente em todos os testes, de uma forma ou de outra, uma construção em que a oração adverbial constitui o **foco**: "The syntactic differences between the two types of clauses mainly involve focusing devices." (cf. Quirk *et al.* 1985).

Assim, podemos de alguma forma deduzir que existe uma relação entre estrutura (ou posição estrutural básica) e interpretação discursiva (ou estrutura informacional); os constituintes focalizáveis são projectados em posições estruturais baixas; os constituintes não focalizáveis, pressupostos, são projectados em posições estruturais altas, periféricas.

De facto, em última análise, os testes atrás referidos têm em comum o facto de envolverem sempre um processo de focalização da frase subordinada que só parece ser possível quando o constituinte ocupa inicialmente uma posição interna a VP (ou a IP eventualmente). Pelo contrário, se o constituinte ocupar inicialmente uma posição periférica (a IP/CP), não pode ser focalizado.

No entanto, o tipo de foco envolvido, como me foi assinalado por João Costa (c.p.), não é sempre o mesmo. A clivagem, a focalização com partículas como *só* e as interrogativas e negativas alternativas envolvem foco identificacional (contrastivo). A resposta a interrogativas-Qu envolve foco informacional. Finalmente no teste de escopo da negação, o tipo de negação que está em causa é a chamada negação de foco ('focusing negation') ou negação metalinguística (cf. Horn 1989), em que a negação frásica tem escopo sobre um constituinte particular. Apesar de o tipo de foco envolvido poder ser quer identificacional, quer informacional (cf. Ambar 1997, 1999, Costa 1998,

⁴⁵ Na terminologia de Quirk *et al.* 1985, as adverbiais não periféricas (ou de predicado) são designadas 'adjunct clauses' e as adverbiais periféricas (ou de frase) 'disjunct clauses'.

2000b, Duarte 1997, Kiss 1998, entre outros, para esta distinção), em qualquer dos casos, ele parece ser sempre incompatível com uma pressuposição⁴⁶ ou 'background' (cf. Zubizarreta 1998⁴⁷). Ora, algumas adverbiais parecem ter inerentemente um valor pressuposicional. Veja-se o que dizem autores como Giusti 1991, Galán Rodríguez 1999, ou Berta *et al.* 1999, que distinguem causais 'temáticas' de causais 'remáticas'. Ainda, em Mateus *et al.* 1989 é sugerido que existe uma relação entre os conectores e características informacionais⁴⁸. Também Hengeveld 1998 estabelece como um dos parâmetros semânticos na tipologia das adverbiais o carácter pressuposto ou não pressuposto, ainda que a sua definição de pressuposição não coincida totalmente com a que aqui é dada.

No entanto, é exactamente a especificidade de alguns dos processos de focalização aqui referidos que explica que algumas adverbiais possam ter valores contraditórios em alguns testes. Assim, como foi referido acima, a clivagem implica uma leitura de exaustividade, sendo incompatível com constituintes com interpretações genéricas/indefinidas. A focalização com *só* implica uma restrição dentro de um conjunto. Explica-se assim que as temporais que têm uma interpretação genérica⁴⁹ resistam à focalização com *só*, e sejam ligeiramente marginais nos testes de clivagem, embora possam ocorrer em respostas a interrogativas-Qu e estar sob o escopo da negação:

(494) ?É sempre que está a chover que o João falta às aulas.

(495) a. ??O João só falta às aulas sempre que está a chover.

b. ?O João só faltará às aulas sempre que estiver a chover.

c. O João até falta às aulas sempre que está a chover.

(496) O João não falta às aulas sempre que está a chover.

(497) - Quando é que o João falta às aulas?/ - Sempre que está a chover.

⁴⁶ Não uso aqui 'pressuposição' no sentido de informação conhecida/partilhada por falante e ouvinte, mas sim no sentido de informação que envolve conhecimento não necessariamente formalizado linguisticamente que é tomado como 'dato adquirido', assumido como verdadeiro no momento da enunciação, e que se aproxima talvez em certos casos da noção de 'background'.

⁴⁷ "I will assume that focus is defined in terms of the discourse notion of presupposition: that is, the focus is the non presupposed part of the sentence. The presupposed part of a sentence is what the speaker and hearer assume to be the case (i.e., the shared assumptions) at the point at which the sentence is uttered in a discourse." (Zubizarreta 1998: 1)

⁴⁸ "A escolha dos conectores parece também dever-se à estrutura temática e à distribuição de informação: *visto que, como* exprimem normalmente a causa conhecida (e ocupam então a posição inicial)." Mateus *et al.* (1989: 303, n.5)

⁴⁹ Na realidade, é o advérbio que encabeça a temporal que tem uma interpretação genérica, estando ele próprio restringido pela oração que se lhe segue, que, a meu ver, é de natureza relativa.

Apesar de existirem diferenças evidentes entre diversos tipos de construções de foco, alguns autores propuseram que um único princípio semântico pode dar conta das diversas construções de foco. Na análise de Rooth 1985 e 1992, por exemplo, existe uma propriedade comum a todas as construções em que um constituinte está associado com foco: em todos os casos, o constituinte focalizado é contrastado com um conjunto de alternativas possíveis:

"At an intuitive level, we think of the focus semantic value of a sentence as a set of alternatives from which the ordinary semantic value is drawn, or a set of propositions which potentially contrast with the ordinary semantic value."

Rooth (1992: 76)

"Note that interpreting focus at a certain level is conceptually separated from the process of identifying the antecedent for the variable introduced by focus interpretation. This is what will allow a variety of focus phenomena to fall under a single principle."

Rooth (1992: 87)

De acordo com Rooth 1992, Foco pressupõe sempre o estabelecimento de um contraste com um conjunto de elementos que potencialmente poderiam ter surgido naquele mesmo contexto. Ora, certo tipo de constituintes parece não poder ser sujeito a esse tipo de focalização, a essa relação de contraste. São constituintes que, na minha perspectiva, são inerentemente marcados como pressuposicionais, como 'background', ou que, não sendo modificadores do predicado, serão projectados em posições periféricas, onde Foco não é legitimado. Zubizarreta 1998 também considera que todas as construções de foco envolvem uma pressuposição e uma variável à qual é atribuído um valor.

Poderá assim definir-se Foco como o constituinte que recebe uma marcação entoacional e/ou sintáctica particular (não sendo necessariamente informação nova) que permite identificá-lo como proeminente para o processamento da informação, contrastando-o com informação anterior ou posterior relevante ou identificando-

o/isolando-o relativamente a um conjunto de entidades que potencialmente poderiam ter surgido no mesmo contexto. Deste ponto de vista, ainda que o constituinte focalizado possa ser informação conhecida (já referida anteriormente no discurso), o papel que ele desempenha quando focalizado é novo, na medida em que o contraste que com ele se estabelece é novo. O contraste não é conhecido nem esperado. Não é pressuposto.

(498) - Quem entornou água na cozinha? (O Francisco ou a Madalena?)

- A Madalena./#o cão do vizinho.

Veja-se que também nas respostas a interrogativas-Qu há limitações pragmáticas ao universo de respostas possíveis e que eu posso considerar aceitáveis. A uma pergunta como 'Por que é que o João está tão contente?', espera-se que a resposta seja uma causa que justifique a sua alegria. Assim, enquanto 'Porque teve uma boa nota.' é uma resposta aceitável, '#Porque chumbou.' é uma resposta pragmaticamente anómala, dado o conhecimento que nós temos do mundo.

Qualquer que seja a análise proposta para cada uma das construções, parece-me que o comportamento uniforme das orações adverbiais relativamente às diversas construções mostra que elas partilham uma propriedade comum, que pode ser atribuída exclusivamente a factores estruturais, mas que pode também ter um fundamento semântico-discursivo. As diversas classes de adverbiais estariam assim associadas a diferentes propriedades discursivas. Na realidade, constatamos que

- i) as adverbiais não periféricas podem ser focalizadas;
- ii) as averbiais periféricas não podem ser focalizadas.

A impossibilidade de as adverbiais periféricas serem focalizadas pode ser uma consequência da posição estrutural que ocupam, mas pode corresponder também a uma propriedade discursiva que lhes está inerentemente associada. Pode supor-se assim que pelo menos algumas das adverbiais periféricas têm um carácter inerentemente pressuposicional, que é incompatível com processos de focalização⁵⁰.

Isto parece-me ser particularmente claro nos casos em que é possível formar pares mínimos, que diferem apenas no conector, e cujo estatuto sintáctico-discursivo se altera:

⁵⁰ Por 'pressuposição' entende-se aqui informação que é tida como esperada, ou tomada como dado adquirido pelo falante.

(499) O João faltou à aula porque não acordou a horas.

(500) a. O João faltou à aula, uma vez que não acordou a horas.

b. Como não acordou a horas, o João faltou à aula.

Talvez seja mais problemático nos casos em que um mesmo conector pode introduzir orações com estatutos sintácticos distintos. Voltarei a esta questão mais adiante.

Como vimos acima, as adverbiais do primeiro grupo podem ocorrer quer em posição inicial quer em posição final. A cada uma dessas posições correspondem informações discursivas diferentes. Usando pares pergunta-resposta, tal como tem sido feito na literatura (cf. Ambar 1988, 1999; Zubizarreta 1998; e.o.), é possível testar o estatuto discursivo das adverbiais não periféricas quando ocorrem em posição inicial e em posição final:

(501) Quando é que o Pedro desmaiou?

a. (O Pedro desmaiou) *quando chegou a casa*.

b. # *Quando chegou a casa*, o Pedro desmaiou.

(502) O que aconteceu ao Pedro *quando chegou a casa*?

a. (Quando chegou a casa, o Pedro) desmaiou.

b. # O Pedro desmaiou *quando chegou a casa*.

(503) O que aconteceu ao Pedro?

a. ?Quando chegou a casa, (o Pedro) desmaiou.

b. (O Pedro) desmaiou *quando chegou a casa*.

(504) Para que é que o Pedro abriu a janela?

a. (O Pedro abriu a janela) *para conseguir ver quem tinha tocado à porta*.

b. # *Para conseguir ver quem tinha tocado à porta*, o Pedro abriu a janela.

(505) O que fez o Pedro *para conseguir ver quem tinha tocado à porta*?

a. (*Para conseguir ver quem tinha tocado à porta*, o Pedro) abriu a janela.

b. # O Pedro abriu a janela *para conseguir ver quem tinha tocado à porta*.

(506) O que fez o Pedro?

a. ??*Para conseguir ver quem tinha tocado à porta*, (o Pedro) abriu a janela.

b. (O Pedro) abriu a janela *para conseguir ver quem tinha tocado à porta*.

Verificamos assim que a adverbial em posição inicial tem uma interpretação diferente daquela que tem em posição final, o que tem sido referido também relativamente aos adjuntos não oracionais (cf. Cinque 1990). Corresponde essencialmente a um elemento que fornece as coordenadas de uma dada situação (*background*) ou que é topicalizado (correspondendo portanto a informação dada), mas não pode ser o elemento novo, i.e. o foco. A adverbial em posição final, pelo contrário, pode ser o foco, ou pode constituir parte do foco. Não pode ser o tópico.

No entanto, a posição inicial de adverbiais não periféricas é mais marcada nuns casos do que noutros. Para as condicionais e temporais, a posição inicial é perfeitamente natural (e nalguns casos até é mais natural do que a posição final); para as finais e causais, é um pouco mais marcada; para as modais, é relativamente marcada.

(507) a. *Quando o Zé tocou à campainha*, a mãe abriu-lhe a porta.

b. *Se a relva estiver seca*, os meninos podem brincar no jardim.

c. *Sem fazer qualquer barulho*, o Zé desceu as escadas e saiu de casa.

(508) a. *?Porque era já muito tarde*, resolvemos ir para casa.

b. *?Para fazer uma surpresa à mãe*, o Zé arrumou a casa toda.

(509) *?(Tal) como a mãe costumava fazer*, o Zé fez uns scones deliciosos.

Estas diferenças estarão possivelmente relacionadas com a função discursiva mais naturalmente associada a cada um dos tipos de adverbiais e com a relação que elas estabelecem com Tempo.

O diferente comportamento de orações adverbiais periféricas e não periféricas pode levar-nos a formular a seguinte hipótese:

Hipótese

- As orações adverbiais não periféricas são subespecificadas quanto a traços discursivos [α pressuposicional] ou [α esperável];
- ao passo que as orações adverbiais periféricas são inerentemente especificadas como [+ pressuposicional] ou [+ esperável], i.e. têm um conteúdo pressuposicional, dão informação que é, pelo menos parcialmente, esperada ou conforme às expectativas.

Como se pode dar conta da distribuição sintáctica das orações adverbiais? No que diz respeito aos advérbios, é geralmente assumido que as propriedades semânticas determinam (pelo menos em parte) a sua distribuição: os advérbios orientados para o sujeito serão gerados em posições diferentes das dos advérbios de modo, por exemplo.

Ora, se a posição estrutural das orações adverbiais fosse determinada exclusivamente pela sua semântica básica, não esperaríamos encontrar comportamentos sintácticos diferentes dentro de uma mesma classe semântica, contrariamente àquilo que acontece. Assim, podemos pôr a hipótese de que os diferentes comportamentos dentro de uma mesma classe semântica são parcialmente determinados por um traço adicional que está associado apenas a um subconjunto das estruturas em causa. A hipótese que se põe aqui é que o diferente comportamento sintáctico dos dois tipos de orações adverbiais é uma consequência de um traço discursivo adicional [+ pressuposicional] ou [+ esperável/conforme às expectativas], que só se encontra nas orações adverbiais periféricas (veja-se, por exemplo, o comportamento das orações causais).⁵¹

Dado o comportamento das orações adverbiais relativamente a construções que envolvem foco e pressuposição, é plausível supor que algumas orações adverbiais são inerentemente pressuposicionais, isto é transmitem informação que é tomada como sendo 'conforme às expectativas', e outras orações adverbiais são subespecificadas (ou, em alternativa, não especificadas) quanto a este traço.

O facto de as orações adverbiais não periféricas poderem ter um estatuto informacional variável consoante o contexto e a posição que ocupam na oração parece mostrar que elas não estão inerentemente especificadas relativamente a traços discursivos.

As adverbiais periféricas, pelo contrário, estão associadas a uma leitura pressuposicional, ou a uma leitura que se pode definir como sendo 'conforme às expectativas', que, segundo creio, se depreende facilmente da comparação entre as

⁵¹ Em Gonzaga 1997, também se refere a hipótese de determinados advérbios estarem especificados quanto a um traço discursivo, que a autora considera ser um traço de apreciação ligado ao sujeito da enunciação, e a que chama traço [α]. Segundo a autora, este traço está sujeito a verificação numa categoria funcional alta α P "onde se estabelece uma relação entre a estrutura sintáctica oracional e a estrutura do discurso". Na minha análise, o traço [pressuposicional] não está sujeito a verificação numa categoria funcional específica, mas tem de ser projectado num domínio exterior ao domínio proposicional básico (cf. adiante § 3.5.). Para além disso, não assumo que o traço [pressuposicional] esteja directamente relacionado com o sujeito da enunciação. Essa relação existe claramente, por exemplo, nas finais de enunciação (e em advérbios da classe de *sinceramente* ou *francamente*, como Gonzaga 1997 refere). Não é claro que exista em todas as causais e condicionais periféricas.

frases a. e b. dos seguintes exemplos:

- (510) a. Uma vez que/como/já que/visto que o João não pôde vir, acabámos a reunião mais cedo.
a'. Acabámos a reunião mais cedo, uma vez que/já que/visto que o João não pôde vir.
b. Acabámos a reunião mais cedo porque o João não pôde vir.
- (511) a. Embora a reunião fosse longa, foi possível chegar a um acordo.
a'. Foi possível chegar a um acordo, embora a reunião fosse longa.
b. Foi possível chegar a um acordo, mas a reunião foi longa.
- (512) a. Desde que haja quorum, poderemos dar início à reunião.
a'. Poderemos dar início à reunião, desde que haja quorum.
b. Poderemos dar início à reunião se houver quorum.

Repare-se que os exemplos acima constituem praticamente pares mínimos, havendo apenas alteração no conector e, em alguns casos, no tempo gramatical. Nos exemplos a. e a'. a subordinada implica a assunção por parte do falante da verdade da afirmação. Os exemplos b. são neutros quanto a isso.

Nesta perspectiva, uma das distinções entre concessivas e adversativas, para além de uma diferença no tipo de dependência sintáctica (subordinação vs. coordenação), corresponderia a uma diferença no estatuto discursivo: as concessivas envolvem uma pressuposição (i.e. são inerentemente especificadas como dando uma informação contrária às expectativas) que está ausente das adversativas.

3.4.4. Os conectores de adverbiais: um sistema de traços

Uma hipótese plausível para as adverbiais finitas e infinitivas é a de que o carácter 'esperável' ou 'pressuposicional' das adverbiais esteja codificado nos conectores que as introduzem. O estatuto sintáctico e discursivo das duas classes de adverbiais estaria de certa forma relacionado com propriedades lexicais dos seus conectores.

Hipótese

- O estatuto 'pressuposicional' ou 'conforme/contrário às expectativas' das orações periféricas está lexicalmente codificado nos conectores que as introduzem.
- Os conectores de orações adverbiais não periféricas serão subespecificados no léxico quanto a esses traços discursivos, i.e. poderão ocorrer em diferentes contextos discursivos.

De facto, com algumas raras excepções, os conectores das adverbiais estão 'especializados' numa ou noutra função, i.e. não é frequente que um mesmo conector introduza quer adverbiais periféricas, quer adverbiais não periféricas.

Estou aqui a considerar obviamente que, quando o valor semântico é alterado, estamos perante um conector distinto. Isto é, quando um conector é polissémico, estamos na realidade perante dois itens lexicais diferentes. É o que acontece por exemplo com o conector *desde que*, que pode ter quer um valor temporal, quer um valor condicional. Quando tem um valor temporal, selecciona o indicativo e a oração comporta-se como adverbial não periférica. Quando tem um valor condicional, selecciona o conjuntivo e a oração comporta-se como adverbial periférica. Assim, embora aparentemente e superficialmente se trate do mesmo conector, estamos na realidade perante dois elementos distintos. Evidentemente, existe uma relação lógica e pragmática entre os dois conectores, que explica que historicamente o conector condicional tenha derivado do conector temporal. No entanto, sincronicamente, penso que podemos afirmar que *desde que* passou a ser lexicalmente ambíguo.

Assumindo que os conectores podem ser classificados de acordo com uma hierarquia de traços e que podem ser estabelecidas relações lexicais de hiperonímia/hiponímia, sinonímia, exclusividade e substituição contingente entre os diversos conectores (tal como é feito em Knott (s/d) e Knott & Mellish 1996 para aquilo que designam de 'expressões-chave' - 'cue phrases'), o traço [pressuposicional] pode ser encarado como um traço que é inerente (ou positivamente especificado) unicamente para um subconjunto dos conectores de adverbiais.

Assim, os conectores de adverbiais periféricas estão por hipótese positivamente especificados no léxico quanto a um traço de natureza semantico-discursiva, a que podemos chamar [pressuposicional] ou [conforme às expectativas]. Os conectores de

adverbiais não periféricas, pelo contrário, estão subespecificados quanto a esse traço, ou, em alternativa, carecem desse traço. Isto explicaria a razão pela qual as orações introduzidas pelos conectores do segundo tipo podem ocorrer em maior diversidade de contextos, i.e. em posição final, com interpretação de foco, ou em posição inicial, com interpretação de *background*.

Nesta perspectiva, o conector condicional *se* funcionaria como uma espécie de hiperónimo para o conjunto dos conectores condicionais, i.e. *se* corresponde ao conector condicional menos marcado.

Esta hipótese parece funcionar pelo menos para as línguas românicas, em que, curiosamente, o estatuto discursivo dos conectores de cada classe parece estar correlacionado com outras propriedades gramaticais (embora haja algumas exceções).

No seguinte quadro, que obviamente não está completo, os conectores de orações adverbiais estão dispostos de acordo com o seu estatuto discursivo, o seu significado semântico básico, e, em muitos casos com o seu estatuto categorial.

Quadro 5: conectores de orações periféricas e não periféricas

conectores de orações não periféricas [α pressuposicional] ou [α esperável]	conectores de orações periféricas [+ pressuposicional] ou [+ esperável]
causa prt. <i>por(que)</i> fr. <i>parce que</i> it. <i>per(ché)</i> esp. <i>porque</i> ing. <i>because</i>	causa prt. <i>já que</i> fr. <i>puisque</i> it. <i>poiché, giacché (già che)</i> esp. <i>ya que</i> ing. <i>since</i>
fim prt. <i>para (que), a fim de/que</i> fr. <i>pour (que)</i> it. <i>per(ché), affinché, al fine di</i> esp. <i>para que, a fin de (que)</i>	prt. <i>uma vez que</i> fr. <i>une fois que</i>
tempo (fronteira inicial) prt. <i>desde que</i> (+ indicativo) fr. <i>depuis que</i> it. <i>da quando, da che, dacché</i> esp. <i>desde que</i>	prt. <i>como</i> fr. <i>comme</i> it. <i>(sic)come</i> esp. <i>como</i>
tempo (fronteira final) prt. <i>até (que)</i> fr. <i>jusqu'à ce que</i> it. <i>fino a che/fino a quando</i> esp. <i>hasta que</i>	prt. <i>visto (que), dado (que)</i> fr. <i>vu que, étant donné que</i> it. <i>dato che, visto che, posto che, considerato che</i> esp. <i>visto que, puesto que, dado que</i>
tempo posterior prt. <i>antes de/que</i> fr. <i>avant de/que</i> it. <i>prima di/che</i> esp. <i>antes (de) que</i>	condição - (bi)condicional positiva prt. <i>desde que</i> (+ conjuntivo), <i>contanto que</i> fr. <i>pourvu que</i> it. <i>purché, pur di?</i> esp. <i>siempre que?</i> ing. <i>provided that</i>

tempo anterior prt. <i>depois de/que</i> fr. <i>après (que)</i> it. <i>dopo (che)</i> esp. <i>después (de) que, después de</i>	condição - (bi)condicional negativa prt. <i>a não ser que, a menos que</i> fr. <i>à moins que,</i> it. <i>a meno che</i> esp. <i>a menos que, a no ser que</i> ing. <i>unless</i>
tempo 'quando' prt. <i>quando</i> fr. <i>quand, lorsque</i> it. <i>quando, allorché</i> esp. <i>cuando</i>	concessão prt. <i>embora, apesar de, se bem que</i> fr. <i>quoique, bien que, malgré que</i> it. <i>benché, sebbene, malgrado (che), ancorché?</i> esp. <i>a pesar de que, bien que</i>
tempo simultâneo prt. <i>ao (+ infinitivo)</i> it. <i>al (+ infinitivo)</i> esp. <i>al (+ infinitivo)</i>	condição-concessão prt. <i>mesmo que, ainda que, mesmo se</i> fr. <i>même si, même quand</i> it. <i>anche se, pure se</i> esp. <i>aun cuando, aun si, aunque, incluso si</i>
tempo 'enquanto'1 prt. <i>enquanto (+ indicativo)</i> fr. <i>pendant que</i> it. <i>mentre</i> esp. <i>mientras</i> ing. <i>while</i>	prt., <i>por mais... que, por muito... que</i> fr. <i>tout ... que, si...que, quelque... que, pour... que</i>
tempo 'enquanto'2 prt. <i>enquanto (+ fut. conjuntivo)</i> fr. <i>tant que, aussi longtemps que</i> ing. <i>as long as</i>	condição prt. <i>a + inf.</i> it. <i>a + inf.</i> esp. <i>de + inf.</i>
tempo proporcional prt. <i>à medida que</i> fr. <i>à mesure que</i> esp. <i>a medida que</i>	conformidade prt. <i>como</i>
coincidência temporal prt. <i>logo que, assim que</i> fr. <i>aussitôt que</i>	contraste prt. <i>enquanto (que)</i>
prt. <i>mal</i>	
tempo (frequência) prt. <i>sempre que, (de) cada vez que, todas as vezes que</i> fr. <i>chaque fois que, toutes les fois que</i> it. <i>sempre che, sempre quando, ogni volta che, tutte le volte che</i> esp. <i>cada vez que</i>	substituição prt. <i>em vez de</i>
modo prt. <i>como</i> fr. <i>comme</i> it. <i>come</i> esp. <i>como</i>	
modo negativo/circunstância negativa prt. <i>sem (que)</i> fr. <i>sans (que)</i> it. <i>senza che/(di)</i> esp. <i>sin que</i>	
condição prt. <i>se</i> fr. <i>si</i> it. <i>se</i> esp. <i>si</i>	
prt. <i>caso</i>	
prt. <i>na condição de, no caso de</i> fr. <i>à condition que</i> it. <i>a condizione che, nel caso che</i> esp. <i>a condición de (que)</i>	

Como foi dito acima, os conectores de uma e outra classe, com algumas raras exceções, parecem estar associados a outras propriedades gramaticais. Assim, a não especificação dos conectores quanto ao traço [pressuposicional] parece correlacionar-se com a sua maior transparência quer categorial, quer semântica. Pelo contrário, a especificação positiva parece correlacionar-se com uma maior opacidade quer categorial, quer semântica.

Os conectores de adverbiais não periféricas são de uma forma geral categorialmente e semanticamente transparentes. No caso de conectores que incluem preposições, essa preposição ocorre na língua noutros contextos, não havendo alteração significativa de sentido. No caso de conectores que incluem advérbios, o sentido original dessa categoria permanece relativamente intacto, e corresponde àquele que o Adv tem quando ocorre isoladamente. Isso é ilustrado nos seguintes exemplos:

(513) a. O Zé chegou antes.

b. O Zé chegou antes de mim.

c. O Zé chegou antes de eu acordar.

(514) a. Quando eu chego mais tarde, o Zé protesta sempre.

b. O Zé protesta sempre que eu chego mais tarde.

(515) a. Quando chega a casa, o Zé tira logo os sapatos.

b. O Zé tira os sapatos logo que chega a casa.

(516) a. *O Zé ficou zangado por.

b. O Zé ficou zangado por tua causa.

c. O Zé ficou zangado por lhe teres mentido.

(517) a. *O Zé está com febre desde.

b. O Zé está com febre desde esta manhã.

c. O Zé está com febre desde ontem.

d. O Zé está com febre desde que chegou a casa.

(518) a. *O Zé escreveu umas normas novas para.

b. O Zé escreveu umas normas novas para um melhor funcionamento do departamento.

c. O Zé escreveu umas normas novas para que o departamento funcionasse melhor.

Como vimos em § 3.2. oração iniciada por *que* pode corresponder quer a uma completiva (e.g. *para que ficassem calados*), quer a uma relativa restritiva (e.g. *sempre*

que chega a casa), quer a uma relativa livre (e.g. *desde que o Zé adoeceu*).

As preposições *desde* e *até* podem co-ocorrer com *quando*:

(519) - Até quando vais esperar? /- Até que ele me telefone.

(520) - Desde quando é que fumas? / - Desde que comecei a escrever a tese.

Os conectores de adverbiais podem ainda corresponder categorialmente a elementos-Qu (*quando*) ou a conjunções, i.e. lexicalizações de uma categoria funcional C (*se* condicional).

Os conectores de adverbiais não periféricas enquadram-se num dos seguintes esquemas, tendo nalguns casos sofrido um processo de gramaticalização bastante acentuado:

- a) conector de tipo relativo: [CP *quando/enquanto/como* [C...
- b) conector de base preposicional que selecciona uma completiva finita ou infinitiva: [PP *para/por/sem* [CP(*que*)...
- c) conector de base preposicional que selecciona uma relativa livre de natureza temporal: [PP *desde/até* [CP Op [C *que* ...
- d) conector de base adverbial que selecciona uma completiva: [AdvP *antes/depois (de)* [CP *que* ...
- e) conector de base adverbial modificado por uma relativa: [AdvP [AdvP *sempre/logo/assim*] [CP *que*...
- f) conector com elemento nominal quantificado modificado por uma relativa: [QP [QP *todas as vezes/cada vez*] [CP *que*...
- g) conjunção: [CP [C *se* [...

Os conectores que mais se afastam deste padrão, i.e. que parecem ser mais opacos são os conectores *mal* e *assim que*.

Pelo contrário, e ainda que não seja possível generalizar, os conectores de orações periféricas são geralmente semanticamente mais opacos e, na maioria dos casos, estão restringidos ao domínio oracional.

Em muitos casos, trata-se de conectores que inicialmente tinham um sentido temporal e que adquiriram interpretações ou causais, ou condicionais, ou concessivas.

Os conectores condicionais *desde que* (prt.) e *sempre que* (esp.) perderam o seu sentido temporal. Os conectores causais *já que*, *uma vez que* (prt.) também perderam o seu sentido temporal inicial.

(521) a. O Zé comprará um carro novo, desde que seja aumentado.

b. *O Zé comprará um carro novo desde essa condição.

(522) a. Uma vez que estás com febre, é melhor ficares em casa.

b. ≠ Uma vez, é melhor ficares em casa.

(523) a. Já que vais ao supermercado, peço-te que me tragas uma dúzia de ovos.

b. ≠ Peço-te que me tragas já uma dúzia de ovos.

(524) a. Embora estivesse a chover, o Zé foi passear.

b. *O Zé foi embora passear.

Outros conectores de adverbiais periféricas têm origem em participios passados (e.g. *visto que*, *dado que*, *posto que* (prt.); *provided that* (ing.); *pourvu que*, *vu que* (fr.)). A oração adverbial parece ter correspondido inicialmente a uma oração participial. As orações participiais, como veremos adiante (cf. § 4.) comportam-se sempre como adverbiais periféricas.

Também as chamadas condicionais-concessivas correspondem na realidade a estruturas oracionais modificadas pelos advérbios *mesmo* e *ainda*. Estes elementos parecem ser responsáveis pelo valor pressuposicional que a adverbial adquire. Repare-se que também outros constituintes, quando modificados por estes elementos, deixam de poder ocorrer em construções de focalização, sendo acrescentada à frase uma pressuposição adicional.

(525) O Zé chegou atrasado.

(526) a. Mesmo o Zé chegou atrasado.

b. pressuposição >> 'o Zé não costuma chegar atrasado' ou 'que o Zé chegue atrasado não é conforme às expectativas'

(527) *Foi [mesmo o Zé] que chegou atrasado.⁵²

(528) *Quem chegou atrasado? Mesmo o Zé.

⁵² A frase é gramatical se *mesmo* tiver um sentido diferente (cf. *precisamente*, *efectivamente*), em que *mesmo* parece estar ligado a *foi* e não a *o Zé*.

Esta restrição não se aplica quando *mesmo* tem um sentido diferente, equivalente a 'precisamente' ou 'exactamente'. Nesse caso, a focalização é possível:

- (529) a. O Zé desmaiou [mesmo no meio da rua].
b. Foi [mesmo no meio da rua] que o Zé desmaiou.
c. Onde desmaiou o Zé?/ Mesmo no meio da rua.
- (530) a. O avião chegou [exactamente às três horas].
b. Foi [exactamente às três horas] que o avião chegou.
c. Quando chegou o avião? / Exactamente às três horas.
- (531) a. O Zé saiu de casa [mesmo sem ter comido nada].
b. *Foi [mesmo sem ter comido nada] que o Zé saiu de casa.
vs. Foi mesmo [sem ter comido nada] que o Zé saiu de casa.
c. *Como é que o Zé saiu de casa? / Mesmo sem ter comido nada.
- (532) a. O Zé saiu de casa [mesmo de pijama].
b. *Foi [mesmo de pijama] que o Zé saiu de casa.
c. *Como é que o Zé saiu de casa? / Mesmo de pijama.

Ainda as orações condicionais com *a* + infinitivo têm comportamentos típicos de adverbiais periféricas. Estas orações, ao contrário das condicionais com *se*, não podem ter valores contrafactuais:

- (533) a. Se esta hipótese se tivesse confirmado, o réu teria sido absolvido.
b. *A confirmar-se esta hipótese, o réu teria sido absolvido.
c. *A ter-se confirmado esta hipótese, o réu teria sido absolvido.

Assim, ainda que a diferença seja subtil, as frases a. e b. abaixo parecem envolver diferentes graus de pressuposição. Na frase b. está subjacente a expectativa de que o conteúdo proposicional se vai verificar, enquanto na frase a. isso não é necessariamente assim:

- (534) a. Se se mantiver a tendência actual, o desemprego atingirá os 8%.
b. A manter-se a tendência actual, o desemprego atingirá os 8%.

A maior gramaticalização dos conectores de adverbiais periféricas manifesta-se também no modo que esses conectores seleccionam, que é sempre o conjuntivo, com excepção das causais, que seleccionam indicativo, e de *a* condicional, que selecciona uma oração infinitiva.

Concluindo, verificamos que os conectores de adverbiais não periféricas são geralmente gramaticalmente e semanticamente mais 'transparentes' do que os conectores de adverbiais periféricas.

3.5. A posição estrutural das orações adverbiais

Uma vez estabelecido o estatuto sintático e discursivo das orações adverbiais, coloca-se uma outra questão:

De que forma está o estatuto informacional das orações adverbiais relacionado com a sua posição na estrutura da frase?

Como de certa forma foi já sugerido acima, existe evidência empírica que sugere que os diferentes tipos de orações adverbiais ocupam posições estruturais distintas. É plausível supor que posição estrutural e informação discursiva estão inter-relacionadas. Pode formular-se então a seguinte hipótese:

Hipótese

A estrutura informacional está (parcialmente) relacionada com domínios estruturais na oração:

- as posições periféricas a TP codificam informação 'esperada', ou que serve de cenário ('background') e não podem ser focalizadas;
- as posições internas a TP codificam informação que não é esperada, e que pode ser focalizada.

Uma proposta próxima desta é feita em Duarte 1996, que sugere que os tópicos têm de estar fora do domínio de c-comando de TP em *spell out*, e que considera que o movimento pode dar-se por razões interpretativas (e não apenas para verificação formal de traços junto a um núcleo específico)⁵³.

Por que razão funciona TP como uma fronteira de mapeamento de constituintes?

Por que razão estará TP relacionado com propriedades discursivas?

A categoria funcional TP parece ser um candidato natural para funcionar como

⁵³ Em Chomsky 1995, os traços são entendidos como propriedades que têm de ser legíveis pelas componentes de interface. Poderá eventualmente admitir-se que constituintes com determinadas propriedades discursivas (interpretadas na componente lógica da gramática) só sejam legitimados em determinados domínios da frase, compatíveis com uma estrutura prosódica adequada. Assim, os constituintes lexicalmente 'pressupostos' só poderão ser interpretados como tal fora do domínio proposicional básico.

fronteira de Evento. Repare-se que o tempo morfológico pode ser crucial para a definição do estatuto de um Evento: as distinções temporo-aspectuais podem alterar a classe aspectual do predicado (cf também Carecho 1996). A projecção Agr, a este respeito, não desempenha nenhum papel.

(535) Esta semana, o Zé leu *Os Maias*. >> perfectivo

(536) Esta semana, o Zé lê *Os Maias*. >> imperfectivo

Para além disso, só os adjuntos internos ao evento podem modificar a classe aspectual (*Aktionsart*) do predicado (cf. exemplos de Campos 1998).

(537) O Zé leu o Memorial do Convento. (télico)

(538) O Zé leu o Memorial do Convento durante duas horas. (atélico)

(539) O Zé escreveu. (atélico)

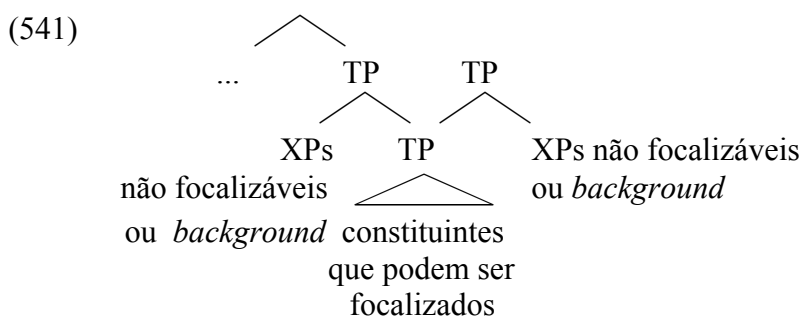
(540) O Zé escreveu em dois meses. (télico)

Assim, a hipótese de que TP funciona como uma fronteira de Evento parece razoável.

Se, como é proposto em Ambar 1997 e 1999, existir uma relação entre Foco e Evento, então a relação entre projecções externas ao Evento e a impossibilidade de focalização fica explicada.

As orações adverbiais não periféricas serão mapeadas em posições internas a TP (quando não contiverem informação 'background').

As orações adverbiais periféricas serão mapeadas em posições externas a TP, tal como é ilustrado no seguinte esquema:



Só os elementos internos ao Evento podem estar sujeitos a construções de

focalização.

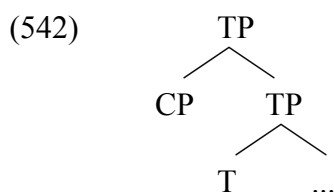
As orações adverbiais com o traço [α pressuposicional] serão mapeadas dentro de TP quando não estiverem positivamente especificadas.

As orações adverbiais que têm inerentemente o traço [+ pressuposicional] serão sempre mapeadas/projectadas fora de TP.

Quando as orações adverbiais subespecificadas contêm informação semelhante a um tópico ou a 'background', ocuparão projecções externas a TP em *spell out*.

A opção de considerar TP como a fronteira de projecção de cada um dos tipos de adverbiais baseia-se no diferente comportamento de cada classe relativamente a fenómenos de ligação, a questões de escopo, e a testes de constituência.

Repare-se que um constituinte adjunto a TP não está no domínio de c-comando de T. Uma vez que se trata de uma configuração de adjunção, a adverbial só é dominada por um dos segmentos de TP. Assim, de acordo com a definição de Chomsky 1986, T não c-comanda a adverbial⁵⁴.



O diferente nível de projecção de diferentes classes de adverbiais é já referido em Haegeman 1984. Haegeman distingue entre dois tipos de subordinadas adverbiais, a que chama 'E-adverbials' e 'S-adverbials'. Estes dois tipos manifestam diferentes comportamentos sintácticos relativamente a fenómenos de ligação, estrutura prosódica, interrogativas-Qu, legitimação de lacunas parasitas, dependência de Tempo matriz, e ocupariam diferentes posições na estrutura da frase: dependência de S (= IP) no caso das 'S-adverbials' vs. dependência de E (categoria que faz a transição entre a Frase e o Discurso, situada acima de S' , = CP) no caso das 'E-adverbials'.⁵⁵

⁵⁴ Uma explicação diferente, mas com efeitos semelhantes, é dada em Chomsky 2001b num quadro minimalista.

⁵⁵ Já numa fase terminal desta dissertação, tive acesso ao artigo de Haegeman 2002, que discute aspectos sintácticos e discursivos das orações adverbiais, propondo que existe uma relação entre a posição estrutural em que a adverbial é projectada e a sua estrutura funcional interna. Por limitações de tempo, já não me foi possível incluir aqui uma referência mais detalhada à sua proposta.

Na realidade, há vários factos que indicam, por um lado, que as adverbiais não periféricas ocupam posições mais baixas, mais encaixadas, do que as adverbiais não periféricas, e, por outro lado, que essa posição é interna a TP.

Um deles corresponde à diferente **estrutura prosódica** quando a adverbial ocupa a posição pós-verbal, facto que foi já referido em 3.2.2.: com as adverbiais não periféricas não é obrigatória uma quebra entoacional, o que sugere que estas estão a ocupar uma posição mais integrada na estrutura da frase:

(543) O Zé faltou às aulas porque esteve doente.

(544) O Zé faltou às aulas *(||) visto que esteve doente.

Em segundo lugar, como vimos já, é razoável pensar-se que a possibilidade de um constituinte estar sob o **escopo da negação matriz** implica que a negação o esteja a c-comandar (mas há que considerar o problema do estatuto ambíguo da negação nas línguas românicas que foi já mencionado). Assim sendo, as orações não periféricas à direita são projectadas em posições mais baixas do que as orações adverbiais periféricas, e são c-comandadas pela negação. O mesmo se aplica às partículas de foco.

(545) a. O Zé não faltou às aulas porque esteve doente.

b. *O Zé não faltou às aulas visto que esteve doente.

(546) a. O Zé só faltou às aulas porque esteve doente.

b. *O Zé só faltou às aulas visto que esteve doente.

Um outro tipo de evidência a favor da geração de adverbiais não periféricas em posições baixas vs. geração de adverbiais periféricas em posições altas vem das possibilidades de **dependências referenciais** entre os sujeitos. Um sujeito DP pleno de uma oração não periférica à direita não pode ser co-referente com um sujeito pronominal na oração matriz:

(547) *[-]_i abriu a janela quando o Zé_i entrou.

(548) Quando o Zé_i entrou, [-]_i abriu a janela.

Se considerarmos que se trata de um caso de violação do princípio C da teoria da ligação, a oração subordinada terá de ser c-comandada pelo sujeito matriz.

Quanto às orações adverbiais periféricas à direita, a situação não é tão clara. Repare-se que a co-referência entre um pronome à esquerda e um DP sujeito à direita é sempre difícil, como se pode ver na seguinte frase coordenada:

(549) ??[-]_i chegou atrasado, mas o Zé_i não ficou aflito.

(550) O Zé_i chegou tarde, mas a mãe do Zé_i ainda não estava aflita.

Contudo, parece existir um leve contraste entre as orações adverbiais periféricas e não periféricas a este respeito. Nas segundas, a co-referência é totalmente excluída (cf. frases a. dos seguintes exemplos), ao passo que nas primeiras é apenas marginal (cf. frases b. dos seguintes exemplos):

(551) a. *[-]_i só chegou a casa às onze porque o director_i recebeu um telefonema inesperado.

b. ??[-]_i só chegou a casa às onze, uma vez que o director_i recebeu um telefonema inesperado.

(552) a. *Ele_i até desatou aos pontapés porque o homem_i estava completamente fora de si.

b. ??Ele_i até desatou aos pontapés, uma vez que o homem_i estava completamente fora de si.

(553) a. *[-]_i chegará a casa cedo se o pai_i tiver pouco trabalho.

b. ??[-]_i chegará a casa cedo, desde que o pai_i tenha pouco trabalho.

Assim, as adverbiais não periféricas à direita parecem ocupar posições baixas, uma vez que estão sob o domínio de c-comando do sujeito matriz, da negação, e de operadores de foco. As adverbiais periféricas à direita parecem ocupar posições mais altas, uma vez que escapam ao domínio de c-comando destes elementos.

Quanto à posição à direita de adverbiais periféricas, a questão é complexa. Estes elementos destacados à direita têm propriedades que os aproximam dos constituintes extrapostos, de 'after-thought', e até certo ponto de estruturas de coordenação.

O facto de as adverbiais periféricas à direita serem obrigatoriamente antecedidas de quebra entoacional, e poderem ocorrer mais facilmente do que as adverbiais não periféricas depois de interrogativas-tag mostra que esta posição tem propriedades semelhantes à que ocupam os constituintes deslocados à direita (cf. Costa 1998; Zubizarreta 1998 para o uso das interrogativas-tag na identificação de posições periféricas). Isto é verdade pelo menos para as causais:

(554) O Zé nunca falta às aulas, pois não?, uma vez que o professor é tão exigente.

(555) Sabes a resposta, não sabes?, já que és tão esperto.

(556) ?? O Zé faltou à aula, não faltou?, por estar doente.

(557) ?*O Zé teve má nota, não teve?, porque não estudou nada.

Deixo para outra ocasião um estudo mais aprofundado desta questão.

3.5.1. Adverbiais não periféricas à direita: adjuntos, complementos ou especificadores?⁵⁶

Que posição estrutural exacta ocupam as orações adverbiais não periféricas em posição final?

Embora as orações adverbiais nunca tenham merecido grande atenção nos estudos generativistas de carácter sintáctico, existem algumas referências dispersas na literatura. No quadro da teoria da regência e da ligação (cf. Chomsky 1981, 1986), considerava-se que as orações adverbiais, tal como a generalidade dos constituintes não argumentais, ocupava posições estruturais de adjunção. Haegeman 1991, por exemplo, considera que as orações adverbiais podem ocupar posições de adjunção à direita quer a VP, quer a uma categoria funcional mais alta, como IP.

Mais recentemente, contudo, a adjunção à direita tem sido questionada, por razões predominantemente teóricas. Assim, no quadro da antissimetria (cf. Kayne 1994), tanto a adjunção à direita como a adjunção múltipla são excluídas por desrespeitarem o Axioma da Correspondência Linear, de acordo com o qual c-comando assimétrico se traduz em precedência linear. Embora Kayne 1994 não tenha estudado as estruturas de adjunção ao nível oracional, o autor sugere uma solução possível para o problema, que consistiria em adoptar a proposta de Larson 1988, 1990 para os adjuntos. Na proposta de Larson, os adjuntos correspondem estruturalmente a complementos e ocupam a posição mais encaixada na estrutura da frase, em sucessivas conchas verbais. No entanto, como tem sido observado por vários autores (cf. Jackendoff 1990; Williams 1994a, 1994b; Bianchi 1997, 2000; Nilsen 2000), a proposta de Larson revela-se problemática por razões empíricas. Existem, no entanto, outras alternativas à adjunção à direita compatíveis com a hipótese da antissimetria. Um conjunto dessas propostas deriva a ordem final através de movimentos para a esquerda ou de VP ou de IP:

⁵⁶ O conteúdo desta secção corresponde em grande parte a Lobo 2002c. Parte deste capítulo foi também objecto de uma comunicação apresentada no *XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*: Lobo, no prelo c.

- a) Barbiere 1995: propõe uma adjunção básica à esquerda dentro de VP;
- b) Cinque 1999: sugere uma representação básica em que os adjuntos ocupam uma posição de especificador de núcleos verbais vazios internos a VP;
- c) Bianchi 2000: sugere que as orações temporais são basicamente geradas acima de IP matriz.

Outras propostas que não derivam necessariamente a posição final através de movimentos são:

- d) Nilsen 2000: sugere uma análise semelhante à que Kayne 1994 propõe para as relativas reduzidas internas ao DP;
- e) Uriagereka 2001: sugere que os adjuntos à direita têm um estatuto derivacional particular e estão de certa forma sintacticamente desligados da estrutura da frase.

Apesar dos problemas que a adjunção coloca para a hipótese da antissimetria, alguns autores continuam a defender a análise clássica da adjunção à direita: Williams 1994a, 1994b; Ernst 2000, 2002; Svenonius 2001; entre outros.

Nas secções seguintes, são discutidas as vantagens e desvantagens das várias propostas de representação de adjuntos em posição final, com argumentos empíricos que incidirão prioritariamente sobre as orações adverbiais.

3.5.1.1. Uma posição estrutural baixa relativamente ao sujeito matriz e a operadores de foco: evidência de ligação e de fenómenos de escopo

As orações adverbiais não periféricas à direita ocupam uma posição baixa relativamente ao sujeito da oração matriz e a operadores de foco. Isto é comprovado pelos seguintes dados:

i) Um DP sujeito de uma oração adverbial à direita não pode ser co-referente com um sujeito pronominal da matriz, contrariamente àquilo que acontece quando a adverbial está em posição inicial:

(558) *[-]_i abriu a janela quando o Zé_i entrou.

(559) Quando o Zé_i entrou, [-]_i abriu a janela.

A agramaticalidade de (558) resulta plausivelmente de uma violação do princípio C da teoria da ligação: um DP referencial é livre, i.e não pode ser c-comandado por um elemento nominal do qual seja referencialmente dependente. Assim sendo, a oração adverbial à direita está possivelmente no domínio de c-comando do sujeito matriz.

ii) As orações adverbiais não periféricas à direita, tal como já foi dito, podem estar sob o escopo da negação e de operadores de foco, contrastando assim com as adverbiais periféricas:

(560) a. O Zé não faltou às aulas porque esteve doente.

b. *O Zé não faltou às aulas visto que esteve doente.

(561) a. O Zé só faltou às aulas porque esteve doente.

b. *O Zé só faltou às aulas visto que esteve doente.

Se assumirmos, como parece ser relativamente consensual, que escopo se traduz configuracionalmente na relação estrutural de c-comando, então as orações adverbiais não periféricas à direita podem estar no domínio de c-comando quer da negação, quer de operadores de foco.

Como vimos já, a posição estrutural da negação e dos operadores de foco é uma questão controversa. Quanto à negação, é geralmente assumido que se trata de um nó funcional situado no domínio funcional acima de VP (cf. Pollock 1989). Em Belletti 1990, por exemplo, a negação ocupa uma posição intermédia entre AgrSP e TP:

(562) [CP C [AgrSP AgrS [NegP Neg [TP T...

Contudo, não é absolutamente claro que o tipo de negação que aqui estou a considerar, que tem sido designado na literatura de negação de foco ou negação de constituinte (cf. Jackendoff 1972; Horn 1989; Manzotti & Rigamonti 1991; Declerck 1995; Sánchez López 1999), corresponda à negação frásica. Na realidade, há línguas em que existem duas formas morfológicas distintas para cada um dos tipos de negação (cf. Ouhalla 1993). Nas línguas românicas, não existe distinção morfológica entre os dois tipos de negação. Contudo, algumas orações adverbiais não se comportam da mesma forma relativamente a cada um dos tipos de negação. As orações condicionais são

exemplo disso. As orações condicionais são normalmente interpretadas como estando fora do escopo da negação frásica. Contudo, podem estar sob o escopo da negação de foco. Penso que esta é a razão pela qual em Peres 1997 se atribui o valor negativo ao teste de escopo da negação para as condicionais. De facto, se considerarmos apenas a negação frásica, as condicionais estão fora do seu escopo.

(563) O Zé não irá à praia se estiver muito calor. >> O Zé não irá à praia

(564) O Zé NÃO irá à praia SE ESTIVER MUITO CALOR >> O Zé irá à praia (noutras condições)

Este contraste pode levar a pôr a hipótese de que a negação de foco ocupa uma posição estrutural diferente da negação frásica. No entanto, essa é uma questão que aqui não poderei desenvolver.

As orações temporais, pelo contrário, são normalmente interpretadas como estando sob o escopo da negação frásica, mas não obrigatoriamente. Com a negação de foco, serão naturalmente interpretadas como estando associadas à negação:

(565) O Zé não ligou a televisão quando chegou a casa. >> O Zé não ligou a televisão.

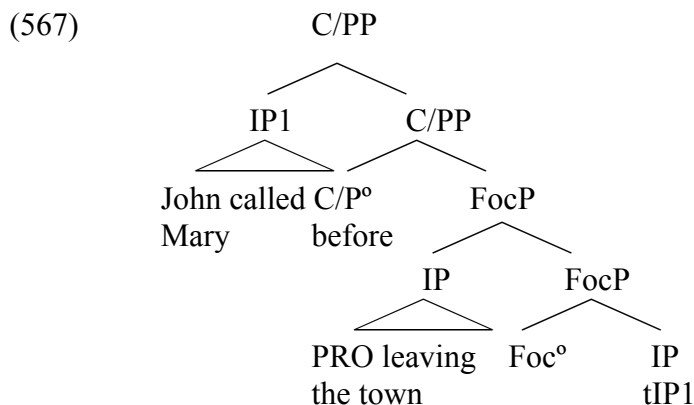
(566) O Zé NÃO ligou a televisão QUANDO CHEGOU A CASA. >> O Zé ligou a televisão mais tarde)

Se em português os dois tipos de negação correspondem a um mesmo nó funcional acima do domínio de VP, e se escopo da negação envolver c-comando, então as orações adverbiais à direita terão necessariamente de ocupar uma posição interna a TP.

Relativamente aos operadores de foco, pode desenvolver-se um raciocínio semelhante: se escopo envolve c-comando, então as orações não periféricas à direita ocupam pelo menos uma posição interna a TP.

Este tipo de evidência empírica põe de parte qualquer análise que trate as orações adverbiais à direita como sendo geradas na base como especificadores de uma categoria funcional alta, derivando a ordem matriz-subordinada através de posterior movimento de IP matriz para uma posição à esquerda ainda mais alta. Este tipo de abordagem, que estaria em consonância com os pressupostos da hipótese da antissimetria, é ensaiado em Bianchi 2000. Esta análise, contudo, para além dos problemas que dizem respeito ao

estatuto dos conectores⁵⁷, não dá conta dos factos empíricos que envolvem fenómenos de escopo, uma vez que na representação proposta por Bianchi nem a negação, nem os operadores de foco da oração matriz estão numa posição capaz de c-comandar a oração adverbial:

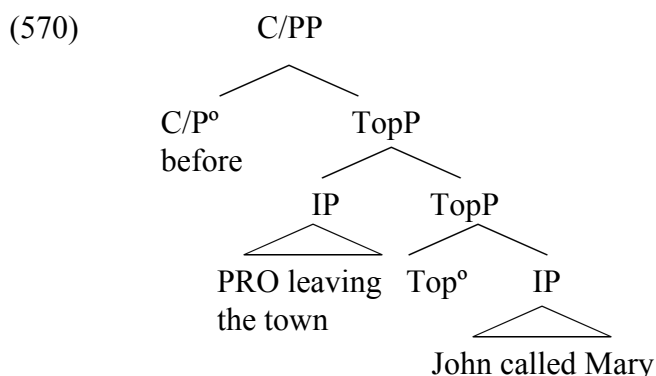


Para além disso, a análise de Bianchi prediz que um sujeito pronominal de uma oração adverbial em posição inicial não pode ser co-referente com o DP sujeito da matriz, o que não se verifica:

(568) Before she_i left, Mary_i gave me a call.

(569) Before PRO_i leaving, Mary_i gave me a call.

Na configuração proposta por Bianchi, e assumindo, tal como Bianchi assume, que os especificadores c-comandam para fora da sua projecção máxima (cf. Kayne 1994) e que o conector da adverbial e a subordinada não constituem uma unidade, um sujeito pronominal de uma oração adverbial em posição inicial deveria c-comandar o sujeito DP da matriz:

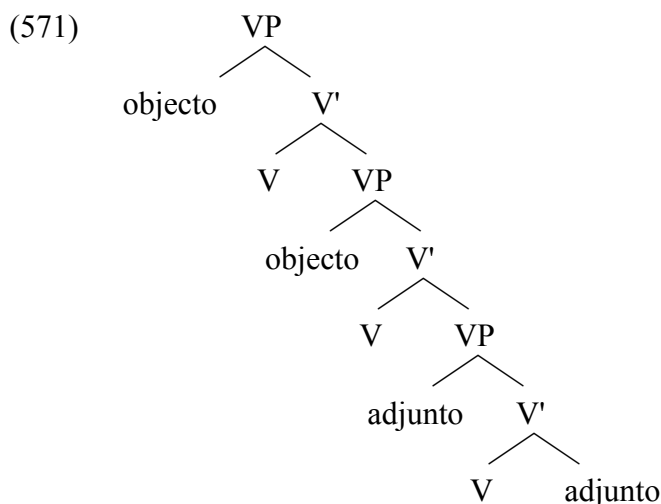


⁵⁷ Com efeito, na análise de Bianchi, o conector e a subordinada não formam uma unidade gramatical, o que contraria a ideia clássica de que eles formam um constituinte, que é apoiada, entre outros factores, por restrições temporais e modais existentes entre o conector e a oração subordinada e por testes clássicos de constituência.

Os factos empíricos acima referidos apontam todos para uma geração básica das orações adverbiais à direita numa posição interna a TP. O estatuto exacto dessa posição, a sua identificação com uma posição de adjunção ou não, será discutido nas próximas secções.

3.5.1.2. Uma posição estrutural alta relativamente aos objectos: evidência de fenómenos de ligação

Larson 1988, 1990 e Stroik 1990 apresentam evidência empírica vinda de fenómenos de ligação e de coordenação a favor da geração dos adjuntos à direita como sendo os constituintes mais encaixados no interior de VP, na posição de especificador de sucessivas conchas de VP. Na proposta de Larson, este tipo de adjuntos seriam assim estruturalmente equivalentes a complementos:



No entanto, a argumentação que Larson dá relativamente à coordenação não me parece ser convincente. Segundo Larson, o facto de ser possível coordenar uma sequência de objecto e adjunto seria um argumento a favor de que essa sequência é um constituinte.

(572) O Zé cumprimentou [a mãe quando chegou a casa] e [a vizinha quando foi à janela].

(573) O Zé comprará [uma bicicleta se ganhar cem contos] e [um jipe se ganhar mil contos].

Larson parte do princípio de que só constituintes são coordenáveis. No entanto, como Jackendoff 1990 observa também, pode considerar-se que se trata não de uma coordenação de um constituinte formado pelo objecto e pelo adjunto, mas antes de uma coordenação de um constituinte maior que contém um elemento elidido, ou seja tratar-se-ia aqui de um caso de *gapping*.⁵⁸

Na realidade, também é possível a coordenação de sujeito e adjunto e de sujeito e objecto indirecto, e, neste caso, não é plausível que estas sequências correspondam a um constituinte:

(574) O Zé entregou o exame antes de o tempo acabar e [a Ana [-] quando o tempo terminou].

(575) A Ana irá à praia se estiver calor, [o Zé [-] se houver ondas], e [o Paulo [-] se tiver companhia].

(576) O Zé ofereceu flores à mãe, [o João [-] à avó] e [o Pedro [-] à namorada].

(577) O Zé guardou os lápis na gaveta e [o Paulo [-] no estojo].

Assim, os dados da coordenação que Larson apresenta podem corresponder também a casos de *gapping*, com a única diferença de que os elementos não elididos ocupam a posição final na oração, o que provoca a ilusão de que só estes elementos estão a ser coordenados, quando, na realidade, estaríamos perante uma coordenação de orações.⁵⁹

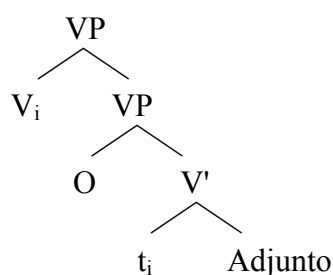
A evidência vinda de fenómenos de ligação é mais complexa. Os dados do inglês apontam para uma estrutura em que os complementos c-comandam os adjuntos à sua direita (cf. Larson 1990; Stroik 1990; Phillips 1997; e.o.): o facto de um quantificador poder ligar um pronome indicaria que o quantificador tem escopo sobre o elemento ligado, i.e. o quantificador c-comandaria o pronome. Uma vez que em inglês um complemento pode ligar um adjunto, Larson conclui que o objecto c-comanda o adjunto. Este ocuparia, por conseguinte, a posição mais encaixada dentro de VP:

⁵⁸ Por *gapping* (ou elipse lacunar, cf. Matos 1992a) entende-se um fenómeno de elipse em que está obrigatoriamente omissa o núcleo verbal e opcionalmente também argumentos ou adjuntos do verbo, desde que um desses elementos se mantenha foneticamente realizado.

⁵⁹ Pesetsky 1995 apresenta ainda a favor de uma estrutura 'em cascata' a possibilidade de coordenar uma sequência de <DP + adjunto> antecedida de uma P. Estes dados parecem-me no entanto francamente marginais em português:

- i) ??Os Clã deram um concerto em [Lisboa no Sábado] e [Santarém no Domingo].
- ii) ??Fui ao cinema com [o meu pai ontem] e [a minha mãe anteontem].

(578)



Em português, nem todas as construções que Larson refere estão disponíveis (por exemplo, os fenómenos que envolvem legitimação de itens de polaridade negativa). Há contudo alguma evidência de fenómenos de ligação, tais como a ligação de um pronome possessivo por um quantificador (*cada ... seu*) e a ligação de pronomes recíprocos (*um ao outro*). Contrariamente àquilo que Larson e outros autores referem para o inglês, em português parece existir uma assimetria entre complementos e adjuntos relativamente aos fenómenos de ligação. Apesar de haver alguma variação entre os falantes relativamente a estes juízos, creio que é possível dizer-se que, enquanto a ligação de um complemento por um objecto é perfeitamente gramatical, a ligação de um adjunto por um objecto é marginal ou mesmo agramatical.⁶⁰

(579) a. O João entregou cada filho_i à sua_i mãe.

b. O João pôs cada boneco_i no seu_i lugar.

(580) a. ??/*O João elogiou cada aluno_i no dia da sua_i chegada.

b. ??/*O João agrediu cada amigo_i com a sua_i pasta.

(581) a. O João apresentou os colegas_i um ao outro_i.

b. O João pôs os livros_i uns ao lado dos outros_i.

(582) a. ??/*O João agrediu os colegas_i com a pasta um do outro_i.

b. *O João convidou os amigos_i no aniversário um do outro_i.

Outras línguas parecem manifestar o mesmo tipo de assimetria relativamente à ligação de pronomes por quantificadores e à ligação de recíprocos, como por exemplo o norueguês (cf. Nilsen 2000).

⁶⁰ Alguns falantes aceitam as frases de (580) na leitura ligada (cf. Ana Maria Brito, c.p.). Outros preferem claramente a leitura em que o possessivo está referencialmente dependente do sujeito gramatical, embora não rejeitem totalmente a leitura ligada.

Nilsen 2000 refere que em norueguês existem possessivos de tipo anafórico (*sin*) e possessivos de tipo pronominal (*hans*). Os primeiros podem estar ligados por um complemento quando inseridos também num complemento, mas não num adjunto (cf. (583) vs. (584)). Os segundos podem estar inseridos num adjunto e ser ligados por um DP objecto, como em (585).

- (583) a. Du overlot barna_i til foreldrene sine_i
 you left children-the to parents-the REFL
 b. Du ga studentene_i oppgavene sine_i tilbake.
 you gave students-the papers-the REFL back

- (584) a. *Du traff Per_i i hagen sin_i.
 you met Per in garden-the REFL
 b. *Du traff Per_i på bursdagen sin_i
 you met Per on birthday-the REFL

(Nilsen 2000: 80)

- (585) Jeg traff Per_i på bursdagen hans_i.
 I met Peter on birthday-the his.

(Nilsen 2000: 87)

Para além disso, Nilsen refere uma outra assimetria entre complementos e adjuntos: enquanto a co-referência entre um pronome complemento e um DP inserido num segundo complemento é impossível em norueguês, a co-referência entre um pronome complemento e um DP inserido num adjunto é possível, embora seja ligeiramente marginal⁶¹:

- (586) a. *Jeg viste ham_i til Per_i.
 I showed him to Per
 b. *Jeg viste ham_i Per_i
 I showed him Per
 (587) a. ?Jeg traff ham_i i Pers_i hage.
 I met him in Per's garden

⁶¹ Segundo Nilsen, a estranheza das frases de (587) pode dever-se ao facto de o pronome preceder o DP.

b. ?Jeg traff ham_i på Pers_i bursdag.

I met him on Per's birthday

(Nilsen 2000: 80)

Os dados do norueguês apontam assim para uma estrutura em que os circunstanciais ocupam posições de adjunção à direita, tal como era classicamente assumido.

Portanto, a evidência de fenómenos de ligação que Larson apresenta a favor de uma análise em que os adjuntos ocupam a posição mais encaixada dentro de VP não parece ser válida universalmente. O que pode explicar estes contrastes? Uma hipótese possível será admitir que a variação interlinguística nesta área está relacionada com as diferentes propriedades morfológicas de pronomes e anáforas nas diferentes línguas (i.e. o facto de estarem ou não especificados quanto a género e número; o facto de terem ou não um estatuto ambíguo como anáfora e como pronome...).

Um outro tipo de evidência contra uma análise em que as orações adverbiais são estruturalmente equivalentes a complementos vem de assimetrias entre complementos e adjuntos relativamente à possibilidade de um pronome complemento ligar um DP sujeito da oração subordinada. Enquanto a ligação do sujeito de uma adverbial é possível, a ligação do sujeito de uma completiva é impossível. Estes factos são referidos para o inglês em Williams 1994b (que refere Solan 1978; ver também Bianchi 1997, 2000, que mostra que o mesmo acontece em italiano):

(588) a. Mary shot him_i before John_i could leave.

b. *Mary told him_i that John_i could leave. (Williams 1994b: 180)

Em português, o contraste entre completivas e adverbiais mantém-se:

(589) a. *Este médico só lhe_i contou que o Zé_i já estava muito doente.

b. Este médico só o_i tratou quando o Zé_i já estava muito doente.

c. Este médico só o_i tratou porque o Zé_i estava muito doente.

Estes factos empíricos parecem sustentar uma análise segundo a qual as orações adverbiais estão adjuntas à direita, e não correspondem a complementos, uma vez que o pronome objecto não parece c-comandar a oração adverbial.

No entanto, Bianchi 1997, 2000 sugere que a situação é mais complexa do que parece à primeira vista. Citando Brody 1994, Bianchi dá um exemplo de uma frase complexa em que a evidência vinda de fenómenos de ligação é contraditória: a ligação por quantificador aponta para uma representação em que a adverbial ocupa uma posição baixa; efeitos decorrentes do princípio C apontam para uma representação em que a adverbial ocupa uma posição alta (possivelmente uma posição de adjunção), para a mesma frase:

(590) I sent each boy_i to her_k [in order to make Mary_k meet him_i] (Brody 1994)

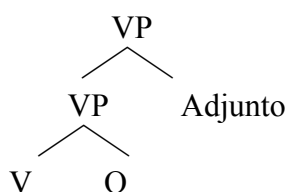
(591) ?La_i presenterò ad ogni studente_k [solo dopo che Maria_i lo_k avrà esaminato]
(Bianchi 2000)

(592) ?Apresentá-la_i-ei a cada aluno_k [depois de a Maria_i ter corrigido o seu_k teste.]

Esta contradição interna mostra claramente que a teoria da ligação tal como formulada nos trabalhos de Larson tem de ser revista. O princípio C e as relações de ligação com quantificadores e anáforas não parecem obedecer exactamente aos mesmos critérios, tal como observa Bianchi 1997. Efeitos de linearidade, como é proposto no trabalho de Bianchi, e como tinha já sido sugerido em Barss & Lasnik 1986 e Jackendoff 1990, também parecem ser relevantes.

Se apenas o princípio C seguir uma condição estrita de c-comando, então os dados empíricos apontam para uma configuração de adjunção, em vez de uma configuração em que a adverbial corresponde a um complemento:

(593)



Na realidade, os testes clássicos de constituência (cf. Jackendoff 1990; Pesetsky 1995; Phillips 1997) apontam todos para uma configuração de adjunção: a extracção do objecto ou da oração adverbial é possível, mas a extracção do complexo formado pelo objecto e pela oração adverbial dá resultados agramaticais. Isto significa que o complexo formado pelo objecto e pela adverbial não se comporta como um constituinte.

- (594) a. Foi [a televisão] que o Zé ligou quando chegou a casa.
 b. Foi [quando chegou a casa] que o Zé ligou a televisão.
 c. *Foi [a televisão quando chegou a casa] que o Zé ligou.
- (595) a. [A televisão], o Zé ligou quando chegou a casa.
 b. [Quando chegou a casa], o Zé ligou a televisão.
 c. *[A televisão quando chegou a casa], o Zé ligou.

Em relação a outros fenómenos bem conhecidos no quadro da teoria da regência e da ligação, existem também contrastes entre complementos e adjuntos. Trata-se por exemplo de processos de extracção longa com ilhas-Qu e de processos de extracção de um constituinte do interior de um adjunto:

- (596) a. ?[Quem] é que o João não sabe [onde] é que a Luisa recebeu [-] [-]?
 b. *[Onde] é que o João não sabe [quem] é que a Luisa recebeu [-] [-]?
- (597) a. [Quem] é que o João disse [que a Luisa abraçou [-]]?
 b. *[Quem] é que o João sorriu [quando a Luisa abraçou [-]]?
- (598) a. [A quem]_i quer o Zé [que o Paulo dê este livro [-]_i]?
 b. *[A quem]_i quer o Zé convidar a Ana [quando o Paulo telefonar [-]_i]?

Se a hipótese de Bianchi 1997 estiver certa, os dados da ligação considerados acima que não envolvem o princípio C não representam necessariamente um argumento a favor de uma posição de complemento para os adjuntos à direita. Na realidade, se exceptuarmos os dados da coordenação (que, como vimos, são problemáticos), esta é a única fonte de evidência empírica contra uma configuração de adjunção. Todos os outros fenómenos apontam para a hipótese da adjunção: testes de constituência; assimetrias complemento/adjunto... Por conseguinte, a análise de adjunção à direita, aparentemente, parece ser empiricamente superior à análise dos adjuntos como complementos, e os dados da ligação com quantificadores terão de ser reanalisados.

O facto de em inglês existir evidência contraditória quanto à posição estrutural dos adjuntos (i.e. evidência de testes de ligação vs. evidência de testes de constituência) levou Pesetsky 1995 a postular a existência de duas estruturas sintácticas diferentes compostas em paralelo: uma estrutura estratificada ('layered structure'), que daria conta da evidência vinda dos testes de constituência, e uma estrutura em cascata ('cascade structure'), que daria conta da evidência vinda das relações de ligação e supostamente

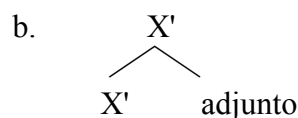
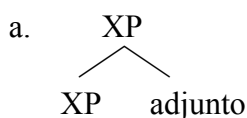
também dos dados da coordenação. Esta aparente evidência contraditória ficou conhecida como o 'paradoxo de Pesetsky'. Phillips 1997 soluciona o paradoxo de forma diferente: o autor propõe que as estruturas são compostas derivacionalmente da esquerda para a direita, sendo reanalisadas passo a passo à medida que um novo elemento é acrescentado.

No entanto, se Bianchi 1997 estiver certa, é possível que o paradoxo de Pesetsky não seja afinal um paradoxo.

3.5.1.3. Uma posição ambígua relativamente ao predicado: testes de constituência

As análises clássicas dos constituintes não subcategorizados à direita do predicado consideram-nos como adjuntos estruturais, i.e. como sendo simultaneamente filhos e irmãos de uma projecção máxima ou intermédia:

(599)



Há evidência empírica a favor deste estatuto ambíguo quando consideramos vários testes de constituência. Na realidade, o comportamento dos adjuntos finais relativamente a testes de constituência parece mostrar que eles ocupam simultaneamente uma posição interna a VP e uma posição externa a VP. A representação de adjunção clássica reflecte este comportamento ambíguo, assim como a ideia clássica da Gramática Funcional (cf. Dik 1978) de que os constituintes não subcategorizados ('satélites', na terminologia de Dik) dão origem a expansões de uma predicação básica mais restrita ('nuclear predication'), formando uma espécie de predicação alargada ('extended predication').

i) Os adjuntos à direita tanto podem ser antepostos juntamente com o VP nuclear, como podem ficar desgarrados, sendo anteposto apenas o predicado nuclear:

(600) a. *Fechar a porta a cadeado por estar com medo, o Zé nunca (o) fez.*

b. *Fechar a porta a cadeado, o Zé nunca o fez por estar com medo.*

(601) a. *Comprar um carro novo se for aumentado, o Zé fá-lo-á certamente.*

b. *Comprar um carro novo, o Zé fá-lo-á certamente se for aumentado.*

(602) a. *Repetir todas as frases para aborrecer o irmão*, o Zé está sempre a fazê-lo.

b. *Repetir todas as frases*, o Zé está sempre a fazê-lo para aborrecer o irmão.

(603) a. *Preparar a ceia como a mãe fazia*, o Zé certamente não o fará.

b. *Preparar a ceia*, o Zé certamente não o fará como a mãe fazia.

ii) Os adjuntos à direita tanto podem ser substituídos juntamente com um VP por uma forma pronominal substituta de VP, como podem ser deixados de fora:

(604) a. O Zé apagou a luz quando foi para a cama, mas o Pedro só o fez quando acabou de ler o livro.

b. O Zé lavou os dentes antes de ir para a cama, e o Pedro fê-lo mal acabou de jantar.

(605) a. ?O Zé tomou um café porque estava com sono, e a Ana fê-lo porque estava com tonturas.

Este tipo de evidência empírica (anteposição de VP e substituição de VP), tal como é referido em Jackendoff 1990 e Pesetsky 1995, e.o., privilegia uma configuração de adjunção à direita para os adjuntos não subcategorizados, que incluem naturalmente as orações adverbiais.

3.5.1.4. Alternativas à adjunção à direita; possíveis problemas de uma análise de adjunção à direita

Haverá alternativas à adjunção à direita compatíveis com os dados empíricos acima descritos?

A adjunção à direita (e a adjunção em geral), para além de ter sido posta em causa por motivos predominantemente teóricos (cf. Kayne 1994), foi também questionada por ser pouco restritiva e por permitir a geração de estruturas agramaticais (cf. Haider 2000; e.o.). Costa 1998, por exemplo, opta por seguir uma análise próxima de Barbiers 1995, porque constata que existem restrições à adjunção à direita de que uma teoria não restritiva da adjunção não permitiria dar conta. Haider 2000 também põe de lado a adjunção à direita com base em evidência empírica. Algumas das objecções à adjunção à direita que estes autores apresentam são as seguintes:

- i) alguns advérbios não podem ocorrer em posição final (e.g. prt. *bem*);
- ii) os advérbios não podem ser amontoados sucessivamente em posição final;
- iii) os advérbios de frase não podem ocorrer em posição final (sem que sejam precedidos de uma quebra entoacional);
- iv) nas línguas VO, os PPs adjuntos e as orações adjuntas não podem ocorrer à esquerda de VP.

Segundo estes autores, a hipótese da adjunção prediz um comportamento simétrico para os adjuntos à esquerda e à direita, o que não se verifica.

3.5.1.4.1. A hipótese da intraposição de VP: Barbiers 1995

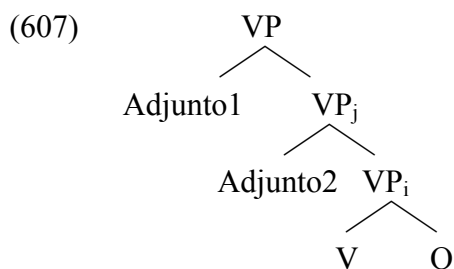
No sistema de Barbiers, os adjuntos de VP são sempre adjuntos à esquerda, como em (607). A posição final é derivada através de sucessivos movimentos de VP para a esquerda para a posição de especificador dos adjuntos à esquerda, como em (608). Corresponde, por conseguinte, a uma estratégia de intraposição de VP, que, na proposta de Barbiers, é motivada por um princípio geral de interpretação semântica. No sistema de Barbiers, este movimento resulta claramente de propriedades semânticas. Para além disso, é um movimento que é opcionalmente visível, i.e. que pode ter lugar apenas na componente lógica da gramática.

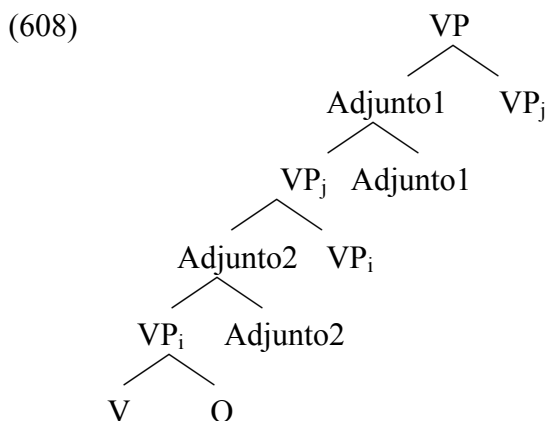
O sistema de Barbiers deriva ainda os efeitos de espelho observados em neerlandês e interlinguisticamente quanto à ordenação dos adjuntos pré- e pós-verbais:

(606) a. She has worked [_{respect} on her hobby] [_{process} with great care] [_{space} in the garden] [_{time} the whole time] [_{time} today] <inglês>

b. Sie hat [_{time} heute] [_{time} die ganze Zeit] [_{space} im Garten] [_{process} mit grosser Sorgfalt] [_{respect} an ihrem Steckenpferd] gearbeitet. <alemão>

(exs. de Haider 2000: 51)





Um dos problemas desta proposta consiste no carácter opcional da intraposição de VP. Na realidade, em neerlandês, o movimento de VP parece aplicar-se apenas em alguns casos. Nas línguas românicas, que são todas línguas VO, este movimento parece ser obrigatório quando o adjunto é um PP ou uma oração. O comportamento dos advérbios é mais livre (cf. Costa 1998). Nas línguas OV, pelo contrário, o movimento visível de VP parece não ser admitido, e apenas a ordem adjunto-objecto-verbo está disponível. A correlação entre a distinção OV/VO e a posição pré ou pós-verbal dos adjuntos não recebe uma explicação motivada no sistema de Barbiers.

Estudos de natureza tipológica (cf. Diessel 2001; Dryer 2000) e trabalhos como o de Ernst 2002 defendem que existe uma correlação entre ordem do objecto relativamente ao verbo e ordem do adjunto, bem como uma correlação entre a posição inicial ou final do conector adverbial e a posição pré ou pós-verbal da adverbial⁶²:

Eslavo: in Dryer 2000

(609) Mary [Joe gha] ke ehtsi
 Mary Joe para chinelos 3,faz
 PP V

‘Mary faz chinelos para o Joe.’

(610) Mary cut the fish [with the knife]
 V PP

⁶² No caso dos constituintes oracionais, no entanto, essa correlação não parece ter a mesma força. Veja-se que os constituintes oracionais são estruturas sintacticamente e fonologicamente mais pesadas, o que pode interferir no seu posicionamento.

neste caso específico não ocorre intraposição de VP;

ii) como Costa admite ele próprio (cf. Costa 2002), a restrição quanto aos advérbios empilhados em posição final pode ser eventualmente uma consequência da falta de material lexical de suporte numa posição suficientemente local (cf. Costa 2000a);

iii) alguns dos casos habitualmente designados de 'sobre-geração' podem talvez ser explicados com uma teoria prosódica adequada. Por exemplo, tem sido descrito que os advérbios orientados para o sujeito não podem ocorrer em posição final. Esta posição só é possível na leitura de modo (cf. Costa 1997, 1998; Delfitto 2000; e.o.):

(614) John cleverly has spoken to his mother. (orientado para o sujeito)

(615) John has spoken to his mother cleverly. (modo)

Este é um argumento que é dado normalmente contra a adjunção à direita (cf. Costa 1997, 1998; Delfitto 2000). Contudo, a leitura em que o Adv em posição final é orientado para o sujeito é recuperada, desde que exista uma quebra entoacional antes do advérbio e um contorno entoacional apropriado (cf. também Costa 1997: n. 3):

(616) John has spoken to his mother || cleverly.

Pode dar-se o caso de estar aqui em causa uma questão de prosódia e de fronteiras entoacionais. Se não houver uma fronteira entoacional, o advérbio será interpretado como sendo interno a VP e por conseguinte só a leitura de modo estará disponível. Este tipo de comportamento também se encontra relativamente às orações adverbiais. Como vimos, as orações periféricas só ocorrem em posição final depois de uma quebra entoacional. Tanto quanto eu saiba, ninguém afirmou que a posição final das orações adverbiais periféricas é agramatical pelo simples facto de ter de ser precedida de uma quebra entoacional.

(617) Uma vez que o professor está doente, não haverá aula.

(618) Não haverá aula, || uma vez que o professor está doente.

É evidente que será necessário desenvolver mais investigação na interface entre a sintaxe e a prosódia para poder responder a este tipo de questões.

iv) os padrões de ordem de palavras tomam em consideração especificações categoriais. Repare-se que são permitidos em posição final quer múltiplos PPs adjuntos,

quer múltiplas orações adjuntas (cf. também Ernst 2002), o que sugere, como observa Costa 2002, que diferentes categorias podem ter diferentes estatutos sintáticos, i.e. os advérbios constituem um caso particular:

(619) ??O Zé contou a história rapidamente entusiasticamente desajeitadamente (*provavelmente).

(620) O Zé contou a história com entusiasmo em voz alta para que todos o pudessem ouvir.

(621) O Zé ligou a televisão logo que chegou a casa para ouvir as notícias porque lhe disseram que tinha havido um golpe de estado.

Repare-se que no caso de adverbais que correspondem a um advérbio modificado por uma relativa restritiva (e.g. *sempre que*, *logo que*), a posição é alterada. Como vimos acima, o sentido do advérbio na adverbial não difere substancialmente daquele que o Adv tem quando ocorre isoladamente. A posição, no entanto, é alterada.

(622) a. O Zé conta *sempre* essa história.

b. ??O Zé conta essa história *sempre*.

(623) a. *O Zé conta *sempre que eu lhe peço* essa história.

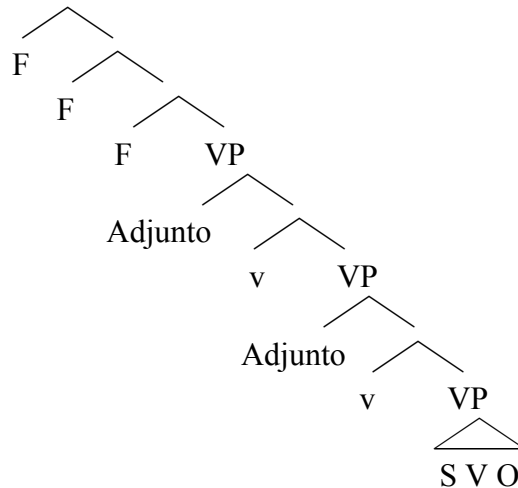
b. O Zé conta essa história *sempre que eu lhe peço*.

Na análise de Barbiers ter-se-á de admitir que o movimento de VP é obrigatório quando o adjunto é mais 'pesado', o que obriga a que se admita que a motivação para a intraposição de VP não é apenas de natureza semântica.

3.5.1.4.2. A hipótese dos adjuntos como especificadores de núcleos verbais internos a VP: Cinque 1999

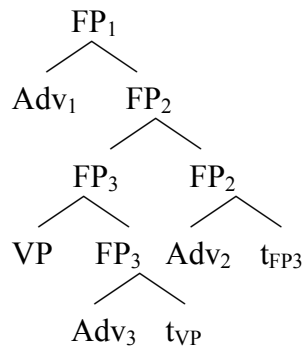
Cinque 1999 (inspirando-se numa ideia de Chomsky 1995) sugere uma solução alternativa à análise de adjunção à direita. O autor sugere que os adjuntos à direita sejam tratados como sendo gerados na base à esquerda dentro de VP como especificadores de núcleos verbais vazios. A posição final do adjunto é derivada através de sucessivos movimentos de VP para posições de especificador de núcleos funcionais vazios, possivelmente para estabelecer uma relação de predicação adequada.

(624)



Laenzlinger 2000 sugere uma proposta ligeiramente diferente: ou os adjuntos à direita ocupam posições de especificador à direita (o que continua a ser problemático para uma análise que queira respeitar a antissimetria) ou são gerados à esquerda como especificadores de categorias funcionais, seguindo-se posteriores movimentos de VP para especificador de uma categoria funcional mais alta, que por sua vez se move mais para cima e assim sucessivamente (movimento a que Laenzlinger chama 'Snowballing Movement'):

(625)



Contudo, na proposta de Cinque é necessário postular a existência de múltiplos núcleos funcionais para os quais não há evidência empírica. Na proposta de Laenzlinger, é preciso motivar e restringir um movimento de intraposição com características particulares.

Estas análises apresentam os mesmos problemas do que a de Barbiers. Tal como a de Barbiers, dão conta das questões de ligação e de escopo acima referidas, mas não explicam de uma forma natural a correlação entre o parâmetro OV/VO e a posição dos adjuntos, nem a razão pela qual o movimento se dá obrigatoriamente nuns casos, mas não noutros.

Haider 2000 refere outros problemas específicos de uma análise em que os adverbiais são gerados em posições de especificador. Haider refere contrastes entre o inglês, por um lado, e o alemão e o neerlandês, por outro, que são deriváveis do facto de o inglês ser uma língua cujo núcleo verbal é inicial, enquanto o alemão e o neerlandês são línguas de V final. Trata-se de efeitos de periferia ('edge effects').

Haider refere que as restrições à ocorrência em posição pré-verbal de estruturas que contêm material à direita do núcleo ('edge effects') só se verificam em línguas cujo núcleo verbal é inicial. Este tipo de restrições não se verifica com especificadores. Este seria um argumento a favor de uma análise de adjunção e contra uma análise de especificadores para os adverbiais pré-verbais.

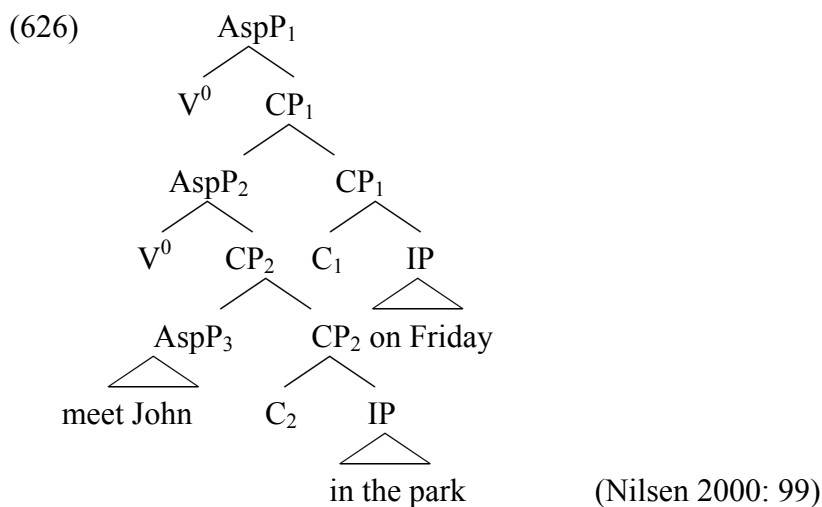
3.5.1.4.3. A hipótese das relativas reduzidas de evento: Nilsen 2000

Nilsen 2000 apresenta vários argumentos empíricos contra uma análise dos adjuntos circunstanciais na linha de Larson e a favor de uma análise de adjunção à direita. Porém, como a adjunção à direita vai contra hipóteses recentes sobre a estrutura da frase (cf. Kayne 1994), Nilsen procura encontrar uma solução alternativa, que seja compatível com os dados empíricos disponíveis. Nilsen discute a hipótese de adjunção à esquerda de Barbiers, que, segundo o autor, também tem alguns problemas (nomeadamente no que diz respeito à extraposição de orações relativas), e faz uma proposta alternativa inspirada no trabalho de Kayne sobre os DPs: os adjuntos à direita são relativas reduzidas sobre o evento.

Na proposta de Nilsen, os adjuntos à direita são relativas reduzidas seleccionadas por diferentes categorias funcionais que seguem a hierarquia de Cinque 1999. O VP matriz é gerado na base como especificador do PP circunstancial, que por sua vez está encaixado num CP relativo seleccionado por diferentes categorias funcionais de acordo com a interpretação semântica do circunstancial. A análise de Nilsen contém algumas ideias interessantes: relaciona semanticamente os adjuntos à esquerda (advérbios) com os PPs adjuntos à direita, o que seria uma consequência da hierarquia de projecções funcionais proposta por Cinque.

Contudo, a proposta de Nilsen apresenta manifestamente alguns problemas. Se eu bem percebi, na proposta de Nilsen, o VP matriz deixa de existir. VP é gerado na base como especificador do PP adjunto dentro da oração relativa. Ficamos assim com uma estrutura frásica aparentemente truncada. A ordenação dos adjuntos à direita é

obtida através do empilhamento dos nós aspectuais que incluem VP em especificador de PPs em relativas reduzidas sucessivas, encaixadas umas nas outras:



Esta estrutura invulgar, que reproduz no domínio oracional a análise de Kayne 1994 para as relativas inseridas num DP, impossibilita a derivação dos 'efeitos de espelho' na ordenação dos PPs adjuntos à esquerda e à direita de V, facto que era elegantemente derivado na análise de Barbiers. Na estrutura de Nilsen, não existe uma correlação entre a ordem relativa dos adjuntos e a distinção VO/OV. Para além disso, parece-me que a ordem de palavras nas línguas OV não é facilmente derivável, tal como na seguinte frase do alemão, por exemplo:

(627) Hans hat in der Schule Hanna geküsst.

Hans tem na escola Hanna beijado

'O Hans beijou a Hanna na escola'

Finalmente, os argumentos de Nilsen a favor da sua representação em vez de uma análise de adjunção ou de intraposição de VP, não são, na minha opinião, muito fortes: vêm principalmente de dados do Atkan-Aleut e do Nadëb, que são referidos muito por alto. Ao contrário do que Nilsen afirma, não creio que esses dados representem um verdadeiro problema para uma análise de adjunção.

3.5.1.4.4. Adjuntos à direita desconectados da estrutura

Uma outra alternativa relativamente aos adjuntos à direita é apresentada em Uriagereka 2001. Uriagereka propõe que os adjuntos à direita (a que ele chama 'adjuntos puros') estão desconectados da estrutura sintáctica, sendo inseridos na sequência PF em diferentes dimensões e interpretados em LF de acordo com o lugar onde são inseridos. O ponto de partida para esta proposta assenta nas seguintes observações:

- i) a modificação é 'especializada', i.e. diferentes tipos de adjuntos modificam diferentes classes aspectuais (cf. Vendler 1967);
- ii) a adjunção parece ser ilimitada;
- iii) os adjuntos à direita têm poucas propriedades sintácticas.

O problema principal da análise de Uriagereka é que ela parece assentar em assunções erradas. Uma delas, quanto a mim, é a ideia de que a adjunção é ilimitada. Este argumento inicial, essencial para o raciocínio que o autor desenvolve posteriormente, parece-me ser problemático. Os exemplos que o autor dá de 'adjunção ilimitada' parecem ser casos simples de coordenação:

(628) Beans grew for weeks (at a time), for years (at a time), for decades (at a time), for... (ex. (4) de Uriagereka 2001)

Na realidade, o mesmo tipo de considerações poderia ser tecido a propósito de constituintes argumentais. É a coordenação que é ilimitada, não a adjunção:

(629) O João plantou couves, alfaces, cenouras, abóboras, tomates...

(630) O João, o Zé, o Paulo, o António, o Luis...plantaram couves.

(631) O João deu um livro ao Zé, um disco ao António, uma boneca à Ana...

A adjunção está de facto geralmente limitada a um tipo semântico por oração, que pode eventualmente ser complexo⁶³:

⁶³ Pode haver eventualmente múltiplos adjuntos de tempo e de lugar quando estes dão informações de natureza diferente, sendo uns mais específicos do que outros:

- i) O Zé nasceu às três da tarde, no dia um, no mês de Agosto, no ano de 1970.
- ii) O Zé nasceu em Portugal, na cidade de Lisboa, numa rua estreita, num pequeno quarto cinzento.

- (632) a. *O João ficou em casa porque estava com febre, porque estava a chover.
b. O João ficou em casa porque estava com febre, porque estava a chover, e porque não podia apanhar frio.

O autor refere ainda que os adjuntos têm poucas propriedades sintáticas, o que o leva a considerar que os adjuntos têm um estatuto derivacional diferente e estão desconectados da estrutura. No entanto, como vimos acima, os adjuntos estão sujeitos a uma série de fenómenos de natureza sintáctica, tais como fenómenos de ligação e fenómenos de escopo, que dificilmente serão explicados se os adjuntos não estiverem conectados à estrutura sintáctica.

Finalmente, o autor assume que as classes aspectuais de Vendler estão hierarquizadas da seguinte forma:

(633) Accomplishment > Achievement > Activity > State

Os adjuntos modificariam uma destas dimensões aspectuais. A ideia de que há uma implicação entre tipos de eventos está presente em Hale & Keyser 1993 no que diz respeito à estrutura argumental lexical (causador > evento dinâmico > estado), o que não significa necessariamente que isso se aplique também a classes aspectuais de predicados. De facto, na literatura sobre o aspecto é assumido que qualquer classe aspectual pode sofrer transições ou recategorizações que vão num ou noutro sentido de acordo com uma série de parâmetros: tempo/aspecto gramatical; complementos; determinação nominal dos argumentos; adverbiais (cf. Moens & Steedman 1988; Campos 1998)... É essa a ideia da rede aspectual de Moens & Steedman 1988. Assim, a presença de um adjunto pode inclusivamente forçar uma mudança de classe (cf. também Ambar 1994⁶⁴):

- (634) a. O João cantou. <processo/actividade>
b. O João cantou em três meses. <processo culminado/evento prolongado>

⁶⁴ O facto de alguns adjuntos temporais poderem alterar a classe aspectual básica do predicado levou Ambar (1994: 17) a admitir que estes constituintes ocupam posições de adjunção a VP, uma vez que dessa posição têm escopo sobre o V.

- (635) a. O João chegou à faculdade. <culminação/evento instantâneo>
b. O João chegou à faculdade em meia hora. <processo culminado/evento prolongado>
- (636) a. O Zé empurrou o carrinho pelo precipício abaixo. <culminação/evento instantâneo>
b. O Zé empurrou o carrinho pela estrada fora. <processo/actividade>

Pode ainda forçar uma leitura agentiva de um predicado não agentivo, o que mostra que os adjuntos desempenham uma função na caracterização do evento e na definição da função temática do sujeito:

- (637) O Zé caiu propositadamente.

Assim, apesar de haver uma predisposição natural para predicados inacusativos e transitivos estarem associados a diferentes classes aspectuais, não me parece que se possa estabelecer uma relação tão directa entre classes sintácticas de verbos e classes aspectuais, como aquela que o autor sugere.

3.5.1.5. Restringindo a adjunção à direita

O problema principal normalmente apontado contra as análises de adjunção corresponde ao facto de estas serem pouco restritivas e permitirem a geração de estruturas agramaticais, i.e. a adjunção tem um problema de sobre-geração. Contudo, é talvez possível restringir a adjunção se vários factos forem tomados em consideração, i.e. se cruzarmos vários factores: factores prosódicos (efeitos de peso); diferenças paramétricas entre línguas quanto à ordem básica de constituintes; e princípios semânticos; o que é feito, por exemplo, em trabalhos de Ernst 2000, 2002.

Seguindo Ernst (2000, 2002), sou levada a assumir que as orações adverbiais interlinguisticamente podem ser adjuntas quer à direita, quer à esquerda dentro de VP, de acordo com a direcionalidade de selecção dos complementos pelos núcleos. Outros factores poderão eventualmente contribuir para a alteração dessa 'ordem natural de projecção', tais como o peso associado normalmente às estruturas oracionais, ou factores de natureza discursiva/pragmática.

Na realidade, Ernst 2002 assume aquilo a que ele chama a 'Hipótese da Direcção Parametrizada' ('Parameterized Direction Hypothesis') relativamente aos adjuntos (em

vez de uma 'Hipótese de Correspondência Linear', em que os adjuntos seriam universalmente gerados nas mesmas posições): os adjuntos podem ser gerados quer à esquerda quer à direita de acordo com a direcção núcleo-complemento.

Contudo, as orações adverbiais e os PPs adjuntos nem sempre ocupam a mesma posição dentro da mesma língua. Isso pode dever-se, entre outros factores, ao maior peso fonológico associado às orações adverbiais.

Concluindo, verificamos que tanto as hipóteses de adjunção à direita como as hipóteses de intraposição de VP derivam a maioria dos dados empíricos. Em qualquer uma delas haverá que motivar e restringir quer processos de geração na base, quer movimentos, e tomar em consideração factores categoriais, prosódicos e semânticos. A hipótese da adjunção, no caso específico das orações e dos PPs adjuntos, parece menos problemática, uma vez que a ordem dos adjuntos relativamente ao V parece correlacionar-se com parâmetros de ordem de complementação, e a ordem relativa de várias classes semânticas de adjuntos oracionais e preposicionais não apresenta a mesma rigidez do que a dos advérbios, como observa inclusivamente Cinque 1999.

3.5.2. Adverbiais à esquerda: adjuntos ou especificadores?

Vários autores têm defendido que os advérbios ocupam posições de especificador de categorias funcionais, com as quais estabelecem uma relação semântica e formal (verificação de traços), sendo a proposta de Cinque 1999 aquela que trata esta questão de forma mais exaustiva (para propostas semelhantes nesta linha, ver Ambar 1989; Alexiadou 1997; Cinque 1999; Gonzaga 1997; Laenzlinger 1998 e 2000; e.o.).

Cinque 1999 propõe que os advérbios são estruturalmente projectados em posições de especificador de diversas categorias funcionais situadas na periferia esquerda da frase. A motivação para esta proposta vem, por um lado, da observação de que existe uma ordem relativamente fixa entre advérbios de várias classes, e, por outro lado, da constatação de que essa ordem encontra uma correspondência na ordem relativa de afixos verbais em línguas com morfologia verbal rica.

Cinque chega assim à seguinte hierarquia de categorias funcionais na periferia esquerda da frase:

(638) hierarquia universal de projecções funcionais segundo Cinque 1999: 106

[*frankly* Mood_{speech act} [*fortunately* Mood_{evaluative} [*allegedly* Mood_{evidential}
[*probably* Mod_{epistemic} [*once* T(Past) [*then* T(Future) [*perhaps* Mood_{irrealis}
[*necessarily* Mod_{necessity} [*possibly* Mod_{possibility} [*usually* Asp_{habitual} [*again*
Asp_{repetitive(I)} [*often* Asp_{frequentative(I)} [*intentionally* Mod_{volitional} [*quickly*
Asp_{celerative(I)} [*already* T(Anterior) [*no longer* Asp_{terminative} [*still*
Asp_{continuative} [*always* Asp_{perfect(?)} [*just* Asp_{retrospective} [*soon* Asp_{proximative}
[*briefly* Asp_{durative} [*characteristically(?)* Asp_{generic/progressive} [*almost*
Asp_{prospective} [*completely* Asp_{SgCompletive(I)} [*tutto* Asp_{PICompletive} [*well* Voice
[*fast/early* Asp_{celerative(II)} [*again* Asp_{repetitive(II)} [*often* Asp_{frequentative(II)}
[*completely* Asp_{SgCompletive(II)}

Não vou discutir aqui a validade desta proposta para os advérbios, uma vez que isso está fora do alcance do meu trabalho⁶⁵. No entanto, dado o paralelismo frequentemente encontrado nas gramáticas entre advérbios e constituintes de outras categorias com um funcionamento supostamente equivalente (veja-se as designações de 'adverbial' para as orações adjuntas), poder-se-ia pensar que a análise de Cinque pudesse aplicar-se também a estes constituintes, que incluem a generalidade dos chamados PPs adjuntos e das orações ditas adverbiais. Porém, o próprio Cinque admite que estes constituintes, a que chama 'circunstanciais', e em que cabem as orações 'adverbiais', devem ser tratados de uma forma completamente diferente (cf. Cinque 1999: §1.5).

De facto, existem várias razões para distinguir advérbios de outras classes de adjuntos, geralmente designados 'adjuntos circunstanciais' (cf. Cinque 1999). Cinque refere várias propriedades que distinguem esta classe de adverbiais – os circunstanciais – dos restantes advérbios.

Em primeiro lugar, contrariamente àquilo que parece acontecer com os advérbios, os circunstanciais não estão sujeitos a uma ordenação tão rígida. Às diferentes ordens parecem corresponder antes diferentes interpretações, diferentes relações de escopo semântico (cf. Andrews 1983; Ernst 1994, 2000, 2002; Pesetsky 1995; Cinque 1999).

Como referem os autores, nos contextos de múltipla adjunção, o adjunto mais à

⁶⁵ Para uma discussão de várias propostas de representação de advérbios, veja-se por exemplo Alexiadou & Svenonius 2000.

direita tem escopo semântico (escopo de modificação) sobre o adjunto à esquerda.⁶⁶

- (639) a. O Zé dá concertos no estrangeiro ao fim-de-semana.
b. O Zé dá concertos ao fim-de-semana no estrangeiro.
- (640) a. O atleta correu sem esforço durante toda a tarde.
b. O atleta correu durante toda a tarde sem esforço.
- (641) a. O Zé esteve a estudar na esplanada durante toda a tarde.
b. O Zé esteve a estudar durante toda a tarde na esplanada.
- (642) a. O João vai às compras com a mãe à terça-feira.
b. O João vai às compras à terça-feira com a mãe.
- (643) a. O Zé fechou a janela antes de acender a luz para não entrarem mosquitos.
b. O Zé fechou a janela para não entrarem mosquitos antes de acender a luz.
- (644) a. A Ana canta o fado neste bar aos sábados.
b. A Ana canta o fado aos sábados neste bar.
- (645) a. O Zé declamou um poema na sexta-feira na aula de inglês.
b. O Zé declamou um poema na aula de inglês na sexta-feira.
- (646) a. O Rui vai à feira todas as quintas-feiras para ajudar a mãe.
b. O Rui vai à feira para ajudar a mãe todas as quintas-feiras.
- (647) a. O Rui bateu à porta duas vezes com cuidado.
b. O Rui bateu à porta com cuidado duas vezes.
- (648) a. O Rui arrumou o quarto a toda a pressa antes de sair de casa.
b. O Rui arrumou o quarto antes de sair de casa a toda a pressa.
- (649) a. O Zé toma um calmante para não se enervar antes de ir ao dentista.
b. O Zé toma um calmante antes de ir ao dentista para não se enervar.

Assim, PPs adjuntos e orações adverbiais não parecem apresentar uma ordem rígida. As diferentes ordens correspondem a leituras ligeiramente diferentes, em que o adjunto mais à direita tem escopo sobre o adjunto que o precede, o que pode servir eventualmente como argumento adicional para projectar o adjunto numa posição de adjunção à direita, se considerarmos que escopo semântico se traduz estruturalmente numa relação de comando (cf. Ernst 2000). Este é aliás um dos argumentos que pode ser

⁶⁶ Phillips (1997: n. 4, p.386), no entanto, remete para Phillips 1996, onde diz apresentar razões que podem levar a pôr em dúvida a generalização quanto ao escopo dos adjuntos. Ernst 2002 contra-argumenta a esta objecção.

dado a favor de uma análise de adjunção para os adjuntos à direita em detrimento de uma análise dos adjuntos como complementos.

Uma segunda característica dos circunstanciais que os distingue de outros advérbios referida por Cinque 1999 é o facto de os primeiros serem tipicamente realizados sob a forma de PPs (com excepção dos advérbios de modo).

Além disso, a posição de advérbios é na generalidade mais flexível do que a posição de adjuntos de outras categorias, podendo ocorrer, por exemplo, entre o verbo e o seu complemento. Esta posição está excluída para os adjuntos preposicionados e oracionais, a não ser que o complemento seja 'pesado'. Esta restrição leva a pensar que, neste caso específico, estamos perante um fenómeno 'de extraposição', e não perante a geração básica do adjunto à esquerda do complemento.

(650) (ontem) o João (ontem) terminou (ontem) o trabalho (ontem).

(651) a. (às três da tarde) o João (às três da tarde) terminou (às três da tarde) o trabalho (às três da tarde).

b. (às três da tarde) o João (às três da tarde) terminou (às três da tarde) o trabalho que eu lhe encomendei (às três da tarde).

(652) a. (antes de vir para casa) o João (antes de vir para casa) terminou (*antes de vir para casa) o trabalho (antes de vir para casa).

b. (antes de vir para casa) o João (antes de vir para casa) terminou (antes de vir para casa) o trabalho que eu lhe encomendei (antes de vir para casa).

Muitos circunstanciais não podem geralmente surgir em posições pré-VP, exceptuando a posição inicial absoluta de "advérbios de *setting*", uma posição de natureza tópica (cf. Cinque 1999):

(653) a. Durante o exame, ninguém ousou falar.

b. Ninguém (*durante o exame) ousou falar.

c. Ninguém ousou falar durante o exame.

Finalmente, como referido por Nilsen 2000, os circunstanciais parecem diferir semanticamente dos restantes advérbios. Enquanto estes últimos são caracteristicamente

operadores (funções que mapeiam proposições em proposições, ou predicados em predicados), os circunstanciais podem ser encarados, seguindo Davidson 1967, como modificadores que predicam sobre uma variável de evento.

Cinque conclui assim: "In this view, the "free" order of circumstantial phrases would correlate with the fact that they are not generated in specifier positions of functional projections" (Cinque 1999: 29).

Excluída a hipótese de projectar os adjuntos pós-verbais em posições de especificador na periferia esquerda da frase, resta ainda a hipótese de os projectar como especificadores de uma categoria de natureza discursiva (Tópico) quando se encontram à esquerda.

Mais acima, mostrou-se através do teste de pergunta/resposta que as orações adverbiais não periféricas em posição pré-verbal têm um estatuto informacional diferente - comportam-se essencialmente como constituintes que estabelecem um enquadramento (*background*). Em estudos recentes, foi proposto que este género de elementos, por vezes designados de adverbiais 'moldura' (*frame adverbials*) ou advérbios de enquadramento (*adverbs of setting*), ocupam uma posição específica, uma posição equiparável à de um tópico, na periferia esquerda da frase (cf. Rizzi 1997, Cinque 1999).

A hipótese dos adjuntos como especificadores prediz que haja uma posição fixa para este tipo de elementos. Para além disso, uma vez que são permitidos múltiplos constituintes antepostos, a hipótese dos adjuntos como especificadores terá de assumir que a categoria em que estes constituintes estão inseridos pode ser recursiva:

(654) Quando o Zé chega a casa, antes de cumprimentar quem quer que seja, vai lavar as mãos.

(655) Para que tudo corra bem, quando o Zé chegar, se a namorada também vier, ninguém pode fazer comentários.

A hipótese da adjunção, pelo contrário, pode dar conta de uma forma natural da possibilidade de haver múltiplos constituintes antepostos, e do facto de a posição destes elementos na periferia esquerda não se restringir a uma única posição. De forma a dar conta destes factos, Rizzi 1997 é levado a postular que existem várias posições TopP na oração e que esta categoria pode ser recursiva. Rizzi justifica a sua decisão com base na

constatação de que existem efeitos de localidade que são melhor compreendidos se estiver envolvida uma projecção X-barra. As objecções principais de Rizzi à análise de adjunção são as seguintes:

i) a hipótese da adjunção aparentemente não é derivada pela necessidade de verificação de traços (o que vai contra uma das ideias fundamentais de Chomsky 1993);

ii) segundo Rizzi, a hipótese da adjunção não explica por que razão algumas posições, mas não outras, estão disponíveis para a adjunção, nomeadamente as posições entre o modal e o VP, e entre o verbo matriz e o seu complemento frásico;

iii) a hipótese da adjunção não dá conta de efeitos de adjacência discutidos na literatura;

iv) a hipótese da adjunção não explica assimetrias sujeito/objecto quanto à extracção com construções de deslocação à esquerda clítica em francês.

Contudo, existem diferenças claras entre estes constituintes que se assemelham a tópicos e constituintes antepostos com uma interpretação de foco contrastivo, o que não é facilmente explicado na hipótese de que tanto Foco como Tópico são categorias funcionais que projectam.

As objecções formuladas por Rizzi podem ser contornadas se assumirmos que:

i) TP, a categoria que define um domínio proposicional, actua como fronteira no mapeamento de tópicos e de constituintes pressupostos (cf. Duarte 1996);

ii) o movimento pode ser motivado por razões interpretativas/discursivas e não é necessariamente o resultado de um mecanismo de verificação de traços (cf. Duarte 1996; e.o.), contra Chomsky 1993;

iii) a restrição à ocorrência de constituintes de natureza tópica entre X^0 e o seu complemento pode ser explicada através de mecanismos de verificação de Caso ou de selecção de argumentos, como o próprio Rizzi refere.

O problema específico de efeitos de adjacência e anti-adjacência com constituintes topicalizados é um problema complexo, que não poderei discutir aqui.

Contudo, mesmo que a análise dos tópicos como especificadores de uma categoria funcional se mantenha, é possível que, para os adverbiais antepostos, a adjunção esteja disponível, como o próprio Rizzi refere (cf. Rizzi 1997). Na realidade, como veremos, constituintes argumentais e não argumentais comportam-se de forma diferente relativamente a diversos fenómenos.

Se assumirmos uma estrutura hierárquica para a frase que tenha pelo menos as seguintes categorias funcionais:

(656) [CP ([XP) [AgrSP ([NegP) [TP [vP [VP...

verificamos que existe evidência em português a favor da adjunção das orações adverbiais à esquerda a CP, a AgrSP, e a TP. Mantenho aqui a categoria AgrS, uma vez que em português existe morfologia de concordância visível e há evidência das construções com sujeito nulo, das infinitivas flexionadas do português padrão e das gerundivas flexionadas do português dialectal de que a categoria AgrS existe e desempenha uma função na gramática.

A possibilidade de a adverbial ocorrer à esquerda de um constituinte-Qu, que na maioria das análises ocupa a posição de especificador de CP, confirma a possibilidade de a adverbial estar adjunta a CP:

(657) Quando o Zé chegou, quem lhe abriu a porta?

(658) Se estiver a chover, como é que secamos a roupa?

A possibilidade de, em orações encaixadas, a oração adverbial ocorrer entre um complementador, que na generalidade das análises está situado em C, e o sujeito gramatical, situado em especificador de AgrS, confirma a possibilidade de a adverbial se encontrar adjunta a AgrSP:

(659) O professor avisou que, quando o exame começasse, não poderia haver barulho nenhum.

Costa 1998, contudo, argumenta contra a possibilidade de haver adjunção a categorias de concordância (Agr). Se a análise de Costa estiver certa, uma possível solução para este problema estará em considerar a posição pós-complementador como uma instância de adjunção a uma segunda projecção CP com um complementador nulo. Na realidade, em registos falados e informais do português pode haver complementadores recursivos quando um elemento tópico ocorre na periferia esquerda. O segundo complementador terá sempre uma forma morfológica idêntica à do primeiro, quer se trate de *que* nas orações declarativas encaixadas, quer se trate de *se* nas orações interrogativas encaixadas:

(660) Eu acho que ontem que ninguém te telefonou.

(661) Não sei se amanhã se as lojas estão abertas.

As orações adverbiais à esquerda, tal como outros constituintes que ocorrem na periferia esquerda, podem ocorrer entre os dois complementadores:

(662) O Zé disse que, se tivesse mais dinheiro, que compraria esta casa.

(663) O Zé acha que, quando a água está fria, que o banho sabe melhor.

A última posição disponível para as orações adverbiais pré-verbais é uma posição de adjunção a TP. Note-se que esta possibilidade não é explicada em Rizzi 1997, uma vez que se assume que o sistema Tópico-Foco se encontra acima do domínio flexional (IP). Se assumirmos, como em Costa 1998, que em português o V só sofre movimento curto, i.e. V só sobe até T, então pode mostrar-se que as adverbiais podem estar adjuntas a TP, uma vez que podem ocorrer depois de um sujeito não topicalizável. Trata-se de facto de um caso de adjunção a TP e não de um caso em que o sujeito foi topicalizado. Veja-se que, como é referido em Duarte 1987, 1996, 1997, e.o., algumas expressões indefinidas não podem ser topicalizadas em português⁶⁷:

(664) *Ninguém, o João encontrou.

(665) *Nada, o Zé encontrou.

Crucialmente, as orações adverbiais podem ocorrer à direita de sujeitos indefinidos, que presumivelmente estarão na posição de especificador de AgrS. Note-se, contudo, que a adjunção a TP é mais marginal com algumas adverbiais:

(666) Ninguém, quando o Zé tocou à campainha, abriu a porta.

(667) Ninguém, se ele tivesse de sair, seria capaz de o substituir.

(668) ?Ninguém, por ser ainda muito cedo, vinha abrir a porta.

(669) ?Ninguém, para desinfectar uma ferida, usa ainda mercuriocromo.

As orações adverbiais, porém, contrariamente aos advérbios, não podem ser adjuntas à esquerda de VP. Nas frases seguintes, o verbo matriz elevou-se para I e o advérbio está presumivelmente adjunto à esquerda de VP:

⁶⁷ Agradeço a M. Ambar (c. p.) ter-me sugerido este argumento.

(670) O Zé foi ontem a minha casa.

(671) *O Zé foi quando saiu da faculdade a minha casa.

Esta é uma das diferenças entre diferentes categorias de adjuntos que pode levar-nos a pensar que as especificações categoriais desempenham um papel na gramática. De facto, a gramática generativa, tal como mencionado em Kortmann 1996, nunca forneceu uma explicação adequada no que diz respeito à diferença categorial entre advérbios, preposições e conjunções. O sistema de traços [+/- N] / [+/- V] de Chomsky 1970 é insuficiente para dar conta destas categorias. Com um melhor conhecimento da natureza específica das diferentes classes de palavras invariáveis, poder-se-á chegar a uma explicação quanto ao diferente comportamento sintáctico das diferentes categorias de adjuntos.

Quanto às adverbiais periféricas à esquerda, verificamos que a adjunção múltipla também é permitida, e que não há grandes restrições de ordem entre adverbiais:

(672) a. Uma vez que todos estão de acordo, embora seja já muito tarde, vamos continuar a reunião.

b. Embora seja já muito tarde, como todos estão de acordo, vamos continuar a reunião.

(673) a. Quando o Zé chegou, embora a reunião estivesse a correr bem, tudo se complicou.

b. Embora a reunião estivesse a correr bem, quando o Zé chegou, tudo se complicou.

No entanto, com estas orações, a posição mais natural será a adjunção a CP (e eventualmente a AgrSP). A adjunção a TP dá resultados um pouco mais marginais:

(674) Uma vez que o pai não se consegue levantar sozinho, quem fica a dormir com ele?

(675) O Zé acha que, uma vez que o pai não se consegue levantar sozinho, alguém tem de ficar a dormir com ele.

(676) O Zé perguntou se, desde que fosse reduzida a actual carga horária, eu não me importava de dar uma cadeira nova.

(677) ?Ninguém, embora já fosse bastante tarde, se tinha levantado ainda.

(678) ?Nada, uma vez que tudo estava no sítio, tinha sido roubado.

(679) ?Ninguém, uma vez que há greve, conseguirá chegar a horas.

(680) ?Ninguém, desde que esteja no seu perfeito juízo, fará uma coisa dessas.

3.5.3. Adverbiais não periféricas à esquerda: movimento ou geração na base? Contraste com constituintes argumentais antepostos e com adjuntos não oracionais antepostos

A posição pré-verbal das orações adverbiais não periféricas, à partida, pode resultar de:

- geração básica da oração numa posição alta (hipótese de geração na base)
- movimento para a esquerda da oração gerada numa posição interna a VP (hipótese de movimento).

Que tipo de evidência existe a favor de cada uma destas hipóteses?

1. Um primeiro argumento a favor da hipótese de geração na base vem de fenómenos tratados classicamente sob a teoria da ligação. As **dependências referenciais** entre o sujeito da matriz e da subordinada parecem favorecer esta hipótese. Na realidade, um sujeito referencial (DP pleno) de uma oração subordinada adverbial pode ser co-referente com o sujeito pronominal da matriz, desde que a oração subordinada esteja anteposta:

(681) a. *[-]_i abriu a janela quando o Zé_i entrou.

b. Quando o Zé_i entrou, [-]_i abriu a janela.

(682) a. *[-]_i ainda não parou de chorar desde que o Zé_i chegou a casa.

b. Desde que o Zé_i chegou a casa, [-]_i ainda não parou de chorar.

(683) a. *[-]_i saiu mais cedo porque o Zé_i estava doente.

b. Porque o Zé_i estava doente, [-]_i saiu mais cedo.

Assumindo que o princípio C da teoria da ligação impede uma expressão referencial de ser c-comandada por um elemento co-referente, estes contrastes são explicados se considerarmos que a oração adverbial à esquerda foi gerada na base à esquerda nas frases b. acima. Caso contrário, é necessário assumir que a reconstrução não opera no caso particular dos constituintes não argumentais. Repare-se que uma

oração completiva anteposta tem de ser reconstruída. Por conseguinte, existem assimetrias complemento/adjunto a este respeito.

(684) a. * Ele_i acha mesmo que o $Zé_i$ está doente.

b. *Que o $Zé_i$ está doente, ele_i acha mesmo.

Se existisse movimento na anteposição quer de argumentos, quer de não argumentos, então teríamos de conceder um estatuto excepcional às orações adverbiais quanto a um fenómeno que não deveria ter excepções, uma vez que envolve a componente lógica da gramática (LF), que presumivelmente se caracteriza por dar conta de propriedades universais.

A análise de geração na base para constituintes não argumentais antepostos não é nova. Cinque (1990: 90 ss.) sugere uma análise semelhante para os PPs adjuntos iniciais.

"Before we discuss this restriction, a brief digression is in order concerning the fundamental syntactic distribution of temporal, locative, and reason adverbials. Characteristically, these adverbials occupy either an IP-initial or an IP-final position. Often, depending on which of the two positions the adverbial occupies, the sentence differs in meaning (that is, in the scope properties of the adverbial), even though this may not always be easy to express with precision. [...]

There are reasons to favor the base-generation over the movement analysis. The first has to do with the inability of the adverbial in IP-initial position to preserve the scope that the adverbial has in IP-final (VP-adjoined) position: a property that is entirely unprecedented for ordinary *Wh*-Movement constructions.

[...]

A second reason to favor a base-generation over a movement analysis of the IP-initial/IP-final adverbial pairs is provided by the observation that, at least in some cases, base generation is the only option. If so, unless a movement analysis is needed to account for other things (which it is not), it becomes redundant.

[...]

On the basis of this evidence I conclude that no actual grounds exist for the classical analysis of Adverb Preposing. On the contrary, reasons exist for base-generating the adverbials directly in IP-initial position (possibly, Top) and in (at least) two distinct IP-final positions, one under VP and one outside VP, with the ensuing

differences concerning their semantic scope."

Cinque (1990: 90-3, sublinhado meu)

2. O segundo tipo de evidência que pode ajudar a decidir entre a hipótese da geração na base e a hipótese de movimento (e conseqüente reconstrução) vem da impossibilidade de interpretar a oração como estando sob o escopo da negação matriz, i.e. da **ausência de reconstrução com negação**. As orações adverbiais em posição inicial não reconstróem sob a negação.

(685) a. O Zé não faltou à aula porque tinha exame. (Faltou por outra razão)

b. Porque tinha exame, o Zé não faltou à aula (*Faltou por outra razão)

(686) a. O Zé não tirou os sapatos quando chegou a casa. (Tirou mais tarde)

b. Quando chegou a casa, o Zé não tirou os sapatos. (*Tirou mais tarde)

Contudo, outros constituintes antepostos, que se comportam como tópicos contrastivos, podem reconstruir sob a negação (cf. Duarte 1996).

(687) À Ana, o Zé não ofereceu flores. (Ofereceu flores à Clara)

(688) Com esses meninos, o Zé não brinca. (Só brinca com os primos)

No caso dos PPs adjuntos, a reconstrução, e portanto a leitura contrastiva, é possível com um contorno entoacional particular. Assim, a frase (689) é ambígua entre uma leitura contrastiva e não contrastiva:

(689) Por essa razão, o Zé não faltou à aula.

a. o Zé faltou à aula, mas não por essa razão

b. o Zé não faltou à aula e isso aconteceu por uma determinada razão

O facto de as orações adverbiais pré-verbais não reconstruírem quando está presente a negação parece apoiar a hipótese de geração na base para as adverbiais pré-verbais, em detrimento da hipótese de movimento. Como observámos, os argumentos antepostos comportam-se de forma diferente. Este diferente comportamento é facilmente explicado, uma vez que os argumentos (mas não os adjuntos) têm de satisfazer requisitos temáticos e casuais, e, por conseguinte, têm de ser gerados numa posição interna a VP ou têm de estar coindexados com uma posição interna a VP. A geração básica de orações adjuntas em posição inicial obedeceria assim a um princípio de economia, segundo o qual as estruturas que envolvem movimento são mais

complexas, envolvem mais custos, do que as estruturas em que há apenas junção simples de constituintes - 'Merge over Move' (cf. Chomsky 1993; 2001a). Evitar-se-ia assim a estipulação de um movimento semanticamente vácuo, cujos efeitos não são visíveis.

O estatuto ambíguo dos PPs adjuntos será plausivelmente uma consequência do facto de estes se aproximarem mais dos argumentos do que as orações adjuntas. Por enquanto, não disponho de nenhuma explicação adequada para estes contrastes.

3. Um terceiro argumento a favor da geração básica das orações adverbiais pré-verbais vem da **impossibilidade de estabelecer dependências a longa distância**:

(690) a. O Zé disse que o Pedro desmaiou quando chegou a casa. (ambígua)

b. Quando chegou a casa, o Zé disse que o Pedro desmaiou. (não ambígua)

(691) a. O Zé disse que o Pedro era antipático por ser muito tímido. (ambígua)

b. Por ser muito tímido, o Zé disse que o Pedro era antipático. (não ambígua)

(692) a. O Zé vai dizer que o exame vai ser fácil se os alunos tiverem estudado. (ambígua)

b. Se os alunos tiverem estudado, o Zé vai dizer que o exame vai ser fácil. (não ambígua)

(693) a. O Zé disse que o director tinha escrito uma carta a explicar a situação para que todos ficassem mais descansados. (ambígua)

b. Para que todos ficassem mais descansados, o Zé disse que o director tinha escrito uma carta a explicar a situação. (não ambígua)

Repare-se que uma análise que tratasse as orações adverbiais em posição inicial como uma instância de topicalização típica do português ou como um caso de deslocamento à esquerda clítica com pronome resumptivo nulo não explica por que razão as orações adverbiais em posição inicial, contrariamente aos tópicos argumentais, resistem à reconstrução e às leituras de dependência longa:

(694) Com esses meninos, o Zé disse que o Pedro não brincava.

(695) À Ana, o Zé disse que o Pedro gostava de oferecer flores.

(696) Nesta prateleira, o Zé disse que não tinha arrumado o livro.

Contudo, parece haver contextos em que a leitura a longa distância está

disponível. A dependência a longa distância está bloqueada com verbos declarativos, mas é permitida com verbos epistémicos:

(697) Quando chegar a casa, o Zé acha que o Pedro vai almoçar.

(698) *Quando chegar a casa, o Zé disse que o Pedro vai almoçar.

A influência do tipo de verbo matriz, bem como outros factores (e.g. o tempo morfológico), na disponibilidade das leituras encaixadas é um facto que mereceria uma investigação mais aprofundada.

4. Finalmente, alguns autores têm referido alguns fenómenos que podem funcionar como **contra-argumentos** à hipótese de geração na base.

Bianchi 1997 refere alguns dados que podem apoiar uma análise de movimento, em vez de uma análise de geração básica. Na realidade, Bianchi observa que existe evidência contraditória quanto à posição estrutural ocupada pelas orações adverbiais pré-verbais. Este aparente conflito é originado mais uma vez por dados vindos de questões de ligação. Em italiano, segundo Bianchi, a reconstrução local e a reconstrução a longa distância são pelo menos marginalmente possíveis no que diz respeito à ligação de pronominais pelo sujeito ou pelo objecto directo matriz:

(699) Dopo che lo_i abbiamo dimesso, ogni paziente_i è tornato a casa.

(700) ?Dopo che lo_i avremmo operato, sono certo che nessun paziente_i avrà bisogno di una terapia riabilitativa.

Em português, contudo, em frases correspondentes, a reconstrução parece dar origem a juízos francamente piores do que aqueles que Bianchi refere para o italiano:

(701) a. Cada aluno_i voltou para casa depois de o_i mandarmos embora.

b. ?*Depois de o_i mandarmos embora, cada aluno_i voltou para casa.

(702) a. O Zé não pôe nenhum livro no sítio depois de o consultar.

b. ?*Depois de o consultar, o Zé não pôe nenhum livro no sítio.

(703) a. É obrigatório voltar a pôr cada livro no sítio depois de o consultar.

b. ?*Depois de o consultar, é obrigatório voltar a pôr cada livro no sítio.

(704) a. Nenhum doente estava a ser medicado antes de eu o visitar.

b. ?*Antes de eu o visitar, nenhum doente estava a ser medicado.

Isto contrasta claramente com o que acontece com frases completivas antepostas,

em que a reconstrução é perfeitamente possível:

(705) a. Nenhum doente_i queria admitir que aquele médico o_i tinha enganado.

b. Que aquele médico o_i tinha enganado, nenhum doente_i queria admitir.

(706) a. O médico terá de explicar a cada doente_i que aquele charlatão o_i enganou.

b. ?Que aquele charlatão o_i enganou, o médico terá de explicar a cada doente_i.

Bianchi 1997 refere alguns casos com orações adverbiais antepostas em que, aparentemente, existiria evidência contraditória quanto à existência ou não de reconstrução:

(707) ?Non appena Gianni_i lo_k ha visitato, pro_i ha consigliato ad ogni_i paziente_k una nuova terapia.

As frases portuguesas correspondentes, no entanto, parecem ser bastante marginais:

(708) ?*Logo que o médico_i o_k visitou, [-]_i aconselhou a cada doente_k uma nova terapia.

(709) ?*Depois de o João_i lhe_k falar, estou certo que [-]_i dirá a cada aluno_k para se matricular neste curso.

(710) ?*Depois de o João_i o_k ter interrogado, [-]_i disse a cada aluno_k para estudar mais.

(711) ?*Porque o Zé_i lhe_k telefonou, [-]_i convenceu cada aluno_k a vir à reunião.

(712) ?*Para o Zé_i o_k motivar, [-]_i disse a cada aluno_k que tinha feito muitos progressos.

Assim, ainda que eu não disponha de uma explicação que dê conta dos contrastes entre o italiano e o português, vou considerar que estas frases não são um contra-argumento à análise de que as orações adverbiais à esquerda são geradas na base nessa posição.⁶⁸

Concluindo, a análise de geração básica à esquerda parece ser preferível tanto por

⁶⁸ Chierchia 1995 refere alguns dados que sugerem que a hipótese da geração na base 'com reconstrução', e a hipótese da geração na base 'sem reconstrução' estão ambas disponíveis. Deixo para outra ocasião uma discussão desta proposta. Agradeço a Francesca DelGobbo ter-me indicado esta referência.

razões teóricas como empíricas:

- i) Merge over Move (cf. Chomsky 1993; 2001a);
- ii) ausência de efeitos de reconstrução;
- iii) possibilidade de evitar a postulação de um movimento semanticamente vazio;
- iv) possibilidade de evitar a assunção de um estatuto excepcional para os adjuntos

no que diz respeito a reconstrução;

v) as orações adjuntas podem ser basicamente geradas à esquerda, uma vez que não têm de satisfazer requisitos temáticos, nem têm de ser legitimadas quanto a Caso⁶⁹.⁷⁰

3.5.4. O estatuto dos adjuntos no Programa Minimalista

O estatuto dos adjuntos no Programa Minimalista não é muito claro. Uma vez que se assume que as estruturas são formadas derivacionalmente de baixo para cima, à medida que vão sendo satisfeitos requisitos temáticos ou de selecção categorial, não é claro o lugar que os adjuntos ocupam neste sistema, que pretende ser o mais simples e despojado possível (cf. Chomsky 1995). Assim, como é dito em Chomsky 2001b, a adjunção dá origem a uma estrutura com propriedades estranhas, uma vez que:

- não corresponde a uma projecção de um núcleo;
- é uma estrutura assimétrica: se α é adjunto a β , a construção comporta-se como se α não estivesse lá, pondo de parte a interpretação semântica;
- tem diferentes propriedades de ilha;
- a categoria de base β preserva todas as suas propriedades;
- o adjunto não é seleccionado pela categoria à qual se adjunge; por isso, a determinação da etiqueta da unidade tem de basear-se na assimetria;
- o adjunto não tem papel temático no complexo $\langle \alpha, \beta \rangle$.

⁶⁹ R. Hinterhölzl (c.p.) sugeriu que a ausência de reconstrução nestas estruturas pudesse ser derivada assumindo que o movimento para a esquerda é um movimento-A de tipo discursivo. Diana Pili & Roland Hinterhölzl 2002 derivam a ausência aparente de reconstrução através da postulação do carácter-A da posição para a qual os elementos 'deslocados à esquerda' se movem. Esse movimento seria um caso de 'scrambling'. Parece-me, no entanto, que esta proposta, para além de ter de alargar as posições-A a posições tipicamente não argumentais, não dá conta das assimetrias verificadas entre argumentos e adjuntos.

⁷⁰ Jang 2000, na sequência de Brody 1995, propõe uma hipótese alternativa: as estruturas são compostas derivacionalmente (Chomsky 1995) e de forma cíclica, LF é o único nível a que processos interpretativos se aplicam, a reconstrução estará limitada ao mínimo indispensável. Admite assim que, num modelo minimalista, os adjuntos, ao contrário dos argumentos, não estão sujeitos a reconstrução, uma vez que não são seleccionados, a não ser que a reconstrução seja necessária para satisfazer relações operador-variável.

Chomsky 2001b discute assim o estatuto da adjunção e coloca duas questões fundamentais:

- i) Por que existe a adjunção?
- ii) Como é que funciona?

A resposta à primeira questão, segundo Chomsky 2001b, pode passar pela componente semântica e conceptual da gramática. A adjunção corresponderá a uma operação de composição de predicado ('predicate composition'), com vista a diversificar as possibilidades expressivas da linguagem, que é dada através de um tipo particular de composição de unidades: compor-par (*pair-merge*)⁷¹.

A resposta à segunda questão é mais complexa. A adjunção será possivelmente uma operação 'tardia' na derivação, em que o adjunto α é ligado a β num plano separado, distinto do plano primário, o da estrutura simples. β comporta-se sempre como se estivesse numa estrutura simples formada por compor-conjunto (*set-merge*). Depois, β é substituído por $\langle \alpha, \beta \rangle$, sendo o papel semântico do complexo determinado composicionalmente na componente semântica. Isto permitiria explicar factos como os que foram tratados por Lebeaux 1988 e referidos por Williams, entre outros, em que a adjunção parece operar de forma contra-cíclica, tendo lugar tardiamente na derivação, e não estando sujeita a reconstrução (cf. Chomsky 2001b: 15):

(713) [_{wh} Which [[picture [of Bill_i]] [that John_i liked]]] did he_{i/*j} buy t_{wh}]?

(714) [Que retrato do Zé_j que o João_i tirou] é que ele_{i/*j} rasgou -?

Assim, em (713) só o DP *John* pode ser interpretado como co-referente com o sujeito pronominal da matriz. A co-referência entre *Bill* e *he* está excluída, o que é aparentemente um efeito do princípio C da teoria da ligação. Existe assim uma assimetria complementos-adjuntos no que diz respeito à reconstrução.

Veja-se que, de acordo com Chomsky 2001b, não faz sentido dizer que um adjunto sujeito a composição interna (i.e. deslocado) não está sujeito a reconstrução,

⁷¹ Distingue-se assim, do processo mais frequente de composição de unidades: compor-conjunto (*set-merge*).

uma vez que o processo de formação de cópias que está na origem da chamada 'reconstrução' (ou interpretação na posição de base) faz parte do próprio mecanismo computacional da derivação (cf. Chomsky 2001b: 8).

Segundo Chomsky 2001b, o adjunto é sujeito à operação Transferir (que inclui 'soletrar' - *spell-out*) no mesmo sítio linearmente em que está a categoria à qual se adjunge. O adjunto é soletrado e ordenado linearmente quando a fase é enviada para a componente fonológica. Uma operação *Simplificar* converte a unidade formada por *compor-par* (*pair-merge*) numa unidade simples apenas quando esta é enviada para a componente fonológica. No entanto, as propriedades do elemento de base, i.e. o elemento que recebe o adjunto, mantêm-se basicamente inalteradas. Assim, um adjunto 'baixo', depois de 'soletrar' - *spell-out* - ficará sujeito à interpretação nessa posição, contrariamente a um adjunto 'alto'. O adjunto é integrado na estrutura no momento em que a categoria a que se adjungiu é enviada para a componente fonológica. Assim, em princípio, adjunto e adjungido serão sempre soletrados no mesmo momento da derivação, i.e. dentro da mesma fase.

Há, no entanto, algumas questões que Chomsky não considera:

- A que corresponde exactamente a operação 'predicate-composition'?
- Por que tem lugar num sítio ou noutro?
- Diferentes posições corresponderão a diferentes interpretações?

É evidente que existem restrições de vária ordem entre oração matriz e oração subordinada adverbial. Algumas delas foram referidas em 3.2. Assim, por exemplo, relativamente às temporais existem restrições de natureza temporal e aspectual entre matriz e subordinada. Relativamente às finais, é necessário que exista um argumento na matriz dotado de intencionalidade ou, pelo menos, que o evento da matriz seja entendido como tendo um carácter intencional.

Assim, entre o constituinte adjunto e a oração matriz estabelecem-se relações semânticas claras. É como se o adjunto tivesse de alguma forma de ser legitimado semanticamente. A sintaxe exige apenas que exista uma configuração adequada.

Veja-se que o modo das subordinadas adverbiais finitas (indicativo vs. conjuntivo) é consequência não de uma relação de selecção pela oração matriz, o que plausivelmente acontece em alguns contextos de complementação, mas de aspectos

semânticos inerentes à subordinada e aos conectores que as introduzem. Parece-me assim que a escolha do modo em subordinadas adverbiais não pode ser atribuída a uma relação particular sintáctica estabelecida com a matriz. Veja-se aliás que há diferenças entre línguas quanto ao modo exigido em vários tipos de adverbiais:

(715) a. Se eu fosse mais alto, poderia jogar basquete.

b. *Se eu era mais alto,...

(716) a. Si j'étais plus haut, je pourrais jouer au basket.

b. *Si je fus plus haut,...

Relativamente ao tempo, existem de facto concordâncias/restrições temporais mais ou menos fortes entre subordinada e matriz. Trata-se do fenómeno conhecido como 'concordância de tempos' ou 'consecutio temporum'.

Saber se este fenómeno resulta de mecanismos sintácticos de 'matching' de traços ou de mecanismos semânticos mais gerais é uma questão em aberto, que não irei aqui tratar.

No entanto, o facto de a interpretação de orações não introduzidas por conectores (e.g. as gerundivas) ser consequência de múltiplos factores - entre os quais a classe aspectual do predicado da subordinada, a presença ou não de Negação, a presença ou não de um Aux, inferências pragmáticas - mostra que os mecanismos que relacionam semanticamente subordinada e matriz são bastante mais complexos do que pode inicialmente parecer.

3.6. Conclusões

Neste capítulo, tratei alguns aspectos da sintaxe das orações subordinadas do português introduzidas por conectores, i.e. orações finitas e infinitivas.

Na sequência daquilo que está descrito na literatura, mostrei que em português existem duas grandes classes sintáticas de adverbiais, com diferentes comportamentos relativamente a fenómenos como a clivagem, o escopo da negação, a posição não marcada, o escopo de operadores de foco, a possibilidade de ocorrer em respostas a interrogativas-Qu, a possibilidade de ocorrer em interrogativas e negativas alternativas. Foram identificadas assim a classe das adverbiais periféricas e a das adverbiais não periféricas. Dentro das adverbiais periféricas, é possível identificar uma subclasse de estruturas mais destacadas, as adverbiais de enunciação.

Estruturalmente, foi defendido que a análise clássica de acordo com a qual as orações adverbiais ocupam posições de adjunção (quer à esquerda, quer à direita) é empiricamente menos problemática do que outras hipóteses alternativas. Sigo assim a análise de Chomsky 2001b para os adjuntos. As adverbiais não periféricas ocuparão assim posições de adjunção 'baixas' a VP (ou eventualmente a vP); as adverbiais periféricas ocuparão posições de adjunção 'altas' a TP ou a CP.

Foi proposto que a distribuição sintáctica das adverbiais é uma consequência de traços lexicais dos seus conectores, que estarão ou não marcados no léxico quanto a um traço [pressuposicional]. As adverbiais introduzidas por conectores especificados quanto a este traço são projectadas em posições periféricas; as adverbiais introduzidas por conectores não marcados serão projectadas em diferentes posições de acordo com o seu estatuto informacional. A categoria TP parece assim funcionar como uma fronteira para o mapeamento de constituintes com diferentes traços discursivos.

Referiu-se ainda uma possível correlação entre o grau de gramaticalização dos conectores e o seu estatuto lexical quanto ao traço pressuposicional. Os conectores com maior transparência morfo-sintáctica introduzem geralmente adverbiais não periféricas; os conectores mais opacos, mais gramaticalizados, introduzem geralmente adverbiais periféricas.

Quanto à questão que consiste em saber se as adverbiais não periféricas à esquerda são deslocadas do VP ou directamente geradas na sua posição final, foi argumentado que plausivelmente a análise de geração básica é mais adequada, embora tenham ficado alguns problemas por resolver.

4. As orações adverbiais sem conectores: orações gerundivas e participiais¹

Nas secções precedentes, considerámos apenas orações adverbiais finitas e infinitivas, que nas línguas românicas são sempre introduzidas por um conector. Consideremos agora as orações gerundivas e participiais.

Em 3., foi proposto que o estatuto sintáctico-discursivo de pelo menos algumas das orações adverbiais finitas e infinitivas resulta de propriedades lexicais associadas aos seus conectores. Os conectores positivamente especificados quanto a um traço [pressuposicional] ou [conforme às expectativas] terão um estatuto diferente dos conectores que estão subespecificados ou não especificados quanto a esse mesmo traço.

Esta proposta sugere naturalmente a seguinte questão: o que se passa então com as orações adjuntas que não são introduzidas por conectores? Como é definido o seu estatuto sintáctico e discursivo?

Ou, por outras palavras, se o estatuto informacional das orações adjuntas finitas e infinitivas é parcialmente determinado por traços discursivos dos seus conectores, como se pode dar conta das orações gerundivas e participiais das línguas românicas, que habitualmente não têm conectores?

Para além desta questão, as orações gerundivas e participiais levantam ainda questões como as seguintes:

- i) Por que razão não são as orações gerundivas e participiais introduzidas por conectores (independentemente do seu estatuto sintáctico e discursivo)?
- ii) Como é feita a sua interpretação?
- iii) Como explicar a sua distribuição sintáctica na ausência de conectores?
- iv) Serão as orações gerundivas e participiais orações plenas (i.e. orações com uma estrutura funcional completa) ou orações defectivas (i.e. orações que não projectam todas as categorias funcionais)? E de que categoria são projecções?

¹ Partes deste capítulo foram objecto de uma comunicação apresentada no XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (cf. Lobo 2002b). Agradeço a Fátima Oliveira as observações que me permitiram reformular parte do ponto 4.1. e a Luis F. Cunha o facto de me ter prontamente facultado a sua dissertação de mestrado. A descrição das gerundivas feita nos pontos 4.1. e 4.3. inspirou-se muito em Lonzi 1988 e 1991 e Fernández Lagunilla 1999.

- v) Como explicar as suas propriedades internas, em particular a legitimação de sujeitos plenos, a identificação e legitimação de sujeitos nulos, a ordem de palavras?

Antes de procurar responder a estas perguntas, tentarei delimitar as estruturas gerundivas e participiais que considero terem um comportamento de subordinadas adverbiais, distinguindo-as de outras construções gerundivas e participiais com características particulares.

4.1. Definição das estruturas a considerar: exclusão de gerundivas e participiais de tipo predicativo

4.1.1. Caracterização morfológica e aspectual do particípio e do gerúndio

O gerúndio e o o particípio são formas verbais tradicionalmente classificadas como não finitas². Em ambos os casos, trata-se de formas verbais que na variedade padrão do português não manifestam concordância de pessoa. O particípio manifesta concordância em género e número com o DP argumento interno. Temos assim, em ambos os casos, um tema verbal ao qual se junta a desinência *-ndo*, no caso do gerúndio, ou a desinência *-do*, no caso do particípio (ou *-da*, *-dos*, *-das*, nas formas flexionadas).

Ao particípio passado está associado um valor aspectual que se pode caracterizar como definindo o estado resultante de um evento culminado (cf. Ambar 1988). Por conseguinte, predicados que não possam ser interpretados como tendo uma culminação (estados e processos) não ocorrem geralmente nesta construção (cf. Santos 1999). Note-se que os verbos intransitivos (inergativos) e os verbos copulativos, que não podem ocorrer nesta construção (cf. Eliseu 1984; Ambar 1988; Santos 1999; e.o.), estão normalmente associados a classes aspectuais (*Aktionsart*) não delimitadas - estados e processos. Estas restrições não se verificam da mesma forma em gerundivas e infinitivas:

- (1) Concluído o trabalho, os operários foram embora.
- (2) a. *Dormido, o João sentir-se-á melhor.
b. Dormindo, o João sentir-se-á melhor.
c. Depois de dormir, o João sentir-se-á melhor.
- (3) a. *Estado doente, o João não tinha apetite.
b. Estando doente, ...
c. Por estar doente, ...

² A natureza categorial verbal destas formas é comprovada pela manutenção das propriedades de selecção:

- i) (Os romanos) destruíram a cidade.
- ii) Destruindo (os romanos) a cidade, ...
- iii) Destruída a cidade (pelos romanos), ...

Dado o seu valor aspectual intrínseco, as participiais, ao contrário das infinitivas e das gerundivas, são incompatíveis com adverbiais de duração. Veja-se os seguintes contrastes:

- (4) a. Lido o livro, a Ana foi brincar.
b. *Lido o livro durante toda a tarde, a Ana foi brincar.
- (5) a. Tendo lido o livro, a Ana foi brincar.
b. Tendo lido o livro durante toda a tarde, a Ana foi brincar.³
- (6) a. Depois de ler o livro, a Ana foi brincar.
b. Depois de ler o livro durante toda a tarde, a Ana foi brincar.

O valor aspectual da participial é confirmado pela existência de restrições na determinação do objecto (cf. Ambar 1996). Como é sabido, a determinação nominal do objecto altera a classe aspectual do predicado. Uma alteração na determinação nominal do objecto, conforme observa também Santos 1999, transformando um evento culminado num evento não culminado, pode ter consequências para a gramaticalidade das participiais:

- (7) a. Terminados os trabalhos, fomos embora.
b. *Terminados trabalhos, fomos embora.
- (8) a. Feitas as contas, nada mais havia a fazer.
b. *Feitas contas, nada mais havia a fazer.
- (9) a. Corrigidos os testes, a professora afixou as notas.
b. *Corrigidos testes, a professora foi jantar.
c. Depois de corrigir testes, a professora foi jantar.

³ Neste contexto, é necessário o gerúndio composto, que permite obter uma leitura de anterioridade relativamente ao evento da matriz. Na realidade, o gerúndio levanta questões mais complexas, uma vez que para a interpretação da gerundiva concorrem vários factores, entre os quais a classe aspectual (*Aktionsart*) do predicado da gerundiva, a classe aspectual (*Aktionsart*) do predicado da oração matriz, a presença da negação na gerundiva, o facto de termos o gerúndio composto ou o gerúndio simples e até mecanismos de inferência pragmáticos. O gerúndio simples com predicados que denotam eventos parece ser possível em contextos de tempo simultâneo, de leitura condicional ou de modo:

- i) Lendo o livro (durante toda a tarde), a Ana foi comendo as bolachas. (tempo simultâneo)
- ii) Lendo o livro (durante toda a tarde), a Ana ficará entretida. (condicional)
- iii) Lendo o livro (durante toda a tarde), a Ana evitou ter de fazer conversa. (modo)

Pode consultar-se Leal 2001 para um estudo dos valores temporais associados ao gerúndio simples e ao gerúndio composto com predicados que denotam estados e com predicados que denotam eventos.

Note-se, no entanto, que são possíveis objectos indefinidos nas participiais em posição pré-verbal, em certas expressões cristalizadas:

(10) Contas feitas, nada mais havia a fazer.

O valor aspectual do gerúndio não é tão evidente. Se em muitos contextos ele está associado a um valor aspectual cursivo, progressivo ou inacabado existem outros contextos em que esse valor está ausente (cf. Espunya i Prat 1996). Assim, o valor aspectual do gerúndio simples é determinado também pelo predicado que ocorre no gerúndio e pelo predicado da matriz.

Nos exemplos (11) a (13), em que o predicado da gerundiva corresponde a um processo ou a um processo culminado (na tipologia de Moens 1987), o gerúndio tem um valor cursivo, permitindo que o evento da matriz seja interpretado como sendo simultâneo ou como estando incluído no intervalo de tempo em que decorre o evento da subordinada:

(11) Cantando alegremente, o Zé abriu a porta.

'Enquanto cantava alegremente,...'

(12) Passeando pela praia, o Zé teve uma ideia genial.

'Enquanto passeava pela praia,...'/'#Depois de passear pela praia,...'

(13) Folheando a revista, o Zé teve uma ideia genial.

'Enquanto folheava a revista,...'/'#Depois de folhear a revista,...'

Nos exemplos (14) a (16), em que o predicado da gerundiva corresponde a uma culminação (ou evento instantâneo), o gerúndio continua a denotar um evento 'atômico'. Assim, em (14) a (17), a leitura é sequencial, sendo o intervalo de tempo em que decorre o evento da matriz posterior ao do evento da subordinada.⁴

(14) Chegando a casa, o Zé terá uma ideia genial.

'Depois de chegar a casa,...'/'Quando chegar a casa,...'

(15) O Zé surpreendeu toda a gente chegando mais cedo do que o previsto.

'... ao chegar mais cedo do que o previsto'

(16) Chegando ao hospital, o Zé poderá ser tratado.

'Quando chegar ao hospital.../'/'Depois de chegar ao hospital,...'

⁴ Leal 2001, no entanto, refere casos em que é possível a leitura de sobreposição (em que o gerúndio ganha normalmente duratividade), dependendo do tipo de predicado da gerundiva e da oração principal e do nosso conhecimento do mundo.

- (17) ?Chegando ao hospital, o Zé lembrou-se que não tinha trazido as análises.
'Quando chegou ao hospital,...'/'Quando estava a chegar ao hospital,...'

No entanto, quando o gerúndio predica sobre o objecto no contexto de verbos perceptivos, é permitida a leitura cursiva/progressiva, sendo a culminação encarada no seu processo preparatório:

- (18) O Zé viu a ambulância chegando ao hospital.
'O Zé viu a ambulância a chegar/quando ela estava a chegar ao hospital'

Repare-se que o gerúndio em construções com verbos perceptivos pode equivaler quer à construção com <a + infinitivo> quer ao infinitivo não preposicionado, podendo estar associado a valores aspectuais distintos:

- (19) a. O Zé viu a mãe morrendo.⁵
b. O Zé viu a mãe a morrer
c. O Zé viu a mãe morrer.
- (20) a. O Rui viu o João sorrindo.
b. O Rui viu o João a sorrir.
c. O Rui viu o João sorrir.

4.1.2. Gerundivas e participiais predicativas vs. gerundivas e participiais adverbiais

Tanto o gerúndio como o participío podem ocorrer em português em usos a que podemos chamar predicativos, i.e. em construções em que se comportam como predicados secundários⁶. Estes usos distinguem-se dos usos adverbiais por estarem

⁵ Segundo me foi referido por Manuela Ambar (c.p.), existe um contraste entre o gerúndio de verbos inacusativos e o gerúndio de outras classes de verbos no contexto de verbos perceptivos. O gerúndio de verbos inacusativos parece ser menos aceitável:

- i) ?O Zé viu as crianças caindo.
ii) O Zé viu as crianças correndo.

As frases parecem melhorar quando o verbo inacusativo vem acompanhado de um complemento ou de um adjunto:

- iii) O Zé viu as crianças caindo da escada abaixo.
iv) O Zé viu as crianças caindo desamparadamente.

⁶ Mória & Viotti 2002 não consideram a existência de gerundivas predicativas. De acordo com os autores, os contextos predicativos são identificados como gerundivas argumentais dependentes de outros predicados (não aspectuais) ou como gerundivas independentes.

sujeitos a restrições aspectuais, que não se verificam nos outros contextos.

O gerúndio pode ocorrer em usos predicativos como predicativo do sujeito,

Ora, se é verdade que temos um constituinte oracional que integra um gerúndio a funcionar como sujeito ou como complemento nas frases seguintes (retiradas de Mória & Viotti 2002), parece-me discutível que o gerúndio neste contexto seja considerado argumental, ou, dito por outras palavras, não é claro que se trate de uma oração gerundiva do mesmo tipo das que temos em posições de adjunção:

- i) [A Ana dançando] é um espectáculo digno de se ver.
- ii) O Paulo viu [a Ana acenando]

Note-se que exactamente no mesmo contexto em que ocorre o gerúndio podem ocorrer outras categorias com função claramente predicativa, entre as quais sintagmas preposicionais, adjectivais, ou participiais:

- iii) [A Ana em fato de banho] é um espectáculo digno de se ver.
- iv) [A Ana vestida de borboleta] é um espectáculo digno de se ver.
- v) [A Ana nua] é um espectáculo digno de se ver.
- vi) O Paulo viu [a Ana em cima do muro]
- vii) O Paulo viu [a Ana desmaiada]
- viii) O Paulo viu [a Ana cheia de frio]

As orações finitas, pelo contrário, nem sempre podem ocorrer nestes contextos:

- ix) *[Que a Ana canta/cante] é um espectáculo digno de se ver.
- x) [Que a Ana esteja doente] não me surpreende.

É claro que a oração em que o gerúndio ocorre ocupa uma posição argumental, assim como todas as outras orações em que ocorrem grupos preposicionais, adjectivais e participiais. O que não é claro é que se trate de uma oração gerundiva com o mesmo estatuto que as gerundivas adjuntas. De facto, parece-me difícil considerar que a oração que está aqui a ocupar uma posição argumental seja uma oração gerundiva (com a mesma estrutura sintáctica e o mesmo estatuto morfológico que uma oração gerundiva adjunta). O argumento parece corresponder antes a uma oração pequena de que o gerúndio (ou outras categorias) é o predicado. Caso contrário, teríamos de admitir que podemos ter sintagmas preposicionais, adjectivais e participiais (ou orações preposicionais, adjectivais e participiais) com função de sujeito. De facto, um dos aspectos em que o gerúndio do português se distingue das formas com *-ing* do inglês é precisamente o facto de não poder ocorrer em posições argumentais (cf. Reuland 1983):

- ix) I prefer going to the movies.
- x) *Eu prefiro indo ao cinema.

Se os contextos acima referidos correspondessem a usos argumentais do gerúndio, esperaríamos encontrar orações como as seguintes, com sujeitos nulos, o que não acontece:

- xi) *[[-] dançando] é um espectáculo digno de se ver.
- xii) *O Paulo viu [[-] acenando].

De facto, em português, as orações pequenas não admitem sujeitos nulos, ao contrário das orações com uma estrutura funcional mais complexa (cf. Rizzi 1986, para um comportamento diferente do italiano):

- xiii) *[[-] radiantes] é um espectáculo digno de se ver.
- xiv) *O Paulo viu [[-] de pé] / [[-] radiantes]
- xv) [[-] fiques em casa] / [que [-] fiques em casa] não me parece uma boa ideia.

Só as gerundivas adjuntas, as que plausivelmente têm um estatuto oracional pleno, admitem sujeitos nulos:

- xvi) Estando a chover, o Rui decidiu ficar em casa.

Mória & Viotti 2002 classificam também como argumental o gerúndio perifrástico com verbos aspectuais:

- xvii) O país está mudando.

Mais uma vez, parece-me que não é possível dizer que o gerúndio é argumental. Trata-se muito possivelmente aqui também de um uso predicativo do gerúndio, i.e. o verbo aspectual subcategoriza uma oração pequena (e não uma oração gerundiva plena), de que o gerúndio é o predicado, sendo o sujeito desta oração elevado para a posição de sujeito da frase.

Quanto aos casos que os autores consideram ser indiscutivelmente argumentais, como aqueles em que a gerundiva ocorre no contexto de *passar x tempo*, parece-me que é possível explorar a hipótese de estarmos perante um complexo formado pelo V e pela expressão temporal, cujo comportamento poderia ser aproximado de um V aspectual.

modificando o sujeito gramatical:

- (21) O Zé entrou em casa cantando.
- (22) Escrevi este poema pensando em ti.

Pode ocorrer ainda como predicativo do objecto, modificando o objecto directo, em construções com verbos perceptivos ou de representação, equivalentes às construções de infinitivo preposicionado (cf. Raposo 1989 e Duarte 1992):

- (23) O Zé ouviu o Paulo cantando.
- (24) O João fotografou o Afonso dormindo tranquilamente.

Pode também ocorrer em orações 'independentes' de carácter exclamativo ou de tipo descritivo (em contextos de relato, tais como reportagens televisivas, radiofónicas, ou em legendas de fotografias)⁷:

- (25) Figo chutando a bola para Zacarias.
- (26) Os meninos dormindo a esta hora! Não posso acreditar.

Pode ainda ocorrer inserido num DP com uma qualquer função gramatical na frase:

- (27) [A cara da Ana olhando para o José] não engana ninguém.
- (28) Todos ficaram impressionados com [a chegada da Teresa chorando convulsivamente].

Estes usos predicativos distinguem-se dos usos do gerúndio em orações adjuntas. Tal como referido em Lonzi 1988 e 1991 para o italiano, também em português podemos distinguir três tipos de gerundivas adjuntas:

i) **gerundivas adjuntas não periféricas** (ou integradas ou de predicado) que se caracterizam por poderem ocorrer em posição final sem serem antecedidas de pausa ou quebra entoacional e apresentam valores como o modo, o meio ou o tempo simultâneo:

⁷ As orações gerundivas 'independentes' sem carácter exclamativo só parecem ser possíveis quando o falante tem presente um suporte visual (acontecimento real ou imagem), o que apoia a ideia de que não se trata de verdadeiras orações independentes, mas sim de orações reduzidas, i.e. orações pequenas. Veja-se que podemos ter no mesmo contexto orações reduzidas com PPs, APs ou participios:

- i) [Os meninos ainda a pé!] Não posso acreditar.
- ii) [Os meninos novamente doentes!] Não é possível!
- iii) [Os meninos acordados!] Não posso acreditar!

(29) Os ladrões arrombaram a porta usando um maçarico.

(30) A Ana convenceu o Zé apresentando-lhe bons argumentos.

ii) **gerundivas adjuntas periféricas** (ou de frase), que ocorrem tipicamente em posição inicial, só podendo ocorrer marginalmente em posição final quando precedidas de pausa, e apresentam valores como a causa, a concessão, o tempo anterior:

(31) a. Tendo chegado atrasado, o Zé só encontrou lugar na última fila.

b. ??O Zé só encontrou lugar na última fila, || tendo chegado atrasado.

(32) Estando as crianças doentes, não poderemos ir à festa.

iii) **gerundivas ditas de 'posterioridade'** (ou 'coordenadas'), cujo estatuto subordinado é mais duvidoso. As gerundivas ditas 'de posterioridade' ou 'coordenadas' caracterizam-se por ocorrerem sempre em posição final, serem normalmente interpretadas como temporalmente posteriores relativamente à matriz, e não terem uma interpretação semântica de tipo adverbial, sendo antes parafraseáveis por uma oração de tipo coordenado:

(33) a. Os bandidos escaparam à polícia, só tendo sido identificados dois dias depois.

b. Os bandidos escaparam à polícia e só foram identificados dois dias depois.

Uma vez que este trabalho tem por objecto de estudo exclusivamente as orações adverbiais, considerarei apenas as gerundivas adjuntas de predicado e de frase (ou não periféricas e periféricas). No entanto, como os usos predicativos do gerúndio podem por vezes confundir-se com os usos do gerúndio em adjuntas, descreverei primeiro algumas propriedades que distinguem gerúndios de tipo predicativo de outros usos do gerúndio em adjuntas.

4.1.2.1. Gerundivas predicativas vs. gerundivas adjuntas: diferentes propriedades

O gerúndio nos contextos a que aqui chamei predicativos (segundo Fernández Lagunilla 1999) distingue-se do gerúndio em adjuntas por estar sujeito a restrições

aspectuais ao predicado (*Aktionsart*), e por poder alternar na variedade padrão do português europeu com <a + infinitivo>.

O gerúndio predicativo parece estar sujeito ao mesmo tipo de restrições aspectuais a que está sujeito na construção progressiva. Não podem ocorrer nestas construções 'verdadeiros' predicados estativos, ou seja estativos 'não faseáveis' (cf. Cunha 1998; Oliveira, Cunha & Matos 2001; Miguel 1999: 3013), i.e. estados que não são recategorizáveis como processos (cf. Moens & Steedman 1988; Cunha 1998):

- (34) *O João está estando a viver em Paris. <gerúndio na construção progressiva>
- (35) *O João viu o Zé estando a viver em Paris. <gerúndio predicativo do objecto>
- (36) *O João chegou a casa estando doente. <gerúndio predicativo do sujeito>
- (37) ?*O João estando a viver em Paris! Não acredito! <gerúndio predicativo em o. independentes>

Nas gerundivas adjuntas, pelo contrário, todos os tipos de predicados são possíveis, incluindo estativos (cf. Espunya i Prat 1996)⁸:

- (38) a. O Zé perturbou a reunião estando constantemente a interromper. <gerundiva adjunta não periférica modal>
- b. O Zé enganou os colegas ficando quieto como uma estátua.
- (39) ?O João soube a notícia estando a viver em Paris. <gerundiva adjunta não periférica temporal>
- (40) Estando a viver em Paris já há dez anos, o João tem algumas interferências do francês. <gerundiva adjunta periférica>
- (41) O João viveu em Nova Iorque durante muitos anos, estando actualmente a viver em Paris. <gerundiva de 'posterioridade'>

O gerúndio usado predicativamente pode alternar na variedade padrão do

⁸ Nem sempre os estativos dão bons resultados nas gerundivas adjuntas não periféricas com interpretação de modo. Parecem ser melhores quando o estado de coisas é interpretado como podendo ser de alguma forma controlado pelo sujeito, i.e. agentivo.

português com <a + infinitivo>, tal como acontece na construção progressiva⁹:

- (42) Os ladrões estão arrombando(/a arrombar) a porta. <gerúndio em complexos verbais com *estar*>
- (43) O João viu os ladrões arrombando(/a arrombar(em)) a porta. <gerúndio predicativo do objecto>
- (44) O João chegou a casa coxeando(/a coxear). <gerúndio predicativo do sujeito>
- (45) Os meninos dormindo(/a dormir(em)) a estas horas! Não acredito!
<gerúndio predicativo em o. independentes>

O mesmo não acontece nas gerundivas adjuntas¹⁰:

⁹ Pode ocorrer <a + infinitivo> em algumas adverbiais periféricas com valor condicional (cf. Duarte 1992: 'A ser verdade o que tu dizes, isto vai complicar-se'). Contudo, a partícula *a* não parece ter aqui o mesmo valor aspectual.

¹⁰ Mória & Viotti 2002 consideram que o gerúndio pode alternar com <a + infinitivo> também em orações adjuntas. As restrições à ocorrência de <a + infinitivo> em determinados contextos dever-se-iam a incompatibilidades de natureza semântica que se verificam com <a + infinitivo>, mas não com gerúndio: restrições ao tipo aspectual do predicado; exigência de que haja sobreposição temporal entre os eventos. Os autores referem as seguintes frases como exemplo da possibilidade de haver alternância entre <a + infinitivo> e gerúndio em adjuntas:

- i) Vivendo/A viver numa cidade pequena, teríamos mais qualidade de vida.
ii) Passeando/A passear pela praia, encontrei uma moeda de ouro muito antiga

Ora, parece-me que, ao contrário do que acontece nos contextos predicativos, os valores da gerundiva e da construção com <a + infinitivo> nestas frases são claramente diferentes. Esta última, aliás, é para mim, e para outros falantes por mim consultados, claramente marginal nestes contextos. Além disso, a alternância é impossível numa série de outros contextos que respeitam as restrições identificadas por Mória & Viotti 2002 para a construção de <a + infinitivo>. Nas seguintes frases, o predicado não é estativo (veja-se aliás a possibilidade de ocorrer na construção progressiva) e existe sobreposição temporal entre os eventos:

- iii) a. O Zé constrói a cabana usando folhas e canas/*a usar folhas e canas
b. O Zé está usando/a usar folhas e canas (na construção da cabana).
iv) a. O Zé nada levantando a cabeça./*a levantar a cabeça.
b. O Zé está levantando/a levantar a cabeça.
v) a. O Zé despistou os polícias tomando um atalho./*a tomar um atalho.
b. O Zé está tomando/a tomar um atalho.
vi) a. O Zé passeava pelo campo, procurando um sítio bom para se sentar./?/*a procurar um sítio bom para se sentar.
b. O Zé está procurando/a procurar um sítio bom para se sentar.

Ainda, se as incompatibilidades verificadas com a construção infinitiva dependessem apenas de requisitos específicos desta construção, não se compreende por que razão o gerúndio também está sujeito a restrições aspectuais noutros contextos (aqueles a que chamei predicativos), facto que não se verifica nas adjuntas:

- vii) *O Zé observou [a Ana tendo uma pulseira de ouro]
viii) *[O Zé tendo encontrado uma moeda de ouro!] Não acredito!
ix) *[O Zé estando no hospital] é uma situação que me desagrada.
x) *[O Zé tendo estado toda a noite calado] não era difícil de imaginar.

- (46) Os ladrões entraram em casa arrombando(/*a arrombar) a porta com um maçarico. <gerundiva adjunta não periférica>
- (47) Arrombando(/*A arrombar) a porta com um maçarico, os ladrões conseguiriam entrar. <gerundiva adjunta periférica>
- (48) Os polícias fizeram um ultimato aos sequestradores, arrombando(/*a arrombar) a porta três minutos depois. <gerundiva de 'posterioridade'>

Assim, gerundivas predicativas e gerundivas adjuntas distinguem-se pelo menos quanto a estas duas propriedades:

- i) restrições à ocorrência de predicados estativos (não faseáveis);
- ii) possibilidade de alternar com <a + infinitivo>.

4.1.2.2. Participiais predicativas vs. participiais adjuntas: diferentes propriedades

Também os usos predicativos do participípio se distinguem dos usos do participípio em adjuntas, entre outros aspectos, por terem uma leitura não eventiva, típica de predicados secundários, facto que está descrito em Santos (1999: 127 e ss.) para o português.

As participiais predicativas podem modificar o sujeito, o objecto directo, podem ocorrer em orações independentes de tipo exclamativo ou descritivo e podem ainda estar inseridas em DPs, à semelhança do que acontece com o gerúndio predicativo:

- (49) O Zé saiu de casa despido. <participípio predicativo do sujeito>
- (50) O Zé encontrou a Ana despida. <participípio predicativo do objecto>
- (51) [A Ana despida]? Nunca imaginei! <participípio em o. independentes>
- (52) [A entrada do Zé completamente despido] fez corar toda a gente. <participípio em DPs>

As gerundivas predicativas, as construções de infinitivo preposicionado e as participiais predicativas só podem ser antepostas quando modificam o sujeito:

- (53) a. Despido, o Zé saiu de casa.
 b. Coxeando, o Zé saiu de casa.
 c. A coxear, o Zé saiu de casa.

A anteposição não é possível quando estas orações predicam sobre o objecto (cf. também Santos 1999; e.o.):

- (54) a. [-]_{i/*j} Despido, o Zé_i fotografou o Paulo_j.
b. [-]_{i/*j} Andando de bicicleta, o Zé_i fotografou o Paulo_j.
c. [-]_{i/*j} A andar de bicicleta, o Zé_i fotografou o Paulo_j.

As participiais predicativas distinguem-se das participiais adjuntas, entre vários aspectos, por só as primeiras:

a) terem uma interpretação não eventiva:

- (55) a. Despido, o bebé ficou mais tranquilo.<particípio adjunto>
a'. = Depois de ter sido despido, o bebé ficou mais tranquilo.
a". ?*Estando despido, o bebé ficou mais tranquilo.
b. Despido, o bebé parecia mais gordo.<particípio predicativo>
b'. ≠ Depois de ter sido despido, o bebé parecia mais gordo.
b". Estando despido, o bebé parecia mais gordo.

b) poderem ocorrer em posição final sem quebra entoacional:

- (56) a. ??O bebé ficou mais tranquilo despido.
b. O bebé parecia mais gordo despido.

c) permitirem a clivagem:

- (57) a. *Foi despido que o bebé ficou mais tranquilo.
b. Era despido que o bebé parecia mais gordo.

d) poderem ocorrer em respostas a interrogativas-Qu:

- (58) a. Como/Quando é que o bebé ficou mais tranquilo? / ?*Despido.
b. Como/Quando é que o bebé parece mais gordo? / Despido.

e) poderem estar sob o escopo da negação matriz:

- (59) a. ?*O bebé não ficou mais tranquilo despido (só ficou mais tranquilo abraçado).
b. O bebé não parece mais gordo despido (parece mais gordo vestido).

Assim, considerarei como **participiais adjuntas** quer as chamadas participiais absolutas, que ocorrem com sujeito realizado em posição pós-verbal, quer as orações participiais sem sujeito expresso que ocorrem em posição inicial e têm uma interpretação eventiva, que podem ser tratadas como constituindo um subtipo de adverbiais (cf. Santos 1999 para estas distinções):

(60) Chegada a Ana, o Zé pôs a mesa.

(61) Chegado a casa, o Zé tirou os sapatos.

Santos 1999 mostra que um subconjunto das participiais sem DP realizado tem comportamentos correspondentes às participiais com DP realizado, normalmente designadas de absolutivas.

Assim, excluirei deste estudo as gerundivas e participiais do português que têm um comportamento típico de predicados secundários, e que aqui designei de predicativas.

4.2. Ausência de conectores em gerundivas e participiais do português: porquê?

Um tratamento das orações gerundivas e participiais separado das adverbiais finitas e infinitivas justifica-se pelo facto de em português, assim como noutras línguas românicas, estas orações não serem introduzidas por conectores, no caso não marcado. A ausência de conectores explica a razão pela qual estas orações têm frequentemente uma interpretação pouco definida, podendo oscilar entre vários valores (cf. Stump 1985; Kortmann 1991).

Por que razão não ocorrem as gerundivas e participiais com conectores em português?

Nas línguas românicas, em particular em português, contrariamente àquilo que acontece em inglês relativamente às orações com formas verbais em *-ing*, as orações gerundivas não ocorrem em contextos em que podem aparecer DPs. Os gerúndios contrastam com os infinitivos relativamente a uma série de aspectos. As orações infinitivas das línguas românicas ocorrem apenas em contextos de marcação casual (ou, se quisermos, em posições argumentais), ao passo que as orações gerundivas e participiais das línguas românicas ocorrem apenas em contextos de não marcação casual¹¹:

- (62) a. John prefers washing his car on weekends.
b. *O João prefere lavando o carro no fim-de-semana.
b'. O João prefere lavar o carro no fim-de-semana.
- (63) a. After washing the car, John read his newspaper.
b. *Depois (de) lavando o carro, ...
b'. Depois de lavar o carro, ...

Repare-se que em inglês, as formas em *-ing* podem dar origem a nominalizações,

¹¹Em alguma literatura recente, nomeadamente na de carácter funcionalista, estas formas verbais recebem a designação de 'converbs'. Bohnemeyer 2000 dá a seguinte definição: "Converbs are verb forms that by their morphological form specify a semantic relation between the event or proposition they encode and the main clause event or proposition. They may occur, depending on the language, as simple adverbs; they may head adverbial clauses, or they may occur attached to (or detached from) the sentence. Event order is a notion expressed by converbs (but of course not necessarily only by them) in many languages."

o que não acontece em português com as formas em *-ndo*:

- (64) a. the washing of the car
b. *o lavando do carro

Em português, isso acontece apenas (e de forma restrita) com o infinitivo¹². A nominalização não é produtiva com todos os tipos de verbos:

- (65) a. ??o lavar do carro
b. ??o construir da ponte
c. ??o correr da maratona
d. o içar da bandeira
e. o cair das folhas
f. o nascer da aurora
g. o cantar do galo
h. ?o soluçar do bebé

Algumas orações com a forma verbal *-ing* em inglês, no entanto, em alguns contextos têm uma distribuição equivalente às gerundivas do português e um valor semântico próximo. Isto acontece na construção progressiva (cf. (66)), em complementos de verbos perceptivos (cf. (67)), e em orações adjuntas designadas em Kortmann 1991 de 'free adjuncts' (cf. (68)) ou 'absolutes' (cf. (69))¹³. A forma verbal que ocorre nestes contextos é tradicionalmente classificada, não como *gerund*, mas como *present participle*¹⁴ (cf. Zandvoort 1957; Kortmann 1991; Guéron & Hoekstra 1995;

¹² Contrariamente àquilo que acontece em inglês, é possível em português que o objecto do infinitivo mantenha a sua categoria nominal em determinados contextos, o que nos leva a pensar que o processo de conversão da forma verbal em nome não foi concluído, aproximando-se esta construção das orações complemento de verbos factivos:

- i) o construir (??d)a ponte assim vai sair muito mais caro
ii) the building *(of) the bridge...

¹³ O termo 'adjuntos livres' (*free adjuncts*) diz respeito a estruturas adjuntas sem sujeito expresso que não estão explicitamente ligadas sintacticamente à oração matriz, e cujo núcleo pode ser verbal (particípio presente, particípio passado ou infinitivo) ou não verbal (nominal, preposicional, adjectival ou adverbial); o termo 'absolutos' (*absolutes*) diz respeito a estruturas adjuntas com características semelhantes aos adjuntos livres, mas com sujeito expresso (cf. Kortmann 1991: §1.)

¹⁴ O problema do estatuto morfológico da forma verbal que ocorre nestas construções põe-se da mesma forma relativamente ao francês, que também distingue entre *gérondif* e *participe présent*. Só o *participe présent* ocorre nas construções ditas absolutas.

e.o.):

- (66) a. She was crying.
b. Ela estava chorando/a chorar.
- (67) a. I saw the wind rustling the leaves. (Johnson 1988: 593)
b. Eu vi o vento sacudindo as folhas.
- (68) a. Arriving at the station, he found his train gone. (Zandvoort 1957: 34)
b. Chegando à estação, viu que o comboio já tinha partido.
- (69) a. The match having been cancelled, the supporters of our team were most disappointed (Kortmann 1991: 11)
b. Tendo o jogo sido cancelado, os apoiantes da nossa equipa ficaram desapontados.

Pelo contrário, as formas em *-ing* tradicionalmente classificadas como *gerunds* não são traduzíveis pelo gerúndio em português, mas sim pelo infinitivo. As orações com *gerund* ocorrem como complemento de determinados verbos (cf. (70) e (71)), como sujeito oracional (cf. (72) e (73)) e como complemento de preposições (cf. (74)):

Ainda que na origem de *gerund*, *gerondif*, *gerúndio* e *participio presente* nas várias línguas possam estar construções diferentes (cf. Kortmann 1991), não deixa de ser verdade que, sincronicamente, estas formas parecem sobrepor-se em alguns contextos nas várias línguas. Assim, as orações absolutas do inglês e do francês constroem-se com o 'participio presente', ao passo que as orações absolutas do português, do espanhol, e do italiano, constroem-se com o *gerundio/gerúndio*. Este último, historicamente, formou-se do *gerundivo* latino, o qual já teria quer um uso verbal, quer um uso adjectival (cf. Nunes 1989: 303). Kortmann (1991: 220, n.3 do cap.2), que refere Kühner & Stegmann 1966, faz remontar o *gerundio* ao *ablativus gerundii*, construção tardia do latim.

Em português, o participio presente - de terminação em *-nte* - em textos do s. 13 ainda era usado como forma verbal, alternando com o gerúndio - de terminação em *-ndo* (cf. também Nunes 1989: 303):

i) "Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, teme~te o dia de mia morte, a saude de mia alma (...)" (CIPM, s.13, HGP058)

ii) " (...) o testame~to que eu Lopo Rrodriguez de Nozedo ffaço iazendo na prigon de Deus & teme~do dia de meu pasame~to (...)" (CIPM, s. 13, TT)

O uso verbal do participio presente desaparece, passando a ser usado apenas como adjectivo no português moderno. O gerúndio substitui-se-lhe nos restantes contextos.

Assim, as construções absolutas podem ter por base formas verbais morfologicamente distintas, ainda que com semelhanças a nível sintáctico. As diferenças de comportamento entre línguas poderão assim ter na sua origem factores morfológicos, determinados pela diferente natureza da forma verbal que está na base da construção.

Apesar de estarmos perante formas de origens diferentes, creio que é possível sincronicamente estudar as suas diversas ocorrências e as propriedades que lhes estão associadas. Veja-se que, relativamente ao inglês, Zandvoort (1957: 43) diz que a distinção entre *gerund* e *present participle* tem por base a função e não a forma exterior.

- (70) a. I prefer [going to the beach].
 b. *Prefiro indo à praia.
 b'. Prefiro ir à praia.
- (71) a. John enjoyed [writing the book]. (Milsark 1988: 612)
 b. *O João apreciou escrevendo o livro.
 b'. O João apreciou escrever o livro.
- (72) a. [Writing the book] consumed much of George's time. (Milsark 1988: 612)
 b. *Escrevendo o livro consumiu a maior parte do tempo do Jorge.
 b'. Escrever o livro consumiu a maior parte do tempo do Jorge.
- (73) a. I consider [being unhappy] to be unpleasant. (cf. Johnson 1988: 585)
 b. *Eu considero ser desagradável [sendo infeliz]
 b'. Eu considero ser desagradável [ser infeliz].
- (74) a. Without saying good-bye, he took his hat and walked out of the house.
 (Zandvoort 1957: 26)
 b. *Sem dizendo adeus, ele pegou no chapéu e saiu de casa.
 b'. Sem dizer adeus, ...

Podemos pensar, na linha de Chomsky 2001a, que as gerundivas e participiais do português são categorias defectivas com uma natureza verbal, não podendo estabelecer uma relação de concordância apropriada com elementos que precisam de verificar traços- ϕ não interpretáveis (T ou v). Assim, dada a sua natureza inerentemente predicativa (ou verbal, se quisermos), estas orações não podem ocorrer em contextos tradicionalmente designados de marcação casual. A defectividade morfológica destas categorias oracionais explicará por que razão em português as gerundivas e participiais nunca ocorrem depois de preposições, que classicamente são tidas como elementos atribuidores de Caso¹⁵:

15 Note-se, contudo, que está registada a possibilidade de a oração com gerúndio ocorrer precedida da preposição *sem* em estádios mais recuados do português, nomeadamente no s. 14. Nos textos do s. 14 do CIPM foram encontradas algumas ocorrências de *sem* + gerúndio. A P *sem*, como é sabido, tem uma natureza negativa, o que é empiricamente observado pela possibilidade de esta P legitimar itens de polaridade negativa. Nos textos antigos, tanto quanto eu saiba, para além de *sem*, só está registada a ocorrência de gerundivas introduzidas por *em*, o que ainda acontece em português contemporâneo. Curiosamente, a ocorrência de gerundivas introduzidas por *sem* parece ser favorecida pela presença de uma palavra negativa na gerundiva - como *nenhum* - ou pela presença da conjunção coordenativa negativa *nem*, com a qual entra em correlação - *sem...nem...:*

i) "hade leuar as custas que ele a fara per jurame-to se~ faze~do certo do primejro dya ne~ do prestumeiro." (CIPM, s.14, CS)

- (75) a. John left without looking at her.
 b. *John left without to look at her.
- (76) a. *O João saiu sem olhando para ela.
 b. O João saiu sem olhar para ela.

As orações finitas e infinitivas, pelo contrário, serão categorias plenas, ϕ -completas, podendo estabelecer uma relação de concordância com as categorias funcionais com traços- ϕ não interpretáveis.

Assim, um CP que domine um IP contendo T defectivo é também ele morfologicamente incompleto. Um CP que domine um IP pleno é também ele morfologicamente e semanticamente pleno, ϕ -completo.

Por que razão não podem as gerundivas e participiais ocorrer com outro tipo de conectores não preposicionais, tais como as chamadas conjunções ou locuções conjuncionais adverbiais?

A explicação desta restrição passará provavelmente pelo grau de finitude da oração. Como é consensual, existe uma relação estreita entre as categorias funcionais do domínio C e a categoria proposicional IP, i.e. pode considerar-se que C, para além de

ii) "E que uos ssem outra Justiça ne~hua possades pe~horar no uosso pelo uosso ssem me chama~do Eu por elo fforçado ne~ A fforça noua..." (CIPM, s.14, DN)

iii) "e como se levantara contra seu senhor sem avendo nem hu~a razon aguisada, deron por sentença (...)" (CIPM, s.14, CGE, F 64a)

iv) "e sayo pella porta da vyla soo, sem sabendo ne~ hu~u~ o que elle queria fazer (...)" (CIPM, s. 14, CGE, F 196 v)

v) "E, andando assi sem avendo ne~ hu~u~ bõõ conselho, foy a elle hu~u~ filho de seu irma~a~o (...)" (CIPM, s.14. CGE, F 169c)

vi) "E partio da çidade depois de comer e foi dormir a Samto Amtonio, hu~a aldea que ssom dhi tres legoas, sem levamdo ja nehuu~a teemçom de matar o Comde" (*Crónica de D. João I*, cap.8)

vii) "E cõ esta fouteza partio estomçe de Samtarem, sem creendo nehu~u comtrairo que lhe aviir podesse" (*Crónica de D. João I*, cap.7)

No entanto, como me informou Ana Maria Martins (c.p.), a quem agradeço os exemplos da *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes, aparecem também gerundivas introduzidas por *sem* em que a P não se correlaciona com nenhuma palavra negativa:

viii) "E muitos dos que sse achegavom ao Meestre pera o aver de servir, sabemdo parte de taes averes per alguu~s que lho descobriam, pediam que lhes fizesse delles merçee, e elle sem mais deteemça sem sabemdo se era muito se pouco, outorgavalhe quamto pediam; e muitos açertavom mui gramdes allgos." (*Crónica de D. João I*, cap.27)

ix) "E dom Pero Ançores temiasse que, se el rei de Tolledo soubesse esto, que nom leixaria partir el rei dom Afomso sem lhe fazendo grandes posturas." (CIPM, s.14, CGE, F 209d)

x) "foisse veer com elle, sem avendo delle outra algu~a segura~ça ou tregoa." (CIPM, s. 14, CGE, F 212c)

Seria necessário um estudo mais aprofundado para perceber se há alguma propriedade nestes contextos que legitime a ocorrência de *sem*.

A ocorrência de gerundivas introduzidas por uma P parece estar restringida à P *em*, cujo estatuto preposicional pode ser posto em causa, e à P *sem*, cuja natureza negativa a torna claramente distinta de outras categorias da mesma classe.

outras funções, codifica propriedades de finitude da oração. Essa relação explicaria, por exemplo, por que razão alguns complementadores só ocorrem com frases finitas e outros só ocorrem com frases infinitivas, e ainda por que razão o complementador *que* em português nunca ocorre com infinitivas¹⁶. Esta é uma ideia antiga (cf. Rouveret 1980, Kayne 1982, Ambar, Loïs & Obenauer 1986, Ambar 1988 e.o.), que é desenvolvida em Rizzi 1997, por exemplo.

Assim sendo, não poderão ocorrer conectores especificados quanto a finitude em orações gerundivas e participiais¹⁷. Na realidade, nestas orações só podem ocorrer conectores de natureza adverbial¹⁸:

(77) Embora sendo tarde, o Zé não tinha sono.

(78) Mesmo não tendo sono, o Zé foi-se deitar.

(79) Uma vez feitas as malas, o Zé ficou pronto para partir.

Curiosamente, em variedades dialectais do português em que o gerúndio flexiona

¹⁶ Exceptuam-se eventualmente os casos das seguintes construções modais, discutidos no âmbito do projecto Cordial-sin (CLUL), em que *que* co-ocorre com uma infinitiva:

i) Há que ter muito cuidado.

ii) Tenho que ter muito cuidado. (construção alternativa à do português padrão 'Tenho de ter muito cuidado').

¹⁷ Na análise de Ambar 1988, dá-se conta da impossibilidade de ocorrerem complementadores em estruturas infinitivas através da hipótese de que estes só podem ocorrer em domínios em que T está positivamente especificado, i.e. foneticamente realizado, sendo de natureza verbal [+V] de acordo com Kayne 1982. Assim sendo, um elemento [+V] não poderá ocorrer como núcleo de uma oração argumental, a não ser que haja um elemento de natureza nominal que o ligue: o complementador.

¹⁸ Santos 1999 refere que são possíveis participiais com *depois de*.

i) Uma vez morto o Manuel, tivemos de o enterrar.

ii) ??Depois de terminado o trabalho, respirámos de alívio. Estas, contudo, parecem-me marginais na leitura eventiva, sendo francamente melhores na leitura não eventiva, contrastando assim com as participiais introduzidas por 'uma vez':

i) Depois de morto, o Manuel continuava a dar trabalho.

'depois de estar morto/'depois de ter sido morto'

ii) Depois de terminado, o trabalho parecia fácil.

'depois de estar terminado'

iii) ??Depois de morto o Manuel, tivemos de o enterrar.

vi) Uma vez terminado o trabalho, respirámos de alívio

Também Ambar 1988 cita exemplos de Casteleiro 1981 com construções introduzidas por *depois de* com certos adjectivos aproximáveis de formas verbais.

As participiais com *com* (ou *sem*), que Santos 1999 também refere, em que é obrigatória a ordem DP-verbo, distinguem-se claramente das participiais absolutas, podendo provavelmente ser aproximadas dos participios predicativos. Isto é teríamos uma oração pequena como complemento da P *com*. A leitura tipicamente não eventiva destas construções, assim como a impossibilidade de omitir o DP dá alguma força a esta hipótese:

vii) O Zé saiu de casa com a cara lavada em lágrimas/com as calças rasgadas/com o chapéu posto na cabeça.

viii) *O Zé saiu de casa com posto na cabeça.

em pessoa/número, são possíveis conectores típicos de frases finitas. Isto parece sugerir que a morfologia visível de concordância, neste caso, aproxima as orações gerundivas das frases finitas, e confirma a hipótese de que há uma relação estreita entre o domínio funcional de CP e o domínio funcional de IP:

- (80) ...aquilo, se o homem não arrebentando... (Palma 1967)
- (81) E depois, nós éramos quatro irmãos e{fp} ficámos só com minha mãe e eu, como sendo o mais velho, [...] é que fui sempre o mais escravo. (Cordial-sin, AAL35)
- (82) Quando sentindim outros animais, espantam-se (Odeleite, in Cruz 1969)
- (83) Onde estando a menina está alegria (Nisa, in Carreiro 1948)
- (84) Quando a ovelha rasando o dente é badana. (Colos, in Guerreiro 1968)
- (85) Quando ele estando demais, já cheira a azedo. (Cordial-sin, PAL30)
- (86) Quando chegando o tempo das batatas, arranjo um taleguinho de batata - um saco de batatas - vou dar aí a todas essas velhas que aí estão... (Cordial-sin, LVR24)
- (87) Que elas quando começadem a aparecer... (Cordial-sin, LVR33)

Como tem sido observado, não há uma dicotomia clara entre orações finitas/orações não finitas (cf. Vincent 1998, Rizzi 1997; e.o.). Parece antes haver uma escala nos valores de finitude, um contínuo que vai das orações finitas com indicativo, que estarão no topo da escala, às orações infinitivas não flexionadas, que estarão na base da escala. A noção de que não há uma dicotomia clara entre orações finitas e orações não finitas está implícita também em propostas como a de Ambar 1988, que, através de diferentes combinações de traços para as categorias funcionais T e Agr ([+/- T], [+/- Agr] e [+/- forte]), dá conta de diferentes propriedades de orações no indicativo, no conjuntivo, com infinitivo flexionado e não flexionado.

Também Rouveret 1980 problematiza a noção tradicional de finitude e considera a seguinte definição de oração finita:

"Est une proposition «finie» toute proposition dans laquelle une marque morphologique sur le verbe et/ou sur le sujet manifeste une relation entre ces deux termes. Le cas nominatif assigné à un NP sujet ou les désinences de personne et nombre attachées au thème verbal suffisent à identifier une proposition comme «finie»."

Rouveret (1980: 76)

Nesta perspectiva, serão 'finitas' as orações de infinitivo flexionado, as orações infinitivas pessoais do espanhol (cf. Fernández Lagunilla 1987; Piera 1987; Ledgeway 2000; e.o.) e ainda as orações gerundivas do português (quer standard, quer dialectal), do espanhol, e do italiano, em que o sujeito pode ser lexicalizado e está aparentemente marcado com Caso nominativo.

A diferente distribuição sintáctica do gerúndio no português e das formas com *-ing* do inglês seria assim atribuível à diferente especificação morfológica das orações gerundivas no português, que seriam de natureza 'verbal', morfológicamente defectivas, e no inglês, que seriam morfológicamente ambíguas entre categorias nominais (*gerund*) e categorias verbais (*present participle*). Só no primeiro caso é que a oração seria φ -completa.

Assim, as orações gerundivas do português, italiano e espanhol, e as orações de participípio presente do francês e do inglês seriam intrinsecamente de natureza verbal, predicativa, não podendo ocorrer em posições argumentais.

Resta saber como se traduz esta propriedade na estrutura funcional destas orações. Uma hipótese é relacionar as propriedades morfológicas e distribucionais de orações gerundivas e participiais com a sua natureza categorial. Recorde-se que em *Derivation by Phase*, Chomsky (2001a: 6) assume que C é uma categoria φ -completa, ao passo que T pode não o ser. Chomsky também considera a hipótese de T de participípio passado ser defectivo, no sentido em que não valida e não elimina traços de Caso de N.

Podemos assim colocar a hipótese de que as orações gerundivas e participiais não são projecções de C, mas sim de uma outra categoria funcional que não é φ -completa, eventualmente de natureza aspectual. Em alternativa, podemos assumir que a categoria C que encabeça as gerundivas tem propriedades diferentes da categoria C que encabeça orações finitas, com diferentes especificações morfológicas. Voltarei a esta questão mais à frente, procurando argumentos empíricos para decidir quanto ao estatuto categorial de gerundivas e participiais.

4.3. O estatuto sintáctico-discursivo das adverbiais gerundivas e participiais: uma consequência de propriedades morfológicas e de restrições semânticas

Consideremos agora o estatuto sintáctico-discursivo das orações gerundivas e participiais. Como já referi, no ponto 3 foi proposto que o estatuto sintáctico-discursivo de pelo menos algumas das orações adverbiais finitas e infinitivas resulta de propriedades lexicais associadas aos seus conectores, estando alguns deles apenas positivamente especificados quanto a um traço [pressuposicional] ou [conforme às expectativas].

Como referi, esta hipótese torna-se problemática quando consideramos as orações gerundivas e participiais que não são introduzidas por conectores. Para estas estruturas, a distribuição sintáctica não pode ser atribuída a diferenças lexicais entre conectores.

Como definir então o estatuto sintáctico e discursivo de gerundivas e participiais?

Se considerarmos os critérios identificados no capítulo 3. para distinguir entre classes sintácticas e discursivas de adverbiais (posição, clivagem, escopo da negação...), verificamos que as participiais se comportam como adverbiais periféricas, e que, dentro das gerundivas, há estruturas com comportamentos distintos, i.e. algumas gerundivas têm comportamentos típicos de adverbiais periféricas, outras têm comportamentos típicos de adverbiais não periféricas.

4.3.1. Gerundivas - classes sintácticas

1. Valores semânticos típicos

Em primeiro lugar, gerundivas periféricas (de frase) e gerundivas não periféricas (de predicado) distinguem-se quanto aos valores semânticos típicos que lhes estão associados. As gerundivas podem expressar a causa, o tempo, a condição, a concessão e o modo. Não podem expressar o fim¹⁹. No entanto, enquanto as gerundivas periféricas expressam tipicamente valores como a condição, a causa, a concessão e o tempo (não

¹⁹ Encontra-se por vezes referido um valor final em gerundivas como:

i) Tendo em vista uma maior produtividade da empresa, foram empreendidas algumas reformas.

Parece-me que aqui o valor dito 'final' é dado pela expressão 'ter em vista', não sendo possível com qualquer tipo de predicado.

simultâneo), as gerundivas não periféricas (de predicado), tipicamente expressam o modo/meio, o tempo (simultâneo), e um valor que se situa entre a condição e o modo. Na realidade, o tipo de relação de causalidade expresso numa gerundiva, corresponde sempre a uma 'causa dada', contrariamente àquilo que acontece com causais finitas e infinitivas. Para a interpretação das gerundivas concorrem vários factores de ordem semântica e pragmática, tais como o tempo gramatical da frase matriz, a presença da negação, o tipo de predicado presente na gerundiva (i.e. o facto de se tratar de um predicado de fase (*stage level*) ou de indivíduo (*individual level*)), e relações de inferência, entre outros factores (cf. Stump 1985; Kortmann 1991).

Como as gerundivas não são introduzidas por conectores, a sua interpretação é por vezes indeterminada, podendo oscilar entre a causa e o tempo, a condição e o modo... Os valores semânticos possíveis para cada uma das classes são exemplificados de seguida.²⁰

As **gerundivas periféricas** podem expressar a causa, a concessão, o tempo (anterior ou simultâneo) e a condição. Quando a interpretação é causal, encontra-se normalmente o gerúndio composto com verbos não estativos e o gerúndio simples com verbos estativos (cf. também Guéron & Hoekstra 1995; Espunya i Prat 1996: 110). As gerundivas que exprimem a concessão são frequentemente (mas não obrigatoriamente) introduzidas por expressões como *mesmo* ou *embora*. Pode haver ainda gerundivas de enunciação.

causa:

(88) Havendo poucas inscrições, o atelier fechou.

'Como havia poucas inscrições, ...'

(89) Chegando atrasado, o Zé já não arranjou lugar sentado.

'Como chegou atrasado,...'

(90) Tendo dormido pouco, o Zé sentia-se cansado.

'Como tinha dormido pouco,...'

concessão:

(91) Mesmo tendo chegado atrasado, o Zé conseguiu acompanhar a aula.

'Apesar de ter chegado atrasado,...'

²⁰ As glosas dadas para as gerundivas destinam-se apenas a facilitar a interpretação preferencial que lhes é atribuída.

- (92) Mesmo havendo poucas inscrições, o atelier não fechará.
'Mesmo que haja poucas inscrições,...'
- (93) Sabendo que me é impossível tratar todas as estruturas, vou no entanto referir algumas propriedades.
'Embora saiba que me é impossível tratar todas as estruturas,...'

tempo (anterior ou simultâneo):

- (94) Tendo as crianças adormecido, os pais foram deitar-se.
'Depois de as crianças adormecerem,...'
- (95) Estando os meninos a dormir, o pai ouviu um estrondo enorme.
'Quando os meninos estavam a dormir,...'

condição:

- (96) Ficando o Zé sentado ao teu lado, poderás pedir-lhe ajuda.
'Se o Zé ficar sentado ao teu lado,...'
- (97) Chegando o comboio às oito e meia, não conseguirias apanhar a ligação.
'Se o comboio chegasse às oito e meia,...'
- (98) Havendo poucas inscrições, o atelier fechará.
'Se houver poucas inscrições, ...'

enunciação

- (99) Pensando bem, como é que vais conseguir chegar a tempo?
- (100) Resumindo, existem duas soluções para o problema.

As **gerundivas não periféricas**, como mostram os seguintes exemplos, podem expressar o modo, meio ou instrumento, um valor que se situa entre a condição e o modo, e ainda o tempo simultâneo.

modo/meio/instrumento:

- (101) Os ladrões arrombaram a porta usando um martelo.
'Os ladrões arrombaram a porta com um martelo'
- (102) As andorinhas construíram os ninhos juntando pequenos ramos.
'As andorinhas construíram os ninhos com pequenos ramos'

condição/modo

- (103) Os atletas teriam melhores resultados treinando mais horas por dia.
'..., se treinassem mais horas por dia'
- (104) O Zé teria menos dores ficando deitado.
'..., se ficasse deitado.'

tempo (simultâneo)

(105) O Zé encontrou a solução para o problema passeando pela cidade.

'..., quando passeava pela cidade.'/'..., ao passear pela cidade.'

(106) O Zé recebeu a notícia estando de férias nos E.U.A.

'..., quando estava de férias nos E.U.A.'

2. Posição não marcada

Em segundo lugar, gerundivas periféricas e gerundivas não periféricas distinguem-se quanto à posição não marcada que ocupam na frase complexa.

As **gerundivas periféricas** tipicamente ocorrem em posição inicial (e de uma forma marcada em posição final precedida de pausa ou quebra entoacional - ||)²¹:

(107) a. Estando com febre, o Zé faltou à aula.

b. *O Zé faltou à aula estando com febre.

c. ?O Zé faltou à aula, || estando com febre... [só como 'after-thought']

As **gerundivas não periféricas** tipicamente ocorrem em posição final não precedida de pausa:²²

(108) a. O João não conseguiu fazer o pudim batendo as claras em castelo.

b. Batendo as claras em castelo, o João não conseguiu fazer o pudim.

[interpretação diferente de a.]

As gerundivas não periféricas podem também ocorrer em posição inicial, mas nesse caso a sua interpretação é alterada, sendo plausível supor que não foram deslocadas de uma posição pós-verbal, mas sim geradas basicamente à esquerda, tal como foi sugerido para as adverbiais finitas e infinitivas (ou, em alternativa, pode supor-se que não estão sujeitas a reconstrução). Veja-se que as gerundivas não periféricas iniciais não estão sob o escopo de Neg matriz, e modificam a frase mais alta, à qual estão adjacentes. Assim, as frases de b. não podem ter a mesma interpretação que

²¹ As gerundivas de 'posterioridade' (ou 'coordenadas') (cf. 4.1.2. ex. (33)) só ocorrem em posição final, e são sempre precedidas de uma quebra entoacional

i) Os ladrões foram finalmente identificados, || sendo presos um dia depois.

ii) *Sendo presos um dia depois, os ladrões foram finalmente identificados.

²² Deixo aqui de parte as orações gerundivas ditas 'intercaladas', cujo estatuto é mais controverso.

as frases de a.:

- (109) a. Os chimpanzés constroem os seus ninhos juntando pequenos ramos.
b. Juntando pequenos ramos, os chimpanzés constroem os seus ninhos.
- (110) a. Os chimpanzés não constroem os seus ninhos juntando folhas secas.
b. *[Juntando folhas secas]_i, os chimpanzés não constroem os seus ninhos [-]_i.
- (111) a. A Ana acha que os chimpanzés constroem os seus ninhos juntando pequenos ramos.
b. *[Juntando pequenos ramos]_i, a Ana acha [que os chimpanzés constroem os seus ninhos [-]_i].

No entanto, a leitura 'reconstruída' parece ser possível quando está presente um verbo modal e o tempo futuro/condicional na frase subordinante:

- (112) a. O Zé não consegue chegar ao armário subindo para cima do banco.
b. Subindo para cima do banco, o Zé não consegue chegar ao armário.
- (113) a. Os atletas não conseguirão melhorar os resultados treinando só duas horas por dia.
b. Treinando só duas horas por dia, os atletas não conseguirão melhorar os resultados.
- (114) a. O treinador disse que os atletas não conseguiriam melhorar os resultados treinando só duas horas por dia.
b. Treinando só duas horas por dia, o treinador disse que os atletas não conseguiriam melhorar os resultados.

Não sei explicar a razão destes contrastes. O futuro e o condicional, assim como determinados verbos modais têm implicações óbvias na interpretação das gerundivas e de outras adverbiais.

Tal como foi descrito para as adverbiais finitas e infinitivas, também nas gerundivas é possível distinguir gerundivas periféricas e não periféricas pelo seu comportamento relativamente a: clivagem; resposta a interrogativas-Qu; escopo da negação matriz; interrogativas e negativas alternativas (cf. Lonzi 1988; Fernández

Lagunilla 1999).

3. Clivadas:

As **gerundivas periféricas** (de frase) não podem ocorrer em estruturas clivadas:

(115) *Foi estando doente que o Zé faltou às aulas. <causa>²³

(116) ?*Foi estando toda a gente a dormir que os ladrões entraram. <tempo>

(117) *É mesmo estando fora do país há tantos anos que o teu irmão fala bem português. <concessiva>

As **gerundivas não periféricas** (de predicado), pelo contrário, podem ocorrer em estruturas clivadas:

(118) Foi arrombando a porta com um maçarico que os ladrões conseguiram entrar. <modo/meio>

(119) É juntando pequenos ramos que os chimpanzés constroem os ninhos. <modo>

(120) Foi passeando à beira-mar que eu tive esta ideia. <tempo/modo?>

(121) Era treinando mais horas por dia que os atletas conseguiriam melhores resultados. <condição/modo?>

4. Respostas a interrogativas-Qu:

As **gerundivas periféricas** não podem ocorrer em respostas a interrogativas-Qu:

(122) - Por que é que o Zé faltou à aula?

- *Estando doente.

²³ João Costa (c.p.) observou que, mudando o tempo gramatical, a frase melhora:

i) ?É estando doente que o Zé falta às aulas.

ii) ?Era estando doente que o Zé faltava às aulas.

No entanto, parece-me que, neste caso, a interpretação da gerundiva já não é causal mas sim temporal – 'é quando está/estava doente que...!'. Veja-se a impossibilidade de esta gerundiva responder a uma interrogativa com 'porque' vs. possibilidade de responder a 'quando'. De facto, o tempo gramatical da oração matriz é um dos factores que condiciona a interpretação semântica da gerundiva. A forma como o tempo gramatical da matriz interfere na interpretação da gerundiva é uma questão que não explorei sistematicamente.

(123) – Em que circunstâncias é que o John fala muito bem português?

– *Mesmo sendo estrangeiro.

(124) – Quando é que os alunos saíram a correr?

a. - ??/*Tendo as aulas acabado.

As **gerundivas não periféricas**, pelo contrário, podem ocorrer em respostas a interrogativas-Qu:

(125) – Como é que os ladrões entraram em casa?

– Arrombando a porta com um maçarico.

(126) – Quando é que o João encontrou o irmão?

- Passeando pela baixa.

(127) – Como/Em que circunstâncias é que os atletas teriam melhores resultados?

– Treinando mais horas por dia.

5. Escopo da negação da frase matriz:

As **gerundivas periféricas** não podem estar sob o escopo da negação matriz.²⁴ A negação que aqui está em causa, como já foi dito, é a negação chamada por vezes 'negação de foco'.

(128) a. Estando triste, o Zé não foi ao cinema.

b. O Zé não foi ao cinema, estando triste (*mas sim estando muito interessado no filme).

Pelo contrário, as **gerundivas não periféricas** podem estar sob o escopo da negação matriz:

(129) O Zé não ligou o aparelho seguindo as instruções. (Ligou-o de qualquer maneira)

(130) Os chimpanzés não constroem os ninhos esburacando no solo. (Constroem-nos juntando pequenos ramos)

²⁴ Também as 'gerundivas de posterioridade' (ou 'coordenadas') têm de estar fora do escopo da negação matriz:

i) Os ladrões não foram imediatamente identificados, sendo presos uns dias depois (*mas sim sendo procurados pela polícia durante vários meses).

6. Interrogativas e negativas alternativas:

As **gerundivas periféricas** não podem ocorrer em interrogativas e negativas alternativas:

(131) *O Zé chegou atrasado tendo adormecido ou tendo apanhado um engarrafamento? <causa>

(132) *O Zé veio à aula mesmo estando doente ou mesmo tendo muito trabalho? <concessão>

(133) *Os pais foram para a cama tendo as crianças adormecido ou tendo o telejornal chegado ao fim? <tempo/causa>

Pelo contrário, as **gerundivas não periféricas** podem ocorrer em interrogativas e negativas alternativas:

(134) Os ladrões arrombaram a porta batendo com um martelo ou usando um maçarico? <modo/meio>

(135) Os atletas teriam melhores resultados alimentando-se melhor ou treinando mais horas por dia? <modo/condição>

(136) O Zé assistiu ao acidente passeando pela rua ou conduzindo na autoestrada? <tempo simultâneo>

7. Conclusão:

Temos assim claramente duas classes sintáticas de gerundivas adjuntas, estando a distribuição sintática das gerundivas aparentemente associada a diferentes possibilidades de valores semânticos:

- i) as gerundivas com interpretação de modo, modo/meio, modo/condição e tempo simultâneo têm comportamentos de adverbiais não periféricas;
- ii) as gerundivas de causa, tempo anterior, concessão têm comportamento de adverbiais periféricas.

4.3.2. Participiais - classe sintáctica

Quanto às **participiais**, o valor temporal é claramente o dominante. Santos 1999 afirma que pode também haver leituras secundárias de causa e condição se a classe aspectual do predicado assim o permitir.

(137) Corrigidos os testes, a professora lançou as notas. <temporal>

(138) Uma vez terminado o trabalho, o Zé poderá descansar. <temporal/
condicional?>

(139) Terminada a conferência, todos puderam ir para casa. <temporal/causal?>

Quanto aos testes sintácticos que temos estado a considerar, verificamos que as participiais adjuntas:

i) ocorrem de forma não marcada em posição inicial de frase:

(140) Chegada a casa, a Ana descalçou-se.

ii) apenas ocorrem em posição final de forma muito marcada e nunca sem serem precedidas de quebra entoacional (e ainda assim marginalmente), comportando-se assim como as gerundivas periféricas:

(141) ??A Ana descalçou-se, *(||) chegada a casa.

iii) não podem ser clivadas:

(142) *Foi chegada a casa que a Ana se descalçou.

(143) *É chegada a casa que a Ana se descalça.

iv) não podem estar sob o escopo da negação:

(144) *A Ana não se descalçou chegada a casa.

v) não podem estar sob o escopo de operadores de foco:

(145) *A Ana só se descalçou chegada a casa.

vi) não podem ocorrer em respostas a interrogativas-Qu:

(146) *Quando é que a Ana se descalçou?/ Chegada a casa.

vii) não podem ocorrer em interrogativas e negativas alternativas:

(147) *A Ana descalçou-se chegada a casa ou feito o trabalho?

(148) *A Ana não se descalçou chegada a casa, mas sim feito o trabalho.

Concluimos assim que as participiais adjuntas têm comportamentos típicos de adverbiais periféricas.

4.3.3. Gerundivas e participiais vs. finitas e infinitivas

Assim, as diferentes classes semânticas de orações gerundivas e as orações participiais estão sintacticamente distribuídas da seguinte forma:

- orações não periféricas: gerundivas de modo/meio/instrumento/condição, gerundivas de tempo simultâneo.
- orações periféricas: gerundivas causais, gerundivas de tempo anterior (ou simultâneo), gerundivas condicionais, gerundivas concessivas, participiais.

As gerundivas causais e de tempo não simultâneo assim como as participiais contrastam sistematicamente com as orações finitas e infinitivas causais e de tempo não simultâneo relativamente ao comportamento que manifestam numa série de construções sintáticas.

As participiais e um subconjunto de gerundivas comportam-se como adverbiais periféricas, ao contrário das finitas e infinitivas correspondentes.

Assim, as finitas e infinitivas causais com *por* e *porque* podem ocorrer em posição final sem quebra entoacional, o que não acontece com as gerundivas causais, que ocorrem apenas em posição inicial:

- (149) a. O João chegou atrasado por haver muito trânsito.
b. O João chegou atrasado porque havia muito trânsito.
c. *O João chegou atrasado havendo muito trânsito.
c'. Havendo muito trânsito, o João chegou atrasado.
(= Uma vez que havia muito trânsito, ...)

As finitas e infinitivas causais com *por* e *porque* admitem a clivagem, o que não se verifica relativamente às gerundivas causais:

- (150) a. Foi por haver muito trânsito que o João chegou atrasado.

- b. Foi porque havia muito trânsito que o João chegou atrasado.
- c. *Foi havendo muito trânsito que o João chegou atrasado.

As finitas e infinitivas causais com *por* e *porque* podem ocorrer em respostas a interrogativas-Qu, o que não acontece com as gerundivas causais

(151) Por que é que o João chegou atrasado?

- a. - Por haver muito trânsito.
- b. - Porque havia muito trânsito.
- c. - *Havendo muito trânsito.

As finitas e infinitivas temporais com *depois de/que* podem ocorrer em posição final sem quebra entoacional, o que não se verifica relativamente às participiais e gerundivas de tempo anterior, que tipicamente ocorrem em posição inicial:

(152) a. O João telefonou-me depois de chegar a casa.

b. O João telefonou-me depois que chegou a casa.

c. *O João telefonou-me chegado a casa.

c'. Chegado a casa, o João telefonou-me.

d. *O João telefonou-me tendo chegado a casa.

d'. Tendo chegado a casa, o João telefonou-me.

As finitas e infinitivas temporais com *depois de/que* podem estar sob o escopo de operadores de foco, o que não acontece com as participiais e com as gerundivas de tempo anterior:

(153) a. O João só me telefonou depois de chegar a casa.

b. O João só me telefonou depois que chegou a casa.

c. *O João só me telefonou chegado a casa.

d. *O João só me telefonou tendo chegado a casa.

As finitas e infinitivas temporais com *depois de/que* podem ocorrer em respostas a interrogativas-Qu, o que não se verifica relativamente às participiais e gerundivas de tempo anterior:

(154) Quando é que o João te telefonou?

a. - Depois de chegar a casa.

b. - Depois que chegou a casa.

- c. - *Chegado a casa.
- d. - *Tendo chegado a casa.

As orações gerundivas que marcam o tempo simultâneo e as orações gerundivas de modo comportam-se de forma diferente das gerundivas causais e de tempo anterior. Têm comportamentos típicos de adverbiais não periféricas. Aproximam-se, por conseguinte, das adverbiais finitas e infinitivas correspondentes.

Assim, quer as temporais finitas com *quando*, quer as gerundivas de tempo simultâneo podem ocorrer em posição final sem quebra entoacional (cf. (155)), podem constituir resposta a interrogativas-Qu (cf. (156)), podem estar sob o escopo da negação matriz (cf. (157)), e admitem a clivagem (cf. (158)):

- (155) a. O João teve essa ideia quando estava a passar férias em Roma.
 - b. O João teve essa ideia estando a passar férias em Roma.
- (156) Quando é que o João teve essa ideia?
 - a. - Quando estava a passar férias em Roma.
 - b. - Estando a passar férias em Roma.
- (157) a. O João não teve essa ideia quando estava a passar férias em Roma.
 - b. O João não teve essa ideia estando a passar férias em Roma.
- (158) a. Foi quando estava a passar férias em Roma que o João teve essa ideia.
 - b. Foi estando a passar férias em Roma que o João teve essa ideia.

Também as gerundivas com interpretação de modo têm comportamentos semelhantes:

- (159) Os meninos construíram a cabana usando canas e folhas.
- (160) - Como é que os meninos construíram a cabana?
 - Usando canas e folhas.
- (161) Os meninos não construíram a cabana usando canas e folhas.
- (162) Foi usando canas e folhas que os meninos construíram a cabana.

Voltarei a estes contrastes mais adiante.

4.3.4. Posição estrutural das várias classes de gerundivas e participiais; estatuto discursivo

Estruturalmente, há razões para pensar que gerundivas não periféricas e periféricas ocupam posições semelhantes às de finitas e infinitivas da mesma classe, uma vez que têm comportamentos semelhantes. Considero assim que a análise que foi proposta em 3. para as adverbiais finitas e infinitivas é extensível às gerundivas e participiais.

Tudo leva a crer que as gerundivas não periféricas à direita são geradas numa posição de adjunção a VP (cf. também Lonzi 1988) e que gerundivas e participiais periféricas possam ser adjuntas à esquerda quer a CP (ou a AgrSP eventualmente), quer a TP. As gerundivas periféricas ocupam posições periféricas altas, ao passo que as gerundivas não periféricas são adjuntas a posições baixas. Isto é mostrado pelo comportamento das adverbiais nos testes que envolvem questões de escopo (e.g. negação), se admitirmos que este tipo de Neg é um nó funcional acima de VP, e ainda pela diferente marcação prosódica aparentemente associada a cada um dos tipos de adverbiais. De facto, as orações gerundivas periféricas (de frase) têm sido tratadas na literatura como estando adjuntas a CP (cf. Espunya 1996, p.ex.) ou a IP (cf. Lonzi 1988; Ambar 1988, p.ex.).

A hipótese de adjunção a VP de adverbiais não periféricas é confirmada ainda pela possibilidade de deslocar o VP complexo ou apenas o VP nuclear:

(163) a. Foi [amarrar a senhora usando a corda do estendal] o que os ladrões fizeram.

b. Foi [amarrar a senhora] o que os ladrões fizeram [usando a corda do estendal].

(164) a. Foi [construir a cabana usando pequenos ramos], o que o João fez.

b. Foi [construir a cabana], o que o João fez [usando pequenos ramos].

(165) a. Foi [fumar um cigarro passeando pela baixa] o que o João fez.

b. Foi [fumar um cigarro] o que o João fez [passeando pela baixa].

Para além disso, a impossibilidade de o sujeito nulo da gerundiva ser controlado pelo objecto matriz sugere que este não a c-comanda:

(166) Os ladrões_i prenderam a velhota_j [-]_{i/*j} gritando.

Outros argumentos para a adjunção de periféricas a CP vêm da possibilidade de a gerundiva poder preceder um constituinte interrogativo em Spec,CP matriz:

(167) Estando o Pedro com febre, quem fica a tomar conta dele?

(168) Terminado o trabalho, quem me pode ajudar?

A possibilidade de adjunção a AgrSP ou a um CP recursivo em encaixadas é exemplificada pelas seguintes frases:

(169) O João acha que, estando todos de acordo, (que) poderemos terminar a reunião.

(170) O João acha que, terminada a campanha eleitoral, haverá mais sossego.

As seguintes frases, em que o sujeito presumivelmente não está deslocado (cf. referências no §3.), confirmam a possibilidade de adjunção a TP²⁵:

(171) ?Nenhum país, sendo a América tão forte, ousaria atacá-la.

(172) ?Ninguém, ouvida a sentença, poderá protestar.

O comportamento de cada um dos tipos de adverbais relativamente às construções referidas acima indicia, por um lado, que adverbais periféricas e adverbais não periféricas ocupam uma diferente posição estrutural, e, por outro lado, que elas estão associadas a diferentes propriedades discursivas (i.e. [+ pressuposicional] / [α pressuposicional]). Como vimos, estes testes têm em comum o facto de envolverem construções de alguma forma associadas a foco. As adverbais de frase (ou periféricas) são incompatíveis com construções de focalização, sendo plausível pensar que lhes está associado um valor pressuposicional.

No caso das orações finitas e infinitivas, tomámos o comportamento das diversas classes de adverbais como sendo uma consequência de traços discursivos codificados nos seus conectores. A mesma explicação não é possível nem para gerundivas, nem para participiais. Como derivar então o estatuto sintáctico-discursivo das diversas classes de

²⁵ Há que considerar a hipótese de a gerundiva ter aqui um estatuto de 'oração intercalada'. As estruturas intercaladas, como é sabido, têm uma distribuição muito mais livre. No entanto, quando os elementos 'intercalados' são de natureza frásica, não é fácil saber qual o seu estatuto exacto, uma vez que as orações constituem normalmente domínios entoacionais independentes.

gerundivas e participiais?

As gerundivas periféricas e as participiais, apesar de não terem normalmente conector, parecem ter também uma leitura pressuposicional. Veja-se, por exemplo, que uma gerundiva causal só pode ser parafraseada por uma causal finita periférica, mas não por uma causal não periférica:

- (173) a. Estando doente, o Zé não pôde fazer o exame.
b. Como estava doente, o Zé não pôde fazer o exame.
c. ≠ O Zé não pôde fazer o exame porque estava doente.

Repare-se também que determinadas gerundivas cuja leitura poderia ser tomada como não pressuposicional são marginais, contrastando com as finitas e infinitivas correspondentes:

- (174) a. ??/*Tendo as crianças adormecido, os pais poderão sair.
b. Quando as crianças tiverem adormecido, os pais poderão sair.
c. Depois de as crianças terem adormecido, os pais poderão sair.

Quanto às participiais, verificamos que existem também restrições. A leitura secundária condicional só é marginalmente possível se estiver presente um verbo modal na matriz, e ainda assim a interpretação da adjunta finita é claramente diferente daquela que recebe a participial, que pressupõe que o conteúdo proposicional da adjunta é verdadeiro:

- (175) a. Se entregarem o trabalho, os alunos terão uma bonificação.
b. Entregado o trabalho, os alunos terão uma bonificação.
<ok temporal 'Depois de entregarem o trabalho,...'
*condicional 'Se entregarem o trabalho,...'>

- (176) a. Se entregarem o trabalho, os alunos poderão ter uma bonificação.
b. Entregado o trabalho, os alunos poderão ter uma bonificação. <ok temporal/??condicional>

Estes contrastes sugerem as seguintes questões:

- o que força a leitura pressuposicional de participiais e gerundivas periféricas?
- como se pode explicar que as adverbiais causais e de tempo anterior finitas e infinitivas tenham um comportamento sintáctico diferente de gerundivas e participiais com a mesma interpretação semântica?
- por que razão há gerundivas com diferentes comportamentos sintácticos? Como explicar isso na ausência de conectores?
- como se explica que as participiais só tenham comportamento de periféricas?
- de que forma é que a interpretação semântica destas adverbiais condiciona o seu comportamento sintáctico (ou vice-versa)?

Procurarei responder a algumas destas questões na próxima secção.

4.3.5. Diferenças relevantes: gerundivas e participiais vs. finitas e infinitivas - o estatuto morfológico das orações gerundivas e participiais

Como explicar o comportamento de gerundivas e participiais, em particular a diferença manifesta relativamente a adverbiais finitas e infinitivas semanticamente correspondentes?

Consideremos a seguinte hipótese: gerúndio e participípio são morfológicamente defectivos. Isto é, T de gerúndio e participípio, quando se encontra c-comandado por T matriz, é anafórico, isto é, terá de tomar a sua referência temporal de T matriz, o que implica que seja sempre interpretado como simultâneo. T de gerundivas e participiais não corresponderia assim a um T pleno, mas a um T fraco, ou se quisermos a um nó aspectual, que, sob o domínio de um T pleno, fica temporalmente dependente deste²⁶.

²⁶ Em Ambar 1988 está presente a ideia de que T [-T, -forte] é anafórico e precisa de ser regido. Na minha análise, embora mantenha a ideia de um certo carácter 'anafórico'/dependente de T de gerundivas e participiais, assumo que T de gerundivas e participiais não é necessariamente estruturalmente dependente de T matriz. Apenas quando se encontra numa posição estrutural em que há c-comando por T matriz (o que, na minha análise, só se verifica em posições de adjunção 'baixas' e não em posições de adjunção a TP ou CP), é que T ficará 'ligado' por T matriz.

Hipótese

- T de gerundivas e participiais adjuntas é defectivo: quando c-comandado por T matriz, tem um comportamento anafórico, i.e. é obrigatoriamente interpretado como sendo temporalmente co-referente com T matriz, ou seja temporalmente simultâneo a/dependente de T matriz

Se isto for verdade, é plausível que determinadas interpretações não possam ocorrer quando a gerundiva ocupa uma posição baixa, i.e. quando está sob o domínio de c-comando de T matriz. Isso daria origem a um choque semântico, a uma incompatibilidade de natureza semântica.

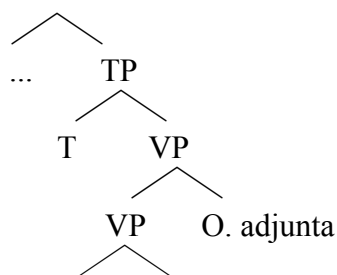
A interpretação semântica de causa e de tempo anterior implicam que a subordinada seja interpretada como temporalmente anterior. Veja-se que a relação causa-efeito corresponde também a uma relação de ordenação temporal (cf. § 3.1.)²⁷. Assim, é plausível supor que as gerundivas causais e temporais não simultâneas não possam ocorrer sob a dependência de T matriz.

O facto de o gerúndio ser morfologicamente defectivo, em conjunto com restrições de natureza semântica explicam assim que as gerundivas de causa e de tempo anterior sejam obrigatoriamente projectadas fora de TP, e tenham conseqüentemente comportamentos típicos de adverbiais periféricas.

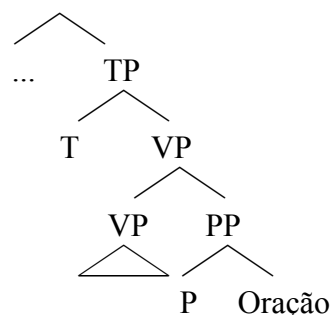
A dependência obrigatória de T matriz não se verifica no caso de infinitivas e finitas. Neste caso, pode supor-se ou que T não é anafórico ou que os conectores bloqueiam a dependência de T matriz. Tratando-se de uma relação que se estabelece entre núcleos, haverá bloqueio da relação se um núcleo lexical se interpuser:

²⁷ Recorde-se os dados que foram referidos em 3.1., que mostram que em várias línguas em que um conector pode ter quer interpretação final quer causal o facto de o verbo estar no infinitivo composto é suficiente para condicionar a leitura causal. Assim, a anterioridade temporal é um traço associado à relação de causalidade. Cf. também Hengeveld 1998 que refere que a causa tem sempre referência temporal independente.

(177)



(178)



Quanto às participiais, pode assumir-se uma análise semelhante. Se assumirmos que o particípio passado é também defectivo, e portanto anafórico quando sob a dependência de T matriz, as restrições verificadas com as participiais podem ser explicadas. Na realidade, o particípio passado das adverbiais é inerentemente [perfectivo]. Por conseguinte, se ocorrer numa posição c-comandada por T matriz, haverá uma incompatibilidade de natureza semântica. Na ausência de preposição ou de conector adverbial, T defectivo do particípio passado será obrigatoriamente 'ligado' por T matriz.²⁸

A interpretação exclusivamente [+ pressuposicional] associada às gerundivas causais e de tempo anterior, assim como às participiais corresponderá assim a uma espécie de efeito co-lateral, ou seja, será uma consequência indirecta de propriedades morfológicas dos gerúndios e dos particípios das línguas românicas.

Esta hipótese prediz que, no caso de a gerundiva ou participial ser introduzida por um conector (não pressuposicional), a leitura não dependente seja facilitada.

Esta predição parece confirmar-se, a avaliar pelos contrastes apresentados em Santos 1999 relativamente a participiais com conectores²⁹:

(179) a. *Foi assaltado que o Luis entrou em pânico.

b. ?/ok Foi uma vez assaltado que o Luis entrou em pânico.

²⁸ Se isto for verdade, ter-se-á de admitir que as participiais predicativas têm um estatuto morfológico diferente, estando possivelmente mais próximas de categorias adjectivais, uma vez que podem ocorrer sob o domínio de c-comando de T matriz:

i) O João leu o livro sentado no meio do chão.

²⁹ Ambar 1988 nota pela primeira vez contrastes entre orações com e sem a expressão adverbial *uma vez* relativamente à legitimação da ordem Su-V e relativamente à legitimação de orações cujo predicado é de natureza adjectival, nominal ou preposicional.

(180) a. *Foi assaltado o Luís que os ladrões fugiram.

b. ?/ok Foi uma vez assaltado o Luís que os ladrões fugiram.

(exs. de Santos 1999: 134)

Também dados do português dialectal apontam no mesmo sentido. De facto, são possíveis gerundivas não periféricas introduzidas por *em* com sujeitos lexicais. O estatuto não periférico destas orações é comprovado pelo facto de a oração recair sob o escopo do operador *só*. Estas orações parecem assim ter comportamentos semelhantes às orações finitas introduzidas por *quando*³⁰:

(181) E bem só se vêem em chegando o tempo das águas. (Cordial-sin, LVR33)

Tal como acontece com as adverbiais não periféricas finitas e infinitivas, a posição inicial ou final das gerundivas não periféricas (i.e. com interpretação de modo, de condição/mo, ou de tempo simultâneo) será determinada pelo seu estatuto informacional, o que é confirmado, mais uma vez, através de pares pergunta-resposta (cf. testes de Ambar 1999 para o estatuto discursivo dos constituintes):

(182) - Como é que os meninos construíram a cabana?

a. - #Juntando canas e folhas, os meninos construíram a cabana.

b. - (Os meninos construíram a cabana) juntando canas e folhas.

(183) - O que fizeram os meninos juntando canas e folhas?

a. - Juntando canas e folhas, os meninos construíram uma cabana.

b. - #Os meninos construíram uma cabana juntando canas e folhas.

(184) - O que aconteceu?

a. - Os meninos construíram uma cabana juntando canas e folhas.

b. - ??Juntando canas e folhas, os meninos construíram uma cabana.

(185) - Quando é que tiveste essa ideia fantástica?

a. - #Passeando à beira-mar, tive esta ideia fantástica.

b. - (Tive esta ideia fantástica) passeando à beira-mar.

³⁰ Ambar (1988/1992: 121) também observa que a presença de *em* torna possíveis gerundivas com sujeitos disjuntos e sem auxiliar.

(186) - O que é que te aconteceu passeando à beira-mar?

a. - Passeando à beira-mar, tive uma ideia fantástica.

b. - #Tive uma ideia fantástica passeando à beira-mar.

(187) - O que aconteceu?

a. - Tive uma ideia fantástica passeando à beira-mar.

b. - ??Passeando à beira-mar, tive uma ideia fantástica.

As gerundivas não periféricas em posição final constituem o foco ou fazem parte dele. As gerundivas não periféricas em posição inicial correspondem a um tópico, ou dão o enquadramento da situação.

4.4. Gerundivas periféricas vs. gerundivas não periféricas e participiais - diferentes propriedades internas

Curiosamente, para além das diferenças de comportamento a nível externo, gerundivas não periféricas e gerundivas periféricas distinguem-se também quanto a uma série de propriedades internas (cf. Lonzi 1991 e Fernández Lagunilla 1999)³¹. Também as participiais se caracterizam por apresentarem uma série de restrições, conforme descrito em Santos 1999.

4.4.1. Propriedades internas de gerundivas do português

1. Sujeito lexical:

Um dos aspectos que distingue gerundivas periféricas de gerundivas não periféricas consiste na possibilidade de a gerundiva ter um sujeito lexical (invertido) marcado com Caso nominativo.

Só nas **gerundivas periféricas** pode ocorrer um sujeito lexical. Em português padrão (tal como em italiano e em espanhol), esse sujeito ocorre geralmente em posição pós-verbal (ou pós-auxiliar), como foi observado por vários autores (cf. Brito 1984; Ambar 1988; Barbosa 1995), e pode corresponder a um pronome com Caso nominativo:

(188) a. Tendo este aluno desistido, poderemos abrir mais uma vaga. <causa>

b. *Este aluno tendo desistido, poderemos abrir mais uma vaga.

(189) a. Mesmo sendo o Zé pouco simpático, a Ana está a pensar convidá-lo.

<concessão>

b. *Mesmo o Zé sendo pouco simpático, a Ana está a pensar convidá-lo.

Nas **gerundivas não periféricas**, não são admitidos sujeitos lexicais:

(190) a. *Os chimpanzés (só) constroem os ninhos juntando as fêmeas pequenos ramos. <modo> vs.

³¹ Algumas das propriedades aqui referidas para as gerundivas periféricas do português são também referidas em Santos 1999, onde se mostra que existe um contraste entre participiais absolutas e gerundivas absolutas.

- b. Os chimpanzés constroem os ninhos, || juntando as fêmeas pequenos ramos. (gerundiva de 'posterioridade')
- c. Os chimpanzés constroem os ninhos juntando pequenos ramos.

- (191) a. *O Zé encontrou o irmão passeando a mulher por Paris. <tempo>
- b. O Zé encontrou o irmão, || passeando a mulher por Paris.
 - c. O Zé encontrou o irmão passeando por Paris.

2. Negação:

Gerundivas periféricas e gerundivas não periféricas distinguem-se também quanto à possibilidade de terem negação própria.

As **gerundivas periféricas**, muito mais facilmente do que as gerundivas não periféricas, admitem negação própria (cf. também Guéron & Hoekstra 1995):

- (192) Não chegando a horas, terás dificuldade em estacionar. <condição>
- (193) Não tendo sido colocada, a Ana começou a enviar currículos para várias empresas. <causa>
- (194) Mesmo não tendo muita fome, vou almoçar. <concessão>

Nas **gerundivas não periféricas**, a negação só é admitida quando a gerundiva tem interpretação de modo, sendo o evento interpretado como intencional (cf. (197)):

- (195) a. *O Zé fez o bolo não batendo as claras em castelo. <modo> vs.
- b. O Zé fez o bolo, || não batendo as claras em castelo.
 - c. O Zé fez o bolo sem bater as claras em castelo.
- (196) a. *O Zé montou a estante não seguindo as instruções. vs.
- b. O Zé montou a estante sem seguir as instruções.
- (197) O Zé irritou o professor não respondendo (deliberadamente) a nenhuma pergunta.

3. Auxiliar:

As gerundivas periféricas distinguem-se ainda das não periféricas quanto à possibilidade de ocorrer o gerúndio composto, ou se quisermos quanto à possibilidade

de ocorrer o verbo auxiliar *ter*.

Nas **gerundivas periféricas**, pode ocorrer o gerúndio composto (marcando a anterioridade):

(198) Tendo chegado atrasado, o Zé já não arranjou lugar sentado. <causa>

(199) Tendo os filhos finalmente adormecido, os pais puderam descansar.
<tempo>

(200) Mesmo tendo recebido lições extra, o Zé não passou no exame.
<concessão>

(201) ?Tendo chegado mais cedo, terias conseguido arranjar lugar sentado.
<condição>

Nas **gerundivas não periféricas**, isto não acontece:³²

(202) a. O cozinheiro (não) fez o bolo misturando os ovos com as nozes. <modo>

b. ?*O cozinheiro (não) fez o bolo tendo misturado os ovos com as nozes.

c. O cozinheiro fez o bolo, # tendo (para isso) misturado os ovos com as nozes.

(203) a. O Zé descobriu a solução passeando pela cidade. <tempo>

b. *O Zé descobriu a solução tendo passeado pela cidade.

(204) a. O Zé recebeu a notícia estando (ainda) em Paris. <tempo>

b. *O Zé recebeu a notícia tendo estado em Paris.

c. O Zé recebeu a notícia, # tendo estado em Paris...

4. Determinações temporais:

As gerundivas periféricas distinguem-se também das não periféricas quanto à possibilidade de a gerundiva ter determinações temporais distintas da matriz.

³² O facto de as gerundivas periféricas poderem ocorrer, ainda que de forma marcada, em posição final pode por vezes dificultar a interpretação. A inserção da expressão anafórica 'para isso' força a interpretação correspondente à gerundiva periférica. Assim, as frases com gerundivas não periféricas devem ser lidas sem qualquer pausa ou quebra entoacional antes da gerundiva. Caso contrário, podemos estar a lidar não com uma gerundiva não periférica, mas com uma gerundiva periférica posposta. Agradeço a Manuela Ambar e a Rita Veloso terem-me sugerido a inserção de 'para isso' como forma de testar o estatuto da gerundiva.

As **gerundivas periféricas** admitem facilmente determinações temporais distintas da matriz:

(205) Recebendo hoje a confirmação, entregar-lhe-ei o documento amanhã.

<anterioridade>

(206) Chegando a tua mãe amanhã, comecei hoje a arranjar o quarto.

<posterioridade>

(207) Tendo recebido ontem o seu pedido, dir-lhe-ei brevemente se está tudo em ordem. <anterioridade>

Isto não acontece com as **gerundivas não periféricas**:

(208) a. *Os chimpanzés fizeram hoje os ninhos juntando ontem muitos ramos.

b. Os chimpanzés fizeram hoje os ninhos, juntando ontem (para isso) muitos ramos.

(209) a. ?*O Zé fez hoje o bolo batendo os ovos ontem.

b. O Zé fez hoje o bolo, batendo os ovos ontem.

(210) a. *O Zé fez ontem o bolo decorando-o hoje.

b. O Zé fez ontem o bolo, decorando-o hoje.

5. Interpretação dos sujeitos nulos:

As gerundivas periféricas distinguem-se ainda das não periféricas quanto às possibilidades de interpretação dos sujeitos nulos.

Nas **gerundivas periféricas**, embora seja geralmente assumido na literatura que o sujeito nulo da gerundiva é co-referente com o sujeito da matriz (cf. Brito 2003), existem alguns contextos em que o sujeito nulo da gerundiva não é identificado pelo sujeito da matriz. De facto, a identificação pelo objecto (directo, indirecto ou preposicionado) está excluída:

(211) ?* [-]_i Sendo muito nervosa, o Zé tenta não afligir [a mãe]_i.

(212) ?* [-]_i Sendo muito nervosa, o Zé deu um calmante [à mãe]_i.

(213) ?* [-]_i Estando um pouco deprimida, o Zé resolveu falar com [a amiga]_i.

No entanto, nas gerundivas periféricas do português, os sujeitos nulos:

- podem corresponder a expletivos:

(214) [-] Tendo chovido durante toda a tarde, o jardim estava todo molhado.

- podem ter interpretação arbitrária:

(215) [-] Fumando mais de um maço por dia, aumenta o risco de surgimento de cancro do pulmão.

- podem ser identificados por um tópico:

(216) a. [O bebé]_i está com febre há três dias. [-]_i Continuando assim, acho que o devemos levar ao médico.

b. [Eles]_i construíram já duas casas. [-]_{i/??j} Acabando de fazer a terceira, [a mãe]_j poderá ir morar para o pé deles.

- podem ser identificados marginalmente por um DP inserido num sujeito oracional de uma encaixada:

(217) a. ??[-]_i Estando com febre, a mãe achou que era melhor [[o Zé]_i ficar em casa].

b. ??[-]_i Estando com febre, não me agrada [que [o Zé]_i vá à escola].

Contudo, o caso mais frequente é sem dúvida a identificação do sujeito nulo da gerundiva pelo sujeito matriz:

(218) [-] Estando doente, o João ficou em casa.

Quando o sujeito da gerundiva periférica é lexical, é possível, em determinados contextos, a co-referência com o sujeito nulo da matriz, como foi aliás observado por Ambar 1988:

(219) Tendo o João_i sofrido um acidente, [-]_i teve de ficar internado durante uma semana.

(220) Estando a Ana_i a sair de casa, [-]_i ouviu um ruído estranho.

(221) Não sabendo o Rui_i falar inglês, [-]_i dificilmente se poderá fazer entender.

Quanto às **gerundivas não periféricas** (ou de predicado)³³ do português, é possível que o sujeito nulo seja identificado pelo sujeito da matriz, e marginalmente pode ter interpretação arbitrária, quando a oração matriz tem um valor genérico e não contém nenhum argumento humano específico.

(222) Foi [-]_{i/*j} gritando em altos berros que o pai_i castigou o Zé_j.

(223) Foi [-]_{i/*j} usando uma corda que a velhota_i prendeu os ladrões_j.

(224) ?É [-]_{arb} usando uma serra eléctrica que as árvores são mais fáceis de podar.

(225) ??É [-]_{arb} bebendo-a numa caneca que a cerveja sabe melhor.

(226) ?É [-]_{arb} usando água quente que a gordura sai melhor.

Ao contrário do que acontece nas gerundivas periféricas, não são possíveis nem a identificação pelo objecto ou agente da passiva da matriz, nem sujeitos expletivos, nem a identificação por um tópico:

(227) *Foi [-]_i usando uma corda que a velhota foi presa pelos ladrões_i.

(228) ?*Foi [-]_{expl} chovendo a potes que o Zé saiu de casa.

(229) O João_i está com muita febre. ?*É [-]_i continuando assim que os pais o levarão ao médico.

Nalguns casos é possível a identificação por um argumento experienciador da matriz:

(230) Essa ideia ocorreu-me_i [-]_i passeando à beira-mar.

4.4.2. Propriedades internas de participiais do português

Algumas das restrições internas referidas para as gerundivas não periféricas encontram-se também relativamente às **participiais**, o que tem sido referido por vários autores (cf. Kayne 1975; Belletti 1990; Ambar 1996; Santos 1999; e.o.) . Assim, em português europeu standard, as participiais:

³³ O facto de a gerundiva estar integrada numa estrutura clivada permite ter a certeza de que se trata de uma gerundiva não periférica e não de uma gerundiva periférica.

a) não admitem geralmente sujeitos pré-verbais:

(231) a. Chegada a mãe, o Zé pôs a mesa.

b. *A mãe chegada, o Zé pôs a mesa.

b) não admitem (facilmente) a negação:

(232) *Não acabado o trabalho, o Zé ficou muito desanimado.

(233) ??Não encontrados os culpados, o processo foi arquivado.

c) não admitem a ocorrência de Auxiliares:

(234) *(Uma vez) tido comido o bolo, o João... (Santos 1999: 41)

d) não admitem determinações temporais distintas da matriz:

(235) *Chegada hoje a Ana, faremos a reunião amanhã.

e, para além disso,

e) não admitem pronomes clíticos (quer acusativos, quer dativos)³⁴, o que não se verifica em gerundivas:

(236) a. *Fuzilado-o, nenhum outro quis ser chefe. (Santos 1999: 40)

b. Fuzilando-o, iniciaram uma guerra interminável.

(237) a. *Enviada-lhe a carta, nada mais havia a fazer.

b. Enviando-lhe a carta, resolves o problema.

³⁴ Ambar 1996 explica a impossibilidade de ocorrerem clíticos acusativos em português através da hipótese de que os morfemas de concordância de PPass (*o/a/os/as*) têm de receber Caso Acusativo, impedindo o objecto de verificar Caso Acusativo. No entanto, a restrição verifica-se também relativamente a clíticos dativos (cf. (237)).

Em português, a restrição à cliticização nos participios passados parece ser generalizada. Nenhuma forma participial (a que entra na formação de tempos compostos com o Aux *ter*, a que entra na construção passiva com o verbo *ser*, a que entra em orações participiais) admite cliticização em português:

i) O João tem-me telefonado./*O João tem telefonado-me.

ii) Foram-me sugeridas algumas alterações./*Foram sugeridas-me algumas alterações.

iii) *Contada-lhe a história, a mãe apagou a luz.

No caso da construção passiva, o Caso Acusativo deixa de estar disponível, mas mantém-se a possibilidade de ocorrência de clíticos dativos junto do verbo *ser*:

iv) O João foi morto/*Foi-o morto./*Foi morto-o.

v) A carta foi enviada a todos./A carta foi-nos enviada./*A carta foi enviada-nos.

Em italiano, pelo contrário, parecem ser possíveis cliticizações a participios passados:

vi) Ringrazio cotesto Istituto per il prestito concessomi. (Moretti 1992:142)

vii) Conosciutami,... (Belletti 1990: 104)

viii) Salutatala,... (Belletti 1990: 104)

ix) Criticatasi,... (Belletti 1990: 107)

A posição pré-verbal do sujeito, que corresponde sempre a um argumento interno do participípio, só é admissível marginalmente em determinadas condições discursivas muito restritas (cf. Ambar 1988; Santos 1999):

(238) ??A conta paga, eles levantaram-se e saíram. (Ambar 1988/1992: 321)

Como foi descrito em Ambar 1988, a ordem Su-V torna-se possível quando a participial é introduzida por uma expressão adverbial:

(239) Uma vez a conta paga, eles levantaram-se e saíram. (Ambar 1988/1992: 321)

Ainda, contrariamente àquilo que acontece com as gerundivas, existem restrições à realização fonética de um sujeito pronominal.³⁵

(240) a. Chegada a Ana, começou a reunião.

b. ??Chegado/a eu, começou a reunião.

c. ?*Chegado/a tu, começou a reunião.

d. ??Chegado ele, começou a reunião.

e. ??Chegados nós, começou a reunião.

f. ??Chegados eles, começou a reunião.

(241) a. Convidada a Ana, o João deu os telefonemas por terminados.

b. ?*Convidado/a eu, ...

c. *Convidado tu,...

d. ?*Convidada ela,...

e. ?*Convidados nós,...

f. ?*Convidados eles,...

Parece ser melhor a ocorrência de um pronome forte como *você*:

³⁵ De acordo com Ambar 1996 (cf. n. 21), os pronomes de segunda pessoa são piores do que os de primeira e terceira pessoa, que parecem ser melhores com verbos inacusativos do que com verbos transitivos.

Existe variação entre os falantes do português quanto à aceitação de sujeitos pronominais em orações absolutas com participípio passado. Para alguns falantes, as frases com sujeitos pronominais (pelo menos os de primeira e terceira pessoas) são perfeitas; para outros (entre os quais me incluo), estas frases são claramente marginais. Os juízos aqui referidos dizem respeito às intuições deste segundo grupo de falantes.

(242) "é como se, morto você, só eu pudesse preencher o espaço que ocupava"

(J. Saramago, *Ano da Morte de Ricardo Reis*)

Esta situação contrasta claramente com aquilo que acontece em gerundivas, em que a realização do pronome é perfeitamente gramatical:

(243) a. Estando a Ana doente, adiámos a reunião.

b. Estando eu doente, adiámos a reunião.

c. Estando tu doente, adiámos a reunião..

d. Estando ela doente, adiámos a reunião.

e. Estando nós doentes, adiámos a reunião.

f. Estando eles doentes, adiámos a reunião.

Verifica-se assim que as participiais manifestam mais restrições internas do que as gerundivas.

Quanto à **interpretação do sujeito nulo em participiais**, verificamos que em português, a leitura menos marcada corresponde àquela em que sujeito da matriz e sujeito da participial são co-referentes. Raposo 1981 e Ambar 1988 observaram que enquanto a identificação pelo sujeito da matriz é possível, a identificação pelo objecto directo da matriz é impossível:

(244) a. *Chegada [-] a casa, o Pedro beijou a Maria.

b. Chegado [-] a casa, o Pedro beijou a Maria. (cf. Ambar 1988)

(245) a. *Corrigidos à pressa, a professora distribuiu os trabalhos no dia seguinte.

b. Corrigidos à pressa, os trabalhos foram distribuídos no dia seguinte.

(Raposo 1981)

No entanto, como foi também observado por Eliseu 1988 e Santos 1999, a referência disjunta também é possível, desde que o contexto linguístico e pragmático permitam essa leitura. Temos assim uma situação próxima daquela que foi descrita relativamente às gerundivas: o sujeito nulo da participial pode ser referencialmente dependente do sujeito da matriz, do sujeito de uma encaixada, de um complemento do verbo matriz, ou de um tópico discursivo:

(246) Uma vez pintada [-]_i, a sala_i ficou com outro aspecto.

(247) Uma vez pintada [-]_i, o Zé acha que a sala_i ficará com outro aspecto.

- (248) Uma vez operado [-]_i, os enfermeiros levaram-me_i para o quarto.
- (249) Chegado [-]_i a Lisboa, pareceu-me_i que a cidade tinha perdido o seu encanto.
- (250) Chegado [-]_i a casa, disseram-me_i que tinha havido um ataque terrorista nos E.U.A..
- (251) Uma vez chegada [-]_i ao MIT, o orientador aconselhou-a_i a mudar de tema de tese (Eliseu 1988, citado em Santos 1999)
- (252) O Pedro construiu esta casa em 1970, mas uma tempestade fê-la ruir. Uma vez destruída [-]_i, o João comprou a casa_i ao Pedro. (Santos 1999: 138)
- (253) Chegada [-]_i a Londres, começou a trovejar. (Eliseu 1988, citado em Santos 1999)

As participiais, por conseguinte, não se comportam como estruturas de controlo obrigatório.

Por sua vez, o sujeito lexical de uma participial absoluta é normalmente referencialmente disjuncto do sujeito da matriz (cf. Ambar 1988).

- (254) *Chegado o Pedro_i, [-]_i ofereceu flores à Maria. (Ambar 1988/1992: 322)

No entanto, são também (marginalmente) admitidos casos de co-referência:

- (255) ??Chegada a Ana_i, [-]_i foi recebida com um forte aplauso.

O sujeito lexical pode ainda ser co-referente com um pronome complemento:

- (256) Chegado o Pedro_i a casa, a Maria deu-lhe_i a boa notícia. (Ambar 1988/1992: 322)

4.5. Como explicar as propriedades internas de gerundivas e participiais?

As propriedades internas das estruturas gerundivas e participiais acima descritas suscitam várias questões. Considerando os dados do português europeu padrão, podemos identificar algumas delas:

- i) a que categoria correspondem as orações gerundivas e participiais? São orações funcionalmente defectivas ou são orações plenas?
- ii) por que existem restrições à ocorrência de auxiliares e de negação nas gerundivas não periféricas e nas participiais?

- iii) que posição ocupa o V nestas estruturas?
- iv) a que categoria correspondem os sujeitos nulos de gerundivas? Como são identificados e legitimados?
- v) como são legitimados os sujeitos lexicais em gerundivas periféricas?
- vi) por que não pode ocorrer um sujeito lexical em gerundivas não periféricas?
- vii) por que existe inversão sujeito-verbo obrigatória em adjuntas periféricas gerundivas e participiais em português?

Procurarei responder a algumas destas questões nas próximas secções.

4.5.1. A questão da natureza categorial de gerundivas e participiais

Mais acima defendi que a posição sintáctica em que são projectadas as participiais e as diversas classes de gerundivas é uma consequência da interacção entre propriedades morfológicas destas formas verbais (e das orações que constituem projecções/expansões dessas formas) e restrições de natureza semântica. Vejamos agora se as diferentes restrições encontradas nestas estruturas podem ser derivadas de algum destes aspectos ou se, pelo contrário, são o resultado de outros factores.

Como explicar as restrições internas manifestadas em gerundivas não periféricas e em participiais?

As restrições manifestadas em orações participiais foram atribuídas à sua defectividade categorial por alguns autores. Na realidade, a natureza categorial das orações participiais e a arquitectura funcional destas orações está sujeita a alguma controvérsia.

Para uns, trata-se de orações categorialmente defectivas, i.e. orações que não projectam a totalidade das categorias funcionais; para outros, trata-se de orações plenas, i.e. orações com uma estrutura funcional completa.

Entre os defensores da primeira hipótese encontra-se Santos 1999. De acordo com a autora, a impossibilidade de ocorrerem pronomes clíticos acusativos nas participiais é um indício de que a categoria AgrO não é projectada nestas estruturas; a impossibilidade de ocorrerem Auxiliares é indício da não projecção de T; a impossibilidade de ocorrer negação é indício da não projecção de Neg (e também de T, se se admitir que Neg é legitimado por T); a impossibilidade de ocorrerem sujeitos pré-

verbais e a falta de marcas de concordância de pessoa é um indício da não projecção de AgrS. A impossibilidade de ocorrerem advérbios de frase ou advérbios orientados para o sujeito, a impossibilidade de haver movimento-Qu, e a não ocorrência de complementadores nas participiais funciona ainda, segundo a autora, como argumento para a não projecção de C nestas estruturas. Assim, estas restrições levaram Santos 1999 a defender a hipótese de que as participiais são categorialmente defectivas quanto a C, T, AgrS, Neg, e AgrO, sendo projecções de um núcleo de natureza aspectual.

A ideia de que as participiais não são projecções de C, mas antes projecções de uma categoria de natureza aspectual encontra-se já em Hernanz 1991 e Miguel 1992.

Outros autores, no entanto, consideram que as participiais são CPs (cf. Ambar 1988, 1996, Belletti 1990, e.o.), projectando C, Agr e nalgumas análises também T. Ambar 1988 considera que na posição de especificador de C está presente um operador nulo que é responsável pelo valor aspectual da participial, o que, segundo a autora, explicaria a impossibilidade de ocorrerem elementos-Qu nas participiais.

Alguns autores, não sendo tão radicais quanto Santos 1999, consideram que as participiais carecem de um operador temporal em C, que seria responsável pela legitimação de Neg e de Aux. Assim, Guéron & Hoekstra (1995: 93) dão conta de diferenças entre orações adjuntas com *-ing* e orações com participio passado, considerando que só nas primeiras está presente um Operador Temporal na posição de especificador de C capaz de ligar a categoria Tempo e de legitimar a presença de Negação e de Auxiliares:

(257) TO_j S-AGR TNS_j O-AGR V_j

As orações participiais não teriam Operador Temporal, não podendo ocorrer Negação, nem clíticos nestas estruturas:

(258) AGR TNS O-AGR V

Nesta perspectiva, as orações participiais seriam de certa forma defectivas, uma vez que carecem de operador temporal:

(259) Full clauses contain a Tense chain headed by a Tense Operator

(Guéron & Hoekstra 1995: 79)

Ambar 1996 considera que as participiais absolutas são estruturas oracionais plenas, derivando a restrição à ocorrência de clíticos acusativos da hipótese de que os morfemas de concordância do participio passado têm de verificar Caso num domínio temporal ligado ao objecto (To), responsável entre outras funções pela legitimação de Caso acusativo, o que impediria a verificação de caso acusativo pelo objecto nestas estruturas.

Assim, verificamos que os argumentos de Santos 1999 contra a presença de AgrO, Neg e T em participiais não são tão pacíficos como poderíamos supor, uma vez que as restrições à ocorrência de Neg, Aux e clíticos podem eventualmente ser atribuídas a outros factores.

Tudo depende da análise que se faça dos vários fenómenos: negação, clíticos...

Também os argumentos da autora contra a projecção de C em participiais não são absolutamente convincentes. Recorde-se que a autora sugere que a impossibilidade de ocorrerem advérbios de frase ou advérbios orientados para o sujeito, a impossibilidade de haver movimento-Qu e a não ocorrência de complementadores em participiais são indício da não projecção de C nestas estruturas:

(260) *(Uma vez) infelizmente/sinceramente destruída a cidade, os invasores partiram. (cf. Santos 1999: 45)

(261) *Como destruída a cidade, os exércitos partiram? (id: 47)

Contudo, estes não me parecem ser argumentos conclusivos contra a projecção de C. Veja-se que a impossibilidade de existir movimento-Qu é comum a outras estruturas de subordinação adverbial, incluindo as adverbiais finitas, que são inquestionavelmente CPs:

(262) *A quem se o João der um beijo [-], o Paulo ficará muito contente?

(263) *Com quem enquanto os meninos brincaram [-], a mãe leu o jornal?

(264) *De quem porque gosta muito [-], o Zé está diferente?

Para além disso, nem todas as adverbiais finitas - cujo estatuto categorial pleno geralmente não é questionado - admitem a ocorrência de advérbios de frase:

(265) a. *Sinceramente quando o Zé chegou, fiquei preocupada.

a'. ≠ Sinceramente, quando o Zé chegou, fiquei preocupada.

- b. *Quando sinceramente o Zé chegou, fiquei preocupada.
- c. *Quando o Zé sinceramente chegou, fiquei preocupada.
- (266) *Quando evidentemente o Zé telefonou, fiquei mais descansada.
- (267) ??Fiquei descansado quando felizmente o Zé telefonou.
- (268) *Só ficarei descansado se felizmente o Zé telefonar.
- (269) Como, evidentemente, o Zé já não vem, podemos começar a reunião.
- (270) ?Se infelizmente o Zé não puder vir, teremos de resolver o problema sozinhos.

Assim, a não ocorrência de advérbios de frase como *sinceramente* ou *evidentemente* não deverá estar relacionada especificamente com a existência da categoria AgrS. A possibilidade de ocorrerem advérbios desta(s) classe(s) deverá ser antes condicionada pela força assertiva da frase, pela sua semântica própria, pelo facto de estes advérbios tomarem sob o seu escopo proposições com determinadas propriedades (cf. Ernst 2002).

O problema mais complicado relativamente às participiais é sem dúvida a explicação da impossibilidade de ocorrerem clíticos numa língua como o português e as restrições à atribuição de Caso nominativo, de que falarei mais adiante.

Deixemos para já de lado o problema da arquitectura funcional das participiais. Estas apresentam de qualquer forma mais restrições do que as gerundivas, uma vez que existem fenómenos que são exclusivos das participiais, nomeadamente a impossibilidade de ocorrerem clíticos, as restrições à classe aspectual do predicado, as limitações à ocorrência de pronomes sujeito, entre outros.

Relativamente à natureza categorial de gerundivas periféricas (ou de frase), parece-me relativamente claro que se trata de estruturas oracionais plenas.

O mesmo não acontece relativamente às gerundivas não periféricas (ou de predicado), cuja natureza categorial é mais difícil de determinar. Na realidade, Fernández Lagunilla 1999 apenas considera 'oracionais' os gerúndios que designa de 'adjuntos externos', que se caracterizam, entre outros aspectos, por admitirem sujeitos lexicais.

Assim, relativamente às gerundivas 'internas', colocam-se à partida duas hipóteses, que podemos esquematizar da seguinte forma:

- **1ª hipótese:** as gerundivas não periféricas são mais defectivas do que as gerundivas periféricas.

Esta hipótese levanta as seguintes questões:

- a) Por que razão são umas gerundivas mais defectivas do que outras? De que decorre a defectividade?
- b) Se a defectividade está relacionada com propriedades morfológicas do gerúndio, por que não são todas as gerundivas iguais?
- c) Se a defectividade tem origem apenas na estrutura, por que é que participiais (que têm comportamentos típicos de adverbiais de frase) e gerundivas periféricas se comportam de maneira diferente?

- **2ª hipótese:** as gerundivas adjuntas são todas categorialmente equivalentes a CPs.

Esta hipótese levanta as seguintes questões:

- a) Se a estrutura é idêntica para todas as orações, por que é que as gerundivas não periféricas (e as participiais) manifestam uma série de restrições?
- b) Terá o comportamento defectivo de participiais e de gerundivas não periféricas explicações diferentes?
- c) Serão as restrições internas das gerundivas não periféricas uma consequência de restrições de natureza semântica, ou do tipo de dependência estabelecida com a matriz?

A hipótese da defectividade categorial foi defendida para outras construções do português (cf. Duarte 1992, para as construções infinitivas preposicionadas; Gonçalves 1999, para algumas infinitivas em predicados complexos, seguindo uma hipótese de Bošković 1997; Santos 1999, para as participiais absolutas). Esta hipótese apresenta, no entanto, vários problemas. O maior, como me foi assinalado por Manuela Ambar (c.p.) consiste em saber de que decorre a defectividade de uma construção. Se, no caso de outras estruturas, se pode recorrer a propriedades de subcategorização dos itens lexicais, isso não é possível no caso das adjuntas. Se pensarmos que, no caso das gerundivas adjuntas não periféricas, a defectividade está relacionada com a posição estrutural que

estas ocupam, levanta-se então o problema de saber por que razão as participiais absolutas, com comportamento de adverbiais de frase, também manifestam restrições internas do mesmo tipo, sendo inclusivamente mais defectivas (cf. impossibilidade de ocorrerem clíticos; restrições às classes de verbos que nelas podem ocorrer) do que as gerundivas não periféricas. No caso das gerundivas, postular uma origem morfológica para a defectividade não faz sentido, uma vez que existem gerundivas que não são defectivas – as periféricas – e, aparentemente, a morfologia é a mesma. Se, pelo contrário, a defectividade não decorrer de nada, ela passa a ter um estatuto puramente descritivo.

O estatuto oracional pleno de gerundivas periféricas, para além da ausência de restrições internas (i.e. não se verificam limitações quanto à possibilidade de ocorrer negação, sujeitos lexicais com Caso nominativo, auxiliares, determinações temporais distintas da matriz), é confirmado também pela possibilidade de, em alguns contextos, a gerundiva ser coordenada com CPs finitos:

- (271) %Chegando a Ana um pouco mais cedo e que não haja barulho no gabinete, poderemos conversar. (condicional)
- (272) a. Estando os meninos a dormir e *(uma vez) que não estás cansado, podemos ver este filme. (causal)
- b. Estando os meninos a dormir e como não estás cansado, podemos ver este filme.
- (273) ?Mesmo sendo muito rico e que more numa casa grande, nunca será feliz. (condicional/concessiva)
- (274) Mesmo tendo muito dinheiro e embora more numa casa grande, o Zé não é feliz. (concessiva)
- (275) Estando a casa pronta e se todos estiverem de acordo, poderemos mudar-nos na próxima semana. (condicional)

A coordenação de gerundivas periféricas com frases finitas (CPs) também está registada no português europeu dialectal, o que é evidência clara para o estatuto de gerundivas periféricas como CPs nestas variedades:

- (276) E depois, em tendo as gráinhas tudo no cimo e que esteja completamente cozido, como a gente lhe chama, a gente prova, não é, quando já sabe a vinho, {fp} funde-se, então, com estes canudos, a gente tira, tira o vinho

todo e fica o bagaço. (Cordial-sin, AAL5)

A possibilidade de coordenar a gerundiva com um CP finito não parece estar disponível da mesma forma nas gerundivas não periféricas:

(277) ??O Zé recebeu a notícia estando fora do país e quando se preparava para regressar. (temporal)

(278) ?*O Zé abriu a fechadura usando uma ferramenta especial e como lhe tinham explicado.

(279) ??O Zé abriu a fechadura usando uma ferramenta especial e sem que lhe explicassem nada.

Para além disso, em variedades dialectais do português, as gerundivas periféricas parecem poder ser introduzidas por conectores que tipicamente ocupam posições de CP. Assim, dialectalmente, encontram-se conectores tipicamente associados a contextos finitos (alguns deles plausivelmente de natureza Qu-), tais como os conectores relativos *quando* e *onde*, e ainda a conjunção condicional *se* e a conjunção causal *como*.

(280) Quando sentindim outros animais, espantam-se (Odeleite, Cruz 1969)

(281) Quando a ovelha rasando o dente é badana. (Colos, Guerreiro 1968)

(282) Quando ele estando demais, já cheira a azedo. (Cordial-sin, PAL30)

(283) Que elas quando começadem a aparecer... (Cordial-sin, LVR33)

(284) Quando chegando o tempo das batatas, arranjo um taleguinho de batata - um saco de batatas - vou dar aí a todas essas velhas que aí estão... (Cordial-sin, LVR24)

(285) Onde estando a menina está alegria (Nisa, Carreiro 1948)

(286) ...aquilo, se o homem não arrebandando... (Olhão, Palma 1967)

(287) E depois, nós éramos quatro irmãos e ficámos só com minha mãe e eu, como sendo o mais velho, (...) é que fui sempre o mais escravo. (Cordial-sin, AAL35)

As estruturas mais frequentes, no entanto, são aquelas que são introduzidas pelo conector *em* (ou *ende* ou *em bem* em dialectos alentejanos e algarvios), que também pode ser tratado como uma lexicalização de C (cf. Brito 1984, Ambar 1988) e que, de certa forma, já está integrado na norma:

- (288) Em sendem crescidos, levo-os a Lisboa. (Delgado 1951)
- (289) E enterras a tua mãe, em morrendo, à minha beira. (Soajo, *in* Pereira 1970: 174)
- (290) Eles têm duas instalações. (...) Agora, em fazendem o resto das outras é que fica tudo ali junto, já. Fica já ali a garagem, fica casa para tudo, não é. (Cordial-sin, AAL24)
- (291) Ou uma vara de porcos. (...) Em sendem muitos já se lhe chama uma vara. (Cordial-sin, AAL86)
- (292) Olhe, em chegando o tempo das pinhas, vou às pinhas, dou um saco ou dois de pinhas às mulheres para elas acenderem o lume em todo o ano. (Cordial-sin, LVR24)
- (293) Ende eles abalandem (Colos, *in* Guerreiro 1968)
- (294) Depois, é claro, em bem o lume ganhando lá para dentro, começando a aparecer fumo nos buracos, é porque aquilo andava a arder. (Cordial-sin, LVR07)
- (295) Mas não sei que raio de ferrão tem o bicho que em bem elas aparecem, os animais, aquilo é o cabo dos trabalhos. (Cordial-sin, CBV71)
- (296) E (...) em bem lhe partindem a casa, eles morrem. (Cordial-sin, CBV72)

O estatuto categorial das gerundivas periféricas como CPs parece ser relativamente consensual. A inversão sujeito-verbo que ocorre nestas construções em línguas como o espanhol, o italiano, e o português padrão é aliás geralmente tratada como sendo o resultado da subida de V (ou Aux) para C (cf. Rizzi 1982; Brito 1984; Ambar 1988; e.o.).

Relativamente às gerundivas, não faz sentido assumir que apenas um subconjunto das gerundivas é defectivo por razões de natureza morfológica, uma vez que as propriedades morfológicas do gerúndio parecem ser as mesmas tanto em gerundivas periféricas como em gerundivas não periféricas.

Assumamos a hipótese de que todas as gerundivas adjuntas são categorialmente CPs. Teremos então de explicar por que razão só se verificam restrições internas nas gerundivas não periféricas e o que origina essas restrições. A hipótese mais plausível é considerar que as restrições em gerundivas não periféricas derivam da posição estrutural

que elas ocupam e do facto de, nessa posição, o gerúndio estar na dependência de T matriz.

Relativamente às participiais, no entanto, as restrições são visivelmente maiores do que as que encontramos em gerundivas (inclusivamente gerundivas não periféricas).

A impossibilidade de ocorrerem clíticos acusativos ou dativos é exclusiva das participiais:

- (297) a. *Comprado-os, o Zé foi-se embora.
b. Comprando-os, o Zé fez uma boa acção.
c. ?O Zé só convencerá o Paulo subornando-o.
- (298) a. *Comprado-lhe o livro, a Ana ficou sem dinheiro.
b. Comprando-lhe o livro, a Ana ficaria sem dinheiro.
c. O pai só surpreenderá o Pedro comprando-lhe uma mota.

Existem ainda diferenças entre gerundivas periféricas e participiais quanto às restrições à ocorrência de sujeitos pronominais. (As gerundivas não periféricas, como vimos, não admitem sujeitos lexicais.)

- (299) a. ?*Chegada tu de Paris, fomos buscar-te ao aeroporto.
b. Chegando tu de Paris, fomos buscar-te ao aeroporto.

Gerundivas e participiais distinguem-se ainda quanto às restrições aos predicados que nelas podem ocorrer. Como está descrito na literatura, só as participiais impõem restrições aspectuais e sintácticas aos predicados:

- (300) a. *Espirrado, o Zé encheu tudo de micróbios.
b. Espirrando, o Zé encheu tudo de micróbios.
- (301) a. *Ficado em casa, o Zé conseguiu estudar para o teste.
b. Ficando em casa, o Zé conseguiu estudar para o teste.

Assim, gerundivas e participiais distinguem-se quanto a uma série de aspectos. As participiais manifestam mais restrições internas do que as gerundivas.

A hipótese que assumimos relativamente às gerundivas não periféricas, i.e. a hipótese de que as restrições são em parte uma consequência da posição estrutural ocupada, não faz sentido para as participiais, uma vez que, como vimos atrás, as participiais ocupam posições periféricas na frase, plausivelmente idênticas às de

gerundivas periféricas.

Assim, a única alternativa plausível consiste em assumir que as participiais, embora estando em posições estruturais altas, são inerentemente mais defectivas do que as gerundivas, sendo essa defectividade eventualmente uma consequência da sua morfologia. Uma hipótese é considerar que as participiais têm uma estrutura funcional mais fraca, carecendo por exemplo de um operador temporal (cf. Guéron & Hoekstra 1995).

4.5.2. A posição do V em gerundivas e participiais

Uma outra questão que merece ser estudada e que pode trazer alguma luz sobre a estrutura funcional de gerundivas e participiais diz respeito à posição ocupada pelo V e pelo sujeito nestas estruturas.

Na realidade, também não há consenso relativamente à posição ocupada pelo V em participiais. Em Ambar 1988 e 1996, a inversão sujeito-verbo em participiais é tratada como sendo o resultado da subida de V para C. Santos 1999, no entanto, defende que o V ocupa uma posição relativamente baixa nestas estruturas. Os argumentos da autora dizem respeito à posição ocupada em participiais por determinados advérbios considerados 'baixos' (advérbios de VP).

Santos 1999 observa que esses advérbios podem anteceder o verbo no participípio, o que não acontece noutras construções:

- (302) a. Completamente resolvido o problema, o João partiu para Paris. (Santos 1999: 55)
b. *O João completamente resolveu o problema.

Conclui assim que nas participiais o verbo não sobe tão alto como noutras construções.

Em gerundivas, no entanto, os Adv's de VP não podem preceder o verbo no gerúndio (cf. Santos 1999), contrastando com aquilo que acontece em participiais:

- (303) a. Bem vistas as coisas, é melhor ficarmos em casa.
b. *Vistas bem as coisas, é melhor ficarmos em casa.
(304) a. *Bem vendo as coisas, é melhor ficarmos em casa.
b. Vendo bem as coisas, é melhor ficarmos em casa.

- (305) a. *O João conseguiu responder à pergunta bem/cuidadosamente lendo o

enunciado.

- b. O João conseguiu responder à pergunta lendo bem/cuidadosamente o enunciado.

(306) O Zé embrulhou cuidadosamente os quadros.

(307) a. Cuidadosamente embrulhados, os quadros foram encaixotados.

b. ??Embrulhados cuidadosamente,...

(308) a. ??Cuidadosamente embrulhados os quadros, os carregadores levaram os caixotes.

b. *Embrulhados cuidadosamente os quadros,...

(309) a. *Cuidadosamente tendo o João embrulhado os quadros, os carregadores levaram os caixotes.

b. Tendo o João cuidadosamente embrulhado os quadros,...

c. Tendo o João embrulhado cuidadosamente os quadros,...

d. Tendo o João embrulhado os quadros cuidadosamente,...

(310) a. ??*Cuidadosamente embrulhando os quadros, não haverá problema.

b. Embrulhando cuidadosamente os quadros, não haverá problema.

Assim, nas gerundivas, o V parece subir para uma posição mais alta do que nas participiais, uma vez que o Adv não pode preceder o verbo no gerúndio.

Quanto às gerundivas do português padrão, põe-se a questão de saber que posição ocupa o V. A inversão sujeito-verbo pode ser vista como sendo o resultado da subida de V para uma posição mais alta do que a do sujeito ou pode ser tomada como sendo o resultado de uma estrutura em que o sujeito não subiu. Qual destas hipóteses é mais plausível?

Vários autores relacionaram a inversão sujeito-verbo manifestada nas gerundivas do português com a subida de V para C (cf. por exemplo Brito 1984, Ambar 1988). A motivação para esta análise vinha essencialmente de contrastes entre gerundivas não preposicionadas e gerundivas com *em* quanto à ordem de palavras:

(311) a. Acabando a Maria o trabalho, vamos sair.

b. *A Maria acabando o trabalho, ...

(312) a. Em a Maria acabando o trabalho,...

b. ?Em acabando a Maria o trabalho,... (exemplos de Brito 2003: 727)

No entanto, Brito 2003 refere que uma frase como (312) melhora substancialmente se o sujeito pós-verbal estiver focalizado. A autora admite assim que a gerundiva possa não ser uma projecção CP, mas antes uma projecção de natureza temporal ou aspectual, ficando o sujeito na sua posição de base.

Esta análise não explica, a meu ver, os contrastes sistemáticos de ordem entre gerundivas com e sem a partícula *em*, i.e. o facto de nas orações sem conector a ordem Su-V ser impossível, ao passo que nas orações com conector a ordem V-Su é claramente mais marginal:

(313) a. Comendo os meninos a sopa toda, a mãe dá-lhes um doce.

b. *Os meninos comendo a sopa toda, a mãe dá-lhes um doce.

(314) a. Em os meninos comendo a sopa toda, a mãe dá-lhes um doce.

b. ??Em comendo os meninos a sopa toda, a mãe dá-lhes um doce.

Também em variedades dialectais do português em que o gerúndio pode apresentar marcas visíveis de concordância e em que a inversão sujeito-verbo não é obrigatória parece haver uma correlação entre presença de conector e ordem de palavras (ver § 4.6).

Para além dos contrastes de ordem de palavras entre gerundivas sem conectores e gerundivas com conectores, que outros argumentos existem a favor do estatuto pleno das orações gerundivas e a favor da subida de V para C em contextos de inversão?

Partamos da hipótese de que um Adv como *ainda* pode estar adjunto a VP ou a TP. Se assim for, em frases como (315), o sujeito encontrar-se-á numa posição mais alta, possivelmente em Spec de AgrS. O quantificador flutuante *todos* marca a posição inicial do sujeito:

(315) a. Os meninos ainda estão todos a dormir.

b. Os meninos estão ainda todos a dormir.

c. *Ainda os meninos estão todos a dormir.

Vejamos agora que ordens de palavras são possíveis na gerundiva correspondente:

(316) a. *Os meninos (ainda) estando (ainda) todos a dormir, é melhor não fazeres barulho.

b. Estando os meninos ainda todos a dormir,...

- c. ?Estando ainda os meninos todos a dormir,...
- d. ?*Ainda estando os meninos todos a dormir,...

A ordem preferida é sem dúvida a de (316)b. Ora, nesta construção, o Adv ocorre depois do sujeito invertido, que está separado do quantificador *todos*. Se o Adv estiver numa posição de adjunção a VP ou a TP, o sujeito não pode encontrar-se na sua posição de base, estando plausivelmente em Spec de IP (ou AgrSP). Por sua vez, o V ocorre antes do sujeito. Ora, este padrão só é possível se o V estiver numa posição mais alta do que IP, possivelmente C. A agramaticalidade de (316)d. comprova que não é possível admitir que o sujeito não se moveu e que o V está em Spec de TP, uma vez que, nessas circunstâncias, o Adv deveria poder preceder o V.

Exemplos como os seguintes parecem corroborar a ideia de que o V se encontra numa posição alta, uma vez que os Advs *corajosamente* e *certamente* ocorrem preferencialmente depois do sujeito invertido.

(317) (*corajosamente) os soldados (*corajosamente) resistiram (corajosamente) ao invasor (corajosamente).

(318) a. *Corajosamente resistindo os soldados ao invasor, a guerra poderá ser ganha.

b. Resistindo os soldados corajosamente ao invasor, ...

c. ??Resistindo corajosamente os soldados ao invasor, ...

d. Resistindo os soldados ao invasor corajosamente, ...

(319) a. Sabendo o João certamente falar francês bem,...

b. ??Sabendo certamente o João falar francês bem,...

Note-se contudo que existe um contraste entre sujeitos DPs e sujeitos pronominais. A sequência V-pronome é muito mais dificilmente quebrada do que a sequência V-DP:

(320) a. Resistindo eles corajosamente ao invasor, ...

b. *Resistindo corajosamente eles ao invasor,...

(321) a. Sabendo tu certamente falar francês bem, ...

b. *Sabendo certamente tu falar francês bem,...

Parece assim haver uma relação mais estreita entre os sujeitos pronominais e o V

do que entre os sujeitos DP e o V³⁶:

- (322) a. Estando os meninos ainda com febre, ...
b. ?Estando ainda os meninos com febre, ...
- (323) a. Estando eles ainda com febre, ...
b. *Estando ainda eles com febre, ...
- (324) a. Estando eu ainda com febre, ...
b. *Estando ainda eu com febre, ...

Quanto às gerundivas não periféricas (ou de predicado), é mais difícil testar a posição do V, uma vez que o sujeito é obrigatoriamente nulo.

Se admitirmos que Adv's como *energicamente* ou *completamente* são adjuntos a VP à esquerda quando ocorrem em posição pré-complemento, concluímos que o V já não se encontra na sua posição de base, tendo-se elevado pelo menos para T, uma vez que o Adv ocorre obrigatoriamente em posição pós-verbal:

- (325) a. O cozinheiro fez o bolo [batendo energicamente as claras em castelo].
b. *O cozinheiro fez o bolo [energicamente batendo as claras em castelo].

No entanto, isto não nos permite saber se existe uma projecção funcional mais alta para a qual o V se tenha elevado.

Como saber? Uma hipótese seria testar a possibilidade de ocorrência de Adv's 'altos' nestas gerundivas. No entanto, como vimos já, existem restrições à ocorrência destes Adv's em subordinadas adverbiais, incluindo adverbiais finitas:

- (326) O João só nos contará a verdade quando (*provavelmente) o pai chegar.
(327) Foi desde que (*evidentemente) o João ficou doente que a situação piorou.

Essas restrições estendem-se a outros domínios de subordinação. Advérbios como *evidentemente* e *provavelmente* só parecem poder modificar orações com características particulares:³⁷

- (328) O João disse que (provavelmente) os alunos não viriam à aula.

³⁶ Vários autores observaram assimetrias entre DPs e pronomes. Ambar 1996, por exemplo, observa assimetrias entre DPs e pronomes em construções com participios, colocando a hipótese de que os pronomes têm traços de Caso fortes, enquanto os Ns têm traços de Caso fracos.

³⁷ Embora não possa aqui explorar esta hipótese, trata-se provavelmente de orações com um tempo forte, em que há uma ligação à enunciação, funcionando como orações 'raiz'.

(329) O João quer que (*provavelmente) os alunos não venham à aula.

Por conseguinte, este não parece ser um bom teste para averiguar do estatuto categorial de gerundivas não periféricas.

Uma vez que o sujeito nestas construções é obrigatoriamente nulo, é difícil saber que posição ocupa o V e o sujeito nulo. No entanto, o facto de podermos ter (marginalmente?) gerundivas introduzidas por *em* neste contexto, sendo neste caso possível ter sujeitos lexicais, pode levar-nos a optar pela hipótese de que estamos também neste caso perante orações plenas:

(330) O tempo só melhorará em chegando a Primavera.

(331) Só conto a história em os meninos estando calados.

Por alguma razão, se a gerundiva não tiver conector, o sujeito nulo é a única opção.

Concluindo, podemos admitir que a posição ocupada pelo V e pelo Sujeito não é idêntica em gerundivas e participiais. Voltaremos à posição do V nestas estruturas quando considerarmos dados de outras línguas e hipóteses quanto a diferenças de ordem de palavras entre línguas nestas construções (cf. Barbosa 1995, 2002).

4.5.3. As restrições internas em gerundivas não periféricas: um operador temporal em C, estrutura, morfologia e restrições semânticas

Mais acima, considerámos a hipótese de T de gerundivas ser 'defectivo'. Nos contextos em que T da gerundiva (ou um Operador temporal na gerundiva) é c-comandado por T matriz, T encaixado será obrigatoriamente 'anafórico'. Pode pensar-se nesta relação como aquilo que acontece com a categoria vazia PRO. Quando PRO tem um antecedente, é obrigatoriamente anafórico, i.e. referencialmente dependente desse antecedente. Quando PRO está num contexto em que não tem antecedente que o c-comande, tem uma interpretação arbitrária.

Assim, pode pôr-se a hipótese de as gerundivas conterem um T 'defectivo' (ou um operador temporal ou traços temporais em C que são 'defectivos'). Quando c-comandado (localmente) por T matriz, T 'defectivo' é obrigatoriamente ligado por ele e interpretado como temporalmente coincidente, ou, se quisermos, fica 'controlado' por T

matriz.

A cadeia núcleo-núcleo que se forma entre T matriz e T da gerundiva terá como consequência que Agr subordinado fica também ligado por Agr matriz, o que explicará a impossibilidade de o sujeito da gerundiva encaixada ser referencialmente disjunto do sujeito matriz. Em contextos em que a matriz tem interpretação genérica, é permitida uma interpretação arbitrária. Quando o sujeito da matriz não se qualifica como controlador, i.e. quando é expletivo, por ex., um outro argumento pode funcionar como controlador do sujeito nulo. É o que acontece em frases como (230) repetida aqui:

(332) Essa ideia ocorreu-me_i [-]_i passeando à beira-mar.

A impossibilidade de ocorrerem Auxiliares e sujeitos lexicais nas gerundivas não periféricas seria pois uma consequência, por um lado, da defectividade de T nestas estruturas, por outro lado, da posição estrutural em que são projectadas, uma vez que ficam sob o domínio de c-comando de T matriz.

Veja-se que quando a gerundiva está em posição inicial, mesmo guardando uma interpretação próxima daquela que tem em posição final, passa a permitir muito mais facilmente sujeitos lexicais. Se, como propus, as gerundivas em posição inicial são todas basicamente geradas à esquerda (e não deslocadas), essa possibilidade resultará do facto de T da gerundiva não estar sob o domínio de c-comando de T-Agr matriz.

- (333) a. O cozinheiro (não) fez o bolo lendo a receita.
b. *O cozinheiro (não) fez o bolo lendo o ajudante a receita.
c. Lendo o ajudante a receita, o cozinheiro fez o bolo.
d. O cozinheiro fez o bolo, || lendo o ajudante a receita.

Nas gerundivas periféricas, C-T não é c-comandado por T matriz e OpT em C é 'livre' e pode procurar a sua 'dependência temporal' noutra parte.

Existem alguns dados que podem apoiar a ideia de que a categoria C das gerundivas contém um operador temporal ou traços temporais próprios. De facto, a possibilidade de em português termos gerundivas introduzidas por *em* sustenta esta hipótese. Este conector, como tem sido já observado por vários autores (cf. Brito 1984, e.o.), restringe as possibilidades de interpretação temporal da gerundiva, sendo

incompatível com o pretérito perfeito na oração matriz. Estas restrições levaram Brito 1984 a considerar também a hipótese de C das gerundivas ter traços de Tempo (cf. também Ambar 1988):

(334) Em chegando a casa, telefono-lhe./vou telefonar-lhe.

(335) *Em chegando a casa, telefonei-lhe.

Quando o conector está ausente, a oração matriz pode ter o pretérito perfeito:

(336) Chegando a casa, telefono-lhe.

(337) Chegando a casa, telefonei-lhe.

Outros conectores que surgem dialectalmente (e.g. *quando*, *em bem*) parecem impor restrições temporais diferentes.

Por sua vez, as orações com *gérondif* do francês são introduzidas por um elemento *en* com valor temporal diferente, uma vez que só admitem leitura de tempo simultâneo. Também este elemento parece ter especificações temporais específicas:

(338) Jean a cassé le verre en lavant la vaisselle.

(339) *Jean a cassé le verre en l'ayant laissé tomber.

Assim, os valores temporais específicos destes conectores, que plausivelmente ocupam a categoria C, sugerem que esta categoria possa conter traços temporais.

Nesta perspectiva, as gerundivas não periféricas serão aproximáveis de estruturas de controlo típicas, complemento de verbos volitivos, por exemplo. Veja-se que tanto num caso como no outro a ocorrência de verbos auxiliares, e de sujeitos lexicais está altamente restringida.

Com verbos volitivos, contrariamente ao que acontece com verbos epistémicos e declarativos, não pode ocorrer auxiliar na subordinada quando o V matriz está no presente (cf. Meireles & Raposo 1983; Ambar 1992, 1994):

(340) a. O Zé quer falar alto.

b. *O Zé quer ter falado alto.

(341) O Zé pensa ter falado alto.

A ocorrência de Aux na subordinada melhora quando o V matriz está no pretérito imperfeito:

- (342) a. ?O Zé queria ter-lhe dito alguma coisa.
b. ?*O Zé quis ter-te avisado.

Também nas gerundivas não periféricas, como vimos, a ocorrência de Aux dá geralmente origem a frases agramaticais:

- (343) a. O Zé acordou o irmão gritando.
b. *O Zé acordou o irmão tendo gritado.

A ocorrência de Aux é marginalmente permitida quando o V matriz está no condicional composto (ou futuro do pretérito composto):

- (344) ??o Zé só teria acordado o irmão tendo gritado mais alto.

Também no que diz respeito à possibilidade de ocorrerem sujeitos lexicais existem semelhanças entre as duas construções. Nas infinitivas dependentes de verbos volitivos, não são geralmente permitidos sujeitos lexicais, ao contrário do que acontece nas infinitivas dependentes de verbos epistémicos e declarativos (cf. Meireles & Raposo 1983; Ambar 1992; e.o.):

- (345) a. O Zé_i quer [-]_i ir à praia.
b. *O Zé quer a Ana ir à praia.
c. * O Zé quer ter a Ana ido à praia.
(346) O Zé pensa ter a directora chegado novamente atrasada.

Nas infinitivas dependentes de verbos volitivos, só são permitidos sujeitos lexicais, em posição pós-verbal, quando se trata de sujeitos pronominais obrigatoriamente co-referentes com o sujeito da matriz, que são claramente focalizados (cf. Ambar 1988):

- (347) a. O Zé_i quer fazer ele_i o jantar.
b. *O Zé quer ele fazer o jantar.

Também nas gerundivas não periféricas não são geralmente admitidos sujeitos lexicais, a não ser nas mesmas circunstâncias em que as infinitivas complemento de verbos volitivos os admitem:

- (348) a. O Zé_i fez o bolo [-]_i batendo os ovos.
b. *O Zé fez o bolo batendo o ajudante os ovos.
c. O Zé_i fez o bolo batendo ele (próprio)_i os ovos.
d. *O Zé_i fez o bolo ele_i batendo os ovos.

Os contrastes entre verbos como *querer* e verbos como *pensar* e *dizer* quanto às dependências temporais entre matriz e subordinada e quanto à interpretação dos sujeitos levaram alguns autores a propor que estes últimos seleccionariam nos seus complementos oracionais um elemento de T abstracto (cf. Meireles & Raposo 1983; Raposo 1987; Ambar 1988).³⁸ Em alternativa, Meireles & Raposo 1983 admitem que tanto *querer* como *dizer* seleccionam um operador T no seu complemento, mas que só no segundo caso T é obrigatoriamente ligado por T matriz.

Dadas as semelhanças de comportamento entre gerundivas não periféricas e complementos infinitivos de verbos volitivos, por um lado, e entre gerundivas não periféricas e complementos infinitivos de verbos declarativos, por outro lado, podemos colocar a hipótese de os fenómenos de dependência temporal e referencial referidos serem num e noutra caso o resultado de factores semelhantes. Refira-se que já em Brito 1984 se assume que as gerundivas têm Tempo em C.³⁹ Segundo a autora, seria este elemento o responsável pelo facto de o Caso Nominativo estar disponível nestas estruturas. Ainda que esta hipótese seja atractiva, uma vez que interlinguisticamente existem várias construções com tempos morfologicamente mais 'defectivos' (i.e. construções com infinitivo ou gerúndio) em que a inversão sujeito-verbo parece estar relacionada com a legitimação do sujeito lexical (e.g. as chamadas infinitivas pessoais do espanhol, as construções de *Aux-to-Comp* do italiano...), ela coloca alguns problemas quando olhamos para dados de línguas em que não existe inversão e são legítimos sujeitos lexicais. Esta é na realidade uma questão complexa. Voltarei à questão da legitimação dos sujeitos nestas estruturas.

Podemos imaginar que gerundivas não periféricas e gerundivas periféricas são diferentes quanto à especificação de operador T em C. Se assim for, porquê?

³⁸ Stowell 1982 também defende, embora de uma forma diferente, que as orações finitas e infinitivas têm Tempo. Ver também Ambar 1988 e Guéron & Hoekstra 1988.

³⁹ Brito 1984 refere apenas as orações gerundivas do tipo daquelas que aqui designei de periféricas.

Veja-se que, contrariamente ao que acontece com os complementos oracionais, não há neste caso selecção por uma categoria X^o. Assim sendo, como explicar que só em gerundivas periféricas possa haver independência temporal relativamente a T matriz e independência referencial do sujeito nulo da gerundiva relativamente ao sujeito da matriz?

Pode admitir-se que a posição estrutural em que a gerundiva é projectada é responsável por estas diferenças. Quando a gerundiva é projectada numa posição de adjunção a VP, ficará no domínio de c-comando de T matriz. Quando a gerundiva é projectada em adjunção a TP ou a CP, ficará fora do domínio de c-comando de T matriz.⁴⁰

As restrições manifestadas em participiais seriam por seu lado atribuíveis à ausência total de um operador temporal nestas estruturas, o que teria consequências para a legitimação de sujeitos pronominais e de clíticos, entre outros aspectos.

Resumindo, assumi aqui que as gerundivas adjuntas são orações plenas, i.e. projecções CP, cujo especificador contém um operador temporal. Quando esse operador se encontra 'livre', i.e. fora do domínio de c-comando de T matriz, permite legitimar Auxiliares, determinações temporais distintas da matriz, e sujeitos lexicais. Quando o operador se encontra 'ligado', i.e. no domínio de c-comando de T matriz, é obrigatoriamente anafórico relativamente a T matriz, sendo a interpretação de T simultâneo a única disponível. Assim, os Auxiliares, que desencadearão normalmente uma leitura de tempo anterior, são normalmente excluídos destas estruturas⁴¹ (mas ver (344)). Também a lexicalização do sujeito deixa de ser possível, havendo uma cadeia núcleo-núcleo entre T-Agr matriz e T-Agr subordinado, que aproximará as gerundivas não periféricas de estruturas de controlo, com maior independência todavia (cf. possibilidade de haver sujeitos arbitrários e sujeitos identificados por um experienciador dativo em determinados contextos e nalgumas línguas possibilidade de haver identificação por um agente implícito).

Quanto às participiais, assumimos que são estruturas que carecem de um Operador temporal (são estruturas que dão prioritariamente uma noção de Aspecto), não

⁴⁰ Esta ideia pode ser problemática, no entanto, num modelo de derivação por fases, uma vez que correspondendo CP e vP a fases, T matriz não deveria ter acesso à gerundiva adjunta a VP inserida no vP que foi sujeito a Transferir. Temos de admitir que T matriz tem acesso a material inserido no vP.

⁴¹ São no entanto possíveis auxiliares diferentes de *ter*, que não têm leitura de anterioridade:
i) Só conseguirás melhor qualidade de vida indo viver para o campo.

legitimando Auxiliares, negação e clíticos. Deixo em aberto a questão de saber qual a exacta arquitectura de categorias funcionais destas orações.

4.5.4. Legitimação e identificação dos sujeitos nulos

A natureza específica do sujeito nulo que ocorre em orações gerundivas periféricas e não periféricas e em participiais, assim como a natureza da relação que permite identificar a sua referência não são questões pacíficas.⁴²

Começemos por considerar as adjuntas periféricas com gerúndio ou participio presente.

Por um lado, ocorrem sujeitos nulos nestas estruturas em línguas que não fixam positivamente o Parâmetro do Sujeito Nulo, o que leva a pensar que esta categoria vazia tem propriedades diferentes de *pro*, a categoria vazia típica das línguas de sujeito nulo. Assim, sendo estas orações tradicionalmente classificadas como não finitas, o seu sujeito deveria aproximar-se da categoria vazia que ocorre em orações infinitivas (não flexionadas) - PRO:

(349) a. *Has finished his homework.

b. Having finished his homework, John played with his friends.

(350) a. *A terminé ses devoirs.

b. Ayant terminé ses devoirs, Jean est allé jouer avec ses amis.

Por outro lado, como vimos acima quando referi as propriedades internas destas estruturas, os sujeitos nulos neste contexto não têm todas as propriedades geralmente associadas a PRO.

Como se caracteriza então o sujeito nulo que ocorre nestas construções? A que propriedades obedece?

Considerando dados do italiano, Lonzi 1988 refere que o sujeito nulo destas

⁴² Lonzi 1988 associa aos três diferentes tipos de gerundivas adjuntas no italiano (de predicado, de frase, e de 'posterioridade') três tipos diferentes de controlo: as gerundivas de predicado teriam um controlo de tipo temático (controlo pelo agente); as gerundivas de frase teriam um controlo de tipo argumental/sintáctico (controlo pelo sujeito); as gerundivas de 'posterioridade' teriam um controlo de tipo arbitrário.

estruturas está sujeito a um controlo sintáctico ou estrutural, uma vez que, segundo a autora, só pode ser identificado pelo sujeito da matriz:

- (351) a. [-]_i avendo ormai preso la sua decisione, [-]_i non si lasciò dissuadere dagli argomenti più sottili.
- b. *[-]_i avendo ormai preso la sua decisione, gli argomenti più sottili non valserò a dissuaderlo_i.

Lonzi (1991: 584)

O sujeito nulo de gerundivas periféricas tem sido geralmente analisado como uma categoria vazia pronominal anafórica - PRO - (cf. Reuland 1983; Ribeiro 2002) típica de contextos em que o sujeito não tem Caso atribuído. Na análise clássica da distribuição de PRO, prevê-se que PRO não possa alternar com uma categoria lexical. O que é estranho nas construções gerundivas periféricas - como foi já assinalado por outros autores (e.g. Reuland 1983) - é que PRO alterne com sujeitos lexicalmente realizados.

Este problema pode ser resolvido de duas formas:

- i) ou se mantém a análise do sujeito nulo de gerundivas como PRO e se explica a possibilidade de ocorrerem sujeitos lexicais através de outras propriedades (e.g. estipulação de estruturas diferentes para as construções com e sem sujeito realizado; hipótese de que o sujeito lexical recebe Caso por defeito...);
- ii) ou deixa de considerar-se que o sujeito nulo destas estruturas corresponde a PRO, sendo antes uma categoria vazia de outro tipo.

A primeira solução é adoptada em trabalhos como Reuland 1983, para as orações com *-ing* do inglês, e em Ribeiro 2001, 2002 para as orações gerundivas flexionadas do português dialectal. Reuland 1983, no quadro da Teoria da Regência e da Ligação (Chomsky 1981) defende que PRO pode aparecer nestas estruturas através da aplicação livre da regra de 'Affix Hopping' na Sintaxe, que faria com que PRO não fosse regido. Ribeiro 2002 defende que os sujeitos lexicais nas gerundivas recebem Caso por defeito.

Quanto a mim, existem vários factores que argumentam contra esta hipótese (cf. Lobo 2002b, 2003).

Em primeiro lugar, em português europeu padrão o sujeito nulo das gerundivas periféricas não é obrigatoriamente controlado pelo sujeito da matriz, contrariamente

àquilo que é por vezes referido na literatura, embora essa seja muitas vezes (sobretudo estando a frase descontextualizada) a opção preferencial:

(352) [-] Estando doente, o João ficou em casa.

No entanto, como vimos já, o sujeito nulo de gerundivas periféricas também pode ser um expletivo (cf. (353)), pode ter interpretação arbitrária (cf. (354)), pode ser identificado por um tópico discursivo (cf. (355)), pode ser co-referente com um argumento experienciador (cf. (356)), e marginalmente pode ser co-referente com um DP encaixado numa oração completiva (cf. (357)), o que põe problemas a uma análise da identificação deste sujeito nulo como sendo um controlo de natureza sintáctica:

(353) a. [-] Tendo chovido durante toda a tarde, o jardim estava todo molhado.

b. *O Zé queria ter chovido durante toda a tarde.

(354) [-] Fumando mais de um maço por dia, aumenta o risco de surgimento de cancro do pulmão.

(355) a. [O bebé]_i está com febre há três dias. [-]_i Continuando assim, acho que o devemos levar ao médico.

b. [Eles]_i construíram já duas casas. [-]_{i/??j} Acabando de fazer a terceira, [a mãe]_j poderá ir morar para o pé deles.

(356) [-]_i Estando sozinho em casa, pareceu-lhe_i ouvir um ruído estranho.

(357) a. ??[-]_i Estando com febre, a mãe achou que era melhor [o Zé]_i ficar em casa.

b. ??[-]_i Estando com febre, não me agrada que [o Zé]_i vá à escola.

Estão excluídas a co-referência com o objecto directo e com um objecto preposicionado:

(358) ?? [-]_i Sendo muito nervosa, o Zé tenta não afligir [a mãe]_i.

(359) ?? [-]_i Estando um pouco deprimida, o Zé resolveu falar com [a amiga]_i.

Também em **inglês**, a identificação do sujeito nulo deste tipo de estruturas não é exclusivamente determinada pelo sujeito gramatical da matriz, embora esse seja o caso mais comum (cf. Kortmann 1991, por exemplo):

(360) Walking about, you notice something is different. (Sinclair 1990: 371)

(361) Having married very late, he was only a year short of fifty when I was born.

(Sinclair 1990: 371)

Em inglês, o sujeito nulo da oração adjunta com *-ing* pode ser identificado por um possessivo da matriz, por um tópico discursivo, pode ser expletivo, pode ser arbitrário⁴³:

(362) Looking out for a theme, several crossed his mind. (citado em Kortmann 1991: 43)

(363) Knowing Biggs since he left prep school, there could be no doubt that he was the man the police was looking for. (Kortmann 1991: 44)

(364) Being Christmas, the government offices were closed. (Kortmann 1991: 45)

(365) Being Sunday, all banks were closed. (Kortmann 1991: 8)

(366) Putting it mildly, you have caused us some inconvenience. (Kortmann 1991: 45)

(367) Generally speaking, he didn't like boys. (Zandvoort 1957: 35)

(368) Driving at a speed of 100 m.p.h., it is not easy to read the road signs. (Kortmann 1991: 54)

(369) Having undergone the German academic education, the English university system impressed him a great deal. (Kortmann 1991: 8)

(370) Absolutely speaking, Chinese is not a more difficult language to learn than English. (Kortmann 1991: 8)

Em **francês**, nas orações periféricas com particípio presente, o controlo pelo sujeito da matriz é o caso mais frequente:

(371) [-]_i ayant terminé ses devoirs, Paul_i est allé jouer.

(372) [-]_i ayant fermé la porte, le professeur_i commença la leçon.

Existem, no entanto, outras possibilidades de interpretação do sujeito nulo. De acordo com informantes consultados, o sujeito nulo pode ser controlado por um argumento experienciador da matriz, marginalmente pelo sujeito de uma encaixada:

(373) [-]_i ayant fermé la porte, il lui_i a semblé que tout était en ordre.

⁴³ Os casos em que o sujeito da oração subordinada não tem nenhum antecedente na matriz são designados 'unrelated participles' em Zandvoort 1957: 35.

(374) [-]_i ayant vécu longtemps à la campagne, ces tableaux l'évoquant me_i plaisent beaucoup.

(375) ?[-]_i ayant mangé leur soupe sans protester, Anne_i comprit que les enfants_j devaient être affamés.

Não são possíveis sujeitos identificados pelo objecto, nem sujeitos identificados por tópicos, a não ser em contextos muito particulares:

<controlo por objecto da matriz>

(376) *[-]_i ayant fermé la porte, Marie_j a embrassé Jean_i.

(377) a. [-]_i ayant faim, Gaston_i est allé au restaurant. (Jones 1996: 458)

b. *[-]_i ayant faim, on a envoyé Gaston_i au restaurant (Jones 1996: 458)

<controlo por tópico>

(378) ??/*La maîtresse_i a écrit un exercice sur le tableau. [-]_i Ayant terminé d'expliquer ce qu'il fallait faire, les enfants sont allés jouer.

(379) *[Le dernier élève]_i est entré. [-]_i Ayant fermé la porte, le professeur_j commença la leçon.

(380) ?Connaissant Anne depuis la maternelle, il n'y a pas de doute qu'elle est innocente/il est absolument impensable qu'elle ait commis ce crime.. (Matilde Miguel, c.p.)

Os sujeitos nulos expletivos estão geralmente impedidos de ocorrer nesta construção:

(381) *Ayant terminé de pleuvoir, Paul est allé jouer.

(382) *(*Il) ayant plu, le sol était complètement mouillé.

(383) *(*Il) étant clair que Jean ne viendra plus, nous pouvons partir. (Roberge & Vinet 1989: 102)

Exceptuam-se eventualmente algumas expressões cristalizadas e possivelmente algumas orações periféricas/de posterioridade em posição final:

(384) Étant donné que...

(385) Étant convenu que...

(386) Nous pouvons partir, étant bien clair que Pierre nous rejoindra plus tard.

(Matilde Miguel, c.p.)

Estes dados mostram que o sujeito nulo de gerundivas/orações de participio presente periféricas tem propriedades diferentes do sujeito nulo que ocorre em estruturas de controlo obrigatório. Como é sabido (cf. por ex. Raposo 1992), PRO não pode geralmente corresponder a um expletivo, tem de ser controlado por um argumento da frase imediatamente superior, e, quando não existe um controlador para PRO, tem uma interpretação arbitrária, estando restringido a argumentos humanos ou humanizados:

(387) a. O João quer que *pro* chova no fim-de-semana.

b. *O João quer PRO chover no fim-de-semana

(388) a. O João_i disse que o professor_j queria que *pro*_i entregasse o trabalho até sexta.

b. *O João_i disse que o professor_j queria PRO_i entregar o trabalho até sexta.

(389) a. É preciso PRO estudar mais.

b. *É preciso PRO chover mais.

Em segundo lugar, PRO não alterna com sujeitos lexicais. No entanto, o sujeito nulo de gerundivas periféricas pode alternar com sujeitos lexicais:

(390) a. O João quer PRO chegar a horas.

b. *O João quer o Pedro chegar a horas.

(391) a. Tendo [-] chegado atrasado, o Pedro não conseguiu arranjar um bom lugar.

b. Tendo o João chegado atrasado, o Pedro não conseguiu arranjar um bom lugar.

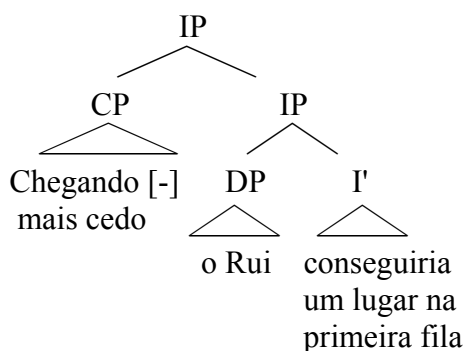
Perante estes dados, é mais plausível pensar que nas gerundivas periféricas (do português e nas orações de participio presente do inglês pelo menos) estamos perante um **controlo de tipo logofórico** (cf. Williams 1994a) ou numa **identificação de tipo pragmático** tal como parece acontecer com os sujeitos nulos de terceira pessoa das frases finitas das línguas de sujeito nulo (cf. Lobo 1994; Davis 2000). Assim, o sujeito nulo das gerundivas periféricas do português parece ter mais afinidades com uma

categoria vazia pronominal não anafórica – *pro* – do que com a categoria vazia que ocorre em estruturas de controlo – PRO.⁴⁴

Assumir que existe controlo estrutural em adjuntas é problemático, tanto teoricamente como empiricamente.

Configuracionalmente, essa hipótese é problemática. Veja-se que, estando sujeito a um controlo de tipo sintáctico ou estrutural, PRO deveria ser c-comandado pelo seu controlador. No entanto, mesmo admitindo que a adjunção é feita a IP, não é óbvio que o sujeito da matriz c-comande o da encaixada, uma vez que a gerundiva não é dominada por IP, mas apenas por um dos seus segmentos (na definição de Chomsky 1986):

(392)



Empiricamente, essa hipótese é problemática, uma vez que é possível a co-referência entre DP sujeito da subordinada anteposta e sujeito pronominal da matriz em adverbiais finitas e infinitivas. Isto mostra que o sujeito da matriz não c-comanda a subordinada à esquerda. Caso contrário, a frase deveria ser agramatical por violar o princípio C da Teoria da Ligação, que determina que uma expressão referencial é livre:

(393) a. Quando [o João]_i chegou a casa, [-]_i ligou a TV.

b. *[-]_i ligou a TV quando [o João]_i chegou a casa.

Também nas gerundivas, é possível a co-referência entre DP sujeito da gerundiva e o sujeito pronominal da matriz, o que, no caso de se tratar de uma configuração de controlo estrutural, não deveria ser possível:

⁴⁴ Fernández Lagunilla 1987, com base em argumentos semelhantes, conclui também que a categoria vazia na posição de sujeito das adverbiais infinitivas preposicionadas do espanhol é *pro* e não PRO. Também Ambar 1988 propõe que o sujeito das estruturas de controlo é *pro*.

(394) Estando [a Ana]_i muito cansada, [-]_i resolveu deitar-se mais cedo.

(395) Tendo o João_i chegado muito atrasado, *pro*_i resolveu já não ir à aula.

Se o DP sujeito da gerundiva estiver realizado, são possíveis quer a referência disjunta, quer a co-referência. A interpretação é determinada em grande parte por factores de ordem pragmática:

(396) A mãe_j está muito preocupada. Chegando a Ana_i a casa, [-]_j ficará mais tranquila.

(397) Estando o Zé_i doente, [-]_i terá de fazer o exame na segunda chamada.

(398) Tendo o Zé_i chegado atrasado, [-]_i já não arranjou lugar sentado.

Landau 2000 sugere que o controlo em orações adjuntas obedece a propriedades muito diferentes do controlo em estruturas argumentais, algumas das quais não pertencem à gramática da frase.

Também Kortmann 1991 admite que na identificação do sujeito nulo de gerundivas 'absolutas' intervêm factores de natureza pragmática.⁴⁵

Se o sujeito nulo de gerundivas periféricas não é PRO, então de que categoria vazia se trata? Uma hipótese é que se trate de *pro*. No entanto, neste caso, teremos de explicar por que razão línguas como o inglês e o francês admitem *pro* neste contexto, mas não em orações finitas.

Em qualquer dos casos, estamos perante estruturas em que os sujeitos nulos têm propriedades distintas quer de PRO, quer de *pro* típico das línguas de sujeito nulo.

Uma hipótese é pensar, na sequência de outros trabalhos (cf. Borer 1989 e.o.), que

⁴⁵ Para o espanhol, nas gerundivas de frase, Fernández Lagunilla 1999 distingue dois tipos de gerúndios 'adjuntos externos': i) aqueles em que o sujeito nulo pode não ter um antecedente na matriz (concessivos e condicionais); ii) aqueles em que o sujeito nulo é interpretado como co-referente com o sujeito ou objecto indirecto da matriz, correspondendo a co-referência com o sujeito ao caso mais frequente (causais e temporais):

i) Aun cantándoles una nana, los niños no se durmieron.

ii) Dando un buen servicio público de transportes, la gente dejaría el coche.

(Fernández Lagunilla 1999: 3466)

iii) No teniendo el coche arreglado, María se vio obligada a coger el autobús.

iv) *No dándole un buen servicio público, María se ve obligada a coger el autobús.

v) Estando hablando con su madre, Pedro se mareó.

vi) Estando *(su madre) hablándole, Pedro se mareó. (Fernández Lagunilla 1999: 3467)

não existem duas categorias vazias distintas de tipo pronominal, mas apenas uma, qualquer que seja o nome que se lhe dê. As diferentes propriedades dos sujeitos nulos nos diferentes contextos seriam resultado de factores de vária ordem, entre os quais fenómenos lexicais, morfológicos, estruturais e pragmáticos. Assim, a natureza morfológica da oração, a posição estrutural em que ela é projectada, o facto de ser tematicamente seleccionada ou não desempenharão um papel na determinação das propriedades dos sujeitos nos vários contextos.

A hipótese de que o sujeito nulo de gerundivas periféricas corresponde a *pro* ganha mais força quando consideramos dados do português dialectal. Na realidade, em variedades dialectais do português, são possíveis gerundivas com marcas visíveis de concordância. Neste caso, a concordância visível permite identificar não ambiguamente o sujeito nulo.⁴⁶ Assim, enquanto em português europeu padrão (PEP) em que o gerúndio não flexiona, não é permitida a co-referência com o objecto da oração principal, em variedades do português em que o gerúndio apresenta marcas visíveis de concordância (PED), quando o gerúndio tem morfologia visível de segunda pessoa, só a co-referência com o objecto (de segunda pessoa) é permitida:

(399) Em [-] chegando a casa, *pro*_i conto-te_j o que aconteceu. (PEP [-] = i; *[-] = j)

(400) Em [-] chegando a casa, *pro*_i conto-te_j o que aconteceu. (PED [-] = j)

O gerúndio flexionado comporta-se assim como o infinitivo flexionado ou como os modos finitos em estruturas como as seguintes:

⁴⁶ Ribeiro 2002 defende que a concordância visível nas gerundivas do português dialectal não é suficiente para legitimar sujeitos nulos e que é necessária a presença obrigatória de sujeitos pronominais (ou plenos) quando não existe co-referência total ou parcial com o sujeito da matriz ou quando o sujeito não está identificado contextualmente, nomeadamente com a segunda pessoa do singular :

i) *Em chegando cedo, arranjo lugar sentado (Ribeiro 2002: 119)

ii) *Embora chegando tarde, arranjo lugar sentado. (Ribeiro 2002: 120)

No entanto, os dados referidos pela autora são inconsistentes, uma vez que noutra secção são dadas as seguintes frases como gramaticais:

iii) Arrumandos o quarto, o Pedro vai falar contigo. (Ribeiro 2002: 66)

iv) Ouço-te em buzinandos uma vez (Ribeiro 2002: 108)

Para além disso, os dados de que disponho, a maioria dos quais foram obtidos espontaneamente, apontam no sentido contrário. Devo a Ana Maria Martins o exemplo do Pico:

v) Mas contandos agora, prontos. (Pico)

vi) Em comendos a sopa, dou-te o bolo. (Alto Alentejo, in Matias 1974)

vii) Em sendem crescidos, levo-os a Lisboa (Baixo Alentejo, in Delgado 1951)

viii) Mesmo pagando o dinheiro, não há quem queira ir fazer. (Cordial-sin, PAL11)

ix) Porque (...) a azeitona é uma das coisas que, chove agora, e, em estando bom, (...) já se trabalha. (Cordial-sin, AAL30)

(401) Depois de [-] chegares a casa, *pro*_i conto-te_j o que aconteceu. (PEP [-] = j)

(402) Quando [-] chegares a casa, *pro*_i conto-te_j o que aconteceu. (PEP [-] = j)

Considerando agora o sujeito nulo de gerundivas não periféricas, constatamos que as possibilidades interpretativas são mais restritas do que aquelas que existem em gerundivas periféricas.

Relativamente ao italiano, Lonzi 1988 aponta para um controlo de tipo temático nestas estruturas, uma vez que o sujeito da gerundiva parece ser controlado pelo argumento com papel-temático de agente ou de experienciador, seja ele o sujeito gramatical, o agente da passiva ou um argumento experienciador dativo. No entanto, em português, as frases correspondentes às do italiano parecem-me na maioria dos casos francamente marginais:

(403) a. La macchina è stata fatta ripartire da Paolo spingendola. (Lonzi 1991: 572)

b. ?*O carro foi posto em andamento pelo Paulo empurrando-o.

(404) a. La frase è stata pronunciata da Giovanni sorridendo. (Lonzi 1991: 572)

b. ??A frase foi pronunciada pelo João sorrindo.

(405) a. La decisione era stata presa da Paolo viaggiando negli Stati Uniti. (Lonzi 1991: 572)

b. ??A decisão foi tomada pelo João viajando nos Estados Unidos.

(406) a. Mi è successo sciando. (Lonzi 1991: 573)

b. *Aconteceu-me esquiando./Isso aconteceu-me andando de bicicleta.

(407) a. ??La tua frase mi è dispiaciuta/mi ha preoccupato rilegendola. (Lonzi 1991: 573)

b. *A tua mensagem desagradou-me/preocupou-me relendo-a.

(408) a. L'idea mi è venuta passeggiando.

b. ?Veio-me a ideia passeando.

(409) a. La notizia è stata trasmessa (dalle varie agenzie) tacendo alcuni particolari.

b. ?*A notícia foi transmitida omitindo alguns pormenores.

(410) a. Il materiale è stato recuperato (dai tedeschi) ricorrendo a tecniche sofisticate.

b. O material foi recuperado (pelos alemães) recorrendo a técnicas sofisticadas.

- (411) a. ?Il giovane è stato curato dai medici dell'ospedale locale facendo uso di terapie sperimentali.
 b. ?*O jovem foi curado pelos médicos do hospital local usando terapias experimentais.
- (412) a. ??Paola è stata ascoltata da Giovanna_i [-]_i sbadigliando.
 a'. *Paola è stata ascoltata sbadigliando.
 b. *A Paula foi ouvida pela Joana_i [-]_i bocejando.
- (413) a. ??Giovanni è stato festeggiato da Paolo_i [-]_i rientrando dalle vacanze.
 b. *O João foi aclamado pelo Paulo_i [-]_i voltando de férias

Assim, em português, o controle pelo sujeito matriz é sempre preferido/obrigatório. O controle pelo agente da passiva, quer quando o sujeito da passiva é animado, quer quando não é animado, dá resultados marginais:

- (414) a. Os bandidos_i amarraram a velhota [-]_i usando um arame.
 b. A velhota_j foi amarrada pelos bandidos_i [-]_i?*_i/#_j usando um arame.
- (415) a. O João pôs o carro a andar empurrando-o.
 b. ?*O carro foi posto a andar pelo João_i [-]_i empurrando-o.
- (416) a. O João destruiu a carta queimando-a.
 b. ?*A carta foi destruída pelo João queimando-a.
 a'. O João destruiu a carta queimando-a ou rasgando-a?
 b'. ?*A carta foi destruída pelo João queimando-a ou rasgando-a?
 a".?Foi queimando-a que o João destruiu a carta.
 b".*Foi queimando-a que a carta foi destruída pelo João.

Relativamente ao espanhol, Fernández Lagunilla 1999 diz que as gerundivas de predicado podem não ter o seu controlador/antecedente expresso. Assim, no espanhol, de acordo com a autora, são possíveis sujeitos expletivos e sujeitos arbitrários nestas estruturas. Em português, no entanto, as gerundivas não periféricas com sujeitos expletivos parecem-me marginais. As estruturas clivadas permitem ter a certeza de que estamos perante gerundivas não periféricas:

- (417) a. Esta mañana salí de casa lloviendo. (Fernández Lagunilla 1999: 3448)
 b. ?*Hoje saí de casa chovendo torrencialmente.
 c. *Foi chovendo torrencialmente que o Zé saiu de casa.

(418) a. Lo vino (me) sabe mejor tomándolo en copa. (Fernández Lagunilla 1999: 3448)

b. ?*A cerveja sabe melhor bebendo-a numa caneca.

c. *É bebendo-a numa caneca que a cerveja sabe melhor.

(419) a. La ropa se seca poniéndola al sol. (Fernández Lagunilla 1999: 3462)

b. ?*A roupa seca mais depressa estendendo-a ao sol.

c. *É estendendo-a ao sol que a roupa seca mais depressa.

Veja-se ainda os seguintes contrastes, em que um sujeito expletivo só é legítimo se a gerundiva estiver precedida de uma quebra entoacional, não funcionando portanto como gerundiva de predicado:

(420) a. ?*O João não foi para o trabalho [-]chovendo torrencialmente.

b. O João não foi para o trabalho, || chovendo torrencialmente.

c. *Foi chovendo torrencialmente que o João foi para o trabalho.

(421) a. ?*Os atletas teriam melhores resultados chovendo menos.

b. Os atletas teriam melhores resultados, || chovendo menos...

c. Os atletas teriam melhores resultados treinando mais.

No entanto, são marginalmente admitidas gerundivas em que o sujeito não tem um antecedente exposto na matriz, sendo a sua interpretação genérica ou arbitrária, i.e não específica, como nas seguintes frases:

(422) ??Este museu foi recuperado aproveitando subsídios europeus.

(423) ?Mataram-se milhares de pessoas invocando o nome de Deus.

O controlo pelo objecto está excluído assim como a identificação por um tópico:

(424) A Ana_i abraçou a Teresa_j [-]_{i/*j} chorando muito.

(425) *Esse livro impressionou o João chorando muito.

(426) *O João_i estava com má cara. A mãe_j ficou preocupada [-]_i tremendo muito.

Para além disso, nas gerundivas não periféricas, o sujeito nulo não alterna com um sujeito lexical:

(427) a. O pasteleiro fez o bolo [-] misturando as gemas com as nozes.

b. Foi misturando as gemas com as nozes que o pasteleiro fez o bolo.

(428) a. *O pasteleiro fez o bolo misturando o ajudante as gemas com as nozes.

- b. *Foi misturando o ajudante as gemas com as nozes que o pasteleiro fez o bolo.

Assim, o sujeito nulo de gerundivas não periféricas empiricamente está de certa forma mais próximo da categoria vazia PRO.

Recorde-se que admitimos que estas orações ocupam posições de adjunção a VP. Assim sendo, o sujeito da matriz pode c-comandar o sujeito da gerundiva.

Quanto aos contextos em que existe controlo por um argumento diferente do sujeito (e.g. experienciador, interpretação arbitrária), ter-se-á de admitir que se trata de um processo disponível quando o controlo pelo sujeito não é possível, correspondendo a uma estratégia de último recurso.

As diferenças entre o português e outras línguas quanto à possibilidade de haver sujeitos expletivos ou arbitrários nestas estruturas podem ser atribuídas a propriedades parametrizáveis de identificação de sujeitos nulos. A sua legitimação, essa, estaria sujeita a mecanismos mais gerais.

Quanto aos sujeitos nulos de participiais, existem também diversas posições na literatura: alguns autores identificam-nos como *pro* (e.g. Ambar 1988: 319; Santos 1999: 148); outros identificam-nos como PRO (e.g. Barbosa 2002 para o português), outros admitem as duas opções (cf. Belletti 1990 para o italiano).

Barbosa 2002 identifica o sujeito nulo de participiais como sendo PRO, baseando-se no seguinte contraste:

- (429) a. Lido, o texto soa bem.
b. *Lido, vamo-nos embora.

No entanto, como foi referido acima, existem contextos em que o sujeito nulo da participial não é controlado pelo sujeito da matriz. Volto a repetir aqui alguns exemplos:

- (430) Chegada [-]_i a Londres, começou a trovejar. (Eliseu 1988, citado em Santos 1999)
(431) Chegado [-]_i a Lisboa, pareceu-me_i que a cidade tinha perdido o seu encanto.
(432) Chegado [-]_i a casa, disseram-me_i que tinha havido um ataque terrorista nos E.U.A..

Também Belletti (1990: 120) dá exemplos semelhantes para o italiano:

(433) (Maria è venuta in treno e ...)

Scesa dal treno, è cominciato uno sciopero di due giorni.

(434) (I ragazzi sono partiti in ritardo e...)

Arrivati a casa, non c'era più nessuno.

A autora refere ainda a possibilidade de haver sujeitos expletivos quase-argumentais em participiais do italiano, o que seria um argumento a favor do estatuto do sujeito nulo como *pro*:

(435) Piovuto molto a lungo, decidemmo di non partire.

(436) Finito di nevicare, partiremo.

Em Ambar 1988 admite-se que *pro* sujeito da participial é localmente controlado pelo sujeito da matriz, que, segundo a autora, c-comanda *pro*.

Santos (1999: 147) admite que se trata de *pro*, uma vez que existe alternância com um DP pleno, que recebe, segundo a autora, Caso por defeito. A hipótese de se tratar de PRO está excluída pelo facto de este, de acordo com Chomsky & Lasnik 1993, receber Caso nulo, estando em distribuição complementar com DPs plenos. A autora cita Gunnarson 1994, que defende que nestas estruturas *pro* seria legitimado por verificação de Caso e identificado através de co-indexação com um elemento da matriz ou com um elemento do contexto discursivo.

Os dados que discutimos acima (cf. § 4.4.1.) apontam de facto para que o sujeito nulo de participiais também se aproxime mais de *pro* do que de PRO:

- i) existe alternância com um DP pleno
- ii) não há controlo obrigatório, sendo possível a identificação do sujeito nulo não só pelo sujeito gramatical, como também por um objecto ou por um tópico discursivo.

O mesmo parece acontecer em inglês. De acordo com Kortmann 1991, são possíveis sujeitos nulos em participiais não controlados pelo sujeito da matriz:

(437) Arrived there, his first act was to kneel down (Friedrich 1978, citado em Kortmann 1991: 59)

(438) Looked at closely, too, she could see his face was really a rather fine one.

(439) Seen so close, he thought of her as a Greek goddess even more so than before. (Kortmann 1991: 69)

Este sujeito nulo será então identificado através de mecanismos de natureza essencialmente semântica e pragmática (cf. também Kortmann 1991: § 6), possivelmente seguindo uma hierarquia cuja natureza exacta seria necessário estabelecer. A sua legitimação pode eventualmente ser feita através do mesmo mecanismo de verificação de Caso que actua com os DPs plenos, de que tratarei mais à frente.

4.5.5. Legitimação do sujeito lexical - a realização fonética do sujeito de absolutas

As construções chamadas absolutas caracterizam-se por serem orações adjuntas periféricas que têm o sujeito lexicalizado. Quando têm uma natureza verbal, podem ser gerundivas ou participiais.

Antes de descrever as propriedades destas construções e diferenças manifestadas entre línguas, talvez seja útil proceder a algumas observações sobre as formas em *-ing* do inglês e sobre as formas em *-ant* do francês, uma vez que o seu estatuto morfológico está sujeito a alguma controvérsia.

4.5.5.1. As construções do inglês e do francês: o estatuto da forma verbal, distribuição e propriedades morfo-sintácticas

Se considerarmos as construções do francês e do inglês equivalentes às gerundivas do português, verificamos que estas construções, do ponto de vista histórico e morfológico, parecem ter origens distintas das gerundivas. Nas gramáticas francesas e inglesas, a forma verbal que ocorre nestas construções é designada de 'gerúndio' (*gerund*, *gérondif*) em determinados contextos, e de 'participio presente' (*present participle*, *participe présent*) noutro tipo de contextos. Na realidade, tanto em francês como em inglês, a distribuição sintáctica destas formas e o tipo de contextos em que ocorrem não são absolutamente equivalentes aos do português.

Assim, uma vez que irei referir dados destas línguas, torna-se necessário descrever

os diferentes contextos em que as formas com *-ant* no francês e com *-ing* no inglês podem ocorrer, procurando identificar o estatuto morfo-sintáctico da forma verbal.

4.5.5.1.1. As orações adjuntas com *-ing* do inglês

Não é simples classificar morfologicamente as formas com *-ing* do inglês. De acordo com uma gramática como Zandvoort (1957: cap.2), elas podem corresponder a adjetivos, como em (440) e (441); a nomes, como em (442) e (443); a preposições ou conjunções (cf. Zandvoort 1957: 35), como em (444) e (445);

(440) an amusing story

(441) a charming hostess

(442) this building

(443) a human being

(444) He asked me concerning (=about) my health

(445) I think we shall win, providing (that) John is well enough to play.

Podem ainda funcionar como '**nomes verbais**', normalmente designados *gerunds*, uma vez que têm a distribuição de categorias nominais, e podem ter propriedades associadas a nomes (e.g. ser precedidas de artigo, pronome possessivo ou demonstrativo, nome no genitivo, ou adjetivo, e ser seguidas de complemento introduzido por *of*, cf. (446)-(448):

(446) His handling of the situation was masterly. (Zandvoort 1957: 25)

(447) He was waked by an insistent tapping on his door. (Zandvoort 1957: 25)

(448) Parliament objected to the Government(s) being given a free hand.
(Zandvoort 1957: 30)

mas também propriedades associadas a verbos (e.g. ser modificadas por advérbio ou expressão adverbial, introduzir um objecto directo, ter sujeito próprio, ocorrer com auxiliar e ocorrer na passiva, cf. (449)-(453)):

(449) It was a difficult business lowering the long boats into the tossing sea.
(Zandvoort 1957: 25)

(450) I don't like everybody leaving home for a fortnight on end. (Zandvoort

1957: 30)

(451) I object to being treated like a child. (Zandvoort 1957: 25)

(452) She enjoyed hearing him talk. (Zandvoort 1957: 26)

(453) Without saying good-bye, he took his hat and walked out of the house.

(Zandvoort 1957: 26)

Assim, as orações com *V-ing*, que nestes contextos são tradicionalmente designadas *gerunds*, podem aparecer em posições argumentais, equivalentes aos contextos de orações infinitivas do português (cf. Johnson 1988; Milsark 1988; Reuland 1983) - i.e. como complementos oracionais subcategorizados por determinados verbos (cf. (454) e (455)), como sujeitos oracionais (cf. (456) e (457)), como complemento de preposições (cf. (458)):

(454) a. I prefer [going to the beach].

b. *Prefiro indo à praia.

b'. Prefiro ir à praia.

(455) a. John enjoyed [writing the book]. (Milsark 1988: 612)

b. *O João apreciou escrevendo o livro.

b'. O João apreciou escrever o livro.

(456) a. [Writing the book] consumed much of George's time. (Milsark 1988: 612)

b. *Escrevendo o livro consumiu a maior parte do tempo do Jorge.

b'. Escrever o livro consumiu a maior parte do tempo do Jorge.

(457) a. I consider [being unhappy] to be unpleasant. (cf. Johnson 1988: 585)

b. *Eu considero ser desagradável [sendo infeliz]

b'. Eu considero ser desagradável [ser infeliz].

(458) a. Without saying good-bye, he took his hat and walked out of the house.

(Zandvoort 1957: 26)

b. *Sem dizendo adeus, ele pegou no chapéu e saiu de casa.

b'. Sem dizer adeus, ...

Finalmente as formas em *-ing* podem funcionar como 'adjectivos verbais', normalmente designados *present participles*, que ocorrem:

- na construção progressiva:

(459) a. The ships were sailing out of the harbour. (Zandvoort 1957: 36)

b. Os navios estavam saindo do porto.

- em função atributiva, como adjunto a um DP:

(460) a. As a child he had once been rescued with great difficulty from a burning house. (Zandvoort 1957: 32)

b. Em criança tinha sido uma vez salvo a custo de uma casa ardendo.

- como predicativo do objecto complemento de verbos perceptivos e de alguns outros verbos ('accusative with present participle') (cf. Zandvoort 1957: 32):

(461) a. I saw [*(the wind) rustling the leaves]. (Johnson 1988: 593)

b. Eu vi o vento sacudindo as folhas.

(462) a. I heard [*(the rain) striking the roof]. (Johnson 1988: 593)

b. Eu ouvi a chuva batendo no telhado.

(463) She heard him coming downstairs

(464) He felt his heart beating wildly.

(465) I saw him walking across the road.

(466) Take care he does not catch you napping.

- em orações adverbiais (como adjuntos livres ou em construções absolutas, podendo ter um sujeito expreso) com interpretação de tempo, causa, ou conformidade ou em orações quase-coordenadas:

(467) a. *Arriving at the station*, he found his train gone. (Zandvoort 1957: 34)

b. Chegando à estação, viu que o comboio já tinha partido.

(468) a. *Not knowing what to do*, she applied to me for advice. (Zandvoort 1957: 34)

b. Não sabendo o que fazer, ela veio pedir-me conselho.

(469) a. *The match having been cancelled*, the supporters of our team were most disappointed. (Kortmann 1991: 11)

b. Tendo o jogo sido cancelado, os apoiantes da nossa equipa ficaram desapontados.

(470) Elaine's winkling at Roddy was fruitless, *he being a confirmed bachelor*. (Reuland 1983: 1)

(471) *Being a sailor*, John sometimes smokes a pipe. (Kortmann 1991: 28)

(472) *Lying on the beach*, John sometimes smokes a pipe. (Kortmann 1991: 28)

(473) Young men by the dozen came up, *asking her to dance*. (Zandvoort 1957: 35)

Assim, tradicionalmente faz-se uma distinção entre formas em *-ing* que ocorrem em posições argumentais, designadas *gerunds*, e formas em *-ing* que ocorrem basicamente em posições de adjunção ou em contextos predicativos, tradicionalmente designadas *present participles* (cf. Zandvoort 1957: cap.2).

De acordo com a classificação tradicional, as formas do inglês terminadas em *-ing* parecem ser morfologicamente ambíguas. Repare-se que os usos como *present participle* equivalem basicamente aos contextos de gerúndio do português, ao passo que os usos como *gerund* são em português traduzidos por infinitivas.

No entanto, em textos teóricos recentes que analisam algumas destas construções, a distinção entre *gerund* e *present participle* deixa de ser feita, distinguindo-se as propriedades das diversas construções e não as formas verbais em si.

Assim, Reuland 1983 trata algumas construções com *-ing* a que chama construções 'NP-*ing*', que distingue da construção 'possessive-*ing*'. Sob a designação "construção 'NP-*ing*'" engloba a chamada 'construção nominativa absolutiva' e a construção 'Accusative-*ing*'. A sua análise considera portanto formas em *-ing* que tradicionalmente são consideradas *gerunds* (cf. 'Accusative-*ing* construction') e também *present participles* (cf. 'nominative absolute construction').

Também Johnson 1988 considera várias construções em que ocorrem formas em *-ing*, chamando a todas *clausal gerunds*, quando de acordo com a tradição gramatical inglesa teríamos nuns casos *gerunds* e noutros *present participles* (e.g. nos casos em que a oração é complemento de um verbo perceptivo).

No entanto, comparando o inglês com o português, verificamos que a forma verbal em *-ing* nem sempre corresponde ao gerúndio português: há contextos em que parecem funcionar de forma semelhante, e contextos em que as formas em *-ing* se aproximam antes do infinitivo português.

Historicamente, o comportamento 'ambíguo' das formas em *-ing* e a sua classificação tradicional ora como *gerunds*, ora como *present participles* é explicável. De facto, de acordo com Wrenn (1949: 143) e Williams (1975: 265), as formas em *-ing* do inglês moderno provêm umas de formas nominais, outras de formas de participio presente, com terminações distintas no inglês antigo. Assim, em inglês antigo existiam participios presentes, terminados em *-ende*, que evoluíram no inglês médio nas regiões

do Centro e Sul para *-inde* ou *-ing(e)* e nas regiões do Norte para *-and(e)*. Simultaneamente co-existia uma forma verbal nominal terminada em *-ing* (com origem na forma flexionada *-inga*), que no inglês médio terá assumido a forma *-inge*. As formas *-inde* e *-inge* a certa altura, pela sua proximidade fonológica e por partilharem alguns contextos gramaticais próximos, ter-se-ão fundido ambas em *-inge*, sendo no inglês moderno já realizadas como *-ing*.

A intersecção de formas morfológicamente distintas numa mesma forma *-ing* explicará assim o estatuto morfológicamente ambíguo das actuais formas em *-ing* do inglês.

4.5.5.1.2. As orações com *gérondif* e *participe présent* do francês

Também o francês levanta questões particulares no que diz respeito às gerundivas, uma vez que, nesta língua, o gerúndio do português, do italiano e do espanhol corresponde a duas construções diferentes - o chamado *gérondif* - *en* + V-*ant* - e o *participe présent* - em que *en* não ocorre - que as gramáticas francesas distinguem claramente.⁴⁷

Contudo, embora a distinção entre *gérondif* e *participe présent* esteja descrita nas gramáticas do francês, historicamente, há razões para pensar que estas duas formas nem sempre foram distinguíveis de uma forma inequívoca. É sabido que alguns dos usos contemporâneos do *gérondif* e *participe présent* foram determinados artificialmente pela Academia Francesa no final do s. XVII.

Estas formas parecem, pois, ter-se interseccionado em dado momento da história da língua. Embora a origem de uma e de outra forma continue sujeita a alguma controvérsia (cf. Campos 1980), autores como Bonnard & Régnier 1991 e Grévisse 1993 derivam as formas do *participe présent* francês do participípio presente latino de natureza adjectival com terminação no acusativo em *-ante*⁴⁸ (> *-ant*). As formas do *gérondif* teriam origem no gerúndio latino com terminação no ablativo em *-ando*⁴⁹ (> *-ant*). Participípio presente e gerúndio tinham empregos distintos no latim.

Também nas gramáticas francesas são atribuídas funções diferentes a cada forma.

⁴⁷ Alguns autores (cf. Jones 1996), contudo, tratam quer a construção com V-*ant* quer a construção com *en* V-*ant* como 'gerundive constructions'.

⁴⁸ E ainda *-ente* e *-inte* que não sobreviveram.

⁴⁹ E ainda *-endo* e *-iendo*, tendo-se a desinência *-ant* imposto a todas as formas.

O *gérondif*, formado por <en + V-ant>, é definido pelas gramáticas francesas como uma forma que tem um funcionamento adverbial:

"Le gérondif représente toujours une circonstance accompagnant le verbe sur lequel il s'appuie. Il fonctionne comme *un adverbe* ou *un complément de circonstance*"

Chevalier *et al.* (1964: 374)

Este não pode ocorrer com sujeitos lexicais. A sua distribuição corresponde basicamente à do gerúndio de predicado (ou não periférico) quer anteposto, quer posposto:

(474) On s'accoutume à bien parler en lisant ceux qui ont bien écrit (Voltaire, in Chevalier *et al.* 1964: 374)

(475) C'est en forgeant qu'on devient forgeron. (id.: 375)

(476) Si Goethe avait cédé [à Bettina]... il n'aurait pas contaminé son peuple en le persuadant qu'une injustice est préférable à un désordre (Eluard, *ibid.*)

(477) J'attendrai mon train en lisant le journal. (Chevalier *et al.* 1964: 375)

(478) En travaillant ce soir, je pourrai aller demain au spectacle. (*ibid.*)

O *participe présent*, que não tem o introdutor *en*, corresponde apenas a *V-ant*. É definido nas gramáticas como uma forma verbal que tem um comportamento adjectival, à excepção dos empregos como absoluto. A sua distribuição recobre assim os casos das gerundivas periféricas do português e ainda os usos predicativos do gerúndio. Em fases mais recuadas do francês, esta forma terá manifestado concordância em género e número:

(479) La Veuve d'Hector pleurante à vos genoux. (Racine, in Grévisse 1993: 1308)

(480) Donner la chasse aux gens/Portans bastons et mendians (La Fontaine, in Grévisse 1993: 1308)

Nos usos ditos 'absolutos', pode ocorrer com sujeitos lexicais plenos:

(481) Et bientôt, Paris disparaissant, il poussa un gros soupir. (Flaubert, in Chevalier *et al.* 1964: 375)

(482) César ayant fait cette déclaration, Cicéron a quitté le Sénat. (Rouveret 1987: 313)

(483) Jean ayant déjà parlé, Marie se sentait plus à l'aise. (Roberge & Vinet 1989: 96)

Encontram-se ainda alguns exemplos em que há concordância com o sujeito:

(484) Toute(s) affaire(s) cessante(s)

(485) Tous empêchements cessants

(486) Il n'en bougera plus, moi vivante. (exemplos de Grévisse 1993: 1311)

Nos **usos predicativos**, a oração predica sobre o objecto, sobre outro constituente, e pode também predicar sobre o sujeito da matriz:

(487) Je le revois activant d'un air pensif le soufflet (Duhamel, in Chevalier *et al.* 1964: 374)

(488) Dans la rue de Bourgogne il dépassa ses camarades regagnant leurs cantonnements. (Aragon, in Chevalier *et al.* 1964: 375)

(489) Il pérorait [...] se prenant pour le nombril du monde, pontifiant (Cendrars, *ibid.*)

(490) Un boucher coupant, tranchant, élaguant, façonnant, ficelant vaut un danseur, un mime (Colette, *ibid.*)

(491) Jean a vu Marie; (*en) [-]_i sortant de chez elle.

(492) Paul a vu Marie travaillant dans son bureau. (Jones 1996: 437)

(493) J'ai vu Gaston_i [-]_i sortant du restaurant. (Jones 1996: 458)

Semanticamente, as construções com *gérondif* e com *participe présent* também se distinguem, uma vez que as construções periféricas com *participe présent* têm normalmente um valor causal, ao passo que a construção com *gérondif* tem um valor de modo ou de tempo simultâneo. A partícula *en* parece condicionar a interpretação de tempo simultâneo.

(494) Pierre_i a vu un renard en [-]_i traversant la forêt. (Jones 1996: 457) <tempo simultâneo>

(495) Le voleur_i a été arrêté (par la police_j) en [-]_i_j sortant de l'immeuble. (Jones 1996: 457) <tempo simultâneo>

- (496) Les voleurs_i sont entrés en [-]_i cassant une vitre. <modo>
 (497) [-] étant très fragiles, ces verres ne se mettent pas dans le lave-vaisselle.
 (Jones 1996: 458) <causa>
 (498) [-] ayant fini son travail, Jules s'est couché. (Jones 1996: 458) <tempo
 anterior/causa>

Se a oração for introduzida por *tout en* pode ter um valor concessivo (cf. Jones 1996: 457):

- (499) Tout en étant malade, Jules est allé au travail. (Jones 1996: 458)

Também as orações com *gérondif* apresentam restrições à interpretação do sujeito nulo. É possível a identificação pelo sujeito, mas não a identificação pelo objecto:

- (500) Les voleurs_i sont entrés en [-]_i cassant une vitre.
 (501) Ils ont tué les étudiants en hurlant. (Kayne 1977: 207)
 (502) *Le choc a tué les étudiants en hurlant. (Kayne 1977: 208)
 (503) J'_i ai dessiné Paul_j en [-]_{i/*j} mangeant une pomme.
 (504) Pierre_i a vu un renard en [-]_i traversant la forêt. (Jones 1996: 457)
 (505) Le verre_i s'est cassé en [-]_i tombant par terre. (Jones 1996: 457)
 (506) *Luc a cassé le verre_i en [-]_i tombant par terre. (Jones 1996: 457)
 (507) *Ce film a amusé Pierre_i en [-]_i le regardant. (Jones 1996: 457)

Estão excluídos também sujeitos identificados por um tópico e sujeitos nulos expletivos:

- (508) *Marie_i est arrivée en retard. En [-]_i ouvrant la porte, le professeur_j l'a
 grondée.
 (509) *Je suis sortie en [-]_{expl} pleuvant

Para além da identificação pelo sujeito, também parece ser possível a identificação por um argumento experienciador que não seja acusativo e sujeitos com interpretação arbitrária:

- (510) a. En [-]_i sortant de l'école, il m'_i a semblé voir Paul.
 b. Il m'_i a semblé voir Paul en [-]_i sortant de l'école.
 (511) En [-]_{arb} fumant trois paquets de cigarettes par jour, le risque de cancer
 augmente.

Jones 1996 observa que é possível a identificação por um agente explícito ou implícito em construções médias e passivas como as seguintes:

(512) La porte a été ouverte en la poussant. (Jones 1996: 107)

(513) a. La porte du château s'ouvrait en disant les paroles magiques. (Jones 1996: 117)

b. La porte du château s'ouvrait en grinçant. (Jones 1996: 118)

c. ??La porte du château enchanté s'est ouverte en disant les paroles magiques. (Jones 1996: 118)

d. La porte du château s'est ouverte en grinçant.

(514) a. Le poulet se cuit en le tournant fréquemment.

b. *Le poulet cuit en le tournant fréquemment. (Jones 1996: 118)

(515) Le verre a été cassé (par Luc_i) en [-]_i faisant la vaisselle. (Jones 1996: 457)

(516) Ce vin se boit en mangeant. (Jones 1996: 457)

(517) Le voleur_i a été arrêté (par la police_j) en [-]_{ij} sortant de l'immeuble. (Jones 1996: 457)

Nas orações com *gérondif* introduzidas por *tout en*, no entanto, nem é possível a identificação pelo objecto nem pelo agente da passiva:

(518) a. Tout en étant malade, Jules est allé au travail. (Jones 1996: 458)

b. *Tout en [-]_i étant malade, on a envoyé Jules_i au travail. (Jones 1996: 458)

c. Tout en étant malade, Jules a été envoyé au travail. (Jones 1996: 458)

d. *Tout en [-]_i prenant du soin, le verre a été cassé (par Luc_i). (Jones 1996: 458)

Curiosamente, o comportamento das orações com *gérondif* e com *participe présent* no francês parece apoiar a tipologia sintáctica proposta para o português, em particular a distinção feita entre gerundivas adjuntas não periféricas e gerundivas predicativas orientadas para o sujeito, uma vez que em francês elas correspondem a construções diferentes.

Kayne (1977: 127) observa também restrições ao tipo de predicado que ocorre nas construções predicativas com *participe présent*. Recorde-se as restrições observadas para as gerundivas predicativas do português em 4.1.2.

- (519) a. Je l'ai vu courant à toute vitesse.
 b. Elle l'a rencontré sortant du cinéma.
 c. Elle est là pleurant comme une Madeleine.
- (520) a. *Je l'ai vu étant petit.
 b. *Elle l'a rencontré ne l'aimant pas.
 c. *Elle est là étant grosse.

Apesar de as gramáticas francesas atribuírem um estatuto diferente às construções de *gerondif* e de *participe présent*, verificamos que cada uma delas, pelas propriedades que manifesta, equivale a um tipo de construção gerundiva de línguas como o português.

4.5.5.2. Legitimação do sujeito lexical em absolutas

Em gerundivas periféricas e em participiais são possíveis sujeitos plenos na construção chamada 'absoluta' (seja ela de natureza participial ou gerundiva) tanto nas línguas românicas que temos estado a considerar, como em inglês:

<gerúndio/particípio presente>

- (521) a. Ces verres étant très fragiles, il ne faut pas les mettre dans le lave-vaisselle. (Jones 1996: 458)
 b. Jules étant malade, nous avons dû finir le travail nous-mêmes. (Jones 1996: 458)
 c. Le train n'étant pas encore arrivé, Gaston est allé prendre un café. (Jones 1996: 458)
- (522) The match having been cancelled, the supporters of our team were most disappointed. (Kortmann 1991: 11)
- (523) Tendo o João saído, a Maria entrou.
- (524) a. Avendogli Giovanni dato una mano, Paolo è riuscito a far ripartire la macchina. (Lonzi 1991: 572)
 b. Pur avendomi tu aiutato, non sono andata lontano. (Lonzi 1991: 572)
 c. Spingendola Giovanni, la macchina forse ripartirebbe. (Lonzi 1991: 572)
- (525) Abriendo yo la puerta, se produjo el apagón. (citado em Hernanz & Suárez 1999: 2542)

<particípio passado>

(526) Son travail terminé, il est sorti. (Grévisse 1993: 1312)

(527) Dinner finished, we left for the opera. (Kortmann 1991: 10)

(528) Chegada a Maria, o João suspirou de alívio.

(529) Arrivata Maria, Gianni tirò un sospiro di sollievo. (Belletti 1990: 89)

(530) a. Llegados los bomberos, se procedió a la extinción del incendio.
(Mendikoetxea 1999: 1606)

b. Dicho esto, concluyó la sesión. (Hernanz & Suñer 1999: 2541)

- Como são legitimados esses sujeitos? De que forma verificam Caso?
- Por que razão não são admitidos sujeitos plenos em gerundivas não periféricas?

Se olharmos para as diferentes línguas, verificamos que a forma como o sujeito lexical é realizado não é sempre igual.

Em gerundivas periféricas, o português europeu padrão (cf. (531)), o italiano (cf. (532)) e o espanhol (cf.(533)), assim como o português dialectal (cf. (534)) admitem quer sujeitos DPs plenos, quer sujeitos pronominais que assumem a forma nominativa. Todas as formas de pronome, de qualquer pessoa gramatical, são possíveis:

(531) Estando eu/tu/ele/ela/nós/vocês/eles/elas na primeira fila, será fácil ver o quadro.

(532) Pur avendolo io/tu/lui/lei/noi/voi/loro aiutato, Gianni non è andato lontano.

(533) Faltando yo/tu/el/usted/nosotros/vosotros/, la fiesta resultaría aburrida.

(534) a. Estando eu...

b. Estandos tu

c. Estando ele/ela

d. Estândomos nós

e. Estandem vocês/eles/elas

Apesar de apresentarem o mesmo padrão de ordem de palavras, francês e inglês distinguem-se quanto à possibilidade de ocorrer um sujeito pronominal com Caso nominativo - só em inglês são gramaticais as formas pronominais nominativas:

- (535) Roddy tried to avoid Elaine, he being a confirmed bachelor. (Reuland 1983)
- (536) a. John having closed the door, the meeting started.
 b. I/you/he/she/we/they having closed the door, ...
- (537) a. Jean ayant fermé la porte, la réunion commença.
 b. *Je/tu/il/elle/nous/vous/ils/elles ayant fermé la porte, ...
- (538) a. Jean ayant terminé ses devoirs, Anne est allée le visiter.
 b. *Il ayant terminé ses devoirs,...
- (539) a. Jean étant arrivé en retard, le professeur l'a grondé.
 b. *J'/tu/il étant arrivé en retard,...

Note-se, no entanto, que as frases com sujeitos pronominais nominativos são sentidas como arcaicas pelos falantes ingleses. A realização do sujeito sob a forma de um pronome é extremamente rara e acontece apenas em registos muito formais ou em textos mais antigos (cf. Kortmann 1991):

- (540) I not being he, the question you ask is foolish. (citado em Kortmann 1991: 12)
- (541) Off they went, she remaining behind. (cit. Kortmann 1991:12)
- (542) Their patron, St Anthony, was the Egyptian hermit, he having been held to foster the growth of herbs in the desert. (cit. em Kortmann 1991: 100)

No francês, embora não possam ocorrer sujeitos pronominais clíticos, são permitidos sujeitos pronominais fortes, desde que o contexto legitime o uso destas formas.⁵⁰

- (543) (Le professeur attendait Pierre et Marie.) Lui étant arrivé en retard, le professeur l'a grondé.
- (544) Jean et Marie travaillaient ensemble, mais lui ayant toujours terminé bien avant elle, on décida de les séparer.
- (545) Marie avait deux amis étranges. Ils étaient aussi silencieux l'un que l'autre.
Ni elle ni lui n'ayant jamais ouvert la bouche, notre groupe en conclut qu'ils étaient ou muets ou idiots.
- (546) Je pense que, eux aidant, tu pourras résoudre ce problème.

⁵⁰ Agradeço a Matilde Miguel (c.p.), a quem devo muitos dos dados do francês, ter-me alertado para esta possibilidade e ter-me fornecido estes exemplos, assim como a preciosa ajuda que me deu com os dados do francês.

Ainda assim, parece haver restrições de pessoa - os pronomes de 3ª pessoa são mais aceitáveis do que os pronomes de 1ª e 2ª pessoa:

- (547) a. (Le professeur attendait Pierre et Marie.) Lui étant arrivé en retard, le professeur l'a grondé.
b. (Le professeur nous attendait.) ??Moi étant arrivé en retard, le professeur m'a grondé.
c. (Le professeur nous attendait.) ??Toi étant arrivé en retard, le professeur t'a grondé.

Francês e inglês distinguem-se ainda quanto à possibilidade de ocorrerem sujeitos expletivos - só em inglês podem ocorrer sujeitos expletivos:

- (548) a. It having snowed all day, I decided to stay home.
b. *Having snowed all day, I decided to stay home.

(Chomsky 1981: 327)

Embora com verbos meteorológicos a realização fonética do expletivo pareça ser obrigatória, noutros contextos, o expletivo nulo é possível. Kortmann 1991 refere o seguinte exemplo em que o expletivo não tem realização fonética:

- (549) Being Christmas, the government offices were closed. (in Kortmann 1991: 45)

Em francês, estão geralmente excluídos os sujeitos expletivos, quer nulos, quer pronominais:

- (550) *(Il) ayant plu, Marie est restée chez elle.

Só nalgumas expressões feitas aparecem geralmente sujeitos nulos expletivos:

- (551) Étant donné qu'il est déjà tard,...

A impossibilidade de ocorrerem sujeitos pronominais expletivos pode ser explicada se houver uma restrição generalizada à ocorrência de sujeitos clíticos nestas estruturas, o que parece verificar-se:

- (552) *Je/tu/il ayant fermé la porte, ...

Note-se que a mesma restrição parece verificar-se em participiais, como notou Santos (1999: 76):

(553) Jean vaincu,...

(554) ???Lui vaincu,...

(555) *Il vaincu,...

Podemos sintetizar o comportamento das várias línguas quanto às possibilidades de lexicalização de sujeitos em gerundivas periféricas através do seguinte quadro:

Tipos de sujeito nas gerundivas absolutas das várias línguas

	Su DP	Su pron. Nom.	Su pron. forte	Su expl. pron.
port. padrão	√	√	=	*
italiano	√	√	=	*
espanhol	√	√	=	*
port. dialectal	√	√	=	?
francês	√	*	√	*
inglês	√	√	?/√	√

Como são legitimados os sujeitos lexicais em gerundivas?

Sendo as gerundivas orações consideradas não finitas, a possibilidade de um sujeito ser lexicalizado é um fenómeno estranho na gramática. A situação mais comum corresponde àquela em que orações não finitas não legitimam sujeitos com matriz fonética. As orações gerundivas, no entanto, representam um caso particular: nem se comportam como as infinitivas não flexionadas, nem se comportam como as finitas. Estão numa situação intermédia.

Poderia pensar-se que os sujeitos que surgem em gerundivas são de alguma forma legitimados 'por defeito'. É esta a posição defendida em Eliseu 1988 e Santos 1999 relativamente às participiais e em Ribeiro 2002 relativamente às gerundivas flexionadas.

A pertinência da existência da noção de Caso por defeito na Gramática Universal tem sido defendida por vários autores. Schütze 2001, em particular, combinando hipóteses do Programa Minimalista (cf. Chomsky 1995) e da Morfologia Distribuída (cf. Halle & Marantz 1993), desenvolve um sistema em que o Caso por defeito é atribuído na componente pós-sintáctica a um DP que não tenha Caso morfológico e que

tenha sido legitimado independentemente na sintaxe.

Há, no entanto, vários factores que me levam a considerar que os sujeitos de gerundivas absolutas não têm Caso por defeito.

Em primeiro lugar, nas situações típicas de Caso por defeito, não há alternância com um sujeito nulo. Ora, nas gerundivas, podemos ter DPs ou pronomes nulos na posição de sujeito:

(556) a. Estando [-] doente, a Ana ficou em casa.

b. Estando o Zé/ele doente, a Ana ficou em casa.

Em segundo lugar, em inglês, os pronomes que ocorrem como sujeito de gerundivas absolutas não têm as características dos pronomes que têm Caso por defeito nessa língua. Conforme descrito por Schütze 2001, a forma por defeito do inglês corresponde à forma do acusativo: *me/you/him/her/us/them*. É verdade que, nalguns casos, pode haver alternância com uma forma de nominativo. No entanto, nunca encontramos em situações de Caso por defeito pronomes neutros ou expletivos nem encontramos apenas formas nominativas (o que acontece no inglês standard):

(557) - Who wants to try this game?

a. Me/*I.

b. Me/*I neither.

c. I/*Me do. (Schütze 2001: 211)

(558) - What fell?

- This/*It.

(559) You and him/*he look lovely.

(560) *You and it look lovely.

Ora, nas gerundivas absolutas do inglês 'conservador', ocorrem quer sujeitos pronominais nominativos, quer sujeitos pronominais expletivos, o que não parece ser compatível com uma análise destes elementos como formas que recebem Caso por defeito:

(561) Roddy tried to avoid Elaine, he being a confirmed bachelor. (Reuland 1983)

(562) I not being he, the question you ask is foolish. (in Kortmann 1991: 12)

(563) Off they went, she remaining behind. (in Kortmann 1991: 12)

- (564) Their patron, St Anthony, was the Egyptian hermit, he having been held to foster the growth of herbs in the desert. (Kortmann 1991:100)
- (565) Neither could he suspect that he had missed his way, it being so broad and plain. (citado em Kortmann 1991: 100)
- (566) It having snowed all day, I decided to stay home. (Chomsky 1981: 327)
- (567) There being no taxis we had to walk. (Kortmann 1991: 25)
- (568) And, it being extremely cold,..., he thought it would make an agreeable change if he were to go inside where it was warm. (Kortmann 1991: 192)
- (569) He came up with a gem today about two words in one of his languages, one which began with [k] on a high tone, one which began with [k] on a low tone, it being a basic point of phonetic theory that the [k] can't be distinguished tonally. (citado em Kortmann 1991: 193)

No entanto, Kortmann (1991: 12) refere que em usos não standard do inglês, o pronome pode assumir a forma acusativa:

- (570) But you see, him being here, in the room - I had to be careful.
- (571) As we strode along, I doing my best to keep pace with him, and him reading aloud from some political economist or other, he would drag out a handful of nuts and munch them. (cf. Kortmann 1991: 12)

Também Bouchard (1984: 188), citando os seguintes exemplos, refere que há alternância entre a forma acusativa e a forma nominativa do pronome sujeito da oração absoluta, sendo, segundo ele, a forma acusativa a preferida:

- (572) Him having left, Mary felt sad.
- (573) Mary hates John, he being a bachelor.

O facto de haver alternância entre nominativo e acusativo sugere que a construção está a sofrer um processo de reanálise nomeadamente quanto ao processo de verificação de Caso do sujeito gramatical destas construções.

Para além disso, como Schütze 2001 refere, a atribuição de Caso por defeito não pode ser encarada como uma estratégia para 'salvar' DPs em último recurso. Se assim fosse, esperar-se-ia que esse mecanismo actuasse em todos os contextos em que um DP

não pode receber/verificar Caso (ou nos contextos de Caso Nulo na proposta de Chomsky & Lasnik 1993), o que não acontece. Veja-se que em estruturas de controlo típicas, PRO não pode alternar com DPs lexicais.

Assim, em alternativa à hipótese da atribuição de Caso por defeito ao sujeito lexical de gerundivas periféricas, podemos avançar a hipótese de que este recebe efectivamente Caso nominativo na variedade do inglês standard mais conservadora. Trata-se, no entanto, de um processo de legitimação mais fraco do que aquele que acontece em orações finitas.

Podemos assim colocar a hipótese de que os diferentes tipos de expressões nominais - DPs plenos, pronomes fortes, pronomes fracos, pronomes clíticos e pronomes nulos (tal como estabelece a tipologia de Cardinaletti & Starke 1999) - obedecem a diferentes condições de legitimação (cf. também Ambar 1996 para a ideia de que DPs e pronomes têm requisitos de legitimação diferentes).

Cardinaletti & Starke 1999 propõem que os pronomes se podem classificar em três categorias - pronomes fortes, pronomes fracos e pronomes clíticos - com diferentes propriedades fonológicas, sintácticas e semânticas.⁵¹

Os pronomes clíticos seriam os mais defectivos de todos os pronomes lexicais (cf. também Rouveret 1997), precisando de deslocar-se para um núcleo com o qual estabelecem uma relação local que lhes permite recuperar traços em falta.

Rouveret 1997 resume várias abordagens que fazem uso de uma hierarquia na deficiência estrutural das formas pronominais. Numa das hipóteses (cf. Corver et Delfitto 1993), os clíticos não estão especificados quanto ao traço [humano]. De acordo com Uriagereka 1995, os clíticos não codificam traços de pessoa. Na análise de Cardinaletti & Starke 1994, os clíticos têm uma estrutura interna mais defectiva (IP).

As restrições manifestadas à realização dos sujeitos lexicais nas várias línguas apoiam a ideia de que os pronomes clíticos são os pronomes lexicais mais defectivos. Em orações com participio presente, a defectividade dos clíticos manifesta-se pela impossibilidade de termos clíticos sujeito nestas estruturas em francês.

⁵¹ Ver Zribi-Hertz 2000 e Zribi-Hertz & Mbolatianavalona 1999 para uma crítica a vários aspectos da proposta de Cardinaletti & Starke 1999.

No entanto, clíticos objecto são perfeitamente possíveis, tanto em francês como nas restantes línguas românicas⁵²:

(574) Jean ne l'ayant pas vue, Marie...

(575) Tendo-nos convidado para a festa,...

(576) a. Paolo ha fatto ripartire la macchina spingendola. (Lonzi 1991: 571)

b. Avendogli Giovanni dato una mano, Paolo è riuscito a far ripartire la macchina. (Lonzi 1991: 572)

(577) a. Aproximandose el verano, Luis se vestía de blanco. (Fernández Lagunilla 1999: 3468)

b. Aun cantádoles una nana, los niños no se durmieron. (Fernández Lagunilla 1999: 3466)

c. La ropa se seca poniéndola al sol. (Fernández Lagunilla 1999: 3462)

Assim, os pronomes clíticos sujeito parecem ter um estatuto especial, uma vez que só estes estão excluídos das orações com participio presente.

O estatuto dos clíticos sujeito em francês é uma questão controversa. De acordo com Zribi-Hertz 1994 e Jakubowicz & Rigaut 1997, co-existem pelo menos duas variedades do francês: o Francês Moderno Standard, em que o clítico sujeito é um verdadeiro sujeito; e o Francês Avançado, em que o pronome clítico tem o estatuto de um morfema flexional de concordância, sendo uma lexicalização do núcleo funcional AgrS.⁵³

Se os clíticos sujeito do francês tiverem de ser legitimados por um nó Agr forte ou, em alternativa, se forem eles próprios a manifestação dessa categoria, pode explicar-se a restrição à ocorrência de clíticos nas estruturas participiais do francês.

A hierarquia de deficiência nas formas pronominais manifesta-se também em diferenças entre pronomes e DPs plenos em português. Os pronomes fracos parecem ser mais defectivos do que os DPs plenos. Nas gerundivas do português, essa defectividade manifesta-se na necessidade de haver adjacência entre o V (ou Aux) em posição inicial

⁵² Repare-se que, em português tal como em espanhol na ausência de elementos proclisadores, os clíticos ocorrem em ênclise nas gerundivas.

⁵³ Agradeço a Anne Zribi-Hertz ter-me enviado alguns artigos relativos a esta questão, assim como as referências bibliográficas que me sugeriu.

e o sujeito pronominal invertido, sendo o requisito de adjacência mais fraco quando o sujeito é um DP pleno:

- (578) a. ?Estando ainda o João com febre, resolvi ficar em casa.
b. *Estando ainda ele com febre, resolvi ficar em casa.
- (579) a. ?Sendo ainda a Ana muito nova, o médico aconselhou-a a ter esperança.
b. Sendo a Ana ainda muito nova,...
- (580) a. *Sendo ainda eu muito nova, o médico aconselhou-me a ter esperança
b. Sendo eu ainda muito nova,...

Assim, um pronome parece ter de estabelecer uma relação mais estreita com o V no gerúndio do que os DPs plenos.

Estes dados sugerem que os sujeitos de gerundivas não recebem Caso por defeito, mas sim Caso nominativo. Resta saber de que forma é que Caso é verificado nestas estruturas.

Relativamente às participiais, o problema é mais complicado. Nestas estruturas, a realização fonética do sujeito pode corresponder a um DP pleno, mas a realização como pronome obedece a um certo número de restrições.

Em português, como vimos acima, os sujeitos pronominais não são totalmente aceitáveis, estando mais restritos do que em gerundivas. Como observa Ambar 1996, são piores sujeitos pronominais de segunda pessoa e sujeitos pronominais com verbos transitivos⁵⁴:

- (581) a. Chegada a Ana, começámos a reunião.
b. ??Chegada eu/ela, ...
c. ?*Chegada tu, ...
d. ??Chegados nós, ...
- (582) a. Convidada a Ana, o Pedro deu os telefonemas por terminados.
b. ?*Convidada eu/ela, ...
c. *Convidada tu, ...
d. ?*Convidados nós, ...

⁵⁴ Cf. nota 30 deste capítulo.

Em italiano, o sujeito pronominal das participiais manifesta Caso acusativo com verbos transitivos e Caso nominativo com verbos inacusativos (cf. Belletti 1981, 1990; Ambar 1988, 1996; Santos 1999; e.o.):

- (583) a. Conosciuta me, ...
b. *Conosciuta io, ...
(584) a. *Arrivata me, ...
b. Arrivata io, ... (cf. Belletti 1990)

Em francês, os sujeitos pronominais clíticos estão excluídos destas estruturas:

- (585) a. Une fois les enfants venus/habillés, nous partions.
b. *Une fois ils venus/habillés, ...

A construção participial do inglês raramente funciona como absoluta, tendo normalmente um sujeito nulo:

- (586) Worn out by hunger and fatigue the fugitives at last reached the coast.
(587) Arrived at the station, he found his train gone. (exs. de Zandvoort 1957: 52)

Na literatura são referidos alguns exemplos com sujeitos lexicais, mas nenhum deles contém um sujeito que seja um pronome pessoal:

- (588) Dinner finished, we left for the opera. (Kortmann 1991: 10)
(589) Joan was burnt without a hand lifted on her own side to save her. (Jespersen 1954, citado em Kortmann 1991: 11)
(590) All things considered, it is not such a bad bargain. (Zandvoort 1957: 53)
(591) This done, he locked his door and went to bed. (Zandvoort 1957: 53)
(592) That done, he put on his woollen scarf and went out. (Sinclair 1990: 372)
(593) This said, I left. (Barbosa 1995: 72)

Na realidade, a ocorrência de sujeitos pronominais (quer nominativos, quer acusativos) em participiais absolutas do inglês é agramatical, contrastando com aquilo que acontece nas orações com participio presente:

- (594) a. The town destroyed, they celebrated their victory.
b. *It destroyed, ...

- (595) a. Everybody invited, John ordered ten bottles of champagne for the party.
 b. *They invited, ...
 c. *Them invited, ...
- (596) a. Dinner finished, we left for the opera.
 b. *It finished,...
- (597) a. All things considered, it is not such a bad bargain. (Zandvoort 1957: 53)
 b. *They considered, ...
 c. *Them considered,...

Assim, nas línguas que referi a legitimação do sujeito é mais fraca em orações com participio passado do que em orações gerundivas e de participio presente, o que mais uma vez sugere que as primeiras são mais defectivas.

Como dar conta então das diversas possibilidades de legitimação do sujeito lexical em adjuntas gerundivas e participiais?

Admitamos que as diferentes classes de expressões nominais e pronominais têm diferentes especificações morfológicas, i.e. diferentes traços-phi (pronomes têm traços de Caso mais fortes do que DPs e precisam de legitimação mais forte; clíticos sujeito só são legitimados num núcleo Agr 'forte'). Admitamos ainda que T de gerundivas/orações de participio presente, sendo defectivo, só pode legitimar plenamente DPs, e que só pode legitimar pronomes se estabelecer uma relação local apropriada com o pronome, i.e. se não intervier material lexical entre eles, e se for ele próprio legitimado por X^o adequado, que pode corresponder ao OpT em C. Podemos então explicar os dados observados.

Em gerundivas periféricas, o OpT em C encontra-se 'livre', possibilitando a atribuição de Caso por T e a legitimação de sujeitos DPs e pronominais.

Em gerundivas de predicado, OpT e V-T-Agr em C está 'ligado' por T-Agr matriz e legitimação do sujeito é bloqueada.

Nas orações participiais, em que não há OpT em C, os sujeitos pronominais serão marginais: T defectivo não estabelece relação apropriada com um elemento temporal que valide os seus traços. É no entanto suficiente para legitimar DPs plenos.

Quanto às orações de participio presente, em que admitimos não haver um OpT forte, embora possam ocorrer pronomes no inglês, estes encontram-se mais limitados,

podendo haver variação entre a forma nominativa e acusativa do pronome. Para além disso, os pronomes parecem ser melhores com verbos auxiliares do que com verbos plenos.

Embora a referência disjunta corresponda à situação mais frequente quando o sujeito da gerundiva está lexicalizado, também é possível que exista co-referência. Isso é possível pelo menos em português, em italiano, em francês, e em inglês, ainda que neste último caso as frases sejam consideradas desusadas:

(598) Estando a Ana_i muito cansada, [-]_i resolveu deitar-se cedo. <português>

(599) ?Essendo Gianni_i stanco, [-]_i è andato via. (Lonzi 1988: 66) <italiano>

(600) Jean_i ayant terminé ses devoirs, il_i est allé jouer. (ok, M. Miguel, c.p., mas 'arcaico' segundo Grévisse) <francês>

(601) a. Our guest at last arriving, he was called upon to sing. (Scheurweghs 1969, citado em Kortmann 1991: 101) <inglês>

b. The whole building being of wood, it seemed to carry every sound, like a drum. (Visser 1972, citado em Kortmann 1991: 101)

A possibilidade de haver co-referência entre o sujeito lexical da gerundiva e o sujeito pronominal da matriz mostra que este último não c-comanda a gerundiva. Caso contrário, deveríamos ter uma violação do Princípio C da T. da Ligação. Estes dados confirmam a ideia de que não há controlo estrutural nestas construções.

- Existirá alguma relação entre lexicalização do sujeito e ordem de palavras em absolutas?

Belletti (1990: 96) relaciona a ordem V-Su em orações participiais com a atribuição de Caso ao sujeito da participial. Assumindo que Agr atribui Caso Nominativo quando se junta a T (por movimento núcleo-núcleo) e admitindo que as participiais não têm uma especificação temporal completa, não projectando T, Caso nominativo em princípio não poderia ser atribuído ao sujeito em especificador de Agr. Só será possível atribuição de Caso nominativo na configuração V-Su, que corresponde a uma estrutura em que V subiu para C, onde se encontra um elemento X^o de natureza temporal capaz de atribuir Caso nominativo (cf. também Rizzi 1982 para as gerundivas do italiano e Raposo 1987 para as infinitivas do português).

Brito 1984, considerando apenas os dados do português, também coloca a hipótese de que é a subida de V para C em gerundivas que legitima o sujeito lexical. Como vimos, segundo a autora, as diferentes possibilidades de relações temporais que se verificam em gerundivas com *em* e gerundivas sem *em* sugerem que existe um Tempo independente em C:

(602) a. Em ele vindo ao Porto, falamos/falaremos nisso.

b. *Em ele vindo ao Porto, falámos nisso.

(cf. exemplos de Brito 1984: 431-2)

A favor de um valor temporal específico para o conector *em*, veja-se ainda os seguintes contrastes:

(603) a. Em eu tendo dezoito anos, saio de casa.

b. *Em eu tendo dezoito anos, saí de casa.

(604) a. Tendo eu dezoito anos, sairei de casa.

b. Tendo eu dezoito anos, saí de casa.

Esse T em C, segundo Brito 1984, seria o responsável pela inversão Su-V manifestada nas gerundivas sem conector do português e pela atribuição de Caso ao sujeito, na linha de propostas de outros autores (e.g. Stowell 1982; Raposo 1987).

A hipótese de Brito 1984, assim como as de Rizzi 1982, Belletti 1990, são interessantes. Levantam, no entanto, algumas questões quando olhamos para dados de outras línguas, a primeira das quais é colocada também em Barbosa 2002:

- como são legitimados os sujeitos lexicais no francês e no inglês, em que não há inversão?
- como são legitimados os sujeitos lexicais em variedades dialectais do português em que pode não haver inversão?

Procurarei responder a estas questões na próxima secção e verificar se existe ou não uma relação entre inversão Su-V e legitimação do sujeito em gerundivas.

4.5.6. Uma análise comparativa das orações adjuntas periféricas com gerúndio/particípio presente e particípio passado - questões de ordem de palavras

Vários autores têm observado que existem diferenças entre línguas nas orações ditas absolutas (i.e. orações gerundivas, orações com particípio presente e orações com particípio passado em que o sujeito se encontra foneticamente realizado): Ambar 1988, Barbosa 1995, 2002, Santos 1999; e.o.

Vimos já que em português padrão existe inversão sujeito-verbo (ou sujeito-auxiliar) obrigatória nas gerundivas periféricas:

- (605) a. Tendo o Zé vivido sempre na cidade, os pais nunca lhe mostraram os animais do campo.
b. *O Zé tendo vivido sempre na cidade, os pais nunca lhe mostraram os animais do campo.

Também em italiano e em espanhol existe inversão obrigatória nas gerundivas (cf. Rizzi 1982; Lonzi 1991; Fernández Lagunilla 1999), embora Lonzi (1988, 1991) refira que, nas gerundivas que ela classifica como 'arbitrárias' (e que correspondem basicamente às gerundivas de posterioridade), a inversão é facultativa:

<italiano>

- (606) a. Spingendola Giovanni, la macchina forse ripartirebbe.
b. *Giovanni spingendola, ...
(607) a. Pur avendomi tu aiutato, non sono andata lontano.
b. *Pur tu avendomi aiutato, ...
(608) a. Avendogli Giovanni dato una mano, Paolo è riuscito a far ripartire la macchina.
b. *Giovanni avendogli dato una mano, ...

(exemplos a. de Lonzi 1991: 572)

<espanhol>

- (609) a. Estando María regando las plantas, sucedió el accidente.
b. *María estando regando las plantas, ...
(610) a. Estando Pedro cenando en su casa, le sobrevino el infarto a Luis.
b. *Pedro estando cenando en su casa, ...

(exs. a. de Fernández Lagunilla 1999: 3466)

(611) a. Faltando Juan, la fiesta resultaría aburrida.

b. *Juan faltando,...

(612) a. Estudiando yo tercero, murió mi padre.

b. *Yo estudiando tercero,...

(exs. a. de Fernández Lagunilla 1999: 3467)

O mesmo acontece com orações absolutas com o particípio passado nestas três línguas:

(613) a. Destruída a cidade, os romanos celebraram a vitória.

b. *A cidade destruída,...

(614) a. Dicho esto, concluyó la sesión. (Hernanz & Suñer 1999: 2541)

b. *Esto dicho,...

(615) a. Arrivata sua moglie, Gianni cambiò atteggiamento. (Papi 1991: 599)

b. *Sua moglie arrivata,...

Assim, em línguas como o português, o italiano e o espanhol, o sujeito ocorre em posição pós-verbal (ou pós-Auxiliar) nas orações absolutas.

Em francês e em inglês, pelo contrário, a inversão não é permitida; o sujeito ocorre antes do verbo quer em absolutas com particípio presente, quer em absolutas com particípio passado:

<particípio presente>

(616) a. Jean étant sorti, Marie est entrée.

b. *Étant Jean sorti, Marie est entrée.

c. *Étant sorti Jean,...

(617) a. John having left, Mary came in.

b. *Having John left, Mary came in.

c. *Having left John,...

<participio pasado>

- (618) a. La ville détruite, les romains célébrèrent leur victoire.
b. *Détruite la ville, ...
- (619) a. Dinner finished, we left for the opera. (Kortmann 1991: 11)
b. *Finished dinner, ...

Contudo, se a oração for introduzida por uma expressão adverbial ou por outro conector a possibilidade de haver ordem Su-V está descrita para o português e para o italiano (cf. Ambar 1988, Santos 1999, Papi 1991)⁵⁵:

- (620) a. (Appena) Arrivata sua moglie, Gianni cambiò atteggiamento. (Papi 1991: 599)
b. *(Appena) sua moglie arrivata, Gianni cambiò atteggiamento. (Papi 1991: 600)
- (621) Una volta Maria arrivata, non ci fu più modo di remediare la gaffe. (Papi 1991: 600)

Veja-se, também, que Grévisse (1993: 356) refere vários exemplos em que existe inversão sujeito-verbo nas absolutas do francês, sobretudo com o participio pasado:

- (622) Eteinte la chaleur du combat, le coeur de Sélim avait répondu à l'invocation
(Kessel, in Grévisse 1993: 356)
- (623) Ces chiffres sont à rabattre, tenu compte de l'entrecroisement des sangs.
(Yourcenar, in Grévisse 1993: 356)
- (624) Exclus les parents et les élèves, on peut passer aux choses sérieuses (B. Frappat, in Grévisse 1993: 356)
- (625) Advenant le décès de l'un des deux (Ac. 1932, in Grévisse 1993: 356)

A inversão parece favorecer a perda de concordância:

- (626) Vu sa charge énorme, la voiture marchait très lentement (Gautier, in Grévisse 1993: 359)
- (627) Étant donné les circonstances (Duhamel, in Grévisse 1993: 360)

⁵⁵ Encontra-se também ordens alternativas relativamente a uma expressão feita (cf. Papi 1991: 600):

i) Cìo detto, ...
ii) Detto cìo, ...

Em **variedades dialectais do português europeu** (cf. Cordial-sin) em que o gerúndio pode apresentar marcas visíveis de concordância, a inversão parece não ser obrigatória. Também é permitida a posição pré-verbal mesmo na ausência de conector.⁵⁶ Encontram-se os dois padrões de ordens de palavras em gerundivas: Su-V e V-Su.⁵⁷

<português europeu dialectal>

(628) Um caminho sendo ruim diz: "Tal é os barrancos que estão aqui nesse caminho". (Cordial-sin, AAL94)

(629) Enfim, os homens lá vão ainda porque não têm tractores e, então, hoje a coisa, estarem a pagar, eles tendem as coisas em casa, fazem a toda a hora, quando querem, vão fazendo o serviço com um macho, com mais pausa. (Cordial-sin, AAL36)

(630) Tu querendos, podemos namorar às escondidas (Monte Gordo, in Ratinho 1959)

(631) Calandes-te tu também eu me calo (Colos, in Guerreiro 1968)

(632) E depois, morreu a mãe. Morrendo a mãe, ficaram os dois, um que estava a casa do pai, do padrinho, e outro estava a casa [AB|da, {pp} do] da mãe. (Cordial-sin, AAL54)

(633) E chamava-lhe ele {pp} tomateiras! Sendo ele criado aqui, {pp} talvez aí, {pp} [AB|vá lá] vá lá, /a/ uns quinhentos metros da distância [AB|da ca-, d-] da casa do tio. (Cordial-sin, PAL5)

(634) Enquanto os outros {pp} ouvem as coisas, {pp} ou vêem, {pp} (...) e de si mesmo não têm inteligência, muitas vezes, para descobrir qualquer coisa – julgandem-se eles inteligentes! – e eu, como sei descobrir qualquer coisa e não sei ler, pois sou bruto, sou parvo. (Cordial-sin, PAL 5)

⁵⁶ Nestas gerundivas os sujeitos podem ser DPs plenos ou pronominais com Caso nominativo.

⁵⁷ Também está descrita a opcionalidade entre a ordem Su-V e V-Su em gerundivas no português do Brasil (PB) (cf. Campos 1980: 49):

i) "Demais isso mostra que o homem pouco sabe de português porque o verbo estando já no condicional eu não poderia empregar o condicionalíssimo "si"..." (citado in Campos 1980: 49, subl. meu)

ii) "Concordava mesmo que de vez em quando, êle não estando em casa, evidentemente, voltasse a recebê-las, como na véspera, para um cházinho." (ibid., subl. meu)

iii) "A vida de Abraão pode parecer fantástica, mas tendo sua história sido escrita visivelmente pelo Espírito Santo, devemos respeitá-la." (id: 55, subl. meu)

Não vou considerar aqui os dados do PB, uma vez que estes envolvem questões que não posso aqui tratar.

Quanto ao participio passado, não se encontram facilmente participiais absolutas nos dados do PED. Trata-se de facto de uma construção bastante literária, pouco comum em registos orais. Encontram-se sim participiais introduzidas por *depois de*, que, como vimos acima, podem aproximar-se de construções predicativas:

(635) Depois de a farinha mexida, está toda passada, depois, ia-se dando a punhada, para coiso.(Cordial-sin, PAL30)

(636) Antes do pão (...), ardeu, transbraseou-se, depois varreu-se o forno. Depois de varrido, é que se põe o pão dentro do forno.(Cordial-sin, PAL31)

Em **estádios antigos do português**, pode encontrar-se quer a ordem V-Su, quer a ordem Su-V em gerundivas, como exemplificado de seguida em textos dos s. 13 e 14 (CIPM). Note-se que as diferentes ordens são possíveis quer com sujeitos plenos, quer com sujeitos pronominais:

(637) "& elos tenendo e auendo este Castello eu pusi meus preytos & myas co~uene~zas" (CIPM, 1260, CA03, F 43vB)

(638) "e o preito e a carta estando sempre i~seu reuor permaecente" (CIPM, 1283, HGP027)

(639) "& o dito abbade don Henrique estando presente na dita curтина, o dito Pedro Periz filou vun nabo con suas uerssas ..." (CIPM, 1283, HGP101)

(640) "pela ventuyra algu~u~ entrasse en orde~ ssen outorgame~to de ssa molher e ele seendo eno moesteyro quisesse ella entrar en moesteyro en rreligio~podeo fazer" (CIPM, s.14, PP)

(641) "Mays se o preyto seendo mouudo se presentassem clerigo este atal..." (CIPM, s.14, PP)

(642) "el no~ cri'j'a, que el aparelado era de rreuogar o agrauame~to assy commo deryto fosse, mostrando elles esse agrauamento;" (CIPM, 1290, HGP106)

(643) "E esto todo deue se'e'er en tenpo destes home'~e's (e) destas molhores e nõ mays comp(ri)ndo eles o seu deryto;" (CIPM, 1295, CHP026)

(644) "dize~do o d(i)cto Affon(so) gil q(ue) a mey'adade das d(i)ctas Casas er[a~] do d(i)cto Mon(steiro)" (CIPM, 1289, CHP022)

(645) "e sse o fezesse~ contra seu deffendime~to auendoos elle ante rrogados e deffendudo que o no~ffezessem" (CIPM, s.14, PP)

(646) " e con melhor entença~ todauia seendo o clerigo que presentassem bo~o~." (CIPM, s.14, PP)

No século 13, existem contextos em que podemos encontrar em variação livre gerúndio e participio presente. Assim, estão em variação as formas *fazente* e *fazendo*, *jazente* e *jazendo*, *reinante* e *reinando*, *temente* e *temendo*, *tenente* e *tenendo*. O desaparecimento progressivo das orações adverbiais com participio presente e a sua substituição sistemática pela forma gerundiva mereceria um estudo sistemático, que está fora do âmbito deste trabalho. Aqui, ilustro apenas esse fenómeno:

(647) "...como nos Joha~ Martins & Migel Martins & Mayor Martins, hermaos, fazendo por nos & por nossa herma'a' Maria Martins por que a todo tempo outorgamos..." (CIPM, 1282, HGP007)

(648) "muler q(ue) fuy de Froya Suariz, fazente por si & por toda a uoz deste seu marido et fazente por sa filla..." (CIPM, 1262, HGP002)

(649) "Regnante en Leon & i~Galliza & in Castella rey do~Afonso,..."(CIPM, 1257, HGP020)

(650) "Rena~do Rey do~Affonso en Leo~& en Castella co~ todos seus rreynos, ..." (CIPM, 1281, HGP055)

(651) "Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, teme~te o dia de mia morte, a saude de mia alma e a proe de..."(CIPM, 1214, TL)

(652) "...eu Lopo Rrodriguez de Nozedo ffaço iazendo na prigon de Deus & teme~do dia de meu pasame~to, co~ todo meu ente~deme~to & ma memoria coreyta..." (CIPM, 1290, HGP058)

Nas participiais do PA tanto são possíveis a ordem V-Su como a ordem Su-V⁵⁸:

(653) e mha corte sabuda a u(er)dade deste feyto e vistas as cartas da hu~a p(ar)te

⁵⁸ Contudo, a ordem V-Su é sem dúvida a mais frequente e possivelmente a ordem menos marcada, sendo plausivelmente a ordem Su-V de certa forma latinizante. Veja-se que também Suñer (2002: §29.2.5) refere que no catalão do s. XIV em que co-existem as ordens Su-V e V-Su em participiais, a ordem V-Su parece corresponder já à ordem não marcada. A ordem Su-V, segundo a autora, encontra-se sobretudo com sujeitos pronominais, sintacticamente mais leves, e com sujeitos que contêm quantificadores universais, ao passo que a ordem V-Su não apresenta este tipo de restrições.

- e da out(ra) vyo por dereyto e Juygou os davand(i)c(t)os coutos e herdam(en)tos... (CIPM, 1274, CA21, F127vB)
- (654) E eu ouuido este Juyzo louueyo... ... (CIPM, 1274, CA21, F127vB)
- (655) E sabuda a u(er)dade nos de suso dictos Alcayde e Juyzes e tabalio~ p(er) ma~dado do Concelho. fezem(os) esta carta se'e'lar do se'e'lo d'euora. (CIPM, 1273, CA19, F126rB)
- (656) E eu auudo co~selo cu~ aq(ue)les q(ue) entendi q(ue) me dereytam(en)te co~selaria~ meti hy migo Steua~ anes meu Cha~celer (CIPM, 1270, CA10, F98vA)
- (657) [E], feito esto, disseronlhe os estrangeiros que no~ avyam viandas. (CIPM, s.14, CGE, F280d)
- (658) [E] el rey do~ Denis, visto o recado do Papa, mandou dizer aos reys todo o que lhe ma~dara dizer (...). (CIPM, s.14, CGE, F203r)
- (659) E acabado este (con)iuo deue diz(er) o b(is)po esta oraço~ como rroga a De(us) (...). (CIPM, 1350ca, PP, 33c)
- (660) Acabado todo esto, tornousse o conde pera as Esturas. (CIPM, s.14, CGE, F149c)
- (661) E, acabado esto, rey Abdella mandou lavrar muy ben o castello de Loxa. (CIPM, s.14, CGE, F107b)
- (662) & viudas las cartas & leudas y oydas las razones & sabuda a uerdade p(er)... (CIPM, HGP)
- (663) Ysto acabado, çessou a guerra e foro~feytas firmes pazes. (CIPM, s14, CAXP, F244v)
- (664) E, esto acabado, morreu; e foy enterrado e~no moesteiro de San Salvador, o que elle fezera em Leon pera sua filha dona Elvira. (CIPM, s.14, CGE, F116a)
- (665) & a ca(r)ta uista e p(er)leuda, o d(i)cto joyz foy au d(i)cto logar (...). (CIPM, HGP)

Temos assim as seguintes possibilidades de **ordem de palavras em orações absolutas de gerúndio/particípio presente sem conectores** nos vários sistemas linguísticos:

	V-Su	Su-V
port. padrão	√	*
italiano	√	*
espanhol	√	*
port. dial.	√	√
port. ant.	√	√
francês	*/?	√
inglês	*	√

Em orações absolutas com **particípio passado** sem conectores, a ordem de palavras é a seguinte:

	V-Su	Su-V
port. padrão	√	*
italiano	√	*
espanhol	√	*
port. ant.	√	√
francês	*/?	√
inglês	*	√

- Como explicar os diferentes padrões de ordem de palavras?
- Que posição ocupam o verbo e o sujeito nas várias línguas?
- Corresponderão as ordens V-Su e Su-V em gerundivas e participiais a um mesmo fenómeno ou trata-se de fenómenos diferentes em cada uma das construções?
- Se ordem V-Su corresponder a subida do V, o que a desencadeia?
- Como explicar línguas em que existe aparentemente opcionalidade, num modelo em que a opcionalidade está excluída?

Estes contrastes receberam várias interpretações e várias explicações teóricas.

Segundo Ambar (1988/1992: 322), cujo trabalho se situa no quadro teórico de Chomsky 1986, a ordem V-Su em gerundivas do português é desencadeada pela subida de V para C de forma a que T [-forte] da gerundiva tenha acesso a regência por T matriz. Quando C está preenchido por *em*, *em* rege T, não havendo subida do V. A autora não refere no entanto o porquê da ausência de inversão noutras línguas, descrevendo apenas contrastes na ordem de palavras entre o português e o francês na primeira parte do trabalho (cf. Ambar 1988/1992: 121).

Quanto às participiais do português, Ambar (1988/1992: 319-21) propõe que T

matriz rege o núcleo C de CP participial, que segundo a autora se encontra adjunto a IP matriz. A ordem V-Su é explicada pela necessidade de Agr da participial [+ anaf] ser regido por T. Sendo T da participial fraco, terá de subir para C de onde, regido por T matriz, pode reger Agr. Só em C é que T subordinado tem acesso à regência por T matriz. Em alternativa, um operador aspectual em especificador de C legitima T e a inversão pode não ocorrer.

Barbosa 2002 propõe uma explicação diferente. Na sequência de Roberts 1994, a autora relaciona a posição pré ou pós-verbal do sujeito nas orações absolutas com o facto de a língua admitir ou não sujeitos nulos: as línguas de sujeito nulo teriam inversão, ao passo que as línguas de sujeito não nulo não teriam inversão. Nas palavras da autora, "o que determina a exclusividade do padrão V-S é a ausência dos traços de concordância verbal, isto é, a ausência de especificação dos traços de concordância de Pessoa" (Barbosa 2002: 56).

Para Barbosa 2002, a ordem V-Su em gerundivas não corresponde a uma estrutura em que V/Aux subiu para C, mas sim a uma estrutura em que o sujeito se encontra numa posição baixa. De acordo com Barbosa, nas orações absolutas e nas orações infinitivas das línguas de sujeito não nulo, o sujeito está numa posição mais alta do que aquela que ocupa nas línguas de sujeito nulo.

Relativamente às gerundivas, Barbosa refere que a possibilidade de haver marginalmente extracção de *ne* nas gerundivas do italiano - o que só parece ser possível de uma posição pós-verbal - pode servir de argumento em favor de uma posição mais baixa para o sujeito nas gerundivas do que aquela que é ocupada pelos sujeitos pré-verbais em contextos finitos:

(666) a. *[Molti -] ne sono stati distrutti.

b. ???Essendone [molti -] stati distrutti dagli attachi precedenti, potremmo tornare a casa. (Barbosa 2002: 60)

Belletti 1990 refere que com o participio passato as frases com extracção de *ne* são agramaticais:

(667) a. Appena partite tre lettere di invito, la riunione fu rinviata.

b. *? Appena partitene [tre -], ...

Contudo, Santos (1999: 54) refere que sem *appena* a frase é gramatical:

(668) Partitene tre, la riunione fu rinviata.

Os dados com extracção de *ne* em italiano, segundo Barbosa 2002, quererão dizer que nesta língua os sujeitos se encontram numa posição pós-verbal baixa em gerundivas e participiais.

Para as participiais, Barbosa 2002 defende, tal como Santos 1999, que a posição ocupada por Adv's de VP nestas estruturas é um argumento a favor da hipótese de que o sujeito está numa posição baixa. O V estaria numa projecção de Aspecto e o sujeito permaneceria na sua posição básica.

Contudo, relativamente às gerundivas do português, a autora não apresenta argumentos convincentes a favor de uma posição baixa para o sujeito. De facto, no português, a posição de Adv's de VP em gerundivas mostra que o V e o sujeito estão numa posição mais alta do que em participiais (cf. também Santos 1999):

(669) a. *O João completamente resolveu o problema.

b. O João resolveu completamente o problema.

(670) a. Completamente resolvido o problema, o João ficou mais aliviado.

b. Resolvido completamente o problema,...

(671) a. *Completamente resolvendo o problema, o João será promovido.

b. Resolvendo completamente o problema, ...

c. *Completamente resolvendo o João o problema,...

d. Resolvendo o João completamente o problema,...

Segundo a autora, o facto de os sujeitos ocuparem posições baixas nas absolutas das línguas de sujeito nulo está directamente relacionado com a impossibilidade de haver Deslocação à Esquerda Clítica em contextos em que não há traços de pessoa. De facto, a autora defende a hipótese de que os sujeitos pré-verbais das línguas de sujeito nulo estão deslocados, ocupando uma posição-A'. No contexto de orações não finitas, *pro* referencial não seria legitimado, o que explicaria a impossibilidade de haver ordem Su-V nas absolutas das línguas de sujeito nulo.

Contudo, se é verdade que existe uma correlação entre concordância e posição do sujeito, esperar-se-ia até certo ponto uma correlação entre ausência de marcas de concordância e ordem Su-V, como acontece nas línguas de sujeito não nulo. Se são os traços de concordância os responsáveis pela legitimação de *pro* referencial, esperar-se-ia que as línguas de sujeito nulo em contextos de ausência de concordância tivessem um

comportamento típico das línguas de sujeito não nulo, havendo subida do sujeito para especificador da flexão. Em vez disso, a autora diz que a ausência de concordância vai impedir a legitimação de *pro* referencial, tendo o sujeito lexical de permanecer *in situ*, à direita do V.

Esta hipótese prediz que só sejam gramaticais orações gerundivas e participiais com sujeitos nulos [- referenciais], uma vez que, nesta análise, a Flexão das gerundivas não legitima [*pro* referencial]. Não é isso que acontece, no entanto.

Note-se que, para a autora, os sujeitos nulos de absolutas estão sujeitos a uma relação de controlo, tendo um comportamento semelhante a PRO. A favor desta hipótese, a autora refere o seguinte exemplo:

(672) *cv essendo così simpatica, Gianni è contento.

A autora defende ainda que os sujeitos pré-verbais nas absolutas do francês e do inglês ocupam posições mais altas do que os sujeitos das línguas de sujeito nulo. A favor disso, Barbosa 2002 refere dados da distribuição de advérbios de VP nas diferentes línguas. Tal como em Santos 1999, isso serve-lhe de argumento para dizer que o sujeito das línguas de sujeito não nulo é atraído para a posição de especificador de Asp, contrariamente àquilo que acontece nas línguas de sujeito nulo:

(673) The boat completely sunk, only tiny liferafts were visible.

(674) Une fois l'affaire complètement oubliée, Jean est retourné à la politique.

(675) Completamente esquecido o assunto, o João regressou à política.

(676) Una vez definitivamente resuelto el problema,... (exemplos de Barbosa 2002: 62)

Contudo, esses contrastes só são válidos para as participiais. Relativamente às gerundivas, a posição dos Adv é diferente, como aliás já observámos:

(677) Tendo o João resolvido definitivamente o problema,...

Isto sugere que o Aux e o sujeito ocupam posições mais altas nas gerundivas.

A impossibilidade de termos a ordem Su-V nas gerundivas das línguas de sujeito nulo, segundo a autora, estaria também relacionada com a impossibilidade de haver movimento-Qu em absolutas.

Estas observações merecem-me vários comentários.

Em primeiro lugar, como já observei atrás, contrariamente àquilo que é pressuposto em vários trabalhos, as restrições ao movimento-Qu não são exclusivas de absolutas. Estas restrições verificam-se relativamente a todas as subordinadas adverbiais. No entanto, nas adverbiais finitas e infinitivas temos a ordem Su-V:

(678) *Que livro quando o João deu ao Paulo, o Pedro ficou admirado?

(679) *A quem porque o Zé deu um estalo, a Ana ficou indignada?

Em segundo lugar, como já foi mostrado, não é verdade que os sujeitos nulos de absolutas estejam sempre sujeitos a controlo pelo sujeito da matriz. Na realidade, como foi descrito acima, por um lado, são possíveis sujeitos nulos sem antecedente expreso na matriz, desde que exista um contexto linguístico e pragmático adequado; por outro lado, são possíveis sujeitos nulos expletivos, o que não é característico de estruturas de controlo, veja-se a agramaticalidade de (682) a (684):

(680) a. [O bebé]_i está com febre há três dias. [-]_i Continuando assim, acho que o devemos levar ao médico.

b. [Eles]_i construíram já duas casas. [-]_{i/?j} Acabando de fazer a terceira, [a mãe]_j poderá ir morar para o pé deles.

(681) [-] sendo já muito tarde, o João resolveu ir deitar-se.

(682) *O João queria [-] estar a chover.

(683) *[-] estar a chover é desagradável.

(684) *Não me convence [-] ser preciso estar tanto tempo à espera.

A hipótese avançada por Barbosa (2001, 2002) confronta-se ainda com outros problemas de ordem empírica. Na realidade, a situação interlinguística parece ser mais complexa do que aquela que Barbosa descreve, uma vez que tanto no português dialectal como em napolitano antigo, que são línguas de sujeito nulo, a posição pré-verbal é possível. Nestas variedades, contudo, a flexão em gerundivas pode ter marcas visíveis de concordância. Na perspectiva de Barbosa, poderia então pensar-se que se trata de um contexto semelhante ao de uma oração finita, legitimando *pro* referencial.

No entanto, como vimos acima, também em português antigo (PA) encontramos quer a ordem Su-V, quer a ordem V-Su. Ora, em PA, língua de sujeito nulo, não há concordância visível nas gerundivas, pelo que a possibilidade de se tratar de orações de

tipo 'finito' está excluída.

Também a análise de Barbosa prediz que em francês antigo, língua de sujeito nulo, só a ordem V-Su seja possível, quer em absolutas com *-ant* quer em participiais. Barbosa 2002 (citando Roberts 1994) diz que a ordem V-Su existia em orações com *-ant* no francês antigo:

(685) Ayant ce bon homme fait tout son possible...(in Roberts 1994: 233)

Resta saber se essa ordem era obrigatória ou opcional. Nas orações de participio passado, no entanto, a ordem V-Su não era certamente obrigatória, uma vez que nos seguintes exemplos a participial manifesta a ordem Su-V:

(686) Tel duel et tel priere faite,

Par grand ire a l'espee traite (in Bonnard & Régnier 1991: 175)

(687) Espees tretes, les escuz avant mis,

Ja mosterront qu'ils ne sont pas amis (in Bonnard & Régnier 1991: 175)

Um outro possível contra exemplo à hipótese de Barbosa vem das orações gerundivas introduzidas por *em*. Nestas orações, a ordem Su-V é possível e aparentemente a forma do gerúndio é a mesma que nas orações sem conector. Barbosa (2002) afirma que os seguintes contrastes mostram que as orações gerundivas com *em* não têm a mesma estrutura de base que as gerundivas sem conector:

(688) a. (Em) não aparecendo ninguém, terás de fechar a loja.

b. */?Em ninguém aparecendo, terás de fechar a loja.

(689) a. (Em) aparecendo só o Carlos, não podemos reunir.

b. *Em só o Carlos aparecendo, não podemos reunir.

(exemplos de Barbosa 2002)

O facto de se verificarem restrições semelhantes em estruturas que são analisáveis como orações pequenas, leva a autora a colocar a hipótese de que as gerundivas com *em* também são orações pequenas:

(690) */?Com ninguém prestando atenção, não posso falar.

(691) *Com só a Maria prestando atenção, o que podemos fazer?

(exemplos de Barbosa 2002)

No entanto, se olharmos para aquilo que acontece em orações adverbiais finitas, verificamos que existem restrições semelhantes às que a autora refere para as gerundivas. Isto acontece de uma forma mais clara nas adverbiais com *quando* e futuro do conjuntivo, exactamente aquelas que estão semanticamente mais próximas das gerundivas com *em*. Assim, a hipótese de as gerundivas com *em* corresponderem a orações pequenas revela-se problemática, uma vez que, no caso das finitas, esta hipótese não é plausível:

(692) a. */?Quando ninguém aparecer, podes fechar a loja.

b. Quando não aparecer ninguém, podes fechar a loja.

(693) a. ??Quando só o Carlos aparecer, não podemos reunir.

b. Quando aparecer só o Carlos, não podemos reunir.

(694) a. ??Se só o Carlos aparecer, não podemos reunir.

b. Se aparecer só o Carlos, não podemos reunir.

(695) a. ?Como só o João estava presente, não dei aula.

b. Como estava presente só o João, não dei aula.

Assim, a correlação entre a ordem de palavras em absolutas e o Parâmetro do Sujeito Nulo feita por Barbosa (1995, 2002) apresenta alguns problemas, não podendo ser estabelecida de uma forma imediata.

Para além disso, apesar de tanto o francês como o inglês não desencadearem inversão sujeito-verbo em absolutas, é sabido que a posição do V nas duas línguas é diferente.

Conforme está descrito na literatura (cf. Pollock 1989: 408; Jones 1996: 350), a posição do V é diferente em francês e em inglês. Nas orações absolutas do inglês, o V fica numa posição relativamente baixa. Se observarmos a posição da negação relativamente quer a verbos auxiliares, quer a verbos plenos, verificamos que a negação nestas estruturas precede sempre qualquer forma flexionada do verbo, contrariamente àquilo que acontece nas orações finitas:

(696) a. He paused, not wishing to boast. (Sinclair 1990: 372)

b. *He not wishes to boast.

c. He doesn't wish to boast.

(697) a. He failed to recognize her at first, not having seen her for fifteen years or

so. (ibid.)

b. *He not has seen her for fifteen years.

c. He hasn't seen her for fifteen years.

(698) a. He began hitting them with his stick, their reply not having come as quickly as he wanted. (ibid.)

b. *Their reply not has come as quickly as he wanted.

c. Their reply hasn't come as quickly as he wanted.

(699) Not liking this sort of film, I will not watch it. (Jones 1996: 350)

(700) Not having seen this film, I cannot talk about it. (Jones 1996: 350)

No francês, pelo contrário, a posição da negação nas absolutas é exactamente igual à das orações finitas:

(701) a. Jean n'a pas encore mangé.

b. Jean n'ayant pas encore mangé, je lui ai préparé une omelette.

c. *Jean ne pas ayant mangé,...

(702) a. Jean ne court pas très vite.

b. Jean ne courant pas très vite, Paul l'a attrapé.

c. *Jean ne pas courant très vite,...

(703) N'aimant pas ce genre de film, je ne le regarderai pas. (Jones 1996: 350)

(704) N'ayant pas vu ce film, je ne peux pas en parler. (Jones 1996: 350)

Isto sugere que nas absolutas com *participe présent* do francês o V sobe para I tal como nas frase finitas, contrariamente àquilo que acontece facultativamente nas infinitivas, em que *pas* pode preceder a forma flexionada. Em inglês, pelo contrário, V não sobe:

(705) a. Ne pas être heureux est une condition pour écrire des romans. (Pollock 1989: 373)

b. N'être pas heureux est une condition pour écrire des romans.(ibid.)

(706) a. Ne pas posséder de voiture en banlieu rend la vie difficile. (id: 374)

b. *Ne posséder pas de voiture en banlieu rend la vie difficile. (ibid.)

Para a hipótese de Barbosa 2002 também são problemáticos dados do português antigo. O PA era uma língua de sujeito nulo:

(707) E por este amor q(ue) a mj~ a Ordim d'avis faz. p(ro)meto a'a'mala. e a

q(ue)rer ssa prol. (CIPM, 1278, CA31, F160vA)

Assim sendo, na análise de Barbosa, o sujeito deveria ocorrer em posição pós-verbal em orações não finitas. No entanto, em PA, como já foi referido, podemos encontrar quer a ordem Su-V, quer a ordem V-Su em gerundivas:

(708) "& elos tenendo e auendo este Castello eu pusi meus preytos & myas co~uene~zas" (CIPM, 1260, CA03, F 43vB)

(709) "el no~ cri'j'a, que el aparellado era de rreuogar o agrauame~to assy commo deryto fosse, mostrando elles esse agrauamento;" (CIPM, 1290, HGP106)

Se a ordem relativa de V e do sujeito nestas orações não for atribuída ao parâmetro do sujeito nulo e ao facto de *pro* referencial só ser legitimado em contextos finitos nas LsSuN, como explicar as diferentes ordens de palavras nas várias línguas?

Considere-se então a seguinte hipótese:

Hipótese:

- A categoria funcional C que encabeça gerundivas em línguas como o português europeu padrão, o italiano, ou o espanhol tem traços verbais/predicativos não interpretáveis fortes, i.e. tem traços-T que têm de ser verificados na sintaxe antes de *spell-out*

Esta hipótese poderia explicar o facto de nestas línguas ser desencadeada subida do V (inversão sujeito-verbo) em gerundivas.

No entanto, como muitos autores têm observado, dar conta de diferenças de ordem entre línguas através da estipulação de traços fortes ou fracos em determinadas categorias funcionais acaba por ser um mecanismo meramente descritivo se não lhe estiverem associadas outras propriedades sintácticas ou morfológicas que motivem a existência desses traços.

Existirão algumas propriedades morfológicas e sintácticas que distingam as orações absolutas com participio presente do francês e do inglês das gerundivas do português, espanhol e italiano?

Na realidade, as orações 'nominativas absolutivas' do inglês, apresentam maiores restrições do ponto de vista semântico e menor independência temporal relativamente à matriz do que as gerundivas absolutas do português. A observação de que as orações absolutas do inglês estão muito mais restritas semanticamente do que outros adjuntos é aliás feita em Kortmann (1991: 134). Também Barbosa 1995 nota restrições nas absolutas do inglês.

Veja-se que as seguintes orações gerundivas do português com sentido condicional não têm uma contrapartida não preposicionada gramatical em inglês (cf. Kortmann 1991: 157-160):

- (710) a. Chegando o comboio um pouco mais tarde, já não conseguiremos/
consequiríamos apanhar a ligação.
b. *The train arriving later, we won't be able to make our connection.
b'. If the train arrives later,...

Barbosa 1995 observa também a inexistência de gerundivas absolutas com sentido condicional em italiano, francês e inglês:

- (711) Jugando Juan al bridge, la partida se alargará. (Barbosa 1995)
(712) Faltando Juan, la fiesta resultaría aburrida. (Fernández Lagunilla 1999)

No entanto, de acordo com os dados de que disponho, isso só parece ser verdade para o francês e o inglês. Em italiano, estão registadas gerundivas absolutas equivalentes às que Barbosa dá para o espanhol e para o português:

- (713) Spingendola Giovanni, la macchina forse ripartirebbe. (Lonzi 1991)
(714) Vincendo un altro giocatore, il capogioco lascia il suo posto. (Lonzi 1988)

As frases correspondentes do francês e do inglês são agramaticais⁵⁹:

- (715) a. *John pushing the car, it would certainly restart.
b. *Jean poussant la voiture, elle repartirait certainement.

⁵⁹ Segundo informantes por mim consultados, se em inglês a frase for precedida de *with* ou *without* torna-se possível:

- i) With John pushing the car, it would certainly restart.
ii) Without John being there, the party would be boring.
Trata-se aqui, no entanto, de uma construção diferente.

(716) a. *John not being there, the party would be boring.

b. *Jean n'étant pas là, la fête serait gâtée.

Assim, não há efectivamente equivalência absoluta do ponto de vista interpretativo e funcional entre orações absolutas não preposicionadas com *V-ing* e *V-ant* e orações gerundivas do português, do espanhol e do italiano. As orações absolutas do inglês e do francês estão mais limitadas. Repare-se que são exactamente estas línguas as que não permitem inversão sujeito-verbo e as que têm formas verbais classificáveis como 'participios presentes' e não como gerúndios. Pode pensar-se assim que estas formas verbais têm um estatuto morfológico distinto, o que tem consequências na ordem de palavras e nos valores semânticos permitidos na construção absoluta.

A existência de um traço-V ou de um traço-T em C nas gerundivas de línguas como o português, o italiano e o espanhol vs. inexistência desse traço em inglês e francês estaria assim relacionada com o diferente estatuto morfológico (e diferente origem histórica) da forma verbal, com a existência de maiores restrições temporais e interpretativas nas absolutas com participio presente do francês e do inglês, e com as maiores restrições à legitimação de sujeitos pronominais no francês e no inglês.

As gerundivas do português, do italiano e do espanhol, com algumas pequenas diferenças, partilham o mesmo tipo de propriedades: manifestam um vasto leque de valores semânticos, exigem inversão sujeito-verbo, legitimam sujeitos nominativos.

Resta explicar a aparente opcionalidade entre ordem Su-V e ordem V-Su no português dialectal e no PA.

O carácter não obrigatório da subida de V para C em variedades dialectais do português pode explicar-se pela natureza fraca de traços em C nestes sistemas, que só terão de ser verificados em FL. As diferentes ordens de palavras nestes sistemas poderiam ter assim uma motivação de natureza discursiva. Quando C está lexicalizado, a inversão só será possível com Vs de tipo inacusativo ou predicativo. Quando C está foneticamente vazio, com verbos transitivos a ordem V-Su corresponde a uma subida de V para C estando o sujeito focalizado contrastivamente. A ordem V-Su com verbos inacusativos poderá corresponder também a uma estrutura em que o sujeito se mantém na sua posição de base. As ordens Su-V corresponderão a estruturas em que V não subiu para C, não estando o sujeito focalizado.

Repare-se que em inglês e francês a ordem V-Su não pode corresponder a uma estrutura em que o sujeito permanece *in situ*. Nestas línguas, o sujeito tem obrigatoriamente de subir para Especificador da Flexão:

(717) Chegou o João.

(718) *Arrived John.

(719) *Est arrivé Jean.

Nos dados de que disponho, há alguns indícios a favor da hipótese de que no PED a ordem V-Su em gerundivas sem conectores está associada a uma estratégia de focalização do sujeito. No dois primeiros exemplos que se seguem, o sujeito não é aparentemente focalizado e encontra-se em posição pré-verbal; nos dois exemplos seguintes, o sujeito parece ser focalizado contrastivamente, e encontra-se em posição pós-verbal:

(720) Tu querendos, podemos namorar às escondidas. (Monte Gordo, in Ratinho 1959)

(721) Qualquer descuido, os animais soltandem-se... (Santa Justa, *ALEPG*)

(722) Calandes-te tu também eu me calo. (Colos, in Guerreiro 1968)

(723) Apanhandem eles as favas, está tudo feito. (Colos, in Guerreiro 1968)

Seriam necessários mais dados devidamente contextualizados para confirmar a hipótese de que a ordem de palavras nas gerundivas do PED está ligada a condições de carácter informacional.

Quanto ao PA uma explicação semelhante não parece fazer sentido, uma vez que (pelo menos por enquanto) não há registo de presença de concordância nas gerundivas nesta época (cf. Martins 1999).

Como explicar então a variação de ordem de palavras nas gerundivas do PA? Recorde-se que nos textos antigos se encontra nas absolutas variação entre formas de gerúndio e formas de participio presente. Uma hipótese é pensar que a intersecção entre as duas formas, morfológicamente distintas, está na origem desta questão.

Se, como no inglês e no francês, as construções com participio presente (morfológicamente mais próximo de um adjectivo) não tinham traços-T fortes em C, a

oscilação entre as duas ordens pode talvez explicar-se por uma fase de transição em que o estatuto funcional da gerundiva não estava ainda completamente fixado. Serão precisos mais estudos nesta área para comprovar esta hipótese.

Assim, na minha análise, as ordens de palavras em gerundivas e orações de participio presente não se devem tanto à presença ou não de traços de concordância nestas estruturas, ou a uma relação com o Parâmetro do Sujeito Nulo, mas antes a diferentes especificações morfológicas da categoria C para diferentes formas morfológicas.

Em estruturas com formas verbais de natureza 'adjectival' não existiria operador T em C e, por conseguinte, não se verificaria subida obrigatória de V para C. Nestas estruturas de tipo 'adjectival' caberiam as orações de participio presente, que, em estádios mais antigos, manifestavam concordância de género e número, e também as orações participiais, que ainda hoje manifestam concordância de género e número. Assim, a especificação morfológica de participiais (com participio presente ou passado) é diferente da especificação morfológica de gerundivas, traduzindo-se essa diferença em diferentes propriedades da estrutura funcional de cada um dos tipos de orações.

Assim, de acordo com esta proposta, embora pareça existir uma relação na ordem de palavras entre os vários tipos de absolutas nas várias línguas, na realidade a ordem de palavras em participiais teria uma motivação independente daquela que opera nas gerundivas.

A ordem em absolutas com participio passado, de acordo com esta hipótese, deverá passar por uma explicação diferente daquela que foi proposta para as gerundivas. Sendo estas estruturas também de certa forma 'adjectivais', o que se correlaciona com a ausência de Op T em C e com a morfologia de concordância em género e número manifestada nestas formas verbais, a inversão nestas estruturas não deve ser vista como uma subida de V para C de forma a verificar traços morfológicos da categoria C. Assim, a ordem Su-V ou V-Su em participiais corresponderá antes à subida ou permanência *in situ* do sujeito gramatical, como propõem Santos 1999 e Barbosa 2002. A subida do sujeito dar-se-ia por razões de ordem predominantemente discursiva. O facto de com operadores aspectuais como *uma vez* a ordem Su-V ser preferida decorrerá do estatuto informacional condicionado por este elemento adverbial, que favorece uma leitura do sujeito como elemento conhecido:

- (724) a. Uma vez as contas feitas,...
- b. Feitas as contas,...

Repare-se que a anteposição de elementos sentidos como informação nova dá origem a frases anómalas:

- (725) a. Recebidos apenas três resumos, a organização decidiu alargar o prazo.
- b. ??Uma vez apenas três resumos recebidos, ...
- (726) a. Convidadas algumas pessoas ilustres, a festa será um sucesso.
- b. ??Uma vez algumas pessoas ilustres convidadas, ...
- c. Uma vez convidadas algumas pessoas ilustres, ...
- (727) a. Aberta uma saída, os prisioneiros conseguiram fugir.
- b. ??Uma vez uma saída aberta, ...
- c. Uma vez aberta uma saída, ...

Se a ordem em gerundivas e participiais tiver motivações diferentes, compreende-se melhor a assimetria verificada entre gerundivas e participiais quanto à legitimação de formas pronominais. Só nas gerundivas são os sujeitos pronominais plenamente legítimos. Em participiais, sendo T defectivo e não havendo nenhum Op T que torne T mais 'forte', os sujeitos pronominais serão marginais.

A hipótese de Barbosa 2002 prediz que, em línguas de sujeito nulo, o padrão seja sempre V-Su em contextos não finitos, e que, em contextos em que a flexão tenha traços de concordância, o padrão seja sempre o das frases finitas das línguas de sujeito nulo.

O português europeu dialectal tem gerundivas com traços de concordância. Vejamos que evidência nos trazem esses dados para as diferentes hipóteses.

Que papel tem a presença visível de traços de concordância?

Existirão diferenças entre as gerundivas flexionadas do português europeu dialectal e as gerundivas não flexionadas do português padrão?

4.6. O papel das categorias funcionais T e Agr: evidência das gerundivas flexionadas do português europeu dialectal⁶⁰

4.6.1. O gerúndio flexionado (GF): caracterização morfológica; alguns apontamentos sobre a geografia e a história do GF

Como é sabido, em português e em galego, tal como noutras variedades românicas antigas e contemporâneas, existem formas verbais tradicionalmente classificadas como não finitas com desinências de pessoa/número - o chamado infinitivo flexionado. Em variedades dialectais do galego e do português europeu, encontram-se também desinências de pessoa/número no gerúndio (cf. Baptista 1967, Braga 1971, Carreiro 1948, Cruz 1969, Delgado 1951, Delgado 1970, Guerreiro 1968, Martins 1954, Matias 1974, Mota 1997, Palma 1967, Paulino 1959, Ratinho 1959, Rezende 1961, Vilhena 1965, para o português, e ALGa, Carballo Calero 1975, Longa 1993, 1994, para o galego). Este fenómeno foi descrito também para o napolitano antigo, que para além de infinitivos e gerúndios tinha ainda formas participiais com desinências de pessoa/número (cf. Loporcaro 1986, Vincent 1996, 1998).⁶¹

Dialectalmente, o gerúndio pode apresentar marcas visíveis de concordância, de acordo com o seguinte esquema:

<tema verbal + desinência de gerúndio *-nd(o)* + flexão pessoa/número>

Apresentam-se de seguida os paradigmas de conjugação dos gerúndios nos dialectos portugueses, no galego, e no napolitano antigo, de forma a permitir observar

⁶⁰ Partes desta secção foram objecto de comunicações ou apresentações, algumas delas publicadas em Actas: Lobo 2001b, Lobo no prelo, a. Agradeço todos os comentários que me foram feitos, que contribuíram para rever alguns dos aspectos aqui tratados.

⁶¹ Os dados dialectais usados neste trabalho provêm de monografias dialectais, na maioria não publicadas, e de excertos de fala espontânea de material gravado pelo Grupo de Dialectologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - CLUL (ALEPG, Cruz 1987), que estão integrados num pequeno corpus de dados dialectais (projecto *Corpus Dialectal com Anotação Sintáctica - Cordial-sin* - financiado pela FCT: PRAXIS XXI P/PLP/113046/1998 e POCTI/1999/PLP/33275). Os excertos seleccionados foram transcritos ortograficamente, e estão disponíveis numa versão conservadora - que preserva as características do discurso oral - e numa versão normalizada - de que foram retiradas hesitações, falas incompletas... Está também disponível uma versão etiquetada morfológicamente, com recurso a um etiquetador automático desenvolvido para o projecto Tycho-Brahe da Universidade de Campinas, que foi corrigida manualmente. Está prevista ainda a anotação sintáctica dos textos, de acordo com uma versão modificada do sistema usado pelo Penn-Helsinki Parsed Corpus of Middle English (PPCME2) da Universidade da Pensilvânia e pelo projecto Tycho-Brahe.

os contrastes existentes:

a. paradigma de conjugação mais completo nos dialectos portugueses

(eu) vindo+Ø	(nós) vindo+mos
(tu) vindo+s	(vós) vind(o)+eis
(ele) vindo+Ø	(eles) vind(o)+em

(Póvoa de Atalaia, Beira Baixa, cf. Martins 1954)

b. paradigma do galego

(eu) vindo+Ø	(nós) vindo+mos
(ti) vindo+Ø	(vós) vindo+des
(el) vindo+Ø	(eles) vindo+Ø

(cf. Carballo 1975: 498 e Longa 1993: 4)

c. paradigma do napolitano antigo

essendo+Ø (io)	essendo+mo (noi)
essendo+Ø (tu)	#essendo+vo (voi) ⁶²
essendo+Ø (lui)	essendo+no (loro) (a partir de Loporcaro 1986)

Apesar de a distribuição geográfica do gerúndio flexionado (GF) na área do galego-português ainda não ter sido investigada sistematicamente, há registos de que o GF existe em Begonte (Lugo), Rianxo (Coruña), Torneiros (Pontevedra) para o galego (ALGa, mapa 32), em várias regiões de Portugal (continental e insular) - Beira Alta (Ervedosa do Douro, Quadrazais), Beira Baixa (Póvoa de Atalaia), Alto Alentejo (Nisa, Alpalhão, Castelo de Vide, Sapeira, Escusa, Arronches, Campo Maior, Elvas, Alandroal, Lavre, Cabeço de Vide), Ribatejo (Santa Justa, Alcochete), Baixo Alentejo (Beja, Baleizão, Corte Cobres, Ervidel, Colos/Fornalhas), Algarve (Lagos, Porches, Alte, Olhão, Monte Gordo, Odeleite), Madeira (Canhas, Câmara de Lobos), Açores (Pico) -, e nos dialectos fronteiriços de Cedillo (Cáceres) e Olivença (Badajoz).

Nos textos do Cordial-sin transcritos até à presente data, encontraram-se gerúndios flexionados nas seguintes localidades: várias localidades do Alto Alentejo (Castelo de Vide, Sapeira, Alpalhão, Nisa) - AAL, em Cabeço de Vide (Alto Alentejo) - CBV, em Porches e Alte (Algarve) - PAL, em Lavre (Alto Alentejo) - LVR, e em Alcochete (Ribatejo) - ALC.

⁶² O sinal cardinal (#) significa aqui que esta forma não está atestada.

Nos textos do Cordial-sin, não foram encontrados gerúndios flexionados em Vila Praia de Âncora (Minho) - VPA; Castro Laboreiro (Minho) - CTL; Perafita (Trás-os-Montes) - PFT; Outeiro (Trás-os-Montes) - OUT; Figueiró da Serra (Beira Alta) - FIG; num conjunto de várias localidades do Minho (Arcos de Valdevez, Bade, São Lourenço da Montaria) - MIN; Serpa (Baixo Alentejo) - SRP; Alvor (Algarve) - ALV; Monsanto (Beira Baixa) - MST; Porto Santo - PST; Fajãzinha (Flores, Açores) - FLF; e Ponta Garça (São Miguel, Açores) - MIG. Em Câmara de Lobos (Madeira) - CLC, há um exemplo duvidoso de gerúndio flexionado num contexto pouco habitual:

(728) As leis que está se (passando) /passandem\ no mundo, as coisas vai enfraquecendo tudo. (Cordial-sin, CLC02)

Não o vou considerar aqui, assim como a todos os outros casos de audição duvidosa.

Historicamente, as semelhanças morfológicas entre infinitivos flexionados e gerúndios flexionados parecem suportar uma teoria unificada para o surgimento de desinências de pessoa/número nas formas não finitas das línguas românicas.

Assim, vários autores têm sugerido que gerúndio flexionado e infinitivo flexionado têm uma mesma origem: ambas seriam formas geradas espontaneamente através da junção de marcas de concordância às formas não finitas do infinitivo e do gerúndio. Se, no caso do gerúndio, não há dúvida de que essa é a única origem possível, no caso do infinitivo, outras hipóteses têm sido avançadas (cf. referências em Martins 1999).

Embora a tese da origem comum às duas formas seja à partida mais atractiva, há diversos factores que apontam para a hipótese de Martins 1999 de que os infinitivos flexionados e os gerúndios flexionados surgiram em circunstâncias distintas. De acordo com Martins 1999 (ver também Mota 1997), os gerúndios flexionados corresponderiam a uma formação espontânea recente, ao passo que os infinitivos flexionados do português derivariam do imperfeito do conjuntivo latino (ver também Wireback 1994):

"It should be noted however that the inflected gerund has not been attested in Old Portuguese and Old Galician. Thus the inflected gerund appears to be a modern development in the relevant dialects."

(Martins 1999: nota 2).

Como afirma Martins, os gerúndios flexionados não foram atestados no português antigo, ao passo que os infinitivos flexionados são frequentes nos textos antigos.⁶³ Para além disso, contrariamente aos infinitivos flexionados, que apresentam um padrão regular de flexão em todas as regiões na segunda pessoa do singular e na primeira, segunda⁶⁴ e terceira pessoas do plural, a flexão visível no gerúndio não está atestada em toda a parte uniformemente para a totalidade das pessoas⁶⁵. Curiosamente, a única forma de segunda pessoa do plural que está registada parece mostrar que os gerúndios flexionados surgiram muito depois dos infinitivos flexionados. Se infinitivos flexionados (IFs) e gerúndios flexionados (GFs) tivessem sido contemporâneos, ou mesmo se os GFs tivessem surgido antes do século XV, é difícil explicar como a forma **víndodes* pôde dar origem a *víndeis*⁶⁶ depois da queda do *-d-* nos paradigmas verbais, datada dessa época. Veja-se as diferenças entre os paradigmas do português e do galego para a segunda pessoa do plural. Por conseguinte, o gerúndio flexionado parece corresponder a um fenómeno relativamente recente, formado através da junção análogica dos actuais morfemas de P/N à base do gerúndio. Para além disso, a distribuição geográfica de GFs, mais representados nos dialectos portugueses centro-meridionais (cf. Cintra 1971, Ferreira *et al.* 1996 para esta classificação), parece apoiar esta ideia, uma vez que estes dialectos são conhecidos por apresentarem traços mais inovadores do que os dialectos setentrionais. Finalmente, a distribuição geográfica homogénea dos IFs, presentes em toda a área do galego-português, contrasta com o padrão de distribuição geográfico irregular do GF. De facto, tanto quanto eu saiba, não existem dialectos do português que não tenham IFs. O IF é usado em toda a parte

⁶³ Pode argumentar-se, naturalmente, que a ausência de gerúndios flexionados em fontes antigas se deve a factores sociolinguísticos. Os gerúndios flexionados poderiam ter sido considerados 'populares' e por essa razão não estariam atestados em textos escritos. Contudo, coloca-se então a questão de saber por que razão haveria uma diferença social entre infinitivos flexionados e gerúndios flexionados se ambos têm a mesma motivação subjacente. Pode também argumentar-se que os gerúndios flexionados surgiram mais tarde e ficaram restritos a áreas rurais, estando assim ausentes dos textos escritos. Contudo, em napolitano antigo, em que as desinências de pessoa/número se estendem a todas as formas não finitas, não parece haver um intervalo cronológico significativo entre o aparecimento de infinitivos flexionados e gerúndios flexionados.

⁶⁴ Nos dialectos meridionais, tal como em português standard, a forma morfológica de 2ª pessoa do plural (e.g. *vós chegastes*) é raramente usada, tendo sido substituída pela forma morfológica de 3ª pessoa do plural: (*vocês chegaram*).

⁶⁵ Estes dados, contudo, não foram obtidos de uma forma sistemática. Em muitos casos, a ausência de flexão numa pessoa particular pode ser um facto accidental. De facto, as segundas pessoas do singular são difíceis de obter no contexto de uma entrevista, uma vez que em português o emprego destas formas corresponde a um tratamento familiar.

⁶⁶ Mantenho a transcrição fonética dada em Martins 1954: 221.

produtivamente em orações adjuntas e em orações sujeito. O GF, contudo, tem uma distribuição geográfica irregular: são raras as referências à sua existência nos dialectos setentrionais, ao passo que no centro (principalmente nas regiões fronteiriças) e no sul o GF parece ser relativamente comum em falantes de meios rurais.

4.6.2. Gerúndio flexionado vs. gerúndio não flexionado: contextos

- Como explicar o surgimento da flexão no gerúndio nos dialectos portugueses?
- Que papel desempenha a flexão do gerúndio flexionado?
- Que diferenças existem relativamente ao português europeu padrão? Será que o facto de o gerúndio ter flexão visível altera o seu comportamento sintáctico?
- Em que contextos surge o gerúndio flexionado?

O surgimento de marcas visíveis de concordância no gerúndio não é um fenómeno estranho se considerarmos as possibilidades oferecidas pela Gramática Universal. Se admitirmos que a estrutura da frase contém nós funcionais como T e Agr, os GFs podem ser encarados como formas em que Agr tem uma realização morfológica visível.

A realização visível de Agr no gerúndio pode ter sido favorecida por vários factores: a existência prévia de uma forma não finita flexionada (o infinitivo flexionado); a presença de sujeitos pronominais com caso nominativo nas orações gerundivas; a possibilidade de desfazer ambiguidades quanto à referência do sujeito nulo da oração gerundiva.

- Haverá, contudo, diferenças gramaticais significativas entre Agr nulo e Agr lexical?
- Que papel desempenha Agr lexical nestes dialectos?
- E, se pensarmos numa perspectiva mais geral, que diferença existe entre morfemas nulos e morfemas morfológicamente realizados na Gramática Universal?

Vincent 1998 afirma que em napolitano antigo os GFs eram opcionais:

"(10) li casali intravano adimandadono pane
[the inhabitants of] the outlying villages came in [to the city]
demanding-AGR bread (Cronaca di tumulti 1585; cited in Bruni (ed.)
Vol II, pp. 650ff.)

(11) Li Troyani ... abattevano non sparagnando a la vita loro
The Trojans were cutting down [the Greeks] having no regard for
their own lives (LDT, 71.33)

This pair illustrates very clearly the fact that, even in contexts
where it is possible, the actual occurrence of the personal inflection on
gerunds is optional just as it is on infinitives [...].)

(Vincent 1998:140, sublinhado meu)

Será que o GF é opcional nos dialectos portugueses?

Apesar de os dados de que disponho não serem muito numerosos, a análise da frequência de GFs vs. gerúndios não flexionados (GNFs) nos contextos em que a forma flexionada pode ocorrer parecem apontar para que o uso da forma flexionada em orações adjuntas seja a forma preferida, praticamente obrigatória. Investigação futura e alargamento do corpus serão necessários para confirmar esta hipótese. Por enquanto, teremos de nos contentar com os dados disponíveis, apresentados no seguinte quadro:

Frequência de gerúndios flexionados (GF) e gerúndios não flexionados (GNF) no Cordial-sin (Porches e Alte (Algarve); Alto Alentejo; Lavre; Cabeço de Vide; Alcochete):

	1 sg	2 sg		3 sg	3 pl		Total		
	Ø	GNF	GF	Ø	GNF	GF	Ø	GNF	GF
Complexos verbais	11 (tot) 0 (ALC) 6 (PAL) 1 (CBV) 2 (LVR) 2 (AAL)	0 (tot) 0 (ALC) 0 (PAL) 0 (CBV) 0 (LVR) 0 (AAL)	0 (tot) 0 (ALC) 0 (PAL) 0 (CBV) 0 (LVR) 0 (AAL)	84 (tot) 6 (ALC) 25 (PAL) 26 (CBV) 13 (LVR) 14 (AAL)	20 (tot) 2 (ALC) 11 (PAL) 2 (CBV) 4 (LVR) 1 (AAL)	1 (tot) 0 (ALC) 0 (PAL) 1 (CBV) 0 (LVR) 0 (AAL)	95	20	1
Orações adjuntas (tot.)	3 (tot) 0 (ALC) 2 (PAL) 0 (CBV) 0 (LVR) 1 (AAL)	0 (tot) 0 (ALC) 0 (PAL) 0 (CBV) 0 (LVR) 0 (AAL)	1 (tot) 0 (ALC) 0 (PAL) 1 (CBV) 0 (LVR) 0 (AAL)	60 (tot) 5 (ALC) 9 (PAL) 9 (CBV) 20 (LVR) 17 (AAL)	3 (tot)⁶⁷ 0 (ALC) 1 (PAL) 0 (CBV) 0 (LVR) 2 (AAL)	16 (tot) 1 (ALC) 5 (PAL) 3 (CBV) 3 (LVR) 4 (AAL)	63	3⁶⁸	17
sem conector	2 (PAL)			3 (ALC) 2 (PAL) 2 (CBV) 10 (LVR) 8 (AAL)		1 (ALC) 2 (PAL) 1 (AAL) 1 (LVR)			
<i>em</i>			1 (CBV)	2 (ALC) 3 (PAL) 3 (CBV) 7 (LVR) 9 (AAL)	1 (PAL) 2 (AAL)	3 (PAL) 1 (CBV) 3 (AAL) 1 (LVR)			
<i>em bem</i>				2 (CBV) 1 (LVR)		2 (CBV)			
<i>quando</i>				3 (PAL) 1 (LVR)		1 (LVR)			
<i>como</i>	1 (AAL)								
<i>mesmo</i>				1 (PAL) 1 (CBV)					
<i>bem</i>				1 (LVR)					
<i>só</i>				1 (CBV)					
Outros contextos	3 (tot) 3 (CBV)	0	0	4 (tot) 2 (CBV) 2 (AAL)	0	4 (tot) 2 (PAL) 2 (AAL)	7	0	4
Total	17	0	1	148	23	21	165	23	22
		1			44		210		

⁶⁷ Duas destas ocorrências (os dois gerúndios não flexionados de AAL) correspondem a faltas de concordância do verbo predicativo *ser* com o DP pós-verbal (3pl). Este fenómeno também se verifica em orações finitas, como se pode ver através dos seguintes exemplos:

- (i) Tal é os barrancos que estão aqui neste caminho. (Cordial-sin, AAL94)
- (ii) Assim é qu'er'às nossas brincadêras todas (Baptista 1967: 145)
- (iii) Mas ist'er'às cósas d'intrude! (Baptista 1967: 145).

Assim, os números apresentados no quadro poderiam ser revistos se considerarmos que se trata de casos de concordância de 3ª p.sg., ficando 1 GNF vs. 17 GF em orações adjuntas e 65 formas com flexão nula.

⁶⁸ Ver nota anterior.

Como se pode ver no quadro acima, parece haver uma preferência clara pela forma flexionada nas orações adjuntas, o que contrasta com a quase total ausência de formas flexionadas em complexos verbais. Infelizmente, o maior número de ocorrências corresponde a formas de terceira pessoa do singular, que não têm um morfema de concordância visível.

Vincent 1998, com base em evidência do napolitano antigo afirma que a presença de marcas visíveis de concordância no gerúndio não implica nenhuma alteração no seu comportamento sintático. Nesta perspectiva, o facto de um morfema de Agr ser ou não morfológicamente realizado seria irrelevante para a sintaxe:

"This leads to the at first sight rather paradoxical conclusion that in the case of the gerund at least, the availability of a system of person inflections does not affect the grammatical distribution of the construction at all. [...]. On this view we would expect that adding a person/number inflection to a verb form would indeed change its syntactic distribution. While this may indeed be the case as far as the inflected infinitive is concerned, it seems from our evidence not to be so for the inflected gerund, a conclusion which is consistent with the traditional view that such endings are 'agreements'"

(Vincent 1998: 146, sublinhado meu)

Será que as marcas visíveis de Agr no gerúndio não têm quaisquer consequências sintáticas no português dialectal?

Que distribuição sintáctica tem o gerúndio flexionado?

Como era esperável, tal como acontece em napolitano antigo, o GF (quase) nunca surge, nos dados de que disponho, em **complexos verbais**:

(729) Ah, mas eles, eles que se vão governando lá com a inteligência deles

(Cordial-sin, PAL5)

(730) os paus é que (...) iam arrastando aquilo.(Cordial-sin, AAL50)

A ausência (quase) total de GFs em complexos verbais não surpreende, uma vez que se trata de orações com uma predicação só. O verbo aspectual e o gerúndio formam um predicado verbal complexo. Por conseguinte, há uma única oração e um único nó Agr (cf. Gonçalves 1992). Note-se que os infinitivos flexionados (IFs) também não ocorrem geralmente neste contexto:

(731) Eles estão a fazer(*em) barulho.

No corpus do Cordial-sin, há uma única ocorrência de GF em complexos verbais⁶⁹:

(732) Estão me chamandem. (Cordial-sin, CBV39)

Dialectalmente, o GF surge ainda em **orações gerundivas independentes de tipo exclamativo**, o que não surpreende, uma vez que o IF pode surgir nesse mesmo contexto em PEP:

(733) Deixa que o teu pai logo te diz! Molhandes aí a cabeça toda, moço dum raio! (Guerreiro 1968)

(734) A copiaries no exame! Nunca pensei!

O contexto mais frequente, no entanto, é sem dúvida o das **orações adjuntas**, quer com conectores, quer sem conectores:

(735) Se for um macho, é um borrego, e se for fêmea, é uma borrega. Só têm esse nome enquanto são novas; passandem (...) já a parir, (...) já não é borrega, já é ovelha. (Cordial-sin, ALC26)

(736) Em eles tendem a outra, já não querem aquela. (Cordial-sin, LVR05)

(737) Dizem que depois, vindem as águas novas, aparecem uns carochinhos. (Cordial-sin, LVR33)

(738) Eles têm duas instalações. (...) Agora, em fazendem o resto das outras é que fica tudo ali junto, já. (Cordial-sin, AAL24)

(739) Em falandem no Albino carpinteiro das carroças, pronto, (...) toda a gente

⁶⁹ Existe ainda o exemplo do Pico, de audição duvidosa, referido acima. A existência de concordância neste contexto leva a pensar que o verbo *estar* pode subcategorizar para alguns falantes um domínio oracional que não é tão defectivo quanto isso, tendo pelo menos a categoria Agr.

- (...) vai ter com ele, é assim. (Cordial-sin, AAL51)
- (740) Digo eu assim: "Em o querendem levar, podem-no levar." (Cordial-sin, CBV39)
- (741) Digo assim: "Pronto! Em tu querendos!" (Cordial-sin, CBV41)
- (742) E (...) em bem lhe partindem a casa, eles morrem. (Cordial-sin, CBV72)
- (743) Mas não sei que raio de ferrão tem o bicho que em bem elas aparecendem, os animais, aquilo é o cabo dos trabalhos. (Cordial-sin, CBV71)
- (744) De maneira que eu não sei. Ora eu, andandem na escola, se é que o professor (...) com quem eles estudaram, se é que ensinou aquilo assim, pois não tenho dúvida que é um professor inteligente. (Cordial-sin, PAL19)
- (745) Em vendem a pessoa assim ou com uma idade (...) ou mal ou qualquer coisa, uns têm consciência, outros não têm. (Cordial-sin, PAL07)
- (746) Que eles em escangalhandem, (...) em escangalhandem isto, e depois (chamem) (chamam) para a gente ir levantar o que eles deitaram abaixo. Cordial-sin, PAL17)
- (747) Tu querendos, podemos namorar às escondidas. (Monte Gordo, in Ratinho 1959)
- (748) Calandes-te tu também eu me calo. (Colos, in Guerreiro 1968)
- (749) Apanhandem eles as favas, (es)tá tudo feito (Colos, in Guerreiro 1968)
- (750) Em sendem muitos, já se lhe chama uma vara. (Cordial-sin, AAL86)
- (751) Sendem dois, são dois feixes, sendem quatro, são quatro feixes. (Odeleite, in Cruz 1969)
- (752) Não saíndomos de casa, morrâmos à fome. (Ervedosa do Douro, in Azevedo 1928-9)
- (753) Não sei como tanto devâmos, ganhândomos tanto dinheiro! (Ervedosa do Douro, in Azevedo 1928-9)
- (754) Em sendem crescidos, levo-os a Lisboa. (Baixo Alentejo, in Delgado 1951)
- (755) Em estândomos com ele, lhe pediremos contas (Ervedosa do Douro, in Azevedo 1928-9)
- (756) Em querendos ir, vamos. (Cedillo, in Vilhena 1965)
- (757) Em comendos a sopa, dou-te o bolo. (Alto Alentejo, in Matias 1974)
- (758) Quando sentindim outros animais, espantam-se. (Odeleite, in Cruz 1969)
- (759) Estândemos nós sentados... (Quadrazais, in Braga 1971)

- (760) Em a gente acabândemos, brademos. (Arronches, in Paulino 1959)
- (761) Não sei se o meu marido sabe de enxertos. Não sei. Só falandem com ele é que sabem (Guilhermina, Lavre, Ana Maria Martins, c.p.)
- (762) E, às vezes, anda aquele rebanho junto, (...) e, depois, às vezes, vão dormir pensandem (...) que são todas fêmeas e há (...) algum macho ali no meio! (Cordial-sin, PAL13)

Outros contextos menos claros em que surge o GF são os seguintes:

- (763) E então, nessa altura, vieram dois rapazes fazendem parte, rapazes novos, e eu e mais um outro é que éramos os velhos (...)... (Cordial-sin, PAL17)
- (764) Enquanto os outros ouvem as coisas, ou vêem, (...) e de si mesmo não têm inteligência, muitas vezes, para descobrir qualquer coisa – julgandem-se eles inteligentes! – e eu, como sei descobrir qualquer coisa e não sei ler, pois sou bruto, sou parvo. (Cordial-sin, PAL5)
- (765) Isto os arrendamentos, já se sabe, que não há como as coisas estandem nas mãos dos donos, está a compreender. (Cordial-sin, AAL29)

(763) pode corresponder a uma gerundiva inserida num DP; (764) a uma gerundiva quase-coordenada; (765) a uma estrutura comparativa em que a gerundiva funciona como uma oração pequena.

Assim, como sugerem Guéron & Hoekstra 1995, Agr parece marcar uma predicação, e poderá surgir sempre que se estabelece uma relação de predicação. O GF surge em contextos oracionais, quer orações plenas, quer orações reduzidas. Raramente surge em complexos verbais, em que plausivelmente temos um único domínio oracional.

Há, no entanto, vários aspectos em que o português europeu dialectal (PED) e o português europeu padrão (PEP) se distinguem no que diz respeito à distribuição sintáctica dos gerúndios.

Como foi já referido, enquanto no PEP as gerundivas não são normalmente introduzidas por conectores, no PED não são raros os casos em que a gerundiva é introduzida por conectores. Esses conectores podem corresponder à partícula *em* (ou

ainda *em bem* ou *ende*) ou ser conectores que tipicamente ocorrem apenas em contextos de orações finitas, tais como *quando*, *onde*, *se* condicional, e *como* causal:

(766) Em sendem crescidos, levo-os a Lisboa. (Delgado 1951)

(767) Depois, é claro, em bem o lume ganhando lá para dentro, começando a aparecer fumo nos buracos, é porque aquilo andava a arder. (Cordial-sin, LVR07)

(768) Ende eles abalandem (Colos, in Guerreiro 1968)

(769) ...aquilo, se o homem não arrebrandando... (Palma 1967)

(770) E depois, nós éramos quatro irmãos e{fp} ficámos só com minha mãe e eu, como sendo o mais velho, (...) é que fui sempre o mais escravo. (Cordial-sin, AAL35)

(771) Quando sentindim outros animais, espantam-se (Cruz 1969)

(772) Que elas quando começadem a aparecer... (Cordial-sin, LVR33)

(773) Onde estando a menina está alegria (Carreiro 1948)

Estes dados sugerem que o facto de a flexão ter marcas morfológicas visíveis a aproxima mais das orações finitas. Existe, pois, uma estreita relação entre o domínio flexional de IP e o domínio funcional mais alto CP.

Ainda, nos dados do Cordial-sin, o GF surgiu uma vez num contexto em que tipicamente ocorreria um infinitivo flexionado no PEP:

(774) Isto os arrendamentos, já se sabe que não há como as coisas estandem nas mãos dos donos, está a compreender. (Cordial-sin, AAL29)

Que existe alguma 'promiscuidade' entre gerúndio flexionado e infinitivo flexionado mostram-nos alguns dados de localidades do Algarve, em que uma forma aparentemente de infinitivo (flexionado) surge em contextos semelhantes aos do gerúndio (flexionado), i.e. em orações adjuntas introduzidas por *quando* e por *se*, conectores que tipicamente introduzem domínios finitos:

(775) Quando (ser) /sendo\ apagado com terra, é uma categoria de carvão. Quando ser água, ali já não presta. (Cordial-sin, PAL36)

(776) Se o patrão que a enforrou ser bom, perceber bem do que está a fazer, pois ficou o madeiro tal e qual (a) um carvão. (Cordial-sin, PAL36)

(777) E depois, quando estar tudo na maior grandeza, olhe que há-de vir tudo para

baixo. (Cordial-sin, PAL13)

(778) Vão batendo, vão batendo, vão batendo, e depois quando estar muito em brasa, depois (...) há uma vara, fazem uma vara até da urze – uma vara, (chamam) /chamam-lhe\ uma vara, (até) /que é\ quase de varejar, de se varejar alfarrobas ou azeitonas ou uma coisa qualquer, ou amêndoas, isso não conta, ou figos, uma coisa qualquer. (Cordial-sin, PAL36)

(779) Depois, essa vara, quando aquilo estar aí (...) bem batido, joga-se para ali umas pás de terra e, depois, vai-se desmanchando, pouco a pouco. (Cordial-sin, PAL36)

(780) INF2 Deixa um maço, deixa um ouvido, deixa uma boca para dar fogo e deixa (...) conforme (o que está) debaixo da terra.

INF1 Sim. Dois ou três ouvidos se fizerem falta, (...) conforme (a madeira que está lá) debaixo da terra. (cordial-sin, PAL36)

Neste caso, no entanto, pode pensar-se que se trata de formas regularizadas do futuro do conjuntivo, à semelhança do que acontece no processo de aquisição da linguagem, em que há frequentemente troca de futuro do conjuntivo por infinitivo flexionado:

(781) Quando eu ir à escola, ... (M: 2;7) [em vez de *for*]

(782) Se eu estar em pé, não caio. (M: 2;9) [em vez de *estiver*]

(783) Não. Só se me dar um bilhete. (M: 2;9) [em vez de *der*]

(784) Mãe, quando eu ser grande tenho que comer espinafres. (M: 2;11) [em vez de *for*]

(785) Quando nós sabermos uma loja, quando nós nos lembrarmos de uma loja, compramos. (M: 3;2) [em vez de *soubermos*]

e vice-versa:

(786) Temos de pedir à avó para trazer os três porquinhos cá para casa. (M: 2;9) [em vez de *trazer*]

(787) Pai, antes de puseres isto, estava aqui algum papel? (F: 4;11) [em vez de *pôres*]

No entanto, um contexto como o de (775) não é facilmente substituível por um futuro do conjuntivo; aproxima-se mais de um contexto em que no PEP ocorreria o

presente do indicativo:

- (788) a. ??Quando for apagado com terra, é uma categoria de carvão; quando for (com) água, já não presta.
- b. Quando é apagado com terra, é uma categoria de carvão; quando é (com) água, já não presta.

Além disso, o mesmo informante que usa o infinitivo flexionado (*fazerem*) numa oração condicional usa o futuro do conjuntivo (*fizer*) no seguinte contexto:

- (789) "Ele que pegue o pão e ponha em cima da pá que eu vou à lenha quando é que fizer falta". (Cordial-sin, PAL31)

Isto parece indicar que o informante domina as duas formas, sendo o infinitivo flexionado e o futuro do conjuntivo usados em diferentes contextos, com valores semânticos diferentes.

Para saber até que ponto se trata de uma regularização morfológica do futuro do conjuntivo ou de um alargamento dos contextos de ocorrência do infinitivo flexionado seria necessário um estudo mais alargado que está fora do âmbito deste trabalho. Parece-me, no entanto, que são dados que vale a pena explorar.

Resumindo:

- i) a flexão visível no gerúndio surge em contextos em que existe um domínio de predicação;
- ii) a forma flexionada é francamente preferida à forma não flexionada nestes contextos;
- iii) a flexão visível parece favorecer o surgimento de conectores que tipicamente introduzem domínios finitos.

4.6.3. Ordem de palavras em gerundivas do PED

Um outro aspecto em que gerundivas do PEP e do PED se distinguem consiste na aparente opcionalidade de haver inversão sujeito-verbo em PED vs. obrigatoriedade de inversão no PEP:

- (790) Um caminho sendo ruim diz: "Tal é os barrancos que estão aqui nesse caminho". (Cordial-sin, AAL94)

(791) Enfim, os homens lá vão ainda porque não têm tractores e, então, hoje a coisa, estarem a pagar, eles tendem as coisas em casa, fazem a toda a hora, quando querem, vão fazendo o serviço com um macho, com mais pausa. (Cordial-sin, AAL36)

Nestas variedades, em que o gerúndio pode apresentar marcas visíveis de concordância e em que a inversão sujeito-verbo não é obrigatória, parece haver uma correlação entre presença de conector e ordem de palavras. Podem encontrar-se os seguintes padrões de ordem de palavras em gerundivas:

- a) conector Su-V
- b) conector V-Su
- c) \emptyset Su-V
- d) \emptyset V-Su

No entanto, a frequência de cada padrão não é igual: a ordem Su-V é a ordem predominante em orações com conector, enquanto a ordem V-Su é a ordem maioritária em orações sem conector:

(792)

Ordem de palavras e conectores nos vários tipos de orações gerundivas em variedades dialectais com gerúndio flexionado (Cordial-sin e monografias)

	Su-V	V-Su
com conector	29	9
<i>em/ende/em bem</i>	24	6
<i>quando/onde</i>	4	3
<i>se</i>	1	0
sem conector	6	19

Para além disso, o padrão b) só se encontra com Vs inacusativos e predicativos, ao passo que o padrão d) pode encontrar-se também com verbos transitivos.

Todos os exemplos de ordem V-Su em orações com conector são de verbos inacusativos e predicativos:

(793) Onde estando a menina está alegria (Nisa, in Carreiro 1948)

(794) Quando vindo a Primavera... (Baleizão, in Delgado 1970)

(795) Em vindo meu irmão, almoçamos. (Cedillo, in Vilhena 1965)

- (796) Em lhe faltando a casa, morrem. (Cordial-sin, CBV72)
- (797) Em bem me não agradando a fatia, venho-me embora. (Cordial-sin, CBV15)
- (798) Hoje, em chegando a gente pouco depois do sol posto, pregam com elas dentro (...) - lá nas cancelas. (Cordial-sin, LVR11)
- (799) E bem só se vêem em chegando o tempo das águas novas. (Cordial-sin, LVR33)
- (800) Quando chegando o tempo das batatas, arranjo um taleguinho de batata - um saco de batatas - vou dar aí a todas essas velhas que aí estão... (Cordial-sin, LVR24)
- (801) Olhe, em chegando o tempo das pinhas, vou às pinhas, dou um saco ou dois de pinhas às mulheres para elas acenderem o lume em todo o ano. (Cordial-sin, LVR24)

Nos exemplos com ordem V-Su em orações sem conector, há verbos cujo sujeito gramatical é um argumento externo e verbos cujo sujeito gramatical não é um argumento externo (inacusativos e predicativos):

- (802) E então, diziam: "Ah, mas"... Dizendo eu: "E quem trouxe essas sementes para aqui"? Dizem outros: "Ah, (...) foram os ratos, trouxeram as sementes". (Cordial-sin, PAL2)
- (803) Enquanto os outros (...) ouvem as coisas, (...) ou vêem, (...) (...) e de si mesmo não têm inteligência, muitas vezes, para descobrir qualquer coisa – julgandem-se eles inteligentes! – e eu, como sei descobrir qualquer coisa e não sei ler, pois sou bruto, sou parvo. (Cordial-sin, PAL 5)
- (804) Calandes-te tu também eu me calo (Colos, in Guerreiro 1968)
- (805) Falândemos nós disso (Colos, in Guerreiro 1968)
- (806) Apanhandem eles as favas, está tudo feito (Colos, in Guerreiro 1968)
- (807) Não me dava ser preso,/Sendos tu o caçareiro;/Desses teus braços cadeia/Do teu peito jardineiro. (Fornalhas, Vale de Santiago, in Delgado 1951)
- (808) Eu não queria ser camélia,/Sendos tu amor-perfeito;/ Só queria ser saudade/No jardim desse teu peito. (Colos, Odemira, in Delgado 1951)
- (809) E depois, morreu a mãe. Morrendo a mãe, ficaram os dois, um que estava a casa do pai, do padrinho, e outro estava a casa (...) da mãe. (Cordial-sin, AAL54)
- (810) E chamava-lhe ele (...) tomateiras! Sendo ele criado aqui, (...) talvez aí,

- (...) (...) vá lá, (a) uns quinhentos metros da distância (...) da casa do tio.
(Cordial-sin, PAL5)
- (811) E eu no fim, quando foi aos dois anos, eu digo assim para o rapaz que estava a gramar o linho - que era o que ia por conta do tal mestre Antoliano -, eu digo assim: "Ó Antolino, eu gostava que tu me fizesses a mim - estândomos a gente a falar - o que vocês costumam a fazer aos gaiatos, bater-lhe com as maniotas na mão" (Cordial-sin, CBV41)
- (812) Só fazendo-lhe ele assim (...) para sair. (Cordial-sin, CBV48)
- (813) Dizem que depois, vindem as águas novas, aparecem uns carochinhos.
(Cordial-sin, LVR33)
- (814) Durante o Verão, andavam na respiga, que era a comer as respigas do coiso, andavam na relva e chegando o tempo da boleta, começavam a comer boleta, engordavam. (Cordial-sin, LVR19)
- (815) Depois é claro, em bem o lume ganhando lá para dentro, começando a aparecer fumo nos buracos, é porque aquilo andava a arder. (Cordial-sin, LVR07)
- (816) Chegando o tempo do feijão-verde - tenho sempre, semeio; a horta é grande e eu semeio cá pelas minhas mãos, faço o trabalho pelas mihas mãos, depois vou. (Cordial-sin, LVR24)
- (817) Então como é que sêndemos a gente casados só há três meses já temos aqui um catraio (Arronches, in Paulino 1959)
- (818) estândemos nós santados (Quadrazais, in Braga 1971)
- (819) indemos nós na ruê... (Quadrazais, in Braga 1971)
- (820) Caminheta da carreia/ Que atravessas Portugal,/ Nã m'emporta qu'ames outra/Sendos tu pra mim leal. (Fornalhas, Vale de Santiago, in Delgado 1951)

Estes contrastes fortalecem a hipótese de que a presença de *em* impede a subida do V para uma posição mais alta do que a do sujeito gramatical.

Pelo contrário, a ordem Su-V em orações sem conector pode encontrar-se com verbos de várias classes:

- (821) Um caminho sendo ruim diz: "Tal é os barrancos que estão aqui nesse caminho". (Cordial-sin, AAL94)
- (822) Enfim, os homens lá vão ainda porque não têm tractores e, então, hoje a

coisa, estarem a pagar, eles tendem as coisas em casa, fazem a toda a hora, quando querem, vão fazendo o serviço com um macho, com mais pausa. (Cordial-sin, AAL36)

(823) Tu querendos, podemos namorar às escondidas (Monte Gordo, in Ratinho 1959)

(824) Qualquer descuido, os animais soltandem-se... (Santa Justa, ALEPG)

(825) "Mas eu não te estou a dizer para tu a dares, pá! Ela é tua filha sempre. É só dar uma liberdade a ela. Ela está aonde quiser. Se quiser estar na minha casa, está na minha casa; e se não quiser estar na minha casa, quer ir para a tua, vai para a tua". Mas eu sempre lembrando-me que ela que nunca queria ir para casa do pai, porque, é claro, era um homem sozinho. (Cordial-sin, CBV28)⁷⁰

(826) E o Ansur, para acabar com os tonéis - que o gajo tinha lá tonéis pequeninos que eu cabia lá de pé dentro deles -, mandou fazer mas foi casas. Tonéis em cimento. Eh pá! Eu não sabendo, mas daqueles novos! (Cordial-sin, CBV32)

O mesmo acontece com a ordem Su-V em orações com conector:

(827) ...aquilo, se o homem não arrebrandando... (Olhão, in Palma 1967)

(828) Quando ele estando demais, já cheira a azedo. (Cordial-sin, PAL30)

(829) às vezes, quando um estando assim muito mal... (Odeleite, Cruz 1969)

(830) Quando a ovelha rasando o dente é badana. (Colos, in Guerreiro 1968)

(831) Quando tu vendos (Colos, in Guerreiro 1968)

(832) E depois, (...) em um começando (...)(...) com aquela palavra, todos vão empregar aquela palavra aonde é que não faz sentido, aonde é que não tem lugar. (Cordial-sin, PAL16)

(833) (Em) me (ele) indo ali à forja, já eu digo logo já eu digo logo o que é...(Cordial-sin, PAL36)

(834) Não sei como o senhor fala. Agora em o senhor falando, pode ser que eu lhe saiba responder. (Cordial-sin, AAL53)

(835) "É já." O gajo para mim: "É já". Digo assim: "Pronto! Em tu querendos!" (Cordial-sin, CBV41)

⁷⁰ Este exemplo pode corresponder a uma gerundiva 'independente' e não a uma adjunta.

- (836) Em a perna entrando ali, pronto, já dali não abala. (Cordial-sin, CBV48)
- (837) Em o carneiro passando, as ovelhas passavam também. (Cordial-sin, CBV50)
- (838) Mas não sei que raio de ferrão tem o bicho que em bem elas aparecem, os animais, aquilo é o cabo dos trabalhos. (Cordial-sin, CBV71)
- (839) Em eles tendem (a) outra, já não querem aquela. (Cordial-sin, LVR05)
- (840) Em ele não saindo, está apagado. (Cordial-sin, LVR07)
- (841) Depois, é claro, em bem o lume ganhando lá para dentro, começando a aparecer fumo nos buracos, é porque aquilo andava a arder. (Cordial-sin, LVR07)
- (842) Em a gente acabândemos, brademos (Arronches, Paulino 1959)
- (843) Em tu vindo, te coçarei (Ervedosa do Douro, in Azevedo 1928-29)
- (844) Em eles te chamando, não faltes. (Ervedosa do Douro, in Azevedo 1928-29)
- (845) Em ele chegando, to direi (Ervedosa do Douro, in Azevedo 1928-29)
- (846) Em tu indos a Vila Real (Odeleite, in Cruz 1969)
- (847) Ende tu falandes (Colos, in Guerreiro 1968)
- (848) Ende nós vëndemos (Colos, in Guerreiro 1968)
- (849) Ende eles abalandem (Colos, in Guerreiro 1968)
- (850) Ende eu chegando (Colos, in Guerreiro 1968)
- (851) Em tu comendos (Algarve, in Nunes 1902)
- (852) Em tu estandos (Algarve, in Nunes 1902)
- (853) S'ê te aquerditasse, amor,/Beijava-te a própria terra;/Minha amada, em tu morrendos,/Levas palmito e capela. (Ervidel, in Delgado 1951)
- (854) Em tu querendos (Cedillo, in Vilhena 1965)
- (855) Em tu vindos (Beira Baixa, in Martins 1954)

Assim, as diferenças de ordem de palavras em gerundivas sem conectores do PED estarão possivelmente ligadas a outros factores, nomeadamente a questões de ordem discursiva, i.e. o estatuto informacional do sujeito.

Estes dados do PED são importantes, uma vez que parecem pôr em causa a hipótese de Barbosa 2001 de que a inversão sujeito-verbo em absolutas está relacionada com a possibilidade de a língua ter sujeitos nulos. Ora, o PED tem sujeitos nulos e pode não ter inversão sujeito-verbo em absolutas.

Note-se que a ausência de inversão em gerundivas é referida também para o italiano antigo, que também tinha sujeitos nulos. Assim, a inversão nestas estruturas não deverá estar directamente relacionada com o facto de a língua poder ou não ter sujeitos nulos. A explicação para a ordem de palavras nas gerundivas das várias línguas terá de ter uma causa diferente.

Se a ausência de inversão estiver relacionada com o facto de as gerundivas terem concordância visível, de acordo com a hipótese de Barbosa 1995, esperar-se-ia que nos contextos de Agr visível surgisse a ordem de palavras semelhante à das frases finitas, uma vez que, neste caso, *pro* referencial seria legitimado. No entanto, não é claro que assim seja.

Mota (1997: 342) coloca a hipótese de haver uma relação entre a flexão no gerúndio e a ocorrência de sujeitos pronominais em posição pré-verbal. Os sujeitos DPs ocorreriam preferencialmente em posição pós-verbal, segundo a autora.

Vejamos de que forma é que o tipo de sujeito se relaciona com ordem de palavras e com o facto de surgirem marcas de concordância visíveis, considerando os dados do Cordial-sin e de monografias dialectais⁷¹:

⁷¹ Estes dados são para ser tomados apenas como indicadores de padrões, uma vez que os dados das monografias são apenas exemplificativos, estão normalmente descontextualizados e não constituem propriamente um *corpus*. Também os dados do Cordial-sin, embora sejam desse ponto de vista mais fiáveis - estão contextualizados - não obedecem a todos os critérios a que um *corpus* obedece normalmente: os trechos nem sempre são homogéneos e a sua selecção não foi feita aleatoriamente.

Ordem de palavras, tipos de sujeitos e tipo de oração gerundiva

		Su-V		V-Su	
		Su DP ⁷²	Su pron ⁷³	Su DP ⁷⁴	Su pron ⁷⁵
c/ conector	GF	0	15	0	0
	GNF	0	2	0	0
	Ø	6	6	8	1
	total	6	23	8	1
s/ conector	GF	1	2	1	12
	GNF	0	0	0	0
	Ø	1	2	4	2
	total	2	4	5	14

Do quadro acima conclui-se que, embora haja mais sujeitos pronominais pré-verbais do que DPs pré-verbais, o facto de o sujeito ser pronominal ou lexical não é dos factores mais determinantes para a ordem de palavras. De facto em orações em que a concordância está morfologicamente realizada, temos 17 sujeitos pronominais pré-verbais vs. 12 sujeitos pronominais pós-verbais, o que não me parece ser uma diferença significativa.

Se não considerarmos a presença/ausência de conector nem a presença de marcas visíveis de concordância, ficamos com 27 sujeitos pronominais pré-verbais vs. 15 sujeitos pronominais pós-verbais; e 8 sujeitos DPs pré-verbais vs. 13 sujeitos DPs pós-verbais. Se considerarmos, no entanto, a presença/ausência de conector, a diferença torna-se mais significativa: 29 sujeitos pré-verbais com conectores vs. 6 sujeitos pré-verbais sem conectores; 9 sujeitos pós-verbais com conectores vs. 19 sujeitos pós-verbais sem conectores, sendo todos os sujeitos pós-verbais com verbos inacusativos ou predicativos. Se olharmos para os sujeitos pronominais apenas, verificamos que em orações com conectores existem 23 sujeitos pré-verbais vs. 14 sujeitos pós-verbais em orações sem conectores. Para os sujeitos DPs, a diferença é de 6 sujeitos pré-verbais em orações com conectores vs. 5 sujeitos pós-verbais em orações sem conectores.

⁷² Dos seis sujeitos DPs em orações com conectores, três são com verbos inacusativos e predicativos; três com verbos transitivos ou inergativos. Nas orações sem conectores, um dos DPs sujeito é com um V predicativo, outro com um verbo plausivelmente inergativo (*soltar-se*).

⁷³ Os sujeitos pronominais pré-verbais em orações com conectores são 13 com verbos inacusativos e predicativos e 10 com verbos transitivos ou inergativos. Os sujeitos pronominais pré-verbais em orações sem conectores são todos com verbos transitivos ou inergativos.

⁷⁴ Todos eles são com verbos inacusativos ou predicativos.

⁷⁵ O sujeito pronominal pós-verbal em orações com conectores é com um V inacusativo; os sujeitos pronominais pós-verbais em orações sem conectores são 8 com Vs inacusativos e predicativos e 6 com Vs transitivos e inergativos.

Consideremos agora a variável classe verbal (ver quadro abaixo):

Ordem de palavras, tipos de sujeitos e classe verbal

		Su-V			V-Su		
		Su DP	Su pron	tot	Su DP	Su pron	tot
V trans./ iner.	c/ conector	3	10	13	0	0	0
	s/ conector	1	4	5	0	6	6
V inac. /pred.	c/ conector	3	13	16	8	1	9
	s/ conector	1	0	1	5	8	13

Verificamos que os sujeitos pós-verbais são mais frequentes com verbos inacusativos e predicativos, não havendo nenhum sujeito pós-verbal de um V transitivo numa oração com conector. Quanto aos sujeitos pré-verbais, há praticamente uma equivalência numérica entre sujeitos de Vs transitivos/inergativos e sujeitos de Vs inacusativos /predicativos. Temos assim 22 sujeitos pós-verbais com Vs inacusativos/predicativos vs. 6 sujeitos pós-verbais de Vs transitivos/inergativos, e 17 sujeitos pré-verbais com Vs inacusativos/predicativos vs. 18 sujeitos pré-verbais de Vs transitivos/inergativos.

Pode pensar-se que a opcionalidade de inversão Su-V no PED se relaciona com o estatuto de C nesta variedade. Os casos de inversão seriam assim desencadeados por factores de tipo discursivo e não teriam uma explicação puramente gramatical. As frases com inversão envolvem ou verbos predicativos e inacusativos, em que é possível pensar que o sujeito está na sua posição de base, ou eventualmente situações de foco contrastivo:

(856) E depois, morreu a mãe. Morrendo a mãe, ficaram os dois, um que estava a casa do pai, do padrinho, e outro estava a casa [AB|da, {pp} do] da mãe.
(Cordial-sin, AAL54)

(857) Calandes-te tu também eu me calo (Colos, in Guerreiro 1968)

(858) E então, diziam: "Ah, mas"... Dizendo eu: "E quem trouxe essas sementes para aqui"? Dizem outros: "Ah, {fp} foram os ratos, trouxeram as sementes". (Cordial-sin, PAL2)

(859) Enquanto os outros (...) ouvem as coisas, (...) ou vêem, (...) (...) e de si mesmo não têm inteligência, muitas vezes, para descobrir qualquer coisa – julgandem-se eles inteligentes! – e eu, como sei descobrir qualquer coisa e não sei ler, pois sou bruto, sou parvo. (Cordial-sin, PAL 5)

(860) Falândemos nós disso (Colos, in Guerreiro 1968)

(861) Apanhandem eles as favas, está tudo feito (Colos, in Guerreiro 1968)

(862) Só fazendo-lhe ele assim (...) para sair. (Cordial-sin, CBV48)

Os exemplos com verbos que não pertencem à classe dos inacusativos e predicativos são, no entanto, escassos. Seriam necessários mais dados para confirmar esta hipótese.

Assim, na determinação da posição do sujeito relativamente ao verbo, parecem entrar pelo menos os seguintes factores:

- i) presença/ausência de conector: a presença de conector favorece a ordem Su-V
- ii) classe verbal: com verbos inacusativos e predicativos é mais frequente a ordem V-Su
- iii) factores discursivos: o estatuto informacional do sujeito gramatical

4.6.4. O papel da flexão no gerúndio; o papel das categorias T e Agr

Que papel desempenha a morfologia visível de Agr?

Em que é que um morfema visível e um morfema nulo se distinguem?

Um dos aspectos em que Agr visível parece desempenhar um papel consiste na identificação do sujeito nulo da gerundiva. De facto, PEP e PED distinguem-se quanto às possibilidades de identificação de sujeitos nulos em gerundivas. Existem vários exemplos nos dados de que disponho que apontam para a possibilidade de haver sujeito nulo na gerundiva em contextos em que ele não seria possível no português padrão. Trata-se de contextos em que o gerúndio tem marcas morfológicas visíveis de concordância e em que não existe co-referência com o sujeito da matriz:

(863) Em comendos a sopa, dou-te o bolo. (Alto Alentejo, in Matias 1974)

(864) [-]_i/*_j Arrumandos o quarto, o Pedro_j vai falar contigo_i. (Ribeiro 2002: 66)

Ora, as gerundivas não flexionadas correspondentes do PEP, pelo menos na minha variedade, não admitem a co-referência com o objecto:

(865) Em [-]_{i/j} comendo a sopa, [-]_j dou-te_i o bolo.

(866) [-]_{i/j} Arrumando o quarto, o Pedro_j vai falar contigo_i.

Julgo que este é exactamente um dos contextos em que PEP e PED se distinguem, e isto porque as desinências de 2ª pessoa permitem recuperar não ambigualmente o conteúdo referencial do sujeito nulo, o que não acontece no PEP. Teríamos assim no PED uma situação semelhante àquela que acontece no PEP em frases finitas, em que existe um contraste entre 3ª pessoa e 1ª e 2ª pessoas quanto à identificação de sujeitos nulos (cf. Lobo 1994). Assim, no PEP, a frase equivalente a (863) com identificação pelo objecto é agramatical, a não ser que se trate de um objecto de 3ª pessoa, em que o contexto permitirá optar por uma ou outra leitura:

(867) Em [-]_{i/?*} comendo a sopa, *pro*_i dou-te_j o bolo.

(868) Em [-]_{i/j} comendo a sopa, *pro*_i dou-lhe_j o bolo.

A frase (867), em PEP, seria substituída por uma temporal conjuncional:

(869) a. Quando comeres a sopa, dou-te o bolo.

b. Depois de comeres a sopa,...

O PED contrasta assim com o PEP quando estão presentes marcas morfológicas de concordância:

(870) PED - (mulher_i a falar com marido_j ao telefone):

Hoje, estou muito cansada. Em [-]_{i/*j} chegandos a casa, [-]_i vou-me deitar.⁷⁶

(871) PEP - (mulher_i a falar com marido_j ao telefone):

a. Hoje, estou muito cansada. Em [-]_{i/*j} chegando a casa, [-]_i vou-me deitar.

b. Hoje, estou muito cansada. Quando [-]_{i/*j} chegares a casa, [-]_i vou-me deitar.

⁷⁶ De acordo com Ribeiro 2002, sem a realização do pronome a frase é agramatical. Teríamos de ter: 'Em tu chegandos a casa,...'. De acordo com falantes que consultei, a frase sem o pronome é gramatical.

De facto, no PED, as gerundivas periféricas, tal como no PEP, não são estruturas de controlo obrigatório. Os sujeitos nulos das gerundivas periféricas não são obrigatoriamente controlados, não tendo as propriedades atribuídas ao sujeito das estruturas de controlo obrigatório - PRO. Veja-se que, contrariamente àquilo que acontece em estruturas de controlo obrigatório, o sujeito nulo das gerundivas do português (quer padrão, quer dialectal) pode ser expletivo, pode ser identificado pragmaticamente, e pode alternar com um sujeito foneticamente realizado:

(872) a. *Quero [-] chover.

b. [-] chovendo desta maneira, os campos ficarão alagados.

(873) a. *Os meninos_i vinham cheios de fome. Mas [-]_i comer bolachas antes do jantar, a mãe_j não queria.

b. Os meninos_i vinham cheios de fome. [-]_i tendo comido bolachas antes do jantar, a mãe_j zangou-se.

(874) a. O Rui quer [-] ganhar.

a'. *O Rui quer o Zé ganhar.

b. Chegando [-] a casa, o Rui põe a mesa.

b'. Chegando a mãe a casa, o Rui põe a mesa.

Ainda, nas orações gerundivas periféricas, ao contrário do que acontece em estruturas de controlo obrigatório, é possível a ocorrência do clítico indefinido *se*:

(875) a. *A câmara quer [destruir-se estas barracas].

b. A câmara quer [que se destrua estas barracas].

(876) [Destruindo-se estas barracas], a zona ficará valorizada.

Assim, os sujeitos nulos das gerundivas periféricas do português parecem antes corresponder a *pro*. Tal como acontece com o sujeito nulo típico de uma frase finita no PEP, a referência do sujeito nulo de uma gerundiva periférica no PED parece ser em grande medida determinada contextualmente.⁷⁷

Assim, nos exemplos abaixo, o antecedente do sujeito nulo da gerundiva pode ser o sujeito matriz, o objecto matriz, um tópico, um referente previamente introduzido, ou pode ser pragmaticamente identificado. O sujeito nulo pode também ser expletivo ou ter

⁷⁷ Para uma posição diferente, ver Ribeiro 2001 e 2002.

referência arbitrária:

- (877) Não saíndomos de casa, morrámos à fome. (Azevedo 1928-9)
- (878) Em sendem crescidos, levo-os a Lisboa. (Delgado 1951)
- (879) O pão, quando estando lêvedo, (...) a massa é mais leve. (Cordial-sin, PAL30)
- (880) Eles têm duas instalações. (...) Agora, em fazendem o resto das outras é que fica tudo ali junto, já. Fica já ali a garagem, fica casa para tudo, não é. (Cordial-sin, AAL24)
- (881) Em querendos ir, vamos. (Vilhena 1965)
- (882) Porque (...) a azeitona é uma das coisas que, chove agora, e, em estando bom, (...) já se trabalha. (Cordial-sin, AAL30)
- (883) Mesmo pagando o dinheiro, {pp} não há quem queira ir fazer. (Cordial-sin, PAL11)

Curiosamente, nos dados do português dialectal existem gerúndios flexionados quer em gerundivas periféricas, quer em orações gerundivas que parecem corresponder a adjuntas não periféricas ou a gerundivas predicativas, e em que em PEP são impossíveis sujeitos lexicais:

- (884) E, às vezes, anda aquele rebanho junto, (...) e, depois, às vezes, {fp} vão dormir pensandem (...) que são todas fêmeas e há (...) algum macho ali no meio! (Cordial-sin, PAL 13)
- (885) Não sei se o meu marido sabe de enxertos. Não sei. Só falandem com o meu marido é que sabem. (Guilhermina, Lavre, 4.4.02, Ana Maria Martins, c.p.)
- (886) Vi-te saltandos à corda. (Ribeiro 2002: 75)
- (887) Entraste na sala pulandos de alegria (Ribeiro 2002: 75)
- (888) Passaste no exame copiandos pelo colega do lado (Ribeiro 2002: 75)
- (889) Cantas a música estendendos o chapéu (Ribeiro 2002: 81)
- (890) Vão para o intervalo correndem muito depressa (Ribeiro 2002: 84)

Como vimos, em PEP, estas gerundivas distinguem-se das gerundivas periféricas por não admitirem sujeitos lexicais, por não poderem ter sujeitos expletivos nem

sujeitos identificados por tópicos. Ainda, nas gerundivas adjuntas não periféricas do PEP, a ocorrência do clítico indefinido *se* dá origem a frases marginais:

- (891) a. ?*Só se conseguirá resolver o problema convocando-se eleições gerais.
b. Convocando-se eleições gerais, conseguiu-se acalmar o clima do país.

Mendikoetxea 1999 refere contrastes semelhantes para o espanhol.

Assim, as gerundivas não periféricas, essas sim, têm comportamentos próximos das estruturas de controlo obrigatório.

Resta saber como se comportam as gerundivas adjuntas não periféricas (e predicativas) no PED quanto à possibilidade de realização de sujeito lexical neste contexto, e quanto à possibilidade de ocorrerem sujeitos expletivos.

Se em PED a realização do sujeito neste contexto também for agramatical, isso parece indicar que T e Agr desempenham funções diferentes (como tem sido defendido por vários autores). A realização fonética de Agr será independente da realização fonética do sujeito.

A esta mesma conclusão chega Ledgeway 2000 com base em dados de dialectos do italiano (cf. também Haidou & Sitaridou 2001). Nem Agr é responsável pela legitimação do sujeito, nem os sujeitos lexicais surgem apenas em contextos com Agr. De facto, nestes dialectos, existem contextos com Agr realizado que não permitem sujeitos lexicais. Trata-se de contextos de controlo obrigatório em infinitivas.

Assim parece ser T, quando suficientemente forte, o responsável pela atribuição de Caso.

Será necessário contudo obter mais dados de gerundivas não periféricas com informantes do PED para confirmar estas hipóteses.

A ideia de que não é Agr a única entidade responsável pela atribuição de Caso é apoiada por vários dados. Por um lado, existem línguas em que são possíveis infinitivas não flexionadas com sujeitos lexicais: trata-se das chamadas construções de infinitivo pessoal que existem no espanhol, em variedades do italiano... Por outro lado, existem estruturas em que Agr é morfologicamente realizado e que não admitem sujeitos lexicais. Isso acontece, de acordo com Ledgeway 2000, em alguns dialectos do italiano que têm infinitivas flexionadas. Quando a infinitiva flexionada surge num contexto de controlo obrigatório, o sujeito lexical não é possível.

No caso do infinitivo pessoal, aquilo que Ledgeway observa é que a construção está restringida a contextos de não subcategorização, i.e. a orações sujeito e a orações adverbiais, que são sempre contextos de controlo não obrigatório, em que é possível a referência disjunta do sujeito da matriz.

Assim, como afirma Ledgeway 2000, a possibilidade de lexicalizar o sujeito em gerundivas e infinitivas não está relacionada com a presença visível de Agr nessas estruturas: existem sujeitos lexicais em gerundivas não flexionadas do português e de outras línguas, em infinitivas não flexionadas do espanhol e do italiano; não parecem existir sujeitos lexicais em gerundivas flexionadas integradas não preposicionadas e em infinitivas flexionadas subcategorizadas de dialectos italianos. A possibilidade de lexicalizar o sujeito é antes condicionada pela relação que a estrutura estabelece com a oração matriz, ou seja pelo facto de se tratar de uma estrutura de controlo não obrigatório.

4.6.5. Conclusões

Resumindo, quanto ao papel de Agr morfologicamente visível, chegámos à conclusão de que:

- i) a flexão de concordância desempenha um papel na identificação do conteúdo da categoria vazia;
- ii) não é a flexão de concordância por si só que legitima Caso nominativo;
- iii) a flexão de concordância visível parece aproximar a oração gerundiva das frases finitas.

Quanto ao sujeito nulo de orações gerundivas flexionadas, vimos que há razões para considerar que se trata de uma categoria vazia típica dos contextos de sujeito nulo, sujeita a mecanismos de identificação semelhantes aos que operam em orações finitas (i.e. identificação por concordância ou identificação pragmática/discursiva).

Quanto à ordem de palavras em gerundivas do PED, vimos que interferem factores como:

- i) a presença de um conector;

- ii) a classe verbal (verbos predicativos e inacusativos vs. verbos transitivos e intransitivos);
- iii) factores de ordem discursiva.

Quanto à eventual opcionalidade de realizar o morfema de concordância, os dados que analisámos apontam para que a presença de concordância é largamente preferida em orações adjuntas, e em orações quase-coordenadas, ao passo que a concordância é praticamente inexistente em complexos verbais. É evidente que o próprio estatuto sociolinguístico das variedades que estamos a considerar dificulta uma análise objectiva desta questão. Veja-se que se trata de variedades linguísticas que se distanciam da norma, estigmatizadas, sendo a concordância no gerúndio objecto de correcção explícita na aprendizagem escolar. É portanto natural que haja uma tendência para substituir a forma flexionada pela forma não flexionada, podendo a hesitação provocada pela influência da norma ficar 'mascarada' de 'opcionalidade'.

Algumas destas hipóteses necessitam, como é óbvio, de um estudo mais aprofundado que contemple um maior número de dados, devidamente contextualizados. Espero poder prosseguir esta investigação futuramente.

5. Conclusão

Neste trabalho, centrado prioritariamente no PE, procurou-se estudar alguns aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais, considerando, entre outras, as seguintes questões:

- a) que estruturas cabem na designação de orações subordinadas adverbiais?
- b) que propriedades têm?
- c) existem diferentes tipos sintácticos de orações adverbiais?
- d) qual o seu estatuto?
- e) que posição estrutural ocupam?
- f) que papel desempenham os conectores de adverbiais finitas e infinitivas?
- g) por que não são as gerundivas e participiais introduzidas por conectores?
- h) as propriedades internas manifestadas por gerundivas e participiais estão relacionadas com a posição estrutural que ocupam?

Depois de definir os objectivos do trabalho e depois de o enquadrar teoricamente no quadro da Teoria de Princípios e Parâmetros na sua última versão (cap.1.), procurei, numa primeira parte (cap.2), responder às duas primeiras questões, tentando caracterizar as estruturas sintácticas que cabem na classificação de subordinadas adverbiais. Distingui assim um subconjunto de estruturas que se distingue das estruturas coordenadas por, em PE, manifestar tipicamente a próclise no caso das orações finitas, por admitir a coordenação. Dentro das estruturas subordinadas, as adverbiais foram caracterizadas enquanto grupo por admitirem a anteposição, não admitirem a extracção, não serem semanticamente seleccionadas (podendo na maioria dos casos ser omitidas sem que isso provoque agramaticalidade). Afastei assim das adverbiais as estruturas comparativas e consecutivas, com comportamentos distintos (cf. não admitem a anteposição, estão sempre dependentes de um advérbio de grau ou quantificador), que têm sido aproximadas na literatura ou de orações coordenadas ou de orações relativas ou ainda de orações seleccionadas por um quantificador. Foram ainda postas de parte estruturas que se situam a meio caminho entre a coordenação e a subordinação, cujo estatuto sintáctico é mais duvidoso. Cabem aqui as orações não conjuncionais finitas com inversão sujeito-verbo, as comparativas correlativas, as orações chamadas explicativas (que não admitem a anteposição, nem a coordenação, manifestam ênclise em PE e em línguas como o alemão manifestam V2 e não V final), entre outras.

Num segundo momento (cap.3), foram estudadas as propriedades sintáticas das orações adverbiais que em PE são introduzidas por conectores - as adverbiais finitas e infinitivas. Depois de ter referido algumas das propriedades que caracterizam cada um dos subtipos semânticos de adverbiais finitas e infinitivas (cap.3.2.) e depois de fazer uma tentativa de análise gramatical dos seus conectores (cap. 3.3), foram aplicados sistematicamente a todos os subtipos semânticos de adverbiais introduzidos por diferentes conectores sete testes sintático-semânticos conhecidos na literatura (clivagem, anteposição, escopo da negação, escopo de operadores de foco, resposta a interrogativas-Qu, interrogativas e negativas alternativas), e já testados em gramáticas descritivas de outras línguas (cf. Quirk *et al.* 1985; Renzi, Salvi & Cardinaletti 1991; Bosque & Demonte 1999), que permitem distinguir duas subclasses sintáticas de orações subordinadas adverbiais: as adverbiais periféricas (ou adverbiais de frase) e as adverbiais não periféricas (ou adverbiais de predicado). Distinguiu-se ainda dentro das adverbiais periféricas um subconjunto de estruturas ainda mais periféricas, que parecem não modificar directamente o conteúdo proposicional da oração matriz, estando antes directamente ligadas à situação de enunciação. Verificou-se que as adverbiais de tempo, de modo, de circunstância negativa, de causa introduzidas por *por(que)*, de fim, e algumas condicionais introduzidas por *se* e *caso*, têm comportamentos de adverbiais não periféricas, podendo ocorrer à direita sem que haja quebra entoacional, podendo estar sob o escopo da negação e de operadores de foco, podendo constituir respostas a interrogativas-Qu, ser clivadas e ocorrer em interrogativas e negativas alternativas. Pelo contrário, as adverbiais causais introduzidas por *como*, *visto que*, *já que*, *uma vez que*, *dado que*, as condicionais-concessivas, as concessivas, as condicionais introduzidas por *desde que*, *contanto que* e as conformativas têm comportamentos típicos de adverbiais periféricas, rejeitando a clivagem, não podendo ocorrer em posição final sem serem antecedidas de pausa ou quebra entoacional, não podendo estar sob o escopo de negação ou de operadores de foco, não podendo constituir resposta a interrogativas-Qu, nem ocorrer em interrogativas e negativas alternativas.

Foi proposto que o estatuto sintático/estrutural das orações adverbiais (periféricas/não periféricas) corresponde a diferentes posições estruturais relativamente à oração matriz e está relacionado com o seu diferente estatuto discursivo: as adverbiais periféricas dão informação que é de alguma forma pressuposta ou 'conforme às expectativas'; as adverbiais não periféricas são neutras, não têm um conteúdo pressuposicional intrínseco. Colocou-se ainda a hipótese de o diferente mapeamento de

adverbiais periféricas e não periféricas ser condicionado pelo diferente estatuto lexical dos conectores que as introduzem: só os conectores de adverbiais periféricas têm um traço [pressuposicional] inerente. Admitindo que a projecção funcional TP actua como uma fronteira no mapeamento de constituintes com diferentes funções discursivas (os constituintes pressupostos e, portanto, não focalizáveis são obrigatoriamente projectados fora do domínio de c-comando de T), explica-se que as adverbiais periféricas sejam obrigatoriamente projectadas fora de TP, em adjunção a uma categoria funcional alta (TP ou CP), ao passo que as adverbiais não periféricas, discursivamente 'neutras', podem ser projectadas dentro ou fora de TP de acordo com o seu estatuto informacional.

Foram discutidas ainda várias hipóteses teóricas sobre a representação estrutural dos adjuntos em geral e sobre os adjuntos oracionais em particular (especificadores - cf. Cinque 1999, e.o., complementos - cf. Larson 1988, e.o., ou adjuntos - cf. Ernst 2000, e.o.), assim como a hipótese de não haver adjunção à direita (cf. Kayne 1994). Relativamente às orações adverbiais, os argumentos empíricos considerados - fenómenos de ligação, testes clássicos de constituência e questões de escopo - apontam a análise de adjunção (à esquerda ou à direita) como sendo a hipótese menos problemática, ainda que nem todas as questões tenham ficado completamente esclarecidas.

Quanto à posição das adverbiais não periféricas à esquerda, discutiram-se duas hipóteses alternativas: a hipótese de estas serem deslocadas por movimento para essa posição e a hipótese de geração na base à esquerda. Concluiu-se que a ausência de reconstrução, i.e. a impossibilidade de a oração estar sob o escopo da negação, a impossibilidade de estabelecer dependências a longa distância, a possibilidade de haver co-referência entre um sujeito DP na adverbial anteposta e um sujeito pronominal na matriz, que se manifesta na maioria dos casos, apontam para a segunda hipótese, i.e. a geração básica da adverbial à esquerda. Isto vai de encontro à proposta teórica de Chomsky 1995 de que *Compor (Merge)* é mais económico do que *Mover*. Ficaram alguns problemas por resolver, nomeadamente as assimetrias verificadas entre adjuntos oracionais e não oracionais, a possibilidade de haver reconstrução de um adjunto oracional anteposto com determinados tipos de verbos (ex: *achar*) e de tempos verbais (ex: futuro do presente e futuro do pretérito ou condicional).

No cap.4, foram tratadas as orações adverbiais que em PE não são, no caso não marcado, introduzidas por conectores - as orações gerundivas e participiais.

Relativamente a estas orações, punha-se a questão de saber como derivar o seu estatuto sintáctico na ausência de conectores. Depois de descrever as propriedades sintácticas e semânticas que permitem distinguir dois tipos sintácticos de gerundivas adjuntas (gerundivas periféricas e não periféricas), distintas das gerundivas a que chamei predicativas na sequência de Fernández Lagunilla 1999, e classificar as participiais adjuntas como periféricas, foi proposto que a ausência de conectores de tipo preposicional em gerundivas e participiais, assim como a impossibilidade de estas orações ocorrerem em posições argumentais, se deve ao seu estatuto defectivo inerentemente verbal. A ausência de conectores típicos de contextos finitos deve-se ao estatuto morfológico destas orações. A distribuição sintáctica de gerundivas e participiais foi derivada do carácter defectivo de T nestas estruturas, que, quando no domínio de c-comando de T matriz terá uma leitura obrigatoriamente dependente, i.e. de T simultâneo relativamente a T matriz. A incompatibilidade do participio passado com a leitura de simultaneidade temporal, assim como a impossibilidade de termos gerundivas causais e de T anterior no domínio de c-comando de T matriz foi derivada da dependência obrigatória entre T da gerundiva e da participial e T matriz quando estas orações ocupam posições estruturais baixas. Serão assim propriedades morfológicas do gerúndio e do participio, aliadas a restrições de natureza semântica, que explicam a distribuição sintáctica das orações adjuntas não introduzidas por conectores. Observou-se também que a presença de um conector pode facilitar a leitura não dependente, i.e. o conector parece bloquear a relação que se estabelece entre T matriz e T encaixado.

Descreveram-se ainda algumas propriedades internas de gerundivas e de participiais e procurou-se verificar até que ponto as restrições manifestadas em algumas estruturas são consequência da posição estrutural ocupada. Foi proposto que as restrições observadas em gerundivas não periféricas podem ser derivadas da posição estrutural que estas ocupam. No entanto, relativamente às participiais, essa explicação não é possível. Assim, as restrições manifestadas em participiais terão de ser atribuídas a uma maior defectividade funcional destas estruturas.

Assim, enquanto para as gerundivas foi proposto que se trata de orações plenas, projectando as categorias C, Agr, T, v , tendo a categoria C traços temporais, para as participiais foi proposto que a categoria C não contém traços temporais. Isto poderá explicar a impossibilidade de termos auxiliares, negação e clíticos nas participiais, assim como a maior dificuldade em termos um sujeito pronominal nestas estruturas.

Quanto aos sujeitos nulos de orações adjuntas periféricas, foi proposto que se trata

de uma categoria vazia com mais afinidades com *pro* do que com PRO, sendo o seu conteúdo fixado através de mecanismos de identificação essencialmente semânticos e pragmáticos.

Foram considerados dados de vários sistemas linguísticos, nomeadamente português europeu padrão contemporâneo, italiano, espanhol, francês, inglês, português europeu dialectal e português antigo, que parecem mostrar que a ordem de palavras em absolutas pode estar relacionada com o estatuto morfológico das diferentes formas verbais e com diferentes especificações de traços da categoria C: nas gerundivas do português padrão, italiano e espanhol, C tem traços-T fortes, obrigando à subida de V para C; nas orações com participio presente do francês e do inglês, C não tem traços-T; nas gerundivas flexionadas do português dialectal, C tem traços-T fracos, sendo as diversas ordens de palavras motivadas plausivelmente por mecanismos de natureza discursiva; o português antigo parece ser uma língua com um estatuto morfológico em transição. Mostrou-se que a presença/ausência de traços-T em C se relaciona com uma maior diversidade vs. menor diversidade de valores semânticos e com a diferente origem histórica das formas verbais, sendo as formas participiais mais próximas de adjectivos.

Finalmente foram analisados alguns dados de variedades do português em que o gerúndio pode apresentar marcas visíveis de concordância, procurando perceber até que ponto a morfologia visível desempenha um papel na gramática. Verificou-se que a morfologia de concordância parece desempenhar um papel pelo menos na identificação do conteúdo de sujeitos nulos e nos contextos sintácticos em que a gerundiva pode ocorrer, aproximando-a das orações finitas.

Referências bibliográficas

- ALARCOS LLORACH, Emilio (1994) *Gramática de la Lengua Española*, Espasa Calpe, S.A., Madrid, 1999.
- ALEPG - Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- ALEXIADOU, Artemis (1997) *Adverb Placement*, John Benjamins, Amsterdam.
- ALEXIADOU, Artemis & Peter SVENONIUS, eds. (2000) *Adverbs and Adjunction, Linguistics in Potsdam 6*, Universität Potsdam, Potsdam.
- ALGa - Atlas Lingüístico Galego (ALGa). vol. I.1. *Morfología Verbal.*, Fundación "Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa", La Coruña, 1990 (coord. F. Fernández Rei).
- ALI, Manuel Said (1927) *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, Melhoramentos, São Paulo. 6ª ed., 1965.
- ALI, Manuel Said (1931) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro. 7ª ed., 1971.
- ALVES, Ana Teresa (1999) 'Anáfora Temporal com *Durante*', in *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Aveiro, 28-30 de Setembro de 1998)*, vol. I, Associação Portuguesa de Linguística, Braga; 53-71.
- AMBAR, Manuela (1988) *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito Verbo em Português*, Diss. Doutoramento, Univ. Lisboa, Lisboa (publicada por Ed. Colibri, Lisboa, 1992).
- AMBAR, Manuela (1989) 'Sobre a posição do sujeito, movimento do verbo e estrutura da frase', *Actas do V Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Associação Portuguesa de Linguística/Univ. Lisboa; 369-399.
- AMBAR, Manuela (1992) 'Temps et structure de la phrase en Portugais', in H.-G. Oenauer & A. Zribi-Hertz, eds. *Structure de la Phrase et Théorie du Liage*, Presses Universitaires de Vincennes, Paris; 29-49.
- AMBAR, Manuela (1994) "'Aux-to-COMP" and Lexical Restrictions on Verb Movement', in G. Cinque, J. Koster, J.-Y. Pollock, L. Rizzi & R. Zanuttini, eds.; 1-23.
- AMBAR, Manuela (1996) 'Infinitives vs. Participles', in Esthela Treviño & José Lema, eds. (1999) *Semantic Issues in Romance Syntax*, John Benjamins Publishing Co., Amsterdam/Philadelphia; 1-20 (publicado também em João Costa, ed. (2000) *Portuguese Syntax. New comparative Studies*; 14-30).
- AMBAR, Manuela (1997) 'The Syntax of Focus in Portuguese – a unified approach', ms. Univ. de Lisboa.
- AMBAR, Manuela (1999) 'Aspects of the Syntax of Focus in Portuguese', in G. Rebuschi & L. Tuller, eds.; 23-53.
- AMBAR, Manuela, Manuela GONZAGA & Esmeralda NEGRÃO (2002) 'Sobre o operador *sempre*:

- interacções entre tempo, quantificação e estrutura frásica em PE e PB', Comunicação apresentada no 3º Colóquio PE/PB, Univ. Lisboa, Setembro 2002.
- AMBAR, Manuela, Ximena LOÏS & Hans-Georg OBENAUER (1986) 'Move Infl and Sentential Arguments', ms. Paris, *Glow Newsletter*.
- ANDRADE, João Nunes de (1841) *Grammatica Elementar da Lingua Portugueza por Systema Philosophico*, Typografia de A. S. Coelho, Lisboa.
- ANDREWS, Avery (1983) 'A Note on the Constituent Structure of Modifiers', *Linguistic Inquiry* 14.4; 695-697.
- AZEVEDO, Celestino Monteiro Soares de (1928-29) "Linguagem popular de Ervedosa do Douro", *Revista Lusitana* XXVII.
- BAKER, M. (1988) *Incorporation*, Univ. of Chicago Press, Chicago.
- BAPTISTA, Cândida da Saudade Costa (1967) *O Falar da Escusa*. Diss. Licenciatura Fac. Letras Univ. Lisboa, Lisboa.
- BARBIERS, Sjef (1995) *The Syntax of Interpretation*. Diss. doutoramento, Univ. Leiden.
- BARBOSA, Jerónimo Soares (1822) *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*, Typographia da Academia das Sciencias, Lisboa.
- BARBOSA, Pilar (1995) *Null Subjects*, Diss. Doutoramento, MIT, Cambridge, Mass.
- BARBOSA, Pilar (2001) 'Concordância Pronominal', Comunicação apresentada no Ciclo de conferências *Conversas d'HorAl*, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 25 Maio 2001.
- BARBOSA, Pilar (2002) 'A propriedade do sujeito nulo e o princípio da projecção alargado', in M. H. Mateus & C. Nunes Correia, orgs. *Saberes no Tempo. Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*, Colibri, Lisboa; 51-71.
- BARSS, A. & H. LASNIK (1986) 'A Note on Anaphora and Double Objects', *Linguistic Inquiry* 17.2; 347-354.
- BAYER, Josef (1999) 'Bound Focus or How can Association with Focus be Achieved without Going Semantically Astray?', in G Rebuschi & L. Tuller, eds.; 55-82.
- BECHARA, Evanildo (1961) *Moderna Gramática Portuguesa*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 22ª ed., 1977.
- BECHARA, Evanildo (1999) *Moderna Gramática Portuguesa*, Ed. Lucarna, Rio de Janeiro, 37ª ed. revista e ampliada, (1ª ed. 1961).
- BELLETTI, Adriana (1981) 'Frase Ridotte Assolute', *Rivista di Grammatica Generativa* 6; 3-33.
- BELLETTI, Adriana (1990) *Generalized Verb Movement: Aspects of Verb Syntax*, Rosenberg and Sellier, Turin.
- BERTA, Tibor, Ildikó SZIJJ & Judit TAPAZDI (1999) *A Subordinação Adverbial em Português*, (Giampaolo Salvi, org.), Íbisz, Departamento de Português da Universidade Eötvös Loránd

- de Budapeste, Budapeste.
- BIANCHI, Valentina (1997) 'On the structural position of time clauses', *Quaderni del Laboratorio di Linguistica* 11, Pisa, Scuola Normale Superiore.
- BIANCHI, Valentina (2000) 'On Time Adverbials', *Italian Journal of Linguistics* 12.1; 77-106.
- BOHNEMEYER, Jürgen (2000) 'Time reference across languages', LOT summer school, Tilburg, Junho 2000.
- BONNARD, Henri & Claude RÉGNIER (1991) *Petite Grammaire de l'Ancien Français*, Magnard, Paris.
- BORER, Hagit (1989) 'Anaphoric AGR', in O. Jaeggli & K. Safir, eds. *The Null Subject Parameter*, Kluwer, Dordrecht.
- BOŠKOVIĆ, Željko (1997) *The Syntax of Nonfinite Complementation. An Economy Approach*, The MIT Press, Cambridge, Mass.
- BOSQUE, Ignacio (1990) *Las Categorías Gramaticales. Relaciones y Diferencias*, Ed. Síntesis, Madrid.
- BOSQUE, Ignacio (1987) 'Constricciones morfológicas sobre la coordinación', *Lingüística Española Actual* 9; 83-100.
- BOSQUE, Ignacio & Violeta DEMONTE, orgs. (1999) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, 3 vols., Espasa, Madrid.
- BOUCHARD, Denis (1984) *On the Content of Empty Categories*, Foris Publications, Dordrecht.
- BRAGA, F. C. (1971) *Quadrázais. Etnografia e Linguagem*. Diss. Licenciatura Fac. Letras Univ. Lisboa, Lisboa.
- BRITO, Ana Maria (1984) 'Sobre as Noções de Sujeito e Argumento Externo: Semelhanças entre a Estrutura de *F* e a Estrutura de *SN* em Português', *Boletim de Filologia* XXIX; 421-478.
- BRITO, Ana Maria (2003) 'Subordinação adverbial', in Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa (5ª edição, revista e aumentada); 695-728.
- BRITO, A. M., F. OLIVEIRA, I. P. de LIMA e R. M. MARTELO, orgs. (1997) *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*, Campo das Letras, Porto.
- BRODY, Michael (1994) 'Phrase Structure and dependence', *University College London Working Papers in Linguistics* 6; 1-33.
- BRODY, Michael (1995) *Lexico-Logical Form. A Radically Minimalist Theory*, The MIT Press, Cambridge, Mass.
- CAMPOS, Odette A. de Souza (1980) *O Gerúndio no Português. Estudo Histórico-Descritivo*, Presença, Rio de Janeiro.
- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa (1998) 'Sobre o Aspecto em Português', Ms. Conferência PUC, Rio de Janeiro.
- CARBALLO CALERO, Ricardo (1975) 'No galego de Rianxo existe un xerúndio flesional', *Grial* 50; 497-499. (republicado como Carballo Calero (1981) 'Um exemplo de Gerúndio

- Flexional', in *Problemas da Língua Galega*, Sá da Costa Ed., Lisboa; 129-133.)
- CARDINALETTI, Anna & Michal STARKE (1994) 'The typology of structural deficiency: on the three grammatical classes', *Univ. of Venice Working Papers in Linguistics* 4.2.; 41-109.
- CARDINALETTI, Anna & Michal STARKE (1999) 'The typology of structural deficiency: A case study of the three classes of pronouns', in H. van Riemsdijk, ed.; 145-233.
- CARECHO, Judite (1996) *Sobre a semântica das construções com quando*, Diss. Mestrado, Fac. Letras Univ. Lisboa.
- CARREIRO, Maria Eduarda Ventura (1948) *Monografia Linguística de Nisa*. Diss. Licenciatura Fac. Letras Univ. Lisboa, Lisboa.
- CASTELEIRO, João Malaca (1981) *Sintaxe Transformacional do Adjectivo - Regência das construções completivas*, INIC, Lisboa.
- CHEVALIER, Jean-Claude, Claire BLANCHE-BENVENISTE, Michel ARRIVE, Jean PEYTARD (1964) *Grammaire Larousse du Français Contemporain*, Librairie Larousse, Paris.
- CHIERCHIA, Gennaro (1995) *Dynamics of Meaning. Anaphora, Presupposition, and the Theory of Grammar*, The University of Chicago Press, Chicago/London.
- CHOMSKY, Noam (1970) 'Remarks on Nominalization', in R. Jacobs & P. Rosenbaum, eds. *Readings in English Transformational Grammar*, Ginn, Waltham MA.; 184-222.
- CHOMSKY, Noam (1981) *Lectures on Government and Binding*, Foris Publications, Dordrecht.
- CHOMSKY, Noam (1986) *Barriers*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- CHOMSKY, Noam (1993) 'A Minimalist Program for Linguistic Theory', in Kenneth Hale & Samuel Jay Keyser, eds. *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- CHOMSKY, Noam (1995) *The Minimalist Program*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- CHOMSKY, Noam (2001a) 'Derivation by Phase', in Michael Kenstowicz, ed. *Ken Hale. A Life in Language*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- CHOMSKY, Noam (2001b) *Beyond Explanatory Adequacy*, ms., MIT.
- CHOMSKY, Noam & Howard LASNIK (1993) 'The Theory of Principles and Parameters', in N. Chomsky (1995) *The Minimalist Program*, The MIT Press, Cambridge, Mass.; 13-127.
- CINQUE, Guglielmo (1990) *Types of A'-dependencies*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- CINQUE, Guglielmo (1999) *Adverbs and Functional Heads. A Cross-Linguistic Perspective*, Oxford University Press, New York/Oxford.
- CINQUE, Guglielmo, Jan KOSTER, Jean-Yves POLLOCK, Luigi RIZZI & Raffaella ZANUTTINI, eds. (1994) *Paths Towards Universal Grammar. Studies in Honor of Richard Kayne*, Georgetown University Press, Washington D.C
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1971) 'Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses', *Boletim de Filologia* XXII; 81-116.
- CIPM - *Corpus Informatizado do Português Medieval*, Centro de Linguística da Universidade

- Nova de Lisboa (<http://www.cipm.fcsh.unl.pt>).
- COELHO, Adolfo (1891) *Noções Elementares de Grammatica Portugueza*, Lemos & Cia. Ed., Porto.
- COLAÇO, Madalena (1996) 'O Princípio «Across-the-Board» e o Movimento Sintático em Estruturas de Coordenação', in AAVV *Quatro Estudos em Sintaxe do Português*, Colibri, Lisboa; 51-99.
- Cordial-sin - Corpus dialectal com anotação sintáctica* (Projecto financiado PRAXIS XXI P/PLP/113046/1998 e POCTI/1999/PLP/33275), Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- CORVER, Norbert & Denis DELFITTO (1993) 'Feature assymetry and the nature of pronoun movement', ms., Univ. Tilburg/Univ. Utrecht.
- COSTA, João (1997) 'On the behavior of adverbs in sentence-final contexts', *The Linguistic Review* 14; 43-68.
- COSTA, João (1998) *Word Order Variation. A constraint-based approach*, Holland Academic Graphics, The Hague.
- COSTA, João (2000a) 'Adverbs as Adjuncts to Non-Universal Functional Categories: evidence from Portuguese', in A. Alexiadou & P. Svenonius, eds.; 19-32.
- COSTA, João (2000b) 'Focus in situ: Evidence from Portuguese', *Probus* 12; 187-228.
- COSTA, João (2002) 'A multifactorial approach to adverb placement: assumptions, facts and problems', ms., Univ. Nova de Lisboa.
- COSTA, Ana & João COSTA (2001) *O que é um advérbio?*, Ed. Colibri/Associação de Professores de Português, Lisboa.
- CRUZ, M^a Luisa Segura da (1969) *O Falar de Odeleite*. Diss. Licenciatura Fac. Letras Univ. Lisboa, Lisboa (publicado CLUL/INIC).
- CRUZ, Luisa Segura da (1987) *A Fronteira Dialectal do Barlavento do Algarve*, dissertação para acesso à cat. de Investigador Aux., CLUL/INIC, Lisboa.
- CULICOVER, Peter W. & Ray JACKENDOFF (1997) 'Semantic Subordination despite Syntactic Coordination', *Linguistic Inquiry* 28.2; 195-217.
- CULICOVER, Peter W. & Ray JACKENDOFF (1999) 'The View from the Periphery: The English Comparative Correlative', *Linguistic Inquiry* 30.4; 543-571.
- CULICOVER, Peter W. & Michael S. ROCHEMONT (1990) *English Focus Constructions and the Theory of Grammar*, Cambridge University Press, Cambridge.
- CUNHA, Celso (1969) *Gramática do Português Contemporâneo*, Ed. Bernardo Alvares S.A., Belo Horizonte.
- CUNHA, Celso & Luis Filipe Lindley CINTRA (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Ed. J. Sá da Costa, Lisboa.
- CUNHA, Luís Filipe (1998) *As Construções com Progressivo em Português: uma Abordagem*

- Semântica*, Diss. de Mestrado, Faculdade de Letras da Univ. do Porto.
- CUNHA, Luís Filipe (2000) 'Valores Temporais das Orações com *Quando*', *Cadernos de Linguística da Universidade do Porto* 8.
- DAVIDSON, Donald (1967) 'The Logical Form of Action Sentences', in Nicholas Rescher, ed. *The Logic of Decision and Action*, Univ. of Pittsburgh Press, Pittsburgh; 81-95 (reeditado em Peter Ludlow, ed. (1997) *Readings in the Philosophy of Language*, The MIT Press, Cambridge Mass; 217-232).
- DAVIS, Henry (2000) 'Identifying Agreement', Comunicação apresentada no *Glow Workshop on Null/overt morphology*, Bilbao, 18 Abr. 2000.
- DECLERCK, Renaat (1995) 'The problem of *not... until*', *Linguistics* 33; 51-98.
- DELFITTO, Denis (2000) 'Adverbs and the Syntax/Semantics Interface', *Italian Journal of Linguistics* 12.1; 13-53.
- DELGADO, M^a Carolina Saramaga (1970) *O Falar de Baleizão*, Diss. Licenciatura, Univ. Lisboa, Lisboa.
- DELGADO, Manuel Joaquim (1951) *A Linguagem Popular do Baixo Alentejo e o Dialecto Barranquenho*, Edição da Assembleia Distrital de Beja. (1983, 2^a ed.)
- DIAS, Augusto Epifânio da Silva (1881) *Grammatica Portuguesa Elementar*, 4^a ed rev., Liv. Elementar, Porto. 13^a ed. rev., Liv. Escolar de A. Ferreira Machado & Cia Ed., Lisboa, 1921.
- DIAS, Augusto Epifânio da Silva (1918) *Syntaxe Historica Portuguesa*, Liv. Clássica Editora, Lisboa. 5^a ed., 1970.
- DIESSEL, Holger (2001) 'The Ordering Distribution of Main and Adverbial Clauses: A Typological Study', *Language* 77.3; 433-455.
- DIK, Simon (1978) *Functional Grammar*, North Holland Publishing Co., Amsterdam/Philadelphia.
- DRYER, Matthew S. (2000) 'Word Order', ms., a publicar na Segunda Edição da Antologia de Shopen.
- DUARTE, Inês (1987) *A construção de topicalização na gramática do português*, Diss. doutoramento, Univ. Lisboa.
- DUARTE, Inês (1992) 'Complementos Infinitivos Preposicionados e Outras Construções Temporalmente Defectivas em Português Europeu', *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*; 145-158.
- DUARTE, Inês (1996) 'A Topicalização em Português Europeu: Uma Análise Comparativa', in Inês Duarte & Isabel Leiria, orgs. *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, APL/Colibri, Lisboa; 327-360.
- DUARTE, Inês (1997) 'Ordem de Palavras: Sintaxe e Estrutura Discursiva', , in A. M. Brito, F. Oliveira, I. P. de Lima e R. M. Martelo, orgs.; 581-592.

- DUARTE, Inês (2000) 'Sobre Interrogativas-Q em Português Europeu e Português Brasileiro', Comunicação apresentada no *Congresso Internacional '500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil'*, Univ. Évora.
- DUARTE, Inês & João COSTA (2001) 'Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em português', *Actas do XVI Encontro Nacional da APL (Coimbra, 28-30 Setembro 2000)*, Comunicação apresentada no *Colóquio PE/PB*; 627-638.
- DUBINSKY, Stanley & Kemp WILLIAMS (1995) 'Recategorization of Prepositions as Complementizers: The Case of Temporal Prepositions in English', *Linguistic Inquiry* 26.1; 125-137.
- ELISEU, André (1984) *Verbos Ergativos do Português. Descrição e Análise*, Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa.
- ELISEU, André (1988) 'Sobre a estrutura das frases reduzidas absolutas participiais', ms.
- EMONDS, Joseph E. (1985) *A Unified Theory of Syntactic Categories*, Foris, Dordrecht.
- ERNST, Thomas (1994) 'M-Command and Precedence', *Linguistic Inquiry* 25.2; 327-335.
- ERNST, Thomas (2000) 'On the Order of Event-Internal Adjuncts', in A. Alexiadou & P. Svenonius, eds.; 33-49.
- ERNST, Thomas (2002) *The Syntax of Adjuncts*, Cambridge Univ. Press, Cambridge.
- ESPUNYA I PRAT, Anna (1996) *Progressive Structures of English and Catalan*, Diss. Doutoramento, UAB (*CatWPL*).
- FERNÁNDEZ LAGUNILLA, Marina (1987) 'Los infinitivos con sujetos léxicos en Español', in V. Demonte & M. Fernández Lagunilla, eds. *Sintaxis de las Lenguas Románicas*, Ed. El Arquero, Madrid; 125-147.
- FERNÁNDEZ LAGUNILLA, Marina (1999) 'Las construcciones de gerundio', in Ignacio Bosque & Violeta Demonte (orgs.) vol.2 *Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*; cap. 53.
- FERNÁNDEZ LAGUNILLA, Marina & Alberto ANULA REBOLLO (1995) *Sintaxis y Cognición. Introducción al conocimiento, el procesamiento y los déficits sintácticos*, Ed. Síntesis, Madrid.
- FERREIRA, Manuela Barros, Ernestina CARRILHO, Maria LOBO, João SARAMAGO e Maria Luísa SEGURA DA CRUZ (1996) 'Variação linguística: perspectiva dialectológica', in Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte & Carlos A. M. Gouveia, orgs. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Caminho, Lisboa; 479-502.
- FLAMENCO GARCÍA, Luis (1999) 'Las construcciones concesivas y adversativas', in I. Bosque & V. Demonte, orgs., vol. 3 *Entre la Oración y el Discurso. Morfología*; cap. 59.
- FRISON, Lorenza (1988) 'Le frasi scisse', in L. Renzi, org.; cap. II. 3. ;194-225.
- FROTA, Sónia (1998) *Prosody and Focus in European Portuguese*, Diss. Doutoramento, Fac. Letras Univ. Lisboa.

- FROTA, Sónia & Marina VIGÁRIO (2002) 'Efeitos de peso no Português Europeu', in M. H. Mateus & C. N. Correia, orgs. *Saberes no Tempo. Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*, Colibri, Lisboa; 315-333.
- GALÁN RODRÍGUEZ, Carmen (1999) 'La subordinación causal y final', in I. Bosque & V. Demonte, orgs., vol.3 *Entre la Oración y el Discurso. Morfología*; cap. 56.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis (1999) 'Los complementos adverbiales temporales. La subordinación temporal', in I. Bosque & V. Demonte, orgs., vol.2 *Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*; cap. 48.
- GIUSTI, Giuliana (1991) 'Le Frasi Causali', in L. Renzi & G. Salvi, orgs.; cap. XIII. 2.2.
- GOLDSMITH, John (1985) 'A principled exception to the Coordinate Structure Constraint', in *CLS21. Part 1, The General Session*, Chicago Linguistic Society, Univ. of Chicago, Chicago, Ill.; 133-143.
- GONÇALVES, Anabela (1992) *Para uma Sintaxe dos Verbos Auxiliares em Português Europeu*, Diss. Mestrado, Fac. Letras Univ. Lisboa.
- GONÇALVES, Anabela (1999) *Predicados Verbais Complexos em contextos de infinitivo não preposicionado em português europeu*, Diss. Doutoramento, Univ. Lisboa.
- GONZAGA, Manuela (1997) *Aspectos da Sintaxe do Advérbio em Português*, Diss. Mestrado, Univ. Lisboa, Lisboa.
- GRÉVISSE, Maurice (1993) *Le Bon Usage. Grammaire Française*, Duculot, Paris (13^a ed. modificada por André Goosse).
- GUÉRON, Jacqueline & Teun HOEKSTRA (1988) 'T-Chains and the Constituent Structure of Auxiliaries', in A. Cardinaletti, G. Cinque & G. Giusti, eds. *Constituent Structure*, Foris, Dordrecht; 35-99.
- GUÉRON, Jacqueline & Teun HOEKSTRA (1995) 'The Temporal Interpretation of Predication', in A. Cardinaletti & M. T. Guasti, eds. (1995) *Syntax and Semantics*, vol. 28 *Small Clauses*. Academic Press, San Diego; 77-107.
- GUERREIRO, António Machado (1968) *Colos (Alentejo) - Elementos Monográficos*. Diss. de Licenciatura, Lisboa.
- GUNNARSON, K. (1994) 'Small clauses and absolute constructions in Spanish', *Probus* 6.2-3; 125-171.
- HAEGEMAN, Liliane (1984) 'Remarks on Adverbial Clauses and Definite NP-Anaphora', *Linguistic Inquiry* 15.4.; 712-715.
- HAEGEMAN, Liliane (1991) *Introduction to Government and Binding Theory*. Oxford: Blackwell.
- HAEGEMAN, Liliane (2002) 'Anchoring to speaker, adverbial clauses and the structure of CP', *GUWPTL* 2; 117-180.
- HAIDER, Hubert (2000) 'Adverb placement - convergence of structure and licensing', in

- Alexiadou & Svenonius, eds., pp. 50-77.
- HAIDOU, Konstantina & Ioanna SITARIDOU (2001) 'Licensing of subjects in Greek Gerunds', a publicar em *Studies in Greek Linguistics*, Proceedings of the 22nd Annual Meeting of the Department of Linguistics, Faculty of Philosophy, Aristotle University of Thessaloniki, 22-24 April 2001.
- HALE, Kenneth & Samuel Jay KEYSER (1993) 'On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations', in K. Hale & S. J. Keyser, eds.; 53-109.
- HALE, Kenneth & Samuel Jay KEYSER, eds. (1993) *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- HALLE, M. & A. MARANTZ (1993) 'Distributed morphology and the pieces of inflection', in K.L.Hale & S. J. Keyser, eds.; 111-167.
- HASPELMATH, Martin & Ekkehard KÖNIG (1998) 'Concessive conditionals in the languages of Europe', in Johan van der Auwera, ed.; 563-640.
- HELBIG, Gerhard & Joachim BUSCHA (1984) *Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. VEB Verlag Enzyklopädie, Leipzig.
- HENGEVELD, Kees (1998) 'Adverbial clauses in the languages of Europe', in Johan van der Auwera, ed.; 335-419.
- HERNANZ, M. Lluïsa (1991) 'Spanish Absolute Constructions and Aspect', *Catalan Working Papers in Linguistics*; 75-128.
- HERNANZ, M. Lluïsa & Avel.lina SUÑER (1999) 'La predicación: La predicación no copulativa. Las construcciones absolutas', in I. Bosque & V. Demonte, orgs. vol.2 *Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*; cap.39.
- HORN, Laurence R. (1989) *A Natural History of Negation*, The Univ. of Chicago Press, Chicago/London.
- JACKENDOFF, Ray S. (1972) *Semantic Interpretation in Generative Grammar*, MIT Press, Cambridge Mass.
- JACKENDOFF, Ray S. (1990) 'On Larson's Treatment of the Double Object Construction', *Linguistic Inquiry* 21.3; 427-456.
- JANG, Youngjun (2000) 'Reconstruction vs. Counter-Cyclic Merger', Comunicação apresentada no *Glow23*, Victoria-Gasteiz, 16 Abril 2000.
- JAKUBOWICZ, Celia & Catherine RIGAUT (1997) 'L'acquisition des clitiques nominatifs en Français', in A. Zribi-Hertz, ed.; 57-99.
- JOHNSON, Kyle (1988) 'Clausal Gerunds, the ECP, and Government', *Linguistic Inquiry* 19.4; 583-609.
- JONES, Michael Allan (1996) *Foundations of French Syntax*, Cambridge University Press, Cambridge.
- KAMP, Hans & Uwe REYLE (1993) *From Discourse to Logic*, Kluwer Academic Publishers,

Dordrecht.

- KAYNE, Richard (1975) *French Syntax. The Transformational Cycle*, The MIT Press, Cambridge, Mass. (trad. francesa *Syntaxe du Français. Le cycle transformationnel*, Ed. du Seuil, Paris, 1977).
- KAYNE, Richard (1982) 'Predicates and Arguments, Verbs and Nouns', *Comunicação 5th Glow Colloquium*, Paris.
- KAYNE, Richard (1994) *The Antisymmetry of Syntax*, MIT Press, Cambridge Mass.
- KAYNE, Richard (1999) 'Prepositional complementizers as attractors', *Probus* 11.1; 39-73.
- KISS, Katalin É (1998) 'Identificational Focus versus Information Focus', *Language* 74.2; 245-273.
- KISS, Katalin É (1999) 'The English Cleft Construction as a Focus Phrase', in Lunella Mereu, ed. *Boundaries of Morphology and Syntax*, John Benjamins Publishing Co., Amsterdam/Philadelphia; 217-229.
- KNOTT, Alistair (s/d) 'An Empirical Methodology for Determining a Set of Coherence Relations', ms.
- KNOTT, Alistair & Chris MELLISH (1996) 'A Data-Driven Method for Classifying Connective Phrases', ms.
- KORTMANN, Bernd (1991) *Free Adjuncts and Absolutes in English. Problems of Control and Interpretation*, Routledge, London/New York.
- KORTMANN, Bernd (1996) *Adverbial Subordination. A Typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages*, Mouton de Gruyter, Berlin/New York.
- KORTMANN, Bernd (1998) 'Adverbial Subordinators in the Languages of Europe', in Johan van der Auwera, ed.; 457-561.
- KÜHNER, R. & C. STEGMANN (1966) *Ausführliche Grammatik der lateinischen Sprache*, part II: *Satzlehre*, vol.1, Hahnsche Buchhandlung, Hannover.
- LAENZLINGER, Christopher (1998) *Comparative Studies in Word Order Variation. Adverbs, Pronouns and Clause Structure in Romance and Germanic*, John Benjamins Pub., Amsterdam/Philadelphia.
- LAENZLINGER, Christopher (2000) 'More on Adverb Syntax and Phrase Structure', in A. Alexiadou & P. Svenonius, eds.; 103-132.
- LAKA, Itziar (1990) *Negation in Syntax: On the Nature of Functional Categories and Projections*, Diss. Doutoramento, MIT, Cambridge, Mass.
- LAKA, Itziar (1993) 'Negation in syntax: the view from Basque', *Rivista di Linguistica* 5.2.; 245-273.
- LANDAU, Idan (2000) *Elements of Control. Structure and Meaning in Infinitival Constructions*, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht/Boston/London.
- LARSON, Richard (1985) 'Bare NP Adverbs', *Linguistic Inquiry* 16.4; 595-621.

- LARSON, Richard (1988) 'On the Double Object Construction', *Linguistic Inquiry* 19.3; 335-391.
- LARSON, Richard (1990) 'Double Objects Revisited: Reply to Jackendoff', *Linguistic Inquiry* 21.4; 589-632.
- LECHNER, Winfried (2000) 'A derivational head raising analysis of comparatives', Comunicação apresentada ao *23rd Glow Colloquium*, Vitoria-Gasteiz, Abril 2000.
- LECHNER, Winfried (2001) 'Structural and Linear Adjacency', Comunicação apresentada ao *24th Glow Colloquium*, Braga, Abril 2001.
- LEAL, António (2001) O Valor Temporal das Orações Gerundivas em Português, Diss. Mestrado, Univ. Porto.
- LEBEAUX, David (1988) *Language Acquisition and the Form of the Grammar*, Diss. Doutoramento, Univ. Massachusetts, Amherst.
- LEDGEWAY, Adam (2000) *A Comparative Syntax of the Dialects of Southern Italy. A Minimalist Approach*, Publications of the Philological Society 33, Blackwell Publishers.
- LIMA, José Pinto de (1997) 'Caminhos semântico-pragmáticos da gramaticalização: o caso de *Embora*', in A. M. Brito, F. Oliveira, I. Pires de Lima & R. M. Martelo orgs.; 643-655.
- LOBO, Maria (1994) *Para uma Redefinição do Parâmetro do Sujeito Nulo*, Diss. Mestrado, Univ. Lisboa, Lisboa.
- LOBO, Maria (2001a) 'Para uma Sintaxe das Orações Causais do Português', *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Coimbra, Setembro 2000)*, APL, Lisboa; 291-306.
- LOBO, Maria (2001b) 'On gerund clauses of Portuguese Dialects', in Alexandre Veiga, Víctor M. Longa & JoDee Anderson, eds. *El Verbo. Entre el Léxico y la Gramática*, Ed. Trim Tram, Lugo; 107-118.
- LOBO, Maria (2002a) 'As Orações Adverbiais na Tradição Gramatical Portuguesa', in Maria Helena Mateus & Clara Nunes Correia, orgs. *Saberes no Tempo. Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*, Colibri, Lisboa; 355-372.
- LOBO, Maria (2002b) 'Aspectos da Sintaxe das Orações Gerundivas Adjuntas do Português', *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Lisboa, Outubro 2001)*, APL, Lisboa; 247-265.
- LOBO, Maria (2002c) 'On the structural position of non-peripheral adjunct clauses', *Journal of Portuguese Linguistics* 1; 83-118.
- LOBO, Maria (2003) 'O Sujeito Nulo: Sintaxe e Interpretação', in Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Mota, Luísa Segura da Cruz, Eduardo Raposo & Maria do Céu Viana, orgs. *Gramática do Português*, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian (no prelo).
- LOBO, Maria (no prelo a) 'Aspectos da sintaxe das orações gerundivas do português dialectal', *Actas do Congresso Internacional '500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil'*, Univ.

- Évora, 12 Maio 2000.
- LOBO, Maria (no prelo b) 'On the structural position of adverbial clauses, discourse features and informational structure', *Proceedings of XXVIII Incontro di Grammatica Generativa (Lecce, Fev.-Mar.2002)*.
- LOBO, Maria (no prelo c) 'Sobre a posição estrutural das orações adjuntas à direita', *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Porto, Outubro 2002)*, Associação Portuguesa de Linguística.
- LONGA, Victor (1993) 'Gerundios Gallegos, Posición de Sujetos y Concordancia', Comunicação apresentada no *XXIII Simposio de la S.E.L.*, Lérida.
- LONGA, Victor (1994) 'The Galician Inflected Infinitive and the Theory of UG', *CatWPL*, 4.1.; 23-44.
- LONGACRE, Robert E. (1985) 'Sentences as combinations of clauses', in Shopen, ed. (1985).
- LONZI, Lidia (1988) 'Tipi di Gerundio', in *Rivista di Grammatica Generativa* 13; 59-80.
- LONZI, Lidia (1991) 'Frase subordinate al gerundio', in Lorenzo Renzi & Giampaolo Salvi, orgs.; cap. X.
- LOPES, Óscar (1972) *Gramática Simbólica do Português (um esboço)*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- LÓPEZ GARCÍA, Ángel (1999) 'Relaciones Paratácticas e Hipotácticas', in I. Bosque & V. Demonte, orgs., vol.3 *Entre la Oración y el Discurso. Morfología*; cap. 54.
- LOPORCARO, Michele (1986) 'L'infinito coniugato nell'Italia centro-meridionale: ipotesi genetica e ricostruzione storica', in *L'Italia dialettale* XLIX; 173-240.
- MACHADO, José Pedro (1952) *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Livros Horizonte, Lisboa (3ª ed. 1977).
- MANZOTTI, Emilio & Alessandra RIGAMONTI (1991) 'La negazione', in Renzi & Salvi, orgs.; cap. VI.
- MARTINS, A. M. (1999) 'On the Origin of the Portuguese Inflected Infinitive: A New Perspective on an Enduring Debate', a publicar em L. Brinton (ed.) *Historical Linguistics 1999*. John Benjamins.
- MARTINS, Ana Maria & Jairo NUNES (2001) 'Infinitivos Obrigatoriamente Flexionados em Ambientes de "Opcionalidade"', Comunicação apresentada no Colóquio PE/PB, Fortaleza.
- MARTINS, Maria José Dias (1954) *Etnografia, Linguagem e Folclore de uma Pequena região da Beira Baixa (Póvoa de Atalaia, Alcongosta, Tinalhas e Sobral do Campo)*, Diss. Licenciatura, Lisboa.
- MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE & Isabel Hub FARIA (1989) *Gramática da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa.
- MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE, Isabel Hub FARIA, Sónia FROTA, Gabriela MATOS, Fátima OLIVEIRA, Marina VIGÁRIO & Alina VILLALVA (2003) *Gramática*

- da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa, 5ª ed. revista e aumentada.
- MATHIEU, Eric & Ioanna SITARIDOU (2002) 'Split syntax in Classical and Modern Greek: a study on the left periphery and the nature of DPs', Comunicação apresentada no *XXVIII Incontro di Grammatica Generativa*, Lecce, Fev-Março 2002.
- MATIAS, Maria de Fátima de Rezende F. (1974) Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (Concelhos do Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença), Diss. Licenciatura, Coimbra. Publicada (1984) Separata da Revista Portuguesa de Filologia, XVIII e XIX.
- MATOS, Gabriela (1992a) Construções de Elipse do Predicado em Português. SV Nulo e Despojamento, Diss. Doutoramento, Univ. Lisboa.
- MATOS, Gabriela (1992b) 'A Construção de Despojamento em Português', *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa; 291-302.
- MATOS, Gabriela & Ana Maria BRITO (2001) 'Frasas comparativas, coordenação e subordinação', Comunicação apresentada no *XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Outubro 2001.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1989) Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do Português Arcaico, INCM, Lisboa.
- MAZZOLENI, Marco (1991) cap. XIII §2.3., 2.4. 'Frase avverbiale: Ipotetiche e Concessive' in L. Renzi & G. Salvi orgs.
- MAZZOLENI, Marco (1992) 'Grammatica e Competenza della Lingua Scritta: I Costrutti Concessivi ed Avversativi', *Quaderni Patavini di Linguística* 11; 37-58.
- MENDIKOETXEA, Amaya (1999) 'Construcciones con se: Medias, pasivas y impersonales', in I. Bosque y V. Demonte, orgs., vol.2 *Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*; cap. 26.
- MEIRELES, José & Eduardo RAPOSO (1983) 'Subjunctives and Disjoint Reference in Portuguese: Some Implications for the Binding Theory', artigo apresentado no *Ier Col.loqui Internacional de Lingüística Teórica i Llengües Romàniques*, Sitges.
- MIGUEL, Elena de (1992) El aspecto en la sintaxis del español: perfectividad e impersonalidad, Ed. UAM, Madrid.
- MIGUEL, Elena de (1999) 'El Aspecto Léxico', in Ignacio Bosque & Violeta Demonte (orgs.) vol.2 *Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*; cap. 46.
- MILSARK, G.L. (1988) 'Singl -ing', *Linguistic Inquiry* 19.4; 611-634.
- MOENS, Marc (1987) *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Univ. Edinburgh.
- MOENS, Marc e Mark STEEDMAN (1988) 'Temporal Ontology and Temporal Reference', *Computational Linguistics*, 14.2; 15-28.
- MÓIA, Telmo (1995) 'Aspectos da Semântica das Expressões Temporais com *desde* e *até* -

- Questões de *Aktionsart*', in *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Évora, 1994)*, Colibri/APL, Lisboa; 341-358.
- MÓIA, Telmo (1999) Identifying and computing temporal locating adverbials with a particular focus on Portuguese and English, Diss. Doutoramento, Univ. Lisboa.
- MÓIA, Telmo (2001) 'Aspectos Sintáctico-Semânticos das Orações Relativas com Quando e Como', *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Coimbra, Setembro 2000)*, APL, Lisboa.
- MÓIA, Telmo & Evani VIOTTI (2002) 'Sobre o Uso do Gerúndio em Português Europeu e Português Brasileiro', Comunicação apresentada no *3º Colóquio Português Europeu-Português Brasileiro*, Setembro 2002.
- MONTOLÍO, Estrella (1999) 'Las construcciones condicionales', in I. Bosque & V. Demonte, orgs., vol. 3 *Entre la Oración y el Discurso. Morfología*; cap. 57.
- MORENO CABRERA, Juan Carlos (1999) 'Las funciones informativas: Las perífrasis de relativo y otras construcciones perifrásticas', in I. Bosque & V. Demonte, orgs., vol.3 *Entre la Oración y el Discurso. Morfología*; cap. 65.
- MORETTI, Giovanni Battista (1992) *L'Italiano come seconda lingua*, vol.I, Guerra Ed., Perugia.
- MOTA, Maria Antónia (1997) 'Les traits nombre et personne/nombre en portugais - l'oral dans ses variétés', in Mireille Bilger, Karel van den Eynde e Françoise Gadet (eds) *Analyse Linguistique et approches de l'oral. Recueil d'études offert en hommage à Claire Blanche-Benveniste*, Orbis/Supplementa, Tome 10, Peeters, Leuven-Paris;
- NAPOLI, Donna (1983) 'Comparative Ellipsis. A Phrase Structure Analysis', *Linguistic Inquiry* 14.4; 675-694.
- NILSEN, Øystein (2000) *The Syntax of Circumstantial Adverbials* (Tromsø Studies in Linguistics 21), Novus Press, Oslo.
- Nomenclatura Gramatical Portuguesa*, Portaria nº 22.664 do Ministério da Educação Nacional, publicada no *Diário do Governo*, I série, de 28 de Abril de 1967.
- NUNES, José Joaquim (1989) *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, Clássica Editora, Lisboa (9ª ed.).
- NUNES, José Joaquim (1902) 'Dialectos Algarvios', *Revista Lusitana* VII.
- OLIVEIRA, Fátima, Luís Filipe CUNHA e Sérgio MATOS (2001) 'Alguns operadores aspectuais em português europeu e Português Brasileiro', in *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Coimbra, 28-30 Setembro 2000)*, Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa.
- OUHALLA, Jamal (1993) 'Negation, focus and tense: the Arabic *maa* and *laa*', *Rivista di Linguistica* 5.2; 275-300.
- OUHALLA, Jamal (1999) 'Focus and Arabic Clefts', in G. Rebuschi & L. Tuller, eds.; 335-359.
- PALMA, Branca Marília Seixal (1967) *O Falar dos Pescadores de Olhão*. Diss. Licenciatura.

- Univ. Lisboa, Lisboa.
- PAPI, Marcella Bertucelli (1991) 'Frase subordinate al participio: Participio passato', in Renzi & Salvi, orgs.
- PAULINO, M^a de Lurdes Semedo (1959) *Arronches - estudo de linguagem e etnografia*, Diss. Licenciatura, Univ. Lisboa, Lx.
- PEIXOTO, M^a Ermelinda (1968) *Germil. Notas Etnográficas e Linguagem*. Diss. Licenciatura. Fac. Letras Univ. Lisboa, Lisboa.
- PEREIRA, M^a Fernanda (1970) *O Falar de Soajo*, Diss. de Licenciatura, Fac. Letras da Univ. Lisboa.
- PEREIRA, Iris Susana (2000) Para uma Definição do Processo de Concordância Negativa em Português Europeu, Diss. Mestrado, FLUL.
- PERES, João Andrade (1997) 'Sobre Conexões Proposicionais em Português', in A. M. Brito, F. Oliveira, I. P. de Lima e R. M. Martelo, orgs.; 775-787.
- PERES, João & Telmo MÓIA (1995) *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa.
- PERES, João, Telmo MÓIA & Rui Ribeiro MARQUES (1999) 'Sobre a forma e o sentido das construções condicionais em português', in Isabel Hub Faria, org. *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, Ed. Cosmos/FLUL, Lisboa; 627-653.
- PESETSKY, David (1995) *Zero Syntax. Experiencers and Cascades*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- PHILLIPS, Colin (1997) 'Merge Right: An Approach to Constituency Conflicts', in Brian Agbayani & Sze-Wing Tang, eds. *The Proceedings of the Fifteenth West Coast Conference on Formal Linguistics*, Stanford Linguistics Association/Center for the Study of Language and Information, Stanford.
- PIERA, Carlos (1987) 'Sobre la Estructura de las Cláusulas de Infinitivo', in V. Demonte & M. Fernández Lagunilla, eds. *Sintaxis de las Lenguas Románicas*, Ed. El Arquero, Madrid; 148-166.
- PILI, Diana & Roland HINTERHÖLZL (2002) 'Argument shift phenomena across language types', Comunicação apresentada no *XXVIII Incontro di Grammatica Generativa*, Lecce, Fev-Mar. 2002.
- PIOT, Mireille (1988) 'Coordination-Subordination. Une définition générale', *Langue Française* 77 *Syntaxe des Connecteurs*.
- POLLOCK, Jean-Yves (1989) 'Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP', *Linguistic Inquiry* 20.3; 365-424.
- QUIRK, Randolph, Sidney GREENBAUM, Geoffrey LEECH & Jan SVARTVIK (1985) *A Comprehensive Grammar of the English Language*, Longman, London/New York.
- RAFEL, Joan (2000) 'From complementizer to preposition: Evidence from Romance', *Probus* 12.1; 67-91.

- RAPOSO, Eduardo (1981) *A Construção "União de Orações" na Gramática do Português*, Diss. Doutorado, Fac. Letras Lisboa.
- RAPOSO, Eduardo (1987) 'Case Theory and Infl-to-Comp: The Inflected Infinitive in European Portuguese', *Linguistic Inquiry* 18.1; 85-109.
- RAPOSO, Eduardo (1989) 'Prepositional Infinitival Constructions in European Portuguese', in O. Jaeggli & K. Safir, eds. *The Null Subject Parameter*, Kluwer, Dordrecht.
- RAPOSO, Eduardo (1992) *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*, Caminho, Lisboa.
- RATINHO, M^a Filipe Mariano (1959) *Monte Gordo. Estudo Etnográfico e Linguístico*. Diss. de Licenciatura, Lisboa.
- REBUSCHI, Georges & Laurice TULLER, eds. (1999) *The Grammar of Focus*, John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia.
- REINHART, Tanya (1976) *The Syntactic Domain of Anaphora*, Diss. de Doutorado, MIT, Cambridge Mass.
- RENZI, Lorenzo, org. (1988) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione. I. La Frase. I Sintagmi nominale e preposizionale*, il Mulino, Bologna.
- RENZI, Lorenzo & Giampaolo SALVI, orgs. (1991) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione. II. I sintagmi verbale, aggettivale, avverbiale. La subordinazione*, il Mulino, Bologna.
- RENZI, Lorenzo, Giampaolo SALVI & Anna CARDINALETTI, orgs. (1991) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*, il Mulino, Bologna (3 vols.), nova edição 2001.
- REULAND, Eric (1983) 'Governing -ing', *Linguistic Inquiry* 14.1
- REZENDE (1961) *Canhas e Câmara de Lobos. Estudo monográfico e linguístico*. Diss. de Licenciatura. Fac. Letras da Univ. Lisboa.
- RIBEIRO, Raquel (2001) 'Orações Gerundivas: co-referência obrigatória/livre entre os DPs sujeitos', Comunicação apresentada no *XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, Outubro 2001).
- RIBEIRO, Maria Raquel (2002), *As ocorrências da forma de gerúndio na variedade padrão e numa variedade dialectal do Português Europeu*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Univ. Nova de Lisboa, Lisboa.
- RIEMSDIJK, Henk van, ed. (1999) *Clitics in the Languages of Europe (Eurotyp 20-5)*, Mouton de Gruyter, Berlin/New York.
- RIVERO, María-Luisa (1994) 'Negation, imperatives and Wackernagel effect', *Rivista di Linguistica* 6.1; 91-118.
- RIZZI, Luigi (1982) *Issues in Italian Syntax*, Foris, Dordrecht.
- RIZZI, Luigi (1986) 'Null Objects in Italian and the Theory of *pro*', *Linguistic Inquiry* 17.3; 501-557.
- RIZZI, Luigi (1990) *Relativized Minimality*, MIT Press, Cambridge, Mass.

- RIZZI, Luigi (1997) 'The fine structure of the left periphery', in L. Haegeman, ed. *Elements of Grammar*, Kluwer, Dordrecht; 281-337.
- ROBERGE, Yves & Marie-Thérèse VINET (1989) *La Variation dialectale en grammaire universelle*, Presses de l'Univ. Montréal/Ed. Univ. Sherbrooke.
- ROBERTS, Ian (1994) 'Two Types of Head Movement in Romance', in D. Lightfoot & N. Hornstein, orgs. *Verb Movement*, Cambridge Univ. Press, Cambridge; 207-242.
- ROJO, Guillermo (1978) *Cláusulas y Oraciones, Verba, Anejo 14*.
- ROOTH, Mats (1985) *Association with Focus*, Diss. de doutoramento, GLSA Publications, Univ. Massachusetts, Amherst.
- ROOTH, Mats (1992) 'A Theory of Focus Interpretation', *Natural Language Semantics* 1; 75-116.
- ROSS, John (1967) *Constraints on Variables in Syntax*, MIT, Indiana Univ. Linguistics Club Fall.
- ROUVERET, Alain (1980) 'Sur la Notion de Proposition Finie - Gouvernement et Inversion', *Langages* 60; 75-107.
- ROUVERET, Alain (1987) 'Présentation' e 'Postscript' de La Nouvelle Syntaxe. Concepts et Conséquences de la Théorie du Gouvernement et du Liage, Ed. du Seuil, Paris.
- ROUVERET, Alain (1997) 'Les pronoms personnels du Gallois: structure interne et syntaxe', in Zrbi-Hertz, ed.; 181-212.
- SÁNCHEZ LÓPEZ, Cristina (1999) 'La Negación', in I. Bosque & V. Demonte, orgs., vol.2. Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales; cap. 40.
- SANTOS, Ana Lúcia (1999) *O participio absoluto em português e em outras línguas românicas*, Diss. Mestrado, Fac. Letras Univ. Lisboa, Lisboa.
- SCHÜTZE, Carson T. (2001) 'On the Nature of Default Case', *Syntax* 4.3; 205-238.
- SHOPEN, Timothy, ed. (1985) *Language Typology and Syntactic Description*. vol.II *Complex Constructions*, Cambridge University Press, Cambridge.
- SINCLAIR, John, ed. (1990) *Collins Cobuild English Grammar*, HarperCollins Publishers, London.
- STOWELL, Tim (1982) 'The tense of infinitives', *Linguistic Inquiry* 13; 561-570.
- STROIK, Thomas (1990) 'Adverbs as V-sisters', *Linguistic Inquiry* 21; 654-661.
- STUMP, Geoffrey (1985) *The Semantic Variability of Absolute Constructions*, Reidel, Dordrecht.
- SUÑER, Avel·lina (2002) 'Les construccions adjuntes en gerundi i participi', in Joan Solà, Maria-Rosa Lloret, Joan Mascaró & Manuel Pérez Saldanya, orgs. *Gramàtica del català contemporani, Volum 3*; § 29.
- SVENONIUS, Peter (2001) 'Subject Positions and the Placement of Adverbials', in P. Svenonius, ed. (2001) *Subjects, Expletives and the EPP*, Oxford University Press, New York.

- SWART, Henriëtte de (1993) *Adverbs of Quantification. A Generalized Quantifier Approach*, Garland Publishing, New York/London.
- Terminologia Lingüística para os Ensinos Básico e Secundário*, Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário - Departamento da Educação Básica - Associação de Professores de Português, Lisboa, 2002 (CD-Rom com Base de Dados).
- TORTORA, Christina (2002) 'Romance Enclisis, Prepositions and Aspect', *Natural Language & Linguistic Theory* 20; 725-758.
- URIAGEREKA, Juan (1995) 'Some aspects of the syntax of clitic placement in Western Romance', *Linguistic Inquiry* 26; 79-123.
- URIAGEREKA, Juan (2001) 'Pure Adjuncts', Ms., Comunicação apresentada no *Colóquio de Gramática Generativa*, Zaragoza, Abril 2001.
- VAN DER AUWERA, Johan, ed. (1998) *Adverbial Constructions in the Languages of Europe (Eurotyp 20-3)*, Mouton de Gruyter, Berlin/New York.
- VASCONCELOS, Manuela (1991) *Compreensão e Produção de Frases com Orações Relativas*, Diss. mestrado, Fac. Letras univ. Lisboa, Lisboa.
- VENDLER, Zeno (1967) 'Verbs and Times', in *Linguistics in Philosophy*, Ithaca, NY, Cornell Univ. Press.
- VERA LUJÁN, A. (1981) 'En torno a las oraciones concesivas: concesión, coordinación y subordinación', *Verba* 8; 187-203.
- VIANA, Amadeu (1990) 'Sobre simetries: el cas de les finals i les causals', in *Miscellània Joan Fuster. Estudis de llengua i literatura a cura d'Antonio Ferrando i d'Albert G. Hauf*, vol. II, Publicacions de l'Abadia de Montserrat; 371-391.
- VILHENA, M^a da Conceição (1965) *Falares de Herrera e Cedillo*, Diss. de Licenciatura, Lisboa.
- VINCENT, Nigel (1996) 'Appunti sulla sintassi dell'infinito coniugato in un testo napoletano del '300', in P. Benincà et al. (eds.) *Italiano e dialetti nel tempo. Saggi di Grammatica per G. Lepschy*, Bulzoni, Roma; 387-496.
- VINCENT, N. (1998) 'On the grammar of inflected non-finite forms (with special reference to Old Neapolitan)', in I. Korzen & M. Herslund, eds. *Clause Combining and Text Structure*, (*Copenhagen Studies in Language* 22), Samfundslitteratur, Copenhagen; 135-158.
- WILLIAMS, Edwin (1994a) 'A reinterpretation of evidence for verb movement in French', in D. Lightfoot & N. Hornstein, eds. *Verb Movement*, Cambridge Univ. Press, Cambridge; 189-205.
- WILLIAMS, Edwin (1994b) *Thematic Structures in Syntax*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- WILLIAMS, Joseph M. (1975) *Origins of the English Language. A Social and Linguistic History*, The Free Press, New York/London.
- WIREBACK, K. J. (1994) 'The Origin of the Portuguese Inflected Infinitive', *Hispania* 77; 544-554.

- WRENN, C. L. (1949) *The English Language*, Methuen & Co.Ltd., London.
- ZANDVOORT, R. W. (1957) *A Handbook of English Grammar*, Longmans, Green and Co, London/New York/Toronto.
- ZRIBI-HERTZ, Anne (1994) 'The Syntax of Nominative Clitics in Standard and Advanced French', in G. Cinque, J. Koster, J.-Y. Pollock, L. Rizzi & R. Zanuttini, eds.; 453-472.
- ZRIBI-HERTZ, Anne, ed. (1997) *Les pronoms. Morphologie, syntaxe et typologie*, Presses Universitaires de Vincennes, Saint-Denis.
- ZRIBI-HERTZ, Anne (2000) 'Les pronoms forts du français sont-ils [+ animés]? Spécification morphologique et spécification sémantique', in M. Coene, W. De Mulder, P. Dendale, Y d'Hulst, eds. *Traiani Augusti vestigia pressa sequamur. Studia linguistica in honorem Lilianae Tasmowsky*, Unipress, Milão; 663-680.
- ZRIBI-HERTZ, Anne & Liliane MBOLATIANAVALONA (1999) 'Towards a modular theory of linguistic deficiency: evidence from Malagasy personal pronouns', *Natural Language and Linguistic Theory* 17; 161-218.
- ZUBIZARRETA, Maria Luisa (1998) *Prosody, Focus, and Word Order*, The MIT Press, Cambridge, Mass.
- ZUBIZARRETA, Maria Luisa (1999) 'Las funciones informativas: Tema y foco', in Bosque & Demonte, orgs. vol.3 *Entre la Oración y el Discurso. Morfología*; cap. 64.

Anexo

Aplicação dos testes sintácticos à generalidade das adverbiais finitas e infinitivas (cf. § 3.4.)

Causais

1. posição:

- (1) a. Porque esteve doente, o João faltou à aula.
b. O João faltou à aula porque esteve doente.
- (2) a. Por ter estado doente, o João faltou à aula.
b. O João faltou à aula por ter estado doente.
- (3) a. Uma vez/Dado/ Visto/Já que estava em casa, o Zé aproveitou para descansar.
b. O Zé aproveitou para descansar *(||) uma vez/dado/visto/já que estava em casa.
- (4) a. Como estava doente, o Zé faltou às aulas.
b. O Zé faltou às aulas *(*) como estava doente.
- (5) a. Visto/Dado estarmos todos de acordo, podemos assinar o contrato.
b. Podemos assinar o contrato *(||) visto/dado estarmos todos de acordo.

2. clivagem:

- (6) Foi porque não fizeste os trabalhos de casa que eu ralhei contigo.
- (7) a. Foi por não teres feito os trabalhos de casa que eu ralhei contigo.
b. É por ter conseguido uma bolsa que a Ana vai para Paris.
- (8) *É visto/dado/já/uma vez que é a primeira vez que isso acontece que eu te vou desculpar.
- (9) *É como chegaste atrasado que eu tenho de repetir tudo.
- (10) *É visto/dado não terem mais nada a acrescentar que a reunião acaba já.

3. escopo da negação:

- (11) O João não faltou à aula porque esteve doente. (Faltou porque foi ao cinema) ==> O João faltou à aula.
- (12) O João não faltou à aula por ter estado doente. (Faltou por ter chegado atrasado) ==> O João faltou à aula.

- (13) O João não faltou à aula || visto/dado/uma vez/já que tinha teste. => O João gosta dele
- (14) *O João não entregou o trabalho como esteve doente.
- (15) A aula não foi cancelada || visto/dado haver exames. => A aula foi cancelada.

4. operadores de foco:

- (16) a. Só ficou zangado porque eu lhe chamei tonto.
 b. Ficou zangado só porque eu lhe chamei tonto.
- (17) a. Ele só ficou em casa por estar cheio de febre.
 b. Ele ficou em casa só por estar cheio de febre.
- (18) a. *Só/até te peço esse favor dado/visto/uma vez/já que estás de pé.
 b. *Peço-te esse favor só já/dado/visto/uma vez que estás de pé.
- (19) *Só/até como estava a chover, o jogo foi cancelado.
- (20) a. *A reunião só/até acaba visto/dado não terem mais nada a acrescentar.
 b. *A reunião acaba só visto/dado não terem mais nada a acrescentar.

5. resposta a interrogativas-Qu:

- (21) - Por que razão faltaste à aula?
 a. - Porque não ouvi o despertador.
 b. - Por estar doente.
 c. - *Visto que/Uma vez que/Já que/Dado que adormeci.
 d. - *Como estava doente.
 e. - *Visto/Dado ter estado doente.

6. interrogativas e negativas alternativas:

- (22) a. Faltaste à aula porque foste preguiçoso ou porque estiveste doente?
 b. Não faltou à aula porque foi preguiçoso, mas sim porque esteve doente.
- (23) a. Estás amuado por eu te ter chamado preguiçoso ou por estares simplesmente de mau humor?
 b. Não está amuado por eu lhe ter chamado preguiçoso, mas sim por estar de mau humor.
- (24) a. *Faltaste à aula visto que estavas doente ou visto que apanhaste trânsito?

- b. *Não faltei à aula visto que estava doente, mas sim visto que apanhei muito trânsito.
- (25) a. *Faltaste à aula como estiveste doente ou como havia greve dos transportes?
- b. *Não faltei à aula como estive doente, mas sim como havia greve dos transportes.
- (26) a. *A faculdade fechou visto haver greve dos funcionários ou visto ter havido uma ameaça de bomba?
- b. *A faculdade não fechou visto haver greve de funcionários mas sim visto ter havido um ameaço de bomba.

Finais

1. posição

- (27) a. Para que o quarto não arrefecesse, o João fechou a janela.
- b. O João fechou a janela para que o quarto não arrefecesse.
- (28) a. Para ficar mais descansado, o Zé telefonou à mãe.
- b. O Zé telefonou à mãe para ficar mais descansado.
- (29) a. A fim de que todos pudessem ver o palco, colocou-se um estrado.
- b. Colocou-se um estrado a fim de que todos pudessem ver o palco.
- (30) a. A fim de todos poderem ver o palco, colocou-se um estrado.
- b. Colocou-se um estrado a fim de todos poderem ver o palco.
- (31) a. Com o intuito de/com a intenção de me pregar um susto, o Zé mascarou-se de fantasma.
- b. O Zé mascarou-se de fantasma com a intenção de/com o intuito de me pregar um susto.
- (32) a. Para que saibas, vou ser promovido.
- b. Vou ser promovido *(||) para que saibas.
- (33) a. Para ser sincero, não gosto que me fales assim.
- b. Não gosto que me fales assim *(||) para ser sincero

2. clivagem:

- (34) Foi para que pudesses tirar este curso que eu fiz tantos sacrifícios.
- (35) Foi para o quarto não arrefecer que o Zé fechou a janela.

- (36) Foi a fim de que tudo ficasse rapidamente esclarecido que eu resolvi fazer esta reunião.
- (37) Foi a fim de esclarecermos alguns malentendidos que eu resolvi marcar esta reunião.
- (38) Foi com o intuito de arranjar um lugar sentado que o João chegou mais cedo.
- (39) *É para que saibas que o João foi eleito presidente.
- (40) *É para ser sincero que eu não te sei responder.

3. escopo da negação:

- (41) O João não fechou a janela para que o quarto não arrefecesse. (Fechou-a para que os vizinhos não espreitassem.) ==> O João fechou a janela.
- (42) O João não fechou a janela para o quarto não arrefecer. (Fechou-a para os vizinhos não espreitarem) ==> O João fechou a janela.
- (43) O director não marcou esta reunião a fim de que discutíssemos os nossos problemas pessoais. ==> O director marcou esta reunião.
- (44) O director não marcou esta reunião a fim de discutirmos os aumentos salariais.
- (45) O Zé não te disse isso com o intuito/com a intenção de te magoar. (Disse-o sem qualquer má intenção)
- (46) O João não gostou do filme,|| para ser sincero. ==> O João não gostou do filme.
- (47) O João não vem à festa,|| para que saibas. ==> O João não vem à festa.

4. operadores de foco:

- (48) a. Eu só abri a janela para que entrasse um pouco de ar fresco.
b. Eu abri a janela só para que entrasse um pouco de ar fresco.
- (49) a. O Zé só fechou a janela para o quarto não arrefecer.
b. O Zé fechou a janela só para o quarto não arrefecer.
- (50) a. Eu só resolvi fazer esta reunião a fim de que tudo ficasse rapidamente esclarecido.
b. ??Eu resolvi fazer esta reunião só a fim de que tudo ficasse rapidamente esclarecido.

- (51) a. Eu só resolvi marcar esta reunião a fim de esclarecermos alguns malentendidos.
 b. ??Eu resolvi marcar esta reunião só a fim de esclarecermos alguns malentendidos.
- (52) a. Eu só te telefonei com o intuito de facilitar as coisas.
 b. ??Eu telefonei-te só com o intuito de facilitar as coisas.
- (53) a. *O João só/até foi eleito presidente,|| para que saibas.
 b. O João foi eleito presidente, || só para que saibas.
- (54) a. *Eu só/até não te sei responder,|| para ser sincero.
 b. ??Eu não te sei responder,|| só para ser sincero.

5. resposta a interrogativas-Qu:

- (55) - Para que é que fechaste a janela?
 a. Para que o quarto não arrefecesse.
 b. Para o quarto não arrefecer.
- (56) - Por que /Com que fim/finalidade é que o director marcou esta reunião?
 a. A fim de que discutíssemos as contratações para o próximo ano.
 b. A fim de discutirmos as contratações para o próximo mês.
- (57) – Com que intuito é que o João te telefonou?
 - ?Com o intuito de me enganar novamente.
- (58) - Para que é que vais mudar de emprego para o mês que vem?
 a. #/*Para que saibas.
 b. #/*Para te dizer a verdade.

6. interrogativas e negativas alternativas:

- (59) a. Fechaste a porta para que não ouvissem a nossa conversa ou para que não entrasse frio?
 b. Não fechei a porta para que não ouvissem a nossa conversa, mas sim para que não entrasse frio.
- (60) a. Fechaste a porta para não ouvirem a nossa conversa ou para não entrar frio?
 b. Não fechei a porta para não ouvirem a nossa conversa, mas sim para não entrar frio.

- (61) a. O director marcou esta reunião a fim de que se esclarecessem as nossas divergências ou a fim de que ficássemos a conhecer o novo sub-director?
 b. O director não marcou esta reunião a fim de que se esclarecessem as nossas divergências, mas sim a fim de que ficássemos a conhecer o novo sub-director.
- (62) a. O director marcou esta reunião a fim de esclarecermos as nossas divergências ou a fim de ficarmos a conhecer o novo sub-director?
 b. O director não marcou esta reunião a fim de esclarecermos as nossas divergências, mas sim a fim de ficarmos a conhecer o novo sub-director.
- (63) a. O patrão despediu vinte trabalhadores com o intuito de melhorar a produtividade da empresa ou (com o intuito) de admitir novos funcionários?
 b. O patrão não despediu vinte trabalhadores com o intuito de melhorar a produtividade da empresa, mas sim com o intuito de admitir novos funcionários.
- (64) a. *Vais mudar de emprego, para que eu saiba ou para que tudo fique bem claro?
 b. #/*O Zé não vai mudar de emprego para que eu saiba, mas sim para que tudo fique bem claro.
- (65) a. *Detestas romances, para seres sincero ou para me dizeres a verdade?
 b. *O Zé não detesta romances para ser sincero, mas sim para te dizer a verdade.

Temporais

1. posição

- (66) a. Quando terminaram a construção da ponte, o trânsito melhorou muito.
 b. O trânsito melhorou muito quando terminaram a construção da ponte.
- (67) a. Quando a mãe chegou a casa, o Zé estava a pintar as paredes.
 b. ???O Zé estava a pintar as paredes quando a mãe chegou a casa.
- (68) a. Antes de ir para Paris, a Ana telefonou-me.
 b. A Ana telefonou-me antes de ir para Paris.
- (69) a. Antes que o professor se apercebesse, o Zé escondeu a cábula.
 b. O Zé escondeu a cábula antes que o professor se apercebesse.
- (70) a. Depois de fazer o jantar, o Zé pôs a mesa.

- b. O Zé pôs a mesa depois de fazer o jantar.
- (71) a. Depois que a situação piorou, o Zé decidiu emigrar.
b. O Zé decidiu emigrar depois que a situação piorou.
- (72) a. Desde que foi viver para Paris, o Zé ficou muito estranho.
b. O Zé ficou muito estranho desde que foi viver para Paris.
- (73) a. Até chegarmos a um consenso, ainda vai demorar algum tempo.
b. Ainda vai demorar algum tempo até chegarmos a um consenso.
- (74) a. Até que a situação acalme, é melhor ficarmos em casa.
b. É melhor ficarmos em casa até que a situação acalme.
- (75) a. Enquanto o Zé lava a loiça, a Ana aspira a casa.
b. A Ana aspira a casa enquanto o Zé lava a loiça.
- (76) a. À medida que o tempo passa, a esperança de o tornar a ver diminui.
b. A esperança de o tornar a ver diminui à medida que o tempo passa.
- (77) a. Sempre que o Zé nos vem visitar, a Ana fecha-se no quarto.
b. A Ana fecha-se no quarto sempre que o Zé nos vem visitar.
- (78) a. Cada vez que o bebé tropeça, a mãe dá um grito.
b. A mãe dá um grito cada vez que o bebé tropeça.
- (79) a. Todas as vezes que chove, a casa fica alagada.
b. A casa fica alagada todas as vezes que chove.
- (80) a. Logo que chega a casa, o Zé costuma ligar a televisão.
b. O Zé costuma ligar a televisão logo que chega a casa.
- (81) a. Assim que a Ana entrou, o Zé saiu.
b. O Zé saiu assim que a Ana entrou.
- (82) a. Mal soube da notícia, a Ana telefonou à mãe.
b. A Ana telefonou à mãe mal soube da notícia.
- (83) a. Ao chegar a casa, o Zé sentiu-se mal.
b. O Zé sentiu-se mal ao chegar a casa.
- (84) a. O Zé estava a entrar para o combóio, (eis senão) quando (subitamente) se lembrou que não tinha bilhete.
b. *(Eis senão) quando (subitamente) se lembrou que não tinha bilhete, o Zé estava a entrar para o combóio.
- (85) a. O Pedro brincou na areia durante toda a tarde, até que finalmente a maré subiu.

- b. *Até que finalmente a maré subiu, o Pedro brincou na areia durante toda a tarde.

2. clivagem:

- (86) Foi quando o director chegou que a sessão começou.
- (87) Foi enquanto eu estava a fazer o jantar que a electricidade faltou.
- (88) Foi antes de o director chegar que a discussão começou.
- (89) a. ??Foi antes que eu tivesse tempo de o agarrar que ele atravessou a rua.
b. ??Foi antes que as coisas piorassem que eu resolvi tomar esta atitude.
- (90) Foi depois de o director chegar que a discussão começou.
- (91) Era até que estivéssemos todos de acordo que a reunião se prolongava.
- (92) Foi até chegarmos todos a um consenso que a reunião se prolongou.
- (93) a. Foi desde que eu comecei a fazer natação que deixei de ter dores nas costas.
b. Foi desde que o Zé me telefonou que fiquei assim preocupada.
- (94) Era à medida que o tempo passava que a esperança de o tornar a ver diminuía.
- (95) a. Era sempre que chegava a casa que ele ligava a televisão.
b. Era sempre que o professor virava costas que ele se ria.
- (96) a. ?Era (de) todas as vezes que ouvia aquele som que ele estremecia.
b. É todas as vezes que o director entra na sala que eles se levantam.
- (97) Era (de) cada vez que ele me dirigia a palavra que eu corava.
- (98) a. ?Foi logo que ele começou a falar que eu o interrompi.
b. É logo que ele começar a falar que deves interrompê-lo.
- (99) a. ?Foi assim que o tempo melhorou que fomos passear.
b. Era assim que o tempo melhorava que íamos passear.
- (100) ?Era mal eu chegava a casa que ele me contava as novidades.
- (101) Foi ao chegar a casa que eu percebi o que tinha acontecido.
- (102) *Foi (eis senão) quando (subitamente) se lembrou que não tinha bilhete que o Zé estava a entrar para o combóio.
- (103) *Foi até que finalmente a maré subiu que o Pedro brincou na areia durante toda a tarde.

3. escopo da negação

- (104) A sessão não começou quando o director chegou. (Começou antes.)
- (105) A electricidade não faltou enquanto eu estava a fazer o jantar. (Faltou depois.)
- (106) a. A discussão não começou antes de o director chegar. (Começou depois.)
- (107) a. ??Ele não atravessou a rua antes que eu tivesse tempo de o agarrar.
b. ??Eu não resolvi tomar esta atitude antes que as coisas piorassem.
- (108) A discussão não começou depois de o director chegar. (Começou antes.)
- (109) A reunião não se prolongou até que chegássemos todos a um consenso.
- (110) A reunião não se prolongou até estarem todos de acordo/haver unanimidade.
(Só se prolongou até haver uma opinião maioritária.)
- (111) a. Não estou preocupada desde que o Zé me telefonou. (Já estava antes.)
b. Não tenho dores nas costas desde que tive o acidente. (Já tinha antes)
- (112) A esperança de o tornar a ver não diminui à medida que o tempo passa.
- (113) a. Ele não liga a televisão sempre que chega a casa. (só liga às vezes)
b. Ele não ligava a televisão sempre que chegava a casa.
c. O João não deve tomar este medicamento sempre que tiver uma leve dor de cabeça. (Só deve tomar se tiver enxaqueca.)
- (114) a. ?Ele não estremecia (de) todas as vezes que ouvia aquele som.
b. Os meninos não bateram palmas todas as vezes que o palhaço caiu.
- (115) Eu não coro (de) cada vez que ele me dirige a palavra. (só coro quando me pisca o olho)
- (116) Eu não o interrompi logo que ele começou a falar. (só o interrompi passado algum tempo)
- (117) a. O Zé não irá trabalhar assim que acabar o curso. (Primeiro vai um ano como voluntário para Angola)
b. O João não pintou a casa assim que o tempo melhorou. (Só a pintou no fim do Verão)
- (118) Ele não me deu a notícia mal eu cheguei a casa. (só me deu meia hora depois)
- (119) Não percebi o que tinha acontecido ao chegar a casa. (só percebi mais tarde).
- (120) *O Zé não estava a entrar para o combóio, (eis senão) quando (subitamente) se lembrou que não tinha bilhete.

(121) *O Pedro não brincou na areia durante toda a tarde, até que finalmente a maré subiu.

4. operadores de foco: só/até

- (122) a. A sessão só começou quando o director chegou.
b. ??A sessão começou só quando o director chegou.
- (123) a. A electricidade só faltou enquanto eu estava a fazer o jantar.
b. ??A electricidade faltou só enquanto eu estava a fazer o jantar.
- (124) a. A discussão só começou (mesmo) antes de o director chegar.
b. ??A discussão começou só antes de o director chegar.
- (125) a. ??Ele só atravessou a rua antes que eu tivesse tempo de o agarrar.
a'. ??Eu só resolvi tomar esta atitude antes que as coisas piorassem.
- (126) A discussão só começou depois de o director chegar.
- (127) ?A reunião só se prolongou até que chegássemos todos a um consenso.
- (128) ?A reunião só se prolongou até chegarmos todos a um consenso.
- (129) Só deixei de ter dores nas costas desde que comecei a fazer natação.
- (130) A esperança de o tornar a ver só diminui(rá) à medida que o tempo passa(r).
- (131) a. ??Ele só liga a televisão sempre que chega a casa.
b. Ele até liga a televisão sempre que chega a casa.
- (132) a. ??Ele só estremeia (de) todas as vezes que ouvia aquele som.
b. Ele até estremeia (de) todas as vezes que ouvia aquele som.
- (133) a. ??Eu só coro (de) cada vez que ele me dirige a palavra.
b. Eu até coro (de) cada vez que ele me dirige a palavra.
- (134) a. ??Eu só o interrompi logo que ele começou a falar.
b. Eu até o interrompi logo que ele começou a falar.
- (135) a. ??Só fomos passear assim que o tempo melhorou.
b. Até fomos passear assim que o tempo melhorou.
- (136) a. ??Ele só me deu a notícia mal eu cheguei a casa.
b. Ele até me deu a notícia mal eu cheguei a casa.
- (137) a. Só percebi o que tinha acontecido ao chegar a casa.
b. ??Percebi o que tinha acontecido só ao chegar a casa.
- (138) *O Zé só/até estava a entrar para o combóio, (eis senão) quando (subitamente) se lembrou que não tinha bilhete.

(139) *O Pedro só/até brincou na areia durante toda a tarde, até que finalmente a maré subiu.

5. resposta a interrogativas-Qu

(140) – Quando é que a sessão começou?

– Quando o director chegou.

(141) – Quando é que a electricidade faltou?

– Enquanto eu estava a fazer o jantar.

(142) – Quando é que a discussão começou?

– Antes de o director chegar.

(143) a. – Quando é que ele atravessou a rua?

– ??Antes que eu tivesse tempo de o agarrar.

b. - Quando é que resolveste tomar esta atitude?

- ??Antes que as coisas piorassem.

(144) – Quando é que a discussão começou?

– Depois de o director chegar.

(145) – Até quando é que a reunião se prolongou?

- Até que chegássemos todos a um consenso/até que estivéssemos todos de acordo.

(146) – Até quando é que a reunião se prolongou?

- Até chegarmos todos a um consenso.

(147) – Desde quando é que não tem dores nas costas?/Quando é que deixou de ter dores?

- Desde que comecei a fazer natação.

(148) - Quando/Como é que a esperança de o tornar a ver diminuirá?

- À medida que o tempo passar.

(149) a. – Quando é que ele vai ao cinema?

– Sempre que pode.

b. – Quando é que ele se ria?

- Sempre que o professor virava costas.

c. – Quando é que eu devo pôr a máquina a lavar?

- Sempre que estiver cheia.

(150) – Quando é que ele estremeceu?

- (De) todas as vezes que ouvia aquele som.

- (151) – Quando é que o João chora?
– (De) cada vez que o Pedro lhe bate.
- (152) a. – Quando é que o interrompeste?
- Logo que ele começou a falar.
b. – Quando é que o devo interromper?
- Logo que ele começar a falar.
- (153) a. – Quando é que vamos passear?
– Assim que o tempo melhorar.
b. – Quando é que o Zé saiu do hospital?
- Assim que o médico lhe deu alta.
- (154) – Quando é que ele te deu a notícia?
- Mal cheguei a casa.
- (155) – Quando é que percebeste o que tinha acontecido?
- Ao chegar a casa.
- (156) *- Quando é que o Zé estava a entrar para o combóio?
- (Eis senão) quando (subitamente) se lembrou que não tinha bilhete.
- (157) ?*- Até quando é que o Pedro brincou na areia durante toda a tarde?
- Até que finalmente a maré subiu.

6. interrogativas e negativas alternativas:

- (158) a. A sessão começou quando o director chegou ou quando chegaram todos?
b. A sessão não começou quando o director chegou, mas sim quando todos chegaram.
- (159) a. A electricidade faltou enquanto estavas a fazer o jantar ou enquanto tomavas banho?
b. A electricidade não faltou enquanto eu estava a fazer o jantar, mas sim enquanto estava a tomar banho.
- (160) a. A discussão começou antes de o director chegar ou antes de entrarmos na sala?
b. A discussão não começou antes de o director chegar, mas sim antes de entrarmos na sala.
- (161) a. ??Ele atravessou a rua antes que o João tivesse tempo de o agarrar ou antes que os carros começassem a andar?

- a'. ??O pai resolveu chamar o médico antes que fosse tarde de mais ou antes que o bebé tivesse uma convulsão?
- a". ??Resolveste tomar esta atitude antes que as coisas piorassem ou antes que alguém se arrependesse?
- b. ??Ele não atravessou a rua antes que o João tivesse tempo de o agarrar, mas sim antes que os carros começassem a andar.
- b'. ??O pai não resolveu chamar o médico antes que fosse tarde de mais, mas sim antes que o bebé tivesse uma convulsão.
- b". ??Não resolvi tomar esta atitude antes que as coisas piorassem, mas sim antes que alguém se arrependesse.
- (162) a. A discussão começou depois de o director chegar ou depois de estarem todos sentados?
- b. A discussão não começou depois de o director chegar, mas sim depois de estarem todos sentados.
- (163) a. ??A reunião prolongou-se até que chegassem todos a um consenso ou até que fossem horas de almoço?
- b. ??A reunião não se prolongou até que chegassem todos a um consenso, mas sim até que fossem horas de almoço.
- (164) a. A reunião prolongou-se até chegarem todos a um consenso ou até serem horas de almoço?
- b. A reunião não se prolongou até chegarem todos a um consenso, mas sim até serem horas de almoço.
- (165) a. Deixaste de ter dores nas costas desde que começaste a fazer natação ou desde que mudaste de colchão?
- b. Não deixei de ter dores nas costas desde que comecei a fazer natação, mas sim desde que mudei de colchão.
- (166) a. A esperança de o tornar a ver diminui à medida que o tempo passa ou à medida que se vão sabendo mais pormenores?
- b. A esperança de o tornar a ver não diminui à medida que o tempo passa, mas sim à medida que se vão sabendo mais pormenores.
- (167) a. Ele liga a televisão sempre que há jogo de futebol ou sempre que quer ver as notícias?
- b. Ele não liga a televisão sempre que há jogo de futebol, mas sim sempre que quer ver as notícias.

- (168) a. Ele estremece (de) todas as vezes que ouve aquele som ou de todas as vezes que o chamam?
b. Ele não estremece (de) todas as vezes que ouve aquele som, mas sim todas as vezes que o chamam.
- (169) a. ?Coras (de) cada vez que ele te dirige a palavra ou (de) cada vez que o vês?
b. Eu não coro cada vez que ele me dirige a palavra, mas sim cada vez que o vejo.
- (170) a. ?Interrompeste-o logo que ele começou a falar ou logo que arranjaste coragem?
b. Não o interrompi logo que ele começou a falar, mas sim logo que arranjei coragem.
- (171) a. ?Eles foram passear assim que a chuva parou ou assim que o João chegou a casa?
b. Eles não foram passear assim que a chuva parou, mas sim assim que o João chegou a casa.
- (172) a. ??Ele deu-te a notícia mal soube que tinha sido aceite ou mal chegou a casa?
b. ?Ele não me deu a notícia mal soube que tinha sido aceite, mas sim mal chegou a casa.
- (173) a. Percebeste o que tinha acontecido ao entrares no prédio ou ao chegares a casa?
b. Não percebi o que tinha acontecido ao entrar no prédio, mas sim ao abrir a porta de casa.
- (174) a. *O Zé estava a entrar para o combóio, (eis senão) quando (subitamente) se lembrou que não tinha bilhete ou quando de repente viu que se tinha enganado na linha?
b. *O Zé não estava a entrar para o combóio (eis senão) quando (subitamente) se lembrou que não tinha bilhete, mas sim quando de repente viu que se tinha enganado na linha.
- (175) a. *O Pedro brincou na areia durante toda a tarde, até que finalmente a maré subiu ou até que anoiteceu?
b. ?*O Pedro não brincou na areia durante toda a tarde até que finalmente a maré subiu, mas sim até que anoiteceu.

Condicionais

1. posição

- (176) a. Se ganhasse a lotaria, o Zé compraria um carro novo.
b. O Zé compraria um carro novo se ganhasse a lotaria.
- (177) a. Caso estejas interessado, o Zé manda-te um catálogo.
b. O Zé manda-te um catálogo (||) caso estejas interessado.
- (178) a. Caso ganhasse a lotaria, o Zé compraria um carro novo.
b. O Zé compraria um carro novo (||) caso ganhasse a lotaria.
- (179) a. No caso de a mala não aparecer, o Zé deve telefonar à polícia.
b. O Zé deve telefonar à polícia (||) no caso de a mala não aparecer.
- (180) a. ?Na condição de prometeres que lavas os dentes, dou-te mais um rebuçado.
b. Dou-te mais um rebuçado na condição de prometeres que lavas os dentes.
- (181) a. Se o Zé já não mora aqui, podemos ficar descansados.
b. Podemos ficar descansados *(||) se o Zé já não mora aqui.
- (182) a. Desde que seja aumentado, o Zé comprará um carro novo.
b. O Zé comprará um carro novo *(||) desde que seja aumentado.
- (183) a. ?Contanto que não chova, faremos a festa no jardim.
b. Faremos a festa no jardim *(||) contanto que não chova.
- (184) a. ??A não ser que estejas com febre, não há razão para faltares à aula.
b. Não há razão para faltares à aula *(||) a não ser que estejas com febre.
- (185) a. ??A menos que o Zé decida trabalhar, a professora está disposta a chumbá-lo.
b. A professora está disposta a chumbá-lo *(||) a menos que o Zé decida trabalhar.
- (186) a. A ser verdade o que tu dizes, vamos ter problemas.
b. Vamos ter problemas *(||) a ser verdade o que tu dizes.

2. clivagem:

- (187) ?É se estiverem calados que eu vos contarei a história
- (188) ?Era se estivessem calados que eu vos contaria a história.
- (189) ?Era se tivessem estado calados que eu vos teria contado a história.
- (190) ?Era caso estivessem calados que eu vos contaria a história.

- (191) ?É no caso de não encontrares a mala que deves telefonar à polícia.
- (192) ?É na condição de estarem calados que eu vos contarei a história.
- (193) *É se o Zé já não mora aqui que podemos ficar descansados.
- (194) ?*Era desde que estivessem calados que eu vos contaria a história.
- (195) *Era contanto que estivessem calados que eu vos contaria a história.
- (196) *Era a não ser que estivessem a conversar que eu contaria a história.
- (197) *Era a menos que estivessem a conversar que eu vos contaria a história
- (198) *Era a ser verdadeira que eu vos contaria a história.

3. escopo da negação:

- (199) Eu não contarei a história se estiverem sentados (só contarei se ficarem calados).
- (200) Eu não contaria a história se estivessem calados (só contaria se estivessem sentados).
- (201) Eu não teria contado a história se tivessem estado calados (só teria contado se tivessem estado sentados).
- (202) ?Eu não contaria a história caso estivessem sentados (só contaria caso estivessem calados).
- (203) Eu não pedirei um empréstimo no caso de mudar de casa. (só no caso de ser mesmo necessário)
- (204) ?Eu não contarei a história na condição de estarem sentados (só contarei na condição de ficarem calados)
- (205) ?*Não podemos ficar descansados se o Zé já não mora aqui. (só se o Zé esta na prisão).
- (206) ?*Eu não contarei a história desde que estejam calados (só contarei desde que estejam sentados).
- (207) *Eu não contarei a história contanto que estejam calados (só contanto que estejam sentados).
- (208) *Eu não contarei a história a não ser que estejam calados (só contarei a não ser que estejam sentados).
- (209) *Eu não contarei a história a menos que estejam calados (só contarei a menos que estejam sentados).
- (210) *Eu não contarei a história a ser falsa (só contarei a ser verdadeira).

4. focalização com só:

- (211) Só contarei a história se estiverem calados.
- (212) Só contaria a história se estivessem calados.
- (213) Só teria contado a história se tivessem estado calados.
- (214) Só contarei a história caso estejam calados.
- (215) Só pedirei um empréstimo no caso de a situação não se resolver.
- (216) Só contarei a história na condição de estarem calados.
- (217) *Só/até podemos ficar descansados se o Zé já não mora aqui.
- (218) ?*Só/até contarei a história desde que estejam calados.
- (219) *Só/até contarei a história contanto que estejam calados.
- (220) *Só/até teria contado a história a não ser que estivessem a conversar.
- (221) *Só/até contarei a história a menos que estejam a falar.
- (222) *Só/até contarei a história a ser verdadeira.

5. resposta a interrogativas-Qu:

- (223) – Em que circunstâncias/condições contarás a história?
– Se estiverem calados.
- (224) – Em que circunstâncias/condições contarias a história?
– Se estivessem calados.
- (225) – Em que circunstâncias/condições terias contado a história?
– Se tivessem estado calados.
- (226) – Em que circunstâncias/condições contarás a história?
– Caso estejam calados.
- (227) – Em que circunstâncias/condições pedirás um empréstimo?
– No caso de a situação piorar.
- (228) – Em que circunstâncias/condições contarias a história?
– Na condição de estarem calados.
- (229) – Em que circunstâncias/condições podemos ficar descansados?
– *Se o Zé já não mora aqui.
- (230) – Em que circunstâncias/condições contarás a história?
– ?*Desde que estejam calados.
- (231) – Em que circunstâncias/condições contarás a história?
– *Contanto que estejam calados.

(232) – Em que circunstâncias/condições contrarias a história?

– *A menos que estivessem a conversar.

(233) – Em que circunstâncias/condições contrarias a história?

– *A não ser que estivessem a conversar.

(234) – Em que circunstâncias/condições contrarias a história?

– *A ser verdadeira.

6. interrogativas/negativas alternativas:

(235) a. Contarás a história se estiverem sentados ou se estiverem calados?

b. Eu não contarei a história se estiverem sentados, mas sim se estiverem calados.

(236) a. Contarias a história se estivessem calados ou se estivessem sentados?

b. Eu não contaria a história se estivessem calados, mas sim se estivessem sentados).

(237) a. Terias contado a história se tivessem estado calados ou se tivessem estado sentados?

b. Eu não teria contado a história se tivessem estado calados, mas sim se tivessem estado sentados.

(238) a. Contarias a história caso estivessem sentados ou caso estivessem calados?

b. ?Eu não contaria a história caso estivessem sentados, mas sim caso estivessem calados.

(239) a. Pedirias um empréstimo no caso de a situação piorar ou no caso de queres mudar de casa?

b. Não pedirei um empréstimo no caso de mudar de casa, mas sim no caso de ser mesmo necessário.

(240) a. Contarás a história na condição de estarem sentados ou na condição de estarem calados?

b. Eu não contarei a história na condição de estarem sentados, mas sim na condição de estarem calados.

(241) a. *Podemos ficar descansados se o Zé já não mora aqui ou se a porta está fechada?

b. *Não podemos ficar descansados se o Zé já não mora aqui, mas sim se a porta está fechada.

- (242) a. ?*Contarás a história desde que estejam sentados ou desde que estejam calados?
 b. *Eu não contarei a história desde que estejam calados, mas sim desde que estejam sentados.
- (243) a. *Contarás a história contanto que estejam calados ou contanto que estejam sentados?
 b. *Eu não contarei a história contanto que estejam calados, mas sim contanto que estejam sentados.
- (244) a. *Não contarás a história a menos que estejam sentados ou a menos que fiquem calados.
 b. *Eu não contarei a história a menos que estejam calados, mas sim a menos que estejam sentados.
- (245) a. *Não contarás a história a não ser que estejam sentados ou a não ser que fiquem calados?
 b. *Eu não contarei a história a não ser que estejam calados, mas sim a não ser que estejam sentados.
- (246) a. *Contarás a história a ser falsa ou a ser verdadeira?
 b. *Eu não contarei a história a ser falsa, mas sim a ser verdadeira.

Concessivas e condicionais-concessivas

1. posição

- (247) a. Embora tivesse muito trabalho, o Zé saiu mais cedo.
 b. O Zé saiu mais cedo *(||) embora tivesse muito trabalho.
- (248) a. Se bem que estivesse com muito trabalho, o Zé saiu mais cedo.
 b. O Zé saiu mais cedo *(||) se bem que estivesse com muito trabalho.
- (249) a. Apesar de ser Sexta-feira, havia pouco trânsito.
 b. Havia pouco trânsito *(||) apesar de ser Sexta-feira.
- (250) a. Mesmo se estiver a chover, haverá festa.
 b. Haverá festa ?(||) mesmo se estiver a chover.
- (251) a. Mesmo que os meninos se sentem à frente, o professor tem de falar alto.
 b. O professor tem de falar alto ??(||) mesmo que os meninos se sentem à frente.
- (252) a. Ainda que eu viva cem anos, o mundo ficará na mesma.

- b. O mundo ficará na mesma *(||) ainda que eu viva cem anos.
- (253) a. Por mais que eu o avisasse, o Zé quis ir para direito.
b. O Zé quis ir para direito *(||) por mais que eu o avisasse.
- (254) a. Por muito más que as coisas estejam, ninguém vai passar fome.
b. Ninguém vai passar fome *(||) por muito más que as coisas estejam.

2. clivagem:

- (255) *Foi embora tivesse trabalho que o Zé saiu mais cedo.
- (256) *Foi se bem que eu o avisasse que o Zé saiu de casa à noite.
- (257) *Foi apesar de estar mal preparado que o Zé fez o exame.
- (258) *É mesmo se ficares em casa que eu vou ao cinema.
- (259) *É mesmo que esteja a chover que eu não fico em casa.
- (260) *É ainda que esteja a chover que eu vou passear.
- (261) *Era por mais que o João insistisse que os pais desconfiavam dele.
- (262) *Foi por muito que lhes custasse que os pais aceitaram a ideia.

3. escopo da negação:

- (263) *O João não saiu mais cedo embora tivesse pouco trabalho. (só saiu porque tinha de ir ao médico)
- (264) *O João não mudou o texto se bem que eu o tivesse avisado. (só mudou porque foi obrigado)
- (265) *O Zé não fez o teste apesar de estar mal preparado. (só fez o teste porque não tinha outra hipótese)
- (266) *Eu não vou ao cinema mesmo se ficares em casa. (só vou se vieres comigo)
- (267) *Eu não fico em casa mesmo que esteja a chover. (só fico se ficares comigo)
- (268) *Eu não fico em casa ainda que esteja a chover.
- (269) *Os pais não acreditavam no João por mais que ele insistisse. (só acreditavam se vissem com os próprios olhos)
- (270) *Os pais não aceitaram a ideia por muito que lhes custasse.

4. focalização com só/até:

- (271) *Ele só/até saiu mais cedo embora tivesse muito trabalho.
- (272) *O Zé só/até saiu de casa à noite se bem que eu o avisasse.

- (273) a. *O Zé só fez o exame apesar de estar mal preparado.
 b. ??O Zé até fez o exame apesar de estar mal preparado.
- (274) *Só/até vou ao cinema mesmo se ficares em casa.
- (275) *Eu só/até saio de casa mesmo que chova.
- (276) *Eu só/até vou passear ainda que esteja a chover.
- (277) *Os pais só/até desconfiavam do João por mais que ele insistisse.
- (278) *Os pais só/até aceitaram a ideia por muito que lhes custasse.

5. resposta a interrogativas-Qu:

- (279) – Em que circunstâncias é que ele saiu mais cedo?
 - *Embora tivesse muito trabalho.
- (280) - Em que circunstâncias é que o Zé saiu à noite?
 - *Se bem que eu o avisasse.
- (281) - Em que circunstâncias/Como é que o Zé fez o exame?
 - *Apesar de estar mal preparado.
- (282) – Em que circunstâncias/Como é que vais ao cinema?
 - *Mesmo se ficares em casa.
- (283) – Em que circunstâncias/Como é que saís de casa?
 - *Mesmo que chova.
- (284) - Em que circunstâncias é que vais passear?
 - *Ainda que esteja a chover.
- (285) - Em que circunstâncias é que os pais desconfiavam do João?
 - *Por mais que ele dissesse a verdade.
- (286) – Em que circunstâncias/Como é que os pais aceitaram a ideia?
 - *Por muito que lhes custasse.

6. interrogativas e negativas alternativas:

- (287) a. *Ele saiu mais cedo embora tivesse muito trabalho ou embora ninguém reparasse?
 b. *Ele não saiu mais cedo embora tivesse muito trabalho, mas (sim) embora ninguém reparasse.
- (288) a. *O João mudou o texto se bem que o tivesses avisado ou se bem que o chefe não concordasse?

- b. *O João não mudou o texto se bem que o tivesse avisado, mas sim se bem que o chefe não concordasse.
- (289) a. *O Zé fez o teste apesar de ser facultativo ou apesar de estar mal preparado?
- b. *O Zé não fez o teste apesar de ser facultativo, mas sim apesar de estar mal preparado.
- (290) a. *Vais ao cinema mesmo se eu ficar em casa ou mesmo se o filme for desconhecido?
- b. *Eu não vou ao cinema mesmo se ficares em casa, mas sim mesmo se o filme for desconhecido.
- (291) a. *Sais de casa mesmo que chova ou mesmo que esteja frio?
- b. *Eu não saio de casa mesmo que chova mas (sim) mesmo que esteja frio.
- (292) a. *Vais passear ainda que esteja a chover ou ainda que faça frio?
- b. *Não vou passear ainda que esteja a chover, mas (sim) ainda que esteja frio.
- (293) a. *Os pais desconfiavam do João por mais que ele insistisse ou por mais que o negassem?
- b. *Os pais não desconfiavam do João por mais que ele insistisse, mas sim por mais que o negassem.
- (294) a. *Os pais aceitaram a decisão por muito que lhes custasse ou por muito que eu os avisasse?
- b. *Os pais não aceitaram a decisão por muito que lhes custasse, mas sim por muito que eu os avisasse.

Modo, meio e circunstância negativa

1. posição

- (295) a. ?Como a mãe ensinou, o João fez o bolo.
- b. O João fez o bolo como a mãe ensinou.
- (296) a. Sem fazer barulho, o João saiu de casa.
- b. O João saiu de casa sem fazer barulho.
- (297) a. Sem que a mãe reparasse, o João saltou pela janela.
- b. O João saltou pela janela sem que a mãe reparasse.

2. clivagem:

- (298) Foi como a mãe ensinou que o João fez o bolo.
- (299) Foi sem fazer barulho nenhum que o João entrou em casa.
- (300) ?Foi sem que a mãe reparasse que o João saiu de casa.

3. escopo da negação:

- (301) O João não fez o bolo como a mãe ensinou. (fez doutra maneira)
- (302) O João não entrou em casa sem fazer barulho. (entrou a falar alto)
- (303) ?João não saiu de casa sem que a mãe reparasse. (a mãe viu-o a sair)

4. operadores de foco:

- (304) O João só faz o bolo como a mãe ensinou.
- (305) O João só entrará em casa sem fazer barulho nenhum.
- (306) O João só sairá de casa sem que a mãe repare.

5. resposta a interrogativas-Qu:

- (307) – Como é que o João fez o bolo?
 - Como a mãe ensinou.
- (308) – Como é que o João entrou em casa?
 - Sem fazer barulho nenhum.
- (309) - Como/Em que circunstâncias é que o João saiu de casa?
 - Sem que a mãe reparasse.

6. interrogativas e negativas alternativas:

- (310) a. O João fez o bolo como a mãe ensinou ou como tu disseste?
 - b. O João não fez o bolo como a mãe ensinou, mas como tu disseste.
- (311) a. O João entrou em casa sem fazer barulho nenhum ou sem pedir licença?
 - b. O João não entrou em casa sem fazer barulho, mas sim sem pedir licença.
- (312) a. O João saiu de casa sem que a mãe reparasse ou sem que o pai desse licença?
 - b. O João não saiu de casa sem que a mãe reparasse, mas sim sem que o pai lhe desse licença.

Conformativas

1. posição

- (313) a. Como sabes, a situação não está fácil.
b. A situação não está fácil *(||) como sabes.

2. clivagem

- (314) *É como sabes que a situação não está fácil.

3. escopo da negação

- (315) a. *A situação não está fácil como sabes.
b. A situação não está fácil, como sabes. => a situação não está fácil

4. escopo de operadores de foco

- (316) a. *A situação só/até não está fácil como sabes.
b. *A situação não está fácil só como sabes.

5. resposta a interrogativas-Qu

- (317) - Como é que a situação não está fácil?
- *Como sabes.

6. interrogativas e negativas alternativas

- (318) a. *A situação não está fácil como sabes, mas sim como o Zé te disse.
b. *A situação está fácil como sabes ou como o Zé te disse?